

O CÉU E O INFERNO

ou

A Justiça Divina

Segundo o Espiritismo



Outras obras do autor editadas
por Léon Denis – Gráfica e Editora:

- *A Passagem* (Brochura)
- *A Prece Segundo o Espiritismo*
- *Temor da Morte. O Céu* (Brochura)
- *O Evangelho Segundo o Espiritismo*
- *A Gênese*
- *Obras Póstumas*
- *O Céu e o Inferno*

CIP - BRASIL - CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

K27c Kardec, Allan, 1804-1869

O Céu e o Inferno, ou, A Justiça Divina Segundo o Espiritismo: contendo o exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, as penas e as recompensas futuras, os anjos e os demônios, as penas eternas, etc., seguido de inúmeros exemplos sobre a situação real da alma durante e após a morte / Allan Kardec; tradução de Albertina Escudeiro Sêco. 1. ed. — Rio de Janeiro: CELD, 2008.

328p.; 17 cm

ISBN 978-85-7297-417-2

1. Espiritismo. 2. Justiça Divina – Interpretações espíritas.
I. Título. II. Título: A justiça divina segundo o Espiritismo.

08-2120.

CDD 133.9
CDU 133.9

ALLAN KARDEC
Autor de *O Livro dos Espíritos*

O CÉU E O INFERNNO

ou

A Justiça Divina

Segundo o Espiritismo

Contendo

O exame comparado das doutrinas sobre a passagem da vida corporal à vida espiritual, as penas e as recompensas futuras, os anjos e os demônios, as penas eternas, etc., seguido de inúmeros exemplos sobre a situação real da alma durante e após a morte.

Tradução de Albertina Escudeiro Sêco

1ª Edição

Léon Denis
GRÁFICA & EDITORA

Rio de Janeiro, 2008

LE
CIEL ET L'ENFER

OU
LA JUSTICE DIVINE

SELON LE SPIRITISME

CONTENANT

L'EXAMEN COMPARÉ DES DOCTRINES
DU PASSAGE DE LA VIE CORPORELLE A LA VIE SPIRITUELLE
LES PEINES ET LES RÉCOMPENSES FUTURES, LES ANGES ET LES DÉMONS, LES
PEINES ÉTERNELLES, ETC.
SUIVI DE NOMBREUX EXEMPLES
SUR LA SITUATION RÉELLE DE L'ÂME PENDANT ET APRÈS LA MORT

PAR ALLAN KARDEC

Auteur du Livre des Esprits.

Je jure par moi-même, dit le Seigneur Dieu,
que je ne veux point la mort de l'impie, mais
que je veux que l'impie se convertisse, qu'il
quitte sa mauvaise voie, et qu'il vive.

(ÉZÉCHIEL, ch. XXXIII, v. 11.)

PARIS

LES ÉDITEURS DU LIVRE DES ESPRITS

35, QUAI DES AUGUSTINS

LEDOYEN, DERTU, FRÉD. HENRI, Libraires au Palais-Royal

Et au Bureau de la REVUE SPIRITUELE, 59, rue et passage Sainte-Anne.

—
1865

Réserve de tous droits

O
CÉU E O INFERNO

OU

**A JUSTIÇA DIVINA
SEGUNDO O ESPIRITISMO**

CONTENDO

O EXAME COMPARADO DAS DOCTRINAS
SOBRE A PASSAGEM DA VIDA CORPORAL À VIDA ESPIRITUAL,
AS PENAS E AS RECOMPENSAS FUTURAS, OS ANJOS E OS DEMÔNIOS,
AS PENAS ETERNAS, ETC.,
SEGUIDO DE INÚMEROS EXEMPLOS
SOBRE A SITUAÇÃO REAL DA ALMA DURANTE E APÓS A MORTE.

POR ALLAN KARDEC

Autor de O Livro dos Espíritos

Eu juro por mim mesmo, disse o Senhor Deus, que não quero a morte do ímpio, mas que o ímpio se converta, que ele deixe seu mau caminho e que viva.

(Ezequiel, cap. XXXIII, v. 11.)

PARIS

OS EDITORES DE *O LIVRO DOS ESPÍRITOS*

CAIS DOS AUGUSTINS, 35

LEDOYEN, DENTU, FRED. HENRI, livreiros no Palais-Royal,
e no escritório da Revista Espírita, rua e passagem Sainte-Anne, 59.

1865

Reserva de todos os direitos.

**O CÉU E O INFERNO
OU A JUSTIÇA DIVINA
SEGUNDO O ESPIRITISMO**

Allan Kardec

Título do original francês:
*LE CIEL ET L'ENFER OU
LA JUSTICE DIVINE SELON LE SPIRITISME*

1ª Edição: junho de 2008;
1ª tiragem, do 1º ao 2º milheiro.

L3450708

Tradução e revisão de originais:
Albertina Escudeiro Sêco

Revisão:
Luciana Peres

Composição:
Luiz de Almeida Jr. e Márcio de Almeida

Capa e diagramação:
Rogério Mota

Para pedidos de livros, dirija-se a
Léon Denis – Gráfica e Editora
Rua João Vicente, 1445
Bento Ribeiro – RJ-RJ – CEP 21610-210

Léon Denis – Gráfica e Editora
Telefax (21) 2452-7801
Telefax (21) 2452-7700

Site da Editora:

www.leondenis.com.br

E-mail: editora@leondenis.com.br

Léon Denis – Gráfica e Editora
Propriedade do

Centro Espírita Léon Denis
Rua Abílio dos Santos, 137
Bento Ribeiro – RJ-RJ – CEP 21331-290

CNPJ 27.921.931/0001-89 - IE 82.209.980

Site da Instituição: www.celd.org.br

Remessa via Correios e Transportadora.

Todo o produto desta edição é destinado à manutenção
das obras sociais do Centro Espírita Léon Denis.



Léon Denis
GRÁFICA & EDITORA





ALLAN KARDEC
(1804-1869)

RESPONSABILIDADE SOCIAL

Na modernidade, requisitados a verificar que, no seio da sociedade, somos convidados a responder firmemente às solicitações que chegam de vários pontos, no sentido de se constituir uma sociedade mais justa e mais humana, percebemos que não cabe apenas ao Estado assumir responsabilidades...

A RESPONSABILIDADE SOCIAL é dever de todos nós, indivíduos, uns para com os outros!

Quando os homens se reúnem para se auxiliarem mutuamente, com determinação, põem em prática a mais sublime das orientações do Cristo e de Deus: “amarmos uns aos outros, fazendo a eles o que desejaríamos que nos fizessem”.

Das mais diversas maneiras, podemos colaborar nessa ação!

Saiba que, adquirindo uma obra da Léon Denis – Gráfica e Editora, ou utilizando nossos serviços gráficos, você contribui para a melhoria do atendimento a uma criança da Creche Maria de Nazaré, na Obra Social Antonio de Aquino (OSAA), ou junto a comunidades de baixa renda no subúrbio do Rio de Janeiro.

Nessa mesma obra, jovens, que até bem pouco tempo estavam sem perspectivas de ingresso no mercado de trabalho, são assistidos pelo Projeto Transformar, e, pouco a pouco, vão se capacitando com o aprendizado ali obtido, desenvolvendo sua auto-estima e, posteriormente, imbuídos da consciência de cidadania, candidatam-se a ser mais um colaborador na constituição de uma sociedade mais consciente...

Assistência educacional, amparo à saúde, às gestantes e aos idosos acolhidos na OSAA, como também melhoria na alimentação de nossas crianças e jovens são exemplos da participação consciente que temos desenvolvido com a comercialização de livros e serviços produzidos por Léon Denis— Gráfica e Editora.

**Participe
desta causa
e ajude o CELD
a manter suas
Obras Sociais**



Centro Espirita Léon Denis (CELD)



Dia de Reunião Pública no CELD



Obra Social Antonio de Aquino



Atendimento na OSAA



Atendimento na OSAA



Creche Maria de Nazaré



Creche Maria de Nazaré

Eu juro por mim mesmo, disse o Senhor Deus, que não quero a morte do ímpio, mas que o ímpio se converta, que ele deixe seu mau caminho e que viva.

(Ezequiel, XXXIII, v. 11.)

SUMÁRIO

Nota da Editora 19

Prefácio 21

PRIMEIRA PARTE – DOCTRINA 25

Capítulo I

O futuro e o nada 27

Capítulo II

Receio da Morte 33

Causas do receio da morte 33

Por que os espíritas não receiam a morte 36

Capítulo III

O Céu 38

Capítulo IV

O Inferno 47

Intuição das penas futuras 47

O inferno cristão imitado do inferno pagão 48

Os limbos 51

Capítulo V

Quadro comparativo

do inferno pagão e do inferno cristão 53

1ª) Inferno pagão 53

2ª) Inferno cristão 59

Capítulo VI

O Purgatório 67

Capítulo VII

Doutrina das penas eternas 71

I. Origem da doutrina das penas eternas 71

- II. Argumentos em apoio das penas eternas 75
- III 78
- IV. Impossibilidade material das penas eternas 79
- V. A doutrina das penas eternas fez sua época 80
- Ezequiel contra a eternidade das penas e o pecado original 82

Capítulo VIII

- As penas futuras segundo o Espiritismo 84
- A carne é fraca 84
- Princípios da Doutrina Espírita sobre as penas futuras 86
- Código penal da vida futura 87

Capítulo IX

- Os Anjos 95
- Os anjos segundo a Igreja 95
- Refutação 98
- Os anjos segundo o Espiritismo 102

Capítulo X

- Os demônios 104
- Origem da crença nos demônios 104
- Os demônios segundo a Igreja 106
- Os demônios segundo o Espiritismo 115

Capítulo XI

- Intervenção dos demônios nas modernas manifestações 118

Capítulo XII

- Da proibição de evocar os mortos 132

SEGUNDA PARTE – EXEMPLOS 141

Capítulo I

- A Passagem 143

Capítulo II

- Espíritos Felizes 148
- Senhor Sanson 148
- Senhor Jobard 155
- Samuel Philippe 159
- Senhor Van Durst 162
- Sixdeniers 163

Doutor Demeure	166
Senhora Viúva Foulon, nascida em Wollis	169
Um Médico Russo	175
Bernardin	178
A Condessa Paula	179
Jean Reynaud	181
Antoine Costeau	184
Senhorita Emma	186
O Doutor Vignal	187
Victor Lebuffle	189
Senhora Anais Gourdon	191
Maurice Gontran	192

Capítulo III

Espíritos em uma Condição Mediana	195
Joseph Bré	195
Senhora Hélène Michel	196
O Marquês de Saint-Paul	197
Senhor Cardon, médico	198
Eric Stanislas	202
Senhora Anna Belleville	203

Capítulo IV

Espíritos Sofredores	207
O castigo	207
Novel	208
Auguste Michel	209
Lamentações de um boêmio	210
Lisbeth	211
Príncipe Ouran	214
Pascal Lavie	216
Ferdinand Bertin	217
François Riquier	220
Claire	221

Capítulo V

Suicidas	229
O suicida da Samaritana	229
O pai e o conscrito	231
François-Simon Louvet	233

Uma mãe e seu filho	234
Duplo suicídio por amor e por dever	236
Luis e a pespontadeira de botinas	239
Um ateu	241
Senhor Félicien	246
Antoine Bell	248

Capítulo VI

Criminosos Arrependidos	252
Verger	252
Lemaire	254
Benoist	257
Um espírito consignado. O espírito de Castelnaudary	260
Jacques Latour	265

Capítulo VII

Espíritos Endurecidos	275
Lapommeray. O castigo pela Luz	275
Angèle, nulidade sobre a Terra	279
Um espírito entediado	281
Uma ex-rainha da Índia	283
Xumène	285

Capítulo VIII

Expições Terrestres	288
Marcel, o menino do nº 4	288
Szymel Slizgol	290
Julienne-Marie, a mendiga	294
Max, o mendigo	297
História de um criado	299
A pena de talião	301
Senhor Letil	304
Um sábio ambicioso	305
Um idiota	307
Adélaide-Marguerite Gosse	310
Clara Rivier	312
Françoise Vernhes	314
Anna Bitter	316
Um espírito cego	318

Nota da Editora

A Léon Denis – Gráfica e Editora apresenta aos seus leitores *O Céu e o Inferno*, de Allan Kardec.

Para a nossa tradução, utilizamos como base a 1ª edição da obra, publicada em 1865, e a comparamos, linha a linha, com a 4ª edição que veio a público em 1869. Nessa comparação, pudemos constatar as diferenças existentes entre as duas edições, porquanto há trechos que constam em uma e não aparecem na outra, isto de forma recíproca.

Resolvemos, então, acrescentar à 1ª edição a matéria encontrada na 4ª, formando um único texto que, acreditamos, será de grande interesse para os pesquisadores e estudiosos da Doutrina Espírita. Neste trabalho, a ordem dos parágrafos — que em alguns capítulos dos originais franceses difere da 1ª para a 4ª edição — obedece ao que consta na 1ª edição, porém, embora na edição de lançamento os parágrafos não sejam numerados, decidimos numerá-los na nossa tradução (seguindo o exemplo da 4ª edição) por achar que assim será mais fácil localizar determinados trechos dentro de cada capítulo.

Para melhor esclarecimento dos leitores, assinalamos todas as diferenças por nós encontradas nas duas edições por intermédio de notas de rodapé. Quanto à matéria acrescentada, demos-lhe um destaque visual, fazendo a sua inserção em um tipo de letra (Times New Roman) diferente do utilizado no restante do texto (Arial).

Esperamos que o nosso objetivo, que é o de proporcionar um maior conhecimento sobre *O Céu e o Inferno*, obra tão importante que o Mestre Allan Kardec nos deixou, seja alcançado por todos os que se dedicarem à leitura da tradução que ora lhes apresentamos.

O Editor



Prefácio*

O título desta obra indica claramente o seu objetivo. Nela reunimos todos os elementos aptos a esclarecer o homem sobre seu destino. Como em outros escritos nossos sobre a Doutrina Espírita, nada lhe inserimos que fosse o produto de um sistema preconcebido ou de uma concepção pessoal que não teria nenhuma autoridade: tudo foi deduzido da observação e da concordância dos fatos.

Em *O Livro dos Espíritos* se encerram as bases fundamentais do Espiritismo; ele é a pedra angular do edifício; todos os princípios da Doutrina ali estão colocados, até aqueles que devem fazer o seu remate. Mas era necessário mostrar os seus desdobramentos, dela deduzir todas as conseqüências e todas as aplicações, à proporção que elas se patenteavam pelo ensino complementar dos espíritos e por novas observações. Foi o que fizemos em *O Livro dos Médiuns* e em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, com pontos de vista particulares. É o que fazemos nesta obra, com um outro ponto de vista, e é o que faremos sucessivamente naquelas que nos faltam publicar, e que virão a seu tempo.

As idéias novas somente frutificam quando a terra está preparada para recebê-las. Ora, não convém entender como terra preparada, algumas inteligências precoces que apenas dariam frutos isolados, mas uma certa harmonia na disposição geral, a fim de que ela não somente dê frutos mais abundantes, mas que a idéia, achando um maior número de pontos de apoio, encontre menos oposição e seja mais forte para resistir aos seus antagonistas. *O Evangelho Segundo o Espiritismo* já foi um passo à frente; *O Céu e o Inferno* é um passo a mais cujo alcance será facilmente compreendido, porque toca no ponto mais sensível de certas questões, porém ele não devia vir mais cedo.

Se considerarmos a época em que o Espiritismo surgiu, reconheceremos, sem dificuldade, que ele veio no momento oportuno, nem muito cedo nem muito tarde. Mais cedo, teria abortado, porque, as simpatias não sendo suficientemente numerosas, ele sucumbiria sob os golpes de seus adversários. Mais tarde, teria lhe faltado a ocasião favorável para apresentar-se; as idéias poderiam tomar um outro curso do qual seria difícil afastá-las. Era preciso deixar às antigas idéias o tempo de se deteriorarem e de provar sua insuficiência, antes de apresentar as novas.

* Este prefácio consta na 1ª edição, publicada em agosto de 1865. (Nota da Tradutora, suas notas seqüentes conterão apenas as iniciais N.T.)

As idéias prematuras não são bem-sucedidas porque não se tem maturidade para compreendê-las, e porque a necessidade de uma mudança de posição ainda não se faz sentir.

Hoje está evidente para todas as pessoas que um imenso movimento se manifesta no modo de pensar; uma reação formidável se opera em direção ao progresso, contra o espírito estacionário ou retrógrado da rotina. Os satisfeitos da véspera são os impacientes do dia seguinte. A humanidade está em trabalho de criação, existe alguma coisa no ar, uma força irresistível que a impulsiona para a frente. Ela é como um jovem saído da adolescência que entrevê novos horizontes sem os determinar, e sacode os cueiros da infância. Desejamos qualquer coisa de melhor, alimentos mais sólidos para a razão, porém esse melhor ainda é indeterminado. Todos o procuram, todos nele trabalham, desde o crente até o incrédulo, desde o operário até o sábio. O Universo é um vasto canteiro de obras; uns o destroem, outros o reconstróem. Cada um talha uma pedra para o novo edifício, do qual só o Grande Arquiteto possui o plano definitivo, e cuja organização só se compreenderá quando suas formas começarem a se desenhar sobre a superfície do solo. É o momento que a Soberana Sabedoria escolheu para a vinda do Espiritismo.

Os espíritos que presidem o grande movimento regenerador agem, então, com mais sabedoria e previdência do que os homens podem fazê-lo, porque os espíritos abrangem a marcha geral dos acontecimentos, enquanto que nós vemos apenas o círculo limitado do nosso horizonte. Tendo chegado os tempos da renovação, de acordo com os decretos divinos, era necessário que no meio das ruínas do velho edifício, o homem, para não se desencorajar, entivesse as bases da nova ordem de coisas, era necessário que o marujo pudesse perceber a estrela polar que deve guiá-lo para o porto.

A sabedoria dos espíritos que se mostrou no aparecimento do Espiritismo, revelado quase instantaneamente por toda a Terra, na época mais propícia, não é menos evidente na ordem e na gradação lógica das revelações complementares sucessivas. Não depende de ninguém constranger-lhes a vontade a esse respeito, porque os espíritos não regulam seus ensinamentos ao gosto da impaciência dos homens. Não basta dizer: "Nós queremos ter tal coisa", para que ela nos seja dada. E ainda menos nos convém dizer a Deus: "Julgamos que chegou para vós o momento de nos dar tal coisa; nós mesmos nos julgamos bastante avançados para recebê-la", porquanto isso seria dizer-lhe: "Nós sabemos melhor do que vós o que convém fazer." Aos impacientes, os espíritos respondem: "Começai primeiro por saber muito, compreender muito, e, principalmente, praticar muito o que sabeis, a fim de que Deus vos julgue dignos de aprender mais. Depois, quando chegar o momento, saberemos agir e escolheremos nossos instrumentos."

A Primeira Parte desta obra, intitulada Doutrina, contém a análise comparada das diversas crenças sobre o céu e sobre o inferno, os anjos e os demônios, as penas e as recompensas futuras. O dogma das penas eternas ali é examinado de um modo especial, e refutado por argumentos tirados das próprias leis da natureza, que dele demonstram não somente o lado ilógico, tantas vezes já assinalado, mas a

impossibilidade material. Com as penas eternas caem naturalmente as conseqüências que se acreditava delas poder se tirar.

A Segunda Parte encerra inúmeros exemplos em apoio à teoria, ou melhor, que serviram para estabelecer a teoria. Eles extraem sua autoridade na diversidade das épocas e dos lugares em que foram obtidos, porque, se emanassem de uma só fonte, poder-se-ia considerá-los como o produto de uma mesma influência. Eles tiram-na, além disso, da sua concordância com o que se obtém, todos os dias, em todos os lugares onde alguém se ocupa das manifestações espíritas dentro de um ponto de vista sério e filosófico. Esses exemplos poderiam ser multiplicados ao infinito, porque não há centro espírita que não possa fornecer uma notável quantidade deles. Para evitar repetições tediosas, tivemos que fazer uma escolha entre os mais instrutivos.

Cada um desses exemplos é um estudo, onde todas as palavras têm o seu valor para aquele que nelas refletir com atenção, porque de cada ponto brilha uma luz sobre a situação da alma após a morte, e sobre a passagem, até aqui tão obscura e tão temida, da vida corporal para a vida espiritual. É o guia do viajante antes de entrar em um país que ele vê pela primeira vez. A vida de além-túmulo ali se expõe, sob todos os seus aspectos, como um vasto panorama. Cada um nela obterá novos motivos de esperança e de consolação, e novos fundamentos para fortalecer sua fé no futuro e na justiça de Deus.

Nesses exemplos, o maior número deles tirado de fatos contemporâneos, ocultamos os nomes próprios, todas as vezes que julgamos necessário, por motivos convenientes fáceis de entender. Aqueles a quem esses exemplos podem interessar os reconhecerão facilmente; para o público, nomes mais ou menos conhecidos, e algumas vezes totalmente desconhecidos, nada teriam acrescentado ao ensino que deles se pode tirar.

As mesmas razões que nos fizeram omitir os nomes dos médiuns em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, levaram-nos a abster-nos de os nomear nesta obra, feita mais para o futuro que para o presente. Eles estão ainda menos interessados nisso porquanto não poderiam atribuir a si o mérito de uma coisa para a qual o seu próprio espírito não participou em nada. Aliás, a mediunidade não está sob a dependência deste ou daquele indivíduo; é uma faculdade fugidia, subordinada à vontade dos espíritos que se querem comunicar, faculdade que possuímos hoje e que pode faltar amanhã, que nunca é aplicável a todos os espíritos indistintamente, e, por isso mesmo, não constitui um mérito pessoal como o seria um talento adquirido pelo trabalho e pelos esforços da inteligência. Os médiuns sinceros, aqueles que compreendem a importância da sua missão, consideram-se como instrumentos que a vontade de Deus pode despedaçar quando quiser, se eles não procedem de acordo com os seus projetos. Eles são felizes pela faculdade que lhes permite tornarem-se úteis, porém, disso não sentem vaidade alguma. Quanto ao resto, nós nos restringimos, a esse respeito, aos conselhos dos nossos guias espirituais.

A Providência quis que a nova revelação não fosse privilégio de ninguém, mas que tivesse seus mensageiros por toda a Terra, em todas as famílias, junto aos

grandes como junto aos pequenos, conforme estas palavras das quais os médiuns de nossos dias são a realização: “Nos últimos tempos, diz o Senhor, derramarei do meu espírito sobre toda a carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos terão sonhos. Nesses dias, derramarei do meu espírito sobre meus servos e servas e eles profetizarão”. (*Atos*, II: 17 e 18.)

Mas também foi dito: “Haverá falsos Cristos e falsos profetas”. (Ver em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, o cap. XXI.)

Ora, esses últimos tempos chegaram; não é o fim do mundo material, como se tem acreditado, mas o fim do mundo moral, quer dizer, a era da regeneração.

Allan Kardec



PRIMEIRA PARTE

DOCTRINA

Capítulo I ¹

O futuro e o nada

1. Nós vivemos, nós pensamos, nós agimos, eis o que é indubitável; nós morremos, isto não é menos certo. Porém, deixando a Terra, para onde vamos? Em que nos transformaremos? Seremos melhores ou piores? Seremos ou não seremos? Ser ou não ser, tal é a alternativa; é para sempre ou para nunca; é tudo ou nada: ou viveremos eternamente, ou tudo estará acabado, sem retorno. Vale bem a pena pensar nisso.

Todo homem experimenta a necessidade de viver, de fruir, de amar, de ser feliz. Dizei àquele que sabe que vai morrer que ele ainda viverá, que sua hora foi retardada; dizei-lhe especialmente que ele será mais feliz do que o foi, e seu coração vai palpitar de alegria. Mas, para que serviriam essas aspirações de felicidade se um sopro pode fazê-las desaparecer?

Existe alguma coisa mais desesperadora do que a idéia da destruição absoluta? Afeições sagradas, inteligência, progresso, saber laboriosamente adquirido, tudo seria aniquilado, tudo estaria perdido! Que adiantará nos esforçarmos em nos tornar melhores, nos constrangermos para reprimir as paixões, nos fatigarmos para enriquecer nosso espírito, se desse proceder não devemos recolher nenhum fruto, principalmente com a idéia de que amanhã talvez isso não nos servirá mais para nada? Se fosse assim, a sorte do homem seria cem vezes pior que a do bruto, porque o bruto vive inteiramente no presente, na satisfação de seus apetites materiais, sem aspiração em relação ao futuro. Uma secreta intuição diz que isso não é possível.

2. Pela crença em o nada, o homem concentra inevitavelmente todos os seus pensamentos na vida presente; com efeito ele não poderia, racionalmente, preocupar-se com um futuro que não espera. Essa preocupação exclusiva com o presente o conduz naturalmente a pensar em si antes de tudo, é, pois, o mais poderoso estimulante do egoísmo, e o incrédulo é coerente consigo mesmo quando chega a esta conclusão: "Gozemos enquanto aqui estamos, gozemos o mais possível, pois que, depois de nós, tudo está acabado; gozemos rápido, porque não sabemos quanto isso durará"; e a esta outra, aliás bem grave para a sociedade: "Gozemos, não importa à custa de quem, cada um por si; a felicidade, neste mundo, é do mais astuto."

¹ Alguns parágrafos deste capítulo encontram-se dispostos de forma diferente na 4ª edição. (N.T.)

Se o respeito humano retém alguns, que freio podem ter aqueles que não crêem em nada? Eles dizem que a lei humana atinge apenas os inaptos; eis por que aplicam seu talento nos meios de se esquivarem dela.

Se existe uma doutrina malsã e anti-social é seguramente o niilismo,² porque ela rompe os verdadeiros laços da solidariedade e da fraternidade, fundamentos das relações sociais.

3. Vamos supor que, por uma circunstância qualquer, todo um povo adquire a certeza de que, em oito dias, em um mês, em um ano se assim se quer, será exterminado, que nenhum indivíduo sobreviverá, que não restará mais nenhum traço de si mesmo após a morte; que fará esse povo durante esse tempo? Trabalhará para o seu melhoramento, para a sua instrução? Entregar-se-á ao trabalho para viver? Respeitará os direitos, os bens, a vida do seu semelhante? Irá submeter-se às leis, a uma autoridade, qualquer que ela seja, mesmo a mais legítima: a autoridade paterna? Haverá para ele um dever qualquer? Certamente que não. Pois bem! O que não acontece coletivamente, a doutrina do niilismo o realiza cada dia isoladamente. Se as conseqüências não são tão desastrosas quanto poderiam ser é porque, em princípio, na maior parte dos incrédulos há mais fanfarrice do que verdadeira incredulidade, mais dúvida do que convicção, e porque eles têm mais medo do nada do que o que querem fazer parecer: o título de espírito forte alimenta o seu amor-próprio; em segundo lugar, porque os incrédulos absolutos são em ínfima minoria; eles sofrem involuntariamente a influência da opinião contrária e são mantidos por uma força material; porém, se a incredulidade absoluta chegar, um dia, à condição de maioria, a sociedade estará em dissolução. É para o que tende a propagação dessa doutrina.³

Quaisquer que sejam as suas conseqüências, se ela fosse verdadeira, seria necessário aceitá-la, e não seriam nem sistemas contrários, nem a idéia do mal que dela resultaria, que poderiam fazer com que ela não existisse. Ora, não é preciso disfarçar que o cepticismo, a dúvida, a indiferença, cada dia ganham mais terreno, apesar dos esforços da religião; isso é positivo. Se a religião é impotente contra a

² **Niilismo:** redução a nada; aniquilamento; descrença absoluta; doutrina segundo a qual nada existe de absoluto. (N.T., segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

³ Um jovem de 18 anos fora atingido por uma doença do coração declarada incurável. A Ciência havia dito: "Ele pode morrer em oito dias, como em dois anos, mas não irá além disso." O jovem, sabendo disso, imediatamente deixou todo o estudo e se entregou aos excessos de todos os gêneros. Quando lhe argumentavam quanto uma vida de desordens era perigosa em sua situação, ele respondia: "Que me importa, já que tenho apenas dois anos para viver! Para que me serviria fatigar o espírito para aprender? Desfruto o resto da minha vida e quero me divertir até o fim". Eis a conseqüência lógica do niilismo.

Se esse jovem fosse espírita, ele teria dito: "A morte destruirá somente o meu corpo, que eu deixarei como uma roupa usada, mas meu espírito viverá sempre. Serei, em minha vida futura, aquilo que eu houver feito de mim nesta vida; nada do que nela pude adquirir em qualidades morais e intelectuais estará perdido, porque isso será aquisição para o meu adiantamento; toda imperfeição da qual me livrar é um passo a mais em direção à felicidade; a minha felicidade ou infelicidade futura dependem da utilidade ou inutilidade da minha existência atual. É pois de meu interesse aproveitar o pouco de tempo que me resta, e evitar tudo o que poderia diminuir minhas forças".

Qual, dessas duas doutrinas, é preferível? (Nota do Autor, suas notas seqüentes conterão apenas as iniciais N. A.)

• Na 1ª edição, esta nota de rodapé possui apenas o primeiro parágrafo. (N. T.)

incredulidade, é porque lhe falta alguma coisa para combatê-la, de tal maneira que, se ela ficasse na imobilidade, em um dado tempo seria infalivelmente ultrapassada. O que falta à religião neste século de positivismo,⁴ em que se quer compreender antes de crer, é a sanção de suas doutrinas por fatos positivos; é também a concordância de certas doutrinas com os dados positivos da Ciência. Se ela diz *branco* e os fatos dizem *negro*, é preciso optar entre a evidência e a fé cega.

4. É nesse estado de coisas que o Espiritismo vem opor um obstáculo à invasão da incredulidade, não somente pelo raciocínio, não somente pela perspectiva dos perigos que ela traz consigo, mas pelos fatos materiais, fazendo tangíveis e visíveis a alma e a vida futura.

Cada um de nós, sem dúvida, é livre, na sua crença, para crer em alguma coisa ou não crer em nada; porém, aqueles que procuram fazer prevalecer no espírito do povo, principalmente na juventude, a negação do futuro, sustentando-se na autoridade do seu saber e na superioridade da sua posição, semeiam germes de perturbação e de dissolução na sociedade, e se expõem a uma grande responsabilidade.

5. Existe uma outra doutrina que se defende de ser materialista, porque admite a existência de um princípio inteligente fora da matéria, é a da *absorção no todo universal*. Segundo essa doutrina, cada indivíduo assimila, em seu nascimento, uma parcela desse princípio que constitui sua alma e lhe dá a vida, a inteligência e o sentimento. Por ocasião da morte, essa alma retorna ao foco comum e se perde no infinito como uma gota de água no oceano.

Essa doutrina é, sem dúvida, um passo à frente sobre o materialismo puro, porquanto ela admite alguma coisa, enquanto que a outra não admite nada, porém, as suas conseqüências são as mesmas. Que o homem seja lançado no nada ou no reservatório comum, para ele é a mesma coisa; se, no primeiro caso, ele é exterminado, no segundo, ele perde sua individualidade; é, portanto, como se ele não existisse; as relações sociais também não deixam de ser rompidas, e para sempre. O essencial para ele é a conservação do seu *eu*; sem isso, que lhe importa ser ou não ser! O futuro para ele é sempre nulo, e a vida presente é a única coisa que lhe interessa, que o preocupa. Sob o ponto de vista de suas conseqüências morais, essa doutrina é tão perigosa, tão desesperadora, tão estimulante do egoísmo quanto o materialismo propriamente dito.

6. Pode-se, além disso, fazer aí a seguinte objeção: todas as gotas de água tiradas do oceano se assemelham e têm propriedades idênticas, como as partes de um mesmo todo; por que as almas, se elas são tiradas do grande oceano da inteligência universal, se parecem tão pouco? Por que o gênio ao lado da estupidez? As mais sublimes virtudes ao lado dos vícios mais ignóbeis? A bondade, a doçura, a mansuetude, ao lado da maldade, da crueldade, da barbárie? Como as partes de um todo homogêneo podem ser tão diferentes umas das outras? Dir-se-á que é a educação que as modifica? Mas então, de onde vêm as qualidades inatas, as inteligências

⁴ O autor refere-se ao século XIX. (N.T.)

precoces, os instintos bons e maus, independentes de toda educação, e frequentemente tão-pouco em harmonia com os meios em que se desenvolvem?

A educação, sem dúvida alguma, modifica as qualidades intelectuais e morais da alma; mas aqui se apresenta uma outra dificuldade. Quem dá à alma a educação para fazê-la progredir? Outras almas que, por sua origem comum, não devem ser mais adiantadas? E depois, aliás, para que esse melhoramento, para que tantos esforços para adquirir talentos e virtudes, para que trabalhar pelo progresso da humanidade se tudo isso deverá se sepultar e se perder no oceano do infinito, sem proveito para o futuro de cada um? Valeria o mesmo ficar o que se é, selvagem ou não, beber, comer, dormir tranqüilamente sem se torturar o espírito. Por outro lado, a alma, reentrando no *todo universal* de onde havia saído, após haver progredido durante a vida, ali coloca um elemento mais perfeito; de onde se conclui que esse todo deve, com o tempo, achar-se profundamente modificado e melhorado. Como então acontece que dali saiam incessantemente almas ignorantes e perversas?

7. Nessa doutrina, a fonte universal de inteligência que fornece as almas humanas é independente da Divindade, ser superior e distinto que anima tudo por sua vontade; não é precisamente o panteísmo. O panteísmo propriamente dito dela difere quando, segundo ele, o princípio universal de vida e de inteligência é o próprio Deus. Deus é ao mesmo tempo espírito e matéria; todos os seres, todos os corpos da natureza compõem a Divindade, da qual são as moléculas e os elementos constitutivos; em uma palavra: Deus está em tudo e tudo é Deus, Deus é o conjunto de todas as inteligências reunidas; cada indivíduo, sendo uma parte do todo, ele mesmo é Deus; nenhum ser superior e independente comanda o conjunto; o Universo é uma imensa república sem chefe, ou antes, onde cada um é chefe com poder absoluto.

8. A esse sistema podem se opor numerosas objeções, das quais as principais são estas: a Divindade não podendo ser concebida sem o infinito das perfeições, pergunta-se como um todo perfeito pode ser formado de partes tão imperfeitas e tendo necessidade de progredir? Cada parte devendo ser submetida à lei do progresso, daí resulta que o próprio Deus deve progredir; se ele progride incessantemente, deve ter sido, na origem dos tempos, muito imperfeito. Como um ser imperfeito, formado de vontades e de idéias tão divergentes, pôde conceber as leis tão harmoniosas, tão admiráveis de unidade, de sabedoria e de providência que regem o Universo? Se todas as almas são porções da Divindade, todas concorreram para as leis da natureza; como então pode acontecer que elas murmurem sem cessar contra essas leis, que são obras suas? Uma teoria não pode ser aceita como verdadeira senão com a condição de satisfazer a razão e dar conta de todos os fatos que abrange; se um só fato vem lhe dar um desmentido, é porque ela não está na verdade absoluta.

9. Do ponto de vista moral, as conseqüências são também bastante ilógicas. De início é, para as almas, como no sistema anterior, a absorção em um todo e a perda da individualidade. Admitindo-se, segundo a opinião de alguns panteístas, que elas conservam sua individualidade, Deus não tem mais vontade única; é um

composto de miríades de vontades divergentes. Depois, cada alma sendo parte integrante da Divindade, nenhuma está dominada por um poder superior, não incorrendo, por conseqüência, em nenhuma responsabilidade por seus atos bons ou maus; ela não tem nenhum interesse em fazer o bem e pode fazer o mal impunemente, já que é senhora soberana.

10. Além disso, esses sistemas não satisfazem nem a razão nem as aspirações do homem, chocam-se, como se vê, com dificuldades insuperáveis, porque são impotentes para resolver todas as questões de fato que eles suscitam. O homem tem, portanto, três alternativas: o nada, a absorção ou a individualidade da alma antes e depois da morte. É para esta última crença que a lógica nos conduz irresistivelmente; é aquela também que tem estabelecido a base de todas as religiões desde que o mundo existe.

Se a lógica nos conduz à individualidade da alma, ela também nos leva a esta outra conseqüência: o destino de cada alma depende de suas qualidades pessoais, porque seria irracional admitir que a alma atrasada do selvagem e a do homem perverso estivessem no mesmo nível da alma do sábio e do homem de bem. Segundo a justiça, cada alma deve ter a responsabilidade de seus atos; porém, para que sejam responsáveis, é necessário que sejam livres para escolher entre o bem e o mal; sem livre-arbítrio, há fatalidade, e com a fatalidade não poderia haver responsabilidade.

11. Todas as religiões têm igualmente admitido o princípio do destino feliz ou infeliz das almas após a morte, ou, dito de outra forma, das penas e dos gozos futuros que se resumem na doutrina do céu e do inferno, que se encontra por toda a parte. Porém, no que elas diferem essencialmente, é sobre a natureza dessas penas e desses gozos e principalmente sobre as condições que podem merecer umas e outros. Daí os pontos de fé contraditórios que deram nascimento aos diferentes cultos, e os deveres particulares por eles impostos para honrar a Deus, e, por esse meio, ganhar o céu e evitar o inferno.

12. Todas as religiões, em sua origem, estiveram em relação com o grau de adiantamento moral e intelectual dos homens; estes, ainda muito materialistas para compreender o mérito das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maior parte dos deveres religiosos no cumprimento de formas exteriores. Durante algum tempo, essas formas foram suficientes para a sua razão; mais tarde, esclarecendo-se o seu espírito, eles sentem o vazio que as formas deixam atrás de si, e, se a religião não os satisfaz mais, eles abandonam a religião e tornam-se filósofos.

13. Se a religião, no início apropriada aos conhecimentos limitados dos homens, houvesse sempre seguido o movimento progressivo do espírito humano, não haveria incrédulos, porque é da natureza do homem ter necessidade de crer, e ele crerá se receber um alimento espiritual de acordo com suas necessidades intelectuais. O homem quer saber de onde veio e para onde vai; se lhe é apresentado um objetivo que não responde nem às suas aspirações, nem à idéia que ele faz de Deus, nem aos dados positivos que a Ciência lhe fornece; se, além disso, para o alcançar, lhe são impostas condições das quais sua razão não lhe demonstre a

utilidade, ele repele o todo; o materialismo e o panteísmo lhe parecem ainda mais racionais, porque neles se discute e se raciocina; raciocina-se falso, é verdade, mas o homem ainda prefere raciocinar falso do que não raciocinar de modo nenhum.

Porém, que se apresente ao homem um futuro em condições lógicas, digno em todos os pontos da grandeza, da justiça e da infinita bondade de Deus, e ele abandonará o materialismo e o panteísmo, dos quais sente o vazio em seu foro íntimo, e que ele só aceitara por falta de algo melhor. O Espiritismo oferece mais, por isso é acolhido com solicitude por todos aqueles que a incerteza pungente da dúvida atormenta e que não encontram o que procuram nem nas crenças nem nas filosofias comuns; o Espiritismo tem por si a lógica do raciocínio e a confirmação dos fatos, é por isso que inutilmente o têm combatido.

14. O homem, instintivamente, tem a crença no futuro; porém, não possuindo até hoje nenhuma base certa para defini-lo, sua imaginação concebeu os sistemas que têm dado margem à diversidade nas crenças. A Doutrina Espírita sobre o futuro não sendo uma obra de imaginação concebida mais ou menos engenhosamente, mas o resultado da observação de fatos materiais que hoje ocorrem sob nossos olhos, reunirá, como já o faz agora, as opiniões divergentes ou indecisas e promoverá, pouco a pouco, e pela força dos fatos, a unidade na crença sobre esse ponto, crença que não estará mais estabelecida sobre uma hipótese, mas sobre uma certeza. *A unificação, feita no que diz respeito à sorte futura das almas, será o ponto inicial de aproximação entre os diferentes cultos, um passo imenso, inicialmente em direção à tolerância religiosa, mais tarde em direção à fusão.*



Capítulo II

Receio da morte⁵

- **Causas do receio da morte.**
- **Por que os espíritas não receiam a morte.**

Causas do receio da morte

1. O homem, qualquer que seja o grau da escala a que ele pertença, desde o estado de selvageria, tem o sentimento inato do futuro; sua intuição lhe diz que a morte não é a última palavra da existência, e que aqueles de quem estamos saudosos não estão perdidos para sempre. A crença no futuro é intuitiva, e infinitamente mais generalizada que a crença no nada. Então, como pode acontecer que, entre os que crêem na imortalidade da alma, ainda se encontre tanto apego às coisas da Terra, e um tão grande receio da morte?

2. O receio da morte é um efeito da sabedoria da Providência e uma consequência do instinto de conservação comum a todos os seres vivos. Ele é necessário, enquanto o homem não está bastante esclarecido sobre as condições da vida futura, como contrapeso à tendência que, sem esse freio, o levaria a deixar prematuramente a vida terrestre, e a negligenciar o trabalho na Terra que deve servir para o seu próprio adiantamento.

É por isso que, entre os povos primitivos, o futuro é apenas uma vaga intuição, mais tarde uma simples esperança, mais tarde enfim uma certeza, porém ainda atenuada por um secreto apego à vida corporal.

3. À medida que o homem compreende melhor a vida futura, o receio da morte diminui; mas, ao mesmo tempo, compreendendo melhor sua missão sobre a Terra, ele aguarda seu fim com mais calma, mais resignação e sem medo. A certeza da vida futura dá um outro curso às suas idéias, um outro objetivo aos seus trabalhos; antes de ter essa certeza, ele trabalha apenas para a vida atual; com essa certeza, trabalha tendo em vista o futuro sem descuidar-se do presente, porque sabe que seu futuro depende da direção mais ou menos boa que ele dá ao presente. A certeza de reencontrar seus amigos após a morte, de continuar as relações que ele teve sobre a Terra, de não perder o fruto de nenhum trabalho, de crescer continuamente, em inteligência e em perfeição, lhe dá a paciência de esperar e a coragem de suportar as fadigas momentâneas da vida terrestre.

⁵ No cap. II da 1ª edição consta apenas este título, os subtítulos pertencem à 4ª edição. (N.T.)

A solidariedade que o homem vê se estabelecer entre os mortos e os vivos faz com que ele compreenda a que deve existir entre os vivos; a fraternidade tem por consequência sua razão de ser, e a caridade, um objetivo no presente e no futuro.

4. Para libertar-se dos receios da morte, é necessário poder analisá-la sob seu verdadeiro ponto de vista, isto é, haver penetrado, pelo pensamento, no mundo espiritual e dele fazer uma idéia tão exata quanto possível, o que indica no espírito encarnado um certo desenvolvimento e uma certa capacidade para se desligar da matéria. Entre aqueles que não estão suficientemente adiantados, a vida material ainda prevalece sobre a vida espiritual.

Apegando-se ao exterior o homem só vê a vida no corpo, enquanto que a vida real está na alma; tendo o corpo ficado sem vida, aos seus olhos tudo está perdido, e ele se desespera. Se, em lugar de concentrar seu pensamento sobre a vestimenta exterior, o corpo, ele o fizesse sobre a própria fonte da vida, a alma, que é o ser real que sobrevive a tudo, ele lamentaria menos a perda do corpo, fonte de tantas misérias e de dores; para isso, no entanto, é necessário que o espírito tenha uma força que só adquire com a maturidade.

O receio da morte resulta, portanto, da insuficiência de conhecimentos sobre a vida futura; mas ele indica a necessidade de viver, e o medo de que a destruição do corpo seja o fim de tudo; ele é assim provocado pelo desejo secreto da sobrevivência da alma, ainda encoberta pela dúvida.

A apreensão, se enfraquece à medida que a certeza se forma, e desaparece quando a certeza é absoluta.

Eis o lado providencial da questão. Seria prudente não fascinar o homem, cuja razão não estava ainda bastante sólida para suportar a perspectiva, muito positiva e muito atraente, de um futuro que o fizesse negligenciar o presente, necessário ao seu adiantamento material e intelectual.

5. Esse estado de coisas é mantido e dilatado por causas puramente humanas que, com o progresso, irão desaparecer. A primeira é o aspecto sob o qual a vida futura é apresentada, aspecto que seria suficiente para inteligências pouco avançadas, mas que não poderia satisfazer as exigências da razão dos homens que pensam maduramente. Desde que, dizem eles, se nos apresentam, como verdades absolutas, princípios contestados pela lógica e os dados positivos da Ciência, é porque eles não são verdades. Daí, entre alguns há a incredulidade, entre um grande número de outros, uma crença misturada com a dúvida. A vida futura é para eles uma idéia vaga, antes uma probabilidade do que uma certeza absoluta; acreditam nela, gostariam que assim fosse e, apesar disso, exclamam: "Se no entanto não for assim! O presente é positivo, dediquemo-nos primeiro a ele; o futuro virá por acréscimo."

E depois, dizem ainda, o que é afinal a alma? É um ponto, um átomo, uma centelha, uma chama? Como sente? Como vê? Como percebe? A alma não é para eles uma realidade efetiva: é uma abstração. Os seres que lhes são queridos, reduzidos em seu pensamento ao estado de átomos, estão, por assim dizer, perdidos para eles, e não têm mais aos seus olhos as qualidades que os faziam

amá-los. Eles não compreendem nem o amor de uma centelha, nem aquele que se pode ter por ela, e eles mesmos ficam mediocrementemente satisfeitos por serem transformados em mônadas.⁶ Daí resulta o retorno ao positivismo da vida terrestre, que tem qualquer coisa de mais substancial. O número daqueles que são dominados por essas idéias é considerável.

6. Uma outra razão que une às coisas da Terra até aqueles que crêem mais firmemente na vida futura, prende-se à impressão que conservam do ensino que lhes foi dado sobre ela na infância.

O quadro que a religião traça sobre o assunto, é preciso admitir, não é muito sedutor nem muito consolador. Nele se vêem, de um lado, as contorções dos condenados que pagam em torturas e chamas sem fim os erros de um momento, e para quem os séculos sucedem aos séculos sem esperança de alívio nem de piedade, e o que é ainda mais implacável, para quem o arrependimento não produz o efeito desejado. De outro lado, as almas abatidas e sofredoras do purgatório, que esperam sua liberdade da boa vontade dos vivos que rezarão ou farão rezar por elas, e não por seus esforços para progredir. Essas duas categorias compõem a imensa maioria da população do outro mundo. Acima dessas almas está o muito restrito plano dos eleitos, desfrutando, durante a eternidade, de uma beatitude contemplativa. Essa eterna inutilidade, preferível, sem dúvida, ao nada, não deixa de ser uma fastidiosa monotonia. Assim se vê, nas pinturas que retratam os bem-aventurados, figuras angélicas, mas que antes exprimem tédio que a verdadeira felicidade.

Esse estado não satisfaz nem as aspirações nem a idéia instintiva do progresso que só parece compatível com a felicidade absoluta. É difícil conceber que o selvagem ignorante, de senso moral obtuso, somente porque recebeu o batismo, esteja no mesmo nível que aquele que chegou ao mais alto grau de ciência e de moralidade prática, após longos anos de trabalho. É ainda menos concebível que a criança morta com muito pouca idade, antes de ter consciência de si mesma ou de seus atos, desfrute dos mesmos privilégios, só pela realização de uma cerimônia na qual sua vontade não teve nenhuma participação. Por menos que reflitam, esses pensamentos não deixam de preocupar os crentes mais fervorosos.

7. O trabalho progressivo que se realiza na Terra nada representando para a felicidade futura, a facilidade com que crêem adquirir essa felicidade por meio de algumas práticas exteriores, e até mesmo a possibilidade de comprá-la por dinheiro, sem uma séria reforma do caráter e dos hábitos, dão aos prazeres terrenos todo o valor. Mais de um crente diz em seu íntimo que, já que seu futuro está assegurado pela realização de certas fórmulas, ou por dádivas póstumas que não o privam de nada, seria supérfluo impor a si sacrifícios ou um constrangimento qualquer em proveito do próximo, desde que se pode conseguir a salvação trabalhando cada um por si.

Certamente esse não é o pensamento de todos, porquanto existem grandes e belas exceções, mas não se pode ocultar que ele não seja o da maioria,

⁶ **Mônada:** organismo muito simples que se poderia tomar por unidade orgânica. (N.T.)

principalmente das massas pouco esclarecidas, e que a idéia que se faz das condições para ser feliz no outro mundo não conserva a dedicação aos bens deste mundo, e, por conseguinte, o egoísmo.

Acrescentemos a isso que, nos usos, tudo concorre para fazer lamentar a perda da vida terrestre, e recear a passagem da Terra para o céu. A morte é cercada apenas de cerimônias soturnas que aterroizam mais do que despertam a esperança. Se a morte é representada, isso sempre acontece sob um aspecto repelente e nunca como um sono de transição; todos esses símbolos lembram a destruição do corpo, mostrando-o horrendo e descarnado; nenhum simboliza a alma se despreendendo radiosa de seus laços terrestres. A partida para esse mundo mais feliz é acompanhada apenas pelas lamentações dos sobreviventes, como se acontecesse a maior desgraça àqueles que se vão; se lhes diz um eterno adeus, como se jamais fôssemos revê-los; o que se lamenta por eles são os gozos deste mundo, como se não deversem encontrar outros maiores. "Que infelicidade, diz-se, morrer quando se é jovem, rico, feliz, e se tem diante de si um brilhante futuro!" A idéia de uma situação mais feliz apenas aflora no pensamento, porque nele não tem raízes. Portanto, tudo concorre para inspirar o terror pela morte em lugar de fazer nascer a esperança. O homem, sem dúvida, precisará de muito tempo para se desfazer desses preconceitos, mas isso acontecerá à medida que sua fé se fortalecer, quando então ele fará uma idéia mais sadia da vida espiritual.

Por que os espíritas não receiam a morte

9. A Doutrina Espírita muda inteiramente a maneira de considerar o futuro. A vida futura não é mais uma hipótese, mas uma realidade; o estado das almas após a morte não é mais uma teoria, mas o resultado da observação. O véu está levantado; o mundo espiritual nos aparece em toda a sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que vêm nos descrever sua situação; nós ali os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da felicidade e do infortúnio; assistimos a todas as peripécias da vida de além-túmulo. Aí está, para os espíritas, a razão da calma com que eles encaram a morte, da serenidade de seus últimos instantes sobre a Terra. O que lhes serve de apoio não é somente a esperança, é a certeza: eles sabem que a vida futura não é mais que a continuação da vida presente em melhores condições, e a esperam com a mesma confiança com que esperam o nascer do Sol após uma noite de tempestade. Os motivos dessa confiança estão nos fatos de que são testemunhas, e na concordância desses fatos com a lógica, a justiça e a bondade de Deus, e com as aspirações íntimas do homem.

Além disso, a crença comum situa as almas em regiões acessíveis apenas ao pensamento, onde se tornam, de alguma sorte, estranhas aos vivos; a própria Igreja coloca entre as almas e os vivos uma barreira intransponível: ela declara que toda relação está rompida, qualquer comunicação é impossível. Se elas estão no inferno toda a esperança de revê-las está perdida para sempre, a menos que

também se vá para lá; se as almas estão entre os eleitos, encontram-se completamente absorvidas por sua beatitude contemplativa. Tudo isso coloca entre os vivos e os mortos uma tal distância que se olha a separação como eterna; eis por que muitos ainda preferem ter perto de si, sofrendo na Terra, os seres que amam, do que vê-los partir, mesmo que seja para o céu. E a alma que está no céu? Ela é realmente feliz ao ver, por exemplo, seu filho, seu pai, sua mãe ou seus amigos, arderem eternamente?⁷

Para os espíritas, a alma não é mais uma abstração; ela tem um corpo etéreo que faz dela um ser definido que o pensamento alcança e concebe; já é muito para fixar as idéias sobre sua individualidade, suas aptidões e suas percepções. A lembrança daqueles que nos são caros baseia-se sobre alguma coisa de real. Não os representamos mais como chamas fugidias que nada lembram ao pensamento, mas sob uma forma concreta que os mostra melhor para nós como seres vivos. Além disso, em lugar de estarem perdidos nas profundezas do Espaço, eles estão à nossa volta; o mundo corporal e o mundo espiritual estão em perpétuas relações, e se assistem mutuamente. Não sendo mais permitida a dúvida sobre o futuro, o receio da morte não tem mais razão de ser; vê-se a sua chegada a sangue frio, como uma libertação, como a porta da vida, e não como a do nada.



⁷ Na 4ª edição, este parágrafo está colocado antes do subtítulo "Por que os espíritas não receiam a morte". (N.T.)

Capítulo III

O céu

1. Diz-se a palavra *céu*, em geral, quando nos referimos ao Espaço indefinido que rodeia a Terra, e mais particularmente à parte que está acima do nosso horizonte; ela vem do latim *caelum*, formado do grego *coïlos*, oco, côncavo, porque o céu parece, aos nossos olhos, uma imensa concavidade. Os antigos acreditavam na existência de vários céus superpostos, compostos de matéria sólida e transparente, formando esferas concêntricas das quais a Terra era o centro. Essas esferas, girando em torno da Terra, arrastavam consigo os astros que se achavam em seu circuito.

Essa idéia, que resultava da insuficiência dos conhecimentos astronômicos, foi a de todas as teogonias⁸ que fizeram dos céus, assim escalonados, os diversos graus de beatitude; o último era a morada da felicidade suprema. Segundo a opinião mais comum havia sete céus, daí a expressão *estar no sétimo céu*, para exprimir a felicidade perfeita. Os muçulmanos admitem nove, em cada um dos quais a felicidade dos crentes é aumentada. O astrônomo Ptolomeu⁹ contava onze, dos quais o último era chamado *Empíreo*¹⁰ por causa da brilhante luz que nele reina. Ainda hoje é o nome poético dado ao lugar da glória eterna. A teologia cristã reconhece três céus: o primeiro é o da região do ar e das nuvens; o segundo é o espaço onde se movem os astros; o terceiro, além da região dos astros, é a morada do Mais Alto, a habitação dos eleitos que contemplam Deus face a face. É de acordo com essa crença que se diz que São Paulo foi elevado ao terceiro céu.

2. As diversas doutrinas que se referem à morada dos bem-aventurados estão todas estabelecidas sobre o duplo erro de que a Terra é o centro do Universo, e de que a região dos astros é limitada. É para além desse limite imaginário que todas colocaram essa região afortunada e a morada do Todo-Poderoso. Singular anormalidade que situa o autor de todas as coisas, aquele que as governa todas, nos confins da criação, em lugar de colocá-lo no centro de onde a irradiação do seu pensamento podia se estender a tudo!

3. A Ciência, com a inflexível lógica dos fatos e da observação, levou sua luz até as profundezas do Espaço e mostrou a nulidade de todas essas teorias.

⁸ **Teogonia:** (filosofia), doutrina mística relativa ao nascimento dos deuses e que freqüentemente se relaciona com a formação do mundo. (N.T., segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

⁹ **Ptolomeu:** viveu em Alexandria, no Egito, no segundo século da Era Cristã. (N.A.)

¹⁰ **Empíreo:** do grego *pur* ou *pyr*, fogo. (N.A.)

A Terra não é mais o eixo do Universo, mas um dos mais pequenos astros girando na imensidão; o próprio Sol é apenas o centro de um turbilhão planetário; as estrelas são inumeráveis sóis em torno dos quais circulam mundos incontáveis, separados por distâncias acessíveis apenas ao pensamento, ainda que eles nos pareçam se tocar. Nesse conjunto, regido por leis eternas em que se revelam a sabedoria e a onipotência do Criador, a Terra aparece apenas como um ponto imperceptível, e um dos menos favorecidos para a habitabilidade. Por conseguinte, pergunta-se: por que Deus faria da Terra a única sede da vida e nela teria relegado suas criaturas prediletas? Tudo, ao contrário, prediz que a vida está por toda a parte, que a humanidade é infinita como o Universo. A Ciência revelando-nos mundos semelhantes à Terra, Deus não os poderia ter criado sem objetivo; ele deve tê-los povoado de seres capazes de governá-los.

4. As idéias do homem são proporcionais ao que ele sabe; como todas as descobertas importantes, a da constituição dos mundos deve ter dado um outro curso às idéias. Sob o domínio desses novos conhecimentos, as crenças se modificaram: o céu foi deslocado; a região das estrelas, sendo sem limites, não pode mais servir para ele. Onde o céu está? Diante dessa questão, todas as religiões permanecem mudas.

O Espiritismo vem resolvê-la demonstrando o verdadeiro destino do homem. Com a natureza deste último e os atributos de Deus sendo tomados como ponto de partida, chega-se à conclusão. Isto quer dizer que partindo do conhecido chega-se ao desconhecido por uma dedução lógica, sem falar das observações diretas que o Espiritismo permite fazer.¹¹

5. O homem é composto de corpo e espírito; o espírito é o ser principal, o ser da razão, o ser inteligente; o corpo é o invólucro material que reveste temporariamente o espírito para a realização da sua missão sobre a Terra e a execução do trabalho necessário ao seu adiantamento. O corpo, usado, se destrói, mas o espírito sobrevive à sua destruição. Sem o espírito, o corpo é apenas uma matéria inerte, como um instrumento privado da força que o faz agir; sem o corpo, o espírito é tudo: a vida e a inteligência. Deixando o corpo, ele retorna ao mundo espiritual de onde havia saído para se encarnar.

Existe, portanto, o mundo corporal, composto de espíritos encarnados, e o mundo espiritual, formado por espíritos desencarnados. Os seres do mundo corporal, pela própria existência do seu invólucro material, estão ligados à Terra ou a um globo qualquer. O mundo espiritual está por toda a parte, em torno de nós e no Espaço; nenhum limite lhe foi designado. Em razão da natureza fluidica do seu invólucro, os seres que o compõem, em vez de se arrastarem penosamente sobre o solo, vencem as distâncias com a rapidez do pensamento. A morte do corpo é a ruptura dos laços que os retinham cativos.

¹¹ Este período em Times New Roman pertence à 4ª edição. (N.T.)

6. Os espíritos são criados simples e ignorantes, mas com aptidão para tudo adquirirem e para progredirem, em virtude do seu livre-arbítrio. Pelo progresso eles adquirem novos conhecimentos, novas faculdades, novas percepções, e, por conseqüência, novos prazeres desconhecidos aos espíritos inferiores; eles vêem, ouvem, sentem e compreendem o que os espíritos inferiores não podem ver, ouvir, sentir, compreender. A felicidade está na razão do progresso realizado; de modo que, de dois espíritos, um pode não ser tão feliz quanto o outro, unicamente porque ele não é tão avançado intelectual e moralmente, sem que eles tenham necessidade de estar cada um em lugar diferente. Ainda que estejam ao lado um do outro, um pode estar nas trevas, enquanto que tudo é resplandecente em torno do outro, exatamente como para um cego e uma pessoa que vê que se dão as mãos: ela percebe a luz que não causa nenhuma impressão em seu vizinho. Sendo a felicidade dos espíritos inerente às qualidades que possuem, eles a colhem por toda parte onde se encontram, seja na superfície da Terra, no meio dos encarnados ou no Espaço.

Uma comparação vulgar fará compreender melhor ainda essa situação. Se, em um concerto, se encontram dois homens, um, bom músico, com ouvido experimentado, e outro sem conhecimento de música e o sentido da audição pouco delicado, o primeiro experimenta uma sensação de felicidade, enquanto que o segundo fica insensível, porque um compreende e percebe o que não causa nenhuma impressão sobre o outro. Assim acontece com todos os prazeres dos espíritos, prazeres estes que estão na razão da sua aptidão para senti-los. O mundo espiritual tem por toda parte esplendores, harmonias e sensações que os espíritos inferiores, ainda submissos à influência da matéria, nem mesmo entrevêm, e que são acessíveis somente aos espíritos purificados.

7. O progresso, entre os espíritos, é o fruto do seu próprio trabalho; porém, como são livres, trabalham para o seu adiantamento com mais ou menos atividade ou negligência, segundo sua vontade; assim, eles apressam ou retardam seu progresso, e, por conseqüência, sua felicidade. Enquanto uns avançam rapidamente, outros ficam estagnados longos séculos nas classes inferiores. Eles são, pois, os próprios artesãos da sua situação, feliz ou infeliz, segundo estas palavras de Cristo: "A cada um segundo suas obras!" Todo espírito que fica para trás não pode responsabilizar senão a si mesmo, assim como aquele que se adianta tem todo o mérito; a felicidade que ele conquistou tem o maior valor aos seus olhos.

A felicidade suprema só é partilhada pelos espíritos perfeitos ou, falando de outra forma, pelos puros espíritos. Eles somente a atingem após haverem progredido em inteligência e em moralidade. Raramente o progresso intelectual e o progresso moral caminham lado a lado; mas o que o espírito não faz em uma época, ele o fará em uma outra, de maneira que os dois progressos acabam por atingir o mesmo nível. Esta é a razão pela qual freqüentemente se vêem homens inteligentes e instruídos muito pouco avançados moralmente, e vice-versa.

8. A encarnação é necessária ao duplo progresso, moral e intelectual, do espírito; ao progresso intelectual pela atividade que é obrigado a desenvolver no trabalho, ao progresso moral, pela necessidade que os homens têm uns dos outros.

A vida social é a pedra de toque¹² das boas e das más qualidades. A bondade, a maldade, a doçura, a violência, a benevolência, a caridade, o egoísmo, a avareza, o orgulho, a humildade, a sinceridade, a franqueza, a lealdade, a má-fé, a hipocrisia, em uma palavra: tudo o que constitui o homem de bem ou o homem perverso tem por causa, por objetivo e por estímulo as relações do homem com os seus semelhantes; para o homem que vivesse só, não haveria nem vícios nem virtudes; se, pelo isolamento, ele se preserva do mal, ele anula o bem.

9. Uma só existência corporal é evidentemente insuficiente para que o espírito possa adquirir tudo o que lhe falta em bem e desfazer-se de tudo o que possui de mau. O selvagem, por exemplo, em uma só encarnação poderia atingir o nível moral e intelectual do europeu mais avançado? Isso é materialmente impossível. Deve ele, então, ficar eternamente na ignorância e na barbárie, privado dos prazeres que apenas o desenvolvimento das faculdades pode proporcionar? O simples bom senso recusa uma suposição como essa que seria, ao mesmo tempo, a negação da justiça e da bondade de Deus e a negação da lei progressiva da natureza. Eis por que Deus, que é soberanamente justo e bom, concede ao espírito do homem tantas existências quantas forem necessárias para chegar ao objetivo, que é a perfeição.

Em cada nova existência, o espírito traz o que adquiriu nas vidas precedentes em aptidões, em conhecimentos intuitivos, em inteligência e em moralidade. Do que ele adquiriu nada é perdido, tudo lhe é proveitoso; todo progresso realizado, todo conhecimento alcançado, mesmo na última hora da existência, é outro tanto de ganho para o futuro, tantas novas provas poupadas, tantos elementos para o acréscimo da felicidade futura.¹³ O espírito que entrevê sua morte próxima não dirá que é inútil trabalhar para a sua instrução pelo pouco tempo que lhe resta para viver, compreendendo a solidariedade do presente e do futuro pela lei do progresso, ele pensará o contrário: "Aproveitemos os últimos momentos para avançar o mais possível, porque o que está feito está feito".

Cada existência é assim um passo adiante na estrada do progresso, a menos que, por sua preguiça, sua indiferença ou sua obstinação no mal, ele não a aproveite, neste caso terá que recomeçar. Portanto, dele depende aumentar ou diminuir o número de suas encarnações, sempre mais ou menos penosas e trabalhosas.

10. No intervalo das existências corporais, o espírito entra por um tempo mais ou menos longo no mundo espiritual, onde é feliz ou infeliz, segundo o bem ou o mal que haja feito. O estado espiritual é o estado normal do espírito, porquanto esse deve ser seu estado definitivo, e porque o corpo espiritual não morre; o estado corporal é apenas transitório e passageiro. É principalmente no estado espiritual que ele recolhe os frutos do progresso realizado pelo seu trabalho

¹² **Pedra de toque:** jaspé ou qualquer outra pedra dura e escura empregada pelos joalheiros para avaliar a pureza dos metais; meio de avaliar, de aferir. (N.T.)

¹³ Ver no cap. I, a nota de rodapé nº 3. (N.A.)

durante a encarnação; é também nesse estado que ele se prepara para novas lutas e toma as resoluções que se esforçará para pôr em prática no seu retorno à humanidade.

Na erraticidade¹⁴ o espírito também progride; nela ele adquire conhecimentos especiais que não poderia obter sobre a Terra; suas idéias ali se modificam. O estado corporal e o estado espiritual são para ele a fonte de dois gêneros de progresso solidários um com o outro; eis por que ele passa alternadamente por esses dois modos de existência.¹⁵

11. A reencarnação pode acontecer na Terra ou em outros mundos. Entre os mundos, existem uns mais avançados que outros, e onde a existência se realiza em condições menos penosas, física e moralmente, que sobre a Terra, porém, neles só são admitidos espíritos que tenham chegado a um grau de perfeição que esteja em relação com o estado desses mundos.

A vida nos mundos superiores já é uma recompensa, porque neles se está isento dos males e das vicissitudes dos quais se é alvo na Terra. Os corpos, menos materiais, quase fluidicos, ali não estão sujeitos nem às doenças, nem às enfermidades, nem às mesmas necessidades. Com os maus espíritos excluídos desses mundos, os homens ali vivem em paz, sem outra preocupação que a do seu adiantamento pelo trabalho da inteligência. Lá, reinam: a verdadeira fraternidade, porque não há egoísmo; a verdadeira igualdade, porque não há orgulho; a verdadeira liberdade, porque não há desordens a reprimir nem ambiciosos buscando anular o fraco.

Comparados à Terra, esses mundos são verdadeiros paraísos; são as etapas da estrada do progresso que conduz ao estado definitivo. Sendo a Terra um mundo inferior destinado à purificação dos espíritos imperfeitos, encontra-se nesse fato a razão por que o mal ali predomina, até que Deus queira nela fazer a morada dos espíritos mais adiantados.

É assim que o espírito, progredindo gradualmente à medida que se desenvolve, chega ao apogeu da felicidade; porém, antes de haver alcançado o ponto culminante da perfeição, ele desfruta de uma felicidade relativa ao seu adiantamento. Assim como a criança aprecia as diversões da infância, mais tarde as da juventude, e finalmente as mais sérias da idade adulta.

12. A felicidade dos espíritos bem-aventurados não está na ociosidade contemplativa, que seria, como freqüentemente se tem afirmado, uma eterna e fastidiosa inutilidade. A vida espiritual, em todos os graus, é, ao contrário, uma constante atividade, mas uma atividade sem fadigas. A suprema felicidade consiste em desfrutar todos os esplendores da criação que nenhuma linguagem humana poderia descrever, que a imaginação mais fecunda não conseguiria conceber; consiste no conhecimento e na penetração de todas as coisas; na ausência de

¹⁴ **Erraticidade:** não é um lugar determinado no Espaço, mas o estado em que ficam os espíritos desencarnados, ou errantes, durante os intervalos de suas diversas existências corporais. Ver em *O Livro dos Espíritos*, a pergunta 223 e as seguintes. (N.T.)

¹⁵ Este parágrafo em *Times New Roman* pertence à 4ª edição. (N.T.)

qualquer sofrimento físico e moral; em uma satisfação íntima, uma serenidade na alma que nada altera; no amor puro que une todos os seres, em conseqüência da ausência de contrariedades pelo contato dos maus, e, acima de tudo, na visão de Deus e na compreensão de seus mistérios revelados aos mais dignos. A suprema felicidade também está nas atribuições das quais se fica feliz por ser encarregado. Os espíritos puros são os messias ou mensageiros de Deus para a transmissão e execução de suas vontades; eles realizam as grandes missões, presidem a formação dos mundos e a harmonia geral do Universo, tarefa gloriosa a qual só se chega pela perfeição. Os espíritos de ordem mais elevada são os únicos que participam dos segredos de Deus, inspirando-se no seu pensamento do qual são os representantes diretos.

13. As atribuições dos espíritos são proporcionais ao seu adiantamento, aos conhecimentos que possuem, às suas aptidões, à sua experiência e ao grau de confiança que inspiram ao soberano Mestre. Não há privilégios, não há favores que não sejam o prêmio do mérito: tudo é julgado sob a mais estrita justiça. As missões mais importantes são confiadas apenas àqueles que Deus sabe que estão aptos a realizá-las e que são incapazes de falhar no seu cumprimento ou de comprometê-las. Enquanto que, sob as próprias vistas de Deus, os mais dignos compõem o conselho supremo, aos chefes superiores é consagrada a direção dos turbilhões planetários; a outros é conferida a direção de mundos especiais. A seguir vêm, na ordem de adiantamento e de subordinação hierárquica, as atribuições mais restritas daqueles que são encarregados do desenvolvimento dos povos, da proteção das famílias e dos indivíduos, do impulso de cada ramo do progresso, das diversas operações da natureza até os mais ínfimos detalhes da criação. Nesse vasto e harmonioso conjunto, existem ocupações para todas as capacidades, todas as aptidões, todas as boas vontades; ocupações aceitas com alegria, solicitadas com ardor, porque é um meio de adiantamento para os espíritos que têm o desejo de se elevar.

A encarnação é inerente à inferioridade dos espíritos; ela deixa de ser necessária para aqueles que lhe superaram os limites e que progredem no estado espiritual, ou nas existências corporais de mundos superiores que nada mais têm da materialidade terrestre. Com relação a estes espíritos a encarnação é voluntária, tendo por objetivo exercerem uma ação mais direta sobre os encarnados, para o cumprimento da missão da qual estão encarregados junto aos mesmos. Por dedicação, eles aceitam as vicissitudes e os sofrimentos.¹⁶

14. Ao lado das grandes missões confiadas aos espíritos superiores, existem as de todos os graus de importância, concedidas aos espíritos de todas as ordens; de onde se pode dizer que cada encarnado tem a sua missão, quer dizer, tem deveres a cumprir para o bem de seus semelhantes, desde o pai de família, a quem cabe o cuidado de fazer progredir seus filhos, até o homem genial que lança novos elementos de progresso na sociedade. É nessas missões secundárias que

¹⁶ Na 4ª edição este parágrafo é o último do item 9. (N.T.)

se encontram freqüentemente fraquezas, prevaricações, renúncias, mas que prejudicam apenas o indivíduo e não o conjunto.

15. Todas as inteligências, portanto, concorrem para a obra geral, em qualquer grau a que tenham chegado, e cada uma na medida de suas forças; umas no estado de encarnação, outras no estado de espírito. Atividade em toda parte, desde a base até o alto da escala, todos se instruindo, ajudando-se, apoiando-se mutuamente, dando-se as mãos para alcançarem a perfeição.

Assim se estabelece a solidariedade entre o mundo espiritual e o mundo corporal ou, dizendo de outra forma, entre os homens e os espíritos, entre os espíritos livres e os espíritos cativos. Assim se perpetuam e se consolidam, pela depuração e continuidade das relações, as simpatias verdadeiras, as puras afeições.

Em toda parte, portanto, vida e movimento; nenhum canto do infinito que não seja povoado; nenhuma região que não seja incessantemente percorrida por inumeráveis legiões de seres radiosos, invisíveis para os rudes sentidos dos encarnados, mas cuja visão extasia de admiração e alegria as almas libertas da matéria. Em todo lugar, enfim, existe uma felicidade relativa por todos os progressos, por todos os deveres cumpridos; cada um leva em si os elementos da sua felicidade, por causa da categoria em que seu grau de adiantamento o coloca.

A felicidade está ligada às próprias qualidades dos indivíduos e não ao estado material do meio em que se encontram; portanto, ela está em toda parte onde existem espíritos capazes de ser felizes; nenhum lugar circunscrito está assinalado para a felicidade no Universo. Em qualquer lugar que se encontrem, os espíritos puros podem contemplar a majestade divina, porque Deus está em toda a parte.

16. No entanto, a felicidade não é pessoal; se a possuíssemos apenas em nós mesmos, se não a pudéssemos repartir com os outros, ela seria egoísta e triste; a felicidade também está na comunhão de pensamentos que une os seres simpáticos. Os espíritos felizes, atraídos uns em direção aos outros pela identidade de idéias, de gostos, de sentimentos, formam grandes grupos ou famílias homogêneas, no meio das quais cada individualidade irradia suas próprias qualidades e é impregnada pelos eflúvios serenos e benéficos que emanam do conjunto, cujos membros, ora se dispersam para se ocuparem de suas missões, ora se reúnem em um ponto qualquer do Espaço para comunicarem o resultado de seus trabalhos, ora se reúnem em torno de um espírito de ordem mais elevada para receber suas advertências e suas instruções.

17. Ainda que os espíritos estejam por toda a parte, os mundos são, de preferência, o centro onde se reúnem, por causa da semelhança que existe entre eles e aqueles que os habitam. Em torno dos mundos adiantados existem, em grande quantidade, espíritos superiores; em torno dos mundos atrasados pululam os espíritos inferiores. A Terra ainda é um destes últimos. Portanto, cada globo tem, de alguma forma, sua própria população de espíritos encarnados e desencarnados, que se abastece em sua maior parte pela encarnação e desencarnação dos mesmos espíritos. Essa população é mais estável nos mundos inferiores onde

os espíritos são mais ligados à matéria, e mais fluante nos mundos superiores. Porém, dos mundos centros de luz e de felicidade, os espíritos se deslocam em direção aos mundos inferiores para neles semear os germes do progresso, levar a consolação e a esperança, reerguer a coragem abatida pelas provas da vida, e, por vezes, neles encarnarem para que possam realizar sua missão com mais eficiência.

18. Nessa vastidão sem limites, onde, então, está o céu? Ele está por toda parte; nenhuma muralha lhe serve de limite; os mundos felizes são as últimas estações que a ele conduzem; as virtudes lhe abrem o caminho, os vícios lhe interdita o acesso.

Diante desse quadro grandioso que povoa todos os cantos do Universo, que dá a todas as coisas da criação um objetivo e uma razão de ser, como é pequena e mesquinha a doutrina que circunscreve a humanidade sobre um imperceptível ponto do espaço, que nos mostra essa humanidade começando em um dado momento para, igualmente, um dia acabar, junto com o mundo que a conduz, não abrangendo assim mais que um minuto na eternidade! Como essa doutrina é triste, fria e glacial, quando nos mostra o resto do Universo, antes, durante e após a humanidade terrestre, sem vida, sem movimento, como um imenso deserto mergulhado no silêncio! Como é desesperadora, pelo quadro que faz do pequeno número de eleitos votados à contemplação perpétua, enquanto que a maioria das criaturas está condenada a sofrimentos sem fim! Como é aflitiva para os corações que amam, pela barreira que coloca entre os mortos e os vivos! As almas felizes, assim dizem, só pensam na sua felicidade; as que são infelizes, nas suas dores. É de admirar que o egoísmo reine sobre a Terra quando ele é mostrado no céu? Quanto, nesse caso, é pequena a idéia que ela oferece da grandeza, do poder e da bondade de Deus!

Quanto, ao contrário, é sublime a idéia que o Espiritismo nos dá! Quanto a sua doutrina engrandece, alarga os pensamentos! Mas, quem diz que ela é verdadeira? Em primeiro lugar, a razão; a seguir, a revelação; depois, sua concordância com o progresso da Ciência. Entre duas doutrinas das quais uma diminui e a outra amplia os atributos de Deus, uma está em desacordo e a outra em harmonia com o progresso; uma fica para trás e a outra caminha para a frente; o bom senso diz de qual lado está a verdade. Que em presença das duas, cada um, em seu íntimo, interroge suas aspirações, e uma voz interior lhe responderá. As aspirações são a voz de Deus, que não pode enganar os homens.

17. Mas, então, por que Deus não lhes revelou toda a verdade desde o princípio? Pela mesma razão por que não se ensina à infância o que se ensina aos de idade madura.

A revelação limitada foi suficiente durante um certo período da humanidade: Deus a proporciona às forças do espírito. Aqueles que hoje recebem uma revelação mais completa são os mesmos espíritos que, em outros tempos, dela já receberam uma parcela, mas que, desde então, cresceram em inteligência.

Antes que a Ciência houvesse revelado aos homens as forças vivas da natureza, a constituição dos astros, o verdadeiro papel e a formação da Terra, teriam eles compreendido a imensidão do Espaço, a pluralidade dos mundos? Antes que a Geologia provasse a formação da Terra, teriam podido desalojar o inferno do seu interior, e compreender o sentido alegórico dos seis dias da criação? Antes que a Astronomia houvesse descoberto as leis que regem o Universo, teriam podido compreender que não existe nem alto nem baixo no Espaço, que o céu não está limitado pelas estrelas? Antes dos progressos da ciência psicológica, teriam podido se identificar com a vida espiritual? Conceber, após a morte, uma vida feliz ou infeliz, diferente daquela em um lugar delimitado e sob uma forma material? Não; compreendendo mais pelos sentidos do que pelo pensamento, o Universo era muito grande para o seu cérebro; era necessário reduzi-lo a proporções menores para conciliá-lo com o seu ponto de vista, sob a condição de aumentá-lo mais tarde. Uma revelação parcial tinha sua utilidade; naquela época ela era sábia, hoje é insuficiente. O erro está naqueles que, não percebendo o progresso das idéias, crêem poder governar os homens maduros com os mesmos limites da infância. (Ver em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, o cap. III.)



Capítulo IV

O inferno¹⁷

- **Intuição das penas futuras**
- **O inferno cristão imitado do inferno pagão**
- **Os limbos**

Intuição das penas futuras

1. Em todos os tempos o homem acreditou, por intuição, que a vida futura devia ser feliz ou infeliz, em decorrência do bem e do mal que se faz neste mundo; porém, a idéia que ele concebe dessa vida está em relação com o desenvolvimento do seu senso moral, e com as noções mais ou menos justas que ele possui do bem e do mal; as penas e as recompensas são o reflexo dos instintos que nele predominam.

É assim que os povos guerreiros colocam a sua suprema felicidade nas honras prestadas à bravura; os povos caçadores, na abundância da caça; os povos sensuais, nas delícias da volúpia. Enquanto o homem está dominado pela matéria, só imperfeitamente compreende a espiritualidade, eis por que ele faz das penas e dos prazeres futuros um quadro mais material que espiritual; ele imagina que se deve beber e comer no outro mundo mais do que sobre a Terra, e coisas melhores.¹⁸ Mais tarde encontra-se, nas crenças referentes à vida futura, uma mistura de espiritualidade e de materialidade; ao lado da beatitude contemplativa, ele coloca um inferno com torturas físicas.

2. O homem primitivo, não podendo conceber senão o que via, naturalmente modelou seu futuro pelo seu presente; para compreender outros tipos, além daqueles que tinha sob seus olhos, faltava-lhe um desenvolvimento intelectual que só com o tempo deveria se realizar. Assim, o quadro que ele fez dos sofrimentos da vida futura é apenas o reflexo dos males da humanidade, porém em maior proporção; nesse quadro reuniu todas as torturas, todos os suplícios, todas as aflições que encontrou sobre a Terra; é assim que, nos climas quentes, ele imaginou um inferno de fogo, e nas regiões boreais, um inferno de gelo.¹⁹ Não estando ainda desenvolvido o senso que mais tarde devia fazê-lo compreender o mundo espiritual, ele

¹⁷ No capítulo IV da 1ª edição consta somente o título "O Inferno"; os subtítulos pertencem à 4ª edição. (N.T.)

¹⁸ Um pequeno saboiano, a quem o seu vigário fazia um quadro sedutor da vida futura, pergunta-lhe se nela todo mundo comia pão branco, como em Paris. (N.A.)

¹⁹ Esta frase em Times New Roman pertence à 4ª edição. (N.T.)

só podia conceber penas materiais; eis por que, com algumas diferenças apenas de forma, o inferno de todas as religiões se assemelha.

O inferno cristão imitado do inferno pagão

3. O inferno dos pagãos, descrito e dramatizado pelos poetas, foi o mais grandioso modelo do gênero; ele se perpetuou no inferno dos cristãos que, ele também, teve seus cantores poéticos. Comparando-os, neles se encontra, salvo os nomes e algumas diferenças nos detalhes, numerosas analogias: tanto em um como no outro, o fogo material é a base dos tormentos, porque é o símbolo dos mais cruéis sofrimentos. Mas, coisa estranha! os cristãos têm, sobre muitos pontos, ido ainda mais longe que os pagãos. Se estes últimos tinham no seu inferno o tonel das Danaides,²⁰ a roda de Ixion,²¹ o rochedo de Sísifo,²² esses eram suplícios individuais; já o inferno cristão tem, para todos, as suas caldeiras ferventes das quais os anjos levantam as tampas para ver as contorções dos condenados;²³ Deus ouve, sem piedade, os seus gemidos durante a eternidade. Jamais os pagãos desprezaram os habitantes dos Campos Elisios²⁴ repassando seu olhar nos suplícios do Tártaro.²⁵

4. Como os pagãos, os cristãos têm o seu rei dos infernos, que é Satã, com a diferença de que Plutão²⁶ se limitava a governar o sombrio império que lhe coubera em partilha, mas ele não era mau; Plutão retinha em seu império aqueles que haviam praticado o mal porque essa era a sua missão, mas não procurava induzir os homens ao mal para se dar o prazer de fazê-los sofrer; enquanto que Satã recruta vítimas por toda a parte, vítimas que ele gosta de fazer atormentar por suas legiões de demônios armados de forcados²⁷ para sacudi-los no fogo. Tem-se mesmo discutido seriamente sobre a natureza desse fogo que queima sem cessar

²⁰ **Tonel das Danaides:** (mitologia grega), *Danaides* era o nome das 50 filhas de *Dâmaos*, (rei do Egito e mais tarde de Argos) que, com exceção de uma delas, mataram os esposos na noite de núpcias. Foram, por isso, condenadas, no Tártaro (região mais profunda dos infernos), a encher com água um tonel sem fundo. (N.T., segundo o *Dicionário Koogan Larousse*.)

²¹ **Roda de Ixion:** (mitologia grega), roda em chamas a qual *Ixion* foi amarrado e ficou girando eternamente. *Ixion*, rei dos lápitas, a quem *Zeus* (deus supremo dos gregos) concedera asilo no Olimpo (a residência dos deuses), foi condenado a esse castigo por ter desrespeitado *Hera* (esposa de *Zeus*). (N.T., segundo o *Dicionário Koogan Larousse*.)

²² **Rochedo de Sísifo:** (mitologia grega), *Sísifo*, rei de Corinto, era filho de *Éolo* (deus dos ventos), e um criminoso obstinado que, após sua morte, foi condenado, no inferno, a empurrar eternamente, encosta acima, uma enorme pedra que caía sempre antes de atingir o cume da montanha. (N.T., segundo o *Dicionário Koogan Larousse*.)

²³ Sermão proferido em Montpellier em 1860. (N.A.)

²⁴ **Campos Elisios:** (mitologia greco-romana), lugar de repouso e de felicidade eterna dos heróis e homens virtuosos, após a morte. (N.T., segundo o *Dicionário Koogan Larousse*.)

²⁵ "Os bem-aventurados, sem saírem do lugar que ocupam, dele sairão, no entanto, de uma certa forma, em razão do seu dom de inteligência e de visão distinta, a fim de considerarem as torturas dos condenados; e vendo-os, não somente *não sentirão nenhuma dor, mas serão cobertos de alegria*, e renderão graças a Deus por sua própria felicidade, assistindo à inefável calamidade dos ímpios." (S. Tomás de Aquino.) (N.A.)

²⁶ **Plutão:** (mitologia romana), rei dos Infernos e deus dos mortos, filho de *Saturno* e *Réia*, irmão de *Júpiter* e *Netuno*, esposo de *Prosérpina*. Foi identificado com o *Hades* grego. (N.T., segundo o *Dicionário Koogan Larousse*.)

²⁷ **Forcado:** instrumento de lavoura, constituído de uma haste que termina em duas ou três pontas do mesmo pau da haste ou então de ferro; garfo. (N.T.)

os condenados sem jamais consumi-los; tem-se perguntado se seria um fogo de betume ou de resina de pinheiro incendiada, mas tendeu-se para o betume.²⁸ O inferno cristão, portanto, não fica devendo nada ao inferno pagão.

5. As mesmas considerações que, entre os antigos, fizeram localizar a morada da felicidade, haviam também circunscrito o lugar dos suplícios. Os homens tinham colocado a primeira nas regiões superiores, era natural que colocassem o segundo nos lugares inferiores, isto é, no centro da Terra, ao qual se acreditava que certas cavidades sombrias e de aspecto terrível serviam de entrada. Foi ali também que os cristãos por muito tempo colocaram a morada dos condenados. A esse respeito, observemos ainda uma outra analogia.

O inferno dos pagãos possuía de um lado os Campos Elíseos e do outro o Tártaro; o Olimpo, morada dos deuses e dos homens divinizados, estava localizado nas regiões superiores. Segundo “a letra” do *Evangelho*, Jesus desceu aos infernos, quer dizer, aos “lugares baixos”, para dali tirar as almas dos justos que esperavam sua vinda. Os infernos não eram, portanto, um lugar unicamente de suplício; da mesma forma que entre os pagãos, eles estavam também nos “lugares baixos”. Assim como o Olimpo, a morada dos anjos e dos santos estava nos lugares elevados; ela havia sido colocada do outro lado do céu das estrelas, que se acreditava limitado.

6. Essa mistura de idéias pagãs e de idéias cristãs não tem nada que deva surpreender. Jesus não podia de uma só vez destruir as crenças enraizadas; se ele tivesse descrito as penas e os gozos futuros na sua realidade espiritual, não teria sido compreendido; aos homens faltavam os conhecimentos necessários para que concebessem o infinito do Espaço e o número infinito dos mundos; a Terra era para eles o centro do Universo; não conheciam a sua forma nem a estrutura interior; tudo estava, para eles, limitado ao seu ponto de vista: suas noções do futuro não podiam ir além dos seus conhecimentos. Jesus, portanto, encontrava-se na impossibilidade de iniciá-los no verdadeiro estado das coisas; mas, por outro lado, não querendo sancionar, com a sua autoridade, os preconceitos admitidos, ele se absteve, deixando ao tempo a tarefa de retificar as idéias. Jesus limitou-se a falar vagamente da vida bem-aventurada e dos sofrimentos que esperam os culpados; mas em ponto algum dos seus ensinamentos se encontra o quadro dos suplícios corporais dos quais os cristãos fizeram um artigo de fé.

Eis aí como as idéias do inferno pagão se perpetuaram até nossos dias. De tempos em tempos, é verdade, homens mais adiantados que o comum, consideraram muito as penas futuras sob um aspecto mais racional, porém eles não puderam triunfar sobre a ignorância e as crenças mantidas de propósito por interesses particulares. Foi necessária a difusão dos conhecimentos nos tempos modernos, e o desenvolvimento geral da inteligência humana para refutá-las. Mas então, como nada de positivo havia substituído as idéias recebidas, ao longo período de uma crença cega sucedeu, como transição, o período de incredulidade, ao

²⁸ Sermão proferido em Paris, em 1861. (N.A.)

qual a nova revelação veio pôr um fim. Era necessário demolir antes de reconstruir, porquanto é mais fácil fazer aqueles que em nada crêem aceitarem idéias justas, porque eles sentem que lhes falta alguma coisa, do que aqueles que têm uma fé inabalável aceitarem o que é absurdo.

As descobertas científicas desalojaram o inferno do centro da Terra, como baniram o céu empíreo,²⁹ elas, porém, não destruíram a lei das penas e das recompensas, porque essa lei está de acordo com a justiça de Deus. Com o progresso das idéias, a crença simplesmente se modificou, em um sentido mais racional, sobre a natureza dessas penas e dessas recompensas. Então, perguntou-se em que lugar está o inferno, como se perguntou em que lugar está o céu. Durante um tempo a crença flutuou incerta sobre um ponto como sobre o outro. A moderna revelação vem hoje firmar a opinião a respeito do assunto mostrando-nos o estado daqueles que sofrem, assim como nos mostra o estado daqueles que são felizes.

Pelos exemplos que a revelação coloca sob os nossos olhos, ela nos ensina que a alma sofre no mundo invisível por todo o mal que fez, e por todo o bem que poderia ter feito e não fez durante sua vida terrestre; que a alma não é condenada a uma penalidade absoluta, uniforme e por um tempo determinado, mas que sofre as conseqüências naturais de todas as suas ações más, até que se tenha melhorado pelos esforços da sua vontade. Ela carrega em si mesma seu próprio castigo, e isso em todo lugar onde se encontre; por esse motivo não há necessidade de um lugar circunscrito. O inferno, portanto, está em toda parte onde existem almas sofredoras, como o céu está em toda parte onde existem almas felizes, o que não impede que umas e outras se agrupem, por analogia de posição, em volta de certos meios.

A alma sofre a pena das suas imperfeições no estado de espírito e no estado de encarnação; mas aquelas que são imperfeitas, sendo excluídas dos mundos felizes dos quais perturbavam a harmonia, são relegadas em mundos menos avançados psíquica e moralmente, onde expiam suas faltas pelas tribulações da vida, até que mereçam encarnar em mundos superiores. Se podemos conceber um inferno localizado, será nos mundos de expiação, porque é em torno desses mundos que pululam igualmente espíritos imperfeitos desencarnados, esperando uma nova existência que, permitindo-lhes reparar o mal que fizeram, ajudará no seu adiantamento.

7. Pela localização do céu e do inferno, as seitas cristãs foram conduzidas a admitir para as almas apenas duas situações extremas: a felicidade perfeita e o sofrimento absoluto. O purgatório é somente uma posição intermediária, momentânea, ao sair da qual as almas passam, sem transição, à morada dos bem-aventurados. Segundo a crença na fixação definitiva da sorte da alma após a morte, não poderia ser de outro modo. Se há somente duas moradas, a dos eleitos e a dos condenados, não se pode admitir a existência de vários graus em cada uma sem admitir a possibilidade de os transpor e, por conseqüência, o progresso; ora, se há

²⁹ **Céu empíreo:** céu supremo, habitado pelos deuses, segundo o paganismo. (N.T.)

progresso, não há sorte definitiva; se há sorte definitiva, não há progresso. Jesus resolveu a questão quando disse: *“Há muitas moradas na casa de meu Pai.”*³⁰

Os limbos

8. A Igreja admite, é verdade, uma posição especial em certos casos particulares. As crianças mortas com muito pouca idade, não tendo feito mal, não podem ser condenadas ao fogo eterno; por outro lado, não havendo feito o bem, não têm direito algum à felicidade suprema. Elas ficam então, diz a Igreja, nos limbos, situação mista que jamais foi definida e na qual, se não sofrem, também não desfrutam da perfeita felicidade. Mas, já que sua sorte está irrevogavelmente fixada, elas estão privadas dessa felicidade pela eternidade. Essa privação, já que não dependeu dessas almas que fosse de forma diferente, equivale a um suplício eterno imerecido. O mesmo ocorre com selvagens que, não tendo recebido a graça do batismo e os conhecimentos da religião, pecam por ignorância, abandonam-se aos seus instintos naturais, não podem ter nem a culpabilidade nem os méritos daqueles que puderam agir com conhecimento de causa para o seu adiantamento. A simples lógica repele semelhante doutrina em nome da justiça de Deus.

A justiça de Deus está integralmente nestas palavras do Cristo: *“A cada um segundo suas obras”*; mas é preciso entender essas palavras, são as obras, boas ou más, que se realizam livremente, voluntariamente, as únicas das quais se fica sujeito à responsabilidade, o que não é o caso nem da criança, nem do selvagem, nem daquele de quem não dependeu ser esclarecido.

A Doutrina Espírita nos ensina isto: não há uma só imperfeição da alma que não traga com ela suas conseqüências lamentáveis, inevitáveis, e nem uma só boa qualidade que não seja a fonte de um prazer: a soma das penas é assim proporcional à soma das imperfeições, da mesma forma que a soma dos prazeres é proporcional à soma das qualidades.

Daí resulta que a alma que tem dez imperfeições, por exemplo, sofre mais que aquela que só tem três ou quatro; mas quando, dessas dez imperfeições, restar a essa alma a quarta parte ou a metade, ela sofrerá menos, e no momento em que não lhe restar nenhuma, ela não sofrerá mais e será perfeitamente feliz. Da mesma forma que, na Terra, aquele que tem inúmeras doenças sofre mais que o que tem apenas uma, ou que não tem nenhuma.

Pela mesma razão, a alma que possui dez qualidades tem mais prazeres que a que tem menos. A conseqüência dessa Doutrina é que existem tantos graus, no estado feliz ou no infeliz das almas após a morte, quantas forem as qualidades boas ou más que elas possuam. Sendo permitido a todas as almas adquirirem o que lhes falta e se desfazerem daquilo que têm de mau, segundo seus esforços e sua vontade, daí resulta ainda que o futuro não está fechado para nenhuma. Deus

³⁰ Ver em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, o cap. III. (N.A.)

• João, XIV: 1 a 3. (N.T.)

não repudia nenhum dos seus filhos; ele os recebe em seu seio à medida que eles atingem a perfeição, deixando assim a cada um o mérito de suas obras.

A natureza das penas é objeto de um capítulo especial, aliás, ele resulta dos numerosos exemplos citados na segunda parte deste livro.



Capítulo V³¹

Quadro comparativo do inferno pagão e do inferno cristão

1º) Inferno pagão

9. Quase não conhecemos o inferno pagão a não ser pela narração dos poetas; Homero³² e Virgílio³³ deram a descrição mais completa, mas é preciso levar em consideração as necessidades que a poesia impõe à forma. A descrição de Fénelon,³⁴ em seu *Telêmaco*, ainda que retirada da mesma fonte quanto às crenças fundamentais, possui a simplicidade mais concisa da prosa. Descrevendo o aspecto lúgubre dos lugares, ele se dedica principalmente a fazer realçar o gênero de sofrimentos que os culpados suportam, e se estende muito sobre a sorte dos maus reis, considerando a instrução do seu real aluno. Por muito popular que seja a sua obra, muitas pessoas não têm essa descrição muito presente na memória, ou não puderam refletir bastante sobre ela para estabelecer uma comparação; eis por que acreditamos ser útil reproduzir as partes que têm uma relação mais direta com o assunto que nos interessa, isto é, aquelas que dizem respeito mais especialmente à penalidade individual.

10. “Entrando, Telêmaco³⁵ ouve os gemidos de uma sombra que não podia se consolar. Qual é o vosso infortúnio? perguntou-lhe, quem fostes vós na Terra? Eu era Nabofarzan, respondeu-lhe a sombra, o rei da imponente Babilônia; todos os povos do Oriente tremiam só ao ouvir o meu nome; eu me fazia adorar pelos babilônios em um templo de mármore onde era representado por uma estátua de ouro diante da qual se queimavam noite e dia os preciosos perfumes da Etiópia; jamais pessoa alguma atreveu-se a me contradizer sem ser imediatamente punido; todos os dias inventavam-se novos prazeres para me tornar a vida mais deliciosa. Eu era então jovem e robusto; ai de mim! Quantos êxitos me restavam ainda para usufruir no trono! Porém, uma mulher que eu amava, mas que não me amava,

³¹ Na 4ª edição, aqui não é início de capítulo, constando apenas o título “Quadro do Inferno Pagão”. (N.T.)

³² **Homero:** poeta épico grego, do séc. IX a.C., considerado o autor da *Ilíada* e da *Odisseia*. (N.T.)

³³ **Virgílio:** Publio Virgilius Maro, o mais célebre dos poetas latinos, nasceu nas proximidades de Mântua em 71 a.C., e morreu em Brindes em 19 a.C., autor das *Bucólicas*, das *Geórgicas* e da *Eneida*, sendo que esta ele não terminou por ter falecido. (N.T.)

³⁴ **Fénelon** (François de Salignac de La Mothe,): prelado e escritor francês (Périgord, 1651 — Cambrai, 1715); escreveu: *Tratado da Educação das Moças*, *Fábulas*, *Diálogo dos Mortos* e *As Aventuras de Telêmaco*. (N.T.)

³⁵ **Telêmaco:** (mitologia grega), filho de *Penélope* e de *Ulisses*, este foi rei de Itaca, uma das ilhas situadas ao longo da costa oeste da Grécia. (N.T.)

fez-me sentir que eu não era Deus: ela me envenenou; eu não sou mais nada. Ontem colocaram, com pompa, minhas cinzas em uma urna de ouro; choraram, arrancaram os cabelos, fizeram parecer que queriam se atirar nas chamas da minha fogueira para morrerem comigo; ainda vão se lamentar junto ao majestoso túmulo onde puseram minhas cinzas, mas ninguém me lastima; minha memória causa aversão à minha família e, neste mundo, eu já sofro horríveis tratamentos.

Telêmaco, sensibilizado com essa cena, lhe diz: 'Durante o vosso reinado, éreis verdadeiramente feliz? Sentíeis essa doce paz sem a qual o coração permanece sempre apertado e abatido no meio das delícias?' Não, respondeu o babilônio, nem mesmo sei o que vós quereis dizer. Os sábios louvam essa paz como o único bem: por mim, jamais a senti; meu coração era incessantemente agitado por novos desejos, receio e esperança. Tratava-se de distrair a mim mesmo com a comoração das minhas paixões; tinha o cuidado de conservar essa embriaguez para torná-la contínua: o menor intervalo de razão tranqüila teria sido muito amargo para mim. Eis a paz da qual desfrutei, qualquer outra me parecia uma fábula e um sonho; eis os bens que eu lamento.

Falando assim, o babilônio chorava como um homem covarde, enfraquecido pela prosperidade, e que não estava acostumado a suportar, corajosamente, um sofrimento. Havia junto dele alguns escravos que foram mortos para honrar seus funerais; Mercúrio³⁶ os entregara a Caronte³⁷ com seu rei, dando-lhes um poder absoluto sobre esse rei a quem eles haviam servido na Terra. Essas sombras de escravos não temiam a sombra de Nabofarzan; elas o tinham acorrentado e lhe faziam as mais cruéis indignidades. Uma lhe dizia: 'Não fomos homens assim como tu? Como foste tão insensato para acreditares que eras um deus, não te convinha lembrar que eras da raça dos outros homens?' Uma outra, para insultá-lo, falava: 'Tinhas razão em não querer que te considerassem um homem, porque tu eras um monstro sem humanidade.' Uma outra lhe dizia: 'Pois bem, onde estão agora os teus adutores? Não tens nada mais para dar, infeliz! Não podes mais fazer nenhum mal; aqui estás, transformado em escravo dos teus escravos; os deuses são lentos para fazer justiça, mas por fim eles a fazem.'

A essas duras palavras, Nabofarzan lançou-se de rosto contra a terra, arrancando os cabelos num excesso de cólera e desespero. Mas Caronte dizia aos escravos: 'Arrastai-o por sua corrente, levantai-o contra a sua vontade; ele não terá nem a consolação de esconder sua vergonha; é preciso que todas as sombras do Estige³⁸ sejam testemunhas disso para justificar os deuses, que suportaram tanto tempo que esse ímpio reinasse sobre a Terra.'

³⁶ **Mercúrio:** (mitologia romana), deus romano do comércio, dos ladrões e dos viajantes, identificado com *Hermes*, dos gregos. Filho de *Júpiter* (pai e senhor dos deuses na mitologia latina e equivalente ao *Zeus* grego). (N.T.)

³⁷ **Caronte:** (mitologia grega), barqueiro do inferno que, em sua barca, levava de uma para a outra margem do Estige (rio do inferno) as almas dos mortos, em troca de um óbolo, condição para que elas não ficassem vagando 100 anos pela margem do rio. (N.T.)

³⁸ **Estige:** (mitologia grega), rio que contornava sete vezes o inferno e cujas águas tornavam invulnerável quem nelas se banhasse. (N.T.)

Logo percebeu, bem perto dele, o negro Tártaro;³⁹ dele saía uma fumaça escura e espessa; cujo odor infecto traria a morte se ele se espalhasse na morada dos vivos. Essa fumaça cobria um rio de fogo e turbilhões de chamas, cujo ruído, semelhante ao das torrentes mais impetuosas quando se arremessam dos mais altos rochedos no fundo dos abismos, fazia com que nada se ouvisse distintamente nesses tristes lugares.

Telêmaco, secretamente animado por Minerva,⁴⁰ entra sem receio nesse abismo. Primeiro ele viu um grande número de homens que tinham vivido nas mais baixas condições, e que eram punidos por haverem procurado riquezas por meio de fraudes, traições e crueldades. Ele observa muitos ímpios hipócritas que, fingindo amar a religião, dela se utilizaram como uma bela desculpa para contentar sua ambição e escarnecer dos homens crédulos; esses homens, que haviam abusado da própria virtude, ainda que ela seja o maior dom dos deuses, eram punidos como os mais criminosos de todos os homens. Os filhos que haviam degolado seus pais e suas mães, as esposas que molharam suas mãos no sangue de seus esposos, os traidores que entregaram sua pátria após terem violado todos os juramentos, sofreram penas menos cruéis que esses hipócritas. Os três juízes dos infernos assim o quiseram, e eis a sua razão: é que esses hipócritas não se contentam em ser maus como o resto dos ímpios; eles ainda querem passar por bons e fazem, por sua falsa virtude, com que os homens não se atrevam mais a confiar na verdadeira. Os deuses dos quais zombaram, e que eles tornaram desprezíveis para os homens, têm prazer em empregar todo o seu poder para se vingarem dos seus insultos.

Perto destes aparecem outros homens que o povo não crê culpados e que a vingança divina persegue impiedosamente: são os ingratos, os mentirosos, os adutores que louvaram o vício, os críticos malignos que trataram de desonrar a mais pura virtude; enfim, aqueles que julgaram as coisas temerariamente, sem conhecê-las a fundo, e que por isso danificaram a reputação de inocentes.

Telêmaco, vendo os três juízes que estavam sentados e que condenavam um homem, atreveu-se a lhes perguntar quais eram os seus crimes. Imediatamente o condenado, tomando a palavra, exclama: 'Eu nunca fiz nenhum mal; eu punha todo o meu prazer em fazer o bem; fui generoso, liberal, justo, compassivo; o que se pode, pois, censurar em mim?' Então, Minos⁴¹ lhe disse: 'Nenhuma censura te é feita em relação aos homens; mas tu não devias menos aos homens do que aos deuses? Qual é, portanto, essa justiça da qual tu te vanglorias? Tu não faltaste com nenhum dever com respeito aos homens, que não são nada; tu foste virtuoso, mas rendeste toda a virtude a ti mesmo, e não aos deuses, que deram-na a ti, porquanto tu querias te aproveitar do fruto da tua própria virtude e te concentrares em ti mesmo: foste a tua divindade. Porém, os deuses, que tudo fizeram e que nada fazem a não

³⁹ **Tártaro:** (mitologia grega), a região mais profunda do inferno. (N.T.)

⁴⁰ **Minerva:** deusa latina da sabedoria e dos artesãos, assimilada pelos romanos à *Athena* dos gregos. (N.T.)

⁴¹ **Minos:** (mitologia grega), rei lendário de Creta (antiga Cândia, ilha grega do Mediterrâneo), filho de *Europa* e de *Zeus*. Era juiz do inferno com *Éaco* e *Radamanto*. (N.T.)

ser para eles mesmos, não podem renunciar aos seus direitos; tu os esqueceste, eles te esquecerão; eles te entregarão a ti mesmo, porque quiseste pertencer a ti e não a eles. Portanto, busca agora, se podes, tua consolação em teu próprio coração. Eis-te para sempre separado dos homens aos quais quiseste agradar; eis-te só contigo, que eras teu ídolo; aprende que não existe verdadeira virtude sem o respeito e o amor dos deuses, a quem tudo é devido. A tua falsa virtude, que por muito tempo fascinou os homens fáceis de iludir, vai ser destruída. Os homens, julgando os vícios e as virtudes apenas pelo que os choca ou lhes convém, são cegos sobre o bem e o mal. Aqui uma luz divina derruba todos os julgamentos superficiais; muitas vezes condena o que eles admiram e outras justifica o que eles condenam.'

A essas palavras, o filósofo, como que atingido por uma desgraça imprevista, não podia suportar a si mesmo. A satisfação que tivera outrora em contemplar sua moderação, sua coragem e suas inclinações generosas, transformara-se em desespero. A visão do próprio coração, inimigo dos deuses, transforma-se em seu suplício; ele se vê e não pode deixar de se ver; vê a vaidade dos julgamentos dos homens, aos quais quis agradar em todas as suas ações. Ele faz uma revolução universal de tudo o que está dentro de si, como se todas as suas entranhas fossem revolvidas; não se acha mais o mesmo; falta-lhe todo apoio no coração; sua consciência, cujo testemunho lhe fora tão benigno, levanta-se contra ele e lhe reprova amargamente o desvio e a ilusão de todas as suas virtudes, que não tiveram a divindade por princípio e por razão de ser; ele está perturbado, consternado, cheio de vergonha, de remorsos e de desespero. As Fúrias⁴² não o atormentam porque é suficiente estar entregue a si mesmo, e que seu próprio coração vingue os deuses desprezados.

Não podendo esconder-se de si mesmo, busca os mais sombrios lugares para ocultar-se dos outros mortos. Procura as trevas e não pode encontrá-las; uma luz importuna o segue por toda a parte; os raios penetrantes da verdade vão, por toda a parte, vingar a verdade que ela descuidou-se de seguir. Tudo o que amou torna-se odioso para ele, como sendo a fonte dos seus males, que jamais podem acabar. E diz para si mesmo: 'Ó insensato! Pois não conheci nem os deuses, nem os homens, nem a mim! Não, não conheci nada, porquanto nunca amei o único e verdadeiro bem; todos os meus passos foram extraviados; minha sabedoria foi apenas loucura; minha virtude, somente orgulho impiedoso e cego; eu era, eu mesmo, o meu ídolo.'

Por fim, Telêmaco notou os reis que eram condenados por abusarem do poder. De um lado uma Fúria vingadora apresentava-lhes um espelho que lhes mostrava toda a deformidade dos seus vícios; nele eles viam, e não podiam abster-se de ver, sua vaidade grosseira, e ansiando pelos mais ridículos louvores; sua indiferença

⁴² **Fúrias** ou **Eríneas** ou **Emênides**: (mitologia grega), deusas da vingança, que os romanos chamavam *Fúrias*. Eram três: *Alecto*, *Tisífone* e *Megera*, e tinham por missão punir os crimes dos homens. Apareciam representadas com os cabelos enleados por serpentes, levando numa das mãos uma tocha e na outra um punhal. (N.T.)

para com os homens, dos quais eles deveriam ter feito a felicidade; sua insensibilidade pela virtude; seu medo de ouvir a verdade; sua inclinação para os homens fracos e adúladores; sua falta de atenção; sua moleza; sua indolência; sua desconfiança descabida; seu fausto e sua excessiva magnificência fundada sobre a ruína dos povos; sua ambição para comprar um pouco de glórias vãs com o sangue de seus cidadãos; enfim, a sua crueldade, que procura a cada dia novas delícias entre as lágrimas e o desespero de tantos infelizes. Esses reis se vêem incessantemente nesse espelho; eles se acham mais horríveis e mais monstruosos que a Quimera,⁴³ vencida por Belerofonte;⁴⁴ que a Hidra de Lerna,⁴⁵ abatida por Hércules, que o próprio Cérbero,⁴⁶ ainda que vomite por suas três goelas abertas um sangue negro e venenoso que é capaz de infectar toda a raça dos mortais vivendo sobre a Terra.

Ao mesmo tempo, de outro lado, uma outra Fúria lhes repetia com insultos todos os louvores que seus louvadores lhes haviam dispensado durante sua vida, e lhes apresentava um outro espelho, onde eles se viam tais como a lisonja os havia descrito. A oposição dessas duas imagens tão contrárias eram o suplício da sua vaidade. Observava-se que os piores entre esses reis eram aqueles que haviam recebido os mais magníficos louvores durante sua vida, porque os maus são mais temidos que os bons, e porque exigem, sem pudor, as desprezíveis adulações dos poetas e dos oradores do seu tempo.

Ouvem-se os seus gemidos nessas profundas trevas onde vêem apenas os insultos e as zombarias que devem sofrer. Não têm nada à sua volta que não os rejeite, que não os conteste, que não os confunda, ao passo que, na Terra, eles escarneciam da vida dos homens, e exigiam que tudo fosse feito para servi-los. No Tártaro, estão entregues a todos os caprichos de certos escravos que, por sua vez, fazem com que os reis experimentem uma cruel servidão; eles servem com dor, e não lhes resta nenhuma esperança de poderem amenizar seu cativeiro em tempo nenhum. Estão sob os golpes desses escravos, transformados em seus tiranos impiedosos, como uma bigorna está sob os golpes dos martelos dos Ciclopes,⁴⁷ quando Vulcano⁴⁸ os apressava a trabalhar nas fornalhas ardentes do Monte Etna.⁴⁹

⁴³ **Quimera:** (mitologia grega), monstro fabuloso cujo corpo era metade leão, metade cabra; tinha cauda de dragão e vomitava chamas. Foi morto por *Belerofonte*. (N.T.)

⁴⁴ **Belerofonte:** herói mitológico grego, montado no cavalo Pégaso (cavalo alado que se tornou o símbolo da inspiração poética) realizou grandes proezas, entre elas matar *Quimera*. *Belerofonte* era filho de *Posêidon*, deus dos mares, que morava em um palácio no fundo do mar. (N.T.)

⁴⁵ **Hidra de Lerna:** (mitologia grega), serpente de sete cabeças do pântano de Lerna, na Argólida. Suas cabeças renasciam se não fossem cortadas de uma só vez. Foi morta por *Hércules* (semideus romano, filho de *Júpiter* e *Alcmena*). (N.T.)

⁴⁶ **Cérbero:** (mitologia grega), cão monstruoso de três cabeças, guardião do inferno. (N.T.)

⁴⁷ **Ciclopes:** (mitologia grega), gigantes ferreiros que tinham um único olho no meio da testa e que habitavam sob o Monte Etna. (N.T.)

⁴⁸ **Vulcano:** deus romano do fogo e dos trabalhos em metais, era filho de *Júpiter* e de *Juno* (deusa do casamento). (N.T.)

⁴⁹ **Monte Etna:** local onde está situado o *Etna*, vulcão ativo do nordeste da Sicília, ilha italiana no Mar Mediterrâneo. (N.T.)

Ali, Telêmaco notou rostos pálidos, feios e desolados. É uma tristeza lúgubre que ronda esses criminosos; eles têm horror de si mesmos, e não podem se livrar desse horror, como também não podem da sua própria natureza; não têm necessidade de outra punição para seus erros, senão as suas próprias faltas; eles as vêem incessantemente em toda a sua extensão; elas se apresentam a eles como espectros horríveis que os perseguem. Para se livrarem delas, procuram uma morte mais potente que aquela que os separou de seus corpos. No desespero em que se encontram, chamam em seu socorro por uma morte que possa extinguir todo o sentimento, o conhecimento de si mesmos. Suplicam aos abismos para engoli-los, a fim de se ocultarem dos raios vingadores da verdade que os perseguem; porém, eles estão reservados à vingança que, gota a gota, destila sobre eles e que jamais seará. A verdade, que eles têm medo de ver, faz o seu suplício; eles a vêem, e não têm olhos a não ser para vê-la levantar-se contra eles: sua visão os aflige, os atormenta, arranca-os de si mesmos; ela é como o raio, sem nada destruir ao redor, penetra até o fundo das entranhas. Semelhante a um metal em uma fornalha ardente, a alma é como que fundida por esse fogo vingador; ele não deixa nenhuma consistência, e não consome nada; ele dissolve até os primeiros princípios da vida, e não se pode morrer! De si mesmo se é separado, não se pode mais encontrar nem apoio nem repouso por um só instante; não se vive mais senão pela raiva que se tem de si próprio, e por uma perda de toda esperança, que faz ficar obstinado.

Entre as causas que faziam os cabelos de Telêmaco ficarem em pé sobre sua cabeça, ele viu muitos antigos reis da Lídia⁵⁰ que foram punidos por terem preferido as delícias de uma vida insensível ao trabalho pela consolação dos povos, que deve ser inseparável da realeza.

Esses reis censuravam uns aos outros a sua cegueira. Um dizia a outro, que fora seu filho: 'Não vos recomendei várias vezes, durante minha velhice e antes da minha morte, para reparar os males que eu havia cometido por minha negligência?' — 'Ah! infeliz pai! dizia o filho, fostes vós que me perdestes! Vosso exemplo é que me inspirou o fausto, o orgulho, a volúpia e a insensibilidade para com os homens! Vendo-vos reinar com tanta indolência e cercado de aduladores desprezíveis, eu me acostumei a amar a lisonja e os prazeres. Acreditei que o resto dos homens era, aos olhos dos reis, o que os cavalos e outros animais de carga são aos olhos dos homens, isto é, animais aos quais só se considera enquanto prestam serviços e dão comodidades. Eu acreditei... fostes vós que me fizestes acreditar, e agora sofro tantos males por vos haver imitado.' A essas censuras acrescentavam as mais terríveis maldições, e pareciam cheios de furor para se ferirem mutuamente.

Em torno desses reis ainda esvoaçavam, como mochos⁵¹ durante a noite, as cruéis suspeitas, os alarmes vãoos, as desconfiças que vingam os povos da insensibilidade de seus reis, a fome insaciável de riquezas, a falsa glória sempre

⁵⁰ **Lídia:** antiga região da Ásia menor, no Mar Egeu, entre a Mísia e a Cária. (N.T.)

⁵¹ **Mochos:** designação vulgar dada às corujas. (N.T.)

tirânica e a indolência covarde que redobra todos os males que se sofre, sem nunca poder dar sólidos prazeres.

Viam-se vários desses reis severamente punidos, não pelos males que haviam feito, mas por terem negligenciado o bem que deveriam fazer. Todos os crimes dos povos, oriundos da negligência com que se faz observar as leis, eram atribuídos aos reis, que devem governar somente a fim de que as leis reinem pela sua intervenção. Também se atribuíam aos reis todas as desordens que vinham do fausto, do luxo e de todos os outros excessos que lançam os homens em um estado de violência e na tentação de menosprezar as leis para adquirirem bens. Tratava-se rigorosamente sobretudo aos reis que, em lugar de serem bons e vigilantes pastores dos povos, tinham sonhado apenas em destruir o rebanho, como os lobos devoradores.

Porém, o que mais entristeceu Telêmaco foi ver, nesse abismo de trevas e de sofrimentos, um grande número de reis que, tendo passado na Terra por reis muito bons, tinham sido condenados às penas do Tártaro por se deixarem governar por homens maus e ardilosos. Eram punidos pelos males que haviam deixado fazer com a sua autoridade. Além disso, a maioria desses reis não tinha sido nem boa nem má, tão grande fora a sua fraqueza; eles nunca temeram por não conhecer a verdade; nunca sentiram o gosto da virtude, nem puseram o seu prazer na prática do bem.”

2ª) Inferno cristão⁵²

11. A opinião dos teólogos sobre o inferno está resumida nas citações a seguir. Essa descrição, sendo tirada dos autores sacros e da vida dos santos, pode ainda ser melhor considerada como a expressão da fé ortodoxa nessa matéria, porquanto é, a cada instante, reproduzida, com algumas variantes consideradas pequenas, nos sermões do púlpito evangélico e nas instruções pastorais.⁵³

12. “Os demônios são puros espíritos, e os condenados, presentemente no inferno, também podem ser considerados como puros espíritos, porque só sua alma ali desceu; suas ossadas, restituídas ao pó, transformam-se incessantemente em ervas, em plantas, em frutos, em minerais, em líquidos, sofrendo, sem o saber, as contínuas metamorfoses da matéria. Mas os condenados, como os santos, devem ressuscitar no último dia, e retomar, para não deixá-lo mais, um corpo carnal, o mesmo corpo sob o qual eles foram conhecidos entre os vivos. O que irá distingui-los uns dos outros, é que os eleitos ressuscitarão em um corpo purificado e resplandecente, e os condenados, em um corpo sujo e deformado pelo pecado. Portanto, não haverá no inferno somente puros espíritos, haverá homens assim como nós. O inferno é, por consequência, um lugar físico, geográfico, material, uma vez que será povoado por criaturas terrestres, tendo pés, mãos, boca, língua, dentes, ouvidos, olhos semelhantes aos nossos, sangue nas veias e nervos sensíveis à dor.

⁵² Na 4ª edição, neste local, consta o título: “Quadro do inferno cristão”. (N.T.)

⁵³ Essas citações foram tiradas da obra intitulada *O Inferno*, escrita por Auguste Callet. (N.A.)

Onde está situado o inferno? Alguns doutores o colocaram no próprio interior da nossa Terra; outros, em não sei qual planeta; mas a questão não foi decidida por nenhum concílio. Portanto, sobre esse ponto, estamos reduzidos a conjecturas; a única coisa que se afirma é que o inferno, em qualquer lugar em que esteja situado, é um mundo composto de elementos materiais, mas um mundo sem Sol, sem Lua, sem estrelas, e mais triste, mais inóspito, mais desprovido de todo germe e de toda aparência do bem do que as partes mais inabitáveis deste mundo em que pecamos.

Os teólogos ponderados não se aventuram a descrever, como os egípcios, os hindus e os gregos, todos os horrores dessa morada; eles se limitam a apresentar, como amostra, o pouco que as *Escrituras* dela descrevem, o pântano de fogo e de enxofre do *Apocalipse*,⁵⁴ e os vermes de *Isaias*,⁵⁵ esses vermes formigando eternamente sobre os cadáveres do Tofel, e os demônios atormentando os homens que eles corromperam, e os homens chorando e rangendo os dentes, de acordo com as palavras dos evangelistas.

Santo Agostinho não concorda que essas penas físicas sejam simples imagens das penas morais; ele vê, em um verdadeiro lago de enxofre, vermes e serpentes verdadeiras se encarniçando sobre todas as partes dos corpos dos condenados, juntando suas mordidas às do fogo. Ele pretende, de acordo com um versículo de *Marcos*, que esse fogo estranho, ainda que material como o nosso e agindo sobre corpos materiais, os conservará como o Sol conserva a carne das vítimas. Mas os condenados, vítimas sempre sacrificadas e sempre vivas, sentirão a dor desse fogo que queima sem destruir; ele penetrará sob sua pele; ficarão embebidos e saturados dele em todos os seus membros, e na medula de seus ossos, e na pupila de seus olhos, e nas fibras mais ocultas e mais sensíveis do seu ser. A cratera de um vulcão, se pudessem nela mergulhar, seria para eles um lugar refrigerante e de repouso.

Assim falam, com toda segurança, os teólogos mais tímidos, mais discretos, mais reservados; não negam, aliás, que haja no inferno outros suplícios corporais; dizem somente que, para falar disso, não têm um conhecimento suficiente, tão positivo, pelo menos, quanto o que lhes foi dado sobre o horrível suplício do fogo e do repugnante suplício dos vermes. Mas existem teólogos mais audaciosos ou mais esclarecidos que fazem descrições mais detalhadas, mais variadas e mais completas do inferno; e, ainda que não se saiba em que lugar do Espaço esse inferno está situado, há santos que o viram. Eles não foram para lá com a lira na mão, como Orfeu,⁵⁶ nem empunhando a espada,

⁵⁴ *Apocalipse*, do Apóstolo João, é o último livro de *O Novo Testamento*. (N.T.)

⁵⁵ *Isaias*, XIV: 11 e LXVI: 18. (N.T.)

⁵⁶ **Orfeu**: célebre poeta grego, cantava e tocava lira com tal perfeição que até as feras se aquietavam e vinham deitar-se aos seus pés. Tendo *Euridice*, sua mulher, morrido com a picada de uma serpente no dia do seu casamento, *Orfeu* desceu ao inferno para ir buscá-la e conseguiu, com o seu belo canto e o som da lira, que as divindades infernais lhe permitissem levá-la, sob a condição de não olhar para trás enquanto não transpusesse os limites do inferno. Não resistindo à sua impaciência, voltou-se, para ver se *Euridice* o seguia e, nesse mesmo instante, ela desapareceu, sendo *Orfeu* fulminado por *Zeus*. (N.T.)

como Ulisses;⁵⁷ eles foram transportados em espírito. Santa Teresa⁵⁸ está entre esse número.

Parece, de acordo com a narrativa da santa, que existem cidades no inferno; ela ali viu pelo menos uma espécie de rua longa e estreita, como as muitas que se vêem nas cidades antigas; entrou nela, caminhando com horror sobre um terreno lamacento, fétido, onde fervilhavam monstruosos répteis; mas foi detida em sua marcha por uma muralha que obstruía a rua; nessa muralha havia um nicho onde Teresa se acorou, sem saber como isso aconteceu. Era, disse ela, o lugar que lhe estava destinado se ela abusasse, durante sua vida, das graças que Deus derramava sobre sua cela em Ávila. Ainda que tivesse se introduzido com uma facilidade maravilhosa nesse nicho de pedra, ela, no entanto, não conseguia sentar-se, nem deitar-se, nem ficar de pé: muito menos ainda podia sair dali; essas horríveis muralhas, abaixando-se sobre ela, envolviam-na, apertavam-na, como se estivessem vivas. Parecia que a sufocavam, que a estrangulavam, e, ao mesmo tempo, que a esfolavam viva e a cortavam em pedaços. Teresa sentia-se queimar e experimentava, ao mesmo tempo, todos os tipos de angústias. Nenhuma esperança de socorro; em torno dela, apenas trevas, entretanto, através dessas trevas, ela ainda percebia, não sem espanto, a horrível rua onde estava alojada, e toda a sua imunda vizinhança, espetáculo para ela tão intolerável quanto os apertos da sua prisão.⁵⁹

Esse era, sem dúvida, apenas um pequeno recanto do inferno. Outros viajantes espirituais foram mais favorecidos. Viram no inferno grandes cidades todas em chamas: Babilônia, Nínive, a própria Roma, seus palácios e seus templos incendiados, todos os seus habitantes acorrentados; o traficante em seu balcão, os padres reunidos com cortesãos em salas de festins, e vociferando em suas cadeiras das quais não podiam mais se levantar, e levando aos seus lábios, para se saciarem, taças de onde saíam chamas; criados ajoelhados em cloacas⁶⁰ ferventes, os braços estendidos, e príncipes de cujas mãos escorria sobre eles ouro derretido em lava devoradora. Outros viram, no inferno, planícies sem limites que camponeses famintos cavavam e semeavam, e, como nada se desenvolvesse nessas planícies fumegantes de seus suores, nem de suas sementes estéreis, os camponeses se devoravam entre si; após o quê, tão numerosos quanto antes, tão magros, tão

⁵⁷ **Ulisses:** herói grego, rei de Ítaca, um dos principais atuantes no cerco da cidade de Tróia e autor do famoso estratagema do Cavalo de Tróia. (N.T.)

⁵⁸ **Santa Teresa** ou Teresa d'Ávila, nasceu em 1515 e morreu em 15 de outubro de 1582. Chamava-se Teresa de Ahumada, usando, como então era costume, sobrenome materno. Realizou a reforma da Ordem das Carmelitas, fundou inúmeros conventos, escreveu diversos livros sobre mística (estudo das coisas divinas ou espirituais) e sua autobiografia. Teresa d'Ávila viveu muitas vezes o fenômeno da *levitação* que consiste na elevação do corpo humano, no ar, sem nenhum contato com o solo. (N.T.)

⁵⁹ Reconhece-se, nessa visão, todas as características do pesadelo; é provável, portanto, que fosse um efeito desse gênero que se produziu em Santa Teresa. (N.A.)

• Esta nota pertence à 4ª edição. (N.T.)

⁶⁰ **Cloaca:** lugar imundo, cheio de matérias fecais. (N.T.)

esfomeados, eles se dispersavam em bandos no horizonte, indo procurar ao longe, porém inutilmente, terras mais felizes, sendo substituídos imediatamente, nos campos que abandonavam, por outras colônias errantes de condenados. Existem os que viram no inferno montanhas repletas de precipícios, florestas gementes, poços sem água, fontes alimentadas por lágrimas, rios de sangue, redemoinhos de neve nos desertos de gelo, barcos de desesperados vagando sobre mares sem margens. Em uma palavra, revia-se ali tudo o que os pagãos viram, um reflexo lúgubre da Terra, uma sombra desmesuradamente aumentada das suas misérias, seus sofrimentos naturais eternizados, e até os cárceres, patíbulos e instrumentos de tortura que nossas próprias mãos forjaram.

Há lá embaixo, efetivamente, demônios que, para melhor atormentar os homens em seus corpos, também tomam corpos. Estes têm asas de morcego, cornos, couraças de escamas, patas com garras, dentes agudos; eles se mostram armados de espadas, forcados, pinças, tenazes ardentes, serras, grelhas, foles, clavas, e fazendo com a carne humana, durante a eternidade, o ofício de cozinheiros e de carneiros; aqueles, transformados em leões ou em víboras enormes, arrastam suas vítimas para cavernas solitárias; alguns se transformam em corvos, para arrancar os olhos de certos culpados, outros, em dragões voadores, para carregá-los sobre seus ombros e levá-los, aterrorizados, ensangüentados, gritando através dos espaços tenebrosos, e depois deixá-los cair no lago de enxofre. Ali se encontram nuvens de gafanhotos, de escorpiões gigantescos, dos quais a visão dá calafrios, o odor dá náuseas e o menor contato dá convulsões; eis ali monstros policéfalos, abrindo, de todos os lados, goelas vorazes, sacudindo sobre suas cabeças disformes as crinas de áspides, triturando os condenados entre suas mandíbulas ensangüentadas, para depois vomitá-los todos moídos, mas vivos, porque eles são imortais.

Esses demônios de forma sensível, que lembram tão visivelmente os deuses do Amenti⁶¹ e do Tártaro, e os ídolos que os fenícios, os moabitas e outros gentios vizinhos da Judéia adoravam, esses demônios nada fazem ao acaso; cada um tem a sua função e o seu trabalho; o mal que eles fazem no inferno está em relação com o mal que inspiravam e fizeram cometer sobre a Terra.⁶² Os condenados são punidos em todos os seus sentidos e em todos os seus órgãos, porque ofenderam Deus por todos os seus sentidos e por todos os seus órgãos; dessa maneira os glutões são punidos pelos demônios da gula, os preguiçosos, pelos demônios da preguiça, os fornicadores, pelos demônios da fornicação e de tantas maneiras diversas quantas maneiras diversas existem de pecar. Embora estejam ardendo,

⁶¹ **Amenti**: nome dado pelos egípcios ao lugar em que, depois da morte, as almas se reuniam para serem julgadas por *Osiris*, protetor dos mortos. (N.T., segundo o *Dicionário Lello Universal*, volumes I e III.)

⁶² Estranha punição, na verdade, aquela que racionalista em poder continuar, em uma maior escala, o mal que eles fizeram resumidamente sobre a Terra! Seria mais racional que eles mesmos sofressem as conseqüências desse mal em vez de se darem o prazer de fazê-lo sofrer aos outros. (N.A.)

• Esta nota de rodapé pertence à 4ª edição. (N.T.)

sentirão frio, e calor embora congelando; estarão ansiosos por repouso e ansiosos por movimento; e sempre esfomeados, e sempre sedentos, e mil vezes mais fatigados que o escravo no fim do dia, mais doentes que os moribundos, mais alquebrados, mais cansados, mais cobertos de chagas que os mártires, e isso não terminará nunca.

Nenhum demônio repele e jamais repelirá a sua horrível tarefa; eles todos são, a esse respeito, bem disciplinados e fiéis em executar as ordens vingadoras que receberam.⁶³ Sem isso, em que se transformaria o inferno? Os pacientes repousariam se os carrascos viessem a se questionar ou a se cansar. Mas não há repouso para uns, nem disputas entre os outros; ainda que sejam maus e inumeráveis, os demônios se compreendem de uma extremidade à outra do abismo, e jamais se viu sobre a Terra nações mais dóceis aos seus príncipes, exércitos mais obedientes aos seus chefes, comunidades monásticas mais humildemente submissas aos seus superiores.

Aliás, não se conhece nada a ralé dos demônios, esses vis espíritos dos quais são compostas as legiões de vampiros, de vampiras,⁶⁴ de sapos, de escorpiões, de corvos, de hidras,⁶⁵ de salamandras e outras bestas sem nome, que constituem a fauna das regiões infernais; mas se conhecem e se nomeiam vários príncipes que comandam essas legiões, entre outros: Belfegor, o demônio da luxúria; Abaddon ou Apolion, do homicídio; Belzebu, o demônio dos desejos impuros ou o mestre das moscas, que engendram a corrupção; Mamom, o demônio da avareza; e Moloc, Belial, Baalgad, Astarot e muitos outros, e acima deles seu chefe universal, o arcanjo sombrio que no céu tinha o nome de Lúcifer, e que no inferno leva o nome de Satã.

Eis aí, em resumo, a idéia que nos dão do inferno, considerado sob o ponto de vista da sua natureza física e das penas físicas que ali se sofre. Abri os escritos dos padres e dos antigos doutores; interrogai nossas piedosas lendas; olhai as esculturas e os quadros das nossas igrejas; prestai atenção ao que se diz nos pulpitos e aprenderéis bem mais.”

13. O autor faz seguir essa descrição das seguintes reflexões, das quais cada um compreenderá o valor:

“A ressurreição dos corpos é um milagre, mas Deus faz um segundo milagre para dar a esses corpos mortais, já usados uma vez pelas passageiras provas da

⁶³ Esses mesmos demônios, rebeldes a Deus para o bem, são de uma docilidade exemplar para fazer o mal; nenhum deles recua ou se abranda durante a eternidade. Que estranha metamorfose operou-se neles, que foram criados puros e perfeitos como os anjos!

Não é estranho vê-los dar o exemplo de perfeito entendimento, de harmonia, de concórdia inalterável, quando os homens não sabem viver em paz e se dilaceram mutuamente sobre a Terra? Vendo a profusão de sofrimentos reservados aos condenados, e comparando sua situação com a dos demônios, pergunta-se, quais são os que mais se devem lastimar: os carrascos ou as vítimas? (N.A.)

• O segundo parágrafo desta nota pertence à 4ª edição. (N.T.)

⁶⁴ Em francês *goule*, espécie de vampiro fêmea que, segundo certas crenças orientais, suga o sangue dos vivos e devora os cadáveres durante a noite. Obs.: vampiro em francês é *vampire*. (N.T.)

⁶⁵ **Hidras:** (mitologia) serpentes fabulosas com sete cabeças. (N.T.)

vida, já uma vez aniquilados, a virtude de subsistir, sem se dissolverem, em uma fornalha onde os metais se evaporariam. Que se diga que a alma é seu próprio carrasco, que Deus não a persegue, mas que ele a abandona no estado infeliz que ela escolheu, isso, com extrema severidade, pode-se compreender ainda que o abandono eterno de um ser alucinado e sofredor pareça pouco de acordo com a bondade do Criador; mas o que dizem da alma e das penas espirituais, não se pode, de maneira alguma, dizer dos corpos e das penas corporais; para perpetuar essas penas corporais, não é suficiente que Deus retire sua mão; é necessário, ao contrário, que ele a apresente, que intervenha, que aja, sem isso o corpo pereceria.

Os teólogos supõem, portanto, que Deus, efetivamente, realize algo após a ressurreição, esse segundo milagre do qual falamos. Inicialmente, ele tira do sepulcro que os devorara, nossos corpos de argila; ele os retira tais como ali entraram, com suas enfermidades originais e as degradações sucessivas da idade, da doença e do vício; ele os restitui a nós nesse estado, decrépitos, friorentos, gotosos, cheios de necessidades, sensíveis a uma picada de abelha, cobertos de desonras que a vida e a morte neles imprimiram, e esse é o primeiro milagre; depois, a esses corpos desprezíveis, prontos para retornarem ao pó de onde saíram, ele concede uma propriedade que nunca tiveram, e eis aí o segundo milagre; ele lhes concede a imortalidade, esse mesmo dom que, na sua cólera, dizeis antes na sua misericórdia, ele havia retirado de Adão ao sair do Éden. Quando Adão era imortal, ele era invulnerável, e quando deixou de ser invulnerável, tornou-se mortal; a morte segue a dor de perto.

A ressurreição, portanto, não nos restabelece nem nas condições físicas do homem inocente, nem nas condições físicas do homem culpado; é uma ressurreição apenas das nossas misérias, porém com uma sobrecarga de novas misérias infinitamente mais piores; é, em parte, uma verdadeira criação, e a mais maliciosa que a imaginação ousou conceber. Deus muda de opinião, e para acrescentar aos tormentos espirituais dos pecadores os tormentos carnis que possam durar sempre, muda de repente, por um efeito do seu poder, as leis e as propriedades por ele mesmo determinadas, desde o começo, aos compostos da matéria; ele ressuscita carnes enfermas e corrompidas, e, ligando com um nó indestrutível esses elementos que tendem por si mesmos a se separarem, ele mantém e perpetua, contra a ordem natural, essa podridão viva, e a lança no fogo, não para purificá-la, mas para conservá-la tal como é, sensível, sofredora, ardente, horrível, tal como a quer, imortal.

Faz-se de Deus, por esse milagre, um dos carrascos do inferno, porque se os condenados só podem imputar a si mesmos os seus males espirituais, eles não podem, em compensação, atribuir os outros senão a Deus. Seria muito pouco, aparentemente, abandoná-los, após sua morte, à tristeza, ao arrependimento e a todas as angústias de uma alma que sente que perdeu o bem supremo; Deus irá, de acordo com os teólogos, procurá-los nessa noite, no fundo desse abismo, e ele os trará por um momento à claridade, não para os consolar, mas para revesti-los

de um corpo hediondo, chamejante, imperecível, mais pestilento que a túnica de Dejanira,⁶⁶ e só então ele os abandona para sempre.

Deus não os abandonará mesmo, visto que o inferno só subsiste, assim como a Terra e o céu, por um ato permanente da sua vontade sempre ativa, e porque tudo se dissiparia se ele deixasse de tudo sustentar. Deus, portanto, terá incessantemente a mão sobre eles, para impedir que seu fogo se apague e que seus corpos deixem de se consumir, querendo que esses infelizes mortais contribuam, pela perenidade de seus suplícios, para a edificação dos eleitos.”

14. Dissemos, com razão, que o inferno dos cristãos havia superado o dos pagãos. No Tártaro, realmente, vêem-se os culpados torturados pelo remorso, sempre diante dos seus crimes e de suas vítimas, atormentados por aqueles que haviam oprimido durante sua vida na Terra; nós os vemos fugirem da luz que os penetra e procurarem, inutilmente, escapar dos olhares que os perseguem; ali o orgulho é rebaixado e humilhado; todos carregam os estigmas de seu passado; todos são punidos por suas próprias faltas, a tal ponto que, para alguns é suficiente entregá-los a si mesmos, porquanto se considera inútil acrescentar-lhes outros castigos. Mas são sombras, quer dizer, almas com seus corpos fluidicos, a imagem de sua existência terrestre; ali não se vê os homens retomarem seus corpos carnis para sofrerem materialmente, nem o fogo penetrar sob sua pele e saturá-los até a medula dos ossos, nem o requinte e o refinamento dos suplícios que são a base do inferno cristão. Ali encontram-se juizes inflexíveis, porém justos, que dão as penas proporcionalmente às faltas cometidas; enquanto que no império de Satã, todos são misturados nas mesmas torturas; tudo é fundamentado na materialidade, e a própria equidade dele foi banida.

Não há dúvidas de que hoje, dentro da Igreja, existem muitos homens sensatos que não admitem essas coisas ao pé da letra e nelas vêem apenas alegorias das quais é preciso compreender o sentido; mas suas opiniões são apenas individuais e não fazem lei. A crença no inferno material, com todas as suas conseqüências, ainda é um artigo de fé.

15. Pergunta-se como homens puderam ver essas coisas em êxtase, se elas não existem. Aqui não é o lugar para se explicar a origem das imagens fantásticas que às vezes se produzem aparentando ser reais. Diremos apenas que é preciso ver nisso uma prova deste princípio: o êxtase é a menos segura de todas as revelações,⁶⁷ porque esse estado de superexcitação nem sempre representa o fato de um desprendimento da alma tão completo que se lhe possa dar crédito, e porque nele muitas vezes se encontra o reflexo das preocupações da véspera. As idéias com que o espírito é nutrido e das quais o cérebro, ou melhor, o invólucro perispiritual correspondente ao cérebro, conservou a imagem, se reproduzem ampliadas como em uma miragem, sob formas vaporosas que se cruzam e se confundem,

⁶⁶ **Dejanira:** (mitologia grega), esposa de *Hércules* (herói grego, personificação da força), de cuja morte foi a causadora fazendo-o vestir a túnica envenenada que lhe fora entregue por *Nesso* (centauro que tentou raptar *Dejanira* e fora ferido por *Hércules* com uma flecha envenenada). (N.T.)

⁶⁷ Ver em *O Livro dos Espíritos*, no cap. VIII, as perguntas 439 a 446. (N.A.)

e compõem conjuntos bizarros. Os extáticos de todos os cultos sempre têm visto coisas em relação com a fé da qual estão impregnados, portanto, não causa admiração que aqueles que, como Santa Teresa, estão fortemente imbuídos das idéias do inferno, que as descrições verbais ou escritas e os quadros lhes proporcionaram, tenham visões que são, propriamente falando, apenas a sua reprodução e produzem o efeito de um pesadelo. Um pagão cheio de fé teria visto o Tártaro e as Fúrias, como teria visto, no Olimpo, Júpiter tendo o raio na mão.



Capítulo VI⁶⁸

O purgatório

1. O *Evangelho* não faz nenhuma menção ao purgatório, que somente em 593 foi admitido pela Igreja. É seguramente um dogma mais racional e mais de acordo com a justiça de Deus do que o do inferno, porquanto estabelece penas menos rigorosas e resgatáveis para as faltas de menor gravidade.

O princípio do purgatório, portanto, está fundado na eqüidade, visto que, comparado à justiça humana, é a detenção temporária ao lado da condenação perpétua. Que se pensaria de um país que tivesse apenas a pena de morte para os crimes e os simples delitos? Sem o purgatório, só existem para as almas duas alternativas extremas: a felicidade absoluta ou o suplício eterno. Nessa hipótese, o que aconteceria às almas culpadas somente de pequenas faltas? Ou elas partilhariam da felicidade dos eleitos sem serem perfeitas, ou sofreriam o castigo dos maiores criminosos sem haverem feito muito mal, o que não seria justo nem racional.

2. Mas a noção do purgatório devia necessariamente ser incompleta; isso porque, conhecendo somente a pena de fogo, fizeram dele um diminutivo do inferno; as almas nele também queimam, mas em um fogo menos intenso. Sendo o progresso incompatível com o dogma das penas eternas, as almas não saem do purgatório por causa do seu adiantamento, mas pela virtude das preces que se dizem ou que se mandam dizer em sua intenção.

Se o pensamento inicial foi bom, o mesmo não aconteceu com as suas conseqüências, pelo abuso do qual ele foi a origem. Por meio das preces pagas, o purgatório tornou-se uma mina mais produtiva que o inferno.⁶⁹

3. O lugar do purgatório jamais foi determinado, nem claramente definida a natureza das penas ali sofridas. Estava reservado à Nova Revelação preencher essa lacuna, explicando-nos as causas das misérias da vida terrestre, das quais somente a pluralidade das existências podia nos mostrar a justiça.

Essas misérias são conseqüentemente o resultado das imperfeições da alma, visto que, se a alma fosse perfeita, ela não cometeria erros e não teria que

⁶⁸ Na 4ª edição, aqui se inicia o capítulo V. (N.T.)

⁶⁹ O purgatório deu nascimento ao comércio escandaloso das indulgências, com a ajuda das quais vendia-se a entrada no céu. Esse abuso foi a primeira causa da Reforma, e o que levou Lutero a rejeitar o purgatório. (N.A.)

• Esta nota de rodapé pertence à 4ª edição. (N.T.)

sofrer as suas conseqüências. O homem que, por exemplo, fosse sóbrio e moderado em tudo, não seria presa das doenças que os excessos produzem. A maior parte das vezes, ele é infeliz neste mundo por sua própria culpa; mas se é imperfeito é porque já o era antes de vir para a Terra; nela ele expia não apenas as faltas atuais, mas as faltas anteriores que não foram reparadas; sofre em uma vida de provas o que fez os outros sofrerem em uma outra existência.

As vicissitudes que o homem experimenta são, ao mesmo tempo, um castigo temporário e uma advertência quanto às imperfeições das quais deve se desfazer para evitar desgraças futuras e progredir para o bem. São para a alma as lições da experiência, lições por vezes rudes, porém, tanto mais proveitosas para o futuro quanto mais profundas as impressões que deixam. Essas vicissitudes são a oportunidade de lutas incessantes que desenvolvem suas forças e suas faculdades morais e intelectuais, fortificam-na no bem, e de onde ela sempre sai vitoriosa, se tem a coragem de sustentá-las até o fim. O prêmio da vitória está na vida espiritual, onde a alma entra radiosa e triunfante, como o soldado que sai da luta e vem receber a palma gloriosa.

4. Cada existência é, para a alma, uma oportunidade de dar um passo para a frente; de sua vontade depende que esse passo seja o maior possível, capaz de transpor vários degraus, ou ficar no mesmo ponto; neste último caso, ela sofreu sem proveito; e como sempre é preciso, cedo ou tarde, pagar sua dívida, ser-lhe-á necessário recomeçar uma nova existência em condições ainda mais penosas, porque à mancha não apagada ela acrescenta uma outra.

Portanto, é nas encarnações sucessivas que a alma se desprende pouco a pouco das suas imperfeições, em uma palavra, que ela se purga, até que esteja bastante pura para merecer deixar os mundos de expiação e ir para mundos mais felizes, e mais tarde deixar esses mundos para desfrutar da felicidade suprema.

O purgatório não é, portanto, mais uma idéia vaga e incerta; é uma realidade material que nós vemos, que tocamos e que sofremos; ele está nos mundos de expiação, e a Terra é um desses mundos; nela os homens expiam, purgam o seu passado e o seu presente em proveito do seu futuro. Porém, ao contrário da idéia que deles se faz, depende de cada um abreviar ou ali prolongar a sua permanência, segundo o grau de adiantamento e de depuração a que se chegou pelo trabalho sobre si mesmo. Saímos desses mundos, não porque tenhamos terminado nosso tempo ou por mérito de outros, mas em razão do nosso próprio mérito, segundo estas palavras do Cristo: *A cada um segundo suas obras*, palavras que resumem toda a justiça de Deus.

5. Quanto àquele que sofre nesta vida deve dizer-se que isto acontece porque ele não se depurou suficientemente na sua existência anterior, e que, se não o fizer durante esta, ainda sofrerá na próxima existência. Isso é ao mesmo tempo justo e lógico. O sofrimento sendo inerente à imperfeição, sofre-se tanto tempo quanto se é imperfeito, como se sofre de uma doença tanto tempo quanto não se esteja curado. Assim é que, enquanto um homem for orgulhoso, sofrerá as conseqüências do orgulho; enquanto for egoísta, sofrerá as conseqüências do egoísmo.

6. O espírito culpado primeiro sofre na vida espiritual devido ao grau das suas imperfeições; depois a vida corporal lhe é dada como meio de reparação. É por isso que ele nela se encontra, seja com as pessoas que ele ofendeu, seja em meios semelhantes àqueles onde fez o mal, seja em situações que estão em oposição às que viveu, como, por exemplo, estar na miséria se foi mau rico, ou em uma condição humilhante se foi orgulhoso.

A expiação, no mundo dos espíritos e sobre a Terra,⁷⁰ não é um duplo castigo para o espírito; é o mesmo que continuar na Terra, como complemento, tendo em vista facilitar seu adiantamento para um trabalho efetivo; depende dele fazê-lo proveitoso. Não vale mais para ele voltar à Terra com a possibilidade de ganhar o céu, do que ser condenado sem remissão ao deixá-la? Essa liberdade que lhe é concedida é uma prova da sabedoria, da bondade e da justiça de Deus, que deseja que o homem deva tudo aos seus esforços e seja o obreiro do seu futuro; se é infeliz, se o é por mais ou menos tempo, só pode lançar sobre si mesmo a responsabilidade; a estrada do progresso lhe está sempre aberta.

7. Se considerarmos quanto é grande o sofrimento de certos espíritos culpados no mundo invisível, quanto é terrível a situação de alguns, a quantas ansiedades estão presos, e quanto essa posição torna-se mais penosa pela impotência em que eles estão de ver o fim desses sofrimentos, poder-se-ia dizer que, para eles, isso é o inferno, se esse termo não trouxesse como conseqüência a idéia de um castigo eterno e material. Graças à revelação dos espíritos, e aos exemplos que eles nos oferecem, nós sabemos que a duração desse sofrimento está subordinada ao melhoramento do culpado.

8. O Espiritismo, portanto, não veio negar a penalidade futura, veio, ao contrário, confirmá-la. O que ele destrói é o inferno localizado, com suas fornalhas e suas penas irremissíveis. Ele não nega o purgatório, porquanto prova que nele nós estamos; ele o define e o expõe com clareza e rigor, explicando a causa das misérias terrestres, e por isso faz que nele acreditem aqueles que o negam.

Não aprova as preces pelos mortos? Muito ao contrário, porque os espíritos sofredores as solicitam; o Espiritismo faz das preces um dever de caridade e demonstra a sua eficácia para reconduzi-los ao bem e, por esse meio, abreviar seus tormentos.⁷¹ Falando à inteligência, ele tem levado a fé aos incrédulos, e a prece àqueles que zombavam dela. Ele diz, porém, que a eficácia das preces está no pensamento e não nas palavras, que as melhores preces são as do coração e não as dos lábios, aquelas que nós mesmos dizemos, e não as que se mandam dizer por dinheiro.⁷² Quem, pois, se atreveria a censurá-lo?

9. Que o castigo, quer se verifique na vida espiritual ou na Terra, e qualquer que seja a sua duração, sempre tem um fim, próximo ou distante. Na realidade, portanto, não há para o espírito mais que duas alternativas: punição temporária

⁷⁰ Este trecho em Times New Roman pertence à 4ª edição. (N.T.)

⁷¹ Ver em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no cap. XXVII, os itens 9 a 15. (N.A.)

⁷² Este trecho final em Times New Roman pertence à 4ª edição. (N.T.)

graduada segundo a culpabilidade, e recompensa graduada segundo o mérito. O Espiritismo não aceita a terceira alternativa, a da eterna condenação. O inferno permanece como figura simbólica dos maiores sofrimentos cujo término é desconhecido. O purgatório é a realidade.

A palavra *purgatório* traduz a idéia de um lugar que tem limites determinados; eis por que é aplicada mais naturalmente à Terra, considerada como lugar de expiação, do que ao Espaço infinito onde erram os espíritos sofredores, e além disso a natureza da expiação terrestre é uma verdadeira purificação.

Quando os homens tiverem se aperfeiçoado, só fornecerão ao mundo invisível bons espíritos, e estes, ao se encarnarem, só fornecerão à humanidade corporal elementos aperfeiçoados; então, a Terra deixando de ser um mundo de expiação, nela os homens não mais sofrerão as misérias que são as conseqüências das suas imperfeições. É essa transformação que se opera nesse momento e elevará a Terra na hierarquia dos mundos.⁷³

10. Por que o Cristo não falou do purgatório? É que não existindo a idéia não havia palavra para representá-la. Ele serviu-se da palavra *inferno*, a única que foi usada como termo genérico, para designar as penas futuras sem distinção. Se, ao lado da palavra inferno fosse colocada uma palavra equivalente a purgatório, ele não teria podido indicar com exatidão o seu verdadeiro sentido sem resolver uma questão reservada para o futuro, além disso, teria que consagrar a existência de dois lugares especiais de castigo. O inferno em sua concepção geral, trazendo a idéia de punição, continha implicitamente a do purgatório, que não é mais que um modo de penalidade. O futuro, devendo esclarecer os homens sobre a natureza das penas, devia por isso mesmo, reduzir o inferno ao seu justo valor.

Uma vez que a Igreja, após seis séculos, acreditou que devia suprir o silêncio de Jesus decretando a existência do purgatório, é porque pensou que ele não havia dito tudo. Por que não aconteceu com outros pontos o que aconteceu com este?



⁷³ Ver em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, no cap. III, os itens 6 a 19. (N.A.)
• Este parágrafo em Times New Roman pertence à 4ª edição. (N.T.)

Capítulo VII⁷⁴

Doutrina das penas eternas

- **Origem da doutrina das penas eternas**
- **Argumentos em apoio das penas eternas**
- **Impossibilidade material das penas eternas**
- **A doutrina das penas eternas fez sua época**
- **Ezequiel contra a eternidade das penas e o pecado original**

I

Origem da doutrina das penas eternas

1. A crença na eternidade das penas perde terreno dia a dia, de tal forma que, mesmo sem ser profeta, cada um pode prever próximo o seu fim. Ela foi combatida por argumentos tão poderosos e tão decisivos que parece quase supérfluo dela nos ocuparmos de hoje em diante, e que é suficiente deixá-la se extinguir. No entanto, não se pode deixar de reconhecer que, por mais caduca que seja, essa crença ainda é o ponto de concentração dos adversários das idéias novas, aquele que eles defendem com mais dedicação porque é um dos pontos mais vulneráveis, e porque prevêem as conseqüências da sua queda. Sob esse ponto de vista, essa questão merece um sério exame.

2. A doutrina das penas eternas, como a do inferno material, teve a sua razão de ser, enquanto essa crença podia se tornar um freio para os homens pouco avançados intelectual e moralmente. Assim como foram pouco ou nada impressionados pela idéia das penas morais, não teriam sido mais abalados pela idéia das penas temporárias; não teriam mesmo compreendido a justiça das penas graduadas e proporcionais, porque não estavam aptos a alcançar as nuances muitas vezes delicadas do bem e do mal, nem o valor relativo das circunstâncias atenuantes ou agravantes.

3. Quanto mais próximos os homens estão do estado primitivo, mais materiais eles são; o senso moral é o que neles se desenvolve mais tardiamente. Por essa mesma razão, eles só podem fazer uma idéia muito imperfeita de Deus e de seus tributos, e uma idéia não menos vaga da vida futura. Assemelham Deus à

⁷⁴ Na 4ª edição, este capítulo é o nº VI; na 1ª edição é o nº VII, possuindo apenas o título "Doutrina das Penas Eternas" e, abaixo dele, o nº I. Os subtítulos, portanto, são da 4ª edição. (N.T.)

sua própria natureza; para eles Deus é um soberano absoluto, tanto mais terrível porque é invisível, como um monarca déspota que, escondido em seu palácio, jamais se mostra aos seus súditos. Deus é poderoso apenas pela força material, porque os homens não compreendem a força moral; eles só o vêem armado com o raio, ou no meio dos relâmpagos e das tempestades, semeando à sua passagem a ruína e a desolação, a exemplo dos guerreiros invencíveis.

Um Deus de mansidão e de misericórdia não seria um Deus, mas um ser fraco que não saberia se fazer obedecer. A vingança implacável, os castigos terríveis, eternos, nada tinham de contrário à idéia que eles faziam de Deus, nada que a sua razão recusasse. Eles mesmos implacáveis em seus ressentimentos, cruéis com seus inimigos, sem piedade pelos vencidos, Deus, que lhes era superior, devia ser ainda mais terrível.

Para tais homens, seriam necessárias crenças religiosas assemelhadas à sua natureza ainda rude. Uma religião toda espiritual, toda de amor e de caridade, não podia se aliar à brutalidade dos costumes e das paixões. Portanto, não censuramos Moisés por sua legislação draconiana,⁷⁵ que era suficiente apenas para conter seu povo indócil, nem por haver feito de Deus um Deus vingador. Isso era preciso naquela época; a doce doutrina de Jesus não encontraria apoio e seria impotente.

4. À medida que o espírito foi se desenvolvendo, o véu material pouco a pouco se dissipou, e os homens ficaram mais aptos a compreender as coisas espirituais; mas isso só aconteceu gradualmente. Quando Jesus veio, ele pôde anunciar um Deus clemente, falar de seu reino que não é deste mundo, e dizer aos homens: "Amai-vos uns aos outros, fazei o bem aos que vos odeiam"; enquanto que os antigos diziam: "Olho por olho, dente por dente".

Ora, quais eram os homens que viviam no tempo de Jesus? Eram almas recentemente criadas e encarnadas? Se assim fosse, Deus teria criado no tempo de Jesus almas mais avançadas que no tempo de Moisés. Mas, então, o que teria acontecido com estas últimas? Teriam se enfraquecido durante a eternidade no embrutecimento? O simples bom senso repele essa suposição. Não, elas eram as mesmas almas que, após terem vivido sob o domínio da lei mosaica, haviam, durante várias existências, adquirido um desenvolvimento suficiente para compreenderem uma doutrina mais elevada, e que hoje estão bastante avançadas para receber um ensino ainda mais completo.

5. No entanto, o Cristo não pôde revelar aos seus contemporâneos todos os mistérios do futuro; ele mesmo disse: *Eu ainda teria muitas coisas para vos dizer, mas vós não as compreenderíeis, eis por que vos falo em parábolas*. Principalmente no que diz respeito à moral, isto é, aos deveres de homem a homem, ele foi muito explícito, porque tocando na corda sensível da vida material ele sabia ser compreendido; sobre os outros pontos, ele se limitou a semear, sob forma alegórica, os germes do que deveria ser desenvolvido mais tarde.

⁷⁵ **Draconiana:** relativo a *Drácon*, legislador de Atenas (séc. VII a.C.), famoso pela dureza cruel das leis a ele atribuídas; excessivamente rigoroso; cruelmente severo. (N.T.)

A doutrina das penas e das recompensas futuras pertence a esta última ordem de idéias. A respeito das penas principalmente, ele não podia romper de repente com as idéias já recebidas. Vinha mostrar novos deveres aos homens: a caridade e o amor ao próximo substituindo o espírito de ódio e de vingança, a abnegação substituindo o egoísmo, isso já era muito; ele não podia racionalmente enfraquecer o temor do castigo reservado aos prevaricadores, sem enfraquecer ao mesmo tempo a idéia do dever. Ele prometia o reino dos céus aos bons; esse reino era, pois, proibido aos maus; para onde iriam eles? Seria necessária uma compensação própria para impressionar as inteligências ainda bastante materiais para se identificarem com a vida espiritual, porquanto não convém esquecer que Jesus se dirigia ao povo, à parte menos esclarecida da sociedade, para a qual ele falava por intermédio de imagens de alguma forma concretas e não idéias sutis. Eis por que Jesus não entrou, a esse respeito, em detalhes supérfluos; bastava-lhe opor uma punição à recompensa; naquela época não convinha mais que isso.

6. Se Jesus ameaçou os culpados com o fogo eterno, também os ameaçou de serem atirados na Geena; ora, o que era a Geena? Tratava-se de um lugar nos arredores de Jerusalém, um depósito onde se jogavam as imundícies da cidade. Seria preciso interpretar essas palavras também ao pé da letra? Elas eram uma dessas figuras enérgicas com a ajuda das quais ele impressionava as massas. O mesmo ocorria com o fogo eterno. Se esse não fosse o seu pensamento, Jesus estaria em contradição consigo mesmo ao louvar a clemência e a misericórdia de Deus, porque clemência e crueldade são sentimentos opostos que se anulam. Seria, portanto, um engano extraordinário sobre o sentido das palavras de Jesus, ver-se nelas a aprovação do dogma das penas eternas, enquanto todo o seu ensinamento proclama a mansuetude do Criador.

Na *Oração dominical*,⁷⁶ ele nos ensina a dizer: "Senhor, perdoai nossas ofensas, como nós perdoamos àqueles que nos ofenderam." Se o culpado não esperasse por algum perdão, seria inútil pedi-lo. Mas esse perdão é sem condições? É uma graça, uma remissão pura e simples da pena que merecem? Não; a medida desse perdão está subordinada ao modo pelo qual tivermos perdoado, isso quer dizer que, se nós não perdoamos, não seremos perdoados. Deus, fazendo do esquecimento das ofensas uma condição absoluta, não podia exigir que o homem fraco fizesse o que ele, onipotente, não faria. A *Oração dominical* é um protesto diário contra a eterna vingança de Deus.

7. Para homens que tinham apenas uma noção confusa da espiritualidade da alma, a idéia do fogo material não tinha nada de chocante, ainda menos porque ela fazia parte da crença comum tirada da crença do inferno dos pagãos, quase universalmente propagada. A eternidade da pena não tinha nada mais que repugnasse pessoas submetidas, há séculos, à legislação do terrível Jeová.⁷⁷ No

⁷⁶ O Pai-Nosso. (N.T.)

⁷⁷ **Jeová:** ("Aquele que é"), nome próprio de Deus no *Antigo Testamento* representado, na notação hebraica, por quatro letras (J (ou I ou Y), H, V, H), tetragrama que os judeus consideravam impronunciável, por isso referiam-se a Deus como *Adonai* (meu Senhor, meu amo). (N.T., segundo o *Dicionário Koogan Larousse*.)

pensamento de Jesus, o fogo eterno só podia, portanto, ser uma figura; pouco lhe importava que essa figura fosse tomada ao pé da letra, se ela devia servir de freio; ele sabia muito bem que o tempo e o progresso deviam se encarregar de fazer compreender o seu sentido alegórico, principalmente porque, segundo sua predição, o *Espírito de Verdade* viria esclarecer os homens sobre todas as coisas.

A característica essencial das penas irrevogáveis é a *ineficácia do arrependimento*; ora, Jesus jamais disse que o arrependimento não encontraria benevolência diante de Deus. Ao contrário, em todas as oportunidades, Jesus mostra Deus, clemente, misericordioso, pronto a receber o filho pródigo de volta ao lar paterno. Ele só o mostra inflexível para o pecador endurecido; mas, se Deus tem o castigo em uma das mãos, na outra tem sempre o perdão pronto a se estender sobre o culpado desde que este se volte sinceramente para ele. Essa não é, com toda a certeza, a descrição de um Deus sem piedade. Convém observar também que Jesus não pronunciou condenação irremissível contra ninguém, mesmo contra os maiores culpados.

8. Todas as religiões primitivas, de acordo com a índole dos povos, tiveram deuses guerreiros que combatiam à frente dos exércitos. O Jeová dos hebreus lhes fornecia mil maneiras de exterminar seus inimigos; ele os recompensava pela vitória ou os punia pela derrota. Conforme a idéia que se fazia de Deus, acreditava-se honrá-lo ou apaziguá-lo com o sangue de animais ou de homens; daí os sacrifícios sangrentos que representaram um tão grande papel em todas as religiões antigas. Os judeus haviam abolido os sacrifícios humanos; os cristãos, apesar dos ensinamentos do Cristo, por muito tempo acreditaram honrar o Criador entregando às chamas e às torturas milhares daqueles a quem eles chamavam heréticos;⁷⁸ eram, sob uma outra forma, verdadeiros sacrifícios humanos, visto que os faziam para a *maior glória de Deus*, e com o acompanhamento de cerimônias religiosas. Hoje mesmo ainda invocam o *Deus dos exércitos* antes do combate e o glorificam após a vitória, e isso freqüentemente pelas causas mais injustas e mais anticristãs.

9. Quanto o homem é lento em se desfazer de seus preconceitos, de seus hábitos e de suas primitivas idéias! Quarenta séculos nos separam de Moisés, e nossa geração cristã ainda vê traços de antigos usos bárbaros, consagrados ou pelo menos aprovados pela religião atual! Foi preciso o poder da opinião dos não-ortodoxos, daqueles que são olhados como heréticos, para dar um fim às fogueiras, e fazer compreender a verdadeira grandeza de Deus. Mas, na falta das fogueiras, as perseguições materiais e morais estão ainda em pleno vigor, tão enraizada está no homem a idéia de um Deus cruel. Alimentado por sentimentos que lhe foram inculcados incessantemente na infância, pode o homem admirar-se de que o Deus que lhe apresentam, como honrado por atos bárbaros, condene a torturas eternas, e veja, sem piedade, os sofrimentos dos condenados?

⁷⁸ **Herético:** aquele que professa doutrina contrária ao que foi definido pela Igreja como sendo matéria de fé. (N.T.)

Sim, são filósofos, ímpios segundo alguns, que se escandalizaram ao ver o nome de Deus profanado por atos indignos dele; foram eles que o mostraram aos homens em toda a sua grandeza, despojando-o das paixões e das baixezas humanas que uma crença não esclarecida lhe atribuía. A religião ganhou em dignidade o que perdeu em prestígio exterior; porque se há menos homens ligados à forma, existem em maior número os que são mais sinceramente religiosos pelo coração e pelos sentimentos.

Mas, ao lado daqueles, quantos existem que, detendo-se na superfície, foram conduzidos à negação de toda a providência! Por não terem sabido colocar, com discernimento, as crenças religiosas em harmonia com o progresso da razão humana, fizeram nascer entre uns o deísmo,⁷⁹ entre outros a incredulidade absoluta, e entre outros o panteísmo,⁸⁰ isto quer dizer que o homem fez a si mesmo Deus, por não ver um suficientemente perfeito.

II

Argumentos em apoio das penas eternas⁸¹

10. Voltemos ao dogma da eternidade das penas. O principal argumento que se invoca em seu favor é este:

“É admitido, entre os homens, que a gravidade da ofensa é proporcional à qualidade do ofendido. Aquela que é cometida contra um soberano, sendo considerada mais grave do que a que se refere a uma pessoa comum, é punida mais severamente. Ora, Deus é mais que um soberano; visto que é infinito, a ofensa contra ele é infinita, e deve haver um castigo infinito, quer dizer eterno.”

Toda refutação é um raciocínio que deve ter seu ponto de partida, uma base sobre a qual se apóie, em uma palavra, uma premissa. Tomamos essa premissa nos próprios atributos de Deus:

Deus é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições.

É impossível conceber Deus de outro modo senão como o infinito das perfeições, sem isso não seria Deus, porque se poderia conceber um ser possuindo o que lhe faltasse. Para que ele seja único acima de todos os seres, é preciso que nenhum ser possa ultrapassá-lo nem igualá-lo em coisa alguma. Portanto, é necessário que ele seja infinito em tudo.

Os atributos de Deus, sendo infinitos, não são passíveis de aumento nem de diminuição; sem isso, eles não seriam infinitos e Deus não seria perfeito. Se

⁷⁹ **Deísmo:** sistema ou atitude dos que, rejeitando toda espécie de revelação divina, e portanto o ensinamento e a prática de qualquer religião organizada, aceitam, todavia, a existência de um Deus, destituído de atributos morais e intelectuais, e que poderá ou não haver influído na criação do Universo. (N.T., segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

⁸⁰ **Panteísmo:** crença que identifica Deus e o mundo; doutrina segundo a qual só o mundo é real, sendo Deus a soma de tudo quanto existe. (N.T., segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

⁸¹ A 1ª edição não traz este subtítulo, apresenta somente o no II. (N.T.)

se tirasse a mais pequena parcela de um só dos seus atributos, não mais haveria Deus, porque poderia existir um ser mais perfeito.

O infinito de uma qualidade exclui a possibilidade da existência de uma qualidade contrária que a diminuiria ou a anularia. Um ser infinitamente bom não pode ter a mais pequena parcela de maldade, nem o ser infinitamente mau a mais pequena parcela de bondade; da mesma forma que um objeto não poderia ser de um negro absoluto com a mais leve nuança de branco, nem de um branco absoluto com o menor sinal de negro.

11. Estabelecido esse ponto de partida, aos argumentos acima opoemos os seguintes:

1º) Somente um ser infinito pode fazer qualquer coisa de infinito. O homem, sendo limitado nas suas virtudes, nos seus conhecimentos, no seu poder, nas suas aptidões, na sua existência terrestre, não pode produzir mais que coisas limitadas.

2º) Se o homem pudesse ser infinito no que faz de mal, ele o seria também no que faz de bem, e então seria igual a Deus. Mas se o homem fosse infinito no que faz de bem, não faria nada de mal, porque o bem absoluto é a exclusão de todo o mal.

3º) Admitindo que uma ofensa temporária contra a Divindade possa ser infinita, Deus, vingando-se por um castigo infinito, seria infinitamente vingativo; se é infinitamente vingativo, não pode ser infinitamente bom e misericordioso, porque um desses atributos é a negação do outro. Se ele não é infinitamente bom, ele não é perfeito, se não é perfeito, não é Deus.

4º) Se Deus é implacável com o culpado arrependido, não é misericordioso; se não é misericordioso, não é infinitamente bom.

5º) Por que Deus faria para o homem uma lei do perdão, se ele próprio não devesse perdoar? Daí resultaria que o homem que perdoa aos seus inimigos, e lhes retribui o mal com o bem, seria melhor do que Deus que fica surdo ao arrependimento daquele que o ofendeu, e lhe recusa, pela eternidade, o mais ligeiro alívio!

6º) Deus, que está por toda parte e tudo vê, deve ver as torturas dos condenados. Se é insensível aos seus gemidos durante a eternidade, ele é eternamente impiedoso; se não tem piedade, não é infinitamente bom.

7º) A isso, responde-se que o pecador que se arrepende antes de morrer recebe a misericórdia de Deus, e que então o maior culpado pode encontrar benevolência diante dele.

Isso não é posto em dúvida, e concebe-se que Deus só perdoe ao arrependido, e seja inflexível para com os insensíveis; mas, se ele é pleno de misericórdia com a alma que se arrepende antes de haver deixado seu corpo, por que não fará o mesmo com aquele que se arrepende após a morte? Por que o arrependimento só teria eficácia durante a vida, que é apenas um instante, e não teria mais durante a eternidade, que não tem fim? Se a bondade e a misericórdia de Deus estão

circunscritas em um dado tempo, elas não são infinitas, e Deus não é infinitamente bom.

8^o) Deus é soberanamente justo. A soberana justiça não é a justiça mais im- placável, nem aquela que deixa toda falta impune; é aquela que leva em conta, rigorosamente, o bem e o mal, que recompensa um e pune o outro na mais justa proporção, e não se engana jamais.

Se, por uma falta temporária, que sempre é o resultado da natureza imperfeita do homem e muitas vezes do meio em que ele se encontra, a alma pode ser punida eternamente, sem esperança de alívio das penas nem de perdão, não há nenhuma proporção entre a falta e a punição: portanto, não há justiça.

Se o culpado volta-se para Deus, arrepende-se e pede para reparar o mal que fez, é um retorno ao bem, aos bons sentimentos. Se o castigo é irrevogável, esse retorno ao bem não frutifica; já que o bem não foi levado em conta, não há justiça. Entre os homens, o condenado que se corrige vê sua pena atenuada e, às vezes, mesmo perdoada; haveria assim, na justiça humana, mais eqüidade que na justiça divina!

Se a condenação é irrevogável, o arrependimento é inútil: o culpado, não tendo nada a esperar do seu retorno ao bem, persiste no mal; de maneira que Deus não somente o condena a sofrer perpetuamente, mas ainda a permanecer no mal por toda a eternidade. Isso não seria nem justiça nem bondade.

9^o) Sendo infinito em todas as coisas, Deus deve conhecer tudo, o passado e o futuro; ele deve saber, no momento da criação de uma alma, se ela fracassará muito gravemente para ser condenada pela eternidade. Se não o sabe, seu saber não é infinito, e então ele não é Deus. Se ele o sabe, criou voluntariamente um ser destinado, desde sua formação, a torturas sem fim, e então ele não é bom.

Se Deus, tocado pelo arrependimento de um condenado, pode lançar sobre ele a sua misericórdia e retirá-lo do inferno, não existem penas eternas, e o julgamento pronunciado pelos homens está revogado.

10^o) A doutrina das penas eternas absolutas, portanto, conduz forçosamente para a negação ou o enfraquecimento de alguns atributos de Deus; ela é, por conseguinte, inconciliável com a perfeição infinita; de onde se chega a esta conclusão:

Se Deus é perfeito, a condenação eterna não existe; se ela existe, Deus não é perfeito.

12. Ainda se invoca, a favor do dogma da eternidade das penas, o seguinte argumento:

“A recompensa que é dada aos bons, sendo eterna, deve ter em equivalência uma punição eterna. É justo proporcionar a punição à recompensa.”

Deus criou a alma com o objetivo de fazê-la feliz ou desgraçada? Evidentemente, a felicidade da criatura deve ser a finalidade da sua criação, se assim não

fosse Deus não seria bom. A alma alcança a felicidade por seu próprio mérito; e do mérito adquirido não pode perder o fruto, caso contrário ela degeneraria,⁸² a eternidade da felicidade é, portanto, a consequência da sua imortalidade.

Porém, antes de chegar à perfeição, ela tem que sustentar lutas, travar combates com as más paixões. Não tendo Deus criado a alma perfeita, mas suscetível de o ser a fim de que tenha o mérito de suas obras, ela pode cair em faltas. Suas falhas são as consequências da sua fraqueza natural. Se, por um erro, ela desvesse ser punida eternamente, poder-se-ia perguntar por que Deus não a criou mais forte. A punição que ela sofre é uma advertência sobre o mal praticado, e que deve ter como resultado sua recondução ao bom caminho. Se a pena fosse irremissível, seu desejo de proceder melhor seria supérfluo; por conseguinte, o desígnio providencial da criação não poderia ser alcançado, porque haveria seres predestinados à felicidade e outros ao infortúnio. Se uma alma culpada se arrepende, ela pode tornar-se boa, e podendo tornar-se boa, ela pode aspirar à felicidade; Deus seria justo se lhe recusasse os meios para isso?

Sendo o bem o objetivo final da Criação, a felicidade, que dele é o prêmio, deve ser eterna; o castigo, que é um meio de alcançá-la, deve ser temporário. A mais simples noção de justiça, mesmo entre os homens, diz que não se pode castigar perpetuamente aquele que tem o desejo e a vontade de fazer o bem.

III ⁸³

13. Um último argumento em favor da eternidade das penas é este:

“O receio de um castigo eterno é um freio; se ele desaparecesse, o homem, nada mais temendo, se entregaria a todos os excessos.”

Esse raciocínio seria justo, se a não-eternidade das penas levasse à supressão de toda sanção penal. O estado feliz ou infeliz na vida futura é uma rigorosa consequência da justiça de Deus, porquanto uma identidade de situação entre o homem bom e o perverso seria a negação dessa justiça. Mas o castigo não é menos penoso pelo fato de não ser eterno, e quanto mais nele se acreditar mais ele será temido, e quanto mais racional ele for, mais nele se acreditará. Uma penalidade na qual não se crê não é mais um freio, e a eternidade das penas pertence a esse número.

A crença nas penas eternas, como já o dissemos, teve a sua utilidade e a sua razão de ser em uma certa época; hoje, não só não impressiona mais como até faz incrédulos. Antes de colocá-la como uma necessidade, seria preciso demonstrar a sua realidade. Seria preciso, principalmente, que se visse a sua eficácia sobre aqueles que a preconizam e se esforçam em demonstrá-la. Infelizmente, entre estes, muitos provam por seus atos que não estão, de modo algum, apavorados com elas. Se essa penalidade é impotente para reprimir o mal entre aqueles que dizem acreditar nela, que domínio pode ter sobre os que não acreditam? Cada

⁸² Este trecho em Times New Roman pertence à 4ª edição. (N.T.)

⁸³ Este número consta apenas na 1ª edição. (N.T.)

um admitirá, ao contrário, como justa, uma penalidade de duração proporcional à gravidade da falta, e à persistência na obstinação no mal, mas deixando sempre a porta aberta para o arrependimento.

IV⁸⁴

Impossibilidade material das penas eternas

14. Até aqui, o dogma da eternidade das penas só tem sido combatido pelo raciocínio; vamos mostrá-lo em contradição com os fatos positivos que temos sob os olhos, e provar a sua impossibilidade.

De acordo com esse dogma, o destino da alma está irrevogavelmente fixado após a morte. É, portanto, um ponto de parada definitivo oposto ao progresso. Ora, a alma progride ou não? Eis aí toda a questão. Se ela progride, a eternidade das penas é impossível.

Pode-se duvidar desse progresso quando se vê a imensa variedade de aptidões morais e intelectuais que existem sobre a Terra, desde o selvagem até o homem civilizado? Quando se vê a diferença que um mesmo povo apresenta de um século para o outro? Se admitimos que não são mais as mesmas almas, é preciso admitir então que Deus as criou em todos os graus de adiantamento, segundo as épocas e os lugares; que umas almas ele favorece, enquanto consagra outras a uma inferioridade perpétua: o que é incompatível com a justiça, que deve ser a mesma para todas as criaturas.

15. É incontestável que a alma intelectual e moralmente atrasada, como a dos povos bárbaros, não pode ter os mesmos elementos de felicidade, as mesmas aptidões para desfrutar dos esplendores do infinito, que aquela em que todas as faculdades estão amplamente desenvolvidas. Portanto, se essas almas não progredirem, elas só podem, nas condições mais favoráveis, desfrutar perpetuamente de uma felicidade por assim dizer negativa. Forçosamente, para estar de acordo com a rigorosa justiça, chega-se à conclusão de que as almas mais avançadas são as mesmas que eram atrasadas e que progrediram. Mas aqui atingimos a importante questão da pluralidade das existências, como único meio racional de resolver a dificuldade. Entretanto, não vamos levar em conta essa questão e consideraremos a alma em uma só existência.

16. Eis, como freqüentemente se vê, um jovem de vinte anos, ignorante, com instintos viciosos, negando Deus e sua alma, entregando-se à desordem e comendo todas as espécies de más ações. No entanto, ele se encontra em um meio favorável; ele trabalha, se instrui, pouco a pouco se corrige e, finalmente, torna-se piedoso. Este não é um exemplo claro do progresso da alma durante a vida, e não se vêem casos semelhantes a este todos os dias? Esse homem morre santamente em uma idade avançada e, naturalmente, sua salvação está assegurada. Mas qual teria sido seu destino, se um acidente fizesse com que ele morresse quarenta ou cinqüenta anos mais cedo? Ele estava com todas as condições requeridas para

⁸⁴ Na 1ª edição aparece apenas este número, na 4ª, somente o subtítulo. (N.T.)

ser condenado; ora, uma vez condenado, todo o progresso lhe estaria vedado. Eis, então, um homem salvo porque viveu muito tempo, e que se tivesse vivido menos, fato que podia resultar de um acidente eventual,⁸⁵ segundo a doutrina das penas eternas, teria se perdido para sempre. Desde que sua alma pôde progredir em um determinado tempo, por que não poderia progredir no mesmo tempo após a morte, se uma causa independente da sua vontade o tivesse impedido de fazê-lo durante sua vida? Por que Deus lhe negaria os meios para isso? O arrependimento, ainda que tardio, não deixou de chegar a tempo; mas se, desde o instante de sua morte, uma condenação irremissível o tivesse atingido, seu arrependimento teria sido inútil pela eternidade, e sua aptidão para progredir destruída para sempre.

17. O dogma da eternidade absoluta das penas é, portanto, inconciliável com o progresso da alma, visto que a ele oporia um obstáculo invencível. Esses dois princípios, se anulam forçosamente um pelo outro; se um existe, o outro não pode existir. Qual dos dois existe? A lei do progresso é patente, não é uma teoria, é um fato constatado pela experiência; é uma lei da natureza, lei divina, imprescritível; portanto, já que ela existe, e não pode se conciliar com a outra, é porque a outra não existe. Se o dogma da eternidade das penas fosse uma verdade, Santo Agostinho, São Paulo e muitos outros jamais teriam visto o céu se morressem antes do progresso que a conversão lhes trouxe.

A esta última afirmação, respondem que a conversão desses santos personagens não foi um resultado do progresso da alma, mas da graça que lhes foi concedida e pela qual foram tocados.

Isso, porém, é jogar com as palavras. Se eles fizeram o mal, e mais tarde praticaram o bem, é porque se tornaram melhores, portanto, progrediram. Deus, então, lhes teria concedido, por um favor especial, a graça de se corrigirem? Por que a eles primeiro que aos outros? É sempre a doutrina dos privilégios! E ela é incompatível com a justiça de Deus e com o seu amor igual por todas as suas criaturas.

Segundo a Doutrina Espírita, de acordo com as próprias palavras do *Evangelho*, com a lógica e a mais rigorosa justiça, o homem é o filho das suas obras, durante esta vida e após a morte; não deve nada à ajuda de ninguém. Deus o recompensa por seus esforços, e o pune por sua negligência por tanto tempo quanto ele for negligente.

V⁸⁶

A doutrina das penas eternas fez sua época

18. A crença na eternidade das penas materiais manteve-se como um receio salutar até que os homens estivessem em condições de compreender o poder moral. Assim são as crianças que se consegue reprimir durante um tempo pela ameaça de certos seres quiméricos com a ajuda dos quais as amedrontamos;

⁸⁵ Este trecho em Times New Roman pertence à 4ª edição. (N.T.)

⁸⁶ Este número consta apenas na 1ª edição. (N.T.)

porém, chega um momento em que a razão da criança, por si mesma, não aceita os contos com os quais foi embalada, e seria absurdo pretender governá-las pelos mesmos meios. Se aqueles que as dirigem persistissem em lhes afirmar que essas fábulas são verdades que é preciso considerar ao pé da letra, eles perderiam sua confiança.

Assim acontece hoje em dia com a humanidade; ela saiu da infância e abandonou suas andadeiras.⁸⁷ O homem não é mais esse instrumento passivo que cedia sob a força material, nem esse ser crédulo que aceitava tudo de olhos fechados.

Eis por que, quando o seu espírito atingiu um certo desenvolvimento, ele recusa a crença nas penas eternas como incompatível com a idéia maior que ele faz da Divindade, e as noções mais exatas que tem do justo e do injusto. Todos os argumentos do mundo não poderiam vencer a evidência; persistir, nesse caso, é um erro, porque é comprometer sua própria autoridade.

19. A crença é um ato do entendimento, por isso ela não pode ser imposta. Se, durante um certo período da humanidade, o dogma da eternidade das penas pôde ser inofensivo e até mesmo salutar, chegou um momento em que ele se tornou perigoso. Realmente, desde o instante em que vós o impondes como verdade absoluta, quando a razão o repele, daí resulta logicamente uma destas duas coisas: ou o homem que deseja crer torna-se um crente mais racional, e então ele se separa de vós, ou então não crê absolutamente em nada. É evidente, para todo aquele que tenha estudado a questão a sangue frio, que, nos dias atuais, o dogma da eternidade das penas tem feito mais materialistas e ateus do que todos os filósofos.

As idéias seguem um curso incessantemente progressivo; só se pode governar os homens seguindo esse curso; querer pará-lo ou fazê-lo retroceder, ou simplesmente ficar para trás, enquanto ele avança, é se perder. Seguir ou não seguir esse movimento é uma questão de vida ou de morte, para as religiões bem como para os governos. É um bem? É um mal? Certamente é um mal aos olhos daqueles que vivendo no passado vêem esse passado lhes escapar; porém, para aqueles que vêem o futuro é a lei do progresso, que é uma lei de Deus, e contra as leis de Deus toda resistência é inútil; lutar contra a vontade de Deus é querer destruir-se.

Por que, portanto, querer sustentar à viva força uma crença que cai em desuso, e que definitivamente faz mais mal do que bem à religião? Ai de mim! É triste dizê-lo, mas uma questão material domina aqui a questão religiosa. Essa crença foi largamente explorada com a ajuda da idéia de que com dinheiro podia-se fazer abrir as portas do céu, e preservar-se do inferno. As quantias que ela rendeu, e que ainda rende, são incalculáveis; é o imposto antecipado sobre o medo da eternidade. Esse imposto sendo facultativo, o rendimento é proporcional à crença; se a crença não existe, o rendimento torna-se nulo. A criança dá, de boa vontade, o

⁸⁷ **Andadeiras:** faixas de pano com que se cinge a criança por sob as axilas, e às quais se prendem cordões ou fitas, em que alguém pega para ensiná-la a andar. (N.T., segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

seu pedaço de bolo àquele que lhe promete caçar o lobisomem; porém, quando a criança não acredita mais em lobisomem, ela guarda o seu bolo.

20. A Nova Revelação, dando idéias mais perfeitas sobre a vida futura e provando que podemos obter a salvação pelas próprias obras, deve encontrar uma oposição tanto mais forte porque faz secar uma importante fonte de receita. E assim tem sido cada vez que uma descoberta ou uma invenção vêm mudar os hábitos. Aqueles que vivem de antigos e custosos procedimentos os enaltecem e desacreditam os novos, mais econômicos. Pode-se acreditar, por exemplo, que a imprensa, apesar dos serviços que devia trazer para a humanidade, tenha sido aclamada pela numerosa classe dos copistas? Certamente que não; eles devem tê-la amaldiçoado. Assim também deve ter acontecido com as máquinas, as estradas de ferro e com outras coisas.

Aos olhos dos incrédulos, o dogma da eternidade das penas é uma questão fútil da qual eles se riem; aos olhos do filósofo, esse dogma tem uma gravidade social pelos abusos aos quais dá lugar; o homem verdadeiramente religioso vê a dignidade da religião interessada na destruição desses abusos e de sua causa.

Ezequiel contra a eternidade das penas e o pecado original⁸⁸

21. Àqueles que pretendem encontrar na Bíblia a justificação da eternidade das penas, pode-se opor textos contrários que não deixam nenhum equívoco. As palavras seguintes, de Ezequiel, são a mais explícita negação não somente das penas irremissíveis, mas da responsabilidade que o pecado do pai do gênero humano teria feito recair sobre sua raça:

“1. O Senhor me falou de novo e disse: — 2. De onde vem o uso desta parábola de que vos servis, e que transformastes em provérbio em Israel: Os pais, dizeis, comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se enfraqueceram? — 3. Eu juro por mim mesmo, diz o Senhor Deus, que essa parábola não passará mais entre vós como provérbio em Israel; — 4. Pois que todas as almas são minhas; a alma do pai é minha como a alma do filho; a alma que pecou, essa morrerá.

5. Se um homem é justo, se ele age segundo a igualdade e a justiça; — 7. Se ele não entristece nem oprime ninguém; se devolve ao seu devedor o penhor que ele lhe dera; se não toma nada dos bens de outro por violência; se dá de seu pão àquele que tem fome; se veste aqueles que estão nus; — 8. Se não empresta com usura e nem recebe mais do que deu; se afasta sua mão da injustiça e promove um julgamento com a verdade entre dois homens que pleiteiam entre si; — 9. Se caminha seguindo meus preceitos, e guarda minhas ordens para agir de acordo com a verdade: esse é justo, e muito certamente viverá, disse o Senhor Deus.

10. E se esse homem tem um filho que seja um ladrão, e que derrame o sangue, ou que cometa qualquer uma dessas faltas; — 13. Esse filho morrerá muito certamente, pois que fez todas essas ações detestáveis, e seu sangue cairá sobre sua cabeça.

14. Se esse homem tem um filho que vendo todos os crimes que seu pai havia cometido, por causa deles esteja cheio de medo, e procure não imitá-lo; — 17. Este não morrerá

⁸⁸ Este título e os nove parágrafos que a ele se referem não constam na 1ª edição. (N.T.)

por causa da iniquidade de seu pai, mas certamente muito viverá. — 18. Seu pai, que havia oprimido os outros com calúnias, e que cometera ações criminosas no meio do seu povo, morrerá por sua própria iniquidade.

19. Se dizeis: Por que o filho não levará a maldade de seu pai? É porque o filho agiu segundo a igualdade e a justiça; é que ele guardou todos os meus preceitos e os praticou; eis por que ele certamente muito viverá.

20. A alma que pecou morrerá ela mesma: O filho não carregará a iniquidade do pai, e o pai não carregará a iniquidade do filho; a justiça do justo estará sobre ele, e a impiedade do ímpio estará sobre ele.

21. Se o ímpio fizer penitência de todos os pecados que cometeu; se guardar todos os meus preceitos, se agir segundo a equidade e a justiça, ele certamente viverá e não morrerá jamais. — 22. Não me lembrarei mais de todas as iniquidades que ele havia cometido; ele viverá nas obras de justiça que houver feito.

23. Quero eu a morte do ímpio? — disse o Senhor Deus; não desejo antes que ele se converta, que se afaste do mau caminho, e que viva? (*Ezequiel*, XVIII.)

Dizei-lhes estas palavras: Eu juro por mim mesmo, disse o Senhor Deus, que não quero a morte do ímpio, mas quero que o ímpio se converta, que deixe sua má vida e que viva.” (*Ezequiel*, XXXIII: 11.)



Capítulo VIII ⁸⁹

As penas futuras segundo o Espiritismo

- **A carne é fraca**
- **Princípios da Doutrina Espírita sobre as penas futuras**
- **Código penal da vida futura**

A carne é fraca⁹⁰

1. Existem tendências viciosas que, evidentemente, são inerentes ao espírito, porque estão ligadas mais ao moral do que ao físico; outras parecem antes consequência do organismo, e, por esse motivo, acreditamos que somos menos responsáveis por elas, tais são as predisposições à cólera, à indolência, à sensualidade, etc.

Está perfeitamente reconhecido hoje em dia, pelos filósofos espiritualistas, que os órgãos cerebrais, correspondentes às diversas aptidões, devem seu desenvolvimento à atividade do espírito; que esse desenvolvimento é, portanto, um efeito e não uma causa. Um homem não é músico porque tem *vocação* pela música, ele tem vocação pela música porque seu espírito é músico.

Se a atividade do espírito reage sobre o cérebro, ele deve reagir igualmente sobre as outras partes do organismo. O espírito então é o artífice do seu próprio corpo, ao qual ele dá forma, por assim dizer, a fim de apropriá-lo às suas necessidades e à manifestação de suas tendências. Isso feito, a perfeição do corpo nas raças adiantadas* não seria o produto de criações distintas, mas o resultado do trabalho do espírito, que aperfeiçoa seu equipamento à medida que suas faculdades aumentam.

Por uma consequência natural desse princípio, as disposições morais do espírito devem modificar as qualidades do sangue, dar-lhe mais ou menos atividade, provocar uma secreção mais ou menos abundante de bÍlis ou outros fluidos. É assim, por exemplo, que o guloso sente a boca encher-se de saliva ao ver uma iguaria apetitosa. Não é a comida que pode superexcitar o órgão do paladar, pois que não existe contato; é, pois, o espírito, cuja

⁸⁹ Este capítulo, "As Penas Futuras Segundo o Espiritismo", que é o VIII da 1ª edição, corresponde ao VII na 4ª edição na qual aparece com os subtítulos aqui colocados. (N.T.)

⁹⁰ A matéria referente ao item "A Carne é Fraca" não consta na 1ª edição e na 4ª dá início ao capítulo "As Penas Futuras Segundo o Espiritismo". Trata-se de um estudo fisiológico e moral, não transcrito integralmente, publicado na *Revista Espírita* de março de 1869, isto é, quatro anos após o lançamento da 1ª edição de *O Céu e o Inferno*. (N.T.)

* Vide Nota Explicativa no final do livro. (N.E.)

sensibilidade é despertada, que age pelo pensamento sobre esse órgão, enquanto que, sobre um outro espírito, a visão dessa iguaria não produziria nenhum efeito. É ainda pela mesma razão que uma pessoa sensível facilmente verte lágrimas; não é a abundância das lágrimas que dá sensibilidade ao espírito, é a sensibilidade do espírito que provoca a secreção abundante das lágrimas. Sob o domínio da sensibilidade, o organismo está apropriado a essa disposição normal do espírito, como estava apropriado à do espírito guloso.

Seguindo essa ordem de idéias, compreende-se que um espírito irritável deve conduzir ao temperamento bilioso; de onde se conclui que um homem não é colérico porque é bilioso, mas que ele é bilioso porque é colérico. O mesmo se dá com todas as outras disposições instintivas; um espírito frouxo e preguiçoso deixará seu organismo em um estado de fraqueza em relação com o seu caráter, enquanto que, se for ativo e enérgico, dará ao seu sangue, aos seus nervos, qualidades inteiramente diferentes. A ação do espírito sobre o físico é de tal forma evidente que, muitas vezes, se vêem graves desordens orgânicas se produzirem por efeito de violentas comoções morais. A expressão comum: “A emoção lhe altera o sangue”, não é tão desprovida de sentido quanto se poderia crer. Ora, o que pode alterar o sangue senão as disposições morais do espírito?

Pode-se, portanto, admitir que o temperamento é, pelo menos em parte, determinado pela natureza do espírito, que é causa e não efeito. Dizemos em parte porque existem casos em que o físico influi evidentemente sobre o moral: é quando um estado mórbido ou anormal é determinado por uma causa externa, acidental, independente do espírito, como a temperatura, o clima, vícios hereditários de constituição, um mal-estar passageiro, etc. O moral do espírito pode, então, ser afetado nas suas manifestações pelo estado patológico, sem que sua natureza intrínseca seja modificada.

Justificar seus erros pela fraqueza da carne é apenas um subterfúgio para escapar à responsabilidade. A carne só é fraca porque o espírito é fraco, o que reverte a questão, e deixa ao espírito a responsabilidade de todos os seus atos. A carne, que não tem pensamento nem vontade, não prevalece jamais sobre o espírito, que é o ser pensante e de vontade própria; é o espírito que dá à carne as qualidades correspondentes aos seus instintos, assim como um artista imprime à sua obra material o estilo do seu gênio. O espírito, livre dos instintos da bestialidade, dá forma a um corpo que não é mais um tirano para suas aspirações em direção à espiritualidade do seu ser; é então que o homem come para viver, porque viver é uma necessidade, mas não vive para comer.

A responsabilidade moral dos atos da vida, portanto, permanece íntegra; mas a razão diz que as conseqüências dessa responsabilidade devem estar em relação com o desenvolvimento intelectual do espírito; quanto mais esclarecido, menos desculpável porque, com a inteligência e o senso moral, nascem as noções do bem e do mal, do que é justo e do que é injusto.

Essa lei ainda explica o mau êxito da Medicina em certos casos. Visto que o temperamento é um efeito e não uma causa, os esforços empreendidos para modificá-lo são necessariamente paralisados pelas disposições morais do espírito, que opõe uma resistência inconsciente e neutraliza a ação terapêutica. É, pois, sobre a primeira causa que é preciso agir. Se for possível, dai coragem ao covarde, e vereis os efeitos fisiológicos do medo cessarem.

Isso prova uma vez mais a necessidade, para a arte de curar, de levar em conta a ação do elemento espiritual sobre o organismo. (*Revista Espírita*, março de 1869, pp. 65 a 69.)

2. Estando o destino dos homens nas mãos de Deus, ninguém, neste mundo, pode decretar ou regular o código penal divino. Toda teoria humana não é mais que uma hipótese que tem apenas o valor de uma opinião pessoal, e, por isso mesmo, pode ser mais ou menos engenhosa, racional, bizarra ou ridícula; só a confirmação pelos fatos pode dar-lhe autoridade e fazê-la passar ao estado de lei.

3. Na ausência de fatos próprios para fixar suas idéias sobre a vida futura, os homens deram curso à sua imaginação e criaram essa diversidade de sistemas que se dividiram e se dividem ainda entre as crenças. Se alguns homens mais cultos têm, em diversas épocas, entrevisto uma pequena parte da verdade, o povo ignorante ficou sob o domínio dos preconceitos que a maior parte das vezes lhe eram impostos. A doutrina das penas eternas está entre esse número. Essa doutrina está fora de uso, hoje ela é recusada pela razão. O que colocar em seu lugar? Um sistema substituído por um outro sistema, embora mais racional, para ele sempre haverá apenas a probabilidade, mas não a certeza. É por isso que o homem, tendo alcançado esse período intelectual que lhe permite refletir e comparar, e não encontrando nada que satisfaça completamente sua razão e responda às suas aspirações, vacila indeciso. Uns, que a responsabilidade do futuro aterroriza, e que querem desfrutar do presente sem constrangimento, procuram se atordoar e proclamam o nada após a morte, acreditando assim colocar sua consciência a salvo; outros estão na perplexidade da dúvida, e o maior número crê em alguma coisa, mas não sabe positivamente em que acredita.

4. Um dos resultados do desenvolvimento das idéias e dos conhecimentos adquiridos, é o positivismo; o homem deseja crer, mas quer saber por que crê; ele não se contenta mais com palavras; sua razão determinada quer qualquer coisa mais substancial que teorias; em uma palavra, ele precisa de fatos.

Deus, portanto, considerando que a humanidade saiu da infância, e que o homem está amadurecido atualmente para compreender verdades de uma ordem mais elevada, permite que a vida espiritual lhe seja revelada por fatos que colocam um fim às suas incertezas, delas fazendo cair a pirâmide das hipóteses; é a realidade após a ilusão.

Princípios da Doutrina Espírita sobre as penas futuras⁹¹

5. A Doutrina Espírita, no que se refere às penas futuras, não está mais edificada sobre uma teoria preconcebida, que em suas outras partes, não é um sistema substituindo a um outro sistema;⁹² em todas as coisas ela se apóia sobre observações, e é o que faz sua autoridade. Ninguém, pois, imaginou que as almas, após a morte, deviam se encontrar nesta ou naquela situação; são os próprios seres que deixaram a Terra que vêm hoje nos iniciar nos mistérios da vida futura, vêm nos

⁹¹ Este título aparece na 4ª edição. (N.T.)

⁹² Este trecho em Times New Roman pertence à 4ª edição. (N.T.)

descrever sua posição feliz ou infeliz, suas impressões e sua transformação com a morte do corpo; em uma palavra, vêm completar, sobre esse ponto, o ensino do Cristo.

Não se trata aqui do relato de um único espírito, que poderia ver as coisas somente sob o seu ponto de vista, sob um só aspecto, ou ainda ser dominado pelos preconceitos da Terra, nem de uma revelação feita a um único indivíduo, que poderia se deixar enganar pelas aparências, nem de uma visão extática que se presta a ilusões e muitas vezes é apenas o reflexo de uma imaginação exagerada,⁹³ trata-se sim, de inumeráveis exemplos fornecidos por todas as categorias de espíritos, desde o mais alto ao mais baixo da escala, com a ajuda de numerosos intermediários disseminados sobre todos os pontos do globo terrestre, de tal forma que a revelação não é o privilégio de nenhuma pessoa, que cada um é livre para ver e observar, e que ninguém é obrigado a crer pela crença de outros.

As leis que disso emanam são deduzidas da concordância dessa quantidade imensa de observações; este é o caráter essencial e especial da Doutrina Espírita; um princípio geral nunca é tirado de um fato isolado, nem da afirmação de um só espírito, nem do ensino dado para um só indivíduo, nem de uma opinião pessoal. Qual seria o homem que poderia acreditar-se bastante justo para avaliar a justiça de Deus?

Os numerosos exemplos citados nesta obra, para estabelecer a sorte futura da alma, poderiam ser multiplicados ao infinito, porém, como cada pessoa pode observar exemplos análogos, bastaria dar, por assim dizer, os modelos das diversas situações. Dessas observações pode-se deduzir as condições de felicidade e de infelicidade na vida futura; elas provam que a penalidade não falta para nenhuma prevaricação, e que, por não ser eterno, o castigo não é menos terrível de acordo com as circunstâncias.

Código penal da vida futura⁹⁴

O Espiritismo, portanto, não veio com sua autoridade particular formular um código de fantasia; sua lei, no que se refere ao futuro da alma, deduzida das observações feitas sobre o fato, pode resumir-se nos seguintes pontos:

1^º) A alma ou espírito sofre, na vida espiritual, as conseqüências de todas as imperfeições das quais não se libertou durante a vida corporal. Seu estado, feliz ou infeliz, está intimamente ligado ao grau de sua depuração ou de suas imperfeições.

2^º) Todos os espíritos sendo perfectíveis, em virtude da lei do progresso, cada um traz em si os elementos da sua felicidade ou da sua infelicidade futura, e os meios de adquirir uma e evitar a outra trabalhando para o seu próprio adiantamento.

⁹³ Ver no capítulo VII o item 7, e em *O Livro dos Espíritos*, as perguntas 443 e 444. (N.A.)

⁹⁴ Este título pertence à 4ª edição. (N.T.)

3º) A felicidade perfeita está ligada à perfeição, isto é, à depuração completa do espírito. Toda imperfeição é ao mesmo tempo uma causa de sofrimento e de privação de prazer, do mesmo modo que toda qualidade adquirida é uma causa de prazer e de atenuação de sofrimentos. Daí resulta que a soma da felicidade e dos sofrimentos é proporcional à soma das qualidades boas ou más que o espírito possui.

4º) A punição sempre é a conseqüência natural da falta cometida. O espírito sofre pelo próprio mal que fez, de maneira que, tendo a sua atenção incessantemente dirigida para as conseqüências desse mal, melhor ele compreende os seus inconvenientes e é encorajado a corrigir-se dele.

5º) A punição varia segundo a natureza e a gravidade da falta; a mesma falta pode assim dar lugar a expiações diferentes, segundo as circunstâncias atenuantes ou agravantes nas quais ela foi cometida.

6º) Não há, com relação à natureza, à intensidade e à duração do castigo, nenhuma regra absoluta e uniforme; a única lei geral é que toda falta recebe sua punição e toda boa ação, sua recompensa, segundo seu valor.

7º) A justiça de Deus sendo infinita, o bem e o mal são rigorosamente levados em conta; se não há uma só ação má, um só mau pensamento que não tenha as suas conseqüências fatais, não há uma só boa ação, um só bom impulso da alma, em uma palavra, o mais pequeno mérito que seja perdido, mesmo entre os mais perversos, porque é um início de progresso.

Toda falta cometida, todo mal realizado, é uma dívida contraída que deve ser paga; se não o for em uma existência, o será na seguinte ou nas seguintes, porque todas as existências são solidárias umas com as outras. Aquele que paga uma dívida na existência presente não terá que pagá-la uma segunda vez.

O espírito sofre a pena das suas imperfeições, seja no mundo espiritual, seja no mundo corporal. Todas as misérias, todas as vicissitudes que se sofrem na vida corporal são o resultado das nossas imperfeições, expiações de faltas cometidas, seja na existência presente, seja nas precedentes.

Pela natureza dos sofrimentos e das vicissitudes que se suportam na vida corporal, pode-se fazer uma idéia da natureza das faltas cometidas em uma existência precedente, e das imperfeições que são a sua causa.⁹⁵

8º) A duração do castigo está subordinada à melhora do espírito culpado. Nenhuma condenação, por um tempo determinado, é pronunciada contra ele. O que Deus exige para colocar um fim aos sofrimentos, é o *arrependimento*, a *expiação* e a *reparação*, em uma palavra, uma melhora séria, efetiva, e um retorno sincero ao bem.

O espírito, assim, sempre é o árbitro da sua própria sorte; ele pode prolongar seus sofrimentos pela sua obstinação no mal, abrandá-los ou abreviá-los por seus esforços em fazer o bem.

⁹⁵ Estes três parágrafos em Times New Roman pertencem à 4ª edição. (N.T.)

Uma condenação por um tempo determinado qualquer teria um duplo inconveniente: ou continuar a atingir o espírito que teria melhorado, ou então acabar quando ele ainda permanecesse no mal. Deus, que é justo, pune o mal enquanto ele existe; e deixa de punir quando o mal não existe mais,⁹⁶ ou, se assim se quer, sendo o mal moral, por si mesmo, uma causa de sofrimento, o sofrimento dura tanto tempo quanto o mal subsiste; sua intensidade diminui à medida que o mal se enfraquece.⁹⁷

Assim, acham-se confirmadas estas palavras: “Eu, não quero a morte do pecador, mas sim que ele viva, e eu o perseguirei até que ele se arrependa.”⁹⁸

9ª) A duração do castigo estando subordinada ao arrependimento e à melhoria do espírito, daí resulta que o espírito culpado que não se arrependesse e não melhorasse nunca, sofreria sempre, e que, para ele, a pena seria eterna. Portanto, a eternidade das penas deve entender-se no sentido relativo e não no absoluto.

10ª) Uma condição inerente à inferioridade dos espíritos é a de não verem o fim da sua situação e acreditarem que sofrerão sempre. É para eles um castigo que lhes parece que será eterno.⁹⁹

11ª) É possível que um espírito nunca melhore? Não, caso isso ocorresse ele estaria fatalmente destinado a uma eterna inferioridade, e estaria fora da lei do progresso que rege providencialmente todas as criaturas.

Como o espírito sempre tem o seu livre-arbítrio, seu aperfeiçoamento algumas vezes é muito lento, e sua persistência no mal é muito firme. Ele pode persistir no mal durante anos e séculos; mas sempre surge um momento em que sua teimosia em desafiar a justiça de Deus cede diante do sofrimento, e em que, apesar da sua fanfarrice, ele reconhece o poder superior que o domina. Desde que nele se manifestem os primeiros indícios do arrependimento, Deus faz com que ele entreveja a esperança.

12ª) Quaisquer que sejam a inferioridade e a perversidade dos espíritos, Deus jamais os abandona. Todos têm seu anjo guardião que vela por eles, vê os movimentos de sua alma e se esforça em neles despertar bons pensamentos, o desejo de progredir e de reparar, em uma nova existência, o mal que fizeram. No entanto, o guia protetor, na maior parte das vezes, age de uma maneira oculta, sem exercer nenhuma pressão. O espírito deve melhorar-se por ato de sua própria vontade, e não em consequência de um constrangimento qualquer. Ele age bem

⁹⁶ Ver no cap. VII, item 21, a citação de *Ezequiel*. (N.A.)

⁹⁷ Este trecho em *Times New Roman* pertence à 4ª edição. (N.T.)

⁹⁸ Se o ímpio fizer penitência de todos os pecados que cometeu, se respeitar todos os meus preceitos e se agir segundo a equidade e a justiça, certamente viverá, e não morrerá. Não me lembrarei mais das iniquidades que ele houver praticado; ele viverá das obras justas que houver praticado. Quero eu a morte do ímpio? — disse o Senhor Deus. Não desejo antes que ele se converta, que se retire do mau caminho e que viva? (*Ezequiel*, XVIII: 21 a 23; XXXIII: 11) (N.A.)

⁹⁹ *Perpétuo* é sinônimo de eterno. Diz-se: o limite das neves perpétuas; os gelos eternos dos pólos; diz-se também o secretário perpétuo da Academia, o que não quer dizer que ele o será perpetuamente, mas somente por um tempo ilimitado. Portanto, *eterno* e *perpétuo* se empregam no sentido de *indeterminado*. Nessa acepção, pode-se dizer que as penas são eternas, se entendemos que elas não têm uma duração limitada; as penas são eternas para o espírito que não lhes vê o término. (N.A.)

ou mal em virtude do seu livre-arbítrio, mas sem ser fatalmente empurrado para um ou para outro sentido. Se fez o mal, disso sofrerá as conseqüências por tanto tempo quanto permaneça no mau caminho; desde que dê um passo na direção do bem, sente imediatamente os seus efeitos.

O *arrepentimento* é o primeiro passo em direção à melhoria do espírito; mas ele apenas não basta, é preciso ainda a *expição* e a *reparação*. *Arrepentimento*, *expição* e *reparação* são as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas conseqüências.

O arrepentimento suaviza as dores da expiação, assim ele dá a esperança e prepara os caminhos da reabilitação; mas só a reparação pode anular o efeito destruindo-lhe a causa; *o perdão seria uma graça e não uma anulação*.

O arrepentimento pode acontecer em qualquer parte e em qualquer época; se ele for tardio o culpado sofrerá por muito mais tempo.

A expiação consiste nos sofrimentos físicos e morais, que são a conseqüência da falta cometida, seja desde a vida atual, seja após a morte, na vida espiritual, seja em uma nova existência corporal, até que os traços da falta tenham desaparecido.

A reparação consiste em fazer o bem àquele a quem se fez o mal. Aquele que não repara seus erros nesta vida, por impossibilidade ou má vontade, se reencontrará, em uma existência posterior, em contato com as mesmas pessoas que tiveram queixas dele, e nas condições escolhidas por ele mesmo, de forma que possa provar-lhes a sua dedicação, e fazer-lhes tanto bem quanto mal lhes tenha feito.

Nem todos os erros produzem um prejuízo direto e efetivo; nesse caso, a reparação se realiza fazendo-se o que se devia ter feito e não se fez, cumprindo-se os deveres que foram negligenciados ou ignorados, as missões em que não se teve êxito; praticando o bem em oposição ao que se fez de mal, isto é, sendo humilde quando se foi orgulhoso, suave quando se foi ríspido, caridoso quando se foi egoísta, benévolo quando se foi malévolto, trabalhador quando se foi preguiçoso, útil quando se foi inútil, moderado quando se foi dissoluto, dar bons exemplos pelos maus que foram dados, etc. É assim que o espírito progride, tirando proveito do próprio passado.¹⁰⁰

Os espíritos imperfeitos são excluídos dos mundos felizes, dos quais eles perturbariam a harmonia; ficam nos mundos inferiores, onde expiam suas faltas pelas tribulações da vida, e se purificam de suas imperfeições, até que mereçam encarnar nos mundos mais avançados moral e fisicamente.

¹⁰⁰ A necessidade da reparação é um princípio de rigorosa justiça que se pode considerar como a verdadeira lei de reabilitação moral dos espíritos. É uma doutrina que nenhuma religião ainda proclamou.

No entanto, algumas pessoas a repelem, porque achariam mais cómodo poder apagar os seus erros com um simples arrependimento, que não custa mais que palavras, e com a ajuda de algumas fórmulas; tendo o direito de se acreditarem quites, elas verão mais tarde se isso lhes basta. Poder-se-ia perguntar-lhes se esse princípio não foi consagrado pela lei humana, e se a justiça de Deus pode ser inferior à justiça dos homens. Essas pessoas se dariam por satisfeitas se um indivíduo que as arruinou por abuso de confiança, se limitasse a lhes dizer que lamenta infinitamente o acontecido. Por que recuariam elas diante de uma obrigação cujo cumprimento todo homem honesto considera um dever?

Quando essa perspectiva da reparação se impuser na crença das massas, ela será um freio bem mais poderoso que o do inferno e das penas eternas, porque atinge a atualidade da vida, e porque o homem compreenderá a razão de ser das circunstâncias penosas em que se encontra. (N.A.)

Se podemos conceber um lugar de castigo circunscrito, esse lugar é nos mundos de expiação, porque é em torno desses mundos que pululam os espíritos imperfeitos desencarnados, esperando uma nova existência que, permitindo-lhes reparar o mal que fizeram, ajudará no seu adiantamento.¹⁰¹

13ª) Seria um erro acreditar que, por causa da lei do progresso, a certeza de cedo ou tarde chegar à perfeição e à felicidade pode ser, para o espírito mau, um encorajamento a perseverar no mal, sob a condição de se arrepender mais tarde; seria um erro porque: primeiro, o espírito inferior não vê o término da sua situação; segundo, o espírito, sendo o autor da sua própria infelicidade, acaba por compreender que depende de si mesmo fazê-la cessar, e que quanto mais tempo persistir no mal mais tempo ele será infeliz; que seu sofrimento durará sempre se ele mesmo não lhe der um fim. Seria, portanto, um falso cálculo de sua parte, do qual ele seria a primeira vítima. Se, ao contrário, segundo o dogma das penas irremissíveis, toda esperança lhe está para sempre proibida, ele persevera no mal porque não tem nenhum interesse em retornar ao bem que, para ele, não tem proveito. A razão diz de que lado está a verdadeira justiça providencial, e aquele onde se mostra o maior amor de Deus por suas criaturas.

14ª) Diante dessa lei, igualmente desaparece a objeção extraída da presciência divina. Deus, criando uma alma, sabe, efetivamente, se, em virtude do seu livre-arbítrio, ela seguirá o bom ou o mau caminho; sabe que ela será punida se fizer o mal, mas sabe também que esse castigo temporário é um meio de fazê-la compreender seu erro e de fazê-la entrar no bom caminho, onde ela chegará cedo ou tarde. Segundo a doutrina das penas eternas Deus sabe que alma será malsucedida, e ela é antecipadamente condenada a torturas sem fim. A razão também nos diz em que lado está a verdadeira justiça de Deus.

15ª) Cada um é responsável somente por suas próprias faltas; ninguém sofre a pena das faltas dos outros,¹⁰² a menos que a elas tenha dado ensejo, seja provocando-as por seu exemplo, seja não as impedindo quando tinha condições de fazê-lo.

Responde-se não somente pelo mal que se fez, mas também pelo bem que se podia ter feito e não se fez.

É assim, por exemplo, que o suicida sempre é punido; mas aquele que, por sua crueldade, leve uma pessoa ao desespero e daí a se destruir, sofre uma pena ainda maior.

16ª) Não acontece o mesmo segundo a doutrina comum do inferno; o inferno é igual para todos; o culpado de uma só falta sofre o mesmo suplício eterno que aquele que cometeu milhares de faltas. Se o inferno não fosse assim, não seria mais o inferno porque nele haveria umas almas menos infelizes que outras.

¹⁰¹ Parágrafos e rodapé em Times New Roman pertencem à 4ª edição. (N.T.)

¹⁰² A alma que peca é a que morre; o filho não carregará a iniquidade do pai, e o pai não carregará a iniquidade do filho; a justiça do justo estará sobre ele e a impiedade do ímpio estará sobre ele. (*Ezequiel*, XVIII: 20.) (N.A.)

17^a) Ainda que a diversidade das punições seja infinita, existem as que são inerentes à inferioridade dos espíritos, e cujas conseqüências, salvo pequenas diferenças, são mais ou menos idênticas.

A punição mais imediata, principalmente entre aqueles que estão presos à vida material negligenciando o progresso espiritual, consiste na demora da separação da alma e do corpo, nas angústias que acompanham a morte e o despertar na outra vida, na duração da perturbação que pode ser de meses ou de anos. Entre aqueles que, ao contrário, a consciência é pura, que durante sua vida estão identificados com a vida espiritual e desligados das coisas materiais, a separação é rápida, sem abalos, o despertar é pacífico e a perturbação quase nula.

18^a) Um fenômeno, muito freqüente entre os espíritos de uma certa inferioridade moral, consiste em se acreditarem ainda vivos, e essa ilusão pode prolongar-se por muitos anos, durante os quais eles experimentam todas as necessidades, todos os tormentos e todas as perplexidades da vida.

19^a) Para o criminoso, a visão incessante das suas vítimas e das circunstâncias do crime é um suplício cruel.

Certos espíritos estão mergulhados em espessas trevas; outros estão em um isolamento absoluto no meio do Espaço, atormentados pela ignorância da sua posição e da sua sorte. Os mais culpados sofrem torturas tanto mais pungentes quanto delas não vêem o fim. Muitos estão privados da visão dos seres que lhes são caros. Todos, geralmente, sofrem, com uma intensidade relativa, os males, as dores e as necessidades que fizeram outros sofrerem, até que surge o *arrependimento* e o desejo da *reparação*, trazendo um alívio e fazendo entrever a possibilidade de, *por si mesmos*, porem um fim a essa situação.¹⁰³

É um suplício para o orgulhoso ver acima dele, na glória, rodeados e festejados, aqueles que desprezara sobre a Terra, enquanto ele está relegado aos últimos lugares; para o hipócrita, ver-se trespassado pela luz que põe a descoberto os seus mais secretos pensamentos que todo mundo pode ler; para ele não há nenhum meio de se esconder e de dissimular; para o sensual, ter todas as tentações, todos os desejos, sem poder satisfazê-los; para o avaro, ver seu ouro ser dissipado e não poder retê-lo; para o egoísta, ser abandonado por todo o mundo e sofrer tudo o que os outros sofreram por causa dele; ele terá sede, e ninguém lhe dará de beber; terá fome, e ninguém lhe dará de comer; nenhuma mão amiga virá apertar a sua, nenhuma voz compassiva virá consolá-lo; ele só pensou em si durante sua vida, ninguém pensa nele e nem o lamenta após sua morte.

20^a) O meio de se evitar ou de atenuar as conseqüências, na vida futura, dos erros cometidos é desfazê-los o mais possível na vida presente; é reparar o mal, para não se ter de repará-lo mais tarde de uma forma mais terrível. Quanto mais se demora em se desfazer dos defeitos, mais penosas são as conseqüências e mais rigorosa a reparação que deve ser feita.

¹⁰³ Este trecho em Times New Roman pertence à 4ª edição. (N.T.)

21ª) A situação do espírito, desde sua entrada na vida espiritual, é a que ele preparou para si na vida corporal. Mais tarde, uma outra encarnação lhe é dada, e algumas vezes imposta, para a expiação e a reparação por novas provas; ele, porém, a aproveita mais ou menos, por causa do seu livre-arbítrio; se não a aproveita, terá uma tarefa para recomeçar cada vez em condições mais penosas; de maneira que se pode dizer que aquele que sofre muito sobre a Terra tinha muito a expiar; aqueles que desfrutam de uma felicidade aparente, apesar dos seus vícios e da sua inutilidade, tenham certeza de que irão pagá-la muito caro em uma existência posterior. É nesse sentido que Jesus disse: “Bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados.” (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. V.)

22ª) A misericórdia de Deus é infinita, sem dúvida, porém, não é cega, e ela impõe como condição: o arrependimento, a expiação e a reparação. O culpado a quem Deus perdoa não é isento, e enquanto não satisfizer essas condições, ele sofre as conseqüências das suas faltas. Por misericórdia infinita, é preciso entender que Deus não é implacável, e sempre deixa aberta uma porta para o retorno ao bem.

23ª) As penas sendo temporárias, e subordinadas ao arrependimento e à reparação, que dependem da livre vontade do homem, são, ao mesmo tempo, os *castigos* e os *remédios* que devem ajudar a curar as feridas do mal. Os espíritos em punição não são, pois, como galeotes¹⁰⁴ condenados perpetuamente, mas como doentes em um hospital, que sofrem de doenças que muitas vezes resultam de suas faltas, e dos meios curativos dolorosos que elas necessitam, mas que têm a esperança de sarar, e que saram tanto mais rápido quanto mais exatamente eles seguem as prescrições do médico que os assiste com solicitude. Se eles prolongam seus sofrimentos por suas faltas, o médico nada tem com isso.

Às penas que o espírito sofre na vida espiritual vêm se juntar as da vida corporal, que são a conseqüência das imperfeições do homem, de suas paixões, do mau emprego de suas faculdades, e a expiação de suas faltas presentes e passadas. É na vida corporal que o espírito repara o mal de suas existências anteriores, que põe em prática as resoluções tomadas na vida espiritual. Assim se explicam essas misérias e essas vicissitudes que, à primeira vista, parecem não ter razão de ser, mas são muito justas por serem a quitação do passado e porque servem para o nosso adiantamento.¹⁰⁵

24ª) Deus, dizem, não provaria um maior amor por suas criaturas, se as tivesse criado infalíveis e por conseqüência isentas das atribuições ligadas à imperfeição?

¹⁰⁴ **Galeote:** indivíduo condenado a trabalhos forçados como remador nas **galés**.

• **Galé:** antiga embarcação de guerra, comprida e estreita, que emergia pouco acima da água, impelida basicamente por grandes remos, 15 a 30, manejado cada um por três a cinco remadores; possuíam também duas velas, içadas em mastros próximos à proa. (N.T., segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

¹⁰⁵ Ver no cap. VI, “O Purgatório”, o item 3 e os seguintes; e na 2ª parte, o cap. VIII, “Exemplos de expiações terrestres.”

Ver também em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, o cap. V, “Bem-aventurados os aflitos.” (N.A.)

• Este parágrafo e a nota de rodapé pertencem à 4ª edição. (N.T.)

Para isso, teria sido preciso que ele criasse seres perfeitos, que não tivessem nada para adquirir, nem em moralidade nem em conhecimentos. Sem dúvida alguma, Deus poderia tê-lo feito, se não o fez deve ter motivos que ainda escapam à nossa compreensão e dos quais, mais tarde, entenderemos a sabedoria.

Os homens são imperfeitos, e, como tais, sujeitos a vicissitudes mais ou menos penosas; é um fato que é preciso aceitar, porquanto ele existe. Disso concluir que Deus não é nem bom nem justo seria uma revolta contra ele.

25ª) Haveria injustiça se Deus houvesse criado seres privilegiados, uns mais favorecidos que outros, desfrutando sem trabalho da felicidade que outros só alcançam com esforço ou que jamais podem alcançar. Porém, onde sua justiça aparece de forma evidente, é na igualdade absoluta que preside a criação de todos os espíritos; todos têm um mesmo ponto de partida; nenhum que seja, em sua formação, melhor dotado que os outros; não há nenhum cuja marcha ascensional, por exceção, seja facilitada; aqueles que chegaram ao objetivo passaram, como os outros, pela feira das provas e da inferioridade.

Isto admitido, o que há de mais justo que a liberdade de ação deixada a cada um? A estrada da felicidade está aberta para todos; o objetivo é o mesmo para todos; as condições para atingi-lo são as mesmas para todos; a lei gravada em todas as consciências é ensinada a todos. Deus fez da felicidade *o prêmio do trabalho e não do favor*, a fim de que cada um tivesse o seu mérito; cada um é livre para trabalhar ou nada fazer pelo seu adiamento, aquele que trabalha muito e rápido é recompensado mais cedo; aquele que se desvia do caminho ou perde seu tempo, atrasa a sua chegada, e só pode lançar a responsabilidade disso a si mesmo. O bem e o mal são voluntários e facultativos; o homem, sendo livre, não é fatalmente empurrado nem em direção a um, nem em direção ao outro.

Apesar da diversidade dos gêneros e dos graus de sofrimento dos espíritos imperfeitos, o código penal da vida futura pode se resumir nestes três princípios:

- O sofrimento está ligado à imperfeição.
- Toda imperfeição, e toda falta que é procedente dessa imperfeição, traz consigo seu próprio castigo, por suas conseqüências naturais e inevitáveis, como a doença é a conseqüência dos excessos, o tédio é a conseqüência da ociosidade, sem que haja necessidade de uma condenação especial para cada falta e cada indivíduo.
- Todo homem, podendo se desfazer das suas imperfeições por efeito da sua vontade, pode se poupar dos males que são conseqüentes dessas imperfeições, e assegurar sua felicidade futura.¹⁰⁶

Esta é a lei da justiça divina: a cada um segundo suas obras, no céu como na Terra.



¹⁰⁶ Este trecho em Times New Roman pertence à 4ª edição. (N.T.)

Capítulo IX ¹⁰⁷

Os Anjos

- Os anjos segundo a Igreja
- Refutação
- Os anjos segundo o Espiritismo

Os anjos segundo a Igreja

1. Todas as religiões, sob diversos nomes, tiveram anjos, quer dizer, seres superiores à humanidade, intermediários entre Deus e os homens. O materialismo, negando qualquer existência espiritual fora da vida orgânica, naturalmente colocou os anjos entre as ficções e as alegorias. A crença nos anjos faz parte essencial dos dogmas da Igreja; é assim que ela os define:¹⁰⁸

2. Nós cremos firmemente, diz um concílio geral e ecumênico,¹⁰⁹ que só há um verdadeiro Deus, eterno e infinito, que no *começo dos tempos*, tirou *conjuntamente* do nada uma e outra criatura, a espiritual e a corporal, a angélica e a mundana, e em seguida formou, como intermediária entre as duas, a natureza humana composta de corpo e espírito.

Tal é, segundo a fé, o plano divino na obra da criação: plano majestoso e completo, como convinha à sabedoria eterna. Assim concebido, ele oferece aos nossos pensamentos o ser em todos os graus e em todas as condições. Na esfera mais elevada aparecem a existência e a vida puramente espirituais; na última classe, a existência e a vida puramente materiais; e no meio que as separa, uma maravilhosa união de duas substâncias, uma vida comum ao mesmo tempo ao espírito inteligente e ao corpo organizado.

Nossa alma é de uma natureza simples e indivisível, porém é limitada em suas faculdades. A idéia que temos da perfeição nos faz compreender que pode haver outros seres simples iguais a ela, e superiores por suas qualidades e seus privilégios. A alma é grande e nobre, mas está associada à matéria, servida por

¹⁰⁷ Na 4ª edição este capítulo é o VIII, com os subtítulos, e os parágrafos estão em ordem diferente da que foi usada na 1ª edição. (N.T.)

¹⁰⁸ Extraímos este resumo da pastoral do monsenhor Gousset, cardeal-arcebispo de Reims, para a Quaresma de 1864. Pode-se, pois, considerá-lo, assim como o dos demônios, tirado da mesma fonte e citado no capítulo seguinte, como a última expressão do dogma da Igreja sobre esse ponto. (N.A.)

¹⁰⁹ Concílio de Latrão. (N.A.)

órgãos frágeis, limitada na sua ação e no seu poder. Por que não haveria outras naturezas mais nobres ainda, libertas dessa escravidão e desses entraves, dotadas de uma força maior e de uma atividade incomparável? Antes que Deus houvesse colocado o homem na Terra para conhecê-lo, amá-lo e servi-lo, não deveria já ter chamado outras criaturas para compor sua corte celeste e para adorá-lo na morada da sua glória? Deus, enfim, recebe das mãos do homem o tributo de honra e a homenagem deste universo; é de admirar que ele receba das mãos do anjo o incenso e a prece do homem? Portanto, se os anjos não existissem, a grande obra do Criador não teria o remate e a perfeição da qual ela era suscetível; este mundo, que atesta sua onipotência, não seria mais a obra-prima da sua sabedoria; nossa própria razão, ainda que fraca e débil, poderia facilmente concebê-lo mais completo e mais aperfeiçoado.

A cada página dos livros sagrados do *Antigo* e do *Novo Testamento*, faz-se menção dessas sublimes inteligências, nas invocações piedosas e nos episódios históricos. Sua intervenção aparece manifestamente na vida dos patriarcas e dos profetas. Deus serve-se de seu ministério, ora para declarar suas vontades, ora para anunciar os acontecimentos futuros; Deus quase sempre faz dos anjos os intermediários da sua justiça ou da sua misericórdia. Sua presença está unida às diversas circunstâncias do nascimento, da vida e da paixão do Salvador; sua lembrança é inseparável da dos grandes homens e dos fatos mais importantes da antigüidade religiosa, encontra-se mesmo no meio do politeísmo e nas fábulas da mitologia, porque a crença de que falamos é tão antiga e tão universal quanto o mundo; o culto que os pagãos rendiam aos bons e aos maus gênios era apenas uma falsa aplicação da verdade, um resto degenerado do dogma primitivo.

As palavras do santo concílio de Latrão continham uma distinção fundamental entre os anjos e os homens.

Elas nos ensinam que os primeiros são espíritos puros, enquanto que os segundos são compostos de um corpo e de uma alma; isto é, que a natureza angélica se sustém por si mesma, não somente sem mistura, mas ainda sem associação real possível com a matéria, por mais leve e sutil que a imaginemos; enquanto que nossa alma, igualmente espiritual, está associada ao corpo de maneira a não formar com ele senão uma só e mesma pessoa, e que este é essencialmente seu destino.

Enquanto durar essa união tão íntima da alma com o corpo, estas duas substâncias têm uma vida comum e exercem influência recíproca uma sobre a outra; a alma não pode se livrar inteiramente da condição imperfeita que esse fato lhe acarreta: suas idéias lhe chegam pelos sentidos, pela comparação dos objetos exteriores, e sempre sob imagens mais ou menos aparentes. Daí porque ela não pode contemplar a si mesma, e não pode representar Deus e os anjos sem lhes admitir alguma forma visível e palpável. Eis por que os anjos, para se fazerem visíveis aos santos e aos profetas, devem ter recorrido a formas corporais; mas essas formas não eram mais que corpos imateriais que eles faziam mover sem se identificarem com eles, ou atributos simbólicos em relação com a missão da qual estavam encarregados.

Seu ser e seus movimentos não estão localizados e circunscritos em um ponto fixo e delimitado do Espaço. Não estando ligados a nenhum corpo, não podem ser retidos e limitados por outros corpos, como nós o somos; eles não ocupam nenhum lugar e não preenchem nenhum espaço vazio; porém, assim como nossa alma está toda inteira em nosso corpo e em cada uma das suas partes, eles também estão inteiramente, e quase que simultaneamente, sobre todos os pontos e em todas as partes do mundo; mais rápidos que o pensamento, eles podem estar por toda a parte num abrir e fechar de olhos e ali atuarem por si mesmos, sem outros obstáculos às suas intenções senão a vontade de Deus e a resistência da liberdade humana.

Enquanto temos que nos conformar em ver apenas pouco a pouco, e em uma certa medida, as coisas que estão fora de nós, e as verdades de ordem sobrenatural nos aparecem como em enigma e em um espelho, segundo as palavras do Apóstolo São Paulo,¹¹⁰ eles vêem sem esforço o que lhes interessa saber, e estão em relação imediata com o objetivo do seu pensamento. Seus conhecimentos não são o resultado da indução e do raciocínio, mas dessa intuição clara e profunda que abrange simultaneamente o gênero e as espécies que deles derivam, os princípios e as conseqüências que deles decorrem.

A distância das épocas, a diferença dos lugares, a multiplicidade dos objetos não podem produzir nenhuma confusão em seus espíritos.

A essência divina, sendo infinita, é incompreensível; ela tem mistérios e profundezas que eles não podem penetrar. Os desígnios particulares da Providência não lhes são mostrados; ela, porém, os revela quando, em certas circunstâncias, os encarrega de anunciá-los aos homens.

As comunicações de Deus aos anjos, e dos anjos entre si, não se fazem, como entre nós, por meio de sons articulados e de outros sinais sensíveis. As puras inteligências não têm necessidade nem de olhos para ver, nem de ouvidos para ouvir; elas não têm mais o órgão da voz para manifestar seus pensamentos, esse intermediário habitual de nossas conversas não lhes é necessário; elas, porém, comunicam seus sentimentos de uma maneira que lhes é própria e que é toda espiritual. Para serem compreendidas é suficiente que o desejem.

Somente Deus conhece o número de anjos. Este número, certamente, não poderia ser infinito, e não o é; mas, de acordo com os autores sacros e os santos doutores, ele é bastante considerável e verdadeiramente prodigioso. Se é natural proporcionar o número de habitantes de uma cidade à sua grandeza e à sua extensão, sendo a Terra apenas um átomo em comparação com o firmamento e as imensas regiões do Espaço, temos que chegar à conclusão de que o número de habitantes do céu e do ar é muito maior que o dos homens.

Visto que a majestade dos reis deve seu brilho ao número de seus súditos, seus oficiais e seus servidores, o que existe de mais próprio para nos dar uma idéia da majestade do Rei dos reis do que essa multidão inumerável de anjos que

¹¹⁰ II *Coríntios*, XIII:12. (N.T.)

povoam o céu, a Terra, o mar e os abismos, e a dignidade daqueles que se mantêm, incessantemente, prosternados ou de pé diante do seu trono?

Os padres, a Igreja e os teólogos geralmente ensinam que os anjos estão distribuídos em três grandes hierarquias, ou principados, e cada hierarquia em três companhias ou coros.

Os da primeira e da mais alta hierarquia são designados em consequência das funções que desempenham no céu. Uns são chamados *Serafins*, porque estão como abrasados diante de Deus pelos ardores da caridade; outros, *Querubins*, porque são um reflexo luminoso da sua sabedoria; e outros, de *Tronos*, porque proclamam sua grandeza e fazem resplandecer seu brilho.

Os da segunda hierarquia recebem seus nomes das operações que lhes são atribuídas no governo geral do Universo, e são: as *Dominações*, que determinam aos anjos de ordens inferiores suas missões e seus encargos; as *Virtudes*, que realizam os prodígios reclamados pelos grandes interesses da Igreja e do gênero humano, e as *Potências*, que protegem, pela sua força e sua vigilância, as leis que regem o mundo físico e moral.

Os da terceira hierarquia têm em partilha a direção das sociedades e das pessoas, e são: os *Principados*, prepostos aos reinos, às províncias e às dioceses; os *Archanjos*, que transmitem as mensagens de alta importância; os *Anjos Guardiães*, aqueles que acompanham cada um de nós para velarem pela nossa segurança e a nossa santificação."

Refutação¹¹¹

3. O princípio geral que resulta dessa doutrina é que os anjos são seres puramente espirituais, anteriores e superiores à humanidade, criaturas privilegiadas consagradas à felicidade suprema e eterna desde a sua formação; dotadas, pela sua própria natureza, de todas as virtudes e de todos os conhecimentos, sem haverem feito nada para adquiri-los. Eles estão em primeiro lugar na obra da criação; em último, a vida puramente material, e, entre os dois, a humanidade formada de almas, seres espirituais inferiores aos anjos, unidos a corpos materiais.

Muitas dificuldades capitais resultam desse sistema. Inicialmente, qual é essa vida puramente material? Trata-se da matéria bruta? Mas a matéria bruta é inanimada e não tem vida por si mesma. Quer se falar das plantas e dos animais? Isso, então, seria uma quarta ordem na criação, porque não se pode negar que haja no animal inteligente algo mais que em uma planta e nesta, mais que em uma pedra. Quanto à alma humana, que é a transição, ela está unida diretamente a um corpo que é apenas matéria bruta, visto que, sem alma, ele não tem mais vida do que um torrão de terra.

A esta divisão, evidentemente, falta clareza, e ela não está de acordo com a observação; assemelha-se à teoria dos quatro elementos anulada diante dos progressos da Ciência. Admitamos, portanto, esses três termos: a criatura espiritual, a

¹¹¹ Este título pertence à 4ª edição. (N.T.)

criatura humana e a criatura corporal; tal é, dizem, o plano divino, plano majestoso e completo como convém à sabedoria eterna. Notemos primeiro que entre esses três termos não há nenhuma ligação necessária, são três criações distintas, formadas sucessivamente; de uma à outra existe solução de continuidade, enquanto que, na natureza, tudo se encadeia, tudo nos mostra uma admirável lei de unidade, da qual todos os elementos, que são apenas transformações uns dos outros, têm seu traço de união. Essa teoria é verdadeira quanto a esses três termos que, evidentemente, existem; apenas é incompleta: faltam-lhe os pontos de contato, como é fácil demonstrar.

4. Esses três pontos culminantes da criação são, diz a Igreja, necessários à harmonia do conjunto; que haja apenas um de menos e a obra está incompleta, não está mais segundo a sabedoria eterna. Entretanto, um dos dogmas fundamentais da religião diz que a Terra, os animais, as plantas, o Sol, as estrelas, a própria luz foram criados e tirados do nada, há seis mil anos. Antes dessa época, portanto, não havia nem criatura humana, nem criatura corporal; durante a eternidade decorrida, a obra divina ficara, então, imperfeita. A criação do Universo remontando a seis mil anos é um artigo de fé de tal forma capital que ainda há poucos anos a Ciência era anatematizada porque vinha destruir a cronologia bíblica ao provar a antiguidade maior da Terra e de seus habitantes.

Entretanto o concílio de Latrão, concílio ecumênico que faz lei em matéria de ortodoxia, diz: “Nós cremos firmemente que há apenas um único e verdadeiro Deus, eterno e infinito, o qual, no começo dos tempos, tirou conjuntamente do nada uma e outra criatura, a espiritual e a corporal.” *O começo dos tempos* pode-se entender apenas como a eternidade decorrida, porque o tempo é infinito, como o Espaço: não há nem começo nem fim. Esta expressão: o começo dos tempos é uma figura que implica a idéia de uma anterioridade ilimitada. O concílio de Latrão, portanto, crê firmemente que as criaturas espirituais e as criaturas corporais foram formadas simultaneamente, e tiradas conjuntamente do nada em uma época indeterminada no passado. O que vem a ser, pois, o texto bíblico, que fixa essa criação em seis mil anos dos nossos dias? Admitindo-se que esteja aí o começo do Universo visível, esse não é, seguramente, o do tempo. Em que acreditar, no concílio ou na Bíblia?

5. O mesmo concílio formula, além disso, uma estranha proposição: “Nossa alma, diz ele, igualmente espiritual, está associada ao corpo de maneira a formar com ele uma só e mesma pessoa, e tal é, essencialmente, sua destinação.” Se o destino essencial da alma é estar unida ao corpo, esta união constitui seu estado normal, seu objetivo, seu fim, pois que essa é sua destinação. Entretanto, a alma é imortal e o corpo é mortal; sua união com o corpo tem lugar apenas uma vez, segundo a Igreja, e mesmo que essa união dure um século, o que é esse tempo comparado a eternidade? Porém, para um grande número, essa união é de apenas algumas horas; que utilidade pode ter para a alma essa união de tão pouca duração? Quando, junto à eternidade, a mais longa duração dessa união é um tempo imperceptível, é exato dizer que o seu destino é estar essencialmente ligada ao

corpo? Essa união na realidade é apenas um incidente, um momento na vida da alma, e não o seu estado essencial.

Se o destino essencial da alma é estar unida a um corpo material; se, por sua natureza, e segundo o objetivo providencial da sua criação, essa união é necessária para as manifestações de suas faculdades, somos obrigados a concluir que, sem o corpo, a alma humana é um ser incompleto; ora, para que, por sua destinação, a alma continue o que é, faz-se necessário que após ter deixado um corpo ela tome um outro, o que nos conduz à pluralidade forçada das existências ou, dito de outro modo, à reencarnação para sempre. É verdadeiramente estranho que um concílio, considerado como uma das luzes da Igreja, haja identificado a esse ponto o ser espiritual e o ser material, que eles não possam de qualquer forma existir um sem o outro, visto que a condição essencial da sua criação é estarem unidos.

6. O Espiritismo professa, com relação à união da alma e do corpo, uma doutrina infinitamente mais espiritualista, para não dizer menos materialista, e que tem ainda a seu favor estar mais conforme com a observação e o destino da alma. Segundo o que ele nos ensina, a alma é independente do corpo, sendo este apenas um envoltório temporário; sua essência é a espiritualidade, sua vida normal é a vida espiritual. O corpo não é mais que um instrumento para o exercício das suas faculdades nas suas relações com o mundo material, porém, separada desse corpo, ela desfruta das suas faculdades com mais liberdade e amplitude.

7. A união da alma com o corpo, necessária aos seus primeiros progressos, acontece somente no período que se pode chamar de sua infância e sua adolescência; quando a alma atinge um certo grau de perfeição e de desmaterialização, essa união não é mais necessária, e ela progride apenas pela vida do espírito. Além disso, por mais numerosas que sejam as existências corporais, elas estão necessariamente limitadas pela vida do corpo, e sua soma total não abrange, em todos os casos, mais que uma imperceptível parte da vida espiritual, que é ilimitada.

8. O quadro hierárquico dos anjos nos demonstra que várias ordens têm, em suas atribuições, o governo do mundo físico e da humanidade, que eles foram criados para esse fim. Porém, segundo o *Gênesis*, o mundo físico e a humanidade só existem há seis mil anos, portanto, o que faziam esses anjos antes desse período, durante a eternidade, já que não existiam os objetos das suas ocupações. Os anjos foram criados de toda a eternidade? Assim deve ser, visto que servem para a glorificação do Altíssimo. Se Deus os houvesse criado em uma época determinada qualquer teria ficado, até essa época, isto é, durante uma eternidade, sem adoradores.

9. Mais adiante, diz o concílio: "Enquanto dure essa união tão íntima da alma com o corpo". Então, chega um momento em que essa união não existe mais? Esta proposição contradiz a que faz dessa união a destinação essencial da alma.

Ele disse ainda: "As idéias lhes chegam pelos sentidos, pela comparação dos objetos exteriores." Essa é uma doutrina filosófica em parte verdadeira, porém não no sentido absoluto. Segundo eminente teólogo, é uma condição inerente à natureza da alma receber as idéias somente pelos sentidos; ele esquece as

idéias inatas, as faculdades, às vezes tão transcendentais, a intuição das coisas que a criança traz ao nascer e que ela não deve a nenhum ensinamento. Por qual sentido jovens pastores, calculadores naturais que causaram admiração aos sábios, adquiriram as idéias necessárias para a solução quase instantânea dos mais complicados problemas? Pode-se dizer o mesmo de certos músicos, pintores e lingüistas precoces.

“Os conhecimentos que os anjos possuem não resultam da indução e do raciocínio”, eles os têm porque são anjos, sem precisarem aprender. Deus os criou tais como são; a alma, ao contrário, deve aprender. Se a alma recebe as idéias apenas pelos órgãos corporais, quais são as idéias que a alma de uma criança, morta após alguns dias de vida, pode ter, admitindo-se, como o faz a Igreja, que a alma não renasce?

10. Aqui apresenta-se uma questão vital: a alma adquire idéias e conhecimentos após a morte do corpo? Se, uma vez desligada do corpo, ela não pode adquirir nenhum conhecimento, a alma da criança, do selvagem, do cretino, do idiota ou do ignorante permanecerá sempre como era no momento da morte; ela está condenada à nulidade, por todo o sempre.

Se a alma adquire novos conhecimentos após a vida atual, é porque ela pode progredir. Sem o progresso ulterior da alma, chega-se a conseqüências absurdas; com o progresso, chega-se à negação de todos os dogmas fundamentados sobre seu estado estacionário: o destino irrevogável, as penas eternas, etc. Se a alma progride, onde o progresso se detém? Não existe nenhuma razão para que ela não atinja o grau dos anjos ou puros espíritos. Se a alma pode chegar a esse ponto, não havia nenhuma necessidade de serem criados seres especiais e privilegiados, livres de todo trabalho e desfrutando da felicidade eterna sem haverem feito nada para conquistá-la, enquanto que outros seres, menos favorecidos, não obtêm a suprema felicidade senão à custa de longos e cruéis sofrimentos e das mais rudes provas. Deus poderia tê-lo feito, sem dúvida alguma, mas se admitimos o infinito das suas perfeições, sem as quais não seria Deus, também é preciso admitir que ele não faz nada de inútil, nada que desminta a soberana justiça e a soberana bondade.

11. “Visto que a majestade dos reis deve seu brilho ao número de seus súditos, seus oficiais e seus servidores, o que existe de mais próprio para nos dar uma idéia da majestade do Rei dos reis do que essa multidão inumerável de anjos que povoam o céu, a Terra, o mar e os abismos, e a dignidade daqueles que se mantêm, continuamente prosternados ou de pé diante do seu trono?”

Não é rebaixar a Divindade, assemelhar sua glória ao fausto dos soberanos da Terra? Essa idéia, incutida no espírito das massas ignorantes, falseia a opinião que se faz da sua verdadeira grandeza; é sempre Deus reduzido às mesquinhas proporções da humanidade; supor que ele tenha necessidade de milhões de adoradores incessantemente prosternados ou de pé diante dele, é atribuir-lhe as fraquezas dos monarcas déspotas e orgulhosos do Oriente.

O que faz um soberano verdadeiramente grande? É o número e o brilho dos seus cortesãos? Não; é a sua bondade e a sua justiça, é o título merecido de pai dos seus súditos.

Pergunta-se se existe alguma coisa mais própria para nos dar uma idéia da majestade de Deus do que a multidão dos anjos que compõem sua corte. Sim, certamente, existe algo melhor do que isso: é o fato de Deus apresentar-se para todas as suas criaturas soberanamente bom, justo e misericordioso, e não colérico, invejoso, vingativo, inexorável, exterminador, parcial, criando para sua própria glória esses seres privilegiados, favorecidos com todos os dons, nascidos para a eterna felicidade, enquanto que, a outros, faz com que conquistem, penosamente a felicidade, punindo um momento de erro com uma eternidade de suplícios.

Os anjos segundo o Espiritismo¹¹²

12. Que haja seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos, disso não se poderia duvidar. Sobre esse ponto, a revelação espírita confirma a crença de todos os povos, porém, ao mesmo tempo, ela nos faz conhecer a natureza e a origem desses seres.

As almas, ou espíritos, são criadas simples e ignorantes, isto é, sem conhecimentos e sem consciência do bem e do mal, mas aptas a adquirir tudo o que lhes falta e que é obtido pelo trabalho. O objetivo, que é o mesmo para todas, é a perfeição. Elas a alcançam mais ou menos rapidamente em virtude do seu livre-arbítrio e em razão dos seus esforços; todas têm os mesmos graus para percorrer, o mesmo trabalho para realizar; Deus não concede um quinhão nem maior nem mais fácil a umas que a outras, porque todas são suas filhas e, sendo justo, não tem preferência por nenhuma. Ele lhes diz: “Eis a lei que deve ser a vossa regra de conduta; somente ela pode vos levar ao objetivo; tudo o que está de acordo com esta lei é o bem, tudo o que é contrário a ela é o mal. Sois livres para obedecê-la ou para infringi-la, e sereis, assim, os árbitros do vosso próprio destino.” Deus, portanto, não criou o mal; todas as suas leis são para o bem. Foi o homem, o próprio homem quem criou o mal, desrespeitando as leis de Deus, se ele as observasse escrupulosamente jamais se afastaria do bom caminho.

13. A alma, porém, nas primeiras fases de sua existência, assim como a criança, não tem experiência, razão por que está sujeita a cometer faltas. Deus não lhe dá a experiência, mas dá os meios de adquiri-la. Cada passo em falso no caminho do mal é para a alma um atraso, do qual ela sofre as conseqüências, aprendendo, à sua custa, o que deve evitar. É assim que, pouco a pouco, ela se desenvolve, se aperfeiçoa e avança na hierarquia espiritual, até que chegue ao estado de puro espírito ou de anjo. Os anjos são, portanto, as almas dos homens que chegaram ao grau de perfeição que a criatura comporta, e desfrutaram da plenitude da felicidade prometida. Antes de atingirem o grau supremo, desfrutaram de uma felicidade relativa ao seu adiantamento, mas essa felicidade não se encontra

¹¹² Este título pertence à 4ª edição. (N.T.)

na ociosidade, ela está nas funções que Deus lhes confia e que elas ficam felizes em realizar, porque essas ocupações são um meio de progredirem. (Ver o cap. III, “O Céu.”)

14. A humanidade não está limitada à Terra; ela ocupa os inumeráveis mundos que circulam no Espaço; ocupou aqueles que desapareceram, e ocupará aqueles que se formarão. Deus criou por toda a eternidade e cria sem cessar. Portanto, muito tempo antes de a Terra existir, por mais antiga que a imaginemos, havia, em outros mundos, espíritos encarnados que percorreram as mesmas etapas que nós, espíritos de formação mais recente, percorremos neste momento, e que chegaram ao objetivo antes mesmo que tivéssemos saído das mãos do Criador. De toda a eternidade, portanto, existiram anjos ou puros espíritos; mas, com a sua existência humana perdendo-se no infinito do passado, para nós é como se eles sempre tivessem sido anjos.

15. Assim se acha realizada a grande lei da unidade da criação; Deus jamais foi inativo, sempre teve puros espíritos, experimentados e esclarecidos, para a transmissão de suas ordens e para a direção de todas as partes do Universo, desde o governo dos mundos até os mais pequenos detalhes. Não há, pois, necessidade de crer em seres privilegiados, isentos de encargos; todos, antigos e novos, conquistaram suas posições na luta e por seu próprio mérito; todos, enfim, são os filhos das suas obras. Assim se realiza igualmente a soberana justiça de Deus.



Capítulo X¹¹³

Os demônios

- **Origem da crença nos demônios**
- **Os demônios segundo a Igreja**
- **Os demônios segundo o Espiritismo**

Origem da crença nos demônios

1. Os demônios têm, em todas as épocas, desempenhado um grande papel nas diversas teogonias;¹¹⁴ embora consideravelmente decaídos na opinião geral, a importância que ainda se lhes atribui em nossos dias dá a essa questão uma certa gravidade, porque ela toca mesmo no fundo das crenças religiosas; eis por que é útil examiná-la com os desdobramentos que ela comporta.

A crença em um poder superior é instintiva nos homens, por isso a encontramos, sob diferentes formas, em todas as épocas no mundo. Se hoje, com o grau de adiantamento intelectual a que os homens chegaram, eles ainda discutem sobre a natureza e os atributos desse poder, quanto mais imperfeitas deviam ser as suas noções a esse respeito no começo da humanidade!

2. O quadro que para nós se apresenta da inocência dos povos primitivos em contemplação diante das belezas da natureza, na qual eles admiram a bondade do Criador, é sem dúvida muito poético, mas nele falta a realidade.

Quanto mais o homem se aproxima do estado natural, mais o instinto o domina, como se pode verificar ainda entre os povos selvagens e bárbaros dos nossos dias; o que mais o preocupa, ou melhor, o que exclusivamente o ocupa, é a satisfação das necessidades materiais, porque outras ele não tem. O único sentido que pode torná-lo acessível aos prazeres puramente morais só se desenvolve com o tempo e gradualmente; a alma tem sua infância, sua adolescência e sua virilidade, assim como o corpo humano; mas, para atingir a virilidade que a torna apta a compreender as coisas abstratas, quanto de evolução ela deve realizar. Quanto de existências lhe é necessário cumprir!

¹¹³ Na 4ª edição, este capítulo é o IX e possui os subtítulos que aqui colocamos; alguns parágrafos estão em ordem diferente da que foi usada na 1ª edição. (N.T.)

¹¹⁴ **Teogonia:** nas religiões politeístas, doutrina, narração que explica o nascimento dos deuses. (N.T., segundo o *Le Robert, Dictionnaire de la Langue Française.*)

Sem recuar às primeiras épocas, vemos à volta de nós as pessoas dos nossos campos, e nos perguntamos que sentimentos de admiração nelas despertam o esplendor do Sol nascente, o céu estrelado, o cantar dos pássaros, o murmúrio das ondas claras, os campos cobertos de flores! Para elas, o Sol se ergue porque tem esse hábito e, sob a condição de que ele dê bastante calor para amadurecer as colheitas, e não muito para calciná-las, é tudo o que elas querem. Se olham o céu é para saber se fará bom ou mau tempo no dia seguinte; se os pássaros cantam ou não, isso lhes é indiferente, contanto que não comam o seu grão; em lugar do canto dos rouxinóis preferem o cacarejar das galinhas e o grunhir dos seus porcos; o que pedem aos regatos claros ou lodosos é que não seque nem inundem as terras; aos campos, que dêem boa erva, com ou sem flores. É tudo o que desejam, dizemos mais, é tudo o que compreendem da natureza, e, no entanto já estão longe dos homens primitivos.

3. Se nos reportarmos a estes últimos, nós os vemos, mais exclusivamente ainda, preocupados com a satisfação das necessidades materiais; o que serve para abastecê-los e o que pode prejudicá-los resume para eles o bem e o mal nesse mundo. Eles crêem em um poder extra-humano; mas, como o que lhes traz um prejuízo material é o que mais lhes importa, eles o atribuem a esse poder, do qual, apesar disso, fazem uma idéia muito vaga. Não podendo ainda conceber nada fora do mundo visível e tangível, eles imaginam que esse poder reside nos seres e nas coisas que lhes são prejudiciais. Os animais nocivos, portanto, são, para eles, os representantes naturais e diretos desse poder. Pela mesma razão, viram nas coisas úteis a personificação do bem: daí o culto dispensado a certos animais, a certas plantas e mesmo a objetos inanimados. Mas o homem geralmente é mais sensível ao mal que ao bem; o bem lhe parece natural, enquanto que o mal o afeta mais; eis por que, em todos os cultos primitivos, as cerimônias em homenagem ao poder maligno são as mais numerosas; o medo prevalece sobre o reconhecimento.

Durante muito tempo, o homem concebeu apenas o bem e o mal físicos; o sentimento do bem moral e do mal moral marcou um adiantamento na inteligência humana; somente então o homem entreviu a espiritualidade, e compreendeu que o poder sobre-humano está fora do mundo visível, e não nas coisas materiais. Esse foi o trabalho de algumas inteligências de alta qualidade, mas que não puderam, no entanto, superar certos limites.

4. Como se via uma luta incessante entre o bem e o mal, e, freqüentemente, o mal suplantar o bem; como, por outro lado, não se podia racionalmente admitir que o mal fosse a obra de um poder benéfico, chegou-se à conclusão de que existiam dois poderes rivais governando o mundo. Daí nasceu a doutrina dos dois princípios: o do bem e o do mal, doutrina lógica para essa época, porque o homem ainda era incapaz de conceber uma outra, e de penetrar a essência do Ser supremo. Como poderia ele compreender que o mal é apenas um estado momentâneo de onde pode surgir o bem, e que os males que o afligem devem conduzi-lo à felicidade, ajudando-o no seu adiantamento? Os limites do seu horizonte moral nada lhe permitiam ver fora da vida presente, nem para a frente, nem quanto ao

passado; ele não podia compreender que havia progredido, nem que ainda progrediria individualmente, e muito menos que as vicissitudes da vida são o resultado da imperfeição do ser espiritual que está nele, que preexiste e sobrevive ao corpo, e se purifica em uma série de existências, até que ele tenha atingido a perfeição. Para compreender o bem que pode surgir do mal, não se pode analisar apenas uma existência; é preciso abranger o conjunto: só então aparecem as verdadeiras causas e seus efeitos.

5. O duplo princípio do bem e do mal foi, durante muitos séculos e sob diferentes nomes, a base de todas as crenças religiosas. Foi personificado sob os nomes de Oromaze e Arimane entre os persas, de Jeová e Satã entre os hebreus. Porém, como todo soberano deve ter ministros, todas as religiões admiram os poderes secundários, os gênios bons ou maus. Os pagãos os personificavam sob uma inumerável multidão de individualidades, tendo cada uma atribuições especiais para o bem e para o mal, para os vícios e para as virtudes, e aos quais deram o nome geral de deuses. Os cristãos e os muçulmanos receberam dos hebreus os anjos e os demônios.

6. A doutrina dos demônios, portanto, tem sua origem na antiga crença nos dois princípios: o do bem e o do mal. Vamos examiná-la aqui apenas no ponto de vista cristão, e ver se ela está de acordo com o conhecimento mais exato que temos atualmente dos atributos da Divindade.

Esses atributos são o ponto de partida, a base de todas as doutrinas religiosas; os dogmas, o culto, as cerimônias, os usos, a moral, tudo está em harmonia com a idéia mais ou menos justa, mais ou menos elevada que se faz de Deus, desde o fetichismo até o Cristianismo. Se a essência íntima de Deus ainda é um mistério para a nossa inteligência, nós, entretanto, o compreendemos melhor do que ele jamais foi compreendido, graças aos ensinamentos do Cristo.

O Cristianismo, de acordo com a razão, nos ensina que:

Deus é único, eterno, imutável, imaterial, todo-poderoso, soberanamente justo e bom, infinito em todas as suas perfeições.

Assim como foi dito em outra parte (cap. VII, "Penas Eternas"): "Se se tirasse a mais pequena parcela de um só dos atributos de Deus, não mais haveria Deus, porque poderia existir um ser mais perfeito." Esses atributos, em sua plenitude mais absoluta, são pois o critério de todas as religiões, a medida da verdade de cada um dos princípios que elas ensinam. Para que um desses princípios seja verdadeiro, é preciso que ele não atente contra nenhuma das perfeições de Deus. Vejamos se assim acontece na doutrina comum dos demônios.

Os demônios segundo a Igreja¹¹⁵

7. Segundo a Igreja, *Satã*, o chefe ou o rei dos demônios, não é uma personificação alegórica do mal, mas um *ser real*, fazendo exclusivamente o mal, enquanto que Deus faz exclusivamente o bem. Aceitemo-lo, pois, tal como nos é dado.

¹¹⁵ Este título pertence à 4ª edição. (N.T.)

Satã existe de toda a eternidade, como Deus, ou é posterior a Deus? Se existe de toda a eternidade, ele é *incriado*, e por conseqüência igual a Deus. Neste caso Deus não é mais único, existe o Deus do bem e o Deus do mal.

Satã é posterior a Deus? Então ele é uma criatura de Deus. Visto que só faz o mal, que é incapaz de fazer o bem e de se arrepender pelo mal praticado, Deus criou um ser consagrado eternamente ao mal. Se o mal não é a obra de Deus, mas a obra de uma de suas criaturas predestinada a fazê-lo, Deus sempre é o primeiro autor do mal, e então ele não é infinitamente bom. O mesmo acontece com todos os seres maus chamados demônios.

8. Essa foi, durante muito tempo, a crença sobre esse assunto. Atualmente, dizem:¹¹⁶

"Deus, que é a bondade e a santidade por essência, não os havia criado maus, e nocivos. Sua mão paternal, que se regozija em espalhar sobre todas as obras um reflexo de suas perfeições infinitas, lhes havia concedido em grande quantidade seus mais magníficos dons. Às elevadas qualidades de sua natureza, acrescentara as generosidades de sua benevolência; em tudo os fizera semelhantes aos sublimes espíritos que estão na glória e na felicidade; distribuídos em todas as suas ordens e misturados em todas as suas classes, eles tinham o mesmo objetivo e os mesmos destinos; seu chefe foi o mais belo dos arcanjos. Eles também poderiam ter o mérito de ser, para sempre, confirmados na justiça e acolhidos para desfrutarem, eternamente, da felicidade dos céus. Este último favor teria posto o coroamento em todos os outros favores dos quais eram o objeto; porém, esse favor seria o prêmio por sua docilidade, e eles se tornaram indignos dele, perderam-no por uma revolta audaciosa e insensata.

Qual foi o obstáculo à sua perseverança? Que verdade desconhecaram? Que ato de fé e de adoração eles recusaram a Deus? A Igreja e os anais da história santa não o dizem de uma maneira positiva, mas parece certo que eles não concordaram nem com a mediação do Filho de Deus por eles mesmos, nem com a exaltação da natureza humana em Jesus Cristo.

O Verbo Divino, por quem todas as coisas foram feitas, é também o único mediador e salvador, no céu e na Terra. O fim sobrenatural foi dado aos anjos e aos homens somente na previsão de sua encarnação e de seus méritos; porque não existe nenhuma proporção entre as obras dos mais eminentes espíritos e essa recompensa, que não é outra senão o próprio Deus; nenhuma criatura poderia ali chegar sem essa intervenção maravilhosa e sublime da caridade. Ora, para preencher a distância infinita que separa a essência divina das obras de suas mãos, seria preciso que ele reunisse em sua pessoa os dois extremos, e que associasse à sua divindade a natureza do anjo ou a do homem; e ele escolheu a natureza humana.

¹¹⁶ As citações a seguir são extraídas da pastoral do Eminentíssimo Cardeal Gousset, cardeal-arcebispo de Reims, para a quaresma de 1865. Em atenção ao mérito pessoal e à posição do autor, pode-se considerá-las como a última expressão da Igreja sobre a doutrina dos demônios. (N.A.)

• Lembramos ao leitor que esta nota foi escrita no século XIX. (N.T.)

Esse projeto, concebido de toda eternidade, foi revelado aos anjos muito tempo antes da sua realização; o Homem-Deus lhes foi mostrado no futuro como aquele que devia confirmá-los em graça e introduzi-los na glória, sob a condição de que o adorassem sobre a Terra durante sua missão, e no céu por toda a eternidade. Revelação inesperada, visão deslumbrante para os corações generosos e agradecidos, porém, mistério profundo, opressivo para os espíritos soberbos!

Esse fim sobrenatural, essa carga imensa de glória que lhes era proposta não seria, pois, unicamente a recompensa por seus méritos pessoais! Eles não poderiam jamais atribuir a si mesmos os títulos e a posse. Um mediador entre eles e Deus, que injúria feita à sua dignidade! A preferência gratuita concedida à natureza humana, que injustiça! que ofensa dirigida aos seus direitos! Essa humanidade, que lhes é tão inferior, eles a verão, um dia, divinizada pela sua união com o Verbo, e sentada à direita de Deus, sobre um trono resplandecente? Consentirão eles em lhe oferecer eternamente suas homenagens e sua adoração?

Lúcifer e a terça parte dos anjos foram vencidos por esses pensamentos de orgulho e de ciúme. São Miguel, e com ele a maioria, exclamaram: 'Quem é semelhante a Deus? Ele é o mestre dos seus dons e o soberano Senhor de todas as coisas. Glória a Deus e ao Cordeiro que será sacrificado pela salvação do mundo!' Mas o chefe dos rebeldes, esquecendo que a sua nobreza e as suas prerrogativas eram devidas ao seu Criador, ouviu apenas a sua imprudência, e disse: 'Sou eu mesmo quem subirá ao céu; estabelecerei minha morada acima dos astros; eu me sentarei sobre a montanha da aliança, nos flancos do Aquilão;¹¹⁷ dominarei as nuvens mais elevadas, e serei semelhante ao Altíssimo.' Aqueles que partilharam seus sentimentos acolheram suas palavras com um murmúrio de aprovação; e eles se encontravam em todas as ordens da hierarquia, mas o seu grande número não os colocou a salvo do castigo."

9. Essa doutrina provoca várias objeções:

1ª) Se Satã e os demônios eram anjos, eles eram perfeitos; como, sendo perfeitos, puderam fracassar e desconhecer a esse ponto a autoridade de Deus, em presença de quem se encontravam? Ainda poderíamos conceber tal fato se eles tivessem chegado a esse grau eminente de forma gradual e, após haverem passado pela experiência da imperfeição, tivessem sofrido por um retrocesso lamentável; mas o que torna o fato mais incompreensível é que eles nos são apresentados como tendo sido criados perfeitos.

A conseqüência dessa teoria é esta: Deus quis criar neles seres perfeitos, já que os havia cumulado de todos os dons, e ele se enganou; logo, segundo a Igreja, Deus não é infalível.¹¹⁸

¹¹⁷ **Aquilão:** (no original francês *Aquilon*) termo antigo que significa o Norte; o vento norte. (N.T.)

¹¹⁸ Essa doutrina monstruosa é assegurada por Moisés, quando ele diz (*Gênesis*, VI: 6 e 7): "Ele se arrependeu de ter feito o homem sobre a Terra. E, estando tocado pela dor até o fundo do coração, ele disse: 'Exterminarei de sobre a Terra o homem que criei; exterminarei tudo, desde o homem até os animais, desde tudo o que rasteja sobre a Terra até os pássaros do céu: porque eu me arrependo de os haver feito.'"

2^a) Uma vez que nem a Igreja nem os anais da história sagrada não se explicam sobre a causa da revolta dos anjos contra Deus, e que apenas *parece* certo que a causa consistiu na recusa deles em reconhecer a missão futura do Cristo, que valor pode ter o quadro tão preciso e tão detalhado da cena que teve lugar nessa ocasião? De qual fonte foram tiradas as palavras, tão claramente narradas, como tendo sido pronunciadas naquele momento, e até os simples murmúrios? De duas coisas, uma: ou a cena é verdadeira ou ela não o é. Se é verdadeira, não há nenhuma incerteza, então por que a Igreja não resolve claramente a questão? Se a Igreja e a História se calam, se a causa apenas *parece* certa, ela não é mais que uma suposição, e a descrição da cena é uma obra da imaginação.¹¹⁹

3^a) As palavras atribuídas a Lúcifer demonstram uma ignorância que é de espantar ser encontrada em um arcanjo que por sua própria natureza, e no grau em que está colocado, não deve partilhar, sobre a organização do Universo, os erros e os preconceitos que os homens professaram até que a Ciência viesse esclarecê-los. Como Lúcifer pôde dizer: “Estabelecerei minha morada acima dos astros; dominarei as nuvens mais elevadas”? É sempre a antiga crença na Terra como centro do mundo, no céu de nuvens que se estende até às estrelas, na região limitada de estrelas formando a abóbada, e que a Astronomia nos mostra disseminadas ao infinito, no Espaço infinito. Como se sabe hoje em dia que as nuvens não se estendem além de duas léguas¹²⁰ da superfície da Terra, para dizer que ele dominará as nuvens mais elevadas, e falar das montanhas, era preciso que a cena se passasse na superfície da Terra, e que lá fosse a morada dos anjos; se a morada está nas regiões superiores, seria inútil dizer que se elevaria para além das nuvens. Fazer com que os anjos tenham uma linguagem entremeada de ignorância, é reconhecer que os homens, atualmente, sabem mais do assunto que os anjos. A Igreja sempre tem cometido o erro de não levar em conta os progressos da Ciência.

Um Deus que se arrepende do que fez não é nem perfeito nem infalível: portanto, não é Deus. No entanto, estas são as palavras que a Igreja proclama como verdades santas. Também não se vê o que havia de comum entre os animais e a perversidade dos homens para merecerem ser exterminados. (N.A.)

• Esta nota de rodapé e o parágrafo que lhe deu origem não constam na 1^a edição. (N.T.)

¹¹⁹ Encontra-se em *Isaias* (XIV: 11 e seguintes); “Teu orgulho foi precipitado nos infernos; teu corpo morto caiu por terra; tua cama será a podridão e tua vestimenta serão os vermes. — Como caíste do céu, Lúcifer, tu que parecias tão brilhante na alvorada? Como foste derrubado sobre a Terra, tu que ferias as nações com flagelos; que dizias *em teu coração*: ‘Eu subirei ao céu, estabelecerei meu trono acima dos astros de Deus, eu me sentarei sobre a montanha da aliança nos flancos do Aquilão; eu me colocarei acima das nuvens mais elevadas, e serei semelhante ao Altíssimo?’ E, no entanto, foste precipitado dessa glória no inferno, até o mais profundo dos abismos. Os que te virem se aproximarão de ti, e, depois de te encararem, te dirão: Está aí esse *homem* que apavorou a Terra, que lançou o terror nos reinos, que fez do mundo um deserto, que dele destruiu as cidades, e que reteve acorrentados aqueles que ele havia feito seus prisioneiros?”

Estas palavras do profeta não são relativas à revolta dos anjos, mas uma alusão ao orgulho e à queda do rei da Babilônia, que tinha os judeus em cativeiro, como o comprovam os últimos versículos. O rei da Babilônia foi designado, por alegoria, sob o nome de Lúcifer, mas ali não é feita nenhuma menção da cena acima descrita. Essas palavras são as do rei que as dizia em *seu coração*, e se colocava, por seu orgulho, acima de Deus, cujo povo ele retinha cativo. A predição da liberdade dos judeus, da ruína da Babilônia e da derrota dos assírios é, aliás, o assunto exclusivo desse capítulo. (N.A.)

¹²⁰ Léguas: antiga unidade de medida itinerária, equivalente a 6.600 metros. (N.T.)

10. A resposta à primeira objeção se acha na seguinte passagem:

“A *Escritura* e a tradição dão o nome de céu ao lugar onde os anjos haviam sido colocados no momento da sua criação. Mas esse não era o céu dos céus, o céu da visão beatífica, onde Deus se mostra aos seus eleitos face a face, e onde seus eleitos o contemplam sem esforços e sem nuvens; porque, lá, não há nem perigo nem possibilidade de pecar; a tentação e a fraqueza são desconhecidas; a justiça, a alegria e a paz reinam ali em uma imutável segurança; a santidade e a glória não estão sujeitas a se perderem. Era, portanto, uma outra região celeste, uma esfera luminosa e afortunada, onde essas nobres criaturas, amplamente favorecidas por comunicações divinas, deviam recebê-las e a elas aderir pela humildade da fé, antes de serem admitidas a ver claramente a sua realidade na essência do próprio Deus.”

Do que precede resulta que os anjos que falharam pertenciam a uma categoria menos elevada, menos perfeita, que não tinham ainda chegado ao lugar supremo onde o erro é impossível. Seja; mas então há aqui uma contradição evidente, porque é dito mais acima que “Deus os havia feito *em tudo semelhantes aos sublimes espíritos* que, distribuídos em todas as suas ordens e misturados em todas as suas classes, tinham o mesmo objetivo e o mesmo destino; que seu chefe era o mais belo dos arcanjos.” Se eles foram feitos em tudo semelhantes aos outros, não eram, portanto, de uma natureza inferior; se foram misturados em todas as classes, não estavam em um lugar especial. Logo, a objeção vigora inteiramente.

11. Há uma outra objeção que é, sem contestação, a mais grave e a mais séria.

Está dito: “Esse projeto (a mediação do Cristo), concebido *de toda a eternidade*, foi revelado aos anjos muito tempo antes da sua realização.” Deus sabia, portanto, de toda a eternidade, que os anjos, assim como os homens, teriam necessidade dessa mediação. Ele sabia, ou não sabia, que certos anjos fracassariam; que essa queda lhes acarretaria a condenação eterna sem esperança de retorno; que seriam destinados a tentar os homens e que aqueles homens que se deixassem seduzir sofreriam a mesma sorte. Portanto, se Deus sabia disso, ele criou esses anjos, com conhecimento de causa, para sua perda irrevogável e para a perda da maior parte do gênero humano. Digam o que disserem, é impossível, com semelhante previsão, conciliar sua criação com a soberana bondade. Se ele não sabia, não era onipotente. Tanto em uma como em outra hipótese, é a negação de dois atributos sem a plenitude dos quais Deus não seria Deus.

12. Se admitirmos a falibilidade dos anjos, como também a dos homens, a punição é uma conseqüência natural e justa da falta; porém, se admitirmos ao mesmo tempo a possibilidade do resgate, pelo retorno ao bem, a obtenção do perdão após o arrependimento e a expiação, não há nada que desminta a bondade de Deus. Deus sabia que eles falhariam, que seriam punidos, mas sabia também que esse castigo temporário seria um meio de fazê-los compreender seu erro e

se transformaria em seu benefício. Assim se achariam confirmadas estas palavras do profeta *Ezequiel*: “Deus não quer a morte do pecador, mas a sua salvação.”¹²¹ O que seria a negação dessa bondade é a inutilidade do arrependimento e a impossibilidade do retorno ao bem. Nesta hipótese, é rigorosamente exato dizer que: “Esses anjos, desde sua criação, já que Deus não podia ignorá-lo, foram consagrados ao mal pela eternidade, e predestinados a se tornarem *demônios*, para induzir os homens ao mal.”

13. Vejamos, agora, qual é o seu destino e o que fazem.

“Mal sua revolta se evidenciou na linguagem dos espíritos, quer dizer no entusiasmo dos seus pensamentos, eles foram banidos, irrevogavelmente, da cidade celeste e precipitados no abismo.”

“Por essas palavras, entendemos que eles foram relegados a um lugar de suplícios, onde sofressem a pena do fogo, de acordo com este texto do *Evangelho*, que saiu da própria boca do Salvador: *Ide, malditos, para o fogo eterno que foi preparado pelo demônio e pelos seus anjos*. São Pedro diz expressamente que *Deus os abandonou às cadeias e às torturas do inferno, mas nem todos ficam ali perpetuamente; isto só acontecerá no fim do mundo, quando eles ali serão presos para sempre com os condenados*. Presentemente, Deus permite que eles ocupem ainda um lugar nessa criação a qual eles pertencem, na ordem das coisas a que se prende sua existência, nas relações, enfim, que eles deviam ter com o homem e das quais fazem o mais pernicioso abuso. Enquanto que uns estão na sua morada tenebrosa, e ali servem de instrumento à justiça divina, contra as almas infelizes que eles seduziram, uma infinidade de outros, formando legiões invisíveis sob o comando de seus chefes, residem nas camadas inferiores da nossa atmosfera e percorrem todas as partes do globo. Eles estão envolvidos com tudo o que se passa aqui embaixo onde muitas vezes tomam uma parte muito ativa.”

Quanto ao que se refere às palavras do Cristo sobre o suplício do fogo eterno, essa questão é tratada no capítulo IV, “O Inferno”.

14. Segundo essa doutrina, só uma parte dos demônios está no inferno; a outra erra em liberdade, envolvendo-se em tudo o que se passa aqui embaixo, dando-se ao prazer de fazer o mal, e isto até o fim do mundo, cuja época, indeterminada, provavelmente não acontecerá tão cedo. Por que essa diferença? Uns são menos culpados que outros? Seguramente, não. A menos que eles dali não saiam alternadamente, o que pareceria resultar desta passagem: “Enquanto que uns estão na sua morada tenebrosa, e ali servem de instrumentos à justiça divina contra as almas infelizes que eles seduziram.”

¹²¹ “Quero eu a morte do ímpio? — disse o Senhor Deus — antes eu quero que ele se converta, que se retire do mau caminho, e que viva.” (*Ezequiel*, XVIII: 23.)

“Dizei-lhes estas palavras: Eu juro por mim mesmo, disse o Senhor Deus, que não quero a morte do ímpio, quero que o ímpio se converta, que ele deixe seu mau caminho, e que ele viva.” (Id., XXXIII: 11.) (N.A.)

• Na 4ª edição, a nota feita pelo autor diz apenas: Ver acima, no cap. VII, nº 21, a citação de *Ezequiel*. (N.T.)

Suas funções, portanto, consistem em atormentar as almas que eles seduziram. Assim, não são encarregados de punir aquelas que são culpadas de faltas livre e voluntariamente cometidas, mas sim daquelas que eles mesmos provocaram. Eles são, ao mesmo tempo, a causa da falta e o instrumento do castigo; e, coisa que a justiça humana, tão imperfeita como é, não admitiria: a vítima que, por fraqueza, não resiste quando a ocasião se apresenta para tentá-la é punida tão severamente quanto o agente provocador que emprega a perfídia e a astúcia, até mais severamente porque ela vai para o inferno ao deixar a Terra, para não sair mais dele, para ali sofrer sem interrupções nem misericórdia durante a eternidade, enquanto que aquele que é o causador do seu erro desfruta da moratória e da liberdade até o fim do mundo! Portanto, a justiça de Deus não é mais perfeita que a dos homens!

15. Isso, porém, não é tudo. "Deus ainda permite que eles ocupem um lugar nessa criação, nas relações que deviam ter com o homem e das quais fazem o mais pernicioso abuso." Deus podia ignorar o abuso que fariam da liberdade que ele lhes concedeu? Então, por que lhes permitiu tal liberdade? Portanto, é com conhecimento de causa que Deus entrega suas criaturas à mercê de si mesmas, sabendo, por causa de toda a sua presciência, que elas não resistirão e terão a sorte dos demônios. Não possuíam, essas criaturas, a sua própria fraqueza em quantidade suficiente, sem permitir que fossem incitadas ao mal por um inimigo tanto mais perigoso porquanto é invisível? Ainda se o castigo fosse apenas temporário e se o culpado pudesse se reabilitar pela reparação! Mas não, ele está condenado por toda a eternidade. Seu arrependimento, seu retorno ao bem, seus lamentos são inúteis.

Os demônios são, por conseguinte, os agentes provocadores predestinados a recrutar almas para o inferno, e isso com a permissão de Deus, que sabia, ao criar essas almas, a sorte que lhes estava reservada. Na Terra, o que se diria de um juiz que assim procedesse para povoar as prisões? Estranha idéia nos dão da Divindade, de um Deus cujos atributos são a soberana justiça e a soberana bondade!

E é em nome de Jesus Cristo, daquele que só pregou o amor, a caridade e o perdão, que se ensinam semelhantes doutrinas! Houve um tempo em que tais anormalias passavam despercebidas; não eram compreendidas, não eram sentidas; o homem, curvado sob o jugo do despotismo, submetia sua razão sem discernimento, ou antes, renunciava à sua razão; mas atualmente soou a hora da emancipação, o homem compreende a justiça, ele a quer durante sua vida e após sua morte; eis por que ele diz: "Isto não é, isto não se pode, ou Deus não é Deus!"

16. "O castigo acompanha por toda a parte esses seres decaídos e malditos, por toda a parte levam seu inferno com eles, não têm paz nem repouso; até as próprias doçuras da esperança para eles se transformaram em amargura: a esperança lhes é odiosa. A mão de Deus incidiu sobre eles no próprio ato do seu pecado, e sua vontade se obstinou no mal. Tornados perversos, não querem deixar de ser perversos, e o são para sempre.

Após o pecado, eles são o que o homem é após a morte. A reabilitação daqueles que caíram é, pois, impossível; sua perda é daqui em diante sem retorno, eles perseveraram em seu orgulho, frente a frente com Deus, em seu ódio contra seu Cristo, em seu ciúme contra a humanidade.

Não podendo se apropriar da glória do céu, pelo arrojo da sua ambição, eles se esforçam em estabelecer seu império sobre a Terra e dela excluir o reino de Deus. Não obstante, o Verbo feito carne realizou seus desígnios para a salvação e a glória da humanidade; todos os seus meios de ação são consagrados a tirar do Cristo as almas que ele resgatara; a astúcia e a impertinência, a mentira e a sedução, valem-se de tudo para conduzi-los ao mal e para consumir sua ruína.

Com tais inimigos, a vida do homem, desde o seu nascimento até à morte, não pode ser, valha-me Deus!, senão uma luta perpétua, porque eles são poderosos e infatigáveis.

Esses inimigos, efetivamente, são aqueles mesmos que, após haverem introduzido o mal no mundo, vieram para cobrir a Terra com as densas trevas do erro e do vício. Aqueles que, durante longos séculos, se fizeram adorar como deuses e reinaram como soberanos sobre os povos da Antiguidade; aqueles, enfim, que ainda exercem seu domínio tirânico sobre as regiões idólatras, e que fomentam a desordem e o escândalo até dentre as sociedades cristãs.

Para avaliar todos os meios que eles possuem a serviço da sua maldade, é suficiente observar que não têm perdido nada das prodigiosas faculdades que são as propriedades características da natureza angélica. Sem dúvida, o futuro e principalmente a ordem sobrenatural têm mistérios que Deus reservou para si e que eles não podem descobrir, porém a inteligência deles é bem superior à nossa porque eles percebem num relance os efeitos em suas causas, e as causas em seus efeitos. Essa sagacidade lhes permite anunciar com antecedência acontecimentos que estão muito além das nossas suposições. A distância e a diversidade dos lugares desaparecem diante da sua agilidade. Mais súbitos que o relâmpago, mais rápidos que o pensamento, eles se encontram quase ao mesmo tempo sobre diversos pontos do globo, e eles podem descrever de longe as coisas das quais são testemunhas na mesma hora em que elas acontecem.

As leis gerais pelas quais Deus rege e governa este Universo não estão sob o domínio deles, não podem anulá-las nem, conseqüentemente, predizer ou realizar milagres verdadeiros, porém, possuem a arte de imitar e de arremedar, em certos limites, as obras divinas; eles sabem quais fenômenos resultam da combinação dos elementos, e predizem com firmeza aqueles que acontecem naturalmente, assim como os que eles mesmos têm o poder de produzir. Daí, esses numerosos oráculos, esses prestígios extraordinários dos quais os livros sagrados e profanos guardaram a lembrança, e que serviram de base e de alimento a todas as superstições.

Sua substância simples e imaterial faz com que não possamos vê-los; estão ao nosso lado sem serem percebidos; eles impressionam nossa alma sem atingir nossos ouvidos; cremos obedecer ao nosso próprio pensamento, quando, na

verdade, nos submetemos às suas tentações e à sua funesta influência. Nossas disposições, ao contrário, são do conhecimento deles pelas impressões que elas despertam em nós, e eles nos atacam, geralmente pelo nosso lado mais fraco. Para nos seduzirem com mais segurança, têm o hábito de nos apresentarem adulações astuciosas e sugestões conforme as nossas tendências. Eles modificam sua ação segundo as circunstâncias e de acordo com os traços característicos de cada temperamento. Suas armas favoritas, porém, são a mentira e a hipocrisia.”

17. Dizem que o castigo os segue por toda a parte; não têm mais paz nem repouso. Isso, no entanto, não destrói a observação feita sobre a trégua de que desfrutam aqueles que não estão no inferno, trégua tanto menos justificada porquanto, estando fora do inferno, eles fazem mais mal. Sem dúvida alguma, não são felizes como os bons anjos, mas não se leva em conta a liberdade de que desfrutam? Se não têm a felicidade moral proporcionada pela virtude, indiscutivelmente são menos infelizes que seus cúmplices que estão entre as chamas infernais. E depois, para o mau, existe uma espécie de prazer em fazer o mal em plena liberdade. Perguntem a um criminoso se para ele é a mesma coisa estar na prisão ou correr pelos campos e cometer seus crimes à vontade. A posição é exatamente a mesma.

O remorso, dizem, os persegue sem trégua nem misericórdia. Mas esquecem que o remorso é o precursor imediato do arrependimento, se já não é o próprio arrependimento. Dizem: “Tornados perversos, eles não querem deixar de ser perversos, e eles o são para sempre.” Desde que eles não querem deixar de ser perversos, é porque não têm remorsos; se tivessem o menor arrependimento, deixariam de fazer o mal e pediriam perdão. Portanto, para eles o remorso não é um castigo.

18. “Eles são após o pecado o que o homem é após a morte. A reabilitação daqueles que caíram é, pois, impossível.” De onde vem essa impossibilidade? Não se compreende que ela seja a consequência da sua similitude com o homem após a morte, enunciado que, além disso, não é muito claro. Essa impossibilidade vem da sua própria vontade ou da de Deus? Se é o ato da sua vontade, isso denota uma extrema perversidade, uma insensibilidade absoluta no mal; por conseguinte não se compreende que seres tão profundamente maus, pudessem ter sido anjos de virtude, e que, durante o tempo indefinido que eles passaram entre estes últimos, não tenham deixado que se descobrisse nenhum traço da sua natureza má. Se é a vontade de Deus, compreende-se ainda menos que ele imponha como castigo a impossibilidade do retorno ao bem, após uma primeira falta. *O Evangelho* não diz nada semelhante.

19. “Sua perda, acrescente-se, daqui em diante é sem retorno, e eles perseveram no seu orgulho diante de Deus.” Para que lhes serviria não perseverarem nele já que todo arrependimento é inútil? Se tivessem a esperança de uma reabilitação, qualquer que fosse o seu preço, o bem teria uma finalidade para eles, entretanto não é assim. Se eles perseveram no mal é porque a porta da esperança lhes foi fechada. E por que Deus lhes fecha essa porta? Para se vingar da ofensa que

recebeu com a sua falta de submissão. Assim, para satisfazer o seu ressentimento contra alguns culpados, ele prefere vê-los não somente sofrer, mas antes fazerem o mal que o bem; induzir ao mal e empurrar para a perdição eterna todas as suas criaturas do gênero humano, quando seria suficiente um simples ato de clemência para evitar um tão grande desastre, e um desastre previsto de toda a eternidade!

Por ato de clemência, tratar-se-ia de uma graça pura e simples que talvez fosse um encorajamento ao mal? Não, mas de um perdão condicional, subordinado a um sincero retorno ao bem. Porém, em lugar de uma palavra de esperança e de misericórdia, fizeram Deus dizer: *Que morra toda a raça humana, antes que a minha vingança!* E se admiram que haja incrédulos e ateus com semelhante doutrina! É assim que Jesus nos representa seu Pai? Ele que nos deixou uma lei expressa do esquecimento e do perdão das ofensas, que nos diz para dar o bem pelo mal, que coloca o amor aos inimigos no primeiro lugar entre as virtudes que nos fazem merecer o céu, queria pois que os homens fossem melhores, mais justos, mais complacentes que o próprio Deus?

Os demônios segundo o Espiritismo¹²²

20. Segundo o Espiritismo, nem anjos nem demônios são seres à parte; a criação dos seres inteligentes é una. Unidos a corpos materiais, eles constituem a humanidade que povoa a Terra e as outras esferas habitadas; libertos desses corpos eles constituem o mundo espiritual ou dos espíritos que povoam os espaços. Deus os criou suscetíveis de aperfeiçoamento e lhes deu por objetivo a perfeição, e a felicidade que é a sua conseqüência, mas não lhes deu a perfeição; Deus quis que eles a devessem ao trabalho pessoal de cada um, a fim de que tivessem o mérito da sua conquista. Desde o momento da sua formação, eles progredem seja no estado de encarnação, seja no estado espiritual; chegados ao apogeu, tornam-se *puros espíritos*, ou *anjos*, segundo a denominação comum; de modo que, desde o embrião do ser inteligente até o anjo, temos uma cadeia não interrompida na qual cada elo marca um degrau no progresso.

Disso resulta existirem espíritos em todos os graus de adiantamento moral e intelectual, conforme estejam no alto, embaixo ou no meio da escala. Por conseqüência, há espíritos em todos os graus do saber e da ignorância, de bondade e de maldade. Nas classes inferiores, encontram-se os que ainda estão profundamente inclinados para o mal, e que nele se comprazem. Se quisermos pode-se chamá-los *demônios* porque eles são capazes de todas as más ações atribuídas a estes últimos. Se o Espiritismo não os denomina assim é porque tal nome se prende à idéia de seres distintos da humanidade de uma natureza essencialmente perversa, consagrados ao mal por toda a eternidade e incapazes de progredirem no bem.

21. Segundo a doutrina da Igreja, os demônios foram criados bons e tornaram-se maus pela sua desobediência: são os anjos decaídos; eles foram colocados por Deus no alto da escala, e desceram. Segundo o Espiritismo, são espíritos

¹²² Este título pertence à 4ª edição. (N.T.)

imperfeitos, mas que irão melhorar; ainda estão na parte inferior da escala, e se elevarão.

Durante os primeiros períodos da sua existência, os espíritos estão sujeitos à encarnação material que é necessária ao seu desenvolvimento, até que tenham chegado a um certo grau. O número das encarnações é indeterminado e subordinado à rapidez do progresso; o progresso se realiza em razão do trabalho e da boa vontade do espírito que age, em qualquer circunstância, pelo poder do seu livre-arbítrio.

Aqueles que, por seu descuido, sua negligência, sua obstinação e sua má vontade permanecem mais tempo nas classes inferiores, disso se ressentem, e o hábito da permanência no mal torna-lhe mais difícil sair dele; mas chega um momento em que se cansam dessa existência penosa e dos sofrimentos que são a sua conseqüência; é então que, comparando sua situação à dos bons espíritos, eles compreendem que seu interesse está no bem, e procuram melhorar-se, mas o fazem por sua própria vontade e sem serem obrigados a isso. Eles estão submetidos à lei do progresso por sua disposição inata para progredir, porém, não progridem contra sua própria vontade. Deus lhes fornece incessantemente os meios, mas eles são livres para aproveitá-los ou não. Se o progresso fosse obrigatório, nenhum mérito teriam, e Deus quer que tenham o mérito das suas obras. Deus não coloca nenhum no primeiro lugar por privilégio, o primeiro lugar está aberto a todos, mas eles só o alcançam por seus esforços. Os anjos mais elevados conquistaram seu grau percorrendo, como os outros, o mesmo caminho. Todos, desde o cimo até a base, pertenceram ou pertencem ainda à humanidade.

Os homens são, assim, espíritos encarnados mais ou menos adiantados, e os espíritos são as almas dos homens que deixaram seu invólucro material. A vida espiritual é a vida normal do espírito; o corpo é apenas uma vestimenta temporária apropriada às funções que eles devem exercer na Terra, assim como o guerreiro veste a armadura e a cota de malha para o momento do combate, e as deixa após a batalha, sob a condição de vesti-las novamente quando vier o momento de uma nova luta. A vida corporal é o combate, a luta que os espíritos devem sofrer para avançar; em vista disso, eles revestem a armadura que é para eles um instrumento de ação mas, ao mesmo tempo, uma tortura.

Os espíritos trazem na encarnação suas qualidades de espírito; aqueles que são imperfeitos são os homens imperfeitos; aqueles que são mais adiantados, bons, inteligentes, instruídos, são os homens *instintivamente* bons, inteligentes e aptos a adquirir com facilidade novos conhecimentos; da mesma forma, os homens ao morrerem fornecem ao mundo espiritual espíritos bons ou maus, adiantados ou atrasados. O mundo corporal e o mundo espiritual se inclinam assim constantemente um sobre o outro.

Entre os maus espíritos existem os que têm toda a perversidade dos demônios, e a quem se pode aplicar perfeitamente a imagem que se faz desses últimos. Na sua encarnação, eles produzem esses homens perversos e astuciosos que se comprazem no mal, que parecem nascidos para a desgraça de todos aqueles que

eles atraem na sua intimidade, e dos quais pode-se dizer, sem lhes fazer injúria, que são demônios encarnados.

22. Tendo alcançado um certo grau de purificação, os espíritos têm missões relacionadas com o seu adiantamento; eles cumprem todas aquelas que são atribuídas aos anjos de diferentes ordens. Como Deus criou desde sempre, desde sempre se encontraram espíritos para satisfazer a todas as necessidades do governo do Universo. Uma só espécie de seres inteligentes, submetidos à lei do progresso, é, portanto, suficiente para tudo. Essa unidade na criação, com a idéia de que todos têm um mesmo ponto de partida, o mesmo caminho para percorrer, e que se elevam por seu próprio mérito, corresponde bem melhor à justiça de Deus do que à criação de espécies diferentes, mais ou menos favorecidas por dons naturais que seriam semelhantes a privilégios.

23. A doutrina comum sobre a natureza dos anjos, dos demônios e das almas humanas, não admitindo a lei do progresso, e vendo, no entanto, seres em diversos graus de evolução, chegou à conclusão de que eles eram o produto de criações igualmente especiais. Ela chegou, assim, a fazer de Deus um pai parcial, dando tudo a alguns de seus filhos, enquanto a outros impunha o mais rude trabalho. Não é de admirar que durante muito tempo os homens nada tenham achado de chocante nessas preferências, porquanto eles agiam da mesma forma relativamente aos seus próprios filhos, pelo direito de primogenitura¹²³ e os privilégios do nascimento; podiam esses homens acreditar que faziam mais mal do que Deus? Porém, atualmente o círculo das idéias se ampliou; eles vêem mais claro; têm noções mais nítidas da justiça e a querem para si mesmos; se não a encontram hoje sobre a Terra, esperam, pelo menos, encontrá-la mais perfeita no céu; eis por que, toda doutrina em que a justiça divina não lhes apareça em sua maior pureza, contraria a sua razão.



¹²³ **Primogenitura:** qualidade de primogênito, aquele que foi gerado primeiro, que é o filho mais velho. (N.T.)

Capítulo XI¹²⁴

Intervenção dos demônios nas modernas manifestações

1. Os atuais fenômenos espíritas têm chamado a atenção sobre fatos semelhantes que ocorreram em todas as épocas, e nunca a História foi mais pesquisada sob esse aspecto do que nestes últimos tempos. Da semelhança dos efeitos, concluiu-se pela unidade da causa. Como para todos os fatos extraordinários cuja razão é desconhecida, a ignorância neles viu uma causa sobrenatural, e a superstição os ampliou acrescentando-lhes crenças absurdas; daí um grande número de lendas que, para a maioria, são uma mistura de um pouco de verdade e muito de mentiras.

2. As doutrinas sobre o demônio, que por tanto tempo prevaleceram, exageraram de tal forma o seu poder que, por assim dizer, fizeram esquecer Deus; eis por que se atribuía ao demônio tudo o que parecia ultrapassar o poder humano; por toda a parte aparecia o dedo de Satanás; as melhores coisas, as descobertas mais úteis, principalmente todas aquelas que podiam tirar o homem da ignorância e ampliar o círculo de suas idéias, foram várias vezes olhadas como obras diabólicas. Os fenômenos espíritas dos nossos dias, mais numerosos, melhor observados, principalmente com a ajuda das luzes da razão e dos dados da Ciência, confirmaram, é verdade, a intervenção de inteligências ocultas, porém, agindo sempre nos limites das leis da natureza, e revelando, por sua ação, uma nova força e leis desconhecidas até este dia. A questão, portanto, se reduz a saber de que ordem são essas inteligências.

Enquanto não se obteve mais do que noções incertas ou sistemáticas sobre o mundo espiritual, pôde haver enganos, porém, hoje em dia, quando observações rigorosas e estudos experimentais trouxeram o esclarecimento sobre a natureza dos espíritos, sobre sua origem, seu destino, seu papel no Universo e seu modo de ação, a questão é resolvida pelos fatos. Sabe-se agora que são as almas daqueles que viveram sobre a Terra. Sabe-se também que as diversas categorias de espíritos bons e maus não constituem seres de diferentes espécies, mas que apenas indicam graus diferentes de adiantamento. Segundo o lugar que ocupam, por causa do seu desenvolvimento intelectual e moral, aqueles que se manifestam se apresentam sob aspectos muito opostos, o que não os impede de haver saído da grande família humana, assim como o selvagem, o bárbaro e o homem civilizado.

¹²⁴ Na 4ª edição, este capítulo é o X. (N.T.)

3. Sobre esse ponto, como sobre muitos outros, a Igreja mantém suas velhas crenças no que se refere aos demônios. Ela diz: “Nós temos princípios que há dezoito séculos não se modificam e que são imutáveis.” Seu erro é precisamente o de não levar em conta o progresso das idéias, e de considerar Deus muito pouco sábio para não proporcionar a revelação ao desenvolvimento da inteligência, para ter com os homens primitivos a mesma linguagem que com os homens adiantados. Se, enquanto a humanidade avança, a religião se agarra aos velhos erros, tanto em matéria espiritual quanto em matéria científica, chega um momento em que ela é invadida pela incredulidade.

4. Eis aqui como a Igreja explica a intervenção exclusiva dos demônios nas manifestações modernas.¹²⁵

“Na sua intervenção exterior, os demônios também são atentos em dissimular sua presença, para afastar suspeitas. Sempre arditos e pérfidos, atraem o homem para as suas armadilhas antes de lhes impor os grilhões da opressão e da servidão. Aqui eles despertam a curiosidade para fenômenos e jogos pueris, ali causam admiração e subjugam pelo encanto do maravilhoso. Se o sobrenatural aparece, se o seu poder os desmascara, eles acalmam e apaziguam as apreensões, solicitam a confiança e provocam a familiaridade. Ora se fazem passar por divindades e bons gênios, ora se apropriam dos nomes e mesmo dos traços dos mortos que são lembrados entre os vivos. Graças a fraudes dignas da antiga serpente, eles falam, e são ouvidos; dogmatizam, e se acredita neles; misturam algumas verdades às suas mentiras e fazem com que o erro seja aceito sob todas as formas. É aí que aparecem as pretensas revelações de além-túmulo; é para obter esse resultado que a madeira, a pedra, as florestas, as fontes, o santuário dos ídolos, o pé das mesas, a mão das crianças, representam oráculos; é por isso que a pitonisa profetiza no seu delírio, e que o ignorante, em um misterioso sono, torna-se de repente um doutor da Ciência. Enganar e perverter, tal é, em toda a parte e em todos os tempos, o objetivo final dessas estranhas manifestações.

Os resultados surpreendentes dessas práticas ou desses atos, para a maioria bizarros e ridículos, não podendo proceder de sua virtude intrínseca nem da ordem estabelecida por Deus, só se pode esperá-los do concurso de forças ocultas. Tais são, notadamente, os fenômenos extraordinários obtidos, em nossos dias, pelos procedimentos, aparentemente inofensivos do magnetismo, e o órgão inteligente das mesas falantes. Por meio dessas operações da magia moderna, vemos se reproduzirem entre nós as evocações e os oráculos, as consultas, as curas e as glórias que ilustraram os templos dos ídolos e os antros das sibilas. Como outrora, comanda-se a madeira e a madeira obedece; interroga-se, e ela responde em todas as línguas e sobre todas as questões; encontramos-nos em presença de seres invisíveis que usurpam os nomes dos mortos, dos quais as pretensas revelações são marcadas pela contradição e pela mentira; formas leves e sem consistência aparecem de repente, e se mostram dotadas de uma força sobre-humana.

¹²⁵ As citações deste capítulo foram tiradas da mesma pastoral que as citações do capítulo anterior, da qual são a continuação e têm a mesma autoridade. (N.A.)

Quais são os agentes secretos desses fenômenos, e os verdadeiros atores dessas cenas inexplicáveis? Os anjos não aceitariam esses papéis indignos, e não se prestariam a todos os caprichos de uma vã curiosidade. As almas dos mortos, que Deus proíbe consultar, permanecem no lugar que sua justiça lhes assinalou, e não podem, sem sua permissão, colocarem-se à disposição dos vivos. Os seres misteriosos que atendem ao primeiro apelo do herético, do ímpio ou do fiel, ou seja, do crime como da inocência, não são nem enviados de Deus, nem apóstolos da verdade e da salvação, mas os partidários do erro e do inferno. Apesar dos cuidados que tomam, escondendo-se sob os nomes mais veneráveis, eles se traem tanto pelo vazio de suas doutrinas, quanto pela baixeza de seus atos e a incoerência de suas palavras. Esforçam-se para apagar do símbolo religioso os dogmas do pecado original, da ressurreição dos corpos, da eternidade das penas, e toda a revelação divina, a fim de retirar das leis sua verdadeira sanção, e de abrir ao vício todas as barreiras. Se suas sugestões pudessem prevalecer, elas formariam uma religião cômoda, para o uso do socialismo e de todos aqueles a quem importuna a noção do dever e da consciência. A incredulidade do nosso século lhes preparou os caminhos. Que as sociedades cristãs, por um retorno sincero à fé católica, possam escapar do perigo dessa nova e temível invasão!"

5. Toda essa teoria baseia-se no princípio de que os anjos e os demônios são seres distintos das almas dos homens, e que estas são o produto de uma criação especial, inferiores, até aos demônios, em inteligência, em conhecimentos e faculdades de todas as espécies. Ela conclui pela intervenção exclusiva dos anjos maus nas manifestações antigas e modernas atribuídas aos espíritos dos mortos.

A possibilidade de as almas se comunicarem com os vivos é uma questão real, um resultado da experiência e da observação que não discutiremos aqui. Mas admitamos, por hipótese, a distinção acima; vamos supor que só os seres de natureza angélica pudessem se manifestar, com a exclusão das almas humanas, vejamos se é racional conceder esse privilégio aos demônios, se esta última opinião concorda com os fatos e se ela não é contestada pela própria doutrina relativa à natureza e às atribuições dos anjos.

6. Segundo a Igreja,¹²⁶ nas três categorias de anjos uma se ocupa exclusivamente do céu; uma outra do governo do Universo, e a terceira está encarregada da Terra, e nesta se acham os anjos guardiães designados para a proteção de cada indivíduo. Somente uma parte dos anjos desta categoria, a terceira, participou da revolta e foi transformada em demônios. Se Deus permitiu a estes últimos impulsionarem os homens para a perdição, pelas sugestões de todos os gêneros e a realização das manifestações ostensivas, por que, se ele é soberanamente justo e bom, teria concedido a esses anjos o imenso poder de que desfrutam e uma liberdade da qual fazem um uso tão nocivo, sem permitir que os anjos bons lhes fizessem contraposição com manifestações semelhantes dirigidas ao bem?

¹²⁶ Estas palavras em Times New Roman pertencem à 4ª edição. (N.T.)

Admitamos que Deus tenha dado uma parte igual de poder aos bons e aos maus, o que já seria um favor exorbitante em benefício destes últimos; o homem pelo menos foi livre para escolher; mas dar aos maus o monopólio da tentação, com a faculdade de simular o bem a ponto de confundir, para seduzir mais seguramente, seria uma verdadeira cilada preparada para a sua fraqueza, a sua inexperiência, a sua boa fé; dizemos mais: isto seria abusar da sua confiança em Deus. A razão se recusa a admitir uma tal parcialidade em proveito do mal. Vejamos os fatos.

7. Concede-se aos demônios as faculdades transcendentais; eles nada perderam de sua natureza angélica; têm o saber, a perspicácia, a previdência, a clarividência dos anjos e, ainda mais, a astúcia, a sagacidade e a manha em elevado grau. Seu objetivo é desviar os homens do bem e, principalmente, afastá-los de Deus para levá-los para o inferno do qual são os fornecedores e os recrutadores.

Compreende-se que os demônios se dirijam aos que estão no bom caminho e que, para eles, estão perdidos se persistem em ali permanecer; compreende-se que usem a sedução e a aparência do bem para atraí-los às suas redes; porém, o que é incompreensível é que eles se dirijam àqueles que já lhes pertencem, corpo e alma, para fazê-los voltar a Deus e ao bem; ora, quem está mais nas suas garras do que aquele que renega e blasfema Deus, que se lança no vício e na desordem das paixões? Este já não está no caminho do inferno? Compreende-se que, certo de sua presa, ele a estimule a orar a Deus, a submeter-se à sua vontade, a renunciar ao mal, que exalte aos seus olhos a delícia da vida dos bons espíritos, e lhes descreva com horror a posição dos maus? Algum dia se viu um comerciante elogiar, para os seus clientes, a mercadoria do seu vizinho, com prejuízo da sua, e incentivá-los a ir à casa dele? Um aliciador¹²⁷ de recrutas depreciar a vida militar e louvar o repouso da vida doméstica? Dizer aos alistados que eles terão uma vida de fadigas e de privações; que têm dez chances em uma de serem mortos ou pelo menos de terem os braços e as pernas arrancados?

É esse, portanto, o papel estúpido que se faz o demônio desempenhar, pois é um fato notório que, em consequência das instruções emanadas do mundo invisível, diariamente se vêem incrédulos e ateus reconduzidos a Deus e orarem com fervor, o que jamais haviam feito; pessoas cheias de vícios trabalharem com ardor para se melhorarem. Pretender que isso seja o resultado das manhas do demônio é fazer dele um verdadeiro tolo. Ora, como aqui não se trata de uma suposição, mas do resultado de experiência, e como contra um fato não há negação possível, é preciso concluir que o demônio é essencialmente um desastrado, que não é nem tão astucioso nem tão maligno como se pretende, e, por consequência, não é muito de se temer, porquanto ele trabalha contra os seus próprios interesses, ou ainda que todas as manifestações não são dele.

¹²⁷ **Aliciador:** em francês *racoleur*, aquele que por meios fraudulentos, pouco escrupulosos, engajava homens no serviço militar; a *racolage*, ação praticada pelos aliciadores, foi muito empregada durante o *Antigo Regime*, regime político e social da França desde o reinado de François I (1515-1547) até a Revolução de 1789. (N.T., segundo o *Dictionnaire Le Petit Larousse*, 2003.)

8. “Eles fazem aceitar o erro sob todas as formas; é para obter esse resultado que a madeira, a pedra, as florestas, as fontes, o santuário dos ídolos, os pés das mesas, a *mão das crianças* tornam-se oráculos.”

Qual é, portanto, depois disso, o valor destas palavras do *Evangelho: Derramarei do meu espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão; vossos jovens terão visões, e vossos velhos terão sonhos. Nesses dias, derramarei do meu espírito sobre meus servos, e eles profetizarão. (Atos dos Apóstolos, II: 17 e 18.)* Não é a predição da mediunidade concedida a toda gente, mesmo às crianças, que se realiza em nossos dias? Os apóstolos condenaram essa faculdade? Não; eles a anunciaram como um favor de Deus, e não como obra do demônio. Os teólogos de nossos dias sabem mais sobre essa questão do que os apóstolos? Não deveriam ver o dedo de Deus no cumprimento dessas palavras?

9. “No meio dessas operações da magia moderna vemos se reproduzirem entre nós as evocações e os oráculos, as consultas, as curas e as glórias que ilustraram os templos dos ídolos e os antros das sibilas.”

Onde se vêem as operações da magia nas evocações espíritas? O tempo em que se podia crer na sua eficácia já passou, hoje em dia elas são ridículas; ninguém acredita nelas, e o Espiritismo as condena. Na época em que a magia floresceu, tinha-se apenas uma idéia muito imperfeita sobre a natureza dos espíritos que eram encarados como seres dotados de um poder sobre-humano; eram chamados somente para se conseguir deles os favores da sorte e da fortuna, a descoberta de tesouros, a revelação do futuro, a obtenção de filtros,¹²⁸ mesmo que isso custasse o preço da própria alma. A magia, com a ajuda de seus signos, fórmulas e operações cabalistas, era acusada de fornecer pretensos segredos para produzir prodígios, coagindo os espíritos a se colocarem às ordens dos homens e a satisfazer seus desejos. Hoje sabe-se que os espíritos nada mais são que as almas dos homens; são chamados apenas para receber os conselhos dos bons, moralizar os imperfeitos, e para continuar as relações com os seres que nos são queridos.

Eis o que diz o Espiritismo a esse respeito:

- Não existe nenhum meio de obrigar um espírito a vir contra a vontade dele, se esse espírito é igual ou superior a vós em moralidade, porque não tendes nenhuma autoridade sobre ele; se é inferior, podereis fazê-lo, se for para o seu bem, porque então outros espíritos vos auxiliam. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV.)

- A mais importante de todas as disposições para as evocações, quando desejamos nos relacionar com espíritos sérios, é o recolhimento. Com a fé e o desejo do bem, ficamos mais capacitados para evocar os espíritos superiores. Elevando nossa alma, por alguns instantes de recolhimento no momento da evocação, identificamo-nos com os bons espíritos e os dispomos a vir. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV.)

¹²⁸ **Filtro:** bebida que se acreditava fazer despertar o amor ou produzir outros efeitos mágicos na pessoa a quem era dada para beber. (N.T.)

• Nenhum objeto, medalha ou talismã, tem a propriedade de atrair ou de repelir os espíritos; a matéria nenhuma ação exerce sobre eles. Jamais um bom espírito aconselha tais absurdos. A virtude dos talismãs existiu apenas na imaginação de pessoas crédulas. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV.)

• Não existe fórmula sacramental para a evocação dos espíritos. Quem quer que pretenda dar-lhe uma pode, energeticamente, ser acusado de usar de charlatanice, porque para os espíritos a forma não é nada. Entretanto, a evocação deve ser feita sempre em nome de Deus. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XVII.)

• Os espíritos que determinam entrevistas em lugares lúgubres e em horas indevidas são espíritos que se divertem à custa daqueles que os escutam. É sempre inútil e muitas vezes perigoso ceder a tais sugestões; inútil porque não se consegue absolutamente nada com isso, apenas ser mistificado; perigoso, não pelo mal que os espíritos podem fazer, mas pela influência que tal fato pode exercer sobre os cérebros fracos. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV.)

• Não existem dias nem horas particularmente mais favoráveis às evocações; isso é completamente indiferente para os espíritos, como tudo o que é material; crer nessa influência seria uma *superstição*. Os momentos mais favoráveis são aqueles em que o evocador pode estar menos distraído pelas suas ocupações habituais; em que seu corpo e seu espírito estão mais calmos. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV.)

• A crítica mal-intencionada se deleita em representar as comunicações espíritas cercadas das práticas ridículas e supersticiosas da magia e da necromancia.¹²⁹ Se aqueles que falam do Espiritismo sem o conhecer tivessem se dado ao trabalho de estudar o assunto do qual querem falar, seriam poupados de gastos de imaginação ou de alegações que servem apenas para provar sua ignorância ou sua má vontade. Para o esclarecimento das pessoas estranhas à Ciência, diremos que não há nem dias, nem horas, nem lugares mais favoráveis uns que outros para a comunicação com os espíritos; que para evocá-los não são precisas nem fórmulas, nem palavras sacramentais ou cabalísticas; que não há necessidade de nenhuma preparação nem de nenhuma iniciação; que não tem efeito o emprego de qualquer signo ou objeto material, seja para atraí-los, seja para repeli-los, que o pensamento é suficiente; finalmente, que os médiuns recebem suas comunicações, sem sair do estado normal, tão simplesmente e tão naturalmente como se elas fossem ditadas por uma pessoa viva. Só o charlatanismo poderia ostentar maneiras excêntricas e acrescentar acessórios ridículos. (*O que é o Espiritismo*, cap. II, nº 49.)

• Em princípio, o futuro deve ser oculto ao homem; apenas em casos raros e excepcionais é que Deus permite a revelação. Se o homem conhecesse o futuro, negligenciaria o presente e não agiria com a mesma liberdade, porque seria dominado pelo pensamento de que se um fato deve acontecer não há por que preocupar-se com ele, ou então procuraria impedi-lo. Deus não quis que fosse assim, a fim de que cada um concorresse para a realização dos fatos, mesmo daqueles

¹²⁹ **Necromancia:** evocação dos mortos para conhecer o futuro ou uma coisa oculta. (N.T.)

aos quais queria se opor. Deus permite a revelação do futuro quando esse conhecimento prévio deve facilitar a realização do fato em lugar de impedi-lo, levando a pessoa a agir de forma diferente do que teria feito sem esse conhecimento. (*O Livro dos Espíritos*, parte 3ª, cap. X.)

- Pode acontecer que o espírito preveja coisas que ele julga útil fazer conhecer, ou que tem a missão de fazer conhecer; porém, ainda há muito para se desconfiar dos espíritos embusteiros que se divertem em fazer predições; somente o conjunto das circunstâncias é que pode nos fazer apreciar o grau de confiança que elas merecem. (*O Livro dos Espíritos*, cap. XXVI, item 289.)

- Os espíritos não podem guiar nas pesquisas científicas e nas descobertas. A Ciência é obra do gênio; só deve ser adquirida pelo trabalho, porque é somente pelo trabalho que o homem avança na sua trajetória. Que mérito nós teríamos se, para tudo saber, tivéssemos apenas que interrogar os espíritos? A esse preço, todo imbecil poderia tornar-se um sábio. Ocorre o mesmo quanto às invenções e às descobertas da indústria. Depois uma outra consideração, é que cada coisa deve vir no seu tempo e quando as idéias têm maturidade para recebê-la; se o homem tivesse esse poder, ele alteraria a ordem de tudo fazendo crescer os frutos antes da estação.

Deus disse ao homem: “Tu tirarás teu alimento da terra com o suor do teu rosto”, admirável figura que descreve a condição em que ele está aqui na Terra; ele deve progredir em tudo pelo esforço do trabalho; se ele recebesse as coisas todas feitas, para que lhe serviria sua inteligência? Seria como o estudante do qual um outro fizesse o dever.

Quando chega o momento de uma descoberta, os espíritos encarregados de conduzir o seu desenvolvimento procuram o homem capaz de levá-la a um bom resultado, e lhe inspiram as idéias necessárias, mas de maneira a deixar-lhe todo o mérito da descoberta, porquanto é preciso que ele elabore e ponha em prática essas idéias. Assim tem sido em todos os grandes trabalhos da inteligência humana. Os espíritos deixam cada homem na sua esfera; daquele que apenas é capaz de cavar a terra, eles não farão o depositário dos segredos de Deus; mas saberão tirar da obscuridade o homem apto a auxiliar seus designios. Portanto, não vos deixeis levar pela curiosidade ou ambição, em um caminho que não é o objetivo do Espiritismo, e que se converterá para vós nas mais ridículas mistificações. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXVI.)

- Os espíritos não podem fazer descobrir os tesouros escondidos. Os espíritos superiores não se ocupam dessas coisas; porém, espíritos que gostam de zombar, de ludibriar, muitas vezes indicam tesouros que não existem, ou podem fazer com que sejam vistos em um lugar, embora se encontrem em outro, oposto ao indicado; e isso tem a sua utilidade para mostrar que a verdadeira fortuna está no trabalho. Se a Providência destina riquezas ocultas para alguém, ele as encontrará naturalmente, de outro modo não. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXVI.)

- O Espiritismo, ao nos esclarecer sobre as propriedades dos fluidos que são os agentes e os meios de ação do mundo invisível, e constituem uma das forças e uma das potências da natureza, nos dá a solução de uma quantidade de coisas

inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio, e que, em outros tempos, foram consideradas como prodígios. Ele revela, do mesmo modo que o magnetismo, uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida, ou dizendo melhor, conheciam-se os efeitos, porque eles sempre se produziram, mas se desconhecia a lei, e a ignorância dessa lei foi que criou a superstição. Conhecendo-se a lei, o maravilhoso desapareceu, e os fenômenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que os espíritas não produzem mais milagres ao fazerem uma mesa girar ou os mortos escreverem, do que um médico fazendo reviver um moribundo, ou o físico provocando a queda do raio. Aquele que pretendesse, com a ajuda dessa Ciência, *fazer milagres*, seria um ignorante do assunto ou um enganador. (*O Livro dos Médiuns*, cap. II.)

• Certas pessoas fazem uma idéia muito falsa das evocações; existem as que acreditam que as evocações consistem em fazer os mortos voltarem com a solenidade lúgubre do túmulo. Isso só ocorre nos romances, nos contos fantásticos de almas do outro mundo e no teatro onde se vêem os mortos saírem de seus sepulcros, ridiculamente vestidos com suas mortalhas, e fazendo estalar seus ossos. O Espiritismo, que nunca fez milagres, não fez esse mais que os outros, e nunca fez um corpo morto reviver. Quando os corpos estão na cova, isto é definitivo; mas o ser espiritual, fluídico, inteligente, não foi colocado na cova junto com o seu invólucro grosseiro, separou-se dele no momento da morte, e uma vez realizada essa separação nada mais de comum tem com ele. (*O que é o Espiritismo*, cap. II, nº 48.)

11. Nós nos alongamos nessas citações para demonstrar que os princípios do Espiritismo não têm nenhuma relação com os da magia, e não deixar nenhuma dúvida a esse respeito. Assim sendo, nada de espíritos à disposição dos homens, nada de meios para constrangê-los, nada de signos ou fórmulas cabalísticas, nada de descobertas de tesouros ou procedimentos para enriquecer, nada de milagres ou prodígios, nada de adivinhações nem de aparições fantásticas; nada, enfim, do que constitui o objetivo e os elementos essenciais da magia; o Espiritismo não só desaprova todas essas coisas, ele demonstra a impossibilidade e a ineficácia delas. Não há, pois, nenhuma analogia entre os propósitos e os meios da magia e os do Espiritismo; querer assimilá-los só pode ser uma decorrência da ignorância ou da má-fé; e, como os princípios do Espiritismo nada têm de secreto, e como são formulados em termos claros e sem equívoco, o erro não poderia prevalecer.

Quanto aos casos de cura, reconhecidos como reais na pastoral supracitada, o exemplo foi mal escolhido para as afastar das relações com os espíritos. Este é um dos benefícios que mais impressionam e que cada um pode apreciar; poucas pessoas estarão dispostas a renunciar a ele, principalmente após terem experimentado todos os outros meios, com o receio de serem curadas pelo diabo; ao contrário, mais de uma dirá que se o diabo a curou, ele fez uma boa ação.¹³⁰

¹³⁰ Querendo convencer as pessoas curadas pelos espíritos de que o haviam sido pelo diabo, um grande número dessas pessoas, que não pensava em deixar a Igreja, afastou-se radicalmente dela. (N.A.)

• Esta nota de rodapé em Tahoma, pertence à 4ª edição. (N.T.)

12. “Quais são os agentes secretos desses fenômenos e os verdadeiros atores dessas cenas inexplicáveis? Os anjos não aceitariam esses papéis indignos, e não se prestariam a todos os caprichos de uma vã curiosidade.”

Esses fenômenos são os das manifestações ostensivas dos espíritos; neste número, evidentemente, há as que seriam pouco dignas de espíritos superiores; e, se substituirmos a palavra *anjos* por *puros espíritos* ou *espíritos superiores*, teremos exatamente o que diz o Espiritismo. Porém, não se pode colocar sob a mesma classificação as comunicações inteligentes dadas pela escrita, pela palavra, pela audição ou qualquer outro meio — que não são indignas dos bons espíritos como não o seriam dos homens mais eminentes da Terra — tampouco as aparições, as curas e uma quantidade enorme de outros fatos que os livros sacros citam em profusão como sendo a ação de anjos ou de santos. Portanto, se os anjos e os santos outrora produziram fenômenos semelhantes por que não os produziram hoje? Por que os mesmos fatos seriam hoje, para algumas pessoas, obras do demônio enquanto que para outras são considerados santos milagres? Sustentar semelhante tese é renunciar à lógica.¹³¹

O autor da pastoral está errado quando afirma que esses fenômenos são inexplicáveis. Ao contrário, atualmente são perfeitamente explicáveis e por essa razão não são mais encarados como maravilhosos e sobrenaturais; e mesmo que ainda não tivessem explicação, não seria lógico atribuí-los ao diabo, tanto quanto não era lógico, em tempos passados, conceder ao diabo a honra da autoria de todos os efeitos naturais que então não se compreendiam.

É preciso que se entenda por papéis indignos, os ridículos e aqueles que consistem em fazer o mal; mas não se pode qualificar assim o papel dos espíritos que fazem o bem e encaminham os homens para Deus e para a virtude.

13. Ora, o Espiritismo diz precisamente que os papéis indignos não estão nas atribuições dos espíritos superiores, como o provam os preceitos seguintes:

- Reconhece-se a qualidade dos espíritos por sua linguagem; a dos espíritos verdadeiramente bons e superiores é sempre digna, nobre, lógica, isenta de contradições; revela sabedoria, benevolência, modéstia e a moral mais pura; é concisa e sem palavras inúteis. Entre os espíritos inferiores, ignorantes ou orgulhosos, a falta de idéias é quase sempre compensada pela abundância de palavras. Todo pensamento evidentemente falso, toda a máxima contrária à sã moral, todo conselho ridículo, toda expressão grosseira, trivial ou simplesmente frívola, enfim qualquer marca de malevolência, de presunção ou de arrogância, são sinais incontestáveis de inferioridade em um espírito.

- Os espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes; seu horizonte é limitado, sua perspicácia é restrita; eles têm apenas uma idéia freqüentemente falsa e incompleta das coisas, além disso ainda estão sob o domínio dos preconceitos terrestres que algumas vezes consideram como verdades; é por isso que são

¹³¹ Esta frase em Times New Roman pertence à 4ª edição. (N.T.)

incapazes de resolver certas questões. Eles podem nos induzir ao erro, voluntária ou involuntariamente, sobre o que eles mesmos não compreendem.

- Os espíritos inferiores não são todos essencialmente maus; existem os que são ignorantes e levianos; os que são brincalhões, espirituosos, agradáveis e que sabem manejar o gracejo fino e mordaz. Ao lado disso encontra-se no mundo dos espíritos, como sobre a Terra, todos os gêneros de perversidade e todos os graus de superioridade intelectual e moral.

- Os espíritos superiores só se ocupam com comunicações inteligentes tendo em vista a nossa instrução; as manifestações físicas ou puramente materiais encontram-se mais especialmente entre as atribuições dos espíritos inferiores, vulgarmente designados sob o nome de *espíritos batedores*, como, entre nós, as proezas que requerem grande força ou habilidade são próprias para saltimbancos¹³² e não para sábios. Seria um absurdo pensar que os espíritos por pouco elevados que sejam se divertem ao se exibirem. (*O que é o Espiritismo*, cap. II, nºs 37 a 40 e 60. Ver também *O Livro dos Espíritos*, Parte II, cap. I: "Diferentes ordens de espíritos; escala espiritual" e *O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XXIV: "Identidade dos espíritos; distinção dos bons e dos maus espíritos".)

Qual é o homem de boa-fé que pode ver nesses preceitos um papel indigno atribuído aos espíritos elevados? O Espiritismo não só não mistura os espíritos como — enquanto se atribui aos demônios uma inteligência igual a dos anjos — constata, pela observação dos fatos, que os espíritos inferiores são mais ou menos ignorantes, que seu horizonte moral é limitado e sua perspicácia é restrita; que eles têm uma idéia muitas vezes falsa e incompleta das coisas e são incapazes de resolver certas questões, o que os colocaria na impossibilidade de fazer tudo o que se atribui aos demônios.

14. "As almas dos mortos, que Deus proíbe consultar, habitam a morada que sua justiça lhes determinou, e elas não podem, sem a sua permissão, se colocar às ordens dos vivos."

O Espiritismo também diz que as almas dos mortos não podem vir sem a permissão de Deus, mas é ainda bem mais rigoroso porque diz que nenhum espírito, bom ou mau, pode vir sem essa permissão, enquanto que a Igreja atribui aos demônios o poder de passarem sem ela. Ele vai mais longe ainda, ao afirmar que, mesmo com essa permissão, quando os espíritos vêm a chamado dos vivos, não é para se porem à disposição destes.

- O espírito evocado vem voluntariamente ou é obrigado a fazê-lo? Ele obedece à vontade de Deus, isto é, à lei geral que rege o Universo; julga se é útil a sua vinda, e nisso ainda se manifesta o seu livre-arbítrio. O espírito superior vem sempre quando é chamado com um objetivo útil; ele se recusa a responder apenas no meio de pessoas pouco sérias e que tratam o assunto como brincadeira. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV.)

¹³² **Saltimbanco:** artista popular itinerante, que em geral se exhibe nos circos ou nas feiras fazendo acrobacias, exercícios difíceis de executar. (N.T.)

• O espírito evocado pode se recusar a atender o apelo que lhe é feito? Perfeitamente, sem isso onde estaria o seu livre-arbítrio? Vocês crêem que todos os seres do Universo estejam às suas ordens? E vocês mesmos, se consideram obrigados a responder a todos aqueles que pronunciam seus nomes? Quando eu digo que o espírito pode se recusar a isso compreenda-se quanto ao pedido do evocador, porque um espírito inferior pode ser obrigado a vir por um espírito superior. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XXV.)

Os espíritas estão de tal modo convencidos de que não têm nenhum poder direto sobre os espíritos, e de que nada podem obter deles sem a permissão de Deus que, quando chamam um espírito qualquer, eles dizem: *Peço a Deus todo-poderoso que permita a um bom espírito vir comunicar-se comigo; também peço ao meu anjo guardião que tenha a bondade de me assistir e de afastar os maus espíritos*; ou então, quando se trata de evocar um espírito determinado: *Peço a Deus todo-poderoso que permita ao espírito tal vir comunicar-se comigo*. (*O Livro dos Médiuns*, cap. XVII, nº 203.)

Portanto, quando um espírito atende ao chamado que lhe é feito, é com a permissão de Deus. Se quando se pede a Deus que permita a um bom espírito atender nosso chamado, e, segundo a Igreja, não se pode obter senão a vinda de maus espíritos, é Deus quem os envia, quer dizer, ele dá o mal quando se lhe pede o bem. Uma tal doutrina está esquecida destas palavras do Cristo: "Pedi, e se vos dará; buscai, e vós achareis; batei à porta, e ela se abrirá. Porque aquele que pede, recebe, o que procura, acha; e para aquele que bate à porta, ela se abrirá. — Da mesma forma, qual é o homem dentre vós que dará uma pedra a seu filho quando ele lhe pede pão? Ou lhe dará uma cobra se ele lhe pede um peixe? Ora, se vós, sendo maus como sois, sabeis dar boas coisas aos vossos filhos, com muito mais razão vosso Pai que está nos céus dará os verdadeiros bens àqueles que lhe pedem!" (*Mateus*, VII: 7 a 11.)

15. As acusações lançadas pela Igreja contra a prática das evocações não se referem, portanto, ao Espiritismo, pois que se dirigem principalmente às operações da magia com a qual ele nada tem em comum; o Espiritismo condena, nessas operações, o que a própria Igreja condena; não faz os bons espíritos desempenharem um papel indigno deles, e, finalmente declara nada pedir e nada obter sem a permissão de Deus.

Certamente, pode haver pessoas que abusam das evocações, que delas fazem um jogo, que as desviam de seu objetivo providencial para fazê-las servir aos seus interesses pessoais, que, por ignorância, leviandade, orgulho ou cupidez, se afastam dos verdadeiros princípios da doutrina; mas o Espiritismo sério as desaprova, como a verdadeira religião desaprova os falsos devotos e os excessos do fanatismo. Não é, portanto, nem lógico nem justo atribuir ao Espiritismo em geral os abusos que ele condena, ou as faltas daqueles que não o compreendem. Antes de formular uma acusação, é preciso ver se ela é justa. Então, diremos: a censura da Igreja cai sobre os charlatães, os exploradores, as práticas da magia e da feitiçaria; nisso ela tem razão. Quando a crítica religiosa ou cética derrota os abusos

e condena o charlatanismo, com isso ela nada mais faz que ressaltar melhor a pureza da sã doutrina que ela ajuda, assim, a se desembaraçar dos maus resíduos; nisso ela facilita nossa tarefa. Seu erro é confundir o bem e o mal, por ignorância na maior parte das vezes, por má-fé em algumas; porém, a distinção que ela não faz, outros a fazem. Em todos os casos sua censura, a qual todo espírito sincero se associa nos limites do que se aplica ao mal, não pode atingir a doutrina.

16. “Os seres misteriosos que atendem assim ao primeiro apelo do herético e do ímpio como o do fiel, do crime como o da inocência, não são nem os enviados de Deus, nem os apóstolos da verdade, mas os partidários do erro e do inferno.”

Assim, Deus não permite que bons espíritos venham tirar do erro o herético, o ímpio, o criminoso, para salvá-los da perdição eterna! Envia-lhes apenas os partidários do inferno para enterrá-los mais no lamaçal! Bem mais, envia à inocência apenas seres perversos para pervertê-la! Então não se encontra entre os anjos, estas criaturas privilegiadas de Deus, nenhum ser bastante compassivo para vir em socorro dessas almas perdidas? Para que as brilhantes qualidades de que são dotados se elas só servem aos seus gozos pessoais? São realmente bons se, mergulhados nas delícias da contemplação, eles vêem essas almas no caminho do inferno, sem irem desviá-las dele? Não é a imagem do rico egoísta que, tendo tudo em profusão, deixa, sem piedade, o pobre morrer de fome à sua porta? Não é o egoísmo transformado em virtude e colocado aos pés do Eterno?

Vós vos admirais de que os bons espíritos venham ao herético e ao ímpio, portanto esqueceste esta parábola do Cristo: “Não é aquele que passa bem de saúde que tem necessidade de médico.” Não podeis ver as coisas de um ponto mais elevado que os fariseus em sua época? E vós mesmos, se fosseis chamados por um descrente, vos recusaríeis a ir até ele para colocá-lo no bom caminho? Os bons espíritos, portanto, fazem o que vós faríeis, eles vão até o ímpio fazê-lo ouvir boas palavras. Em lugar de condenar as comunicações de além-túmulo, abençoai os caminhos do Senhor, e admirai sua onipotência e sua bondade infinita.

17. Dizem que os anjos da guarda existem; mas quando esses anjos guardiães não podem se fazer ouvir pela voz misteriosa da consciência ou da inspiração, por que não empregariam meios de ação mais diretos e mais materiais, de tal natureza que atingissem os sentidos, já que esses meios existem? Deus, portanto, coloca, esses meios — que são obra sua, porquanto tudo vem dele e nada chega sem a sua permissão — à disposição apenas dos maus espíritos, enquanto recusa aos bons se servirem deles? De onde é preciso concluir que Deus dá aos demônios mais facilidades para perderem os homens, do que as dá aos anjos guardiães para salvá-los.

Pois bem, o que os anjos guardiães não podem fazer, os demônios, segundo a Igreja, o fazem por eles; com a ajuda dessas mesmas comunicações, intituladas infernais, eles conduzem a Deus aqueles que o renegam, e ao bem aqueles que estão mergulhados no mal; eles nos dão o estranho espetáculo de milhões de homens que crêem em Deus pelo poder do diabo, ainda que a Igreja tenha sido impotente em convertê-los. Quantos homens que nunca oraram, hoje oram com

fervor, graças às instruções desses mesmos demônios. Quantos deles, que eram orgulhosos, egoístas e debochados, vimos se tornarem humildes, caridosos e menos sensuais! E dizem que isso é obra dos demônios! Se realmente é assim, é preciso convir que o demônio lhes prestou um grande serviço e os assistiu melhor que os anjos. É preciso ter uma experiência muito pouco favorável do julgamento dos homens deste século,¹³³ para crer que eles possam aceitar cegamente tais idéias. Uma religião que faz sua pedra angular¹³⁴ de semelhante doutrina, que se declara minada em sua base se lhe tiram seus demônios, seu inferno, suas penas eternas e seu Deus sem piedade, é uma religião que se suicida.

18. Dizem que Deus enviou seu Cristo para salvar os homens; ele provou seu amor por suas criaturas e depois as deixou sem proteção?

Sem dúvida alguma, Cristo é o divino Messias enviado para ensinar a verdade aos homens e mostrar-lhes o bom caminho; mas contai, somente depois de sua vinda, o número daqueles que puderam ouvir sua palavra de verdade; quantos morreram e quantos morrerão sem conhecê-la, e, entre aqueles que a conhecem, quantos a põem em prática! Por que Deus, na sua solicitude pela salvação de seus filhos, não lhes enviaria outros mensageiros, vindo sobre toda a Terra, penetrando nos mais humildes redutos, entre os grandes e os pequenos, entre os sábios e os ignorantes, entre os incrédulos como entre os crentes, para ensinar a verdade àqueles que não a conhecem, fazê-la compreender por aqueles que não a compreendem, suprir, pelo seu ensinamento *direto e múltiplo*, a insuficiência da propagação do *Evangelho*, e acelerar assim a vinda do reino de Deus? E quando esses mensageiros chegam em número incontável, abrindo os olhos dos cegos, convertendo os ímpios, curando os doentes, consolando os aflitos a exemplo de Jesus, vós os repelis, repudiais o bem que fazem, dizendo que são demônios! Essa é também a linguagem dos fariseus em relação a Jesus, porque eles também diziam que ele fazia o bem pelo poder do diabo. Que lhes respondeu Jesus? "*Reconhecereis a árvore pelo seu fruto; uma árvore má não pode dar bons frutos.*"

Para eles, porém, os frutos produzidos por Jesus eram maus, porque ele vinha destruir os abusos e proclamar a liberdade que deveria destruir sua autoridade; se ele tivesse vindo adular seu orgulho, aprovar suas prevaricações e sustentar seu poder, teria sido, aos seus olhos, o Messias esperado pelos judeus. Ele era só, pobre e fraco, fizeram com que morresse e acreditaram matar sua palavra; mas sua palavra era divina e sobreviveu a ele. No entanto, propagou-se com lentidão, e, após dezoito séculos, é conhecida apenas pela décima parte do gênero humano, e cismas numerosos explodiram no meio dos seus próprios discípulos. Deus então, em sua misericórdia, manda os espíritos confirmá-la, completá-la, colocá-la ao alcance de todos, e espalhá-la por toda a Terra. Mas os espíritos não estão encarnados em um só homem, cuja voz é limitada; eles são inumeráveis, vão a toda parte e não se pode agarrá-los, eis por que seus ensinamentos se espalham com a

¹³³ O autor refere-se ao século XIX. (N.T.)

¹³⁴ **Pedra angular:** pedra fundamental que forma o ângulo de uma construção; base, fundamento. (N.T.)

rapidez do raio; eles falam ao coração e à razão, eis por que são compreendidos pelos mais humildes.

19. “Não é indigno de celestes mensageiros, dizei vós, transmitir suas instruções por um meio tão vulgar quanto o das mesas girantes? Não é ultrajá-los supor que eles se divertem com trivialidades e deixam sua brilhante morada para se colocarem à disposição do primeiro que vem?”

Jesus não deixou a morada de seu Pai para nascer em um estábulo? Aliás, onde vistes que o Espiritismo algum dia atribuiu coisas triviais aos espíritos superiores? Ele disse, ao contrário, que as coisas vulgares são produto de espíritos vulgares. Porém, pela sua própria vulgaridade tais coisas não impressionaram só as imaginações; elas serviram para provar a existência do mundo espiritual e mostrar que esse mundo é inteiramente diferente do que se imaginava. Era o início; era simples como tudo o que começa, mas a árvore, saída de uma pequena semente, nem por isso, mais tarde, estende menos para longe a sua folhagem. Quem haveria de crer que da miserável manjedoura de Belém um dia sairia a palavra que deveria agitar o mundo?

Sim, Cristo é o Messias divino; sim, sua palavra é a da verdade; sim, a religião fundada sobre essa palavra será inabalável, mas sob a condição de seguir e de praticar seus sublimes ensinamentos, e de não fazer do Deus justo e bom que ele nos ensinou a conhecer, um Deus parcial, vingativo e sem piedade.



Capítulo XII¹³⁵

Da proibição de evocar os mortos

1. A Igreja não nega, de maneira alguma, a realidade das manifestações. Ao contrário, ela as admite todas, como vimos nas citações precedentes, porém as atribui à intervenção exclusiva dos demônios. É sem razão que alguns invocam o *Evangelho* para interdita-las, porque o *Evangelho* não diz uma palavra sobre esse assunto. O supremo argumento a que se dá valor é a proibição de Moisés. Eis em que termos a pastoral citada nos capítulos precedentes se manifesta a esse respeito:

“Não é permitido pôr-se em relação com eles (os espíritos), seja imediatamente, seja por intermédio daqueles que os invoquem e os interroguem. A lei mosaica punia com a morte essas práticas detestáveis em uso entre os gentios. ‘Não procureis os mágicos, diz o livro *Levítico*, não façais nenhuma pergunta aos adivinhos, temei merecerdes a desonra ao vos dirigirdes a eles.’ (Lv., XIX:31.) ‘Se um homem ou uma mulher tem um espírito de Píton¹³⁶ ou de adivinhação, que sejam punidos de morte; serão lapidados, e seu sangue cairá sobre suas cabeças.’ (Lv., XX:27.) E no livro *Deuteronômio*: ‘Que não haja entre vós qualquer pessoa que consulte os adivinhos, ou que leve em consideração os sonhos e os augúrios, ou que use de malefícios, de sortilégios e de encantamentos, ou que consulte aqueles que têm o espírito de Píton e que pratiquem a adivinhação, ou que interroguem os mortos para descobrir a verdade; pois o Senhor abomina todas essas coisas, e destruirá, à vossa chegada, as nações que cometem esses crimes.’ (Dt., XVIII:10 a 12.)”

2. É vantajoso, para o entendimento do verdadeiro sentido das palavras de Moisés, lembrar o texto completo, um pouco abreviado nessa citação:

- “Não vos afasteis do vosso Deus para ir procurar os mágicos, e não consulteis os adivinhos, temei vos desonrar ao vos dirigirdes a eles. Eu sou o Senhor vosso Deus.” (Lv., XIX:31.)

- “Se um homem ou uma mulher tem um espírito de Píton, ou um espírito de adivinhação, que eles sejam punidos de morte; serão apedrejados, e seu sangue cairá sobre sua cabeça.” (Lv., XX:27.)

- “Quando entrardes na terra que o Senhor vosso Deus vos dará, tomai muito cuidado para não querer imitar as abominações desses povos; — e que não se encontre nenhuma pessoa, entre vós, que pretenda purificar seu filho ou sua filha,

¹³⁵ Na 4ª edição, este capítulo é o XI. (N.T.)

¹³⁶ **Píton**: na Antiguidade, adivinho que previa o futuro; mago, nigromante. (N.T.)

fazendo-os passar pelo fogo, ou que consulte os adivinhos, ou que leve em consideração os sonhos e os augúrios, ou que use de malefícios, de sortilégios e de encantamentos, ou que consulte aqueles que têm o espírito de Píton, ou que cuide de adivinhar, ou que interrogue os mortos para descobrir a verdade. — Pois o Senhor tem abominação a todas essas coisas, e destruirá todos esses povos à vossa chegada, por causa dessas espécies de crimes que eles cometeram.” (Dt., XVIII:9 a 12.)

3. Se a lei de Moisés deve ser rigorosamente obedecida sobre esse ponto, ela também deve ser igualmente obedecida sobre todos os outros, pois, por que ela seria boa no que se refere às evocações, e má em outras partes? É preciso ser conseqüente; se reconhecemos que sua lei não está mais em harmonia com nossos usos e nossa época para certas coisas, não há razão para que ela não esteja quanto à proibição de que se trata.

É preciso, aliás, que nos reportemos aos motivos que provocaram essa proibição, motivos que tinham, então, sua razão de ser, mas que, seguramente, não existem mais hoje em dia. O legislador hebreu queria que seu povo rompesse com todos os costumes adquiridos no Egito, onde o das evocações estava em uso e era motivo de abuso, como o provam estas palavras de Isaías: “O Espírito do Egito se aniquilará em si mesmo, e eu perturbarei sua prudência; eles consultarão seus ídolos, seus adivinhos, seus pítons e seus mágicos.” (Is., XIX:3.)

Além disso, os israelitas não deviam ajustar nenhuma aliança com as nações estrangeiras; ora, eles iriam encontrar as mesmas práticas naquelas nações em que iam entrar e que deviam combater. Moisés, portanto, por política, teve que inspirar ao povo hebreu a aversão por todos os costumes desses povos com que tivessem pontos de contato, se os hebreus os tivessem assimilado. Para motivar essa aversão, era preciso apresentá-los como reprovados pelo próprio Deus; eis por que ele disse: “O Senhor abomina todas essas coisas, e destruirá, à vossa chegada, as nações que cometem esses crimes.”

4. A proibição de Moisés era tanto mais justificada porque não se evocavam os mortos por respeito e afeição a eles, nem com um sentimento de piedade; era um meio de adivinhação, da mesma forma que os augúrios e os presságios, explorados pelo charlatanismo e a superstição. Por mais que Moisés tenha feito, ele não conseguiu extirpar esse hábito transformado em objeto de um tráfico, assim como atestam as seguintes passagens do mesmo profeta:

• “E quando vos disserem: Consultai os mágicos e os adivinhos que falam em segredo os seus encantamentos, respondei: Cada povo não consulta seu Deus? E vai-se interrogar os mortos do que diz respeito aos vivos?” (Is., VIII:19.)

• “Sou eu que faço ver a falsidade dos prodígios da magia; que torno insensatos aqueles que cuidam de adivinhar; que transtorno o espírito dos sábios, e que levo a reconhecer a loucura da sua vã ciência.” (Is., XLIV:25.)

• “Que esses adivinhos que estudam o céu, que contemplam os astros, e que contam os meses para deles tirar as predições que querem vos dar sobre o futuro, venham agora, e que vos salvem. Eles acabaram como a palha, o fogo os

devorou; eles não poderão libertar suas almas das chamas ardentes; não restará de seu abrasamento nem mesmo carvões com que se possa aquecer, nem fogo diante do qual se possa sentar. Eis em que se transformarão todas essas coisas às quais vos dedicastes com tanto trabalho; esses negociantes que haviam negociado convosco desde a vossa juventude desapareceram todos, uns de um lado, outros de outro, sem que deles se ache um só que vos tire dos vossos males.” (Is., XLVII:13 a 15.)

Nesse capítulo, (XLVII) Isaías dirige-se aos babilônios sob a figura alegórica da “virgem filha da Babilônia, filha dos caldeus” (versículo 1). Ele diz que os encantadores não impedirão a ruína da sua monarquia; no capítulo seguinte, ele se dirige diretamente aos israelitas.

• “Vinde aqui, vós outros, filhos de uma adivinha, raça de um homem adúltero e de uma mulher prostituída. — De quem estais zombando? Contra quem abristes a boca e lançastes vossas línguas ferinas? Não sois vós filhos pérfidos e descendentes bastardos. — Vós que procurais vossa consolação nos vossos deuses sob todas as árvores carregadas de folhagem, que sacrificastes vossos pequenos filhos nas torrentes sob as rochas elevadas. — Colocastes vossa confiança nas pedras da torrente; derramastes licores para honrá-las, a elas ofertastes sacrifícios. Depois disso, minha indignação não se inflamará?” (Is., LVII: 3 a 6.)

Essas palavras não dão margem a enganos, elas provam claramente que naquela época as evocações tinham por objetivo a adivinhação, e com elas se fazia um comércio; as evocações estavam ligadas às práticas da magia e da feitiçaria, e até acompanhadas de sacrifícios humanos. Moisés, portanto, tinha razão ao proibir esses fatos, e ao dizer que Deus os abominava.

Essas práticas supersticiosas foram perpetuadas até a Idade Média, hoje, porém, a razão lhes faz justiça, e o Espiritismo veio mostrar o objetivo exclusivamente moral, consolador e religioso das relações de além-túmulo. Desde que os espíritas não “*sacrificam os filhos pequenos e não derramam licores para honrar os deuses*”; que não interrogam nem os astros, nem os mortos, nem os adivinhos para conhecer o futuro que Deus sabiamente ocultou dos homens; que repudiam qualquer comércio da faculdade, que algumas pessoas receberam, de se comunicar com os espíritos; que não são induzidos nem pela curiosidade, nem pela cobiça, mas por um sentimento piedoso e apenas pelo desejo de se instruírem, de se melhorarem e de consolarem as almas sofredoras, a proibição de Moisés de forma alguma tem relação com os espíritas. É o que teriam constatado, aqueles que invocam essa proibição contra eles, se tivessem se aprofundado mais no sentido das palavras bíblicas; eles teriam reconhecido que não existe nenhuma analogia entre o que se passava com os hebreus e os princípios do Espiritismo; e muito mais: veriam que o Espiritismo condena, precisamente, o que motivava a proibição de Moisés; porém, cegos pelo desejo de encontrar um argumento contra as idéias novas, eles não perceberam que esse argumento é completamente falso.¹³⁷

¹³⁷ Este trecho em Times New Roman pertence à 4ª edição. (N.T.)

A lei civil dos dias atuais pune todos os abusos que Moisés queria reprimir. Se ele decretou o último suplício contra os delinquentes, foi porque precisava de meios rigorosos para governar aquele povo indisciplinado; por isso a pena de morte foi muito empregada na sua legislação, além disso, não havia grande escolha nos seus meios de repressão; não existiam prisões nem casas de correção no deserto, e seu povo não era propenso a sujeitar-se ao receio de penas puramente disciplinares; ele não podia graduar sua penalidade, como se faz hoje em dia. É, pois, sem razão que se apóiam na severidade do castigo para provar o grau de culpabilidade da evocação dos mortos. Seria necessário, por respeito à lei de Moisés, manter a pena capital para todos os casos em que ele a aplicava? Aliás, por que se faz reviver com tanta insistência esse artigo, enquanto se faz silêncio sobre o começo do capítulo que proíbe aos padres possuírem os bens da Terra, terem participação em alguma herança, porque o Senhor, ele mesmo, é sua herança? (Dt., XXVIII: 1 e 2.)

Há duas partes distintas na lei de Moisés: a lei de Deus propriamente dita, promulgada sobre o Monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar apropriada aos costumes e à característica do povo; uma é invariável, a outra modifica-se segundo a época, e não pode vir ao pensamento de ninguém que pudéssemos ser governados pelos mesmos meios por que os hebreus o foram no deserto, tampouco que as capitulares¹³⁸ de Carlos Magno pudessem se adaptar à França do século XIX.¹³⁹ Quem pensaria, por exemplo, em fazer reviver hoje em dia este artigo da lei mosaica: “Se um boi fere com seu chifre um homem ou uma mulher, e se eles morrem, o boi será apedrejado, e não se comerá da sua carne; mas o dono do boi será julgado inocente.”(Êxodo, XXI: 28 e ss.)

Esse artigo, que nos parece tão absurdo, não tinha, porém, por objetivo punir o boi e absolver seu dono; ele equivalia simplesmente ao confisco do animal, causa do acidente, para obrigar o proprietário a mais vigilância. A perda do boi era a punição do dono, punição que devia ser bastante sensível entre um povo de pastores, não sendo necessário aplicar-lhes outra; mas essa pena não devia ser proveitosa para ninguém, por isso era proibido comer a carne do animal. Outros artigos estipulam o caso em que o dono é responsável.

Na legislação de Moisés tudo tinha a sua razão de ser, porque tudo nela é previsto até nos mínimos detalhes; mas a forma assim como a essência eram de acordo com as circunstâncias em que ele se encontrava. Certamente, se Moisés viesse hoje, dar outra vez um código a uma nação civilizada da Europa, ele não lhe daria um igual ao dos hebreus.

Que diz Deus nos seus mandamentos?

“Não terás outro Deus que eu; não tomarás o nome de Deus em vão; honra-rás teu pai e tua mãe; não matarás; não cometerás adultério; não roubarás; não

¹³⁸ **Capitulares:** decretos reais; ordenanças emanadas dos reis merovíngios (primeira dinastia dos reais francos) e carolíngios (relativo à dinastia de Carlos Magno ou Carlos I, rei dos francos de 768 a 814 d.C.). (N.T.)

¹³⁹ Século em que esta obra, *O Céu e o Inferno*, foi escrita. (N.T.)

dirás falso testemunho; não cobiçarás o bem do teu próximo.” Eis uma lei que é de todos os tempos e de todas as regiões e que, por isso mesmo, tem um caráter divino; porém, ela não possui a questão da proibição de evocar os mortos, de onde é preciso concluir que essa proibição era uma simples medida disciplinar e circunstancial.

6. A isso se contrapõe que todas as leis de Moisés foram ditadas em nome de Deus, assim como a do Sinai. Se as julgamos todas de fonte divina, por que os mandamentos são limitados ao Decálogo? Portanto, por que se fez a diferença? Se todas emanam de Deus, elas são igualmente obrigatórias; por que não obedecer a todas? Por que, além disso, o uso da circuncisão, à qual Jesus se sujeitou e não aboliu, não foi conservado? Esquece-se que todos os legisladores antigos, para dar mais autoridade às suas leis, diziam obtê-las de uma divindade. Moisés, mais do que qualquer outro, precisava desse apoio por causa do caráter do seu povo; se, apesar disso, ele passou por tantas dificuldades para se fazer obedecer, seria bem pior se ele as tivesse promulgado em seu próprio nome.

Jesus não veio modificar a lei mosaica e a sua lei não é o código dos cristãos? Não disse ele: “Aprendestes que foi dito aos antigos tal e tal coisa, e eu vos digo tal outra coisa?” Mas Jesus tocou na lei do Sinai? Não, de forma alguma; ele a confirmou, e toda a sua doutrina moral é apenas o desenvolvimento dela. Ora, nenhuma parte fala da proibição de evocar os mortos. Era uma questão bastante grave, no entanto por que ele a omitiu em suas instruções, enquanto tratou de outras de menos importância?

7. Em resumo, trata-se de saber se a Igreja põe a lei mosaica acima da lei evangélica, ou, dito de outra forma, se ela é mais judia do que cristã. Deve-se mesmo observar que de todas as religiões, a que tem feito menos oposição ao Espiritismo, é a judaica, e que ela não invocou a lei de Moisés — sobre a qual se apóiam as seitas cristãs — contra as relações com os mortos.

8. Outra contradição: se Moisés proibiu evocar os espíritos dos mortos, é porque esses espíritos podiam vir, se isso não fosse possível sua proibição teria sido inútil. Se eles podiam vir na época de Moisés, ainda podem fazê-lo hoje; se são os espíritos dos mortos, logo, não são exclusivamente demônios. Além disso, Moisés não falou, de modo nenhum, destes últimos.

É evidente, portanto, que não poderíamos nos apoiar logicamente sobre a lei de Moisés nessa circunstância, por este duplo motivo: ela não rege o Cristianismo e não é apropriada aos costumes da nossa época. Mas, supondo que possui toda a autoridade que alguns lhe atribuem, ela não pode, como acabamos de ver, ser aplicada ao Espiritismo.

Que é que Moisés condena?

Os mágicos, os adivinhos, os augúrios, os sortilégios, os malefícios, em uma palavra, tudo o que é da competência da magia; ora, é precisamente o que o próprio Espiritismo condena, como está provado no capítulo precedente, e o que demonstra mais claramente ainda o estudo completo da Doutrina. Desde que o

Espiritismo nada tem de comum com a magia, nem como objetivo nem como meio, o próprio Moisés não encontrou causas para lhe aplicar sua lei.

É verdade que Moisés inclui a interrogação dos mortos na sua proibição, mas o faz de uma forma secundária, e como acessório das práticas da feitiçaria. A própria palavra *interrogar* colocada ao lado de adivinhos e de augúrios prova que, entre os hebreus, as evocações eram um meio de adivinhação; ora, os espíritos não evocam os mortos para obter deles revelações ilícitas, mas para receber sábios conselhos e dar consolação àqueles que sofrem. Por certo, se os hebreus não fossem se utilizar das comunicações de além-túmulo apenas como meio de adivinhações, Moisés, ao invés de proibi-las, os teria encorajado, porque elas tornariam seu povo mais benévolo.

9. Se alguns críticos zombeteiros ou mal-intencionados quiseram apresentar as reuniões espíritas como assembléias de feiticeiros e necromantes,¹⁴⁰ e os médiuns como ledores de boa sorte; se alguns charlatães misturam o nome ao das práticas ridículas que o Espiritismo desaprova, muitas pessoas sabem deter-se sobre o caráter essencialmente moral e grave das reuniões do Espiritismo sério; a Doutrina, escrita para todas as pessoas, protesta bastante contra os abusos de todos os gêneros para que a calúnia recaia sobre quem a merece.

10. A evocação, dizem, é uma falta de respeito aos mortos cujas cinzas não é preciso revolver. Quem disse isso? Os adversários dos dois campos opostos que se dão as mãos: os incrédulos que não crêem nas almas, e aqueles que, crendo, pretendem que elas não podem vir e que só o demônio se apresenta.

Quando a evocação é feita religiosamente e com recolhimento; quando os espíritos são chamados, não pela curiosidade mas por um sentimento de afeição e de simpatia, e com o desejo sincero de nos instruírem e nos tornarmos melhores, não vemos por que razão seria mais desrespeitoso chamar as pessoas depois da sua morte do que fazê-lo enquanto eram vivos. Mas há uma outra resposta decisiva a essa objeção, é o fato de os espíritos virem livremente e não por constrangimento, virem até espontaneamente, sem serem chamados; demonstram sua satisfação por se comunicarem com os homens e de, freqüentemente, se queixarem do esquecimento em que, às vezes, são deixados. Se fossem perturbados em sua quietude ou estivessem descontentes com o nosso chamado, eles o diriam e não viriam. Já que são livres, quando vêm até nós é porque isso lhes convém.

11. Alega-se uma outra razão: dizem que as almas habitam na morada que a justiça de Deus lhes destinou, isto é, no inferno ou no paraíso; assim, aquelas que estão no inferno não podem sair, ainda que, a esse respeito, toda a liberdade seja dada aos demônios. As almas que se encontram no paraíso estão completamente entregues à sua beatitude, encontram-se muito acima dos mortais para se dedicarem a eles, e bastante felizes para voltarem a esta Terra de misérias e se interessarem pelos parentes e amigos que aqui deixaram. Então, elas são como esses ricos que desviam os olhos dos pobres com receio de que isso lhes perturbe a

¹⁴⁰ **Necromante:** pessoa que pratica a *necromancia*, isto é, a adivinhação pela invocação dos espíritos. (N.T.)

digestão? Se assim fosse, seriam pouco dignas da felicidade suprema que se tornaria o prêmio do egoísmo. Restam aquelas que estão no purgatório; mas essas são almas sofredoras e têm que pensar em sua salvação antes de tudo; portanto, nem umas nem outras podem vir; é apenas o diabo que vem em seu lugar. Se as almas não podem vir, não há motivo para recear que perturbem o seu repouso.

12. Aqui, porém, se apresenta uma outra dificuldade. Se as almas que estão na beatitude não podem deixar sua morada venturosa para virem em socorro dos mortais, por que a Igreja invoca a assistência dos santos, eles que devem desfrutar da maior soma possível de beatitude? Por que ela diz aos fiéis para invocá-los nas doenças, nas aflições e para se preservarem dos flagelos? Por que, segundo ela, os santos e a própria virgem vêm se mostrar aos homens e fazer milagres? Neste caso, eles deixam o céu para virem à Terra! Se aqueles que estão no mais alto do céu podem deixá-lo, por que os que estão menos elevados não poderiam fazê-lo?

13. Que os incrédulos neguem a manifestação das almas, isso se concebe, porquanto eles não acreditam na alma, mas o que é estranho é ver aqueles cujas crenças estão estabelecidas sobre a existência e o futuro das almas, se irritarem contra os meios de provar que ela existe, e se esforçarem em demonstrar que isso é impossível. Ao contrário, pareceria natural que aqueles que têm mais interesse em sua existência acolhessem com alegria, e como um favor da Providência, os meios de desconcertar com provas irrecusáveis, os incrédulos, porquanto são os negadores da religião. Deploram, constantemente, a invasão da incredulidade que destrói o rebanho de fiéis, e quando o mais possante meio de combatê-lo se apresenta, eles o recusam com mais obstinação que os próprios incrédulos. Depois, quando as provas se avolumam a ponto de não deixar nenhuma dúvida, recorrem, como argumento supremo, à proibição de se ocuparem com elas e, para justificar tal proibição, tornam a buscar um artigo da lei de Moisés do qual ninguém lembrava, e onde querem, a todo custo, ver uma aplicação que não existe. Estão tão felizes com essa descoberta que não se apercebem que esse artigo é uma justificativa da Doutrina Espírita, pois que ela condena o que Moisés proíbe.

14. Todos os motivos alegados contra as relações com os espíritos não podem resistir a um exame sério; entretanto, da pertinácia que se coloca no assunto, pode-se deduzir que a essa questão liga-se um grande interesse, se assim não fosse não haveria tanta insistência nisso. Ao ver essa cruzada de todos os cultos contra as manifestações, poderíamos dizer que *elas têm receio delas*. O verdadeiro motivo poderia muito bem ser o medo de que os espíritos, muito perspicazes, viessem esclarecer os homens sobre os pontos que insistem em deixar na sombra, e os fizessem conhecer ao certo o que é o outro mundo e as verdadeiras condições para nele ser feliz ou infeliz. É por isso que, assim como se diz a uma criança: "Não vá nesse lugar, lá existe um lobisomem"; diz-se aos homens: "Não chameie os espíritos, são o diabo". Porém, ainda que o façam, se proibirem os homens de chamar os espíritos, não impedirão que os espíritos venham em direção aos homens tirar a lâmpada de debaixo do alqueire.

O culto que estiver com a verdade absoluta nada terá que recear da luz, porque a luz fará a verdade sobressair, e o demônio não poderá prevalecer contra a verdade.

15. Não aceitar as comunicações de além-túmulo, é rejeitar o poderoso meio de instrução que resulta por si mesmo da iniciação à vida futura, e dos exemplos que elas nos fornecem. A experiência nos ensina, além disso, o bem que se pode fazer desviando do mal os espíritos imperfeitos, ajudando aqueles que sofrem a se desembaraçarem da matéria e a se aperfeiçoarem. Proibir as comunicações é privar as almas infelizes da assistência que podemos lhes dar. As palavras a seguir, de um espírito, resumem admiravelmente as conseqüências da evocação praticada com uma finalidade caridosa:

“Cada espírito sofredor e queixoso vos contará a causa da sua queda, as seduções às quais não resistiu; ele vos falará das suas esperanças, das suas lutas, dos seus medos; contará os seus remorsos, suas dores, seus desesperos; vos mostrará Deus, justamente irritado, punindo o culpado com toda a severidade de sua justiça. Escutando-o ficareis sensibilizados pela compaixão por ele e pelo receio por vós mesmos; acompanhando-o em suas queixas, vereis Deus não o perdendo de vista, esperando o pecador arrependido, estendendo-lhe os braços assim que ele tente avançar. Vereis os progressos do culpado, para os quais tereis a felicidade e a glória de haver contribuído; vós o seguireis com solicitude, como o cirurgião segue os progressos da ferida em que ele faz curativos diariamente.” (Bordeaux, 1861.)



SEGUNDA PARTE

EXEMPLOS

Capítulo I

A passagem

1. A confiança na vida futura não afasta as apreensões da passagem desta vida para a outra. Muitas pessoas não temem a morte em si; o que elas receiam é o momento da transição. Sofre-se ou não nessa travessia? É isso que as inquieta, e o fato tem mais valor apenas porque dela ninguém pode escapar. Pode-se prescindir de uma viagem terrestre, mas neste caso, tanto ricos como pobres devem transpor a passagem, e se ela é dolorosa, nem a posição, nem a fortuna poderiam suavizar a sua amargura.

2. Ao ver a calma em certas mortes, e as terríveis convulsões de agonia em algumas outras, pode-se já imaginar que as sensações experimentadas nesse momento não são sempre as mesmas; mas quem pode nos esclarecer a esse respeito? Quem nos descreverá o fenômeno fisiológico da separação da alma e do corpo? Quem nos contará as impressões desse instante supremo? Sobre esse ponto a Ciência e a Religião permanecem mudas.

E por que isso? Porque falta a uma e a outra o conhecimento das leis que regem as relações do espírito e da matéria; uma se detém no limiar da vida espiritual, outra no da vida material. O Espiritismo é o traço de união entre as duas; só ele pode dizer como se opera a transição, seja pelas noções mais positivas que ele dá sobre a natureza da alma, seja pela narração daqueles que deixaram a vida. O conhecimento do laço fluidico que une a alma ao corpo é a chave desse fenômeno, como de muitos outros.

3. A matéria inerte é insensível, isso é um fato real; somente a alma experimenta as sensações do prazer e da dor. Durante a vida, toda desagregação da matéria repercute na alma que disso recebe uma impressão mais ou menos dolorosa. É a alma que sofre e não o corpo; este é apenas o instrumento da dor, a alma é a paciente. Após a morte, estando o corpo separado da alma, pode ser impunemente mutilado, porque ele não sentirá nada; a alma, por sua vez, dele estando separada, não recebe nenhuma impressão da desorganização desse corpo, ela tem suas próprias sensações cuja fonte não está na matéria tangível.

O perispírito é o invólucro fluidico da alma, da qual não é separado nem antes, nem após a morte, e com a qual forma, por assim dizer, apenas um, porquanto não se pode conceber um sem a outra. Durante a vida, o fluido perispiritual penetra no corpo em todas as suas partes e serve de veículo às sensações físicas da alma; é do mesmo modo, por esse intermediário, que a alma age sobre o corpo e dele dirige os movimentos.

4. A extinção da vida orgânica ocasiona a separação da alma e do corpo pelo rompimento do laço fluidico que os une; mas essa separação jamais é brusca; o fluido perispiritual se desprende pouco a pouco de todos os órgãos, de forma que a separação só é completa e absoluta quando não restar mais um só átomo do perispírito unido a uma molécula do corpo. A sensação dolorosa que a alma experimenta nesse momento está em relação com a soma dos pontos de contato que existem entre o corpo e o perispírito, e da maior ou menor dificuldade e lentidão que a separação apresenta. Portanto, não é preciso ocultar que, segundo as circunstâncias, a morte pode ser mais ou menos penosa. São essas diferentes circunstâncias que vamos examinar.

5. Coloquemos inicialmente, como princípio, os quatro casos seguintes, que se podem julgar como situações extremas, entre as quais existe um grande número de nuanças:

1ª) Se, no momento de extinção da vida orgânica, o desprendimento do perispírito fosse completamente realizado, a alma não sentiria absolutamente nada.

2ª) Se, nesse momento, a coesão dos dois elementos está em toda a sua força, produz-se uma espécie de dilaceramento que reage dolorosamente sobre a alma.

3ª) Se a coesão é fraca, a separação é fácil e se opera sem abalo.

4ª) Se, após a cessação completa da vida orgânica, ainda existem numerosos pontos de contato entre o corpo e o perispírito, a alma poderá sentir os efeitos da decomposição do corpo até que o laço seja inteiramente rompido.

Disso resulta que o sofrimento que acompanha a morte está subordinado à força de aderência que une o corpo e o perispírito; e tudo o que pode ajudar na diminuição dessa força e na rapidez do desprendimento torna a passagem menos penosa; enfim, se o desprendimento se realiza sem nenhuma dificuldade, a alma não experimenta nenhuma sensação desagradável.

6. Na passagem da vida corporal para a vida espiritual, produz-se ainda um outro fenômeno de uma importância capital: o da perturbação. Nesse momento a alma experimenta um entorpecimento que paralisa momentaneamente suas faculdades e neutraliza, pelo menos em parte, as sensações; ela está, por assim dizer, cataleptizada,¹⁴¹ de maneira que quase nunca é testemunha consciente do último suspiro. Dizemos quase nunca porque existem casos em que a alma pode ter consciência dele, assim como o veremos dentro em pouco.

A perturbação, portanto, pode ser considerada como o estado normal no instante da morte; sua duração é indeterminada, ela varia de algumas horas a alguns anos. À medida que ela se dissipa, a alma fica na situação de um homem que sai de um sono profundo; as idéias são confusas, vagas e incertas; vê como se o fizesse através de um nevoeiro; pouco a pouco a visão vai se aclarando, a

¹⁴¹ **Cataleptizada:** em estado de catalepsia, em que se observa uma rigidez cérea dos músculos, de modo que o paciente permanece na posição em que é colocado. Observa-se a catalepsia principalmente em casos de demência precoce e de sono hipnótico. (N.T., segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

memória retorna, e a alma se reconhece. Esse despertar, porém, é bem diferente conforme os indivíduos; para uns ele é calmo e proporciona uma sensação deliciosa; para outros é pleno de terror e de ansiedade, e produz o efeito de um terrível pesadelo.

7. O momento do último suspiro não é, portanto, o mais penoso, porque, geralmente, a alma não tem consciência de si mesma; mas antes dele a alma sofre pela desagregação da matéria durante as convulsões da agonia, e depois pelas angústias da perturbação. Apressamo-nos em dizer que esse estado não é geral. A intensidade e a duração do sofrimento dependem da afinidade que existe entre o corpo e o perispírito; quanto maior for essa afinidade, mais longos e penosos são os esforços do espírito para se desprender dos seus laços; mas existem pessoas nas quais a coesão é tão fraca que o desprendimento se faz por si mesmo e naturalmente. O espírito se separa do corpo como um fruto maduro se desprende da sua haste; é o caso das mortes calmas e dos pacíficos despertares.

8. O estado moral da alma é a principal causa a influir na maior ou na menor facilidade de desprendimento. A afinidade entre o corpo e o perispírito depende diretamente da ligação do espírito à matéria; ela chega ao seu máximo no homem em que todas as preocupações se concentram na vida e nos prazeres materiais; ela é quase nula naquele cuja alma depurada se identificou por antecipação com a vida espiritual. Visto que a lentidão e a dificuldade da separação são proporcionais ao grau de depuração e de desmaterialização da alma, depende de cada um tornar essa passagem mais ou menos fácil, mais ou menos penosa, agradável ou dolorosa.

Isto sendo posto, ao mesmo tempo como teoria e como resultado da observação, falta-nos examinar a influência do gênero de morte sobre as sensações da alma no último momento.

9. Na morte natural, aquela que resulta da extinção das forças vitais pela idade ou pela doença, o desprendimento se opera gradualmente; no homem cuja alma é desmaterializada e cujos pensamentos estão desligados das coisas terrestres, o desprendimento é quase completo antes da morte real; o corpo ainda vive a vida orgânica e a alma já entrou na vida espiritual, a alma prende-se ao corpo apenas por um laço tão frágil que este se rompe facilmente com o último batimento do coração. Nessa situação, o espírito já pode ter recuperado sua lucidez e ser testemunha consciente da extinção da vida do seu corpo, sentindo-se feliz por ter se livrado dele; para esse espírito, a perturbação é quase nula; não é mais que um momento de sono pacífico, do qual ele sai com uma indizível impressão de felicidade e de esperança.

No homem materialista e sensual, aquele que viveu mais pelo corpo que pelo espírito, para quem a vida espiritual não é nada, nem sequer uma realidade em seu pensamento, tudo contribuiu para apertar mais os laços que o ligam à matéria; nada veio afrouxá-los durante a vida. Na proximidade da morte, o desprendimento também se opera gradualmente, mas com esforços contínuos. As convulsões da agonia são o indício da luta que o espírito enfrenta, porquanto, às vezes, ele quer romper

os laços que lhe resistem e, em outras vezes, agarra-se ao seu corpo do qual uma força irresistível o arranca violentamente, parte por parte.

10. O espírito mais se apega à vida corporal quanto menos vê além dela; ele sente que a vida lhe escapa e quer retê-la; em vez de se abandonar ao movimento que o arrasta, ele resiste com todas as suas forças e pode, dessa forma, prolongar a luta durante dias, semanas e meses inteiros. Sem dúvida, nesse momento, o espírito não tem toda a sua lucidez; a perturbação começou muito tempo antes da morte, mas nem por isso ele sofre menos, a indefinição em que se encontra, a incerteza sobre o que lhe acontecerá, juntam-se às suas angústias. A morte chega, e tudo não se acabou, a perturbação continua; ele sente que vive, mas não sabe se é vida material ou espiritual; ele luta ainda até que os últimos laços do perispírito tenham se rompido. A morte deu um fim à doença efetiva, porém, não deteve as conseqüências; enquanto existem pontos de contato entre o corpo e o perispírito, o espírito sente suas impressões e sofre com isso.

11. Bem diferente é a posição do espírito que não é materialista, mesmo nas doenças mais cruéis. Os laços fluídicos que o unem ao corpo, sendo muito frágeis, rompem-se sem nenhum abalo, pois sua confiança no futuro, que ele já entrevê pelo pensamento e algumas vezes mesmo em realidade, faz com que encare a morte como uma libertação e seus males como uma prova; daí lhe vem uma calma moral e uma resignação que aliviam o sofrimento. Após a morte, mesmo esses laços sendo rompidos nesse momento, nenhuma reação dolorosa o atinge; ao seu despertar, ele se sente livre, disposto, desembaraçado de um grande peso, e muito feliz por não sofrer mais.

12. Na morte violenta, as condições não são exatamente as mesmas. Nenhuma desagregação parcial pôde ocasionar uma separação prévia entre o corpo e o perispírito; a vida orgânica, em toda a sua força, subitamente é interrompida; o desprendimento do perispírito só começa após a morte, e, nesse caso como em outros, não pode se realizar instantaneamente. O espírito, colhido de súbito, está como atordoado; mas, percebendo que pensa, ele acredita que ainda está vivo, e essa ilusão dura até que compreenda a sua situação. Esse estado intermediário entre a vida corporal e a vida espiritual é um dos mais interessantes para se estudar, porque apresenta o singular espetáculo de um espírito que confunde seu corpo fluídico com seu corpo material, e que experimenta todas as sensações da vida orgânica. Esse estado oferece uma variedade infinita de nuances segundo o caráter, os conhecimentos e o grau de adiantamento moral do espírito. É de curta duração para aqueles cuja alma está depurada, porque neles havia um desprendimento antecipado do qual a morte, mesmo a mais súbita, nada mais faz que apressar a realização; em outros, pode se prolongar durante anos. Esse estado é muito freqüente, mesmo nos casos de morte comum, e para alguns nada tem de penoso segundo as qualidades do espírito; mas para outros é uma situação terrível. É no suicídio principalmente que essa situação é mais penosa. O corpo estando ligado ao perispírito por todas as suas fibras, todas as convulsões do corpo repercutem na alma que experimenta grandes sofrimentos.

13. O estado do espírito no momento da morte pode assim se resumir:

Quanto mais lento é o desprendimento do perispírito, mais o espírito sofre; a rapidez do desprendimento está em relação com o grau de adiantamento moral do espírito; para o espírito que não é materialista, cuja consciência é pura, a morte é um sono de alguns instantes, isento de qualquer sofrimento, do qual o despertar é pleno de suavidade.

14. Para trabalhar para sua depuração, reprimir suas más tendências, vencer suas paixões, é preciso ver as vantagens dessas ações no futuro; para identificar-se com a vida futura, dirigir-lhe suas aspirações e preferir esta vida à vida terrestre, é preciso não somente crer nela, mas compreendê-la; é preciso representá-la sob um aspecto satisfatório para a razão, em completo acordo com a lógica, o bom senso e a idéia que se faz da grandeza, da bondade e da justiça de Deus. De todas as doutrinas filosóficas, o Espiritismo é aquela que exerce, sob esse aspecto, a mais poderosa influência pela fé inquebrantável que ele dá.

O espírito sério não se limita a crer; ele crê porque compreende, e compreende porque recorre ao seu discernimento; a vida futura é uma realidade que se desenrola continuamente aos seus olhos; ele a vê e a toca por assim dizer em todos os instantes; a dúvida não pode existir em sua alma. A vida corporal, tão limitada diante da vida espiritual que é a verdadeira vida, para ele desaparece; daí a pouca atenção que dá aos incidentes do caminho e a sua resignação nas vicissitudes das quais compreende a causa e a utilidade. Sua alma se eleva pelas relações diretas que mantém com o mundo invisível; os laços fluidicos que o ligam à matéria se enfraquecem, e assim ocorre um primeiro desprendimento parcial que facilita a passagem desta vida para a outra. A perturbação inseparável da transição é de curta duração, porque, logo que o limiar é transposto, ele se reconhece; nada lhe é estranho; ele compreende a sua situação.

15. O Espiritismo não é, seguramente, indispensável para esse resultado; também não tem a pretensão de ser o único a garantir a salvação da alma, mas a facilita pelos conhecimentos que proporciona, os sentimentos que inspira e as disposições nas quais coloca o espírito para que ele compreenda a necessidade de se melhorar. Além disso, ele dá, a cada um, os meios de facilitar o desprendimento de outros espíritos no momento em que eles deixam o seu invólucro terrestre, e de reduzir o tempo da perturbação pela prece e pela evocação. Pela prece sincera, que é uma magnetização espiritual, provoca-se uma desagregação mais rápida do fluido perispiritual; por uma evocação conduzida com sabedoria e prudência, e com palavras de benevolência e de encorajamento, tira-se o espírito do entorpecimento em que se encontra, ajudando-o a se reconhecer mais cedo; se ele está sofrendo, deve-se estimulá-lo ao arrependimento que só pode abreviar os sofrimentos.¹⁴²



¹⁴² Os exemplos que vamos citar apresentam os espíritos nas diferentes fases de felicidade e de infelicidade da vida espiritual. Não fomos procurá-los nas personagens mais ou menos ilustres da Antiguidade, das quais a posição pôde mudar consideravelmente desde a existência que lhes conhecemos, e que, aliás,

Capítulo II

Espíritos felizes

— SENHOR SANSON —

Senhor Sanson, antigo membro da Sociedade Espírita de Paris, faleceu no dia 21 de abril de 1862, após um ano de cruéis sofrimentos. Prevendo seu fim, dirigiu ao presidente da Sociedade uma carta com a seguinte passagem:

“Em caso de surpresa pela separação entre minha alma e meu corpo, tenho a honra de vos recordar uma súplica que já vos fiz há cerca de um ano; trata-se de evocardes meu espírito o mais rapidamente possível, e o número de vezes que julgardes conveniente, a fim de que, membro bastante inútil da nossa Sociedade durante minha presença na Terra, eu possa, de além-túmulo, servir-lhe para alguma coisa, dando-lhe os meios de estudar fase por fase, em suas evocações, as diversas particularidades que acompanham o que o comum dos homens chama a morte, mas que, para nós, os espíritos, é apenas uma transformação, segundo os impene-tráveis designios de Deus, mas sempre útil ao objetivo que ele se propõe.

Além desta autorização e súplica para me fazedes a honra desta espécie de autópsia espiritual, que o meu pouco adiantamento como espírito tornará talvez estéril, e à qual vossa sabedoria vos levará naturalmente a não prolongar mais que um certo número de experiências, atrevo-me a vos rogar pessoalmente, assim como a todos os meus colegas, que tenham a bondade de suplicar ao Todo-Poderoso que permita aos bons espíritos me assistirem com seus conselhos benevolentes, em

não ofereceriam provas suficientes de autenticidade. Tomamos esses exemplos nas circunstâncias mais comuns da vida contemporânea, porque são aquelas em que cada um pode encontrar mais identificação, e de onde se pode tirar as instruções mais proveitosas para comparação. Quanto mais a existência terrestre dos espíritos se aproxima de nós, pela posição social, as relações ou os laços de parentesco, mais eles nos interessam, e mais fácil se torna controlar sua identidade. As posições comuns são as mais numerosas, é por isso que cada um pode, mais facilmente, delas fazer a aplicação; as posições excepcionais nos sensibilizam menos, porque saem da esfera dos nossos hábitos. Essas, portanto, não são as figuras que procuramos; se, nesses exemplos, se encontram algumas individualidades conhecidas, a maior parte delas é completamente obscura; nomes que têm repercussão não teriam nada a acrescentar à instrução e poderiam ferir suscetibilidades. Não nos dirigimos nem aos curiosos nem aos amantes de escândalos, mas àqueles que querem seriamente se instruir.

Esses exemplos poderiam ser multiplicados ao infinito, mas, forçado a limitar seu número, escolhemos aqueles que poderiam dar mais esclarecimentos sobre o estado do mundo espiritual, seja pela posição do espírito, seja pelas explicações que ele estaria em condições de dar. A maior parte é inédita, somente alguns foram publicados na *Revista Espírita*; nestes suprimimos os detalhes supérfluos, conservando apenas as partes essenciais ao objetivo que aqui nos propusemos, e a eles acrescentamos as instruções complementares a que puderam dar lugar posteriormente. (N.A.)

particular São Luís, nosso presidente espiritual, a fim de me guiarem na escolha e na época de uma reencarnação, visto que, desde o presente, isso me preocupa muito; tenho receio de enganar-me sobre minhas forças espirituais, e pedir a Deus, muito cedo e muito presunçosamente, um estado corporal no qual não possa justificar a bondade divina, o que, em vez de me servir para avançar, prolongaria minha estada na Terra ou em outra parte, caso eu seja malsucedido.”

Para nos adequarmos ao seu desejo de ser evocado o mais rápido possível após sua morte, dirigimo-nos para a câmara mortuária com alguns membros da Sociedade, e, em presença do corpo, houve a conversa a seguir, uma hora antes do enterro. Tínhamos nisso um duplo objetivo: cumprir uma última vontade do senhor Sanson e observar, uma vez mais, a situação da alma em um momento tão próximo da morte, e isso em um homem eminentemente inteligente, esclarecido e profundamente compenetrado das verdades espíritas; tínhamos que constatar a influência dessas crenças sobre o estado do espírito, para entender suas primeiras impressões. Nossa esperança não foi em vão, o senhor Sanson descreveu, com uma perfeita lucidez, o instante da transição; ele se viu morrer e se viu renascer, circunstância pouco comum, e que é devida à elevação do seu espírito.

I

(Câmara mortuária, 23 de abril de 1862.)

1. *Evocação.*

R. Venho ao vosso chamado para cumprir minha promessa.

2. Meu querido senhor Sanson, com prazer cumprimos um dever: o de evocar-vos o mais rápido possível após a vossa morte, como era do vosso desejo.

R. É uma graça especial de Deus que permite ao meu espírito poder se comunicar; eu vos agradeço a boa vontade, mas sou fraco e tremo.

3. Sofríeis tanto que podemos, penso eu, perguntar como estais passando agora. Ainda sentis vossas dores? Que sensações experimentais comparando vossa situação presente com a de dois dias atrás?

R. Minha situação é bem feliz, porque nada mais sinto das minhas antigas dores, estou restabelecido e restaurado como novo, como dizeis entre vós. A passagem da vida terrestre para a vida dos espíritos primeiro foi incompreensível para mim, porque algumas vezes ficamos vários dias sem recuperar nossa lucidez; mas, antes de morrer, fiz uma prece a Deus para lhe pedir que eu pudesse falar àqueles que amo, e Deus atendeu-me.

4. Ao fim de quanto tempo recuperastes a lucidez de vossas idéias?

R. Ao fim de oito horas; Deus, eu vos repito, deu-me um sinal da sua bondade; julgou-me bastante digno, e eu jamais poderei agradecer-lhe o suficiente.

5. Estais bem certo de não pertencer mais a este mundo? Como o verificastes?

R. Oh! certamente, não sou mais do vosso mundo; mas estarei sempre perto de vós para vos proteger e sustentar, para pregar a caridade e a abnegação que foram os guias da minha vida; depois, ensinarei a verdadeira fé, a fé espírita, que

deve exaltar a crença do justo e do bom; estou forte, muito forte, em uma palavra: transformado; não reconhecereis mais o velho enfermo que tudo devia esquecer, deixando longe de si todo prazer, toda alegria. Eu sou espírito: minha pátria é o espaço, meu futuro é Deus, que resplandece na imensidade. Bem que eu queria poder falar aos meus filhos, porque lhes ensinaria o que sempre tiveram má vontade para crer.

6. Que efeito vos faz experimentar a visão do vosso corpo, aqui ao lado?

R. Meu corpo, pobre e infimo despojo! Tu debes ir para a poeira... e eu, eu guardo a boa recordação de todos aqueles que me estimavam. Olho esta pobre carne deformada, morada do meu espírito, experiência de tantos anos! Obrigado, meu pobre corpo! Tu purificaste o meu espírito, e o sofrimento, dez vezes santo, deu-me um lugar bem louvável, já que experimento imediatamente a faculdade de vos falar.

7. Conservastes vossas idéias até o último momento?

R. Sim, meu espírito conservou suas faculdades; eu não via mais, porém, pressentia. Toda a minha vida se desenrolou em minha lembrança, e meu último pensamento, minha última súplica foi a de poder vos falar, o que faço agora; depois, pedi a Deus que vos protegesse, para que o sonho da minha vida fosse realizado.

8. Tivestes consciência do momento em que vosso corpo exalou o último suspiro? O que se passou convosco nesse momento? Que sensação haveis experimentado?

R. A vida se desfaz e a visão, ou antes, a visão do espírito encarnado se extingue; encontra-se o vazio, o desconhecido, e, arrastado não sei por qual influência, encontramos-nos em um mundo onde tudo é alegria e grandeza. Não mais sentia, não compreendia, contudo, uma felicidade inexprimível me saciava; não mais sentia a opressão da dor.

9. Tivestes conhecimento... do que tenciono ler diante do vosso túmulo?

Logo que as primeiras palavras da pergunta foram pronunciadas, sem que fosse concluída, o espírito responde, e responde mais, sem nenhuma outra pergunta, sobre uma questão levantada entre os assistentes quanto à conveniência de se ler essa comunicação no cemitério, por causa de pessoas que poderiam ou não partilhar essas opiniões.

R. Oh! meu amigo, eu o sei porque vos vi ontem, e vos vejo hoje; minha satisfação é muito grande!... Obrigado! obrigado! Falai, para que me compreendam e vos estimem. Nada tendes a recear, porque respeitam a morte; falai, pois, a fim de que os incrédulos tenham fé. Adeus; falai; coragem, confiança, e que meus filhos possam se converter a uma crença respeitada!

J. Sanson

Durante a cerimônia no cemitério, ele ditou as seguintes palavras:

“Que a morte não vos aterrorize, meus amigos; ela é uma etapa para vós, se soubestes viver bem; é uma felicidade, se a houverdes merecido dignamente e cumprido bem as vossas provas. Eu vos repito: coragem e boa vontade! Atribuí um

valor apenas mediano aos bens da Terra, e sereis recompensados; não se pode desfrutar muito sem tirar o bem-estar dos outros e sem fazer, moralmente, um mal imenso. Que a terra me seja leve!"

II

(Sociedade Espírita de Paris, 25 de abril de 1862.)

1. *Evocação.*

R. Meus amigos, estou perto de vós.

2. Estamos muito felizes com a conversa que tivemos convosco no dia do vosso enterro, e, já que vós o permitis, ficaremos encantados em completá-la para nossa instrução.

R. Estou preparado, feliz por haverdes pensado em mim.

3. Tudo o que pode nos esclarecer sobre o estado do mundo invisível e nos fazer compreendê-lo é de um grande ensinamento, porque a idéia falsa que dele se faz é que muitas vezes conduz à incredulidade. Portanto, não fiquéis surpreso com as perguntas que poderemos vos fazer.

R. Não me espantarei e espero vossas perguntas.

4. Descrevestes com uma luminosa clareza a passagem da vida para a morte; haveis dito que, no momento em que o corpo escala o último suspiro, a vida se desfaz, e a visão do espírito encarnado se extingue. Esse momento é acompanhado de uma sensação penosa, dolorosa?

R. Sem dúvida, porque a vida é uma sucessão de dores, e a morte é o complemento de todas as dores; daí um dilaceramento violento, como se o espírito tivesse que fazer um esforço sobre-humano para se libertar do seu envoltório, e é esse esforço que absorve todo o nosso ser e faz com que ele perca a consciência da transformação por que passa.

Esse caso não é geral. A experiência prova que muitos espíritos perdem a consciência antes de expirar e que, naqueles que chegaram a um certo grau de desmaterialização, a separação ocorre sem esforço.

5. Sabeis se existem espíritos para os quais esse momento é mais doloroso? É mais penoso, por exemplo, para o materialista, para aquele que acredita que nesse momento para ele tudo se acaba?

R. Isso é certo, visto que o espírito preparado já esqueceu o sofrimento, ou antes, ele está habituado ao sofrimento, e a calma com que vê a morte o impede de sofrer duplamente, porque ele sabe o que o espera. O sofrimento moral é o mais forte, e sua ausência no momento da morte é um consolo muito grande. Aquele que não crê assemelha-se ao condenado à pena capital, cujo pensamento vê o cutelo¹⁴³ e o desconhecido. Existe semelhança entre esta morte e a do ateu.

¹⁴³ **Cutelo:** instrumento cortante, semicircular, com gume na parte convexa, que servia, antigamente, para a execução da pena de morte por decapitação e na qual a cabeça do condenado era cortada, separada do corpo, com uma forte cutelada. (N.T.)

6. Existem materialistas bastante endurecidos para crerem seriamente, nesse momento supremo, que vão ser lançados no nada?

R. Sem dúvida, até a última hora acreditam no nada; mas, no momento da separação, o espírito faz uma reflexão profunda, a dúvida se apodera dele e o tortura, porque ele se pergunta em que vai se transformar; ele quer perceber qualquer coisa e não o consegue. A separação não pode se realizar sem essa impressão.

Um espírito nos deu, em uma outra circunstância, as palavras seguintes sobre o fim da incredulidade:

“O incrédulo endurecido experimenta nos últimos momentos as angústias desses pesadelos terríveis em que se vê à beira de um precipício, próximo de cair no abismo; faz inúteis esforços para fugir e não pode andar, quer se agarrar a qualquer coisa, alcançar um ponto de apoio, e sente-se resvalar; quer pedir auxílio e não pode articular nenhum som; é nesses casos que se vê o moribundo se torcer, crisar as mãos, dar gritos abafados, sinais certos do pesadelo ao qual está preso. No pesadelo comum, o despertar vos tira da inquietude, e vos sentis felizes ao reconhecer que tivestes apenas um sonho; mas o pesadelo da morte muitas vezes se prolonga por muito tempo, anos mesmo, além da morte, e o que torna a sensação ainda mais penosa para o espírito são as trevas em que algumas vezes ele é lançado.”

7. Dissestes que não víeis mais no momento de morrer, mas que pressentíeis. Não víeis mais corporalmente, isso se compreende, porém, antes que a vida fosse extinta, já entrevíeis a claridade do mundo dos espíritos?

R. É o que vos disse anteriormente: o instante da morte dá a clarividência ao espírito; os olhos não vêem mais, no entanto o espírito, que possui uma visão bem mais profunda, descobre instantaneamente um mundo desconhecido, e a verdade, aparecendo-lhe subitamente, lhe dá — momentaneamente é certo — ou uma alegria profunda, ou uma aflição indizível, de acordo com o estado de sua consciência e a recordação da sua vida passada.

É a questão do instante que precede aquele em que o espírito perde a consciência, o que explica a utilização do termo momentaneamente, porque as mesmas impressões agradáveis ou dolorosas continuam ao despertar.

8. Dizei-nos o que vos impressionou, o que vistes no instante em que vossos olhos se abriam para a luz. Podeis nos descrever, se for possível, o aspecto das coisas que se apresentaram a vós?

R. No momento em que pude voltar a mim, e ver o que tinha diante dos olhos, estava como ofuscado, e não compreendia bem, porque a lucidez não volta instantaneamente. Mas Deus, que me deu uma prova marcante da sua bondade, permitiu que eu recuperasse minhas faculdades. Vi-me rodeado de numerosos e fiéis amigos. Todos os espíritos protetores que vêm nos assistir me cercavam e me sorriam; uma felicidade sem igual os animava, e eu mesmo, forte e bem de saúde, podia, sem esforços, me transportar através do espaço. O que vi não tem nome na linguagem humana.

Virei, no entanto, vos falar mais amplamente de todas as minhas alegrias, mas sem ultrapassar o limite que Deus exige. Sabei que a felicidade, tal como a

entendeis entre vós, é uma ficção. Vivei sabiamente, santamente, no espírito de caridade e de amor, e estareis preparados para impressões que os vossos maiores poetas não saberiam descrever.

Os contos de fadas são, sem dúvida, plenos de coisas absurdas; mas não conteriam eles, em alguns pontos, a descrição do que se passa no mundo dos espíritos? A narração do senhor Sanson não se parece com a de um homem que, adormecido em uma pobre e obscura cabana, despertasse em um palácio, no meio de uma corte brilhante?

III

9. Sob qual aspecto os espíritos se apresentam a vós? É sob o da forma humana?

R. Sim, meu querido amigo, os espíritos nos ensinaram, na Terra, que conservavam, no outro mundo, a forma transitória que haviam tido no vosso mundo, e é a verdade. Porém, que diferença entre a máquina informe que se arrasta pensosamente com seu cortejo de provas, e a fluidez maravilhosa do corpo dos espíritos! A fealdade não existe mais, porque os traços fisionômicos perderam a dureza de expressão que forma o caráter distintivo da raça humana. Deus beatificou todos esses corpos graciosos, que se movem com todas as delicadezas da forma; a linguagem tem entonações intraduzíveis para vós, o olhar tem a profundidade de uma estrela. Procurai ver, pelo pensamento, o que Deus — ele, o arquiteto dos arquitetos — pode fazer em sua onipotência, e tereis uma fraca idéia da forma dos espíritos.

10. E quanto a vós, como vos vedes? Reconhecei-vos como uma forma limitada, circunscrita, ainda que fluidica? Vós vos sentis uma cabeça, um tronco, braços, pernas?

R. O espírito, tendo conservado sua forma humana, porém divinizada, idealizada, tem, sem contestação, todos os membros dos quais falais. Sinto perfeitamente as pernas, as mãos e os dedos, porque nós podemos, por nossa vontade, vos aparecer e vos apertar as mãos. Estou perto de vós e apertei a mão de todos os meus amigos, sem que eles percebessem; nossa fluidez pode estar por toda a parte sem oprimir o espaço, sem dar nenhuma sensação, se esse for o nosso desejo. Nesse momento, tendes as mãos cruzadas e eu tenho as minhas nas vossas. Digo-vos: eu vos amo, mas meu corpo não ocupa lugar, a luz o atravessa, e o que chamaríeis um milagre, se vos fosse visível, para os espíritos é a ação contínua de todos os instantes.

A visão dos espíritos não tem relação com a visão humana, assim como seu corpo não tem semelhança real, porquanto tudo é transformado no conjunto e na essência. O espírito, eu vos repito, tem uma perspicácia divina que se estende a tudo, já que é capaz de adivinhar até vosso pensamento; também pode, quando convém, tomar a forma que melhor possa trazê-lo para as vossas lembranças. Porém, na realidade, o espírito superior que terminou suas provas ama a forma que pôde conduzi-lo para perto de Deus.

11. Os espíritos não têm sexo; entretanto, como há poucos dias ainda éreis um homem, no vosso novo estado tendes mais da natureza masculina que da

feminina? Acontece o mesmo com um espírito que tenha deixado seu corpo há muito tempo?

R. Nós não temos que pertencer à natureza masculina ou à feminina: os espíritos não se reproduzem. Deus os criou segundo sua vontade, e se, por seus desígnios maravilhosos, quis que os espíritos reencarnassem na Terra, ele teve que acrescentar a reprodução das espécies pelo macho e a fêmea. Mas vós o sentis, sem que seja necessária nenhuma explicação, que os espíritos não podem ter sexo.

Sempre foi dito que os espíritos não têm sexo; os sexos são necessários apenas para a reprodução dos corpos; visto que os espíritos não se reproduzem, os sexos seriam inúteis para eles. Nossa pergunta não tinha por objetivo constatar o fato, porém, por causa da morte recente do senhor Sanson, queríamos saber se ainda conservava alguma impressão do seu estado terrestre. Os espíritos depurados compreendem, perfeitamente, a sua natureza, mas entre os espíritos inferiores, apegados à matéria, existem muitos que acreditam que ainda estão na Terra e conservam as mesmas paixões e os mesmos desejos; eles crêem que ainda são homens ou mulheres, eis por que existem os que dizem que os espíritos têm sexo. É assim que certas contradições são provenientes do estado mais ou menos adiantado dos espíritos que se comunicam; o erro não é dos espíritos, mas daqueles que os interrogam e não se dão ao trabalho de aprofundar as questões.

12. Entre os espíritos que estão aqui, vedes o nosso presidente espiritual, São Luís?

R. Ele sempre está perto de vós, e quando está ausente procura deixar um espírito superior que o substitua.

13. Não vedes outros espíritos?

R. Perdão; o Espírito de Verdade, Santo Agostinho, Lamennais, Sonnet, São Paulo, Luís e outros amigos que evocais, estão sempre em vossas sessões.

14. Que aspecto a sessão vos apresenta? Para a vossa nova visão, ela é o que vos parecia quando estáveis vivos? As pessoas têm, para vós, a mesma aparência? Tudo é tão distinto, tão claro?

R. Bem mais claro, porque eu posso ler o pensamento de todos, e estou muito feliz pela boa impressão que me deixa a boa vontade de todos os espíritos congregados. Desejo que o mesmo entendimento possa ocorrer não só em Paris, pela reunião de todos os grupos, mas também em toda a França, onde grupos se separam e se invejam, impulsionados por espíritos perturbadores que gostam da desordem, enquanto que o Espiritismo deve ser o esquecimento completo, absoluto do "eu".

15. Dissestes que podeis ler nosso pensamento; poderíeis nos fazer compreender como ocorre essa transmissão de pensamento?

R. Isso não é fácil; para vos dizer, vos explicar esse prodígio singular da visão dos espíritos, seria necessário abrir para vós todo um arsenal de novos agentes, e sereis tão sábios quanto nós, o que não é possível porque vossas faculdades são limitadas pela matéria. Paciência! Tornai-vos bons, e chegareis a isso; tendes atualmente apenas o que Deus vos concede, mas com a esperança de progredir continuamente; mais tarde sereis como nós. Esforçai-vos por bem morrer para saber muito. A curiosidade, que é o estímulo do homem que faz uso da razão, vos conduz

tranqüilamente até a morte, reservando-vos a satisfação de todas as vossas curiosidades passadas, presentes e futuras. Entretanto, eu vos direi para responder, razoavelmente e com dificuldade, à vossa pergunta: o ar que vos cerca, impalpável como nós, transporta o cunho do vosso pensamento; o sopro que exalais é, por assim dizer, a página escrita dos vossos pensamentos; elas são lidas, comentadas pelos espíritos que vos cercam continuamente; eles são os mensageiros de uma telegrafia divina à qual nada escapa.

A morte do justo

Depois da primeira evocação do senhor Sanson, feita na Sociedade de Paris, um espírito deu, sob o título acima, a seguinte comunicação:

“A morte do homem de quem vos ocupais neste momento foi a de um justo, isto é, acompanhada de calma e de esperança. Assim como o dia sucede naturalmente à aurora, a vida espírita sucedeu, para ele, à vida terrestre, sem abalos, sem dilaceramento, e seu último suspiro foi exalado num hino de reconhecimento e de amor. Bem poucos atravessam assim essa rude passagem! Bem poucos, após os entusiasmos e os desesperos da vida, concebem o ritmo harmonioso das esferas! Assim como o homem saudável, mutilado por uma bala, ainda sofre dos membros dos quais está separado, a alma do homem, que morre sem fé e sem esperança, se dilacera e palpita ao ir se escapando do corpo, e se lançando, inconsciente de si mesma, no espaço.

Rogai por essas almas perturbadas; rogai por todo aquele que sofre; a caridade não está restrita à humanidade visível: ela socorre e consola também os seres que povoam o espaço. Tendes a prova tocante desse fato pela conversão tão inesperada desse espírito,¹⁴⁴ comovido pelas preces espíritas feitas junto ao túmulo do homem de bem, que deveis interrogar, e que deseja vos fazer progredir no bom caminho. O amor não tem limites; ele preenche o espaço, dando e recebendo alternadamente suas divinas consolações. O mar se desenrola numa perspectiva infinita; seu limite parece confundir-se com o céu, e o espírito está deslumbrado pelo magnífico espetáculo dessas duas grandezas. Assim é o amor, mais profundo que as ondas, mais infinito que o espaço, ele deve reunir a todos, vivos e espíritos, na mesma comunhão de caridade, e realizar a admirável fusão do que é finito e do que é eterno.

Georges”

— SENHOR JOBARD —

Diretor do Museu da Indústria de Bruxelas; nasceu em Baissey (Haute-Marne); morreu em Bruxelas, de um ataque fulminante de apoplexia, no dia 27 de outubro de 1861, com a idade de 69 anos.

I

O senhor Jobard era presidente honorário da Sociedade Espírita de Paris; tinha-se em vista evocá-lo na sessão de 8 de novembro, quando ele se antecipou a esse desejo dando espontaneamente a seguinte comunicação:

¹⁴⁴ Alusão ao Espírito Bernard que se manifestou espontaneamente no dia do funeral do senhor Sanson. (Ver a *Revista Espírita* de maio de 1862, p. 132.) (N.A.)

“Eis-me aqui, eu que feis evocar e que desejo manifestar-me primeiro por este médium que, em vão, tenho solicitado até agora.

Inicialmente, quero vos contar minhas impressões no momento da separação de minha alma: senti um abalo espantoso, e lembrei de repente meu nascimento, minha juventude e minha idade madura; toda a minha vida se expôs nitidamente na minha lembrança. Eu sentia apenas um devoto desejo de me encontrar nas regiões reveladas por nossa querida crença; depois, todo esse tumulto se acalmou. Eu estava livre e meu corpo jazia inerte. Ah! meus queridos amigos, que grande prazer livrar-me do peso do corpo! Que êxtase abranger o espaço! Não penseis, entretanto, que eu tenha me transformado de repente em um eleito do Senhor; não, eu estou entre os espíritos que, tendo retido pouco, devem ainda aprender muito. Não demorei em lembrar-me de vós, meus irmãos em exílio, e, eu vos asseguro, toda a minha simpatia, todos os meus votos vos têm envolvido.

Quereis saber quais foram os espíritos que me receberam? quais foram minhas impressões? Meus amigos, foram todos aqueles que nós evocamos, todos os irmãos que partilharam nossos trabalhos. Vi o esplendor, mas não posso descrevê-lo. Dediquei-me a distinguir o que era verdadeiro nas comunicações, pronto a corrigir todas as afirmações errôneas, pronto, enfim, a ser o cavaleiro da verdade no outro mundo, como o fui no vosso.

Jobard”

1. Durante vossa vida, nos recomendastes que vos evocasse quando houvésseis deixado a Terra; nós o fazemos, não somente para atender ao vosso desejo, mas, principalmente, para vos renovar o testemunho da nossa bem viva e sincera simpatia, e também no interesse da nossa instrução, porque vós, melhor que ninguém, estais em condições de nos dar os esclarecimentos exatos sobre o mundo onde vos encontrais. Portanto, ficaremos felizes se quiserdes responder às nossas perguntas.

R. Neste momento, o que mais importa é a vossa instrução. Quanto à vossa simpatia, eu a vejo, e não mais somente ouço a sua enunciação pelos ouvidos, esta percepção constitui um grande progresso.

2. Para fixar nossas idéias e não divagarmos, perguntamos inicialmente em que lugar estais aqui, e como vos veríamos se pudéssemos vos ver?

R. Estou perto do médium; vós me veríeis sob a aparência do Jobard que sentava à vossa mesa, porque vossos olhos mortais, muito limitados, só podem ver os espíritos sob sua aparência mortal.

3. Teríeis a possibilidade de vos tornar visível para nós, e se não podeis fazê-lo, o que a isso se opõe?

R. A aptidão que vos é toda pessoal. Um médium vidente me veria, os outros não me vêem.

4. Esse lugar é aquele que ocupáveis quando vivo, quando assistíeis às nossas sessões, e que reservamos para vós? Portanto, aqueles que ali vos viram devem vos imaginar e ver como éreis então. Se não estais ali com o vosso corpo

material, estais com o vosso corpo fluídico que tem a mesma forma; se não vos vemos com os olhos do corpo, vemos com os do pensamento; se não podeis vos comunicar pela palavra, podeis fazê-lo pela escrita, com a ajuda de um intérprete; nossas relações convosco não estão, pois, de maneira alguma, interrompidas pela vossa morte, e podemos conversar convosco tão facilmente e tão completamente quanto outrora. É isso exatamente o que acontece?

R. Sim, e o sabeis há muito tempo. Ocuparei este lugar muitas vezes, e mesmo sem o vosso conhecimento, porque meu espírito habitará entre vós.

Chamamos a atenção para esta última frase: "Meu espírito habitará entre vós." Na circunstância presente, não é uma figura, mas uma realidade. Pelo conhecimento que o Espiritismo nos dá sobre a natureza dos espíritos, sabe-se que um espírito pode estar entre nós não apenas pelo pensamento, mas pessoalmente, com a ajuda do seu corpo etéreo, que o torna uma individualidade distinta. Portanto, um espírito pode habitar entre nós após a morte, tão bem como quando seu corpo tinha vida; e ainda melhor, porquanto pode vir e ir quando quer. Temos assim uma infinidade de hóspedes invisíveis, uns indiferentes, outros que são ligados a nós pela afeição; é a estes últimos principalmente que se aplicam estas palavras: "Eles habitam entre nós", que podem ser traduzidas assim: "Eles nos assistem, nos inspiram e nos protegem".

5. Não há muito tempo que estáveis sentado nesse mesmo lugar; as condições nas quais agora aí estais vos parecem estranhas? Que efeito essa mudança produz em vós?

R. Essas condições não me parecem estranhas porque meu espírito desencarnado desfruta de uma clareza que não deixa na incerteza nenhuma das questões que ele tome em consideração.

6. Lembrai-vos de haver estado nessa mesma situação antes da vossa última existência? Achais alguma coisa mudada?

R. Lembro-me de minhas existências anteriores, e acho que melhorei. Eu vejo e assimilo o que vejo; quando de minhas precedentes encarnações, espírito perturbado, só me apercebia das faltas terrestres.

7. Lembrai-vos da vossa penúltima existência, daquela que precedeu a do senhor Jobard?

R. Em minha penúltima existência eu era um operário, um mecânico, roído pela miséria e pelo desejo de aperfeiçoar meu trabalho. Realizei, sendo Jobard, os sonhos do pobre operário, e louvo a Deus cuja bondade infinita fez germinar a planta da qual ele havia depositado a semente em meu cérebro.

8. Vós já vos comunicastes em outro lugar?

R. Comuniquei-me, embora pouco. Em muitos lugares um espírito tomou o meu nome, algumas vezes eu estava perto dele sem poder comunicar-me diretamente; minha morte é tão recente que ainda sou sensível a certas influências terrestres. É preciso uma perfeita simpatia para que eu possa exprimir meu pensamento. Dentro de pouco tempo agirei indistintamente, mas não posso fazê-lo agora, eu o repito. Quando um homem que é um pouco conhecido morre, ele é chamado de todos os lados, e um grande número de espíritos se empenha em revestir sua individualidade; foi o que aconteceu comigo em várias circunstâncias. Eu vos asseguro

que logo após a libertação, poucos espíritos podem se comunicar, mesmo por um médium preferido.

9. Vedes os espíritos que estão aqui conosco?

R. Vejo, principalmente Lázaro e Erasto; mais afastado, o Espírito de Verdade planando no espaço; depois, uma multidão de espíritos amigos que nos cercam, apressados e benevolentes. Sede felizes, amigos, porque boas influências vos disputam às calamidades do erro.

10. Quando vivo, partilháveis a opinião que foi emitida sobre a formação da Terra pela incrustação de quatro planetas que teriam sido soldados conjuntamente. Ainda tendes dessa convicção?

R. É um erro. As novas descobertas geológicas provam as convulsões da Terra e sua formação sucessiva. A Terra, como os outros planetas, teve sua vida própria, e Deus não necessitou dessa grande desordem, ou dessa agregação de planetas. A água e o fogo são os únicos elementos orgânicos da Terra.

11. Vós também pensáveis que os homens podiam entrar em catalepsia durante um tempo ilimitado, e que o gênero humano foi trazido dessa maneira para a Terra?

R. Ilusão da minha imaginação, que sempre ultrapassava o objetivo. A catalepsia pode ser longa, mas não indeterminada. Tradições, lendas aumentadas pela imaginação oriental. Meus amigos, já sofri muito reexaminando as ilusões com as quais alimentei meu espírito, não vos enganeis com isso. Aprendi muito, e hoje posso dizer que minha inteligência, pronta para assimilar vastos e diversos estudos, havia guardado, da minha última encarnação, o gosto pelo maravilhoso e pelo complexo, haurido nas imaginações populares.

Ainda estou pouco ocupado com questões puramente intelectuais, no sentido em que as compreendeis. Como poderia fazê-lo, deslumbrado, encantado como estou pelo maravilhoso espetáculo que me cerca? Somente o vínculo do Espiritismo, mais poderoso do que vós homens podeis conceber, pode atrair meu ser em direção a essa Terra que abandono, não com alegria, isto seria uma crueldade, mas com o profundo reconhecimento da libertação.

Quando da subscrição aberta pela Sociedade em prol dos operários de Lyon, em fevereiro de 1862, um membro entregou 50 francos, dos quais 25 por sua própria conta e 25 em nome do senhor Jobard que, sobre esse assunto, deu a seguinte comunicação:

“Estou lisonjeado e muito grato por não ter sido esquecido entre meus irmãos espíritos. Agradeço ao coração generoso que vos fez a oferta que eu vos teria feito se estivesse ainda habitando vosso mundo. Neste em que agora habito, não se tem necessidade de dinheiro; foi necessário, portanto, tirá-lo da bolsa da amizade para dar provas materiais de que eu estava sensibilizado pelo infortúnio dos meus irmãos de Lyon. Corajosos trabalhadores que ardentemente cultivais a vinha do Senhor, quanto deveis crer que a caridade não é uma palavra sem valor, porque pequenos e grandes vos mostraram simpatia e fraternidade. Estais na grande via humanitária

do progresso; que Deus possa vos manter nela, e que possais ser mais felizes; os espíritos amigos vos sustentarão e haveis de triunfar!

Começo a viver espiritualmente, mais tranqüilo e menos perturbado pelas evocações que, por um caminho desconhecido, afluem para mim. A moda reina também sobre os espíritos; quando a moda Jobard der lugar a uma outra e eu for para o nada do esquecimento humano, pedirei aos meus amigos verdadeiros, interpreto assim aqueles cuja inteligência não esquece, para me evocarem; então examinaremos minuciosamente as questões tratadas de forma superficial, e vosso Jobard, completamente transfigurado, poderá vos ser útil, o que ele deseja de todo o seu coração.

Jobard”

Após os primeiros tempos consagrados a tranqüilizar seus amigos, o senhor Jobard colocou-se entre os espíritos que trabalham ativamente para a renovação social, esperando seu próximo retorno entre os vivos para participar mais diretamente nela. Depois dessa época, muitas vezes ele deu, na Sociedade de Paris da qual pretende continuar a ser membro, comunicações de incontestável superioridade, sem se afastar da originalidade e dos arrebatamentos espirituais que constituíam a base do seu caráter, e fazem também com que seja reconhecido antes que haja dado a sua assinatura.

— SAMUEL PHILIPPE —

Samuel Philippe era um homem de bem em toda a acepção da palavra; ninguém se lembrava de tê-lo visto cometer uma ação má, nem haver feito mal voluntariamente a quem quer que seja. De um devotamento sem limites pelos seus amigos, todos sempre estavam certos de encontrá-lo pronto, quando se tratava de prestar qualquer serviço, mesmo que este fosse à custa de seus interesses. Trabalhos, fadigas, sacrifícios nada lhe importava para ser útil, e ele o fazia naturalmente, sem ostentação, admirando-se de que se pudesse atribuir-lhe mérito por isso. Jamais deixou de querer bem àqueles que lhe haviam feito mal e se punha a prestar-lhes favores com tanto desvelo como se eles lhe tivessem feito bem. Quando tinha de lidar com ingratos, ele dizia: “Não é a mim que se deve lamentar, mas a eles.” Ainda com muito inteligente e dotado de talento natural, sua vida, toda de trabalho, havia sido obscura e cheia de rudes provações. Era uma dessas naturezas de elite que florescem na sombra, da qual o mundo nada fala, e cujo brilho não reflete sobre a Terra. Adquirira, no conhecimento do Espiritismo, uma fé ardente na vida futura e uma grande resignação nos males da vida terrestre. Morreu em dezembro de 1862, com a idade de 50 anos, em consequência de uma dolorosa moléstia, sinceramente lamentado por sua família e alguns amigos. Samuel Philippe foi evocado alguns meses após sua morte.

P. Tendes uma clara lembrança dos vossos últimos instantes sobre a Terra?

R. Perfeitamente; essa lembrança me veio pouco a pouco, porquanto, naquele momento, minhas idéias ainda eram confusas.

P. Para nossa instrução e pelo interesse que nos inspira vossa vida exemplar, poderíeis nos descrever como se realizou, para vós, a passagem da vida corporal para a vida espiritual, assim como a vossa situação no mundo dos espíritos?

R. Com muito gosto; essa narração não será útil apenas para vós, será útil para mim. Levando de novo meus pensamentos sobre a Terra, a comparação me faz apreciar melhor ainda a bondade do Criador.

Sabeis de quantas tribulações minha vida foi semeada; nunca me faltou coragem na adversidade, — obrigado meu Deus! — e hoje me felicito. Quantas coisas teria perdido se tivesse cedido ao desânimo! Treme só ao pensar que, por minha fraqueza, tudo quanto suportei teria sido sem proveito e teria de recomeçar. Ó meus amigos! que possais penetrar bem esta verdade; nela está a vossa felicidade futura. Não, certamente não é muito caro comprar essa felicidade por alguns anos de sofrimento. Se soubésseis como alguns anos representam pouca coisa em presença do infinito!

Se minha última existência teve algum mérito aos vossos olhos, não falariais do mesmo modo sobre aquelas que a precederam. Foi apenas com a força do trabalho sobre mim mesmo que me transformei no que sou agora. Para apagar os últimos traços de minhas faltas anteriores, ainda era necessário sofrer as últimas provas que voluntariamente aceitei. Tirei da firmeza de minhas resoluções a força para suportá-las sem me queixar. Hoje eu abençoo essas provas; por intermédio delas rompi com o passado que, para mim, não passa de uma lembrança, e eu posso agora contemplar, com uma legítima satisfação, o caminho que percorri.

“Ó vós que me fizestes sofrer sobre a Terra, que fostes duros e mal-intencionados comigo, que me haveis humilhado e enchido de amargura; vós cuja má-fé muitas vezes me submeteu às mais difíceis provas, não só vos perdô, mas vos agradeço. Querendo me fazer mal, não suspeitastes que me faríeis tanto bem. Portanto, é verdade que é a vós que eu devo, em grande parte, a felicidade que desfruto, porque me fornecestes a oportunidade de perdoar e de pagar o mal com o bem. Deus vos colocou no meu caminho para experimentar minha paciência e adestrar-me na prática da mais difícil forma de caridade: a do amor aos inimigos.

Não fiquéis impacientes com este desvio do assunto, eu chego ao que me perguntastes.

Ainda que sofrendo cruelmente em minha última doença, eu não tive agonia; a morte veio para mim como o sono, sem luta, sem abalos. Não tendo apreensão quanto ao futuro, não me sentia preso à vida; por conseqüência, não tive que me debater contra os últimos laços que me prendiam; a separação ocorreu sem esforços, sem dor, e sem que me apercebesse disso.

Ignoro quanto durou esse último sono, porém, ele foi curto. O despertar foi de uma calma que contrastava com o meu estado precedente; não mais sentia dor e estava feliz com isso; queria me levantar, andar, mas um entorpecimento que não tinha nada de desagradável, que tinha mesmo um certo deleite, me detinha, e eu a ele me entregava com uma espécie de prazer sem me dar conta da

minha situação, e sem duvidar que houvesse deixado a Terra. O que me cercava, aparecia-me como em um sonho. Vi minha mulher e alguns amigos de joelhos, no quarto, chorando, e disse para mim que, sem dúvida, eles me consideravam morto; quis dizer-lhes a verdade, mas não pude articular nenhuma palavra, por essa razão concluí que sonhava. O que me garantiu essa idéia foi o fato de me ver cercado de várias pessoas amadas, mortas há muito tempo, e de outras que não reconheci logo, e que pareciam velar por mim e esperar o meu despertar.

Esse estado foi entremeadado de instantes de lucidez e de sonolência, durante os quais eu recobrava e perdia, alternadamente, a consciência do meu “eu”. Pouco a pouco minhas idéias adquiriram mais nitidez; a luz que eu entrevia apenas através de um nevoeiro, fez-se mais brilhante; então comecei a me reconhecer e compreendi que não pertencia mais ao mundo terrestre. Se eu não houvesse conhecido o Espiritismo, a ilusão, sem dúvida, teria se prolongado por muito mais tempo.

Meus restos mortais ainda não estavam enterrados; eu os observava com piedade, felicitando-me por ter, finalmente, me libertado deles. Sentia-me tão feliz por estar livre! Respirava perfeitamente como qualquer um que sai de uma atmosfera repugnante; uma indizível sensação de felicidade penetrava todo o meu ser; a presença daqueles que eu amara me enchia de alegria; não estava, de modo algum, surpreso por vê-los; isso me parecia muito natural, mas era como revê-los após uma longa viagem. Inicialmente um fato me espantou, é que nos compreendíamos sem articular nenhuma palavra; nossos pensamentos se transmitiam apenas pelo olhar e como por uma penetração fluidica.

No entanto eu ainda não estava completamente livre das idéias terrestres; a lembrança do que havia sofrido, de tempos em tempos retornava à minha memória, como para me fazer apreciar melhor minha nova situação. Eu sofrera fisicamente, mas sobretudo moralmente; estivera exposto à malevolência, a essas mil perplexidades mais penosas talvez que as desgraças reais, porque elas causam uma ansiedade permanente. Sua impressão não estava inteiramente apagada e, por vezes, eu me perguntava se realmente estava bem livre dela; parecia que ainda ouvia certas vozes desagradáveis; temia as dificuldades que tantas vezes me haviam atormentado e, contra a minha vontade, eu tremia; para me assegurar de que não era o alvo de uma ilusão, eu, por assim dizer, me apalpava; e quando adquiri a certeza de que tudo isso acabara, pareceu-me que um peso enorme fora retirado de mim. “É, pois, verdade que estou finalmente livre de todos esses cuidados que fazem o tormento da vida”, dizia para mim, e dava graças a Deus. Estava como um pobre que, de repente, herdou uma grande fortuna; durante algum tempo, ele duvida da realidade e sente as apreensões da necessidade. Oh! se os homens compreendessem a vida futura, que força, que coragem essa convicção não lhes daria na adversidade! O que não fariam, enquanto estão sobre a Terra, para garantir a felicidade que Deus reserva àqueles seus filhos que são obedientes às suas leis! Eles veriam quanto os prazeres a queles que cobiçam representam tão pouco perto daqueles que eles menosprezam!

P. Nesse mundo tão novo para vós, e perto do qual o nosso é insignificante, os numerosos amigos que aí haveis reencontrado vos fizeram perder de vista vossa família e vossos amigos na Terra?

R. Se eu os tivesse esquecido seria indigno da felicidade que desfruto; Deus não recompensa o egoísmo, ele o pune. O mundo onde me encontro pode me fazer desdenhar a Terra, mas não os espíritos que aí estão encarnados. Somente entre os homens é que se vê a prosperidade fazer esquecer os companheiros de infortúnio. Eu vou muitas vezes rever os meus; sou feliz pelas boas lembranças que guardaram de mim, seus pensamentos me atraem para junto deles; assisto às suas conversas, alegro-me com suas alegrias, seus sofrimentos me entristecem, mas não é essa tristeza ansiosa da vida humana, porque compreendo que eles são apenas passageiros e são para o seu bem. Fico feliz ao pensar que um dia eles virão para esta morada onde a dor é desconhecida. É para que eles se tornem dignos que eu me dedico; esforço-me em lhes sugerir bons pensamentos e, principalmente, a mesma resignação que tive com a vontade de Deus. Minha maior aflição é quando os vejo retardar esse momento por causa da sua falta de coragem, das suas queixas, da dúvida sobre o futuro, ou por qualquer ato digno de repreensão. Trato, então, de afastá-los do mau caminho; se sou bem-sucedido, é uma grande alegria para mim, e aqui todos nos alegramos muito com isso. Se não tenho êxito, com desgosto digo para mim: mais um atraso para eles. Eu, porém, consolo-me ao pensar que tudo não está perdido para sempre.

Samuel Philippe”

— SENHOR VAN DURST —

Antigo funcionário; morreu em Anvers, em 1863, com a idade de 80 anos.

Pouco tempo após sua morte, tendo um médium perguntado ao seu guia espiritual se podia evocar o senhor Van Durst, ele lhe respondeu: “Esse espírito sai lentamente da sua perturbação; ele já poderia vos responder, mas a comunicação lhe custaria muito mais dificuldades. Eu vos peço, portanto, que espereis ainda quatro dias, e ele vos responderá. Até lá, ele já saberá das boas intenções que haveis demonstrado a seu respeito, e virá até vós grato e bom amigo.”

Quatro dias mais tarde o espírito ditou o que se segue:

“Meu amigo, minha vida foi de um peso bem pequeno na balança da eternidade, entretanto estou longe de me sentir infeliz; estou na condição humilde, mas relativamente feliz, daquele que fez pouco mal sem por isso visar a perfeição. Se existem pessoas felizes em uma pequena esfera, então, eu sou uma delas. Lamento apenas uma coisa, o não haver conhecido o que sabeis agora; minha perturbação teria sido bem menor e menos penosa.

Efetivamente, ela foi grande: viver e não viver; ver seu corpo, a ele estar fortemente ligado e, no entanto, não poder servir-se mais dele; ver aqueles a quem se amou e sentir extinguir-se o pensamento que nos une a eles, como é terrível! Oh! que momento cruel! Que momento, quando a perturbação apodera-se de nós e nos estrangula, e um instante depois, trevas! Sentir e, um momento depois, estar

anulado! Deseja-se ter a consciência do seu 'eu', e não se pode recuperá-la; não se existe mais, e no entanto sente-se que se existe, mas se está em uma perturbação profunda!

E depois, após um tempo inestimável, tempo de angústias reprimidas, porque não se tem mais a força de senti-las, após esse tempo que parece interminável, renascer lentamente para a existência, despertar em um novo mundo! Não mais corpo material, não mais vida terrestre, mas a vida imortal! Não mais homens carnis, mas formas leves, espíritos que se deslocam suavemente de todos os lados, movem-se em torno de vós e que não podeis abranger a todos com um olhar, porque é no infinito que eles flutuam! Ter diante de si o espaço e poder transpô-lo só pela vontade, comunicar-se pelo pensamento com tudo o que vos cerca! Amigo, que vida nova! Que vida brilhante! Que vida de satisfações!... Saudações, oh! saudações, eternidade que me contém em teu seio!... Adeus, Terra que me detiveste tanto longe do elemento natural da minha alma! Não, eu não quero mais a ti, porque tu és a Terra do exílio e tua maior felicidade nada é!

Porém, se eu soubesse o que sabeis, como a iniciação nesta outra vida teria sido mais fácil e mais agradável para mim! Teria conhecimento, antes de morrer, do que tive que aprender mais tarde, no momento da separação, e minha alma teria se desligado mais facilmente. Vós estais no caminho, mas jamais, jamais ireis bastante longe! Dizei isto ao meu filho, mas dizei muitas vezes, até que ele creia e se instrua; então, na sua chegada aqui, não seremos separados.

Adeus a todos, adeus amigos; eu vos aguardo, e durante o tempo que estiverdes na Terra, virei muitas vezes me instruir junto a vós, porque ainda não sei tanto quanto vários dentre vós; mas aprenderei rápido aqui onde não tenho mais obstáculos que me retenham, e onde não tenho idade que enfraqueça minhas forças. Aqui vive-se rapidamente e se avança, porque, diante de nós, vêem-se horizontes tão belos que se fica paciente para abrangê-los.

Adeus, eu vos deixo, adeus.

Van Durst”

— SIXDENIERS —

Homem de bem, morto por acidente, e conhecido do médium quando vivo.
Bordeaux, 11 de fevereiro de 1861.

P. Podeis nos dar alguns detalhes sobre vossa morte?

R. Depois de afogado, sim.

P. Por que não antes?

R. Tu os conheces.

(Realmente o médium os conhecia.)

P. Quereis, pois, nos descrever vossas sensações após a morte?

R. Fiquei muito tempo sem me reconhecer, porém, com a graça de Deus e a ajuda daqueles que me cercam, quando a luz se fez, ela me inundou. Tu podes

confiar, porque sempre encontrarás mais do que esperavas. Nada de material, tudo atinge os sentidos ocultos: o que nem o olho, nem a mão podem alcançar; tu me compreendes? É uma admiração espiritual que ultrapassa o vosso entendimento, porque não existem palavras para explicá-la: isso não se pode sentir senão com a alma.

Meu despertar foi bem feliz. A vida é um desses sonhos que, apesar da idéia grotesca que se liga a essa palavra, eu só posso qualificar de pesadelo medonho. Imagina que estás encerrado em um cárcere infecto, que teu corpo, roído pelos vermes que se introduzem até a medula dos ossos, está suspenso sobre uma fornalha ardente; que tua boca ressecada não encontra nem o ar para refrescá-la; que o teu espírito, cheio de horror, só vê em torno de ti monstros prontos a te devorarem; imagina, enfim, tudo o que o fantástico do sonho pode criar de mais hediondo, de mais horrível, e, de repente, imagina que te encontras transferido para um Éden delicioso. E despertas cercado de todos aqueles que amaste e por quem choraste; vês em torno de ti seus rostos adorados a te sorrirem com felicidade; e respiras os perfumes mais suaves; refrescas tua garganta ressequida na fonte de água viva; sentes teu corpo erguido no espaço infinito que o leva e embala, como a brisa faz com uma flor despreendida do alto de uma árvore, te sentes envolvido pelo amor de Deus, como a criança que nasce é envolvida pelo amor de sua mãe, e tu não terás mais que uma idéia imperfeita dessa transição. Procurei explicar a felicidade da vida que espera o homem após a morte do seu corpo, mas não pude. Explica-se o infinito àquele que tem os olhos fechados para a luz e cujos membros nunca puderam sair do estreito círculo onde estão encerrados? Para te explicar a felicidade eterna, eu te direi: ama, porque só o amor pode fazê-la pressentir, e quem diz amor, diz ausência de egoísmo.

P. Vossa posição tem sido feliz desde a vossa entrada no mundo dos espíritos?

R. Não; tive de pagar a dívida do homem. Meu coração me havia feito pressentir o futuro do espírito, mas eu não tinha fé. Tive de expiar minha indiferença por meu Criador, mas sua misericórdia considerou o pouco de bem que pude fazer, as dores que eu havia suportado com resignação apesar do meu sofrimento, e sua justiça, que tem uma balança que os homens jamais compreenderão, pesou o bem com tanta bondade e amor que o mal foi logo esquecido.

P. Poderíeis me dar notícias de vossa filha? (Morta quatro ou cinco anos antes de seu pai.)

R. Ela está em missão na Terra.

P. Ela é feliz como criatura? Eu não quero vos fazer pergunta indiscreta.

R. Eu o sei bem; pois então não vejo teu pensamento como um quadro diante dos meus olhos? Não; como criatura ela não é feliz, ao contrário; todas as misérias da vossa vida devem atingi-la; ela, porém, deve propagar pelo exemplo essas grandes virtudes das quais fazeis nobres palavras. Eu a ajudarei, porque devo velar por ela; no entanto, não terá grande dificuldade para superar os obstáculos, ela não está em expiação, mas em missão, portanto, tranquiliza-te por ela, e obrigado por tua lembrança.

Nesse momento o médium experimenta uma dificuldade para escrever, e diz: “Se é um espírito sofredor que me detém, peça que escreva seu nome.”

R. Uma sofredora.

P. Quereis me dizer vosso nome?

R. Valérie.

P. Quereis me dizer o que causou o sofrimento em vós?

R. Não.

P. Estais arrependida das vossas faltas?

R. Tu bem o sabes.

P. Quem vos trouxe aqui?

R. Sixdeniers.

P. Com que objetivo ele o fez?

R. Para que tu me ajudes.

P. Foste vós que, há pouco, me impedistes de escrever?

R. Ele me colocou em seu lugar.

P. Que relação existe entre vós?

R. Ele me guia.

P. Pedi a ele que se junte a nós para a prece.

Após a prece, Sixdeniers retoma a palavra: Obrigado por ela; tu compreendes-te, não te esquecerei; pensa nela.

P. (A Sixdeniers). Como espírito, tendes muitos espíritos sofredores para guiar?

R. Não; no entanto, assim que encaminhamos um deles para o bem, nos dedicamos a um outro sem por isso abandonar os primeiros.

P. Como podeis satisfazer a uma vigilância que deve se multiplicar ao infinito com os séculos?

R. Deves compreender que aqueles que guiamos se depuram e progridem, logo nos dão menos trabalho; ao mesmo tempo nós também nos elevamos e, ao nos elevarmos, nossas faculdades progridem, nosso poder irradia em proporção à nossa pureza.

Nota: Os espíritos inferiores, portanto, são assistidos por bons espíritos que têm por missão guiá-los; esta tarefa não é exclusivamente consagrada aos encarnados, mas estes devem concorrer para isso, porque para eles é um meio de adiantamento. Quando um espírito inferior vem se colocar como obstáculo de uma boa comunicação, como no caso presente, ele, sem dúvida, nem sempre o faz com uma boa intenção, mas os bons espíritos o permitem, seja como prova, seja a fim de que aquele a quem ele se dirige trabalhe para o seu aperfeiçoamento. Sua persistência, é verdade, às vezes degenera em obsessão, quanto mais persistente, mais ele prova quanto é grande a necessidade de assistência. É, pois, um erro repeli-lo; é preciso olhá-lo como um pobre que vem pedir esmola e dizer: é um espírito sofredor que os bons espíritos me

enviam para trabalhar na sua educação; se eu obtiver êxito, terei a alegria de haver conduzido uma alma para o bem, e de ter abreviado seus sofrimentos. Essa tarefa muitas vezes é penosa, sem dúvida seria mais agradável ter sempre belas comunicações, só conversar com espíritos de nossa escolha, mas não é procurando apenas a nossa própria satisfação, e recusando as ocasiões de fazer o bem que nos são oferecidas, que se merece a proteção dos bons espíritos.

— DOUTOR DEMEURE —

Morto em Albi, Tarn, em 25 de janeiro de 1865.

O senhor Demeure era um médico homeopata muito ilustre em Albi. Seu caráter, tanto quanto seu saber, lhe haviam proporcionado a estima e a veneração de seus concidadãos. Sua bondade e sua caridade eram inesgotáveis, e, apesar de sua avançada idade, não sentia nenhuma fadiga quando se tratava de ir dar socorro aos doentes pobres. O preço de suas visitas era a menor de suas preocupações; ele se considerava menos incomodado pelo infeliz do que por aquele que, ele sabia, podia lhe pagar, porquanto, dizia ele, este último sempre poderia, em sua falta, procurar um outro médico. Ao primeiro, não somente dava os remédios gratuitamente como, freqüentemente, deixava-lhe o necessário para prover suas exigências materiais, o que, muitas vezes, é o mais útil dos medicamentos. Pode-se dizer que ele era o *cura d'Ars* da Medicina.

O senhor Demeure havia abraçado com ardor a Doutrina Espírita, na qual encontrou a solução dos mais graves problemas dos quais procurara, em vão, a solução na Ciência e em todas as filosofias. Seu espírito profundo e investigador fez com que imediatamente compreendesse toda a importância da Doutrina e assim Demeure foi um dos seus mais zelosos propagadores. Relações de viva e mútua simpatia se estabeleceram, por correspondência, entre ele e nós.

Tivemos conhecimento da sua morte no dia 30 de janeiro, e nosso primeiro pensamento foi o de conversar com ele. Eis a comunicação que nos deu no mesmo dia:

“Eis-me aqui. Em vida eu havia prometido que, quando morresse, viria, se isso me fosse possível, apertar a mão do meu querido mestre e amigo, senhor Allan Kardec.

A morte dera à minha alma esse pesado sono que se chama letargia; mas meu pensamento estava desperto. Sacudi esse torpor funesto que prolonga a perturbação que se segue à morte, acordei, e de repente fiz a viagem.

Quanto sou feliz! Não mais estou velho nem enfermo, meu corpo era apenas um disfarce imposto; sou jovem e belo, belo dessa eterna juventude dos espíritos dos quais as rugas jamais pregueiam o rosto, dos quais os cabelos não embranquecem sob a duração do tempo. Sou leve como o pássaro que atravessa com um vôo rápido o horizonte do vosso céu nebuloso, e eu admiro, eu contemplo, eu bendigo, eu amo e me inclino, átomo, diante da grandeza, da sabedoria, da ciência do nosso Criador, diante das maravilhas que me cercam.

Eu sou feliz; estou na glória! Oh! quem poderá algum dia fazer conhecer as esplêndidas belezas da terra dos eleitos; os céus, os mundos, os sóis, seu papel no grande concurso da harmonia universal? Muito bem! Eu tentarei, ó meu mestre;

dela vou fazer o estudo, e virei depositar junto a vós a homenagem dos meus trabalhos de espírito, que vos dedico antecipadamente. Até breve.

Demeure”

As duas comunicações seguintes, dadas nos dias 1 e 2 de fevereiro, são relativas à doença da qual estávamos sofrendo naquela ocasião. ainda que sejam pessoais, nós as re-produzimos porque provam que o senhor Demeure é tão bom como espírito como o era como homem.

“Meu bom amigo, tende confiança em nós e grande coragem; essa crise, ainda que fatigante e dolorosa, não será longa, e, com os cuidados prescritos, podereis, segundo vossos desejos, completar a obra que foi para vossa existência o objetivo principal. Sou eu, no entanto, que estou sempre aí, junto a vós, com o Espírito de Verdade que me permite, em seu nome, tomar a palavra como o último dos vossos amigos que chegou entre os espíritos. Eles me deram as honras da boa acolhida. Querido mestre, quanto estou feliz por ter desencarnado a tempo de estar com eles neste momento! Se tivesse morrido mais cedo, talvez eu pudesse vos evitar essa crise que eu não previa; havia muito pouco tempo que eu estava desencarnado para me ocupar de outra coisa que não a espiritual; mas, agora, eu velarei por vós, querido mestre; é o vosso irmão e amigo que está feliz por ser espírito; por estar perto de vós e vos dar atenção em vossa doença; mas vós conheceis o provérbio: “Ajuda-te, que o céu te ajudará”. Ajudai, pois, os bons espíritos nos cuidados que eles vos dão, conformando-vos estritamente às suas prescrições.

Faz muito calor aqui; esse carvão é nefasto. Enquanto estais doente, não o queimeis; ele continua a aumentar a vossa opressão; os gases que se desprendem dele são deletérios.

Vosso amigo, Demeure”

“Sou eu, Demeure, o amigo do senhor Kardec. Venho lhe dizer que estava perto dele por ocasião do acidente que lhe aconteceu, e que poderia ter-lhe sido funesto sem uma intervenção eficaz da qual sinto-me feliz por ter participado. Segundo minhas observações, e os ensinamentos que obtive em boa fonte, é evidente para mim que, quanto mais cedo sua desencarnação ocorrer, mais cedo poderá viver a reencarnação pela qual virá acabar sua obra. Entretanto, ele precisa dar, antes de partir, a última revisão nas obras que devem completar a teoria doutrinária da qual é o iniciador, e ele se torna culpado de homicídio voluntário ao contribuir, por excesso de trabalho, para a imperfeição da sua estrutura física que o ameaça de uma súbita partida para nossos mundos. Não tenham receio de dizer-lhe toda a verdade, para que ele esteja vigilante e siga com exatidão as nossas prescrições.

Demeure”

A comunicação seguinte foi obtida em Montauban, no dia 26 de janeiro, no dia seguinte da sua morte, num círculo de amigos que havia nessa cidade:

“Não estou morto para vós, meus bons amigos, mas para aqueles que não conhecem, como vós, esta santa doutrina que reúne aqueles que se amaram na

Terra, e que tiveram os mesmos pensamentos e os mesmos sentimentos de amor e de caridade.

Estou feliz, mais feliz do que podia esperar, porque desfruto de uma lucidez rara entre os espíritos desligados da matéria há tão pouco tempo. Tende coragem, meus bons amigos, estarei muitas vezes perto de vós e não deixarei de vos instruir sobre muitas coisas que ignoramos quando estamos ligados à nossa pobre matéria, matéria esta que oculta de nós tanta grandiosidade e tantos prazeres da alma. Rogai por aqueles que estão privados dessa felicidade, porque não sabem o mal que fazem a si mesmos.

Hoje não me estenderei por muito tempo, mas vos direi que não me sinto inteiramente estranho neste mundo dos invisíveis; parece-me que sempre o habitei. Aqui estou feliz, porque vejo meus amigos e posso comunicar-me com eles todas as vezes que o desejar.

Não choreis, meus amigos, vós me faríeis lamentar por vos haver conhecido. Deixai o tempo passar, e Deus vos conduzirá a esta morada onde todos devemos nos reunir. Boa noite, meus amigos, que Deus vos console. Estarei perto de vós.

Demeure”

Uma outra carta de Montauban contém o seguinte relato:

“Nós havíamos escondido da senhora G., médium vidente e sonâmbula muito lúcida, a morte do senhor Demeure, por causa da sua extrema sensibilidade, e o bom doutor, sem dúvida compartilhando dos nossos desejos, evitou manifestar-se a ela. Dia 10 de fevereiro último, estávamos reunidos a convite dos nossos guias que, diziam eles, queriam aliviar a senhora G. de uma entorse¹⁴⁵ da qual ela sofria cruelmente desde a véspera. Não sabíamos de mais nada, e estávamos longe de imaginar a surpresa que eles nos preparavam. Logo que essa senhora entrou em estado sonambúlico, começou a dar gritos lancinantes mostrando seu pé. Eis o que se passava:

A senhora G. via um espírito curvado sobre sua perna, espírito cujas feições lhe estavam ocultas; ele fazia fricções e massagens, exercendo de vez em quando uma tração longitudinal, exatamente como um médico o teria feito. A ação era tão dolorosa que a paciente às vezes se entregava a vociferações e a movimentos desordenados. Mas a crise não foi de longa duração; ao fim de 10 minutos, todo sinal da entorse desaparecera, nenhuma inchação, o pé havia retomado sua aparência normal; a senhora G. estava curada.

Entretanto, o espírito ainda permanecia desconhecido para a médium, e persistia em não mostrar suas feições; dava mesmo a impressão de querer desaparecer, quando, de um salto, nossa doente, que minutos antes não podia dar um passo, se atira ao meio do quarto para pegar e apertar a mão do seu doutor espiritual.

¹⁴⁵ **Entorse:** série de lesões, variáveis conforme o tipo de articulação e a intensidade do traumatismo, que se produzem numa articulação que sofreu movimento que não chega a ocasionar luxação, resultando, pois, de traumatismo ligamentar. (N.T., segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

Ainda esta vez o espírito havia virado inteiramente a cabeça, deixando sua mão na mão da médium. Nesse momento, a senhora G. dá um grito, e cai desmaiada sobre o soalho; ela acabara de reconhecer o Dr. Demeure no espírito curador. Durante o desmaio, ela recebia os cuidados solícitos de vários espíritos. Enfim, a lucidez sonambúlica tendo reaparecido, ela conversou com os espíritos, trocando com eles calorosos apertos de mão, notadamente com o espírito do Dr. Demeure que respondia aos seus testemunhos de afeição impregnando-a de um fluido reparador.

Essa cena não é impressionante e dramática, e não nos parece ver todos esses personagens desempenharem seu papel na vida humana? Não é uma prova entre mil de que os espíritos são seres bem reais, tendo um corpo e agindo como o faziam sobre a Terra? Estávamos felizes por reencontrar nosso amigo espiritualizado, com seu excelente coração e sua delicada solicitude. O Dr. Demeure fora, durante sua vida, o médico da médium; conhecia sua extrema sensibilidade, e a tratara como sua própria filha. Essa prova de identidade dada àqueles que o espírito amava, não é impressionante e não está bem de acordo para fazer encarar a vida futura sob um aspecto mais consolador?"

Nota: A situação do senhor Demeure, como espírito, é exatamente a que se podia sentir diante da sua existência tão dignamente e tão utilmente vivida; mas um outro fato, não menos instrutivo, resulta dessas comunicações: é a atividade que ele desenvolve, quase imediatamente após sua morte, para ser útil. Por sua grande inteligência e suas qualidades morais, ele pertence à classe dos espíritos muito adiantados; ele é feliz, mas sua felicidade não é a inação. Há alguns dias somente, tratava dos doentes como médico, e, apenas desligado da matéria, ele se esforça em cuidar deles como espírito. Que se ganha, portanto, em estar no outro mundo, dirão certas pessoas, se nele não se desfruta de repouso? A isso nós lhes perguntaremos inicialmente se não representa nada não ter mais inquietações, nem as necessidades, nem as enfermidades da vida, ser livre, e poder, sem fadiga, percorrer o espaço com a rapidez do pensamento, ir ver seus amigos a toda hora, a qualquer distância que eles se encontrem? Depois acrescentaremos: quando estiverem no outro mundo, nada vos forçará a fazer seja lá o que for; sereis perfeitamente livres para ficar em uma beata ociosidade tanto tempo quanto vos for agradável; vós, porém, logo deixareis esse repouso egoísta; sereis os primeiros a pedir uma ocupação. Então vos será respondido: se ficais entediados por nada fazer, procurai vós mesmos fazer qualquer coisa; as ocasiões para ser útil não faltam mais no mundo dos espíritos do que entre os homens. É assim que a atividade espiritual não é uma coação, é uma necessidade, uma satisfação para os espíritos que procuram ocupações em relação com os seus gostos e suas aptidões, e procuram de preferência aquelas que podem ajudar o seu adiantamento.

— SENHORA VIÚVA FOULON, NASCIDA EM WOLLIS —

A senhora Foulon, falecida em Antibes no dia 3 de fevereiro de 1865, durante muito tempo morou no Havre, onde adquiriu renome como miniaturista muito hábil. Seu talento notável inicialmente foi para ela apenas uma distração de amadora; mais tarde, porém, quando dias difíceis chegaram, ela soube fazer desse talento um precioso recurso. O que a fazia ser amada e estimada, o que torna sua lembrança querida a todos aqueles que a conheceram, é, principalmente, a amenidade do seu caráter; são suas qualidades particulares das quais somente os que conhecem sua vida íntima podem apreciar em toda a sua extensão, porque, como todos aqueles em que o sentimento do bem é inato, ela não fazia ostentação dele, nem mesmo

dele suspeitava. Se existia uma pessoa sobre quem o egoísmo não tinha nenhuma ação, sem dúvida alguma essa pessoa era ela; jamais, talvez, o sentimento da abnegação pessoal tenha sido aplicado mais intensamente; estava sempre pronta a sacrificar seu repouso, sua saúde, seus interesses por aqueles a quem ela podia ser útil, sua vida não foi mais que uma longa seqüência de atos de dedicação, assim como foi, desde sua juventude, apenas uma longa série de rudes provas diante das quais sua coragem, sua resignação e sua perseverança jamais falharam. Sua visão porém, desgastada por um trabalho minucioso, se enfraquecia pouco a pouco; mais algum tempo e a cegueira, já muito avançada, foi completa.

Quando a senhora Foulon teve conhecimento da Doutrina Espírita, para ela foi como um raio de luz; pareceu-lhe que um véu se levantava de sobre alguma coisa que não lhe era desconhecida, mas da qual ela possuía apenas uma vaga intuição; também o estudou com ardor, mas ao mesmo tempo com essa lucidez de espírito, essa exatidão de apreciação que era própria da sua elevada inteligência. Era preciso conhecer todas as perplexidades da sua vida — perplexidades que tinham sempre como causa não ela mesma, mas os seres que lhe eram queridos — para compreender todas as consolações que ela obteve nessa sublime revelação que lhe dava uma fé inquebrantável no futuro, e lhe mostrava a insignificância das coisas terrestres.

Sua morte foi digna da sua vida. Viu a sua aproximação sem nenhuma apreensão desagradável: para ela era a libertação dos laços terrestres, que deveria lhe abrir essa vida espiritual bem-aventurada com a qual se havia identificado pelo estudo do Espiritismo. A senhora Foulon morreu calmamente, pois tinha a consciência de haver realizado a missão que aceitara ao vir para a Terra, cumprindo escrupulosamente seus deveres de esposa e de mãe de família, e também porque, durante sua vida, havia renegado todo ressentimento contra aqueles dos quais tinha do que se queixar, e que lhe pagaram com a ingratidão; sempre lhes dera o bem em troca do mal recebido, e deixou a vida perdoando-os, remetendo-os, por ela mesma, à bondade e à justiça de Deus. Ela morreu, enfim, com a serenidade que uma consciência pura proporciona, e com a certeza de estar menos separada dos seus filhos do que durante a vida corporal, porquanto poderá, daqui em diante, estar com eles em espírito, em qualquer ponto da Terra em que se encontrem, ajudá-los com seus conselhos e cobri-los com sua proteção.

Desde que soubemos da morte da senhora Foulon, nosso primeiro desejo foi o de conversarmos com ela. As relações de amizade e de simpatia, que a Doutrina Espírita havia feito nascer entre ela e nós, explicam algumas das suas palavras e a familiaridade da sua linguagem.

I

(Paris, 6 de fevereiro de 1865, três dias após sua morte.)

“Estava certa de que teríeis a idéia de me evocar logo depois da minha libertação, e mantinha-me pronta para vos responder, porquanto não senti perturbação; somente aqueles que têm medo são envolvidos por essas densas trevas.

Pois bem, meu amigo, agora sou feliz! Estes pobres olhos que se haviam enfraquecido, e que me deixavam apenas a lembrança dos prismas que tinham colorido minha juventude com o seu cintilante brilho, abriram-se aqui, e reencontraram os grandiosos espaços que alguns de vossos grandes artistas idealizam em suas imprecisas reproduções, mas dos quais a existência majestosa, severa, e no entanto cheia de encantos, está marcada pela mais completa realidade.

Há apenas três dias estou morta, e sinto que sou artista; minhas aspirações, em direção ao ideal da beleza na arte, eram apenas a intuição de faculdades que eu havia estudado e adquirido em outras existências e que se desenvolveram na última. Porém, quanto tenho que fazer para reproduzir uma obra-prima digna da grandiosa cena que impressiona vivamente o espírito que está chegando na região da luz! Pincéis! pincéis! E eu provarei ao mundo que a arte espírita é o coroamento da arte pagã, da arte cristã que está em perigo, e que somente ao Espiritismo está reservada a glória de fazê-la reviver com todo o seu brilho, em vosso mundo deserdado.

É o suficiente para a artista; agora, a volta da amiga.

Por que, boa amiga (senhora Allan Kardec), minha morte vos afetou assim? Principalmente vós, que conheceis as decepções e as amarguras da minha vida, deveríeis, ao contrário, vos alegrar, ao ver que não tenho mais que beber no copo amargo das dores terrestres que esvaziei até a lia.¹⁴⁶ Acreditai em mim, os mortos são mais felizes que os vivos, e chorar por eles é duvidar da verdade do Espiritismo. Vós me tornareis a ver, estejais certa disso; parti primeiro porque minha tarefa estava terminada aqui embaixo; cada um tem a sua para cumprir sobre a Terra, e, quando a vossa acabar, vireis repousar perto de mim, para em seguida recomeçar, se for preciso, visto que nada fica inativo na Natureza. Cada um tem suas tendências e a isso obedece; é uma lei suprema que prova o poder do livre-arbitrio; assim, boa amiga, indulgência e caridade, delas todos nós necessitamos reciprocamente, seja no mundo visível, seja no mundo invisível; com essa divisa, tudo vai bem.

Vós não me diríeis para me calar, mas sabeis que, para a primeira vez, estou falando há muito tempo! Assim sendo, eu vos deixo; agora, a vez do meu distinto amigo, o senhor Kardec. Quero agradecer-lhe as afetuosas palavras que dirigiu à amiga que o precedeu no túmulo, porque estivemos prestes a partir juntos para o mundo onde me encontro, meu bom amigo! (Alusão à doença da qual falara o Dr. Demeure.) Que teria dito ela, a companheira bem-amada dos vossos dias, se os bons espíritos não tivessem posto ordem nisso? Aí então é que ela teria chorado e gemido, e eu o compreendo; mas também é preciso que ela esteja atenta para que não fiquéis novamente exposto ao perigo antes de haver terminado vosso trabalho de iniciação espírita, sem isso correis o risco de chegar muito cedo entre nós e de ver, como Moisés, a Terra Prometida¹⁴⁷ apenas de longe. Portanto, tende cuidado, é uma amiga que vos previne.

¹⁴⁶ **Lia:** sedimento que, depois de haver estado em suspensão num líquido, se deposita no fundo do recipiente que contém esse líquido. (N.T.)

¹⁴⁷ *Deuteronomio*, XXXIV: 1 a 7. (N.T.)

Agora, eu me vou; retorno para perto dos meus queridos filhos; depois vou ver, do lado de lá dos mares, se minha ovelha viajante finalmente chegou ao porto, ou se é juguete da tempestade. (Ela se refere a uma de suas filhas que morava na América.) Que os bons espíritos a protejam, vou juntar-me a eles para o mesmo fim. Voltarei a conversar convosco, porque sou uma conversadora infatigável; disse vós vos lembrais. Portanto, adeus, bons e queridos amigos, até breve.

Viúva Foulon”

II

P. Querida senhora Foulon, estou muito feliz pela comunicação que me destes outro dia e com a vossa promessa de continuar nossas conversas.

Eu vos reconheci perfeitamente na comunicação; falastes de coisas ignoradas pelo médium e que só podiam vir de vós, pois vossa linguagem afetuosa a nosso respeito é bem aquela da vossa alma amorosa; porém, há em vossas palavras uma segurança, um equilíbrio, uma firmeza que não conheci em vós quando viva. Sabeis que a esse respeito tomei a liberdade de fazer-vos mais de uma advertência em certas circunstâncias.

R. É verdade, mas, desde que me vi gravemente doente, recuperei minha firmeza de espírito, perdida pelas mágoas e pelas vicissitudes que, por vezes, me haviam tornado temerosa durante a vida. Eu disse para mim: tu és espírita, esquece a Terra; prepara-te para a transformação do teu ser, e vê, pelo pensamento, a senda luminosa que tua alma deve seguir ao deixar teu corpo, e que a conduzirá, feliz e livre, para as esferas celestes onde tu deves viver agora.

Direis que era um pouco presunçoso de minha parte contar com a felicidade perfeita ao deixar a Terra, mas eu tinha sofrido tanto que deveria ter expiado minhas faltas desta existência e de existências precedentes. Essa intuição não me enganara, e foi ela quem me deu a coragem, a calma e a firmeza dos últimos instantes; esta firmeza cresceu naturalmente quando, após minha libertação, vi minhas esperanças realizadas.

P. Quereis agora descrever para nós a vossa passagem, o vosso despertar e vossas primeiras impressões?

R. Eu sofri, mas meu espírito foi mais forte que o sofrimento material que o desligamento o fazia experimentar. Eu me encontrei, após o último suspiro, como em síncope, não tendo nenhuma consciência do meu estado, nem sonhando com nada, e em uma sonolência indefinida que não era nem o sono do corpo, nem o despertar da alma. Fiquei assim durante muito tempo; depois, como se eu sáisse de um longo desmaio, acordei lentamente no meio de irmãos que eu não conhecia; eles me concederam generosamente seus cuidados e seus carinhos, mostraram-me um ponto no espaço que parecia uma estrela brilhante e me disseram: “É para lá que tu vais conosco; não pertences mais à Terra.” Então, eu me lembrei; apoiei-me neles, e, como um grupo gracioso que se lança em direção às esferas desconhecidas, mas com a certeza de ali encontrar a felicidade, nós subimos, subimos, e a

estrela crescia... Era um mundo feliz, um mundo superior, onde vossa boa amiga vai enfim encontrar o repouso; digo repouso em relação às fadigas corporais que sofri, às vicissitudes da vida terrestre, e não à indolência do espírito, porque a atividade para o espírito é um prazer.

P. Então vós deixastes definitivamente a Terra?

R. Ainda ficam na Terra muitos seres que me são queridos para retirar-me dela definitivamente. Portanto à Terra voltarei, em espírito, porque tenho uma missão a cumprir junto aos meus filhinhos. Aliás, sabeis muito bem que nenhum obstáculo se opõe a que os espíritos que estacionam nos mundos superiores à Terra venham visitá-la.

P. A posição em que estais parece que deve enfraquecer vossas relações com aqueles que deixastes na Terra?

R. Não, meu amigo, o amor aproxima as almas. Acreditai em mim, na Terra pode-se estar mais perto dos que atingiram a perfeição do que daqueles cuja inferioridade e egoísmo fazem com que se agitem em turbilhão em torno da esfera terrestre. A caridade e o amor são dois motores de uma atração poderosa; atração que é o laço que consolida a união das almas ligadas uma à outra e faz com que essa união continue, apesar das distâncias e dos lugares. A distância só existe para os corpos materiais; não há distância para os espíritos.

P. Que idéia fazeis agora dos meus trabalhos referentes ao Espiritismo?

R. Acho que tendes o encargo de almas e que o fardo é difícil de carregar; mas vejo o objetivo e sei que o alcançareis; eu vos ajudarei, se puder, com meus conselhos de espírito para que possais transpor as dificuldades que aparecerão para vós, induzindo-vos, oportunamente, a tomar certas medidas próprias para ativar, durante vossa vida, o movimento renovador que o Espiritismo impulsiona. Vosso amigo Demeure, unido ao Espírito de Verdade, será ainda mais útil para vós; ele é mais sábio e mais sensato do que eu; porém, como eu sei que a assistência dos bons espíritos vos fortifica e vos sustenta no vosso trabalho, acreditai que a minha ajuda vos estará assegurada por toda a parte e para sempre.

P. Poderíamos deduzir por algumas de vossas palavras que não dareis uma cooperação pessoal muito ativa à obra do Espiritismo?

R. Enganai-vos; porém, vejo tantos outros espíritos mais capazes do que eu para tratar dessa questão importante, que um sentimento invencível de timidez me impede, neste momento, de vos responder segundo vossos desejos. Isso talvez aconteça; terei mais coragem e energia; mas antes é necessário que eu os conheça melhor. Há apenas quatro dias que morri; ainda estou sob o encanto do deslumbramento que me cerca; não compreendes isso, meu amigo? Não me é possível demonstrar as novas sensações que experimento. Devo me constringer para me arrancar da fascinação que exercem sobre o meu ser as maravilhas que ele admira. Eu só posso adorar e abençoar Deus nas suas obras. Mas isso passará; os espíritos me asseguram que logo estarei acostumada a todas essas magnificências e poderei então, com a minha lucidez de espírito, tratar de todas as questões relativas

à renovação terrestre. Depois, com tudo isso, pensai que, neste momento principalmente, tenho uma família para consolar.

Adeus e até breve; vossa boa amiga que vos ama e vos amará sempre, meu mestre, porque é a vós que ela deve a única consolação durável e verdadeira que experimentou sobre a Terra.

Viúva Foulon

III

(A comunicação seguinte foi dada para seus filhos, em 9 de fevereiro.)

“Meus filhos, meus bem-amados, Deus retirou-me de junto de vós, mas a recompensa que ele teve a bondade de me conceder é bem grande em comparação ao pouco que fiz sobre a Terra. Ficai resignados, meus bons filhos, às vontades do Altíssimo; tirai, de tudo o que ele permitiu que fosse recebido por vós, a força para suportar as provações da vida. Tende sempre, firme em vosso coração, esta crença que tanto facilitou minha passagem da vida terrestre para a vida que nos espera ao deixar esse baixo mundo. Após minha morte, Deus estendeu sobre mim sua inesgotável bondade, como se permitiu fazê-lo quando eu estava sobre a Terra.

Agradecei todos os benefícios que ele vos concede; abençoai-o, meus filhos, abençoai-o sempre, em todos os instantes. Jamais perdi de vista o objetivo que vos foi indicado, nem o caminho que tendes para seguir; pensai na utilização que deveis dar ao tempo que Deus vos concedeu sobre a Terra. Ai sereis felizes, meus bem-amados, felizes uns pelos outros, se a união reinar entre vós; felizes por vossos filhos, se vós os levardes pelo bom caminho, aquele que Deus permitiu que vos fosse revelado.

Oh! se vós não podeis me ver, ficai sabendo que o laço que nos unia nesse mundo não foi rompido pela morte do corpo, visto que não era esse invólucro que nos ligava, mas o espírito; é por aí, meus bem-amados, que poderei, pela bondade do Onipotente, guiar-vos ainda e encorajar-vos na nossa jornada para tornarmos a nos unir mais tarde.

Caminhai, meus filhos, cultivai com o mesmo amor esta crença sublime; lindos dias estão reservados para vós que acreditais. Já vos foi dito isto, mas eu não devia ver esses dias sobre a Terra; é do alto que julgarei os tempos felizes prometidos pelo Deus bom, justo e misericordioso.

Não choreis, meus filhos; que estas conversas fortifiquem vossa fé, vosso amor a Deus, que tantos dons tem derramado sobre vós, que tantas vezes enviou socorro para vossa mãe. Orai sempre a Deus, a prece fortifica. Adequai a vida que Deus nos concede às instruções que eu seguia tão ardentemente.

Eu voltarei, meus filhos, mas é preciso que eu dê apoio à minha pobre filha que precisa tanto de mim agora. Adeus, até breve. Acreditai na bondade de Deus: eu o peço por vós. Até a vista.

Viúva Foulon”

Nota: Todo espírita sério e esclarecido facilmente tirará dessas comunicações os ensinamentos que delas sobressaem, portanto chamaremos a atenção apenas sobre dois pontos.

O primeiro é que este exemplo nos mostra a possibilidade de não mais encarnarmos na Terra e passar deste mundo para um mundo superior, sem por isso ficarmos separados dos seres a quem temos afeição e que aqui deixamos. Assim, aqueles que temem a reencarnação por causa das misérias da vida, podem livrar-se disso, fazendo o que é preciso, quer dizer, trabalhar para o seu aperfeiçoamento. Assim como aquele que não quer vegetar nas classes inferiores, deve se instruir e trabalhar para subir de grau.

O segundo ponto é a confirmação desta verdade: após a morte estamos menos separados dos seres que nos são caros do que durante a vida. A senhora Foulon, retida pela idade e pela doença em uma pequena cidade do Sul, tinha junto dela apenas uma parte da sua família; estando a maioria dos seus filhos e dos seus amigos espalhados por lugares distantes, obstáculos materiais se opunham a que ela pudesse vê-los tão freqüentemente quanto uns e outros desejavam. A grande distância tornava a correspondência rara e difícil para alguns deles. Logo que se libertou do seu invólucro terrestre, rápido se dirigiu para perto de cada um deles, transpôs as distâncias sem fadiga, com a rapidez da eletricidade; ela os vê, assiste às suas reuniões íntimas, envolve-os com a sua proteção e pode, por meio da mediunidade, conversar com eles a todo instante, como durante sua vida. E dizer que, a este pensamento consolador, há pessoas que preferem a idéia de uma separação eterna!

— UM MÉDICO RUSSO —

O senhor P. era um médico de Moscou, tão ilustre por suas eminentes qualidades morais quanto por seu saber. A pessoa que o evocou apenas o conhecia por sua reputação e só tivera com ele relações indiretas. A comunicação original foi em língua russa.

P. (Após a evocação). Estais aqui?

R. Sim. No dia da minha morte, eu vos persegui com a minha presença, mas resististes a todas as tentativas que fiz para vos fazer escrever. Havia escutado vossas palavras a meu respeito, e isso me fez conhecer-vos, então tive o desejo de conversar convosco para vos ser útil.

P. Por que vós, que fostes tão bom, sofrestes tanto?

R. Foi uma bondade do Senhor que desejou por esse meio fazer-me sentir duplamente o preço da minha libertação, e fazer também com que eu me adiantasse o mais possível aqui na Terra.

P. O pensamento da morte vos causou terror?

R. Não, eu tinha muita fé em Deus.

P. A separação foi dolorosa?

R. Não; o que chamais de o último momento não é nada; experimentei apenas um abalo muito curto, e logo depois, senti-me muito feliz por estar livre da minha miserável carcaça.

P. Que aconteceu então?

R. Tive a felicidade de ver muitos amigos virem ao meu encontro e me darem as boas-vindas, especialmente aqueles a quem eu tive a satisfação de ajudar.

P. Que região habitais? Estais em um planeta?

R. Tudo o que não é um planeta é o que chamais o espaço, e é nele que estou. Mas quantas gradações nessa imensidade da qual o homem não pode fazer uma idéia! Quantos degraus nessa escada de Jacó¹⁴⁸ que vai da Terra ao céu, quer dizer, do envilecimento da encarnação em um mundo inferior como o vosso até a depuração completa da alma! Lá onde estou, só se chega depois de muitas provas, o que significa após muitas encarnações.

P. Diante desse raciocínio, tivestes muitas existências?

R. Como poderia ser de outro modo? Nada é excepcional na ordem imutável estabelecida por Deus; a recompensa só pode vir após a vitória obtida na luta; e quando a recompensa é grande, é preciso, necessariamente, que a luta também o tenha sido. Mas a vida humana é tão curta que a luta é real apenas por intervalos, e esses intervalos são as diferentes existências sucessivas; ora, visto que estou sobre um dos degraus já elevados, é certo que atingi esta felicidade por uma continuidade de lutas nas quais Deus permitiu que eu, algumas vezes, alcançasse a vitória.

P. Em que consiste a vossa felicidade?

R. Isso é mais difícil de vos fazer compreender. A felicidade de que desfruto é um contentamento extremo de mim mesmo, não dos meus méritos porque isto seria orgulho, e o orgulho é próprio dos espíritos censuráveis, mas um contentamento, por assim dizer, no amor de Deus, no reconhecimento da sua bondade infinita; é a alegria profunda de ver o bem; de se dizer: talvez eu tenha contribuído para o melhoramento de alguns daqueles que se elevaram em direção ao Senhor. Fica-se como que identificado com o bem-estar; é uma espécie de fusão entre o espírito e a bondade divina. Tem-se o dom de ver os espíritos mais purificados, de compreendê-los nas suas missões e de saber que também chegaremos a esse ponto; no infinito imensurável, se entrevêm as regiões tão resplandecentes do fogo divino que se é ofuscado, mesmo contemplando-as através do véu que ainda as encobre. Mas o que vos digo? Compreendeis minhas palavras? Esse fogo de que vos falo, acreditais, por exemplo, que ele seja semelhante ao Sol? Não, não; é qualquer coisa de indizível ao homem, porque as palavras exprimem apenas os objetos, as coisas físicas ou metafísicas das quais ele tem conhecimento pela memória ou pela intuição da sua alma, enquanto que, não podendo ter essa memória do desconhecido absoluto, não existem termos que lhe possam dar a percepção desse desconhecido. Mas ficai sabendo: já é uma imensa felicidade pensar que se pode progredir infinitamente.

P. Tivestes a bondade de dizer que quereis ser-me útil; eu vos pergunto, em quê?

R. Posso ajudar nos vossos desfalecimentos, sustentar nas vossas fraquezas, consolar em vossas aflições. Se vossa fé, enfraquecida por qualquer abalo que vos perturbe, vier a vacilar, chamai por mim; Deus me dará palavras para fazer-vos

¹⁴⁸ Escada de Jacó: *Gênesis*, XXVIII: 12 e 13. (N.T.)

lembrar dele e vos reconduzir para ele. Se vos sentirdes prestes a sucumbir sob o peso de tendências que reconheceis serem condenáveis, chamai por mim; eu vos ajudarei a levar vossa cruz, assim como em um tempo passado Jesus foi ajudado a levar a sua, aquela que devia nos proclamar tão claramente a verdade, a caridade. Se enfraquecerdes sob o peso das vossas aflições, se o desespero se apoderar de vós, chamai por mim; eu virei vos tirar desse abismo, falando-vos de espírito para espírito, chamando-vos para os deveres que vos são impostos, não por considerações sociais e materiais, mas pelo amor que sentireis em mim, amor que Deus pôs em meu ser para transmiti-lo àqueles que ele pode salvar.

Sem dúvida, tendes amigos na Terra, esses talvez partilhassem vossas dores, e talvez já vos tenham salvo. Nos desgostos, vós ides procurá-los, ides lhes levar vossas lamentações e vossas lágrimas, e eles vos dão, em troca desse indício de afeição, seus conselhos, seu apoio, seus carinhos. Muito bem! não pensais que um amigo daqui seja também uma boa coisa? Não é consolador poder se dizer: quando eu morrer, meus amigos da Terra estarão junto a mim, orando por mim, e chorando sobre mim, porém, meus amigos do espaço estarão na soleira da vida, e virão, sorrindo, para me conduzir ao lugar que eu tiver merecido por minhas virtudes.

P. Por que mereci a proteção que desejaiis me conceder?

R. Eis aqui por que me liguei a vós desde o dia da minha morte: eu vos vi espírita, bom médium e sincero adepto; entre aqueles que deixei no mundo, inicialmente vi apenas vós, então resolvi vir contribuir para vos adiantar, no vosso interesse sem dúvida, porém, ainda mais no interesse de todos aqueles a quem deveis instruir na verdade. Vós o vedes, Deus vos ama bastante para vos tornar um missionário; pouco a pouco, todos os que estão em volta de vós partilham vossas crenças; os mais rebeldes ao menos vos escutam, e um dia os vereis acreditar em vós. Não vos conseis; caminhai sempre apesar das pedras na estrada; tomai-me como bastão para vos apoiardes em vossa fraqueza.

P. Não ousou acreditar que mereço um tão grande favor.

R. Sem dúvida estais longe da perfeição; mas vosso entusiasmo em propagar as santas doutrinas, em sustentar a fé daqueles que vos escutam, em pregar a caridade, a bondade, a benevolência, mesmo quando procedem mal convosco, vossa resistência aos próprios instintos de cólera, que poderíeis satisfazer tão facilmente contra aqueles que vos atormentam ou desconhecem vossas intenções, vêm, felizmente, servir de contrapeso ao que tendes de mau em vós, e ficai sabendo que o perdão é um poderoso contrapeso.

Deus vos cobre de graças pela faculdade que vos concedeu e que cabe a vós aumentar pelos próprios esforços, a fim de trabalhardes de forma mais eficaz pela salvação do próximo. Vou vos deixar, mas contaí comigo. Tratai de moderar vossos pensamentos terrestres e viver mais freqüentemente com vossos amigos daqui.

P.

— BERNARDIN —

Bordeaux, abril de 1862.

Sou um espírito esquecido há muitos séculos; vivi sobre a Terra na miséria e no opróbrio; trabalhei sem descanso cada dia para dar à minha família um pedaço insuficiente de pão. Porém, eu amava o meu verdadeiro Senhor, e quando aquele que me afligia na Terra aumentava o meu fardo de dor, eu dizia: “Meu Deus, dai-me forças para suportar este peso sem me lamentar.” Eu expiei, meus amigos, mas, ao sair dessa rude prova, o Senhor me recebeu na paz, e o meu desejo mais sincero foi o de reunir todos vós à minha volta, meus filhos, meus irmãos, e de vos dizer: “Qualquer valor que para ela imagineis, a felicidade que vos espera ainda está bem acima.”

Eu não tinha condição social; filho de uma numerosa família, servi a quem podia me ajudar a suportar minha vida. Nascido em uma época em que a servidão era cruel, suporrei todas as injustiças, todos os trabalhos obrigatórios, todas as cargas que os subalternos do Senhor tinham prazer em me impor. Vi minha mulher ultrajada, minhas filhas raptadas depois rejeitadas, sem poder me lamentar; vi meus filhos serem levados nas guerras de pilhagem e de crimes, enforcados por faltas que não haviam cometido. Se soubésseis, pobres amigos, o que sofri em minha longa existência! Mas eu esperava, esperava a felicidade que não está sobre a Terra, e o Senhor concedeu-me essa felicidade! Portanto, para todos vós, meus irmãos, coragem, paciência e resignação.

Meu filho, podes conservar o que te dei; é um ensinamento prático. Aquele que prega é muito melhor atendido quando pode dizer: “Eu suporrei mais que vós, suporrei sem me queixar.”

P. Em que época vivestes?

R. De 1400 a 1460.¹⁴⁹

P. Tivestes outra existência depois?

R. Sim, vivi ainda entre vós como missionário. Sim, missionário da fé, porém, da verdadeira, da pura, da que sai da mão de Deus, e não daquela que os homens fizeram.

P. Agora, como espírito, ainda tendes ocupações?

R. Poderíeis acreditar que os espíritos ficam inativos? A falta de ação e a falta de utilidade seriam um suplício para eles. Minha missão é guiar centros que trabalham no Espiritismo; neles inspiro os bons pensamentos e me esforço para neutralizar aqueles que os maus espíritos procuram lhes sugerir.

Bernadin

¹⁴⁹ Século XV. (N.T.)

— A CONDESSA PAULA —

Era uma mulher jovem, bela, rica, de nascimento ilustre, segundo o mundo, e, além disso, um modelo completo de todas as qualidades do coração e do espírito. Ela morreu aos 36 anos, em 1851. Era uma dessas pessoas das quais a oração fúnebre se resume nestas palavras, em todas as bocas: “Por que Deus retira tais pessoas tão cedo da Terra?” Felizes aqueles que assim fazemabençoar a sua memória!

Era boa, suave e indulgente com todas as pessoas; estava sempre pronta para desculpar ou abrandar o mal, em lugar de agravá-lo; jamais a maledicência desonrou seus lábios. Sem desdém nem arrogância, ela tratava seus inferiores com uma benevolência em que nada havia da baixa familiaridade, e sem lhes ostentar ares de superioridade ou de uma proteção humilhante.

Compreendendo que as pessoas que vivem do seu trabalho não são como as que vivem de rendimentos, e que precisam do dinheiro que lhes é devido, seja por sua situação, seja para seu sustento, ela nunca atrasou um salário; a idéia de que qualquer um deles pudesse sofrer pela falta de um pagamento, por sua culpa, traria remorsos à sua consciência. Ela não era dessas pessoas que sempre encontram dinheiro para satisfazer suas fantasias mas nunca o têm para pagar o que devem; não compreendia que, para um rico, pudesse ser de bom gosto possuir dívidas, e se sentiria humilhada se pudessem dizer que seus fornecedores eram obrigados a lhe conceder adiamentos. Assim, em sua morte, houve apenas lamentações e nenhuma reclamação.

Sua beneficência era inesgotável, mas não se tratava dessa beneficência oficial que se mostra diante de todo o mundo; nela a caridade era a do coração e não a da ostentação. Só Deus sabe as lágrimas que secou, os desesperos que acalmou, porque suas boas ações tinham por testemunhas apenas ela e os infelizes a quem socorria. Sabia, principalmente, descobrir esses infortúnios ocultos, que são os mais dolorosos, e que socorria com a delicadeza que reergue o moral em lugar de rebaixá-lo.

Sua posição e as altas funções de seu marido sujeitavam-na à conservação e à organização da vida doméstica da qual ela não podia se livrar; porém, satisfazendo inteiramente as exigências da sua posição, sem mesquinhez colocava em sua tarefa uma ordem que, evitando desperdícios prejudiciais e despesas supérfluas, lhe permitia ser suficiente a metade do que custaria a outras pessoas, sem que o fizessem melhor.

Desse modo ela podia obter, da sua fortuna, uma parte maior para os necessitados. Separara um capital importante cujo rendimento era exclusivamente destinado a esse propósito, sagrado para ela, e considerava esse valor como de menos para gastar com a sua casa. Encontrara, assim, o meio de conciliar seus deveres com a sociedade e com o infortúnio.¹⁵⁰

¹⁵⁰ Pode-se dizer que essa senhora era o retrato vivo da mulher caridosa, traçado em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XIII. (N.A.)

Evocada, doze anos após sua morte, por um dos seus parentes iniciado no Espiritismo, a condessa Paula deu a seguinte comunicação em resposta a diversas perguntas que lhe foram feitas:¹⁵¹

“Tendes razão, meu amigo, em pensar que sou feliz; efetivamente eu o sou, muito mais do que se pode exprimir, e no entanto ainda estou longe do último grau. Porém, eu estava entre os felizes da Terra, porque não me lembro de haver passado por um verdadeiro desgosto. Juventude, saúde, fortuna, homenagens, tive tudo o que constitui a felicidade entre vós; mas o que é essa felicidade junto daquela que se desfruta aqui? Que são as vossas festas mais suntuosas, onde se mostram os mais ricos adereços, perto dessas assembléias de espíritos resplandecentes de um brilho que vossa vista não poderia suportar, e que é o atributo da pureza? Que são vossos palácios e vossos salões dourados perto das moradas aéreas, dos vastos campos do espaço matizados de cores que fariam o arco-íris empalidecer? Que são vossos passeios em vossos parques, perto dos percursos através da imensidade, mais rápidos que o relâmpago? Que são vossos horizontes limitados e nebulosos, perto do espetáculo grandioso de mundos se movendo no Universo sem limites sob a poderosa mão do Altíssimo? Quanto vossos concertos, os mais melodiosos, são tristes e gritantes perto desta suave harmonia que faz vibrar os fluidos do éter e todas as fibras da alma? Quanto vossas maiores alegrias são tristes e insípidas perto da inefável sensação de felicidade que penetra incessantemente todo o nosso ser como um eflúvio benéfico, sem mistura de nenhuma inquietação, de nenhuma apreensão, de nenhum sofrimento? Aqui tudo respira o amor, a confiança, a sinceridade; por toda parte corações amantes, por toda parte amigos, em nenhum lugar invejosos e ciumentos. É assim o mundo onde estou, meu amigo, e onde infalivelmente chegareis seguindo o caminho reto.

Entretanto, logo nos entediáramos com uma felicidade uniforme; não acreditais que a nossa seja isenta de peripécias; ela não é nem um concerto perpétuo, nem uma festa sem fim, nem uma beata contemplação durante a eternidade; não, ela é o movimento, é a vida, é a atividade! As ocupações, ainda que isentas de fadigas, trazem-lhe uma incessante variedade de aspectos e de emoções pelos mil incidentes que as semeiam. Cada um tem a sua missão a cumprir, seus protegidos para ajudar, amigos da Terra para visitar, mecanismos da natureza para dirigir, almas sofredoras para consolar; vamos ou vimos, não de uma rua à outra, mas de um mundo ao outro; juntamo-nos, separamo-nos para tornarmos a nos unir em seguida; reunimo-nos sobre uma questão, comunicamos o que se fez e felicitamos pelos sucessos obtidos; deliberamos, assistimo-nos reciprocamente nos casos difíceis; enfim, eu vos asseguro que ninguém tem tempo para se entediar por um segundo.

Neste momento, a Terra é o nosso grande motivo de preocupação. Quanto movimento entre os espíritos! Quantos grupos numerosos afluem à Terra

¹⁵¹ Extraímos dessa comunicação, cujo original está em língua alemã, as partes instrutivas para o assunto que nos ocupa, suprimindo o que é apenas de interesse da família. (N.A.)

para ajudar na sua transformação! Poderíamos dizer uma nuvem de trabalhadores ocupados em desbastar uma floresta, sob o comando de chefes experientes; uns abatem as velhas árvores com o machado, arrancam as profundas raízes, outros limpam; estes estão cavando e semeando; aqueles, edificando a nova cidade sobre as ruínas carcomidas do velho mundo. Durante esse tempo, os chefes, em assembléia, formam conselho e enviam mensageiros, em todas as direções, para darem as suas ordens. A Terra deve ser regenerada em um determinado tempo; é preciso que os designios da Providência se realizem; é por isso que cada um está no trabalho. Não acrediteis que eu seja simples expectadora desse grande trabalho; eu teria vergonha de ficar inativa enquanto todo mundo trabalha; uma importante missão me foi confiada, e me esforço para desempenhá-la o melhor possível.

Não foi sem lutas que cheguei ao lugar que ocupo na vida espiritual; minha última existência, podeis acreditar, por mais meritória que ela vos pareça, não foi suficiente para isso. Durante várias existências passei pelas provas do trabalho e da miséria que eu havia escolhido voluntariamente para fortalecer e depurar a minha alma. Tive a felicidade de sair vitoriosa dessas provas, mas ainda me restava uma para suportar, a mais perigosa de todas: a da fortuna e do bem-estar material, um bem-estar sem mistura de amargura; aí estava o perigo. Antes de tentá-la, quis me sentir bastante forte para não sucumbir. Deus levou em conta minhas boas intenções e concedeu-me a graça de me sustentar. Muitos outros espíritos, seduzidos pelas aparências, precipitaram-se ao escolhê-la; porém, infelizmente, muito fracós para resistirem ao perigo, as seduções triunfam da sua inexperiência.

Trabalhadores, estive nas vossas condições; eu, a nobre dama, como vós gabei o meu pão com o suor do meu rosto; suportei privações, sofri intempéries, e foi o que desenvolveu as forças viris da minha alma; sem isso provavelmente eu teria fracassado na minha última prova, o que me levaria bem para trás. Como eu, tereis também, por vossa vez, a prova da fortuna, mas não vos apresseis em pedi-la muito cedo; e vós, que sois ricos, tende sempre presente no pensamento que a verdadeira fortuna, a fortuna que não há de perecer, não está sobre a Terra, e compreendi a que preço podeis merecer os benefícios do Todo-poderoso.

Paula, na Terra condessa de...”

— JEAN REYNAUD —

Sociedade Espírita de Paris, Comunicação espontânea.

“Meus amigos, quanto esta nova vida é magnífica! Semelhante a uma torrente luminosa, ela arrasta em seu curso imenso as almas inebriadas do infinito! Após a ruptura dos laços carnis, meus olhos abrangeram os novos horizontes que me cercavam e desfruto das esplêndidas maravilhas do infinito. Passei das sombras da matéria à aurora brilhante que anuncia o Todo-Poderoso. Fui salvo, não pelo mérito das minhas obras, mas pelo conhecimento do princípio eterno que me fez evitar as manchas produzidas pela ignorância na pobre humanidade. Minha morte foi abençoada; meus biógrafos a julgarão prematura, os cegos! Eles lamentarão alguns escritos nascidos do nada, e não compreenderão quanto o pouco barulho que se faz ao redor

do meu túmulo meio fechado é útil para a santa causa do Espiritismo. Minha obra estava acabada, meus antecessores seguiam na luta; eu havia atingido esse ponto culminante em que o homem deu o que tinha de melhor, e onde não faz mais que recomeçar. Minha morte reaviva a atenção dos letrados e a encaminha para minha obra principal, que diz respeito à grande questão espírita que eles fingem desconhecer, e que logo os cativará. Glória a Deus! Ajudado pelos espíritos superiores que protegem a nova doutrina, eu vou ser um dos exploradores que demarcam vosso caminho.

Jean Reynaud”

(Paris; reunião de família. Outra comunicação espontânea.)

O espírito responde a uma reflexão feita sobre sua morte inesperada, em uma idade pouco avançada, e que surpreendeu muita gente:

“Quem vos disse que minha morte não é um benefício para o Espiritismo, para o seu futuro, para suas conseqüências? Observastes, meu amigo, a marcha que o progresso segue, a rota que toma a fé espírita? Primeiro Deus deu as provas materiais: o movimento das mesas, as batidas e toda a espécie de fenômenos; foi para chamar atenção; foi um prefácio recreativo. Para os homens crerem, eram necessárias provas palpáveis. Agora a realidade é bem outra! Após os fatos materiais, Deus fala à inteligência, ao bom senso, à fria razão; não são mais as ações que exigem força ou habilidade, mas coisas racionais que devem convencer e mesmo juntar os incrédulos mais teimosos. E isto é apenas o começo.

Observai bem o que vos digo: toda uma série de fatos inteligentes, irrefutáveis virão depois, e o número de adeptos da fé espírita, já tão grande, ainda vai aumentar. Deus vai servir-se das inteligências de alta qualidade, das sumidades do espírito, do talento e do saber. Isso vai ser um raio luminoso que se espalhará sobre a Terra, como um fluido magnético irresistível, e impulsionará os mais recalcitrantes para a procura do infinito, para o estudo dessa admirável ciência que nos ensina máximas tão sublimes.

Todos vão se agrupar em torno de vós, e, não levando em consideração o diploma de gênio que lhes deram, eles vão se tornar humildes e pequenos para aprender e para se convencer. Depois, mais tarde, quando estiverem bem instruídos e bem convencidos, eles se servirão da sua autoridade e da notoriedade do seu nome para avançar ainda mais longe e alcançar os últimos limites do objetivo que vos propusestes: a regeneração da espécie humana pelo conhecimento raciocinado e profundo das existências passadas e futuras. Eis a minha sincera opinião sobre o estado atual do Espiritismo.”

(Bordeaux)

Evocação.

Acolho com prazer o vosso apelo, senhora. Sim, tendes razão; a perturbação espiritual, por assim dizer, não tem existido para mim (isso respondia ao pensamento da médium); exilado voluntariamente sobre vossa Terra, onde devia lançar a primeira semente séria das grandes verdades que envolvem o mundo neste

momento, sempre tenho tido a consciência da pátria, e rápido me reconheci no meio dos meus irmãos.

P. Agradeço-vos por terdes desejado vir; mas não acreditei que meu desejo de conversar convosco tivesse influência sobre vós; necessariamente deve haver entre nós uma diferença tão grande que penso nisso somente com respeito.

R. Obrigado por esse bom pensamento, minha filha, mas deveis saber também que qualquer que seja a distância que as provas terminadas mais ou menos prontamente, mais ou menos felizmente, possam estabelecer entre nós, existe sempre um laço poderoso que nos une: a simpatia, e esse laço vós o haveis apertado pelo vosso pensamento constante.

P. Embora muitos espíritos tenham explicado suas primeiras sensações ao despertar, teríeis a bondade de me dizer o que experimentastes ao vos reconhecerdes, e como ocorreu a separação entre o vosso espírito e o vosso corpo?

R. Ocorreu como para todos. Senti aproximar-se o momento da libertação; porém, mais feliz que muitos outros, a separação não me causou aflições porque conhecia as suas conseqüências, se bem que fossem ainda maiores do que eu pensava. O corpo é um obstáculo às faculdades espirituais, e, quaisquer que sejam as luzes que se tenham conservado, elas sempre são mais ou menos ofuscadas pelo contato da matéria. Adormeci esperando um feliz despertar; o sono foi curto, a admiração imensa! Os esplendores celestes, expostos aos meus olhos, brilhavam intensamente.

Meu olhar, maravilhado, mergulhava na imensidade desses mundos dos quais eu afirmara a existência e a habitabilidade. Era uma miragem que me revelava e me confirmava a verdade dos meus sentimentos. O homem quando fala, ainda que se creia seguro, muitas vezes tem momentos de dúvida, de incerteza, no fundo do seu coração; ele desconfia, se não da verdade que proclama, pelo menos dos meios imperfeitos que emprega para demonstrá-la. Convencido da verdade que eu queria fazer admitir, muitas vezes tive que combater contra mim mesmo, contra o abatimento de ver, de tocar, por assim dizer, a verdade, e não poder torná-la palpável àqueles que tinham tanta necessidade de acreditar nela para caminhar seguramente na estrada que deveriam seguir.

P. Durante a vida, professáveis o Espiritismo?

R. Entre professar e praticar há uma grande diferença. Muitas pessoas professam uma doutrina que não praticam; eu praticava e não professava. Do mesmo modo que é cristão todo homem que segue as leis do Cristo, mesmo sem conhecê-las; assim também todo homem que crê na sua alma imortal, nas suas reencarnações, na sua marcha progressiva incessante, nas provas terrestres — abluções¹⁵² necessárias para se purificar — pode ser espírita; eu acreditava em tudo isso, portanto, eu era espírita. Compreendi a erraticidade, esse laço intermediário entre as

¹⁵² **Ablução:** ato ou efeito de abluir-se, lavar-se, purificar-se por meio da água, limpar-se; ritual de purificação por meio da água, praticado em várias religiões. (N.T.)

encarnações, esse purgatório onde o espírito culpado se despe de suas vestimentas sujas para vestir uma nova roupa, onde o espírito que está progredindo tece com cuidado a roupa que novamente vai vestir e que deseja conservar pura. Eu compreendi, já vos disse, e, sem professar, continuei a praticar.

Nota: Essas três comunicações foram obtidas por três médiuns diferentes, completamente estranhos um ao outro. Pela semelhança dos pensamentos, pela forma da linguagem, pode-se admitir, pelo menos, a suposição da identidade. A expressão “tece com cuidado a roupa que novamente vai vestir”, é uma agradável figura que mostra a solicitude com que o espírito que está progredindo prepara a nova existência que deve fazê-lo progredir ainda mais. Os espíritos atrasados tomam menos precauções e, algumas vezes, fazem escolhas infelizes que os forçam a recomeçar.

— ANTOINE COSTEAU —

Membro da Sociedade Espírita de Paris, sepultado no dia 12 de setembro de 1863, no cemitério de Montmartre, em vala comum.

Era um homem de bons sentimentos que o Espiritismo conduziu para Deus; sua fé no futuro era completa, sincera e profunda. Simples trabalhador calceteiro,¹⁵³ praticava a caridade em pensamentos, em palavras e em ações, segundo os seus fracos recursos, porque ainda encontrava meios de ajudar aqueles que possuíam menos do que ele. Se a Sociedade não fez gastos com uma sepultura particular, foi porque havia um emprego mais útil para dar ao dinheiro do que se tivesse sido empregado sem proveito para os vivos, por uma vã satisfação de amor-próprio, e os espíritas sobretudo sabem que a vala comum é uma porta que conduz ao céu tão bem quanto o mais suntuoso mausoléu.

O senhor Canu, secretário da Sociedade, outrora profundo materialista, pronunciou junto ao túmulo as seguintes palavras:

“Querido irmão Costeau, há alguns anos somente, muitos dentre nós, e confesso que eu em primeiro lugar, teríamos visto diante deste túmulo aberto apenas o fim das misérias humanas, e depois o nada, o terrível nada, quer dizer, nada de alma para merecer ou expiar e, conseqüentemente, nada de Deus para recompensar, castigar ou perdoar. Hoje, graças à nossa divina doutrina, vemos aqui o fim das provas, e para vós, caro irmão, de quem entregamos à terra os despojos mortais, vemos o triunfo dos vossos trabalhos penosos e o começo das recompensas que mereceram vossa coragem, vossa resignação, vossa caridade, em uma palavra, vossas virtudes, e, acima de tudo, a glorificação de um Deus sábio, todo-poderoso, justo e bom. Levai, pois, querido irmão, nossas ações de graças aos pés do Eterno, que quis dissipar as trevas do erro e da incredulidade que estavam ao redor de nós, porque ainda há pouco tempo vos teríamos dito neste momento, com o rosto abatido e o desânimo no coração: ‘Adeus, amigo, para sempre.’ Hoje nós vos dizemos, a frente erguida e radiante de esperança, o coração pleno de amor: ‘Querido irmão, até breve, e orai por nós.’¹⁵⁴

¹⁵³ **Calceteiro:** operário que calça as ruas com pedras justapostas; empedrador. (N.T.)

¹⁵⁴ Para maiores detalhes, e outras alocações, ver a *Revista Espírita* de outubro de 1863, p. 297. (N.A.)

• **Alocação:** discurso breve, proferido em ocasião solene. (N.T.)

Um dos médiuns da Sociedade obteve junto à própria cova, ainda não fechada, a comunicação a seguir, da qual todos os presentes, entre eles os coveiros, ouviram a leitura, sem os chapéus na cabeça e com uma profunda emoção. Era, efetivamente, um espetáculo novo e impressionante, ouvir as palavras de um morto recolhidas do próprio interior do túmulo:

“Obrigado, amigos, obrigado; meu túmulo ainda não está fechado, porém, mais um segundo e a terra vai recobrir meus restos mortais. No entanto, vós sabeis que minha alma não será enterrada sob esse pó; ela vai planar no espaço para elevar-se até Deus!

Como é consolador também, poder-se dizer, apesar do envoltório destruído: Oh! eu não estou morto, eu vivo a verdadeira vida, a vida eterna!

O enterro do pobre não é seguido de um grande número de pessoas; orgulhosas manifestações não acontecem junto ao seu túmulo, no entanto, amigos, acreditai em mim, imensa multidão aqui não falta, bons espíritos acompanharam convosco, e com essas mulheres piedosas, o corpo que ali está, deitado. Pelo menos todos vós acreditais e todos amais o bom Deus!

Oh! certamente não, não morremos porque nosso corpo se destrói, esposa bem-amada, e de hoje em diante estarei sempre perto de ti para te consolar e te ajudar a suportar as provações. A vida será rude para ti; mas com a idéia da eternidade e teu coração pleno do amor de Deus, como serão leves os teus sofrimentos!

Parentes que rodeais minha bem-amada companheira, amai-a, respeitai-a, sede para ela irmãs e irmãs. Não olvideis que deveis assistência uns aos outros sobre a Terra, se quiserdes entrar na morada do Senhor.

E vós, espíritas, irmãos, amigos, obrigado por terdes vindo até esta morada de terra e de lama dizer-me adeus; porém vós sabeis, sabeis muito bem que minha alma imortal vive, e que algumas vezes ela irá vos pedir preces, que não me serão negadas, para me ajudar a caminhar nesta estrada magnífica que abristes para mim durante minha vida.

Adeus para todos que estais aqui, nós poderemos nos rever em algum lugar que não seja este túmulo. As almas me chamam ao seu encontro. Adeus, orai por aquelas que sofrem. Até breve!

Costeau ”

Três dias mais tarde, o espírito do senhor Costeau, evocado em um grupo particular, ditou o que se segue por intermédio de um outro médium:

“A morte é a vida; não faço mais que repetir o que foi dito; mas para vós não existe outra expressão além dessa, apesar do que dizem os materialistas, aqueles que querem permanecer cegos. Oh! meus amigos, que bela visão na Terra a de ver tremular as bandeiras do Espiritismo! Ciência imensa da qual sabeis apenas as primeiras palavras! Quantos conhecimentos ela traz para os homens de boa vontade, para aqueles que quebraram as terríveis cadeias do orgulho para elevar bem alto sua crença em Deus! Oraí, humanos, agradecei-lhe por todos os seus benefícios. Pobre humanidade! Se pudesses compreender!... mas não, ainda não chegou o

tempo em que a misericórdia do Senhor deve se estender sobre todos os homens, a fim de que reconheçam suas vontades e a elas se submetam.

É por teus raios luminosos, ciência bendita, que os homens lá chegarão e compreenderão. É ao teu calor generoso que eles virão reaquecer seus corações, fogo divino que dá a fé e as consolações. É sob teus raios vivificantes que o mestre e o operário virão se misturar e serão apenas um, porque compreenderão essa caridade fraternal pregada pelo divino messias.

Ó meus irmãos, pensai na felicidade imensa que possuíis por terdes sido os primeiros iniciados na obra regeneradora. Honra a vós, amigos! Continuai, e como eu, um dia, chegando à pátria dos espíritos, vós direis: a morte é a vida, ou antes, é um sonho, uma espécie de pesadelo, que tem a duração de um minuto, e do qual saímos para nos vermos cercados de amigos que nos felicitam e estão felizes por nos estenderem os braços. Minha felicidade foi tão grande que eu não podia compreender que Deus me concedesse tantas graças por eu ter feito tão pouco. Parecia-me um sonho, e como algumas vezes me acontecia sonhar que estava morto, tive, por um instante, medo de ser obrigado a voltar para o infeliz corpo; mas não demorei a perceber a realidade, e agradei a Deus. Bendizia o mestre¹⁵⁵ que tão bem soubera despertar em mim os deveres do homem que sonha com a vida futura. Sim, eu o bendizia e lhe agradecia, porque *O Livro dos Espíritos* havia despertado em minha alma os impulsos de amor pelo meu Criador.

Obrigado, meus bons amigos, por terem me traído para junto de vós. Dizei aos nossos irmãos que muitas vezes estou em companhia do nosso amigo Sanson. Até breve; coragem! A vitória vos espera. Felizes aqueles que participaram do combate!"

Desde então, o senhor Costeau manifestou-se várias vezes, tanto na Sociedade como em outras reuniões, nessas ocasiões ele sempre deu provas dessa elevação de pensamentos que caracteriza os espíritos adiantados.

— SENHORITA EMMA —¹⁵⁶

Jovem que morreu em conseqüência de um acidente causado pelo fogo, e após cruéis sofrimentos. Alguém se oferecera para pedir a sua evocação à Sociedade Espírita de Paris, quando ela se apresentou espontaneamente no dia 31 de julho de 1863, pouco tempo depois da sua morte.

"Eis-me aqui, portanto, ainda no teatro do mundo; eu que me acreditava amortalhada para sempre em meu véu de inocência e de juventude. O fogo da Terra me salvava do fogo do inferno: assim eu pensava em minha fé católica, e, se não ousava entrever os esplendores do paraíso, minha alma trêmula se refugiava na expiação do purgatório, e eu pedia, eu sofria, eu chorava. Mas quem dava à minha

¹⁵⁵ O Espírito Costeau refere-se a Allan Kardec. (N.T.)

¹⁵⁶ Senhorita Emma Livry. (N.A.)

• Esta nota não consta na 1ª edição. (N.T.)

fraqueza a força para suportar minhas angústias? Quem, nas longas noites de insônia e de febre dolorosa, se inclinava sobre minha cama de mártírios? Quem refrescava meus lábios secos? Éreis vós, meu anjo guardião, de quem a branca auréola me cercava; éreis vós também, queridos espíritos amigos, que vínheis murmurar ao meu ouvido palavras de esperança e de amor.

A chama que consumi meu frágil corpo despojou-me do interesse pelo que acontecia; por isso morri já vivendo a verdadeira vida. Não senti perturbação, entrei serena e concentrada no dia radioso que envolve aqueles que, depois de terem sofrido muito, esperavam um pouco. Minha mãe, minha querida mãe, foi a última vibração terrestre que ressoou em minha alma. Quanto eu queria que ela tivesse se tornado espírita! Separei-me da árvore terrestre como um fruto maduro antes do tempo. Ainda não tinha sido tocada pelo demônio do orgulho que instiga as almas dos infelizes arrebatadas pelo sucesso brilhante e o enlevo da juventude. Bendigo as chamas; bendigo o sofrimento; bendigo a prova que era uma expiação. Semelhante a esses leves fios brancos do outono, eu flutuo levada pela corrente luminosa; não são mais as estrelas de diamantes que brilham sobre minha fronte, mas as estrelas de ouro do bom Deus.

Emma”

Em um outro centro, no Havre, no dia 30 de julho de 1863, o mesmo espírito deu, também espontaneamente, a seguinte comunicação:

“Aqueles que sofrem na Terra são recompensados na outra vida. Deus é pleno de justiça e de misericórdia com aqueles que sofrem no mundo. Ele concede um prazer tão puro, uma felicidade tão perfeita, que não deveríamos rezear os sofrimentos nem a morte, se fosse possível aos pobres seres humanos conhecerem os misteriosos desígnios do nosso Criador. A Terra, porém, é um lugar de provas muitas vezes bem grandes, muitas vezes semeadas de dores lancinantes. Resignai-vos com todas, se elas incidirem sobre vós; inclinai-vos a tudo, diante da bondade suprema de Deus que é todo-poderoso, se ele vos der um fardo pesado para agüentar; se vos chamar para junto dele após grandes sofrimentos, vereis na outra vida — a vida feliz — quanto essas dores e essas aflições da Terra eram pouco importantes quando avaliardes a recompensa que Deus vos reserva, se nenhuma queixa, nenhum murmúrio entrou em vosso coração. Bem jovem deixei a Terra; Deus quis me perdoar e me dar a vida daqueles que respeitaram suas vontades. Adorai Deus, sempre; amai-o de todo o vosso coração; principalmente, rogai a ele; rogai a ele firmemente, esse é o vosso apoio no mundo, a vossa esperança, a vossa salvação.

Emma”

— O DOUTOR VIGNAL —

Antigo membro da sociedade de Paris, morreu no dia 27 de março de 1865. Na véspera do enterro, um sonâmbulo muito lúcido, e que vê muito bem os espíritos, sendo solicitado a se transportar para junto dele e dizer o que via, relatou:

“Vejo um cadáver no qual se realiza um trabalho extraordinário; dir-se-ia uma massa que se agita, e alguma coisa que faz esforços para desprender-se dela, mas

que tem dificuldade para vencer a resistência. Não distingo a forma do espírito bem determinada.”

No dia 31 de março, ele foi evocado na Sociedade de Paris:

P. Caro senhor Vignal, todos os vossos antigos colegas da Sociedade de Paris conservaram a melhor lembrança de vós, e eu, em particular, a lembrança das excelentes relações que não foram interrompidas entre nós. Ao vos chamar para junto de nós, inicialmente tivemos por objetivo dar-vos um testemunho de simpatia, e ficaremos muito felizes se estiverdes de acordo e puderdes vir conversar conosco.

R. Querido amigo e digno mestre, vossa lembrança e vossos testemunhos de simpatia me são muito sensíveis. Se hoje posso vir até vós, e assistir livre e desembaraçado a esta reunião de todos os nossos bons amigos e irmãos espíritas, é graças ao vosso bom pensamento e à assistência que vossas preces me proporcionaram. Como dizia com exatidão meu jovem secretário, eu estava impaciente para me comunicar; desde o início deste anoitecer, empreguei todas as minhas forças espirituais para dominar este desejo; vossas conversas e as importantes questões que discutíeis me interessaram vivamente e fizeram com que minha espera fosse menos difícil. Perdoai, querido amigo, mas o meu reconhecimento exigia manifestar-se.

P. Em primeiro lugar, dissei-nos como vos sentis no mundo dos espíritos. Depois, descrevi-nos o trabalho da separação, vossas sensações nesse momento, e dissei-nos ao final de quanto tempo reconhecestes vosso estado.

R. Estou tão feliz quanto se pode ser, quando se vê confirmar plenamente todos os pensamentos secretos que se pode ter concebido sobre uma doutrina consoladora e reparadora. Sou feliz! Sim, eu o sou, porque agora, sem nenhum obstáculo, vejo desenvolver-se diante de mim o futuro da ciência e da filosofia espíritas.

Mas, por hoje, afastemos esses desvios inoportunos do assunto; virei novamente conversar convosco a esse respeito, sabendo que minha presença vos proporcionará tanto prazer quanto o que eu tenho ao vos visitar.

O desligamento foi bastante rápido; mais rápido do que o meu pequeno mérito me fazia esperar. Fui poderosamente ajudado pela vossa cooperação, e o sonâmbulo vos deu uma idéia bastante nítida da separação, para que eu não insista neste assunto. Era uma espécie de oscilação descontínua, era como um arrastamento em dois sentidos opostos; o espírito triunfou, visto que eu estou aqui. Deixei completamente o corpo somente no momento em que ele foi depositado na terra; retornei convosco.

P. Que pensais da cerimônia feita nos vossos funerais? Senti-me no dever de assisti-la. Nesse momento estáveis bastante desligado para vê-la, e as preces que fiz por vós (não ostensivamente, bem entendido) chegaram até vós?

R. Sim; como vos disse, vossa assistência teve uma grande participação, e eu regressei convosco, abandonando completamente minha velha crisálida.¹⁵⁷ Além

¹⁵⁷ **Crisálida:** invólucro ou casulo dentro do qual se opera a transformação da lagarta em borboleta. (N.T.)

disso, as coisas materiais pouco me tocam, vós o sabeis. Eu pensava apenas na alma e em Deus.

P. Lembrai-vos de que, a vosso pedido, há cinco anos, no mês de fevereiro de 1860, fizemos um estudo sobre vós, estando o caro irmão ainda vivo.¹⁵⁸ Naquele momento, vosso espírito se desligou para vir conversar conosco. Podeis nos descrever, tanto quanto vos for possível, a diferença que existe entre o vosso desligamento atual e o daquela ocasião?

R. Sim, certamente, lembro-me disso; mas que diferença entre o meu estado daquela ocasião e o de hoje! Então a matéria ainda me constrangia com sua rede inflexível: eu queria separar-me de uma maneira mais absoluta, e não podia fazê-lo. Hoje sou livre; um imenso campo, o do desconhecido, abre-se diante de mim, e eu espero, com a vossa ajuda e a dos espíritos aos quais me recomendo, avançar e compenetrar-me, o mais rapidamente possível, dos sentimentos que é preciso experimentar e das ações que precisam ser realizadas para percorrer o caminho das provações e merecer o mundo das recompensas. Que magnificência! Que grandeza! É quase um sentimento de pavor que então nos domina quando, fracos como somos, queremos fixar as sublimes claridades.

P. Em uma outra ocasião, quando quiserdes tornar a vir entre nós, ficaremos felizes em continuar esta conversa.

R. Respondi sucintamente e sem seguimento às vossas diversas perguntas. Não interrogueis ainda mais o vosso fiel discípulo; não estou inteiramente livre. Conversar, conversar... ainda seria minha felicidade; meu guia modera meu entusiasmo, e já pude apreciar bastante sua bondade e sua justiça para submeter-me inteiramente à sua decisão, qualquer que seja o desgosto que eu sinta por ser interrompido. Consolo-me pensando que, freqüentemente, poderei vir assistir incógnito às vossas reuniões. Algumas vezes vos falarei, pois eu vos estimo muito e quero prová-lo a vós. Porém, outros espíritos, mais adiantados que eu, reclamam a prioridade, e devo manter-me afastado diante daqueles que permitiram ao meu espírito dar livre andamento à torrente de pensamentos que eu havia acumulado.

Eu vos deixo, amigos, e devo agradecer duplamente, não apenas a vós espíritas, que me haveis chamado, mas também a este espírito que permitiu que eu tomasse seu lugar, e que, quando vivo, tinha o ilustre nome de Pascal.

Aquele que foi e que sempre será o mais devoto dos vossos adeptos.

Dr. Vignal

— VICTOR LEBUFLE —

Jovem piloto de barra,¹⁵⁹ trabalhando no porto de Havre, morreu com a idade de vinte anos. Morava com sua mãe, pobre e humilde comerciante, a quem concedia os cuidados mais ternos, mais afetuosos, e sustentava com o produto do seu

¹⁵⁸ Ver a *Revista Espírita* do mês de março de 1860. (N.A.)

¹⁵⁹ **Piloto de barra:** marinheiro encarregado da pilotagem de um navio na entrada e na saída de um canal, uma baía, uma enseada. (N.T.)

rude trabalho. Nunca foi visto freqüentando os cabarés nem se entregando aos excessos tão freqüentes na sua profissão, porque não queria desviar a menor parte do que ganhava do piedoso uso que lhe dava. Todo o tempo em que não estava trabalhando, ele o dedicava à sua mãe para poupá-la da fadiga. Atacado há muito tempo pela doença da qual sentia que iria morrer, escondia seus sofrimentos de sua mãe com medo de lhe causar preocupação e de que ela quisesse encarregar-se da parte dele no trabalho. Eram necessárias a esse jovem uma base muito grande de qualidades naturais e uma grande força de vontade para resistir, na idade das paixões, às perniciosas seduções do meio em que vivia. Era de uma piedade sincera, e sua morte foi edificante.

Na véspera de sua morte ele exigiu de sua mãe que ela fosse repousar um pouco, dizendo que ele mesmo necessitava dormir. Sua mãe teve, então, uma visão. Disse ela que se encontrava em uma grande escuridão; depois viu um ponto luminoso que pouco a pouco aumentava, e o quarto ficou iluminado por uma brilhante claridade, da qual se destacou a figura do seu filho, radiosa e elevando-se no espaço infinito. Ela compreendeu que o fim do seu filho estava próximo; realmente, no dia seguinte sua nobre alma havia deixado a Terra, enquanto seus lábios murmuravam uma prece.

Uma família espírita que conhecia sua bela conduta e se interessava por sua mãe, que ficara só, teve a intenção de evocá-lo pouco tempo após a sua morte, mas ele se manifestou espontaneamente pela seguinte comunicação:

“Desejais saber o que sou agora: bem feliz, oh! bem feliz! Não deixeis de levar em conta os sofrimentos e as angústias, porque são a fonte de bênçãos e de felicidade além do túmulo. Felicidade! Não compreendeis o que esta palavra significa. As venturas da Terra estão tão longe do que experimentamos quando retornamos para o Senhor com uma consciência pura, com a confiança do servidor que cumpriu bem o seu dever, e que espera, cheio de alegria, a aprovação daquele que é tudo!

Oh! meus amigos, a vida é penosa e difícil se não olhardes o seu objetivo; mas eu vos digo, em verdade, que quando vierdes para junto de nós, se vossa vida foi de acordo com a lei de Deus, sereis recompensados, além, bem além dos sofrimentos e dos méritos que acreditais ter ganho para o céu. Sede bons, sede caridosos, dessa caridade desconhecida por muitos entre os homens, e que se chama benevolência. Tende compaixão pelos vossos semelhantes; fazei por eles mais do que gostaríeis que se fizesse por vós mesmos, porque ignorais a miséria alheia, e conheceis a vossa. Ajudai minha mãe, minha pobre mãe, minha única saudade da Terra. Ela deve sofrer outras provas, e é preciso que chegue ao céu. Adeus, eu vou para junto dela.

Victor”

O guia do médium:

“Os sofrimentos suportados durante uma encarnação terrestre nem sempre são uma punição. Os espíritos que, pela vontade de Deus, vêm cumprir uma missão sobre a Terra, como esse que acabou de se comunicar convosco, são felizes por sofrer males que para outros são uma expiação. O sono os retempera junto

do Altíssimo, e lhes dá a força para tudo suportar pela sua grande glória. A missão desse espírito, em sua última existência, não era uma missão notável, mas ainda que tenha sido obscura, com ela teve apenas mais mérito, porque ele não podia ser estimulado pelo orgulho. Primeiro, tinha um dever de reconhecimento para cumprir junto àquela que foi sua mãe; em seguida, devia mostrar que nos piores meios podemos encontrar almas puras, com sentimentos nobres e elevados, e que, com a vontade, podemos resistir a todas as tentações. É uma prova de que as qualidades têm uma causa anterior, e seu exemplo não terá sido infrutífero."

— SENHORA ANAIS GOURDON —

Muito jovem, notável pela doçura de seu caráter e pelas qualidades morais mais elevadas, morreu em novembro de 1860. Pertencia a uma família de trabalhadores nas minas de carvão nos arredores de Saint-Étienne, circunstância importante para apreciar sua posição como espírito.

Evocação.

R. Estou aqui.

P. Vosso marido e vosso pai pediram-me para vos chamar, e ficarão muito felizes em obter de vós uma comunicação.

R. Também estou bem feliz em lhes falar.

P. Por que fostes retirada tão jovem da afeição da vossa família?

R. Porque terminei minhas provas terrestres.

P. Ides vê-los algumas vezes?

R. Oh! freqüentemente estou perto deles.

P. Sois feliz como espírito?

R. Sou feliz, eu confio, eu espero, eu amo; os céus não mais me aterrorizam, espero com confiança e amor que as asas brancas me impulsionem.

P. Que entendeis por essas asas?

R. Entendo por tornar-me espírito puro e resplandecer como os mensageiros celestes que me ofuscam.

As asas dos anjos, arcanjos e serafins, que são espíritos puros, não passam, evidentemente, de um atributo imaginado pelos homens para representar a rapidez com que eles se transportam, porquanto sua natureza etérea faz com que não precisem de nenhum apoio para percorrer os espaços. Eles podem, no entanto, aparecer aos homens com esse acessório para corresponder ao seu pensamento, como outros espíritos tomam a aparência que tinham na Terra para que possam ser reconhecidos.

P. Vossos pais podem fazer alguma coisa que vos seja agradável?

R. Esses queridos seres podem não me entristecer mais com a visão dos seus lamentos, já que sabem que não estou perdida para eles; que minha lembrança seja suave, leve e perfumada em suas memórias. Eu passei como uma flor; de minha rápida passagem, nada de triste deve existir.

P. Qual o porquê da vossa linguagem tão poética e tão pouco em relação com a posição que tivestes sobre a Terra?

R. É que quem fala é a minha alma. Sim, eu tinha conhecimentos adquiridos, e muitas vezes *Deus permite que espíritos delicados encarnem entre os homens mais rudes para fazer com que estes possam pressentir as delicadezas que irão alcançar e que compreenderão mais tarde.*

Sem esta explicação tão lógica, e tão de acordo com a solicitude de Deus por suas criaturas, dificilmente se perceberia a causa do que, à primeira vista, poderia parecer uma anormalidade. Realmente, que há de mais gracioso e de mais poético que a linguagem do espírito dessa jovem, educada no meio dos mais rudes trabalhos? O contrário vê-se freqüentemente, são espíritos inferiores encarnados entre os homens mais adiantados, mas é com um objetivo oposto, é tendo em vista o seu próprio adiantamento que Deus os coloca em contacto com um mundo esclarecido, e, algumas vezes, também para servir de prova a esse mesmo mundo. Que outra filosofia pode resolver tais problemas?

— MAURICE GONTRAN —

Era filho único, morreu aos dezoito anos de uma afecção do pulmão. Inteligência rara, razão precoce, grande amor ao estudo, caráter suave, afetuoso e simpático, ele possuía todas as qualidades que dão as mais legítimas esperanças de um brilhante futuro. Terminara seus estudos muito cedo, com grande sucesso, e estudava na Escola Politécnica. Sua morte foi para os seus pais a causa de uma dessas dores que deixam marcas profundas, tanto mais penosas porque, tendo tido sempre uma saúde delicada, eles atribuíam seu fim prematuro à tarefa para a qual o haviam encaminhado, e se reprovavam. “Para que, diziam, lhe serve agora tudo o que aprendeu? Teria sido melhor que ficasse ignorante, porque ele não tinha necessidade disso para viver e por certo ainda estaria entre nós; ele seria a consolação dos nossos dias de velhice.” Se tivessem conhecido o Espiritismo, sem dúvida teriam raciocinado de outra forma, porém, mais tarde, nele encontraram a verdadeira consolação. A comunicação seguinte foi dada por seu filho a um de seus amigos, alguns meses após a sua morte:

P. Meu querido Maurice, a afetuosa ligação que tínheis por vossos pais faz com que eu não duvide do desejo que tendes de lhes levantar a coragem, se isso estiver ao vosso alcance. A mágoa, direi mesmo o desespero em que a vossa morte os lançou, altera-lhes visivelmente a saúde e transforma suas vidas em desgosto. Algumas boas palavras vindas de vós certamente poderão fazê-los renascer para a esperança.

R. Meu velho amigo, esperava com impaciência a ocasião que me ofereceis de me comunicar. A dor dos meus pais me aflige, mas essa dor se acalmará quando tiverem a certeza de que eu não estou perdido para eles; é preciso que vos dediqueis a convencê-los desta verdade, e certamente a isso chegareis. Era preciso esse acontecimento para conduzi-los a uma crença que fará a sua felicidade, porque ela os impedirá de reclamar contra os decretos da Providência. Meu pai, vós o sabeis, era muito cético a respeito da vida futura; Deus permitiu que ele tivesse essa aflição para tirá-lo do seu erro.

Nós nos reencontraremos aqui, neste mundo onde não se conhecem mais os desgostos da vida, e onde eu os precedi; porém, dissei-lhes claramente que a satisfação de aqui me reverem lhes será negada como punição por sua falta de confiança na bondade de Deus. Ser-me-ia mesmo proibido, daqui até lá, comunicar-me com eles enquanto ainda estão na Terra. O desespero é uma revolta contra a vontade do Todo-Poderoso, e que sempre é punido com o prolongamento da causa que conduziu a esse desespero, até que, finalmente, a pessoa se tenha conformado.

O desespero é um verdadeiro suicídio, porque ele consome as forças do corpo, e aquele que abrevia seus dias com a idéia de escapar mais rápido aos apertos da dor, prepara para si as mais cruéis decepções; é preciso, ao contrário, trabalhar para conservar as forças do corpo a fim de suportar mais facilmente o peso das provações.

Meus bons pais, é a vós que me dirijo. Desde que deixei meu corpo, após a morte, não deixei de estar perto de vós, e aí estou mais vezes do que quando vivia na Terra. Portanto, consolai-vos porque eu não estou morto, estou mais vivo do que vós, só meu corpo está morto, mas meu espírito vive sempre. Ele é livre, feliz e, daqui em diante, protegido das moléstias, das enfermidades e da dor. Em lugar de vos afligir, fiquei felizes por saberdes que estou em um meio isento de inquietações e de alvoroços, onde o coração é inebriado de uma alegria serena e pura.

Oh! meus amigos, não lamenteis aqueles que morrem prematuramente: é uma graça que Deus lhes concede afastá-los das adversidades da vida. Desta vez, minha existência não devia se prolongar mais tempo sobre a Terra; eu havia adquirido o que nela devia adquirir e assim preparar-me para cumprir, mais tarde, uma missão mais importante. Se aí tivesse vivido muitos anos, sabeis a que perigos, a que seduções eu teria sido exposto? Sabeis que, não estando ainda bastante forte para resistir, se a eles eu tivesse cedido, isso podia ser para mim um atraso de vários séculos? Por que, então, lamentais o que me é vantajoso? Uma dor inconsolável, neste caso, demonstraria uma falta de fé e só poderia ser legitimada pela crença no nada. Oh! sim, merecem compaixão aqueles que têm essa crença que faz desesperar, porque para eles não há consolação possível; as pessoas que lhes são queridas estão perdidas para sempre, o túmulo levou-lhes a última esperança!

P. Vossa morte foi dolorosa?

R. Não, meu amigo, sofri apenas antes de morrer com a doença que me tirou da Terra, mas esse sofrimento diminuía à medida que o último momento se aproximava; depois, um dia, adormeci sem pensar na morte. Sonhei; oh! um sonho maravilhoso! Eu sonhava que estava curado; eu não sofria mais, respirava a plenos pulmões, e com grande prazer, um ar perfumado e fortificante; era transportado através do espaço por uma força desconhecida; uma luz brilhante resplandecia em torno de mim, mas sem fadigar a minha vista. Vi meu avô; não tinha mais aquele aspecto emagrecido, mas um ar de frescor e de juventude; ele me estendeu os braços e me apertou, com grande expansão de carinho, junto ao seu coração. Um grande número de outras pessoas, com os rostos sorridentes, o acompanhavam; todos me acolheram com bondade e benevolência; parecia que eu os reconhecia,

estava feliz por revê-los, e todos juntos trocamos palavras e testemunhos de amizade. Pois bem, o que eu acreditava ser um sonho era a realidade; eu não devia mais despertar na Terra: eu despertara no mundo dos espíritos.

P. Vossa doença teria sido causada pela grande aplicação ao estudo?

R. Oh! não, disso ficai bem certos. O tempo que eu devia viver sobre a Terra estava determinado, e nada poderia deter-me mais tempo nela. Meu espírito, em seus momentos de desligamento, sabia disso e estava feliz sonhando com a sua próxima libertação. Mas o tempo que aí passei foi-me proveitoso e hoje me felicito por não o haver perdido. Os estudos sérios que fiz fortaleceram a minha alma e aumentaram os meus conhecimentos; foram do mesmo modo aprendidos, e se não pude aplicá-los em minha curta estada entre vós, eu os aplicarei mais tarde com maior utilidade.

Adeus, querido amigo, eu vou para junto dos meus pais, prepará-los para receber esta comunicação.

Maurice



Capítulo III

Espíritos em uma condição mediana

— JOSEPH BRÉ —

Morreu em 1840, evocado em Bordeaux, em 1862, por sua neta.

O homem honesto
segundo Deus ou segundo os homens.

P. Querido avô, quereis dizer-me como estais entre os espíritos, e dar-me alguns detalhes instrutivos para o nosso adiantamento?

R. Tudo o que quiseres, minha querida filha. Sofro as conseqüências da minha falta de fé; mas a bondade de Deus é grande; ele leva em conta as circunstâncias. Sofro, não como poderias interpretar, mas de desgosto por não haver empregado bem o meu tempo na Terra.

P. Como não o empregastes bem? Sempre vivestes como um homem honesto.

R. Sim, sob o ponto de vista dos homens, mas existe um abismo entre o homem honesto diante dos homens e o homem honesto diante de Deus. Tu queres te instruir, querida filha, vou esforçar-me para te fazer sentir a diferença.

Entre vós, um homem é considerado honesto quando respeita as leis do seu país, respeito muito flexível para muitos; quando não faz mal ao seu próximo tirando dele ostensivamente o seu bem; porém freqüentemente, e sem escrúpulos, tira-se a sua honra, a sua felicidade, desde que o código, ou a opinião pública, não possa atingir o culpado hipócrita. Quando o homem pôde fazer gravar sobre sua laje tumular uma longa e fastidiosa série de virtudes que lhe são elogiadas, ele acredita haver pago sua dívida à humanidade. Que erro! Para ser honesto diante de Deus não é suficiente não haver desobedecido as leis dos homens, é preciso antes de tudo não ter desrespeitado as leis divinas.

O homem honesto diante de Deus é aquele que, pleno de abnegação e de amor, dedica sua vida ao bem, ao adiantamento dos seus semelhantes; aquele que, movido por um fervor extraído do objetivo ao qual ele tende, é ativo na vida; ativo ao realizar a tarefa material que lhe é imposta, porque ele deve ensinar aos seus irmãos o amor ao trabalho; ativo nas boas obras, porque ele não pode se esquecer de que é apenas um servidor a quem, um dia, o Senhor pedirá contas da utilização do seu tempo; ativo no objetivo, porque ele deve praticar o amor ao Senhor e ao próximo.

O homem honesto diante de Deus deve evitar, com atenção, essas palavras sarcásticas, veneno escondido sob flores, que destroem as reputações e muitas vezes matam moralmente o homem, cobrindo-o de ridículo. O homem honesto diante de Deus deve ter o coração sempre fechado ao menor germe de orgulho, de inveja, de ambição. Ele deve ser paciente e indulgente com aqueles que o atacam; deve perdoar do fundo do seu coração, sem esforços e sobretudo sem ostentação, a quem quer que o tenha ofendido; ele deve amar seu Criador em todas as suas criaturas; deve, enfim, pôr em prática esse resumo tão conciso e tão grande dos deveres do homem: amar a Deus acima de todas as coisas e ao seu próximo como a si mesmo.

Eis aí, minha querida filha, pouco mais ou menos o que deve ser o homem honesto diante de Deus. Pois bem, eu fiz tudo isso? Não; eu falhei em muitas dessas circunstâncias, e o confesso sem me ruborizar; ao esquecer-me de Deus fui levado a outros esquecimentos que por não estarem sujeitos às leis dos homens não são menos culpados perante a lei de Deus. Sofri muito quando compreendi isso; eis por que hoje espero, mas com a consoladora esperança na bondade de Deus que vê o meu arrependimento. Fala, querida filha, repete estas palavras para todos aqueles que têm a consciência pesada; que eles compensem suas faltas com boas obras, e a misericórdia divina fixará sua atenção sobre tudo; seus olhos paternais contarão as expiações e sua mão poderosa apagará as faltas.

— SENHORA HÉLÈNE MICHEL —

Era uma jovem de vinte e cinco anos, morta subitamente em alguns minutos, em sua casa, sem sofrimentos, e sem causa anterior conhecida. Rica, um pouco frívola, por causa da volubilidade do seu caráter, ocupava-se mais com futilidades da vida do que com coisas sérias; apesar disso, tinha bons sentimentos: era afetuosa, benevolente e caridosa.

Evocada três dias após sua morte por pessoas que a haviam conhecido, ela assim se exprimiu:

“Não sei onde estou, que perturbação me cerca... Vós me chamastes e eu vim... não compreendo porque não estou em minha casa... choram a minha ausência, mas eu estou lá, e não posso fazer com que todos me reconheçam... Meu corpo não me pertence mais, no entanto eu o sinto frio, gelado... Quero deixá-lo, e estou presa lá; a ele retorno sempre... Eu sou duas pessoas... Oh! quando compreenderei o que aconteceu comigo?... Ainda é preciso que eu vá lá... meu outro “eu”, em que ele se transformaria na minha ausência?... Adeus.”

O sentimento da dualidade, que não está destruído ainda por uma separação completa, aqui é evidente. Caráter pouco sério, e sua posição de fortuna permitindo-lhe satisfazer seus caprichos, devia também favorecer suas tendências à leviandade. Portanto, não é surpreendente que seu desligamento tenha sido lento, e que, três dias após sua morte, ela se sentisse ainda ligada ao invólucro corporal. Porém, como Hélène não possuía nenhum vício sério e no íntimo era boa, essa situação não tinha nada de muito penosa, e não durou muito tempo. Evocada de novo alguns dias depois, suas idéias já tinham mudado muito. Eis o que ela disse:

“Obrigada por terem orado por mim. Reconheço a bondade de Deus que me evitou os sofrimentos e a apreensão do momento da separação entre meu espírito

e meu corpo. Minha pobre mãe terá muita dificuldade para se resignar; ela, porém, será amparada, e o que aos seus olhos é uma terrível desgraça, era indispensável para que as coisas do céu se tornassem para ela o que devem ser: tudo. Estarei perto dela até o fim da sua prova terrestre, e a ajudarei a suportá-la. Não sou infeliz, mas ainda tenho muito a fazer para avançar em direção à morada dos bem-aventurados. Pedirei a Deus que me permita voltar a esta Terra, porque tenho que reparar o tempo que perdi nesta existência. Que a fé vos sustente, meus amigos; tende confiança na eficácia da prece, quando ela sai verdadeiramente do coração. Deus é bom.”

P. Levastes muito tempo para vos reconhecer?

R. Compreendi a morte no mesmo dia em que orastes por mim.

P. Esse estado de perturbação era de sofrimento?

R. Não, eu não sofria, eu acreditava que estava sonhando e esperava acordar. Minha vida não foi isenta de dores, mas todo ser encarnado no mundo deve sofrer; resignei-me à vontade de Deus e isso foi levado em conta por ele. Estou muito agradecida pelas vossas preces que me ajudaram a reconhecer o meu estado. Obrigada, voltarei sempre com prazer. Adeus.

Helène ”

— O MARQUÊS DE SAINT-PAUL —

Faleceu em 1860; evocado a pedido de sua irmã, que é membro da Sociedade de Paris, em 16 de maio de 1861.

Evocação.

R. Eis-me aqui.

P. A senhora vossa irmã nos pediu para vos evocar; embora seja médium, ela ainda não está bastante desenvolvida para estar bem segura de si.

R. Vou esforçar-me para responder o melhor possível.

P. Primeiro ela deseja saber se sois feliz.

R. Estou errante, e esse estado transitório nunca traz a felicidade, nem o castigo absolutos.

P. Demorastes muito tempo para reconhecer o vosso estado?

R. Fiquei muito tempo na perturbação, e dela saí somente para abençoar a piedade daqueles que não me esqueceram e que oravam por mim.

P. Podeis calcular o tempo que durou essa perturbação?

R. Não.

P. Dos vossos parentes, quais os que reconhecestes primeiro?

R. Reconheci minha mãe e meu pai, os dois me receberam quando despertei; eles me iniciaram na nova vida.

P. Por que, no fim da vossa doença, parecíeis conversar com aqueles que amastes na Terra?

R. Antes de morrer tive a revelação do mundo em que eu iria habitar. Era vidente antes de morrer, mas meus olhos se obscureceram durante a separação definitiva do corpo, porque os laços carnisais eram ainda muito fortes.

P. Como é que vossas lembranças da infância pareciam ser as que de preferência retornavam a vós?

R. É que o começo está mais próximo do fim que o meio da vida.

P. Como entendeis isso?

R. Quer dizer que os moribundos se lembram e vêem, como em uma miragem de consolação, os anos puros e juvenis.

Provavelmente, é por um motivo providencial semelhante que os velhos, à medida que se aproximam do final da vida, de vez em quando têm uma lembrança tão precisa dos menores detalhes dos seus primeiros anos.

P. Por que, do vosso corpo, sempre faláveis na terceira pessoa?

R. Porque, já vos disse, eu era vidente e via nitidamente as diferenças que existem entre o físico e o moral; essas diferenças, religadas entre si pelo fluido da vida, tornam-se claramente separadas aos olhos dos moribundos clarividentes.

Eis aí uma particularidade singular que a morte desse senhor apresenta. Em seus últimos momentos ele sempre dizia: "Ele tem sede, é preciso dar-lhe de beber; ele tem frio, é preciso aquecê-lo; ele sente dores em tal lugar, etc." e quando se lhe dizia: "Mas sois vós que tendes sede," ele respondia: "Não, é ele." Aqui se delinham perfeitamente as duas existências; o "eu" pensante está no espírito e não no corpo; o espírito, já em parte desligado, considerava seu corpo como outra individualidade que, para falar mais propriamente, não era mais ele; então, era ao seu corpo que era preciso dar de beber e não ao seu espírito. Esse fenômeno também se observa em certos sonâmbulos.

P. O que dissesstes do vosso estado errante e do tempo que durou a vossa perturbação levaria a crer que não sois muito feliz, no entanto vossas qualidades fariam supor o contrário. Além do que, existem espíritos errantes que são felizes, assim como existem os infelizes.

R. Estou num estado transitório; as virtudes humanas aqui adquirem o seu verdadeiro valor. Certamente meu estado é mil vezes preferível ao da encarnação terrestre, mas sempre trouxe comigo as aspirações do verdadeiro bem e do verdadeiro belo, e minha alma só estará satisfeita quando voar até os pés do seu criador.

— SENHOR CARDON, MÉDICO —

O senhor Cardon passara uma parte de sua vida na marinha mercante, como médico de um baleeiro,¹⁶⁰ e ali havia adquirido hábitos e idéias um pouco materialistas; indo viver na aldeia de J..., exercia a modesta profissão de médico do campo. Há algum tempo ele obtivera a certeza de que era portador de uma hipertrofia do coração, e, sabendo que essa doença é incurável, a idéia da morte o lançava em uma inquietante

¹⁶⁰ **Baleeiro:** navio equipado para a pesca de baleias. (N.T.)

melancolia da qual nada podia afastá-lo. Dois meses antes, aproximadamente, ele predisse o dia certo da sua morte; quando se viu perto de morrer, reuniu a família em torno dele, para lhe dizer o último adeus. Sua mulher, sua mãe, seus três filhos e outros parentes estavam juntos à volta do seu leito; no momento em que sua mulher tentou levantá-lo, ele se vergou, tornando-se de uma lividez cadavérica, seus olhos se fecharam, e pensaram que estava morto. Sua mulher, para esconder esse espetáculo aos filhos, colocou-se diante dele. Após alguns minutos, ele reabriu os olhos; sua fisionomia, por assim dizer, iluminada, tomou uma expressão de radiosa beatitude, e ele exclamou:

“Oh! meus filhos, como é belo, como é sublime! Oh! a morte... que benefício! Que coisa suave! Eu estava morto e senti minha alma se elevar bem alto, muito alto; mas Deus me permitiu voltar para vos dizer: não receeis a morte, ela é a libertação... Não posso descrever a magnificência do que vi nem as impressões experimentadas por mim. Mas vós não o poderíeis compreender...”

Oh! meus filhos, procedei sempre de maneira a merecer esta inefável felicidade reservada aos homens de bem; vivei segundo a caridade, se tiverdes alguma coisa, dai uma parte àqueles que têm falta do necessário.

Minha querida mulher, eu te deixo numa situação que não é favorável; temos dinheiro para receber, mas, eu te suplico, não atormentes aqueles que nos devem; se estão em dificuldades, espera que possam pagar, e àqueles que não puderem fazê-lo, perdoa; Deus te recompensará por isso.

Tu, meu filho, trabalha para sustentar tua mãe; sê sempre um homem honesto e não faças nada que possa desonrar a nossa família. Toma esta cruz que era de minha mãe, não a deixes nunca, e que ela te lembre sempre meus últimos conselhos...

Meus filhos, ajudai-vos e sustentai-vos mutuamente; que a boa harmonia reine entre vós; não sejais vaidosos nem orgulhosos; perdoai aos vossos inimigos, se quereis que Deus vos perdoe...”

Depois, fazendo seus filhos se aproximarem, estendeu suas mãos sobre eles e acrescentou: “Meus filhos, eu vos abençôo.” E seus olhos se fecharam, desta vez para sempre, mas sua fisionomia conservou uma expressão tão imponente que, até o momento em que foi enterrado, uma grande quantidade de pessoas veio contemplá-lo com admiração.

Esses interessantes detalhes nos foram transmitidos por um amigo da família, então, pensamos que uma evocação podia ser instrutiva para todos, ao mesmo tempo em que seria útil ao espírito.

Evocação.

R. Estou perto de vós.

P. Contaram-nos vossos últimos momentos que nos encheram de admiração. Poderíeis ser bastante generoso para nos descrever, melhor do que o fizestes, o que vistes no intervalo do que se poderia chamar vossas duas mortes?

R. O que eu vi... poderíeis vós compreender o que vi? Não sei, porque eu não conseguiria encontrar expressões capazes de tornar compreensível o que eu pude ver durante alguns instantes em que me foi possível deixar meus restos mortais.

P. Tendes idéia de onde estivestes? É longe da Terra, em um outro planeta, ou no Espaço?

R. O espírito não conhece o valor das distâncias do mesmo modo que as considerais. Levado não sei por qual agente maravilhoso, eu vi o esplendor de um céu como apenas em sonhos poderia se realizar. Esse trajeto através do infinito foi feito tão rapidamente que eu não posso dizer com precisão o tempo que meu espírito gastou com ele.

P. Atualmente desfrutais da felicidade que entrevistestes?

R. Não; bem que eu queria poder desfrutá-la, mas Deus não pode recompensar-me assim. Eu me revoltei muitas vezes contra os pensamentos benignos que meu coração ditava, e a morte parecia-me uma injustiça. Médico incrédulo, eu havia adquirido na arte de curar uma aversão contra a segunda natureza, que é nosso impulso inteligente, divino; para mim a imortalidade da alma era uma ficção adequada a seduzir as naturezas pouco elevadas; no entanto, o nada me apavorava, porque muitas vezes amaldiçoei esse agente misterioso que fere sempre e sempre. A filosofia me havia perturbado os sentidos sem me fazer compreender toda a grandeza do Eterno, que sabe repartir a dor e a alegria para o ensino da humanidade.

P. Por ocasião da vossa verdadeira morte, logo reconhecestes o estado em que vos encontráveis?

R. Não; só reconheci durante a transição que meu espírito sofreu para percorrer os lugares etéreos; mas, após a morte real, não; foram necessários alguns dias para o meu despertar.

Deus concedera-me uma graça, pela seguinte razão: minha incredulidade inicial não mais existia; antes da minha morte, eu passara a acreditar porque, depois de haver investigado cientificamente a matéria pesada que me fazia definir, eu encontrara, ao final das razões terrestres, apenas a razão divina; ela me havia inspirado, consolado, e minha coragem era mais forte que a dor. Eu bendizia o que antes amaldiçoara; o fim me parecia a libertação. A idéia de Deus é grande como o mundo! Oh! que suprema consolação na prece, que proporciona emoções que não se podem exprimir por palavras; ela é o elemento mais seguro da nossa natureza imaterial; por ela eu compreendi, acreditei firmemente, soberanamente, e é por isso que Deus, considerando minhas boas ações, desejou me recompensar antes de terminar a minha encarnação.

P. Poderíamos dizer que estáveis morto na primeira vez?

R. Sim e não; tendo o espírito deixado o corpo, naturalmente a carne morreria; porém, retomando a posse da minha morada terrestre, a vida retornou ao corpo que sofrera uma transição, um sono.

P. Nesse momento sentíeis os laços que vos prendiam ao vosso corpo?

R. Sem dúvida; o espírito tem um laço difícil de romper, é preciso o último estremecimento da carne para que ele possa entrar na sua vida natural.

P. Como foi que, por ocasião da vossa morte aparente e durante alguns minutos, vosso espírito pôde se libertar instantaneamente e sem perturbação, enquanto que a morte real foi seguida de uma perturbação por vários dias? Parece que no primeiro caso, com os laços entre a alma e o corpo subsistindo mais que no segundo, o desligamento devia ser mais lento, mas o que aconteceu foi o contrário.

R. Muitas vezes fazeis a evocação de um espírito encarnado, e dele recebeis respostas reais; eu me encontrava na condição desses espíritos. Deus me chamava, e seus servidores me diziam: “Vinde...” Eu obedeci, e agradeço a Deus pela graça especial que ele me concedeu; pude ver o infinito da sua grandeza e compreendê-la. Obrigado a vós que me permitistes, antes da morte real, instruir meus parentes para que todos tenham boas e justas encarnações.

P. De onde vinham as belas palavras que, após o vosso retorno à vida, dirigistes a vossa família.

R. Elas eram o reflexo do que eu tinha visto e entendido; os bons espíritos inspiravam minhas palavras e animavam minha fisionomia.

P. Que impressão acreditais que a vossa revelação tenha causado nos assistentes e em vossos filhos em particular?

R. Surpreendente, profunda; a morte não é mentirosa; por mais ingratos que possam ser, os filhos, diante da encarnação que se finda, sempre se inclinam. Se pudéssemos perscrutar o coração dos filhos, junto a um túmulo entreaberto, veríamos apenas sentimentos verdadeiros, tocados profundamente pela mão secreta dos espíritos que dizem a todos os pensamentos: “Tremei se estais em dúvida, a morte é a reparação, a justiça de Deus”; e eu vos asseguro, apesar dos incrédulos, que meus amigos e minha família acreditaram nas palavras que pronunciei antes de morrer. Eu era o intérprete de um outro mundo.

P. Dissestes que não desfrutais da felicidade que entrevistastes; então sois infeliz?

R. Não, já que eu acreditava antes de morrer, e isto de alma e de consciência. A dor constrange neste mundo, mas fortalece para o futuro espiritual. Observai que Deus soube levar em conta as minhas preces e a minha crença absoluta nele; estou certo sobre o caminho da perfeição, e chegarei ao objetivo que me foi permitido entrever. Oraí, meus amigos, por este mundo invisível que preside vossos destinos; essa troca fraternal é a caridade; é uma alavanca poderosa que põe em comunicação os espíritos de todos os mundos.

P. Quereis dirigir algumas palavras à vossa mulher e aos vossos filhos?

R. Peço a todos os meus para crerem em Deus poderoso, justo, imutável; na prece que consola e alivia; na caridade que é o ato mais puro da encarnação humana. Peço que se lembrem de que se pode dar pouco: o óbolo do pobre é o mais meritório diante de Deus, que sabe que um pobre dá muito, mesmo dando pouco; é preciso que o rico dê muito e freqüentemente para merecer tanto quanto o pobre. O futuro é a caridade, a benevolência em todas as ações; é crer que todos os espíritos são irmãos, não se prevalecendo nunca de todas as vaidades pueris.

Família bem-amada, tereis rudes provas, mas sabei aceitá-las corajosamente, refletindo que Deus as vê.

Dizei freqüentemente esta prece:

Deus de amor e de bondade, que tudo nos dá e sempre, concedei-nos essa força que não recua diante de nenhuma aflição; tornai-nos bons, mansos e caridosos, pequenos pela fortuna, grandes pelo coração. Que nosso espírito seja espírita na Terra para melhor vos compreender e vos amar.

Que vosso nome, ó meu Deus!, emblema de liberdade, seja o objetivo consolador de todos os oprimidos, de todos aqueles que têm necessidade de amar, de perdoar e de crer.

Cardan”

— ERIC STANISLAS —

Comunicação espontânea; Sociedade de Paris, agosto de 1863.

“Quanta felicidade nos proporcionam as emoções vivamente sentidas pelos corações calorosos! Ó afetuosos pensamentos que vindes abrir uma estrada de salvação a todo aquele que vive, a todo aquele que respira material e espiritualmente!, que o vosso bálsamo não deixe de se espalhar em grandes ondas sobre vós e sobre nós! Que expressões escolher para traduzir a felicidade que experimentam os vossos irmãos de além-túmulo na contemplação do amor puro que une todos vós?

Ah! irmãos, quanto bem por toda parte, quantos sentimentos afetuosos, elevados e simples como vós, como a vossa doutrina; sois chamados a semear sobre a longa estrada que ainda tendes para percorrer; mas, também, quanto isso tudo vos será restituído mesmo antes do momento em que tereis esse direito!

Assisti a tudo nesta noite; escutei, percebi, compreendi, e também vou poder, por minha vez, cumprir o meu dever e instruir a classe dos espíritos imperfeitos.

Escutai: eu estava longe de ser feliz; mergulhado na imensidão, no infinito, meus sofrimentos eram tão mais intensos que eu não podia deles fazer um cálculo exato. Bendito seja Deus, que me permitiu vir a um santuário que os maus não podem transpor impunemente. Amigos, quanto vos sou reconhecido, quantas forças adquiri entre vós!

Ó homens de bem! reuni-vos freqüentemente, ensinaí, porque não saberíeis prever quantos frutos produzem todas as reuniões sérias que tendes entre vós; os espíritos que ainda têm muitas coisas para aprender, aqueles que ficam voluntariamente inativos, preguiçosos e esquecidos dos seus deveres podem se encontrar entre vós, seja por uma circunstância fortuita, seja de outro modo; impressionados vivamente por um choque terrível, eles podem, e é o que acontece muitas vezes, inclinar-se sobre si mesmos, reconhecer-se, entrever o objetivo a atingir, e, fortalecidos pelos exemplos que lhes dais, procurar os meios que podem fazê-los sair do estado doloroso em que se encontram. Com uma imensa felicidade eu me faço o intérprete das almas sofredoras, porque é a homens de bons sentimentos que eu me dirijo, certo de não ser repellido.

Aceitai, portanto, ainda uma vez, ó homens generosos!, a manifestação do meu agradecimento particular e o de todos os nossos amigos a quem fizestes, talvez sem o suspeitar, tanto bem.

Eric Stanislas”

O guia do médium:

“Meus filhos, é um espírito que foi muito infeliz, porque esteve muito tempo desencaminhado. Agora ele compreendeu seus erros, arrependeu-se e finalmente voltou seus olhos para Deus, que ele havia desconhecido; sua situação não é de felicidade, mas ele a deseja ardentemente e não sofre mais. Deus lhe permitiu vir escutar, e depois ir a uma esfera inferior instruir e fazer avançar os espíritos que, como ele, deixaram de cumprir as leis divinas; é a reparação que lhe é pedida. Para o futuro conquistará a felicidade, porque ele tem essa vontade.”

— SENHORA ANNA BELLEVILLE —

Jovem mulher morta aos trinta e cinco anos, após uma longa e cruel doença. Ativa, espirituosa, dotada de uma rara inteligência, de uma grande retidão de julgamento e de eminentes qualidades morais; esposa e mãe de família devotada, possuía, além disso, uma força de caráter pouco comum e um espírito fecundo em recursos, que jamais a deixava desprevenida nas circunstâncias mais críticas da vida. Sem rancor por aqueles dos quais tinha muito a se queixar, estava sempre pronta a lhes prestar serviço quando a ocasião se apresentava. Intimamente ligada a ela há muitos anos, pudemos seguir todas as fases da sua existência e todas as peripécias do seu fim.

Um acidente motivou a terrível doença que causou a sua morte e que antes a mantivera de cama por três anos, presa aos mais cruéis sofrimentos que ela suportou até o último momento com uma coragem heróica, e durante os quais sua alegria natural não a abandonou. Acreditava firmemente na alma e na vida futura, mas preocupava-se muito pouco com isso; todos os seus pensamentos se dirigiam à vida presente, que ela muito considerava, sem, no entanto, ter medo da morte; sem procurar os prazeres materiais, porque sua vida era muito simples, com facilidade se privava do que não podia obter, porém tinha, instintivamente, uma inclinação especial para o bem e para o belo, que sabia aplicar até nas mais pequenas coisas. Ela queria viver, mais por seus filhos que por si mesma, pois sentia que era necessária a eles; eis por que se agarrava à vida. Conhecia o Espiritismo sem o haver estudado profundamente; interessava-se por ele, porém não chegou a fixar seus pensamentos sobre o futuro; para ela era uma idéia verdadeira, mas que não deixava nenhuma impressão marcante em seu espírito. O que ela fazia de bem era o resultado de um movimento natural, espontâneo, e não motivado pela idéia de uma recompensa ou de penas futuras.

Já há muito tempo seu estado era desesperador e esperava-se vê-la partir de um momento para o outro; ela mesma não tinha mais ilusões. Um dia, em que seu marido estava ausente, sentiu-se desfalecer, e compreendeu que sua hora havia chegado; sua visão estava nublada, a perturbação a invadia, e ela sofria todas as

angústias da separação. No entanto, não queria morrer antes da volta do seu marido. Fazendo sobre si mesma um supremo esforço, ela disse: "Não, eu não quero morrer!" Sentiu, então, a vida renascer, e recuperou o pleno uso das suas faculdades. Quando seu marido voltou, ela lhe disse: "Eu ia morrer, mas quis esperar que estivesse perto de mim, porque ainda tinha várias recomendações a te fazer." A luta entre a vida e a morte prolongou-se assim durante três meses, que foram apenas uma longa e dolorosa agonia.

Evocação, no dia seguinte ao da sua morte.

Meus bons amigos, obrigada pela vossa preocupação comigo; além disso, fostes para mim como bons pais. Pois bem, alegrai-vos, eu sou feliz. Sossegai meu pobre marido e protegei meus filhos. Fui imediatamente para junto deles.

P. Parece que a vossa perturbação não foi longa, pois nos respondeis com lucidez.

R. Meus amigos, sofri tanto, e sabeis que sofri com resignação. Pois bem, minha prova terminou. Não vou dizer que estou completamente desligada, porém, não sofro mais, e isto é para mim um grande alívio. Neste momento estou radicalmente curada, eu vos asseguro, mas tenho necessidade do auxílio das vossas preces, para depois vir trabalhar convosco.

P. Qual pôde ser a causa dos vossos longos sofrimentos?

R. Um passado terrível, meu amigo.

P. Podeis nos dizer qual foi esse passado?

R. Oh! deixai-me esquecê-lo um pouco, eu o paguei tão caro!

Um mês após sua morte.

P. Agora que deveis estar completamente desligada e que vos reconheceis melhor, ficaremos felizes por ter convosco uma conversa mais clara. Poderíeis nos dizer qual foi a causa da vossa longa agonia, visto que ficastes durante três meses entre a vida e a morte?

R. Obrigada, meus bons amigos, pela vossa lembrança e pelas preces bondosas! Quanto elas me foram salutares e quanto contribuíram para o meu desprendimento! Ainda tenho necessidade de ser amparada; continuei a orar por mim. Vós compreendeis o que é a prece, não dizeis fórmulas banais como tantos outros que não percebem o efeito de uma boa prece.

Sofri muito, mas meus sofrimentos são amplamente avaliados, e me é permitido estar muitas vezes junto dos meus queridos filhos que deixei com tanto desgosto!

Eu mesma prolonguei meus sofrimentos; meu ardente desejo de viver para os meus filhos fazia com que me agarrasse, de qualquer forma, à matéria, e, ao contrário dos outros, eu persistia em não abandonar o infeliz corpo, com o qual era preciso romper, e que era para mim o instrumento de tantas torturas. Eis aí a verdadeira causa da minha longa agonia. Minha doença, os sofrimentos que suporrei: expiação do passado, uma dívida a mais que paguei.

Ai de mim, meus bons amigos, se eu vos tivesse ouvido, que imensa mudança haveria em minha vida presente! Que alívio eu teria experimentado em meus últimos instantes, e quanto esta separação teria sido mais fácil se, em lugar de me opor a ela, eu me tivesse deixado levar, com confiança na vontade de Deus, pela corrente que me arrastava! Porém, em vez de dirigir meu olhar para o futuro que me esperava, eu via somente o presente que ia deixar!

Quando retornar à Terra, serei espírita, eu vos asseguro. Que ciência prodigiosa! Assisto às vossas reuniões freqüentemente e às instruções que são dadas a vós. Se eu a pudesse ter compreendido quando estava na Terra, meus sofrimentos teriam sido bem amenizados; porém, a hora não era chegada. Hoje compreendo a bondade de Deus e sua justiça; mas não estou bastante adiantada para não me preocupar mais com as coisas da vida; meus filhos, antes de tudo, ainda me prendem a ela, não mais para mimá-los, mas para velar por eles e esforçar-me para que sigam a estrada que o Espiritismo indica neste momento. Sim, meus bons amigos, ainda tenho grandes preocupações, uma principalmente, porque o futuro dos meus filhos depende dela.

P. Podeis nos dar algumas explicações sobre o passado que lamentais?

R. Ai de mim, meus bons amigos, estou pronta para vos fazer minha confissão. Não dei valor ao sofrimento; vi minha mãe sofrer sem ter piedade dela; eu a chamava de doente imaginária. Por jamais tê-la visto de cama, eu achava que ela não sofria, e ria dos seus lamentos. Eis como Deus pune.

Seis meses após sua morte.

P. Agora que um tempo bastante longo se passou desde que deixastes o vosso invólucro terrestre, podeis nos descrever a vossa situação e as vossas ocupações no mundo dos espíritos?

R. Durante minha vida na Terra, fui o que geralmente se denomina uma boa pessoa, porém, antes de tudo, eu amava o meu bem-estar; compassiva por natureza, não teria sido capaz de um sacrifício penoso para aliviar um infortúnio. Hoje tudo está mudado; eu sou sempre eu, mas o “eu” de antigamente sofreu modificações. Evolui; vejo que não existem classes nem outras condições além do mérito pessoal no mundo dos invisíveis, onde um pobre caridoso e bom está acima do rico orgulhoso que o humilhava ao dar-lhe sua esmola. Cuido especialmente da classe dos que estão atormentados pelas aflições familiares, a perda de parentes ou da fortuna; tenho por missão consolá-los, encorajá-los, e sou feliz por isso.

Anna

Uma importante questão que resulta dos fatos acima, é a seguinte:

Uma pessoa pode, por um esforço da sua vontade, retardar o momento da separação entre a alma e o corpo?

Resposta do Espírito São Luís:

“Essa questão, resolvida de uma forma afirmativa e sem restrição, poderia dar ensejo a falsas conseqüências. Evidentemente, em certas condições, um espírito encarnado pode prolongar a existência corporal para concluir instruções indispensáveis ou que ele acredita que o sejam; isso pode ser-lhe permitido, como no caso do qual se trata aqui, e como em muitos outros exemplos. Esse prolongamento da vida, em todos os casos, só pode ser de curta duração, porquanto não é permitido ao homem intervir na ordem das leis da natureza, nem provocar um retorno real à vida quando esta chegou ao seu final. Trata-se apenas de uma prorrogação momentânea. No entanto, da possibilidade do fato, não convém concluir que ele possa ser comum, nem crer que dependa de cada um prolongar assim a sua existência. Como prova para o espírito, ou se for conveniente para que uma missão seja concluída, os órgãos danificados podem receber um suplemento de fluido vital que lhes permita acrescentar alguns momentos à manifestação material do pensamento; os casos semelhantes são exceções e não a regra. Também não convém ver nesse fato uma derrogação de Deus à imutabilidade de suas leis, mas sim uma conseqüência do livre-arbítrio da alma humana que, no último instante, tem consciência da missão da qual foi encarregada e desejaria, apesar da morte, concluir o que não pôde acabar. Às vezes, também pode ser uma espécie de punição imposta ao espírito que duvida do futuro conceder-lhe um prolongamento de vitalidade com o qual, inevitavelmente, ele sofre.

São Luís”

Poder-se-ia também admirar da rapidez do desligamento desse espírito, levando-se em conta seu apego à vida corporal; porém, é preciso considerar que esse apego não tinha nada de sensual nem de material; possuía mesmo o seu lado moral, já que era motivado pela preocupação com seus filhos de pouca idade. Era, além disso, um espírito avançado em inteligência e moralidade; um grau a mais e estaria entre os espíritos muito felizes. Portanto, não havia, nos laços perispirituais, a tenacidade que resulta da identificação com a matéria; pode-se dizer que a vida, enfraquecida por uma longa enfermidade, estava presa apenas por alguns fios; eram esses fios que ela queria impedir que se rompessem. Entretanto, pela sua resistência, ela foi punida com o prolongamento dos seus sofrimentos ligados à natureza da sua doença e não à dificuldade do desligamento; eis por que, após a libertação, a perturbação durou pouco tempo.

Um fato igualmente importante resulta desta evocação, assim como da maioria das evocações feitas em épocas diversas, ou mais ou menos afastadas da morte, é a mudança que gradualmente se realiza nos pensamentos do espírito, do qual pode-se acompanhar o progresso. Neste espírito, essa mudança se traduz, não por melhores sentimentos, mas por uma apreciação mais correta das coisas. O progresso da alma na vida espiritual é, pois, um fato comprovado pela experiência; a vida corporal é a colocação desse progresso na prática; é a prova das suas resoluções, o cadinho onde se depura.

Desde o momento em que a alma progride após a morte, sua sorte não pode ser irrevogavelmente fixada, porque a fixação definitiva da sorte é, como já dissemos anteriormente, a negação do progresso. As duas coisas não podendo existir simultaneamente, resta aquela que tem a confirmação dos fatos e da razão.



Capítulo IV

Espíritos sofredores

— O CASTIGO —

Exposição geral do estado dos culpados na sua entrada no mundo dos espíritos, ditada à Sociedade Espírita de Paris, em outubro de 1860.

“Os espíritos maus, egoístas e insensíveis ficam, logo depois da morte, entregues a uma dúvida cruel quanto ao seu destino presente e futuro; olham ao redor de si e, inicialmente, não vêem ninguém sobre quem possam fazer valer sua personalidade má, e o desespero se apodera deles, porque o isolamento e a inação são intoleráveis aos maus espíritos. Eles não erguem seus olhares em direção aos lugares habitados pelos espíritos puros; observam o que os cerca e, rapidamente impressionados pelo abatimento dos espíritos fracos e punidos, a eles se agarram como a uma presa, aproveitando-se da lembrança de suas faltas passadas que incessantemente põem em ação por seus gestos zombeteiros. Não lhes sendo suficiente essa zombaria, eles se lançam sobre a Terra como abutres esfomeados e procuram, entre os homens, a alma que mais facilmente dará acesso às suas tentações; agarram-se a ela, exaltam sua ambição, tratam de extinguir sua fé em Deus, e quando, finalmente, são donos de uma consciência e vêem sua presa assegurada, estendem o fatal contágio sobre tudo o que se aproxima da sua vítima.

O espírito mau que põe em prática a sua raiva é quase feliz; ele sofre apenas nos momentos em que não age e também naqueles em que o bem triunfa sobre o mal.

Os séculos, no entanto, vão passando; o espírito mau, de repente, sente as trevas envolvê-lo; seu círculo de ação se estreita; sua consciência, muda até então, o faz sentir as pontas afiadas do arrependimento. Inativo, levado pelo turbilhão, ele vagueia, sentindo, como dizem as *Escrituras*, os pêlos sobre sua carne se arripiarem de terror;¹⁶¹ logo um grande vazio se faz nele, ao redor dele; o momento é chegado, ele deve expiar; a reencarnação está lá, ameaçadora; ele vê, como em uma miragem, as provas terríveis que o esperam; gostaria de recuar, mas avança, e, precipitado no imenso abismo da vida, ele rola, assustado, até que o véu da ignorância recaia sobre seus olhos. Ele vive, age, é de novo culpado; sente nele não sei qual lembrança inquietante, quais pressentimentos que o fazem tremer, mas não o fazem recuar no caminho do mal. Ao final das forças e dos crimes, ele vai

¹⁶¹ *Salmos*, CXIX: 120. (N.T.)

morrer. Estendido sobre um catre, ou sobre seu leito, que importa? O homem culpado sente, sob sua aparente imobilidade, agitar-se e viver um mundo de sensações esquecidas. Sob suas pálpebras fechadas ele vê surgir uma claridade, ouve sons estranhos; sua alma que vai deixar seu corpo agita-se impaciente, enquanto suas mãos crispadas tentam agarrar-se à mortalha; ele queria falar, queria gritar para aqueles que o cercam: "Retenham-me! Eu vejo o castigo!" Mas não pode fazê-lo, a morte se fixa sobre seus lábios lívidos, e os assistentes dizem: "Ei-lo em paz!"

No entanto, ele ouve tudo, flutua em torno do seu corpo que não queria abandonar; uma força secreta o atrai; ele vê, reconhece o que já viu. Desvairado, lança-se no espaço onde gostaria de se esconder. Nenhum lugar para se refugiar! Nenhuma tranquilidade! Outros espíritos lhe devolvem o mal que ele fez e, castigado, ridicularizado, confuso, por sua vez ele vagueia, e vagueará até que a divina claridade penetre a insensibilidade do seu coração e o esclareça, para mostrar-lhe o Deus vingador, o Deus triunfante de todo o mal, e que ele só poderá apaziguar a poder de gemidos e de expiações.

Georges”

Nunca foi traçado quadro mais eloqüente, mais terrível e mais verdadeiro da sorte do mau; portanto, é necessário recorrer à fantasmagoria das chamas e das torturas físicas?

— NOVEL —

O espírito dirige-se ao médium, que o conhecera em vida:

“Vou te contar o que sofri quando morri. Meu espírito, preso ao meu corpo por laços materiais, teve grande dificuldade para desligar-se dele, o que foi uma primeira e rude angústia. A vida que eu havia deixado com vinte e quatro anos era ainda tão forte em mim que eu não acreditava que a perdera. Procurava meu corpo, e estava espantado e horrorizado ao me ver perdido no meio dessa multidão de sombras. Enfim, o conhecimento do meu estado, a revelação das faltas que cometera em todas as minhas encarnações, de repente, encheram-me de terror; uma luz implacável iluminou as mais secretas e íntimas partes da minha alma, que se senti desnuda e depois tomada por uma vergonha opressiva.

Procurava livrar-me de tudo isso interessando-me pelos objetos novos, e no entanto conhecidos, que me cercavam. Os espíritos resplandecentes, fluando no espaço, davam-me a idéia de uma felicidade à qual eu não podia aspirar; formas sombrias e desoladas, umas mergulhadas em um triste desespero, outras irônicas ou furiosas, deslizavam ao meu redor e sobre a Terra à qual eu continuava ligado. Eu via os humanos, dos quais invejava a ignorância, moverem-se em todos os sentidos; toda uma ordem de sensações desconhecidas, ou reencontradas me invadiam ao mesmo tempo.

Arrastado como se o fosse por uma força irresistível, buscando fugir dessa dor obstinada, eu transpunha as distâncias, os elementos, os obstáculos materiais, sem que as belezas da natureza nem os esplendores celestes pudessem atenuar, por um instante, o dilaceramento da minha consciência ou o pavor que me causava a revelação da eternidade.

Um mortal pode pressentir as torturas materiais pelos arrepios da carne, porém, suas frágeis dores, amenizadas pela esperança, diminuídas pelas distrações, mortas pelo esquecimento, não poderão jamais fazer com que compreenda as angústias de uma alma que sofre sem interrupção, sem esperança, sem se arrepende.

Passsei um tempo do qual não posso avaliar a duração, invejando os eleitos de quem eu entrevia o esplendor, detestando os maus espíritos que me perseguiram com suas zombarias, desprezando os humanos dos quais eu via o procedimento indigno, passando de um profundo abatimento a uma revolta insensata.

Enfim, tu me chamaste, e pela primeira vez um sentimento suave e terno me apaziguou; ouvi os ensinamentos que os teus guias te dão; a verdade me penetrou, eu roguei, e Deus me ouviu; ele se revelou a mim pela sua clemência, como se revelara por sua justiça.

Novel^o

— AUGUSTE MICHEL —

Havre, março de 1863.

Era um jovem rico, boêmio, desfrutando larga e exclusivamente da vida material. Embora fosse inteligente, o desinteresse pelas coisas sérias era a base do seu caráter. Sem maldade, antes bom do que mau, era estimado por seus companheiros de prazer, e procurado na alta sociedade por suas qualidades de homem do mundo; sem haver praticado o mal, não fizera o bem. Morreu por causa de uma queda da carruagem em que passeava. Evocado alguns dias após sua morte, por um médium que o conhecia indiretamente, deu sucessivamente as seguintes comunicações:

8 de março de 1863. “Estou apenas desligado do meu corpo, e dificilmente posso vos falar. A terrível queda que fez o meu corpo morrer deixou o meu espírito em uma grande perturbação. Estou preocupado com o que vou ser, e essa incerteza é cruel. O horrível sofrimento que meu corpo experimentou não é nada em relação à perturbação em que me encontro. Orai para que Deus me perdoe. Oh! que dor! Oh! graças, meu Deus! Que dor! Adeus.”

18 de março. “Já vim até vós, mas só pude vos falar com muita dificuldade. Ainda neste momento é com grande esforço que posso me comunicar convosco. Sois o único médium a quem posso pedir preces para que a bondade de Deus me faça sair da perturbação em que me encontro. Por que sofrer ainda quando meu corpo não sofre mais? Por que esta dor atroz, esta terrível angústia persistem sempre? Orai, oh! orai, para que Deus me conceda o repouso... Oh! que cruel incerteza! Ainda estou ligado ao meu corpo. Só dificilmente posso ver em que lugar devo estar; meu corpo está lá, e por que estou sempre lá? Vinde orar sobre ele para que eu me liberte desse laço cruel. Espero que Deus queira me perdoar. Vejo os espíritos que estão perto de vós, e por eles posso vos falar. Orai por mim.”

6 de abril. “Sou eu que venho vos pedir que oreis por mim. Seria preciso ir ao lugar em que jaz meu corpo, rogar ao Todo-Poderoso para amenizar meus sofrimentos. Eu sofro! Oh! eu sofro! Ide a esse lugar, é preciso, e dirigi uma prece ao

Senhor para que ele me conceda o perdão. Vejo que poderia estar mais tranqüilo, porém, volto incessantemente ao lugar em que colocaram o que eu fui.”

O médium, não compreendendo a insistência do espírito que lhe solicitava ir orar sobre seu túmulo, havia se desculpado de fazê-lo. No entanto, mais tarde ele foi àquele local e ali recebeu a comunicação a seguir:

11 de maio. “Eu vos aguardava. Esperava o momento em que viríeis ao lugar em que meu espírito parece ligado ao seu invólucro, implorar ao Deus de misericórdia para que sua bondade alivie meus sofrimentos. Por vossas preces, podeis me fazer o bem, não desanimeis, eu vos suplico! Vejo quanto minha vida foi contrária ao que devia ter sido; vejo os erros que cometi. Fui um ser inútil no mundo; não fiz nenhum bom emprego das minhas faculdades; minha fortuna só serviu para satisfazer minhas paixões, meus gostos de luxo e minha vaidade; pensei apenas nos prazeres do corpo e não na minha alma. A misericórdia de Deus descerá sobre mim, pobre espírito que ainda sofre pelas minhas faltas terrestres? Rogai para que ele me perdoe, e eu fique livre das dores que sinto agora. Eu vos agradeço por terdes vindo orar por mim.”

8 de junho. “Posso vos falar, e agradeço a Deus por permitir que isso aconteça. Vi minhas faltas, e espero que Deus me perdoe. Conduzi sempre vossa vida de acordo com a crença que vos anima, porque ela vos reserva para mais tarde um repouso que eu não tenho ainda. Obrigado pelas vossas preces. Adeus”

30 de julho. “Atualmente estou menos infeliz, porque não sinto mais a corrente que me prendia ao meu corpo; enfim, estou livre, mas não cumpri a expiação; é preciso que eu recupere o tempo perdido, se não quiser ver meus sofrimentos serem prolongados. Deus, eu espero, verá o meu arrependimento sincero e terá a bondade de me conceder seu perdão. Orai ainda por mim, eu vos suplico.”¹⁶²

A insistência do espírito para que se fosse orar junto ao seu túmulo é uma particularidade notável, mas que tem sua razão de ser se considerarmos quanto eram persistentes os laços que o prendiam ao seu corpo, e quanto a separação era longa e difícil em consequência da materialidade da sua existência. Compreende-se que, estando próximo do corpo, a prece podia exercer uma espécie de ação magnética mais poderosa para ajudar no desligamento. O uso quase geral de orar junto aos corpos dos que morreram, não viria da intuição inconsciente que se tem desse efeito? A eficácia da prece, nesse caso, teria um resultado ao mesmo tempo moral e material.

— LAMENTAÇÕES DE UM BOÊMIO —

Bordeaux, 19 de fevereiro de 1862.

“Homens, meus irmãos, vivi apenas para mim; hoje expio por isso, e sofro! Que Deus vos conceda a graça de evitar os espinhos em que me dilacero. Caminha na estrada larga do Senhor e orai por mim, porque abusei dos bens que Deus empresta às suas criaturas.

¹⁶² Por um engano, esta comunicação de Auguste Michel, do dia 30 de julho de 1863, aparece na 4ª edição como o primeiro parágrafo da comunicação “Lamentações de um boêmio”, recebida no dia 19 de fevereiro de 1862. Na 1ª edição a seqüência das comunicações de Auguste Michel está completa e correta. (N.T.)

Aquele que submete aos instintos brutais a inteligência e os bons sentimentos que Deus lhe concedeu, assemelha-se ao animal que ele muitas vezes maltrata. O homem deve usar com sobriedade os bens de que é depositário; deve habituar-se a viver tendo em vista a eternidade que o espera e, por conseqüência, desligar-se dos prazeres materiais. Sua alimentação não deve ter outro objetivo que sua vitalidade; seu luxo deve se subordinar às necessidades exatas da sua posição; seus gostos, e mesmo seus pendores naturais, devem ser regidos pela mais fria razão, sem o que ele se materializa em lugar de se depurar. As paixões humanas são um laço apertado que se enterra nas carnes, portanto, não o aperteis mais. Vivei, mas não sejais boêmios. Não sabeis o quanto isso custa quando se retorna à pátria! As paixões terrestres vos desnudam antes de vos deixarem, e chegais nus ao Senhor, inteiramente nus. Ah! cobri-vos de boas obras; elas vos ajudarão a atravessar o espaço que vos separa da eternidade. Manto brilhante, elas esconderão vossas torpezas humanas. Envolvei-vos de caridade e de amor, vestimentas divinas que nada consegue tirar.”

Esclarecimento do guia do médium: “Esse espírito está em um bom caminho, porquanto ao arrependimento ele acrescenta conselhos para nos prevenirmos contra os perigos do caminho que ele seguiu. Reconhecer seus erros já é um mérito, e um verdadeiro passo em direção ao bem; eis por que sua situação, sem ser feliz, não é mais aquela de um espírito sofredor. Ele se arrepende, resta-lhe a reparação que realizará em uma outra existência de provas. Mas, antes dele chegar lá, sabeis qual é a situação desses homens com a vida toda sensual que não deram ao seu espírito outra atividade que a de inventar incessantemente novos prazeres? A influência da matéria os segue além do túmulo, e a morte não põe um fim aos seus apetites que sua visão, tão limitada quanto na Terra, procura, inutilmente, os meios de satisfazer. Não tendo jamais procurado o alimento espiritual, sua alma vaga no vazio, sem objetivo, sem esperança, presa à ansiedade do homem que tem diante dele apenas a perspectiva de um deserto sem limites. A nulidade das suas ocupações intelectuais durante a vida do corpo provoca naturalmente a nulidade do trabalho do espírito após a morte; não podendo mais satisfazer o corpo, não lhe resta nada para satisfazer o espírito; daí um tédio mortal do qual não conseguem prever o término e ao qual eles prefeririam o nada; mas o nada não existe. Eles puderam matar o corpo, porém não podem matar o espírito; é preciso, portanto, que vivam nessas torturas morais até que, vencidos pelo cansaço, se decidam a lançar um olhar em direção a Deus.”

— LISBETH —

Bordeaux, 13 de fevereiro de 1862.

Um espírito sofredor se inscreve sob o nome de Lisbeth.

1. Quereis dar alguns detalhes sobre a vossa posição e a causa dos vossos sofrimentos?

R. Sê humilde de coração, submisso à vontade de Deus, paciente nas provas, caridoso com o pobre, encorajador para o fraco, sensível a todos os sofrimentos, e não sofrerás as torturas que eu suporto.

2. Se as faltas opostas às qualidades que assinalastes vos dominaram, pareceis lamentar esse fato. Vosso arrependimento deve vos aliviar?

R. Não; o arrependimento é infrutífero quando não é consequência do sofrimento. O arrependimento produtivo é aquele que tem por base o desgosto de haver ofendido a Deus, e o ardente desejo de reparação. Infelizmente, ainda não cheguei a esse ponto. Recomendai-me às preces de todos aqueles que se consagram aos sofrimentos, delas eu tenho necessidade.

Isso é uma grande verdade, o sofrimento, às vezes, arranca um grito de arrependimento, mas que não é a expressão sincera do remorso de haver feito o mal, porque se o espírito não sofresse mais, ele estaria pronto para recomeçar. Eis por que o arrependimento não ocasiona sempre a liberdade imediata do espírito, ele dispõe a isso, eis tudo; mas é necessário ao espírito provar a sinceridade e a solidez de suas resoluções por novas provas que são a reparação do mal que ele fez. Se meditarmos com cuidado todos os exemplos que citamos, encontraremos nas palavras, mesmo nas dos espíritos mais inferiores, importantes assuntos de instrução, porque elas nos iniciam nos detalhes mais íntimos da vida espiritual. Enquanto o homem superficial veria nesses exemplos apenas narrativas mais ou menos pitorescas, o homem sério e ponderado neles encontrará uma fonte abundante de estudos.

3. Farei o que desejardes. Quereis me dar alguns detalhes sobre a vossa última existência? Deles poderá resultar um ensinamento útil para nós, e assim tornareis produtivo o vosso arrependimento.

(O espírito apresentou uma grande indecisão para responder a esta pergunta e a algumas das seguintes.)

R. Nasci em uma condição elevada. Tinha tudo o que os homens encaram como a fonte da felicidade. Rica, fui egoísta; bela, fui vaidosa, indiferente e enganadora; nobre, fui ambiciosa. Humilhei com o meu poder aqueles que não se prosternavam bastante diante de mim, e ainda humilhava aqueles que se achavam sob os meus pés, sem pensar que a cólera do Senhor também esmaga, cedo ou tarde, as fronteiras mais elevadas.

4. Em que época vivestes?

R. Há cento e cinquenta anos, na Prússia.¹⁶³

5. Durante esse tempo não fizestes nenhum progresso como espírito?

R. Não; a matéria sempre se revoltava. Não podes compreender a influência que ela ainda exerce, apesar da separação entre o corpo e o espírito. O orgulho, tu vês, vos enlaça em cadeias de bronze cujos anéis se apertam mais e mais em torno do miserável que lhe abandona seu coração. O orgulho!... essa hidra¹⁶⁴ de cem cabeças sempre renascentes, que sabe modular seus assobios envenenados de tal maneira que os supomos uma música celeste! O orgulho, esse demônio múltiplo que se submete a todas as aberrações do vosso espírito, que se esconde nas

¹⁶³ **Prússia:** antigo Estado livre da Confederação da Alemanha do Norte; teve a cidade de Berlim como sua capital. (N.T.)

¹⁶⁴ **Hidra:** (mitologia grega) chamada *Hidra de Lerna*, serpente de sete cabeças, do pântano de Lerna, na Argólida, região montanhosa da antiga Grécia. Suas cabeças renasciam se não fossem cortadas de uma só vez. Matá-la foi um dos doze trabalhos de Hércules, semideus romano, filho de Júpiter e Alcmena. (N.T.)

dobras do vosso coração, penetra em vossas veias, vos envolve, vos absorve e vos arrasta para as trevas da geena¹⁶⁵ eterna!... sim, eterna!

O espírito diz que não fez nenhum progresso, certamente porque sua situação é sempre penosa; mas a maneira como ele descreve o orgulho e lastima as suas conseqüências é, incontestavelmente, um progresso, porque quando estava vivo, ou pouco depois de sua morte, certamente não pôde raciocinar assim. Ele compreende o mal, e isto já é alguma coisa; a coragem e a vontade de evitá-lo virão em seguida.

6. Deus é muito bom para condenar suas criaturas a penas eternas; confia em sua misericórdia.

R. Dizem que pode existir um fim, mas onde? Eu o procuro há muito tempo e vejo apenas sofrimento, sempre! sempre! sempre!

7. Como viestes hoje aqui?

R. Um espírito que me segue freqüentemente aqui me conduziu.

8. E desde quando vedes esse espírito?

R. Não há muito tempo.

9. E desde quando percebestes as faltas que cometestes?

R. (Após uma longa reflexão.) Sim... tu tens razão, foi quando o vi.

10. Não compreendeis agora a relação que existe entre o vosso arrependimento e a ajuda evidente que vos presta vosso espírito protetor? Vede como origem desse apoio o amor de Deus, e como propósito seu perdão e sua misericórdia infinita.

R. Oh! quanto eu o queria!

11. Creio poder prometé-lo a vós, no sagrado nome daquele que nunca foi surdo à voz dos seus filhos em angústia. Apelai do fundo do vosso arrependimento, ele vos ouvirá.

R. Eu não posso, tenho medo.

12. Peçamos juntos, ele nos ouvirá.

(Depois da prece.)

13. Ainda estais aí?

R. Sim, obrigada! Não me esqueças.

14. Vinde aqui vos inscrever todos os dias.

R. Sim, sim, eu voltarei sempre.

O guia da médium: "Nunca esqueças os ensinamentos que retiras dos sofrimentos dos teus protegidos, e principalmente das causas desses sofrimentos, e que eles sirvam, a todos vós, de exemplo para vos preservar dos mesmos perigos e

¹⁶⁵ **Geena:** inferno, na linguagem bíblica. Lugar, perto de Jerusalém, onde existia um templo em que se faziam cruéis sacrifícios humanos. (N.T.)

das mesmas punições. Purificai vossos corações, sede humildes, amai-vos, ajudai-vos, e que vosso coração agradecido não esqueça jamais a fonte de todas as graças, fonte inesgotável onde cada um de nós pode beber com abundância; fonte de água viva que, ao mesmo tempo, tira a sede e alimenta; fonte de vida e de felicidade eternas. Ide até ela, meus bem-amados; bebei com fé, lançai nela as vossas redes, e elas sairão dessas ondas carregadas de bênçãos, comunicai isso aos vossos irmãos, prevenindo-os dos perigos que podem encontrar. Espalhai as bênçãos do Senhor; elas renascem incessantemente; quanto mais as derramardes em torno de vós, mais essas bênçãos se multiplicarão. Vós as tendes em vossas mãos, porque dizendo aos vossos irmãos: 'lá estão os perigos, lá estão os obstáculos, acompanhai-nos para evitá-los, imitai-nos, a nós que vos damos o exemplo', vós espalhai as bênçãos do Senhor sobre aqueles que vos escutam.

Benditos sejam vossos esforços, meus bem-amados. O Senhor ama os corações puros; mereci o seu amor.

Saint Paulin”

— PRÍNCIPE OURAN —

Bordeaux, 1862.

Um espírito sofredor se apresenta sob o nome de Ouran, anteriormente príncipe russo.

P. Quereis dar alguns detalhes sobre a vossa situação?

R. Oh! bem-aventurados os humildes de coração, o reino dos céus lhes pertence! Roguem por mim. Bem-aventurados são aqueles que, humildes de coração, escolhem uma posição modesta para passar suas provas. Não sabeis, todos vós, que a inveja consome, a que estado está reduzido um daqueles a quem chamais os felizes da Terra; não sabeis a angústia e a confusão que eles acumulam em sua cabeça; não sabeis os sacrifícios que a riqueza impõe quando queremos dela tirar vantagem para a salvação eterna! Que o Senhor me permita, a mim, o orgulhoso déspota, vir expiar, entre aqueles que aniquilei com a minha tirania, os crimes que o orgulho me fez cometer. Orgulho!... Repitam esta palavra incessantemente para jamais esquecerem que ela é a fonte de todos os sofrimentos que nos abatem. Sim, abusei do poder e do benefício de que eu desfrutava; fui rigoroso, cruel com os meus inferiores que deviam se submeter a todos os meus caprichos, satisfazer a todas as minhas depravações. Tinha desejado para mim a nobreza, as honras, a fortuna, e sucumbi sob o peso que assumi acima de minhas forças.

Os espíritos que fracassam, geralmente são levados a dizer que tinham uma carga superior às suas forças; é um meio de se desculparem diante de si mesmos, e ainda um resto de orgulho; eles não aceitam ter fracassado por sua culpa. Deus, porém, não dá a ninguém além do que se pode suportar; não pede a ninguém mais do que se pode dar; não exige que a árvore ainda em desenvolvimento carregue os frutos daquela que já cresceu inteiramente. Deus dá aos espíritos a liberdade, o que lhes falta é a vontade, e a vontade depende somente deles; com a vontade não há tendências viciosas que não se possam vencer; porém, quando o espírito sente prazer em uma tendência, é natural que não faça esforços para vencê-la. Convém, portanto, atribuir apenas a si as conseqüências que disso resultem.

P. Tendes consciência das vossas faltas, já é um primeiro passo para melhorar.

R. Essa consciência ainda é um sofrimento. Para muitos espíritos, o sofrimento é um efeito quase material, porque, apegados ainda à humanidade da sua última existência, não percebem as sensações morais. Meu espírito se desligou da matéria, e o sentimento moral foi aumentado de tudo o que as cruéis sensações físicas tinham de horrível.

P. Conseguis entrever um fim para os vossos sofrimentos?

R. Sei que não serão eternos, mais ainda não entrevejo o seu fim; é preciso que antes eu recomece a prova.

P. Esperais recomeçar logo?

R. Ainda não sei.

P. Tendes lembrança dos vossos antecedentes? Eu o pergunto tendo como objetivo um ensino.

R. Sim, teus guias, que sabem o que te convém, estão aí. Vivi no tempo de Marco Aurélio.¹⁶⁶ Lá, ainda poderoso, logo cedi ao orgulho, causa de todas as quedas. Após vaguear durante séculos, quis experimentar uma vida obscura. Estudante pobre, mendiguei meu pão, mas o orgulho sempre estava lá; o espírito havia adquirido em conhecimentos, mas não em virtude. Sábio e ambicioso, vendi minha alma aos que mais oferecessem, servindo a todas as vinganças, a todos os ódios. Eu me sentia culpado, mas a sede de honras, de riquezas, sufocava os gritos da minha consciência. A expiação ainda foi longa e cruel. Enfim, eu quis, na minha última encarnação, recomeçar uma vida de luxo e de poder; pensando dominar os obstáculos, não dei atenção aos avisos, orgulho que ainda me levou a antes confiar no meu próprio julgamento, que naquele dos amigos protetores que não cessam de velar por nós; tu sabes o resultado dessa última tentativa.

Hoje, finalmente, compreendo e confio na misericórdia do Senhor. Ponho aos seus pés meu orgulho vencido e peço-lhe carregar meus ombros com o seu mais pesado fardo de humildade; ajudado por sua graça, seu peso me parecerá leve. Oraí comigo e por mim; orai também para que esse demônio de fogo não devore em vós os instintos que vos elevam para Deus. Irmãos em sofrimento, que meu exemplo vos sirva, e não esquecei jamais que o orgulho é o maior inimigo da felicidade, porque dele derivam todos os males que atacam a humanidade e a perseguem até nas regiões celestes.

O guia do médium:

“Tu concebeste dúvidas sobre este espírito, porque sua linguagem não te pareceu de acordo com seu estado de sofrimento que acusa sua inferioridade. Não tenhas receio; recebeste uma instrução séria; por mais sofredor que este espírito seja, ele é bastante elevado em inteligência para falar como o fez. Falta-lhe apenas

¹⁶⁶ **Marco Aurélio:** nasceu em Roma no ano 121 d.C. e morreu em Vindobona, atual Viena, em 180; imperador romano no período de 161 a 180. Autor de *Para si mesmo*, pensamentos escritos em grego. (N.T.)

humildade sem a qual nenhum espírito pode chegar até Deus. Essa humildade, ele a adquire agora, e nós esperamos que, com perseverança, sairá triunfante de uma nova prova.

Nosso Pai celeste é pleno de justiça em sua sabedoria; ele leva em conta os esforços que o homem faz para domar os seus maus instintos. Cada vitória alcançada sobre vós mesmos é um degrau vencido dessa escada da qual uma extremidade se apóia sobre vossa Terra e a outra se detém aos pés do juiz supremo. Portanto, subi esses degraus arduamente; eles são fáceis de escalar para aqueles que têm a vontade forte. Olhai sempre para o alto, para vos encorajardes, porque infeliz daquele que se detém e volta a cabeça para trás! É então atingido pela fascinação; o vazio que o cerca o espanta; ele se acha sem forças e diz: “Para que desejar avançar ainda, se fiz tão pouco do caminho?” Não, meus amigos, não olheis para trás. O orgulho está incorporado no homem, pois bem, empregai esse orgulho para vos dar força e coragem para terminar a vossa ascensão. Empregai-o para dominar vossas fraquezas, e alcançardes o alto da montanha eterna.”

— PASCAL LAVIC —

Havre, 9 de agosto de 1863.

Este espírito veio comunicar-se espontaneamente sem que o médium o tivesse conhecido, quando vivo, mesmo de nome.

“Creio na bondade de Deus que aceitará, por misericórdia, o meu pobre espírito. Eu sofri, sofri muito, e meu corpo morreu no mar. Meu espírito esteve sempre ligado ao corpo e durante muito tempo permaneceu errante sobre as ondas. Deus...”

(A comunicação foi interrompida; no dia seguinte, o espírito continuou.)

“... teve a bondade de permitir que as preces daqueles que eu deixei na Terra me tirassem do estado de perturbação e de incerteza em que meu espírito estava mergulhado. Eles me aguardaram durante muito tempo e puderam encontrar o meu corpo; agora ele repousa, e meu espírito, desligado, com desgosto vê as faltas cometidas. Consumada a prova, Deus julga com justiça e a sua bondade se estende sobre os arrependidos.

Se, durante muito tempo, meu espírito ficou errante com o meu corpo é porque tinha que sofrer as conseqüências dos seus erros. Segui o caminho reto, se desejais que Deus retire rapidamente vosso espírito do seu envoltório. Vivei no amor de Deus; orai, e a morte, tão horrível para tantos, será suave para vós pois sabeis a vida que vos espera. Eu sucumbi no mar, e por muito tempo me esperaram. Não poder me desligar do meu corpo era para mim uma prova terrível, eis por que tenho necessidade das vossas preces, de vós que entrastes na crença que salva, de vós que podeis rogar por mim ao Deus justo. Eu me arrependo e espero que ele se digne me perdoar. Foi no dia 6 de agosto que meu corpo foi encontrado; eu era um pobre marinheiro, e morri há muito tempo. Orai por mim.

Pascal Lavic”

P. Onde fostes encontrado?

R. Perto de vós.

O *Jornal do Havre*, de 11 de agosto de 1863, continha o seguinte artigo, do qual o médium não podia ter conhecimento:

“Anunciamos que foi encontrado, no dia 6 deste mês, um resto de cadáver enalhado entre Bléville e La Hève. A cabeça, os braços e o busto foram arrancados; entretanto sua identidade pôde ser constatada pelos sapatos ainda presos aos pés. Reconheceu-se assim que era o corpo do pescador Lavic, que morreu no dia 11 de dezembro a bordo do barco l'Alerte, arrebataado, diante de Trouville, por uma grande onda. Lavic tinha 49 anos e nasceu em Calais. Foi a viúva do defunto que constatou a sua identidade.”

No dia 12 de agosto, como se falasse desse acontecimento no Centro onde esse espírito havia se manifestado pela primeira vez, ele se comunicou de novo, espontaneamente:

“Sou realmente Pascal Lavic, e tenho necessidade das vossas preces. Podeis me fazer o bem, porque a prova que sofri foi terrível. A separação entre meu corpo e meu espírito só se realizou quando reconheci minhas faltas, e depois não se desligava dele inteiramente, ele o seguia sobre o mar que o havia engolido. Rogai, pois, a Deus para me perdoar, pedi que ele me dê o repouso. Pedi, eu vos suplico. Que este terrível fim de uma existência terrestre infeliz seja para vós um ensinamento bem grande. Deveis pensar na vida futura e não deixar de pedir a Deus a sua misericórdia. Orai por mim; preciso que Deus tenha piedade de mim.

Pascal Lavic”

— FERDINAND BERTIN —¹⁶⁷

Um médium, habitante do Havre, evocava o espírito de uma pessoa que lhe era conhecida. Esse espírito responde: “Quero me comunicar, mas não posso vencer o obstáculo que existe entre nós; sou obrigado a deixar esses infelizes que sofrem se aproximaram de vós.” Então, o médium recebe, espontaneamente, a seguinte comunicação:

“Estou em um terrível abismo! Ajudem-me... Ó meu Deus! quem me tirará deste sorvedouro?... Quem estenderá uma caridosa mão ao infeliz que o mar engoliu? A noite é tão negra que eu tenho medo... Por toda a parte o rugido das ondas, e nenhuma palavra amiga para me consolar e ajudar neste momento supremo; pois que esta noite profunda é a morte em todo o seu horror, e eu não quero morrer!... Ó meu Deus! isto não é a morte futura, é a morte passada!... Estou separado para sempre daqueles que amo... Vejo o meu corpo, e o que há alguns instantes eu sofria era apenas a lembrança da terrível angústia da separação... Tende piedade de mim, vós que conheceis meus sofrimentos; rogai por mim, porque não quero tornar a sentir, assim como tem ocorrido desde aquela noite fatal, todos os sofrimentos da agonial

¹⁶⁷ Tanto na 1ª edição francesa (1865) quanto na 4ª (1869) o espírito aparece no início da comunicação com o nome de *Ferdinand Bertin* e no final com o de *François Bertin*. (N.T.)

Essa, porém, é minha punição, eu a pressinto... Oraí... vos suplico!... Oh! o mar... o frio... vou ser engolido... Socorro!... tende piedade! não me empurreis! Nós nos salvaremos melhor com os dois sobre estes destroços!... Oh! eu sufoco!... As ondas vão me engolir, e os meus não terão nem mesmo a triste consolação de me rever. Mas, não!... Vejo que meu corpo não é mais sacudido pelas ondas... As preces de minha mãe serão ouvidas... minha pobre mãe, se ela pudesse imaginar seu filho tão miserável quanto o é na realidade, iria orar mais; porém, ela crê que a causa da minha morte santificou o passado; ela chora por mim como mártir e não como infeliz e castigado. Oh! vós que sabeis, sereis impiedosos? Não... vós rogareis por mim.

François Berlin”

Esse nome, completamente desconhecido do médium, não lhe trazia nenhuma lembrança; ele disse que vinha se manifestar espontaneamente como já lhe acontecera várias vezes. Um pouco mais tarde, o médium soube que se tratava do nome de uma das vítimas de um grande desastre marítimo que havia ocorrido naquelas paragens, no dia 2 de dezembro de 1863. A comunicação se dera no dia 8 do mesmo mês, seis dias após a catástrofe. O indivíduo havia morrido fazendo tentativas inauditas para salvar a tripulação, e no momento em que acreditava que a sua salvação estava assegurada.

Esse homem não tinha com o médium nenhum laço de parentesco nem mesmo o conhecia; então, por que se manifestou a ele em vez de fazê-lo a algum membro de sua família? É que os espíritos não acham em todas as pessoas as condições fluídicas necessárias para esse efeito; aliás, na perturbação em que ele estava, não tinha liberdade de escolha; foi conduzido instintiva e atrativamente para esse médium, dotado, ao que parece, de uma aptidão especial para as comunicações espontâneas desse gênero; certamente ele pressentia que ali também encontraria uma simpatia particular, como outros haviam encontrado em situações semelhantes. Sua família, estranha ao Espiritismo, antipática, talvez, a essa crença, não teria acolhido sua revelação como esse médium podia fazê-lo.

Embora a morte houvesse ocorrido há alguns dias, o espírito ainda sofria todas as suas angústias. É evidente que, de forma alguma, ele se dava conta da sua situação; acreditava que estava vivo, lutando contra as ondas, no entanto fala do seu corpo como se estivesse separado dele; grita por socorro, diz que não quer morrer, e, um instante depois, fala da causa da sua morte que ele reconhece ser um castigo; tudo isso demonstra a confusão de idéias que quase sempre vem após as mortes violentas.

Dois meses mais tarde, no dia 2 de fevereiro de 1864, o espírito comunicou-se, de novo espontaneamente, ao mesmo médium, e lhe ditou o seguinte:

“A piedade que tivestes por meus sofrimentos tão horríveis aliviou-me. Compreendo a esperança, entrevejo o perdão, mas após o castigo da falta cometida. Sofro sempre, e se Deus permite que durante alguns momentos eu entreveja o fim do meu infortúnio, é apenas às preces das almas caridosas, sensibilizadas pela minha situação, que devo esse alívio. Ó esperança, raio celeste, quanto és abençoada quando

te sinto nascer em minha alma!... Mas, pobre de mim! O abismo se abre, o terror e o sofrimento fazem desaparecer essa lembrança da misericórdia... A noite, sempre a noite!... A água, o barulho das ondas que engoliram o meu corpo são apenas uma fraca imagem do horror que cerca meu pobre espírito... Sinto-me mais calmo quando posso estar perto de vós; porque, da mesma forma que um terrível segredo depositado no peito de um amigo alivia aquele que por ele era oprimido, a vossa piedade, motivada pela confiança que fiz da minha miséria, suaviza o meu mal e repousa o meu espírito... Vossas preces me fazem bem, não vos recuseis a orar por mim. Não quero recair nesse terrível sonho que se torna realidade quando eu o vejo... Tomai o lápis mais freqüentemente, comunicar-me convosco me faz tanto bem!"

Alguns dias depois, tendo esse mesmo espírito sido evocado em uma reunião espírita em Paris, foram-lhe dirigidas as perguntas a seguir, às quais ele respondeu por uma só e mesma comunicação, mas por um outro médium:

O que vos levou a vos manifestardes espontaneamente ao primeiro médium com quem vos comunicastes?

Há quanto tempo estáveis morto quando vos manifestastes?

Quando vos comunicastes, parecíeis não saber ao certo se ainda estáveis vivo ou morto, e sofríeis todas as angústias de uma morte terrível; agora compreendeis melhor a vossa situação?

Dissestes positivamente que vossa morte era uma expiação; quereis nos dizer a razão disso? Para nós será uma instrução e para vós, um alívio. Com essa confissão sincera ireis atrair a misericórdia de Deus que solicitaremos por nossas preces.

Resposta:

Parece impossível à primeira vista que uma criatura possa sofrer tão cruelmente. Deus! quanto é doloroso vermo-nos constantemente no meio das ondas em fúria e sentir, sempre, esta amargura, este frio glacial que aumenta, que aperta o estômago!

Mas, para que vos ocupardes sempre com tais espetáculos? Não devo começar por obedecer às leis do reconhecimento, agradecendo a todos vós que tivestes por meus tormentos tanto interesse? Perguntastes se me comuniquei muito tempo após a minha morte. Não posso responder facilmente. Pensai, e julgai em que horrível situação ainda me encontro! No entanto, fui conduzido para junto do médium, creio, por uma vontade independente da minha; e, fato impossível para mim de compreender: eu me servia do braço dele com a mesma facilidade com que me sirvo do vosso agora, convencido de que ele me pertence. Sinto mesmo, neste momento, que é um prazer bem grande, assim como uma ajuda particular que, pobre de mim, bem cedo vai acabar. Porém, ó meu Deus! eu tinha uma confissão a fazer; terei forças para isso?"

Após muitos encorajamentos, o espírito acrescentou:

"Fui muito culpado! o que principalmente me causa desgosto é que se acredita que sou um mártir, e não é nada disso.... Em uma existência anterior, mandei colocarem em um saco várias vítimas e jogá-las no mar... Rogai por mim!"

Esclarecimento de São Luís sobre esta comunicação:

“Esta confissão será motivo de grande alívio para esse espírito. Sim, ele foi muito culpado. Mas a existência que acabou de deixar foi honrosa; foi amado e estimado por seus chefes; é o fruto do seu arrependimento e das boas resoluções que havia tomado antes de retornar à Terra onde quis ser tão humano quanto havia sido cruel. O devotamento do qual deu provas era uma reparação, mas faltava-lhe resgatar faltas passadas por uma última expiação: a da morte cruel que suportou. Ele mesmo quis purificar-se sofrendo as torturas que havia feito sofrer aos outros, e observai que uma idéia o perseguia: o remorso de ver que era considerado um mártir. Acreditai que esse sentimento de humildade será levado em consideração. De hoje em diante, ele deixou a estrada da expiação para entrar na da reabilitação; por vossas preces podeis sustentá-lo e fazer com que nela caminhe com um passo mais firme e mais seguro.”

— FRANÇOIS RIQUEIR —

François Riquier, homem muito comum, era um velho excessivamente apegado ao dinheiro e, solteirão, morreu em C., em 1857, deixando uma fortuna bastante considerável aos seus parentes colaterais. Em tempos passados, fora senhorio de uma inquilina que depois o esqueceu totalmente e até mesmo ignorava se ele ainda estava neste mundo. Em 1862, a filha dessa senhora, que era sujeita a crises de catalepsia seguidas de um sono magnético espontâneo e, além disso, uma boa médium escrevente, viu, em seu sono, o senhor Riquier que, disse ela, queria falar com sua mãe. Alguns dias depois, visto que ele se manifestara espontaneamente e havia demonstrado o desejo de falar àquela senhora, tiveram com ele a seguinte conversa:

P. Que desejais de nós?

R. Meu dinheiro, do qual os miseráveis se apossaram inteiramente para o repartirem! Venderam minhas quintas, minhas casas, tudo, para repartirem entre eles. Dilapidaram os meus bens, como se não me pertencessem mais. Fazei com que me façam justiça porque, a mim, eles não escutam, e eu não quero ver tais infâmias. Dizem que eu era avarento, e guardam meu dinheiro! Por que não me querem devolvê-lo, já que acham que foi mal adquirido?

P. Mas estais morto, meu bom homem, não tendes mais necessidade de dinheiro. Pedí a Deus para ter uma nova existência, pobre, para expiar a avareza desta última.

R. Não, eu não poderia viver pobre. Necessito do meu dinheiro para poder viver. Aliás, não tenho necessidade de outra vida, já que vivo atualmente.

A pergunta seguinte foi feita com o objetivo de trazê-lo à realidade:

P. Vós sofreis?

R. Oh! sim, sofro torturas piores do que a doença mais cruel, porque é minha alma que padece essas torturas. Tenho sempre presente em meu pensamento a

iniquidade de minha vida que, para muitos, foi um motivo de escândalo. Sei bem que sou um miserável indigno de piedade, mas sofro tanto que é preciso que me ajudem a sair desta situação deplorável.

P. Rogaremos por vós.

R. Obrigado. Orai para que eu esqueça minhas riquezas terrestres, sem isso jamais poderei arrepende-me. Adeus e obrigado.

François Rigquier
Rua de la Charité n.º 14

É muito curioso ver esse espírito dar seu endereço, como se ainda estivesse vivo. A senhora, que o ignorava, apressou-se em ir verificar, e ficou muito surpresa ao ver que a casa indicada era justamente a última que ele habitara. Assim, após cinco anos, ele não se acreditava morto e ainda se encontrava na ansiedade — terrível para um avarento — de ver seus bens divididos entre seus herdeiros. A evocação, sem dúvida provocada por um bom espírito, teve como resultado fazê-lo compreender sua situação e dispô-lo ao arrependimento.

— CLAIRE —¹⁶⁸

Sociedade de Paris, 1861.

O espírito que ditou as comunicações a seguir é o de uma mulher que o médium conheceu quando viva, e da qual a conduta e o caráter muito justificam os tormentos que está sofrendo. Ela era dominada principalmente por um excessivo sentimento de egoísmo e de personalidade, que se reflete, na terceira comunicação, por sua pretensão em querer que o médium se ocupe apenas com ela. Essas comunicações foram obtidas em diversas épocas, e as três últimas demonstram um sensível progresso nas disposições do espírito, graças aos cuidados do médium que havia compreendido a sua educação moral.

1. “Eis-me aqui, eu, a infeliz Claire; que desejas que eu te ensine? A resignação e a esperança são apenas palavras para aquele que sabe que, inumeráveis como os seixos da praia, seus sofrimentos vão se prolongar durante a sucessão interminável dos séculos. Eu posso suavizá-los, dizes tu. Que palavras confusas! Onde encontrar a coragem, a esperança para isso? Esforça-te, pois, cérebro limitado, para compreender o que é um dia que não acaba nunca. É um dia, um ano, um século? Que sei eu disso? As horas não o dividem; as estações não o variam; eterno e lento como a água que surge do rochedo, esse dia execrado, esse dia maldito, pesa sobre mim como um relicário de chumbo... Eu sofro!... Nada vejo em torno de mim a não ser sombras silenciosas e indiferentes... Eu sofro!

Eu sei, no entanto, que acima desta miséria reina Deus, o Pai, o Senhor, aquele para o qual tudo se encaminha. Quero pensar nele; quero suplicar-lhe misericórdia.

¹⁶⁸ Encontramos diferenças na comunicação do Espírito Claire entre a 1ª e a 4ª edição de *O Céu e o Inferno*. Parágrafos estão em ordem diferente e há o acréscimo, na 4ª edição, dos três últimos parágrafos deste capítulo IV. (N.T.)

Eu me debato e me arrasto como um estropiado que rasteja ao longo do caminho. Eu não sei que poder me atrai em tua direção; talvez tu sejas a salvação. Eu te deixo um pouco mais calma, um pouco reanimada, como um velho tremendo de frio que um raio de sol aquece; minha alma gelada haure uma nova vida quando se aproxima de ti.”

2. “Minha desgraça cresce a cada dia; cresce à medida que o conhecimento da eternidade se desenvolve em mim. Ó miséria! Quanto vos maldigo, horas culpadas, horas de egoísmo e de esquecimento, quando, desconhecendo toda a caridade, toda a dedicação, eu pensava apenas em meu bem-estar. Sede malditos, acordos humanos, ilusórias preocupações de interesses materiais! Sede malditos, vós que me haveis obscurecido a razão, que me haveis perdido! Estou corroída pelo incessante desgosto do tempo passado. Que te deixei eu, a ti que me escutas? Vigia a ti incessantemente; ama os outros mais que a ti mesmo; não te retardes no caminho do bem-estar; não engordes o teu corpo à custa da tua alma; vigia, como dizia o Salvador aos seus discípulos. Não me agradeças esses conselhos, meu espírito os concebe, meu coração nunca os escudou. Como um cachorro chicoteado, o medo me faz andar de rastos, mas eu ainda não conheço o amor isento de interesses e de preconceitos. Sua divina aurora demora muito a aparecer. Ora por minha alma insensível e miserável!”

3. “Venho te procurar até aqui, porque tu me esqueces. Acreditas que preces isoladas, e o meu nome pronunciado, serão suficientes para o abrandamento da minha pena? Não, cem vezes não! Eu urro de dor; vagueio sem descanso, sem abrigo, sem esperança, sentindo o eterno aguilhão do castigo se aprofundar em minha alma revoltada. Fico rindo quando escuto vossas queixas, quando vos vejo abatidos. Que são vossas fracas misérias! Que são vossas lágrimas! Que são os tormentos que vos tiram o sono? Eu, o que eu durmo? Eu quero, tu entendes? eu quero que, deixando tuas dissertações filosóficas, tu te ocupes de mim; quero que faças com que os outros também cuidem de mim. Não encontro expressões para descrever a angústia desse tempo que se passa sem que as horas lhe marquem os períodos. Se, com dificuldade, vejo um fraco raio de esperança, e esta esperança foste tu que me deste, então não me abandones.”

4. *O Espírito São Luís:*

“Esse quadro é apenas muito verdadeiro, porque de forma alguma foi exagerado. Talvez perguntem o que fez essa mulher para ser tão miserável. Comeceu algum crime horrível? Roubou? Assassinou? Não; ela nada fez que merecesse a justiça dos homens. Ao contrário, divertia-se com o que chamais de felicidade terrestre; beleza, fortuna, prazeres, adulações, tudo lhe sorria, nada lhe faltava; e diziam ao vê-la: “Que mulher feliz!” e invejavam a sua sorte. O que ela fez? Foi egoísta, tinha tudo, menos um bom coração. Se não infringiu a lei dos homens, infringiu a lei de Deus, porque ela ignorou a caridade, a primeira das virtudes. Amou apenas a si mesma, agora não é amada por ninguém; não deu nada, e nada lhe dão; está isolada, desprezada, abandonada, perdida no espaço onde ninguém pensa nela,

ninguém se preocupa com ela: este é o seu suplício. Como procurou apenas os prazeres mundanos, e como hoje esses prazeres não existem mais, o vazio se formou à sua volta; ela só vê o nada, e o nada lhe parece a eternidade. Não sofre torturas físicas; os diabos não vêm atormentá-la, mas isso não é necessário: ela própria se atormenta, e sofre muito mais, porque esses diabos seriam seres que ainda pensariam nela. O egoísmo fez sua alegria na Terra; ele a persegue, é o verme que lhe corrói o coração, é o seu verdadeiro demônio.

São Luís”

5. “Eu vos falarei da importante diferença que existe entre a moral divina e a moral humana. A primeira ajuda a mulher adúltera no seu abandono, e diz aos pecadores: ‘Arrependei-vos, e o reino dos céus vos será aberto.’ Enfim, a moral divina aceita todos os arrependimentos e todas as faltas confessadas, enquanto que a moral humana rejeita estas e, sorrindo, admite os pecados ocultos que, diz ela, em parte são perdoados. A uma concede-se a graça do perdão, à outra, a hipocrisia. Escolhei, espíritos sedentos da verdade! Escolhei entre os céus abertos ao arrependimento, e a tolerância que admite o mal que não perturba o seu egoísmo e seus falsos acordos, mas que repele a paixão e os soluços de faltas confessadas diante de todos. Arrependei-vos, todos vós que pecais; renunciad ao mal, mas, principalmente, renunciad à hipocrisia que oculta a deformidade da máscara agradável e enganosa das conveniências mútuas.”

6. “Agora estou calma e resignada com a expiação das faltas que cometi. O mal está em mim e não fora de mim, portanto sou eu que devo mudar e não as coisas exteriores. Trazemos em nós o nosso céu e o nosso inferno, e, gravadas na consciência, nossas faltas se lêem com facilidade no dia da ressurreição, e nós somos então nossos próprios juizes, visto que a situação da nossa alma nos eleva ou nos faz despenhar. Eu me explico: um espírito desonrado e atordoado pelas suas faltas não pode conceber nem desejar uma elevação que não saberia suportar. Pensai bem: assim como as diferentes espécies de seres vivem cada uma na esfera que lhe é própria, assim os espíritos, de acordo com o grau do seu adiantamento, se movem no meio que é próprio às suas faculdades; eles só concebem outro meio quando o progresso, instrumento da lenta transformação das almas, os arranca das suas inclinações desprezíveis e os faz se desprenderem da crisálida do pecado, a fim de que possam esvoaçar, antes de se arremessarem, rápidos como flechas, em direção a Deus, transformado em objetivo único e desejado. Pobre de mim! Eu ainda me arrasto, porém não odeio mais, e imagino a inefável felicidade do amor divino. Portanto, orai sempre por mim, que tenho esperança e aguardo.”

Na comunicação seguinte, Claire fala do seu marido, que a fizera sofrer muito quando era vivo, e da situação em que hoje ele se encontra no mundo dos espíritos. Essa narrativa, que ela mesma não pôde terminar, foi concluída pelo guia espiritual do médium.

7. “Venho a ti que há tanto tempo me deixas no esquecimento; eu, porém, adquiri a paciência, e não estou mais desesperada. Queres saber qual é a situação do pobre Félix; ele vagueia nas trevas, vítima da profunda carência da sua alma. Seu ser superficial e volúvel, contaminado pelo prazer, sempre ignorou o amor e a

amizade. Nem mesmo a paixão iluminou seus vislumbres sombrios. Comparo seu estado presente ao de uma criança inabilitada para os atos da vida, e sem o socorro daqueles que a assistem. Félix vagueia com terror neste mundo estranho onde tudo resplandece com o clarão de Deus, que ele negou...”

8. *O guia do médium:*

“Claire não pode continuar a análise dos sofrimentos do seu marido sem os sentir também, vou falar por ela.

Félix, que era superficial nas idéias como nos sentimentos, violento porque era fraco, devasso porque era insensível, entrou no mundo dos espíritos moralmente nu como o fora no mundo físico. Entrando na vida terrestre, nada adquiriu, e, por conseqüência, tem que recomeçar tudo. Como um homem que acorda de um longo sono, e que reconhece quão inútil era a agitação de seus nervos, esse pobre ser, ao sair da perturbação, reconhecerá que viveu de quimeras¹⁶⁹ que enganaram sua vida; amaldiçoará o materialismo que o fez abraçar o nada quando acreditava estreitar uma realidade; amaldiçoará o positivismo que o fazia classificar como sonhos as idéias de uma vida futura; como loucuras as aspirações, e como fraqueza a crença em Deus. O infeliz, despertando, verá que esses nomes ridicularizados por ele eram a fórmula da verdade, e que, ao contrário da fábula, a caça da presa foi menos proveitosa que a da sombra.

Georges”

Estudos sobre as comunicações de Claire.

Essas comunicações são principalmente instrutivas quando nos mostram um dos aspectos mais comuns da vida: o do egoísmo. Nele não se encontram esses grandes crimes que espantam até os homens perversos, mas a condição de uma multidão de pessoas que vivem no mundo, honradas e procuradas, porque têm um certo conhecimento superficial, e porque não caem sob a punição das leis sociais. Essas pessoas não têm, no mundo dos espíritos, castigos excepcionais cuja descrição faça estremecer, mas uma situação simples, natural, resultante da sua maneira de viver e do estado da sua alma. O isolamento, o desprezo, o abandono, eis a punição daquele que viveu apenas para si. Clara, como se viu, era um espírito muito inteligente, mas um coração insensível; na Terra, sua posição social, sua fortuna, seus predicados físicos, faziam com que recebesse homenagens que alimentavam a sua vaidade, e isso lhe bastava; no mundo espiritual ela encontra apenas indiferença, e o vazio se faz à sua volta; punição mais lancinante que a dor, porque é mortificante, visto que a dor inspira a piedade, a compaixão; e isto ainda é um meio de atrair os olhares, de fazer com que se preocupem com ela, se interessem por sua sorte.

A sexta comunicação contém uma idéia perfeitamente verdadeira, em que ela explica a obstinação de certos espíritos no mal. Admiramo-nos ao ver que tais espíritos são insensíveis ao pensamento, ao próprio espetáculo da felicidade de que desfrutam os bons espíritos. Eles estão exatamente na posição de homens

¹⁶⁹ **Quimera:** produto da imaginação; fantasia; utopia; sonho; incoerência; incongruência; absurdo. (N.T.)

degradados que se comprazem na lama e nas alegrias grosseiras e sensuais. Lá, esses homens estão de alguma forma no seu meio; eles não concebem as alegrias delicadas; preferem seus farrapos sujos às vestimentas próprias e brilhantes porque neles estão mais à vontade; preferem suas festas báquicas¹⁷⁰ aos prazeres da boa companhia. Estão de tal forma identificados com esse gênero de vida que este se torna para eles uma segunda natureza; acreditam mesmo que são incapazes de se elevarem acima da sua esfera, eis por que ficam ali, até que uma transformação do seu ser tenha aberto sua inteligência, desenvolvendo neles o senso moral, e os tenha tornado acessíveis a sensações mais sutis.

Esses espíritos, quando estão desencarnados, não podem adquirir instantaneamente a delicadeza do sentimento e, durante um tempo mais ou menos longo, ocuparão as zonas mais inferiores do mundo espiritual como ocuparam as do mundo corporal; eles ali ficarão enquanto forem rebeldes ao progresso; mas com o passar do tempo, com a experiência, as tribulações, as misérias das encarnações sucessivas, chegará o momento em que eles imaginam alguma coisa de melhor do que o que têm; suas aspirações se elevam, começam a compreender o que lhes falta, e é então que fazem esforços para consegui-lo e se elevarem. Entrando nessa estrada, eles caminham com rapidez, porque experimentaram uma satisfação que lhes parece bem superior e perto da qual as outras eram somente grosseiras sensações, acabando por lhes inspirar repugnância.

As perguntas seguintes foram feitas na Sociedade de Paris, a propósito da última comunicação de Claire:

O espírito de Claire fala das trevas em que se encontra o espírito de seu marido. Muitos espíritos já falaram dessas trevas que cercam certas almas sofredoras. Seriam essas as trevas das quais tão freqüentemente se fala nas *Escrituras*, quando é dito: “Os maus serão lançados nas trevas, no negro abismo”?¹⁷¹

Como são produzidas essas trevas, já que no mundo dos espíritos, não existem as mesmas causas de alternativa de luz e de claridade que existem na Terra?

Esse castigo é destinado a certas faltas mais especialmente que a outras, e quais são essas faltas?

R. “As trevas a que se referem, na realidade, são aquelas designadas por Jesus e pelos profetas, falando do castigo dos maus. Mas isso ainda é apenas uma figura destinada a impressionar vivamente os sentidos materiais dos seus contemporâneos que não teriam podido compreender a punição de uma forma espiritual. Certos espíritos são lançados nas trevas, mas é preciso compreender essas palavras como uma verdadeira noite da alma, comparável à obscuridade que atinge a inteligência do idiota.¹⁷² Não é uma loucura da alma, mas uma inconsciência de si

¹⁷⁰ **Festa báquica ou bacanal:** festa em honra a *Baco*, deus do vinho; festa licenciosa com a participação de várias pessoas; orgia. (N.T.)

¹⁷¹ *Mateus*, VIII: 12. (N.T.)

¹⁷² **Idiota:** aquele que sofre de idiotia, atraso intelectual profundo, caracterizado por ausência de linguagem e nível mental inferior ao da idade normal de três anos e muitas vezes acompanhado de malformações físicas. (N.T. segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

mesma e do que a cerca que se produz tanto diante como na ausência da luz material. É principalmente a punição daqueles que duvidaram do destino do seu ser; acreditaram no nada, e a aparência desse nada faz o seu suplício, até que essa alma, fazendo um retorno sobre si mesma, possa romper com energia a rede de abatimento moral que a prendeu, da mesma forma que um homem, oprimido por um sonho penoso, luta em um certo momento, com toda a força de suas facultades, contra os terrores pelos quais inicialmente se deixou dominar. Essa momentânea redução da alma a um nada fictício, com a consciência da sua existência, é um sofrimento mais cruel do que se poderia imaginar, em razão dessa aparência de repouso pela qual é atingida; é esse repouso forçado, essa nulidade do seu ser e essa incerteza que são o seu suplício. O tédio, de que está sobrecarregada, é o castigo mais terrível, porque Claire não percebe nada em torno de si, nem coisas nem seres, e isso, para ela, são verdadeiras trevas.

São Luís”

Claire: “Eis-me aqui. Também posso responder à pergunta sobre as trevas, porquanto errei e sofri muito tempo nesses limbos¹⁷³ onde tudo é soluço e misérias. Sim, as trevas visíveis de que falam as *Escrituras* existem, e os infelizes que, tendo terminado suas provas terrestres, deixam a vida, ignorantes ou culpados, são lançados na fria região, nada sabendo de si mesmos e de seus destinos. Eles acreditam na eternidade da sua situação, balbuciam ainda as palavras da vida que os seduziu, admiram-se e assustam-se com a sua grande solidão. São trevas... esse lugar vazio e povoado, esse espaço onde, arrebatados e gemendo, pálidos espíritos vagueiam sem consolação, sem afeições, sem nenhum socorro. A quem recorrer?... Lá, sentem a eternidade pesar sobre eles; têm medo e deploram os mesquinhos interesses que determinavam as suas horas; sentem saudades da noite que, sucedendo ao dia, muitas vezes levava suas preocupações com um sonho feliz. As trevas são, para o espírito, a ignorância, o vazio e o horror do desconhecido... Eu não posso continuar...

Claire”

Dessa obscuridade, também foi dada a seguinte explicação:¹⁷⁴

“O perispírito, por sua natureza, possui uma propriedade luminosa que se desenvolve sob a influência da atividade e das qualidades da alma. Poderíamos dizer que essas qualidades são para o fluido perispiritual o que a fricção é para o fósforo. O brilho da luz está em razão da pureza do espírito; as menores imperfeições morais a obscurecem e a enfraquecem. Assim sendo, a luz que irradia de um espírito é tanto mais viva quanto mais ele for adiantado. Sendo o espírito, de alguma forma, o seu farol, ele vê mais ou vê menos, de acordo com a intensidade da luz que produz; de onde resulta que aqueles que não a produzem estão na obscuridade.”

¹⁷³ **Limbo**: lugar onde estavam as almas dos justos do *Antigo Testamento* antes da vinda de Jesus Cristo, que as foi libertar e conduziu ao céu no dia da sua ascensão, e para onde vão as almas das crianças que morrem sem batismo. (N.T.)

¹⁷⁴ Estes parágrafos em *Times New Roman* não constam na 1ª edição. (N.T.)

Essa teoria é perfeitamente legítima quanto à irradiação do fluido luminoso pelos espíritos superiores, o que é confirmado pela observação; mas essa não parece ser a causa verdadeira ou, pelo menos, a única desse fenômeno, visto que: 1^a) nem todos os espíritos inferiores estão em trevas; 2^a) o mesmo espírito pode se encontrar alternadamente na luz e na obscuridade; 3^a) a luz é um castigo para certos espíritos muito imperfeitos.

Se a obscuridade em que são lançados certos espíritos fosse inerente à sua personalidade, ela seria permanente e geral para todos os maus espíritos, o que não acontece, pois que espíritos de extrema perversidade vêem perfeitamente, enquanto que outros, que não se pode qualificar de perversos, estão temporariamente em profundas trevas. Portanto, tudo prova que, além daquela que lhes é própria, os espíritos recebem igualmente uma luz exterior que lhes falta segundo as circunstâncias, de onde é preciso concluir que essa obscuridade depende de uma causa ou vontade estranha, e que ela constitui uma punição especial para casos determinados pela soberana justiça.

Pergunta feita ao Espírito São Luís:

As relações estabelecidas pelo Espiritismo entre os homens e os espíritos permitiram observar que os espíritos desencarnados se corrigem mais rapidamente sob a influência dos conselhos salutares daqueles que estão encarnados, como se pode ver pelas curas das obsessões. Por que razão a educação moral dos espíritos desencarnados é mais fácil que a dos encarnados?

R. (Sociedade de Paris.) “O encarnado, por sua própria natureza, está em um estado de luta incessante em razão dos elementos contrários do qual ele é composto e que devem conduzi-lo ao seu fim providencial, reagindo um sobre o outro. A matéria sofre facilmente a dominação de um fluido exterior; se a alma não reagir com todo o poder moral de que é capaz, ela se deixa dominar por intermédio do seu corpo, e segue o impulso das influências perversas pelas quais está cercada, e isso com uma facilidade tanto maior quanto os invisíveis, que a oprimem, ataquem de preferência os pontos mais vulneráveis, as tendências para a paixão dominante.

Para o espírito desencarnado tudo é de outro modo; ele ainda está, é verdade, sob uma influência semimaterial, mas esse estado nada tem de comparável ao do encarnado.

O respeito humano, tão preponderante no homem, é nulo para ele, e esse pensamento não poderia obrigá-lo a resistir durante muito tempo às razões que seu próprio interesse lhe mostrar como boas.

Ele pode lutar, e geralmente o faz, até com mais violência que o encarnado, porque é mais livre, mas nenhuma visão mesquinha de interesse material, de posição social vem embaraçar seu julgamento. Ele luta por amor ao mal, mas logo se conscientiza da sua impotência diante da superioridade moral que o domina; a probabilidade de um futuro melhor tem mais acesso sobre ele, porque ele está no mesmo caminho onde deve se realizar esse futuro e porque essa perspectiva não vai se apagar pelo turbilhão dos prazeres humanos; em uma palavra, não estando mais sob a influência da carne, isto torna sua conversão mais fácil, principalmente quando adquiriu um certo desenvolvimento pelas provas que sofreu.

Um espírito inteiramente primitivo seria pouco acessível ao raciocínio, porém isso não ocorre com aquele que já tem experiência de vida. Aliás, no encarnado como no desencarnado, é sobre a alma, é pelo sentimento que é preciso agir.

Toda ação material pode suspender momentaneamente os sofrimentos do homem vicioso, no entanto, ela não pode destruir o princípio mórbido que existe na alma; todo ato que não tenha como objetivo melhorar a alma, não pode desviá-la do mal.

São Luís”



Capítulo V

Suicidas

— O SUICIDA DA SAMARITANA —

No dia 7 de abril de 1858, pelas sete horas da noite, um homem de uns cinquenta anos, e vestido decentemente, apresentou-se no estabelecimento da Samaritana, em Paris, e pediu que lhe preparassem um banho. O funcionário que o atendeu, estranhando que após um espaço de duas horas aquele homem não o chamasse, decidiu entrar na sua cabine para ver se ele estava indisposto. Foi então testemunha de um horrível espetáculo: o infeliz havia cortado a garganta com uma navalha, e todo o seu sangue estava misturado à água da banheira. Não podendo ser descoberta a sua identidade, o cadáver foi levado para o necrotério.

O espírito desse homem, evocado na Sociedade de Paris seis dias após sua morte, deu as respostas abaixo descritas.

Evocação.

1. Resposta do guia do médium: Esperai... ele está aí.

2. Onde vos encontrais agora?

R. Eu não sei... Dizei-me onde estou.

3. Estais em uma assembléia de pessoas que se ocupam de estudos espíritas e que são benevolentes convosco.

R. Dizei-me se vivo... Eu sufoco no caixão.

4. Quem vos animou a vir até nós?

R. Sinto-me aliviado.

5. Que motivo vos levou a suicidar-vos?

R. Eu estou morto?... não... eu habito meu corpo... não sabeis quanto soffro... Eu sufoco... Que uma piedosa mão tente me tirar a vida!

Sua alma, embora separada do corpo, ainda se encontra inteiramente mergulhada no que se poderia chamar turbilhão da matéria corporal; as idéias terrestres permanecem muito vivas; ele não se considera morto.

6. Por que não deixastes nenhum indício que pudesse vos fazer reconhecer?

R. Estou abandonado; fugi do sofrimento para encontrar a tortura.

7. Tendes agora os mesmos motivos para continuar desconhecido?

R. Sim, não coloqueis um ferro em brasa na ferida que sangra.

8. Quereis nos dizer vosso nome, vossa idade, vossa profissão, vosso domicílio?

R. Não... a tudo não.

9. Tendes uma família, uma esposa, filhos?

R. Estava abandonado, nenhum ser me amava.

10. Que fizestes para não serdes amado por pessoa alguma?

R. Quantos existem como eu... Um homem pode estar abandonado no meio da sua família, quando nenhum coração o ama.

11. No momento de cometerdes vosso suicídio, não sentistes nenhuma hesitação?

R. Eu desejava ardentemente a morte... Esperava o repouso.

12. Como a idéia do futuro não fez com que renunciasses ao vosso projeto?

R. Não acreditava mais no futuro; estava sem esperança. O futuro é a esperança.

13. Que reflexões fizestes no momento em que sentistes a vida se acabar em vós?

R. Não refleti, eu senti... mas minha vida não está extinta... minha alma está ligada ao meu corpo... Eu sinto os vermes que me roem.

14. Que sentimento experimentastes no momento em que a morte se concretizou?

R. Ela está concretizada?

15. Foi doloroso o momento em que a vida se extinguiu em vós?

R. Menos doloroso que depois. Apenas o corpo sofreu.

16. Ao *Espírito São Luís*: Que pretende o espírito dizendo que o momento da morte foi menos doloroso que depois?

R. O espírito se descarregava de um fardo que o abatia; ele experimentava a volúpia da dor.

17. Esse estado é sempre seqüente ao suicídio?

R. Sim, o espírito do suicida está ligado ao seu corpo até o termo da sua vida; a morte natural é o livramento da vida; o suicida a rompe inteiramente.

18. Esse estado é o mesmo em toda a morte acidental independente da vontade, e que abrevia a duração natural da vida?

R. Não... Que entendeis por suicídio? O espírito é culpado somente por suas obras.

Essa dúvida da morte é muito comum entre as pessoas falecidas há pouco tempo, e principalmente entre aquelas que, durante sua vida, não elevaram sua alma acima da matéria. É um fenômeno esquisito à primeira vista, mas que se explica muito naturalmente. Se a uma pessoa, colocada em estado de sonambulismo pela primeira vez, perguntarmos se dorme, ela

quase sempre responde que não, e sua resposta é lógica; a pessoa que interroga é que não faz bem a pergunta servindo-se de um termo impróprio. A idéia do sono, na nossa língua usual, está ligada à suspensão de todas as nossas faculdades sensitivas; ora, o sonâmbulo que pensa, que vê e que sente, que tem a consciência da sua liberdade moral, não se crê adormecido e, efetivamente, não dorme, na acepção comum do termo. É por isso que ele responde não, até que esteja familiarizado com essa nova maneira de entender o fato. O mesmo ocorre com o homem que acaba de morrer; para ele a morte era o aniquilamento do ser; ora, como o sonâmbulo, ele vê, ele sente, ele fala; portanto, para ele não houve morte, e é o que diz até que tenha adquirido a intuição do seu novo estado. Essa ilusão é sempre mais ou menos penosa, porque jamais é completa, e porque deixa o espírito em uma certa ansiedade. No exemplo acima, ela é um verdadeiro suplício pela sensação dos vermes roendo o corpo, e pela sua duração que deve ser aquela que teria tido a vida desse homem se ele não a tivesse abreviado. Esse estado é freqüente entre os suicidas, mas ele não se apresenta sempre em condições idênticas; ele varia, principalmente em duração e em intensidade, segundo as circunstâncias agravantes ou atenuantes da falta. A sensação dos vermes e da decomposição do corpo não acontece apenas aos suicidas; ela é comum entre aqueles que viveram mais da vida material que da espiritual. Em princípio, não existe erro que não seja punido; mas não há uma regra uniforme e absoluta nos meios de punição.

— O PAI E O CONSCRITO —¹⁷⁵

No início da guerra da Itália, em 1859, um negociante de Paris, pai de família, desfrutando da estima geral de todos os seus vizinhos, tinha um filho que havia sido sorteado para o serviço militar; achando-se, por sua posição, na impossibilidade de dispensá-lo daquele serviço, ele teve a idéia de se suicidar a fim de assim isentá-lo como filho único de viúva. Um ano após sua morte, foi evocado na Sociedade de Paris, a pedido de uma pessoa que o conhecera e desejava saber sua sorte no mundo dos espíritos.

Pergunta ao Espírito São Luís: Quereis nos dizer se podemos fazer a evocação do homem de quem acabamos de falar?

R. Sim, ele ficará muito feliz porque se sentirá um pouco consolado.

1. *Evocação.*

R. Oh! obrigado; eu sofro muito, mas... é justo; entretanto *ele* me perdoará.

O espírito escreve com grande dificuldade; as letras são irregulares e malformadas; após o termo *mas*, ele pára; em vão tenta escrever, faz apenas alguns traços indecifráveis e pontos. É evidente que é a palavra *Deus* que ele não pôde escrever.

2. Preenchi a lacuna que deixastes.

R. Sou indigno disso.

3. Dizeis que sofreis, sem dúvida errastes em cometer suicídio, mas o motivo que vos levou a esse ato não mereceu nenhuma indulgência?

R. Minha punição não será longa, mas a ação nem por isso é menos grave.

4. Poderíeis nos descrever a punição que sofrestes.

¹⁷⁵ **Conscrito:** soldado recruta; aquele que foi recrutado, alistado para o serviço militar. (N.T.)

R. Sofro duplamente, em minha alma e em meu corpo; sofro no meu corpo, ainda que não o possua mais, como sofre o amputado no membro que lhe foi retirado.

5. Vossa ação teve como único motivo o vosso filho, não fostes motivado por nenhuma outra causa?

R. Somente o amor paternal me guiou, porém me guiou mal. Por causa desse motivo minha pena será abreviada.

6. Podeis prever o fim dos vossos sofrimentos?

R. Não sei quando irão acabar; mas tenho certeza de que acabarão, o que é um alívio para mim.

7. Há pouco não pudestes escrever a palavra *Deus*; no entanto temos visto espíritos muito sofredores escrevê-lo; isso faz parte da vossa punição?

R. Eu poderia fazê-lo com grandes esforços de arrependimento.

8. Pois bem, fazei grandes esforços, e tratai de escrevê-lo; estamos convencidos de que será um grande consolo para vós se o fizerdes.

O espírito acabou por escrever em letras irregulares, trêmulas e muito grossas: “Deus é muito bom.”

9. Sabemos que estais reconhecido por terdes vindo ao nosso chamado, e rogaremos a Deus, pediremos a sua misericórdia para vós.

R. Sim, por favor.

10. *Pergunta ao Espírito São Luís*: Poderíeis nos dar vossa apreciação pessoal sobre o ato praticado pelo espírito que acabamos de evocar?

R. Esse espírito sofre justamente, porque lhe faltou confiança em Deus, o que é uma falta sempre punível; a punição seria terrível e muito longa se ele não tivesse um motivo louvável, que era o de impedir que seu filho fosse ao encontro da morte; Deus, que vê o fundo dos corações, e que é justo, o pune apenas por suas obras.

Observações: À primeira vista, este suicídio parece desculpável, porque pode ser considerado como um ato de devotamento; de fato ele o é, mas não o é completamente. Como disse o espírito São Luís, a esse homem faltou a confiança em Deus. Com sua ação ele talvez tenha impedido que o destino de seu filho se cumprisse; primeiro, não tinha a certeza de que ele fosse morto na guerra, e talvez essa carreira lhe fornecesse a oportunidade de fazer qualquer coisa que teria sido útil ao seu adiantamento. Sua intenção, sem dúvida, era boa, e isso foi levado em conta; a intenção atenua o mal e merece indulgência, mas não impede que o mal seja o mal; sem isso, apoiados nesse pensamento, poder-se-ia desculpar todas as más ações, poder-se-ia mesmo matar sob o pretexto de prestar serviço. Uma mãe que mata seu filho acreditando que o envia direto ao céu é menos culpada porque ela o faz com boa intenção? Com esse método se justificariam todos os crimes que um fanatismo cego tem cometido nas guerras religiosas.

Em princípio, o homem não tem o direito de dispor da sua vida, porque ela lhe foi dada tendo em vista os deveres que ele devia cumprir na terra, eis por que não deve abreviá-la voluntariamente sob nenhum pretexto. Como o homem tem o seu livre-arbítrio, ninguém pode impedi-lo de praticar tal ato mas ele sempre sofre as suas conseqüências. O suicídio mais severamente

punido é aquele que é realizado por desespero, tendo em vista livrar-se das misérias da vida; eximir-se dessas misérias, que são ao mesmo tempo provas e expiações, é recuar diante da tarefa que se havia aceitado e, às vezes, recuar até diante da missão que se devia cumprir.

O suicídio não consiste apenas no ato voluntário que produz a morte instantânea; ele também está em tudo aquilo que se faz, com conhecimento de causa, e que deve apressar prematuramente a extinção das forças vitais.

Não se pode comparar ao suicídio o devotamento daquele que se expõe a uma morte iminente para salvar seu semelhante; primeiro, porque não há, nesse caso, nenhuma intenção premeditada de fugir da vida; segundo, porque não existem perigos dos quais a providência não possa nos tirar, se a hora de deixarmos a terra não é chegada. Se a morte acontece em tais circunstâncias é um sacrifício meritório, porque é uma abnegação em proveito de outra pessoa. (*O Evangelho segundo o Espiritismo*, cap. v, itens 26 a 30.)

— FRANÇOIS-SIMON LOUVET —

Do Havre.

A comunicação seguinte foi dada espontaneamente em uma reunião espírita no Havre, no dia 12 de fevereiro de 1863.

“Tende piedade de um pobre miserável que sofre há muito tempo tão cruéis torturas! Oh! o vazio... o espaço... eu caio, eu caio, socorro!... Meu Deus, tive uma vida tão miserável!... Era um pobre diabo; muitas vezes tive fome nos meus dias de velhice, foi por isso que comecei a beber e tinha vergonha e desgosto de tudo...

Quis morrer e me atirei... Oh! meu Deus, que momento!... Por que desejar acabar com a vida quando estava tão próximo do fim? Orai, para que eu não veja mais esse vazio abaixo de mim... Eu vou me despedaçar sobre essas pedras... Eu vos peço, a vós que conheceis as misérias daqueles que não estão mais nesse mundo, eu me dirijo a vós, ainda que não me tivésseis conhecido, porque eu sofro tanto... Por que querer provas? Eu sofro, não é o bastante? Se eu tivesse fome em vez deste sofrimento mais terrível, porém invisível para vós, não hesitariais em me ajudar dando-me um pedaço de pão. Eu vos peço que oreis por mim... Não posso ficar mais tempo... Perguntai a um destes felizes que estão aqui, e sabereis quem eu era. Orai por mim.

François-Simon Louvet ”

O guia do médium: “Aquele que acabou de se dirigir a ti, meu filho, é um pobre infeliz que tinha uma prova de miséria sobre a Terra, mas o desgosto apossou-se dele; a coragem lhe faltou, e o infeliz, em lugar de olhar para o alto, como deveria ter feito, entregou-se à embriaguez; desceu aos últimos limites do desespero, e pôs um fim à sua triste prova jogando-se da torre François I, no dia 22 de julho de 1857. Tende piedade dessa pobre alma, que não é adiantada, mas que, no entanto, tem bastante conhecimento da vida futura para sofrer e desejar uma nova prova. Pedi a Deus para lhe conceder essa graça e fareis uma boa ação.”

Nas pesquisas que foram realizadas, encontrou-se um artigo no *Journal du Havre*, de 23 de julho de 1857, do qual eis a matéria:

“Ontem, às quatro horas, os que passeavam pelo quebra-mar¹⁷⁶ ficaram dolorosamente impressionados por um horrível acidente: um homem atirou-se da torre e veio se despedaçar nas pedras. Era um velho puxador de sirga,¹⁷⁷ cujas tendências à embriaguez o conduziram ao suicídio. Chamava-se François-Victor-Simon Louvet. Seu corpo foi transportado para a casa de uma de suas filhas, na Rua da Corderie; ele tinha 67 anos de idade.”

Depois de quase seis anos de morto, esse homem sempre se vê caindo da torre e indo despedaçar-se sobre as pedras; aterrorizando-se com o vazio que tem diante de si, sente as apreensões da queda... e isso há seis anos! Quanto tempo ainda vai durar essa situação? Ele não sabe de nada, e essa incerteza aumenta suas angústias. Isso não é equivalente ao inferno e suas chamas? Quem divulgou esses castigos? Foram inventados? Não; são aqueles mesmos que os suportaram que vêm descrevê-los, como outros descrevem suas alegrias. Muitas vezes eles o fazem espontaneamente, sem que se pense neles, o que exclui qualquer idéia de que se é joguete da própria imaginação.

— UMA MÃE E SEU FILHO —

No mês de março de 1865, o senhor C., negociante em uma pequena vila perto de Paris, tinha em sua casa, gravemente enfermo, seu filho de 21 anos. Esse jovem, sentindo aproximar-se o momento da morte, chamou sua mãe e ainda teve forças para abraçá-la. Ela, vertendo lágrimas abundantes, lhe disse: “Vai meu filho, vai na minha frente, não tardarei em te seguir.” Ao mesmo tempo, saiu, escondendo a cabeça entre as mãos.

As pessoas que se encontravam presentes a esta cena dolorosa consideraram as palavras da senhora C. como uma simples explosão de dor, que o tempo e a razão deveriam acalmar. Entretanto, tendo o doente falecido, procuraram a senhora C. em toda a casa, e a encontraram enforcada no celeiro. O enterro da mãe foi realizado ao mesmo tempo que o do seu filho.

Evocação do filho vários dias após o fato.

P. Tendes conhecimento da morte da vossa mãe que se suicidou não suportando o desespero que vossa perda lhe causou?

R. Sim, e sem a tristeza que me causou o cumprimento da sua fatal resolução, eu seria perfeitamente feliz. Pobre e excelente mãe! Ela não pôde suportar a prova dessa separação momentânea, e tomou, para se reunir ao seu filho que ela amava tanto, o caminho que devia afastá-la dele, ai de mim!, por muito tempo. Assim, ela retardou indefinidamente essa reunião que teria sido rápida se a submissão à vontade do Senhor houvesse preenchido sua alma, e se ela tivesse se resignado, humilde e arrependida, diante da prova que ia sofrer, da expiação que ia purificá-la.

¹⁷⁶ **Quebra-mar:** estrutura ou barreira natural que protege um ancoradouro ou uma praia contra a agitação produzida por ondas ou correntes marítimas. Quando enraizado em terra, pode ser denominado *molhe* e servir à acostagem de embarcações, no lado abrigado. (N.T.)

¹⁷⁷ **Sirga:** corda com que se puxa ou conduz uma embarcação ao longo da margem. (N.T.)

Rogai! oh! rogai por ela!... e, principalmente, não a imiteis, mães que ficastes comovidas pela triste narração da sua morte! Não acrediteis que ela amasse mais que outras mães a esse filho que era sua alegria e seu orgulho; não, ela não o amava mais, porém não teve coragem nem resignação. Mães que me escutais, quando virdes a agonia encobrir os olhos apagados dos vossos filhos, lembrai-vos de que, como Cristo, eles sobem ao alto do Calvário de onde devem se elevar na glória eterna.

Benjamin C.

Evocação da mãe.

R. Quero ver meu filho! Tendes o poder de me restituí-lo? Os impiedosos!... eles me tomaram meu filho para o conduzirem na luz e me deixaram na escuridão!... Eu o quero, eu o quero... ele me pertence!... Então, o amor materno não é nada?... Como!... Tê-lo carregado nove meses, alimentado com o seu leite, a carne da sua carne, o sangue do seu sangue; ter guiado seus primeiros passos; tê-lo ensinado a balbuciar o sagrado nome de Deus e o doce nome de mãe; dele ter feito um homem pleno de atividade, de inteligência, de honestidade, de justiça, de amor filial, e perdê-lo quando ele realizava as esperanças que se havia depositado nele, quando um brilhante futuro se abria diante dele! Não, Deus não é justo, esse não é o Deus das mães, ele não compreende o seu desespero, a sua dor... E quando me entrego à morte para não deixar o meu filho, ele me é arrebatado novamente!... Meu filho! meu filho! onde tu estás?

O *evocador*: Pobre mãe, nós compartilhamos da vossa dor; mas tomastes um triste caminho para ficar junto do vosso filho. O suicídio é um crime aos olhos de Deus, e deveríeis pensar que ele pune qualquer infração às suas leis. A impossibilidade de ver o vosso filho é a vossa punição.

A *mãe*: Não; eu imaginava Deus melhor que os homens; não acreditava no seu inferno e sim na reunião das almas que se amaram como nós nos amamos; eu me enganei... Não é o Deus justo e bom, porquanto não compreendeu a imensidade da minha dor e do meu amor!... Oh! quem me restituirá meu filho? Eu o terei perdido para sempre? Piedade! piedade, meu Deus!

O *evocador*: Prestai atenção, acalmi o vosso desespero; pensai que se há um meio de rever vosso filho, não é blasfemando Deus, como estais fazendo. Em vez de tornar isso favorável, atraireis maior severidade sobre vós.

A *mãe*: Disseram-me que eu não voltaria mais a vê-lo; compreendi que foi no paraíso que o colocaram. E eu, então eu estou no inferno?... o inferno das mães?... Ele existe, eu o vejo demais.

O *evocador*: Vosso filho não está perdido para sempre, acreditai em mim; voltareis a vê-lo, certamente; mas é preciso merecê-lo pela vossa submissão à vontade de Deus, enquanto que, com a vossa revolta, podeis retardar esse momento indefinidamente. Escutai-me: Deus é infinitamente bom, mas é infinitamente justo. Ele jamais pune sem causa, e se vos impôs grandes dores sobre a Terra foi porque as merecestes. A morte do vosso filho era uma prova para a vossa resignação;

infelizmente não resististes a ela quando viva, e eis que após vossa morte não resistis a ela novamente; como quereis que Deus recompense seus filhos rebeldes? Mas ele não é insensível e acolhe sempre o arrependimento do culpado. Se tivésseis aceitado sem reclamações e com humildade a prova que ele vos enviava com essa separação momentânea, e se houvesseis esperado pacientemente que ele se dignasse retirar-vos da Terra, na vossa entrada no mundo em que estais, teríeis imediatamente visto vosso filho que teria vindo vos receber e vos estender os braços; teríeis a alegria de vê-lo radioso após esse tempo de ausência. O que fizestes, e o que fareis agora neste momento, põe entre ele e vós uma barreira. Não acrediteis que ele esteja perdido nas profundezas do espaço, não, ele está mais perto de vós do que podeis supor; mas um véu impenetrável o esconde da vossa visão. Ele vos vê, vos ama sempre, e sofre pela triste posição em que vos colocou a vossa falta de confiança em Deus; ele pede, com todas as suas forças, o momento feliz em que lhe será permitido mostrar-se a vós; depende apenas de vós abreviar ou retardar esse momento. Oraí a Deus, e dizei comigo:

“Meu Deus, perdoai-me por haver duvidado da vossa justiça e da vossa bondade; se vós me punistes, reconheço que o mereci. Tende a bondade de aceitar o meu arrependimento e a minha submissão à vossa vontade.”

A mãe: Que clarão de esperança acabais de fazer brilhar em minha alma! É um relâmpago na noite que me cerca. Obrigada, eu vou orar. Adeus.

C.

A morte, mesmo pelo suicídio, não produziu nesse espírito a ilusão de que ainda está vivo; ele tem plena consciência do seu estado; em outros espíritos, a punição consiste justamente nessa ilusão, nos laços que os unem aos seus corpos. Essa mulher quis deixar a terra para seguir seu filho no mundo em que ele havia entrado; era preciso que ela soubesse que estava nesse mundo para ser punida, não o reencontrando ali. Sua punição é exatamente saber que não vive mais corporalmente, e o conhecimento que tem da sua situação. É assim que cada falta é punida pelas circunstâncias que a determinam, e que não existem punições semelhantes e constantes para as faltas do mesmo gênero.

— DUPLO SUICÍDIO —

Por amor e por dever

Um jornal de 13 de junho de 1862 narra o seguinte:

“A senhorita Palmyre, modista, morava em casa de seus pais; possuía uma aparência encantadora à qual se juntava o mais amável caráter; assim, com insistência era pedida em casamento. Entre os pretendentes à sua mão, havia escolhido o senhor B., que nutria por ela uma forte paixão. Entretanto, embora amando-o muito, ela acreditou que devia, por respeito filial, submeter-se ao desejo dos seus pais casando-se com o senhor D., cuja posição social lhes parecia mais vantajosa que a do seu rival.

Os senhores B. e D. eram amigos íntimos. Ainda que não tivessem, um com o outro, nenhuma relação de interesse, não deixavam de se ver. O amor mútuo de

B. e de Palmyre, transformada em senhora D., de forma alguma diminuiria, e, como os dois se esforçavam em reprimi-lo, ele aumentava em razão da própria violência que lhe era feita.

Para tentar extinguir aquele sentimento, B. toma a decisão de se casar. Desposou uma jovem que possuía eminentes qualidades, e fez tudo que lhe foi possível para amá-la; porém, não demorou para perceber que esse gesto heróico era inútil para curá-la. Contudo, durante quatro anos, nem B. nem a senhora D. faltaram aos seus deveres. O que eles sofreram não se poderia definir, porque D., que estimava verdadeiramente seu amigo, chamava-o sempre para a sua casa e quando B. queria retirar-se, ele o constringia a ficar.

Um dia, os dois amantes ficaram próximos um do outro por uma circunstância imprevista que não haviam procurado, falaram do seu estado de espírito, e concordaram ao pensar que a morte era o único remédio para os males que sofriam. Resolveram morrer juntos, e realizarem o seu projeto na manhã seguinte, pois o senhor D. devia estar ausente de sua casa uma grande parte do dia. Após haverem feito seus últimos preparativos, escreveram uma longa e comovente carta explicando que a razão para escolherem a morte foi a de não faltarem aos seus deveres. A carta terminava com um pedido de perdão e o pedido para ficarem juntos no mesmo túmulo.

Quando o senhor D. retornou, encontrou-os asfixiados. Respeitou o último pedido de ambos, e quis que no cemitério eles não fossem separados.”

Tendo esse acontecimento sido proposto à Sociedade de Paris como tema para estudo, um espírito respondeu:

“Os dois amantes que se suicidaram ainda não podem vos responder; eu os vejo, estão mergulhados na perturbação e aterrorizados pelo sopro da eternidade. As seqüências morais da sua falta os punirão durante migrações sucessivas em que suas almas separadas se buscarão incessantemente e sofrerão o duplo suplício do pressentimento e do desejo. Cumprida a expiação, eles serão reunidos para sempre no âmago do amor eterno. De hoje a oito dias, na vossa próxima reunião, podereis evocá-los; eles atenderão ao vosso chamado, mas não se verão: uma noite profunda, por muito tempo, os esconderá um do outro.”

Evocação da mulher.

P. Vedes o vosso amado, com o qual vos suicidastes?

R. Não vejo nada, nem mesmo os espíritos que vagueiam comigo no lugar em que me encontro. Que noite! Que noite! E que véu espesso sobre meu rosto!

P. Que sensação experimentastes quando despertastes após vossa morte?

R. Estranha; eu tinha frio e queimava; o gelo percorria minhas veias e o fogo estava em minha cabeça! Coisa estranha, mistura incrível! O gelo e o fogo parecendo me exterminar! Pensei que iria morrer uma segunda vez.

P. Sentistes uma dor física?

R. Todo o meu sofrimento está *aqui*, e *aqui*.

P. Que quereis dizer com *aqui* e *aqui*?

R. *Aqui*, em meu cérebro; *aqui*, em meu coração.

É provável que, se pudéssemos ver o espírito, o teríamos visto levar a mão à sua cabeça e ao seu coração.

P. Julgais que ficareis sempre nessa situação?

R. Oh! sempre, sempre! Às vezes ouço risos infernais, vozes horríveis que me gritam estas palavras: “Sempre assim!”

P. Muito bem, nós podemos vos dizer com toda segurança que não será sempre assim; ao vos arreponderdes obtereis vosso perdão.

R. Que dissestes? Eu não ouço.

P. Eu vos repito que vossos sofrimentos terão um fim, que podereis apressá-lo com o vosso arrependimento, e que nós vos ajudaremos pela prece.

R. Entendi apenas uma palavra e sons indistintos; essa palavra é *graça*! É *graça* que quisestes falar? Haveis falado de *graça*, sem dúvida para a alma que passa ao meu lado, pobre criança que chora e que espera.

Uma senhora da Sociedade disse que acabara de dirigir a Deus uma prece por essa infeliz, e que, sem dúvida, foi isso que a sensibilizou; informou que, de fato, mentalmente havia implorado para ela a graça de Deus.

P. Dissestes que estais nas trevas, é porque não nos vedes?

R. Permitem-me entender algumas palavras que pronunciastes, mas vejo apenas um crepe¹⁷⁸ negro sobre o qual se desenha, em certas horas, uma cabeça que chora.

P. Se não vedes vosso amado, não sentis sua presença perto de vós, já que ele está aqui?

R. Ah! não me faleis dele, devo esquecê-lo no momento, se eu quiser que do crepe se desfaça a imagem que ali vejo traçada.

P. Qual é essa imagem?

R. A de um homem que sofre, e do qual matei a existência moral sobre a Terra por muito tempo.

lendo essa narrativa, de início fica-se disposto a encontrar circunstâncias atenuantes neste suicídio, a olhá-lo mesmo como um ato heróico, porquanto foi provocado pelo sentimento do dever. Vê-se que ele foi julgado de forma diferente, e que a pena dos culpados será longa e terrível por terem se refugiado voluntariamente na morte para fugirem da luta; a intenção de não faltar ao seu dever era digna, sem dúvida, e ela será considerada mais tarde, mas o verdadeiro mérito teria consistido em vencer o arrebatamento enquanto que eles fizeram como o desertor que se afasta no momento do perigo.

¹⁷⁸ **Crepe:** tecido fino, transparente ou não, de aspecto ondulado, feito com fio, muito torcido, de seda, ou lã natural ou sintética. (N.T.)

A pena dos dois culpados consistirá, como se vê, em se procurarem durante muito tempo sem se encontrarem, seja no mundo dos espíritos, seja em outras encarnações terrestres; momentaneamente essa pena está agravada pela idéia de que seu estado presente deve durar para sempre; com esse pensamento fazendo parte do castigo, não lhes foi permitido ouvir as palavras de esperança que lhes foram dirigidas. Àqueles que achariam essa pena muito terrível e muito longa, principalmente se ela deve acabar somente após muitas encarnações, diremos que sua duração não é absoluta e que ela dependerá da maneira como suportarão suas futuras provas, no que se pode ajudá-los através da prece; eles serão, como todos os espíritos culpados, os árbitros do seu próprio destino. Isso, entretanto, ainda não é melhor que a danação eterna, sem esperança, à qual eles estão irrevogavelmente condenados segundo a doutrina da Igreja que os vê de tal modo castigados para sempre ao inferno que lhes recusa as últimas preces, sem dúvida como inúteis?

— LUÍS E A PESPONTEIRA DE BOTINAS —

Há sete ou oito meses, o chamado Luís G., operário sapateiro, namorava a senhorita Victorine R., pespontadeira de botinas, com a qual devia se casar muito em breve, já que os proclamas estavam sendo publicados. Estando a situação nesse ponto, os jovens se consideravam quase como definitivamente unidos, e, por medida de economia, o sapateiro vinha diariamente fazer suas refeições em casa de sua noiva.

Um dia, tendo Luís vindo, como de hábito, jantar na casa da pespontadeira de botinas, ocorreu uma discussão a propósito de uma futilidade; tanto uma parte como outra estavam irredutíveis, e as coisas chegaram ao ponto de Luís deixar a mesa e partir, jurando não mais regressar.

Na manhã seguinte, no entanto, o sapateiro veio pedir perdão, como se sabe a noite é boa conselheira; mas a operária, prevendo talvez, após a cena da véspera, o que poderia acontecer quando não houvesse mais tempo para se desdizer, recusou reconciliar-se, e, protestos, lágrimas, desespero, nada a pôde comover. Vários dias se passaram desde aquele do desentendimento; Luís, esperando que sua bem-amada estivesse mais afável, quis fazer uma última tentativa; ele chegou e bateu à porta de forma a se fazer conhecer, porém ela se recusou a abri-la; então, novas súplicas foram feitas pelo pobre repellido, novos protestos através da porta, porém, nada pôde comover a implacável mulher que ele pretendia desposar. "Adeus, pois, malvada! lamentou-se por fim o pobre rapaz, adeus para sempre! Trata de encontrar um marido que te ame tanto quanto eu!" Ao mesmo tempo a jovem ouviu uma espécie de gemido abafado, depois um ruído como o de um corpo que cai deslizando ao longo da sua porta, e tudo voltou ao silêncio; então, ela imaginou que Luís se instalara sob o umbral da porta para esperar sua primeira saída, porém ela prometeu a si mesma não colocar o pé do lado de fora enquanto ele estivesse ali. Havia apenas um quarto de hora que isso acontecera, quando um locatário, que passava pelo patamar conduzindo uma luz, soltou uma exclamação e gritou por socorro. Logo chegaram os vizinhos, e a senhorita Victorine, tendo igualmente aberto sua porta, deu um grito de horror ao perceber, estendido sobre o chão, pálido e inanimado, o seu noivo. Cada um se apressou em lhe dar socorro, porém logo perceberam que tudo era inútil, e que ele deixara

de existir. O infeliz jovem havia cravado seu trinchete¹⁷⁹ na região do coração, e o ferro ficou na ferida.

(Sociedade Espírita de Paris, agosto, 1858.)

1. *Ao Espírito São Luís*: A jovem, causa involuntária da morte do seu noivo, tem a responsabilidade desse fato?

R. Sim, porque ela não o amava mais.

2. Para evitar essa desgraça, ela devia desposá-lo apesar da sua repugnância?

R. Ela procurava uma ocasião para se separar dele; fez no começo da sua ligação o que teria feito mais tarde.

3. Assim, sua culpabilidade consiste em haver alimentado nele sentimentos que ela não partilhava, sentimentos que foram a causa da morte do jovem?

R. Sim, é isso.

4. Sua responsabilidade, nesse caso, deve ser proporcional à sua falta; não deve, então, ser tão grande como se ela tivesse provocado voluntariamente a morte?

R. Isso salta aos olhos.

5. O suicídio de Luís encontra uma desculpa na loucura em que a posição obstinada de Victorine o mergulhou?

R. Sim, porque o seu suicídio, que provém do amor, é menos criminoso aos olhos de Deus do que o suicídio do homem que quer se libertar da vida por motivo de covardia.

Tendo o espírito de Luís G. sido evocado em uma outra vez, foram-lhe dirigidas as seguintes perguntas:

1. O que pensais da ação que haveis cometido?

R. Victorine é uma ingrata, errei ao me matar por ela, porquanto ela não o merecia.

2. Portanto ela não vos amava?

R. Não; de início pensou que sim, ela se iludia; a cena que lhe fiz abriu-lhe os olhos; então, ficou contente com esse pretexto para se livrar de mim.

3. E vós, a amáveis sinceramente?

R. Eu tinha paixão por ela, eis tudo, eu creio; se a tivesse amado com um amor puro, não teria desejado causar-lhe um desgosto.

4. Se ela soubesse que desejáveis realmente vos matar, teria persistido na sua recusa?

R. Não sei; não acredito, porque ela não é má, mas teria sido infeliz; ainda foi melhor para ela que tudo se tenha passado assim.

¹⁷⁹ **Trinchete**: faca de sapateiro, terminada em faceta e muito aguçada. (N.T.)

5. Chegando à sua porta, tínheis a intenção de vos matar em caso de recusa?

R. Não, não pensava nisso; não acreditava que ela seria tão obstinada; foi somente quando vi a sua obstinação que uma vertigem me tomou.

6. Pareceis lamentar vosso suicídio apenas porque Victorine não o merecia; é o único sentimento que experimentais?

R. Neste momento, sim; ainda estou muito perturbado; parece-me estar junto à porta, mas sinto outra coisa que não posso definir.

7. Vós a compreendereis mais tarde?

R. Sim, quando estiver mais esclarecido... Foi um erro o que fiz; deveria tê-la deixado tranqüila... Fui fraco e por isso soffro o castigo... Vede, a paixão cega o homem e o faz cometer muitas tolices. Ele as compreende quando não há mais tempo.

8. Dissestes que sofreis o castigo; que castigo sofreis?

R. Errei ao abreviar minha vida, não devia tê-lo feito; devia suportar tudo a ter que morrer antes do tempo, e, portanto, sou infeliz; soffro, é sempre ela que me faz soffrer; parece-me estar ainda lá, na sua porta; a ingrata! Não me faleis mais dela, não quero mais pensar nesse assunto, isso me faz muito mal. Adeus.

Vê-se ainda, neste caso, uma nova prova da justiça distributiva que regula a punição dos culpados, segundo o grau da responsabilidade. Na circunstância presente, a primeira falta pertence à jovem que alimentou em Luís um amor que ela não partilhava e ao qual não dava nenhum valor; portanto, ela carregará a maior parte da responsabilidade. Quanto ao rapaz, também é punido pelo sofrimento que suporta, mas sua pena é leve, porque ele nada mais fez que ceder a um impulso irrefletido e a um momento de exaltação, em lugar da fria premeditação daqueles que se suicidam para se livrarem das provas da vida.

— UM ATEU —

O senhor J. B. D. era um homem instruído, mas impregnado ao máximo de idéias materialistas, não acreditando em Deus nem em sua alma. Ele foi evocado dois anos após sua morte, na Sociedade Espírita de Paris, a pedido de um de seus parentes.

1. *Evocação.*

R. Eu soffro! estou condenado!

2. Fomos levados a vos chamar a pedido de um de vossos parentes que de-seja conhecer vossa sorte; quereis nos dizer se nossa evocação vos é agradável ou penosa?

R. Penosa.

3. Vossa morte foi voluntária?

R. Sim.

O espírito escreve com extrema dificuldade; a escrita é muito grossa, irregular, convulsiva e quase não se pode ler. No início demonstra cólera, quebra o lápis e rasga o papel.

4. Ficai mais calmo; todos pediremos por vós a Deus.

R. Sou forçado a crer em Deus.

5. Que motivo pôde vos levar a vos destruir?

R. Desgosto por uma vida sem esperança.

Concebe-se o suicídio quando a vida é sem esperança, quando se quer escapar do infortúnio a qualquer preço. Com o Espiritismo o futuro se desenvolve e a esperança se justifica, o suicídio, portanto, não tem mais objetivo; e ainda mais, reconhece-se que, por esse meio, escapa-se de um mal para cair em um outro que é cem vezes pior. Eis aí por que o Espiritismo já afastou tantas vítimas da morte voluntária. São bem culpados aqueles que se esforçam em acreditar por meio de sofismas científicos, e supostamente em nome da razão, nessa idéia desesperadora, fonte de tantos males e crimes, de que tudo acaba com a vida! Eles serão responsáveis, não só pelos seus próprios erros, mas por todos os males dos quais tenham sido a causa.

6. Desejastes escapar às vicissitudes da vida; ganhastes alguma coisa com isso? Estais mais feliz agora?

R. Por que o nada não existe?

7. Quereis ter a bondade de nos descrever a vossa situação o melhor que vos for possível?

R. Eu sofro ao ser obrigado a acreditar em tudo o que eu negava. Minh'alma está como em um braseiro, é atormentada horivelmente.

8. De onde vieram as idéias materialistas que tínheis quando vivo?

R. Em uma outra existência eu havia sido mau, e meu espírito foi condenado a sofrer os tormentos da dúvida durante minha vida; também me suicidei.

Há aqui toda uma ordem de idéias. Muitas vezes se pergunta como pode haver materialistas, uma vez que, já tendo passado pelo mundo espiritual, eles deveriam ter a intuição dele. Ora, é precisamente essa intuição que é negada a certos espíritos que conservaram seu orgulho, e não se sentem arrependidos das suas faltas. Sua prova consiste em adquirir, durante a vida corporal, e por sua própria razão, a prova da existência de Deus e da vida futura que eles têm incessantemente sob os olhos; porém, muitas vezes a presunção de nada admitirem acima de si ainda os arrebata, e disso sofrem a pena até que, sendo domado o seu orgulho, eles enfim se rendem à evidência.

9. Quando vos afogastes, que pensáveis que vos aconteceria? Que reflexões fizestes nesse momento?

R. Nenhuma; era o nada para mim. Vi depois que, não tendo suportado toda a minha condenação, ainda ia sofrer muito.

10. Agora estais bem convencido da existência de Deus, da alma e da vida futura?

R. Pobre de mim, estou apenas mais atormentado por isso!

11. Tornastes a ver vosso irmão?

R. Oh! não.

12. Por que isso?

R. Por que juntar nossos tormentos? Na desgraça nos isolamos, na felicidade nos exilamos; pobre de mim!

13. Ficaríeis contente em rever vosso irmão, que poderíamos chamar aí, ao vosso lado?

R: Não, não, eu sou muito inferior.

14. Por que não quereis que o chamemos?

R. É que ele não é mais feliz.

15. Receais sua visão; isto não poderia vos fazer bem?

R. Não, mais tarde.

16. Desejais que se diga alguma coisa aos vossos parentes?

R. Que orem por mim.

17. Parece que, na sociedade que freqüentastes, algumas pessoas têm as mesmas opiniões que tínheis quando vivo; teríeis alguma coisa para lhes dizer a esse respeito?

R. Ah! os infelizes! Pudessem eles crer em uma outra vida! é isto que eu posso lhes desejar de mais feliz; se pudessem compreender minha triste posição, isso os faria refletir muito.

(Evocação do irmão do precedente, que possuía as mesmas idéias, mas que não se suicidou. Embora infeliz, está mais calmo; sua escrita é clara e legível.)

18. *Evocação.*

R. Possa o quadro dos nossos sofrimentos ser uma útil lição para vós, e vos convencer de que uma outra vida existe, em que se expiam as faltas, a incredulidade.

19. Vós e vosso irmão, com quem acabamos de falar, vos vedes freqüentemente?

R. Não, ele foge de mim.

Poder-se-ia perguntar como os espíritos podem se evitar reciprocamente no mundo espiritual, onde não existem obstáculos materiais, nem lugares solitários ocultos à visão. Neste mundo tudo é relativo e em conformidade com a natureza fluidica dos seres que o habitam. Apenas os espíritos superiores têm percepções indefinidas, entre os espíritos inferiores elas são limitadas, e para estes os obstáculos fluidicos fazem o efeito dos obstáculos materiais. Os espíritos se ocultam à visão uns dos outros por um efeito da sua vontade que age sobre seu invólucro perispiritual e os fluidos ambientes. Mas a Providência, que vela sobre cada um, individualmente, como sobre seus filhos, lhes deixa ou lhes recusa essa faculdade, de acordo com as disposições morais de cada um; segundo as circunstâncias, é uma punição ou uma recompensa.

20. Estais mais calmo do que ele; poderíeis nos dar uma descrição mais precisa dos vossos sofrimentos?

R. Na Terra não sofreis no vosso amor próprio, no vosso orgulho, quando sois obrigados a confessar os vossos erros? Vosso espírito não se revolta ante o pensamento de vos humilhades diante daquele que vos demonstra que estais errados? Pois bem! O que pensais que sofre o espírito que, durante toda uma existência, se

convenceu de que nada existe depois dele, e que, contra todos, sempre teve razão. Quando, de repente, se encontra diante da notória verdade, ele é aniquilado, ele é humilhado. A isso junta-se o remorso de haver podido esquecer, durante tanto tempo, a existência de um Deus tão bom, tão indulgente. Sua situação é insuportável, não encontra calma nem repouso; ele só encontrará um pouco de tranqüilidade no momento em que a graça divina, quer dizer, o amor de Deus o tocar, porque o orgulho apodera-se de tal forma do nosso pobre espírito que o envolve inteiramente, e é preciso muito tempo para nos livrarmos dessa vestimenta fatal; somente a prece de nossos irmãos pode nos ajudar a nos libertarmos dela.

21. Quereis falar dos vossos irmãos vivos ou dos espíritos?

R. De uns e de outros.

22. Enquanto falávamos com vosso irmão, uma pessoa aqui presente rogou por ele; essa prece lhe foi útil?

R. Ela não se perderá. Se agora recusa a graça, isso lhe agrada quando estiver em condições de recorrer a essa divina panacéia.¹⁸⁰

Vemos aqui um outro gênero de castigo, mas que não é o mesmo em todos os incrédulos; para este espírito é, independentemente do sofrimento, a necessidade de reconhecer as verdades que ele havia renegado quando vivo. Suas idéias atuais denotam um certo progresso comparativamente às de outros espíritos que persistem na negação de Deus. Já é alguma coisa e um começo de humildade concordar que se está enganado. É mais que provável que, em sua próxima encarnação, a incredulidade irá dar lugar ao sentimento inato da fé.

Tendo sido transmitido o resultado dessas duas evocações à pessoa que nos havia pedido que as fizéssemos, dela recebemos a seguinte resposta:

“Não podeis imaginar, senhor, o grande bem produzido pela evocação do meu sogro e do meu tio. Nós os reconhecemos perfeitamente; a escrita do primeiro, principalmente, é de uma semelhança evidente com a que ele tinha quando vivo, tanto melhor que, durante os últimos meses que passou conosco, ela era irregular e indecifrável; nela se encontra a mesma forma das pernas ou hastes das letras, do parágrafo, e de certas letras. Quanto às palavras, às expressões e ao estilo, é ainda mais impressionante; para nós, a analogia é perfeita, com a diferença de que agora ele está mais esclarecido sobre Deus, a alma e a eternidade que outrora negava formalmente. Portanto, estamos perfeitamente convencidos da sua identidade. Deus por isso será glorificado com a nossa crença mais firme no Espiritismo, e nossos irmãos, espíritos e encarnados, se tornarão melhores.

A identidade de seu irmão não é menos evidente; na diferença enorme do ateu para o crente, nós reconhecemos seu caráter, seu estilo, a forma de suas frases; uma palavra principalmente nos abalou: *panacéia*; era a sua palavra habitual, ele a dizia e repetia a todos e a cada momento.

Comuniquei essas duas evocações a várias pessoas que ficaram impressionadas com sua veracidade, mas os incrédulos, aqueles que partilham as opiniões dos meus dois parentes, queriam respostas ainda mais categóricas: que o senhor

¹⁸⁰ **Panacéia:** remédio para todos os males. (N.T.)

D., por exemplo, dissesse com precisão o local onde foi enterrado, aquele onde se afogou, de que maneira foi tirado dali, etc. Para satisfazê-los e convencê-los, não poderíeis evocá-lo de novo, e, neste caso, se possível, endereçar-lhe as seguintes perguntas: onde e como cometeu seu suicídio; quanto tempo ficou sob a água; em que lugar seu corpo foi encontrado; em que lugar foi enterrado; de que maneira, civil ou religiosa, realizou-se o seu enterro?

Querei, senhor, eu vos peço, fazê-lo responder categoricamente a essas perguntas que são essenciais para aqueles que ainda duvidam; estou convencido do bem imenso que isso produzirá. Agirei de maneira que minha carta vos chegue amanhã, sexta-feira, a fim de que possais fazer essa evocação na sessão da Sociedade que deve se realizar nesse dia... etc.”

Reproduzimos essa carta pelo caso de identidade que ela constata; juntamos aqui a resposta que lhe demos, para instruir pessoas que não estão familiarizadas com as comunicações de além-túmulo.

“As perguntas que nos solicitastes fazer novamente ao espírito do vosso sogro são, sem dúvida, ditadas por uma louvável intenção, que é a de convencer incrédulos, porquanto a vós não se une nenhum sentimento de dúvida e de curiosidade; porém, um conhecimento mais perfeito da ciência espírita vos teria feito compreender que elas são supérfluas. Primeiro, pedindo-me para fazer vosso parente responder categoricamente, certamente ignorais que não se governam os espíritos à nossa vontade; eles respondem quando querem, como querem e, muitas vezes, como podem. Sua liberdade de ação ainda é maior do que quando estão encarnados, e têm mais meios de escapar à coação moral que se desejaria exercer sobre eles. As melhores provas de identidade são as que dão espontaneamente, de própria vontade, ou as que surgem das circunstâncias, e, na maior parte do tempo, busca-se provocá-las inutilmente.

Vosso parente provou sua identidade, segundo vós, de uma forma irrecusável; portanto, é mais provável que ele se recuse a responder a perguntas que, com justiça, pode encarar como supérfluas e feitas tendo em vista satisfazer a curiosidade de pessoas que lhe são indiferentes. Ele poderia responder, como muitas vezes o têm feito outros espíritos em casos semelhantes: “Para que serve me perguntar coisas que já sabeis?” Eu até acrescentaria que o estado de perturbação e de sofrimento em que ele se encontra deve fazer com que lhe sejam mais dolorosas as indagações desse gênero; é exatamente como se quiséssemos obrigar um doente, que com dificuldade pode pensar e falar, a contar detalhes da sua vida; certamente isso seria faltar com o respeito que se deve à sua posição.

Quanto ao resultado que esperais, ele seria nulo, ficai certo disso. As provas de identidade que foram fornecidas têm um enorme valor pelo fato de terem sido espontâneas, e porque nada podia ajudar a encontrar. Se os incrédulos não estão satisfeitos com isso, eles não o ficariam mais, talvez ficassem menos ainda, com perguntas previstas que poderiam ser suspeitas de convivência. Há pessoas a quem nada pode convencer; elas veriam com seus olhos o vosso parente em pessoa, e diriam que eram vítimas de uma alucinação.

Duas palavras ainda, senhor, sobre o pedido que me fizestes para realizar essa evocação no mesmo dia em que recebesse vossa carta. As evocações não se fazem assim, com autoridade e rigor, e os espíritos não respondem sempre ao nosso apelo, para isso é preciso que eles possam ou queiram fazê-lo; é necessário, além disso, um médium que lhes convenha e que tenha a aptidão especial necessária; que esse médium esteja disponível em um determinado momento; que o meio seja simpático ao espírito, etc. São circunstâncias pelas quais nunca se pode responder, mas que é importante conhecer quando se quer fazer a coisa seriamente.”

— SENHOR FÉLICIEN —

Era um homem rico, instruído, poeta espirituoso, de um caráter bom, delicado e pleno de amenidade, e de uma perfeita honorabilidade. Falsas especulações haviam comprometido sua fortuna e, com a idade não lhe permitindo mais restabelecê-la, sentiu-se desencorajado e suicidou-se, em dezembro de 1864, enforcando-se em seu quarto de dormir. Não era nem um materialista nem um ateu, mas um homem de um humor um pouco leviano, tomando pouco cuidado com a vida futura. Tendo-o conhecido intimamente, nós o evocamos, por simpatia por sua pessoa, quatro meses após a sua morte.

Evocação.

R. Tenho saudade da Terra; nela tive decepções, porém menores do que aqui. Sonhava maravilhas, e estou abaixo da realidade ideal que eu tinha disso. O mundo dos espíritos é muito misturado, e para torná-lo suportável haveria necessidade de uma boa triagem. Custa-me a crer! Que esboço de costumes espíritas se poderia fazer aqui! Balzac¹⁸¹ deveria dedicar-se a tal tarefa, ela seria rude. Mas eu não o avistei... Portanto, onde se encontram esses grandes espíritos que têm tão fortemente flagelado os vícios da humanidade? Eles deveriam, como eu, permanecer aqui algum tempo, antes de irem para regiões mais elevadas. Isto é um pandemônio curioso que me agrada observar, e eu fico aqui.

Ainda que o espírito declare encontrar-se em uma sociedade muito misturada e, por consequência, de espíritos inferiores, sua linguagem apresentava motivos para nos surpreender, em razão do seu gênero de morte ao qual ele não fez nenhuma alusão, porquanto, a não ser isso, tudo era bem o reflexo do seu caráter. Esse fato nos deixava algumas dúvidas sobre sua identidade.

P. Quereis nos dizer, eu vos peço, como morrestes?

R. Como morri? Pela morte que escolhi; ela me agradou; durante muito tempo pensei sobre a morte que deveria escolher para me livrar da vida. E, palavra de honra, confesso que não ganhei grande coisa, a não ser estar livre de meus cuidados

¹⁸¹ **Honoré de Balzac:** escritor francês, (Tours, 1799 - Paris, 1850) notável por suas agudas observações psicológicas, é considerado o fundador do Realismo na literatura moderna. Nas 95 obras que compõem *A comédia humana*, procurou retratar todos os níveis da sociedade francesa, da Revolução ao fim da monarquia. Balzac denunciou os problemas do dinheiro, da usura, da hipocrisia familiar, da constituição dos verdadeiros poderes na França liberal burguesa e discorreu sobre fenômenos sociais. Seus romances estão classificados em *Estudos de costumes*, *Estudos filosóficos* e *Estudos analíticos*. (N.T., segundo os dicionários *Koogan Larousse* e *Grande Enciclopédia Larousse Cultural*.)

materiais, mas para reencontrá-los mais graves, mais penosos em minha posição de espírito da qual não prevejo o fim.

P. *Ao guia do médium*: Foi mesmo o espírito do senhor Félicien quem respondeu? Sua linguagem quase despreocupada nos admira em um suicida.

R. Sim, mas por um sentimento desculpável em sua posição, e que vós compreendeis, ele não queria revelar seu gênero de morte ao médium; foi por isso que criou frases, porém, acabou por confessá-lo levado por vossa pergunta direta, mas está muito triste por isso. Sofre muito por ter se suicidado e afasta, tanto quanto pode, tudo o que lhe faz lembrar esse fim funesto.

P. *Ao espírito*: Vossa morte nos afetou muito porque prevíamos as suas tristes conseqüências, e principalmente em razão da estima e dedicação que tínhamos por vós. Pessoalmente, nunca esqueci quanto fostes bom e cortês para mim. Ficaria feliz em vos testemunhar meu agradecimento, se puder fazer alguma coisa que vos seja útil.

R. E no entanto eu não podia escapar de outra forma aos embaraços da minha posição material. Agora eu só tenho necessidade de preces; orai principalmente para que eu fique livre das horríveis companhias que estão perto de mim e que me obsidiam com seus risos, seus gritos e suas zombarias infernais. Eles me chamam covarde e têm razão; é covardia deixar a vida. Eis que várias¹⁸² vezes sucumbo a esta prova. No entanto, eu havia prometido a mim mesmo não falhar... Fatalidade... Ah! orai; que suplício é o meu! Sou muito infeliz! Orando fareis mais por mim do que fiz por vós quando estava na Terra; mas a prova na qual tantas vezes tenho falhado ergue-se diante de mim em traços inapagáveis. É preciso que eu a sofra de novo em um determinado tempo; terei forças para isso? Ah! tão freqüentemente recomençar a vida! Lutar por tanto tempo e ser arrastado pelos acontecimentos para sucumbir contra a vontade, é desesperador, mesmo aqui! É por isso que tenho necessidade de forças; dizem que se pode extrai-las da prece: orai por mim, eu quero orar também.

Este caso particular de suicídio, ainda que acontecido em circunstâncias muito comuns, apresenta-se, no entanto, sob uma faceta especial. Ele nos mostra um espírito tendo sucumbido várias vezes a essa prova que se renova a cada existência e se renova enquanto ele não tiver conseguido forças para resistir a ela. É a confirmação de que sofremos sem proveito quando o objetivo de aperfeiçoamento para o qual encarnamos não é atingido, porquanto temos que recommençar até que saíamos vitoriosos da luta.

Ao espírito do senhor Félicien: Escutai, eu vos peço, o que vou vos dizer, e meditai sobre estas palavras. O que chamais fatalidade não é outra coisa senão a vossa própria fraqueza, porquanto não existe fatalidade, se assim fosse o homem não seria responsável por seus próprios atos. O homem sempre é livre, e nisso está o seu mais belo privilégio; Deus não quis fazer dele uma máquina agindo e obedecendo cegamente. Se essa liberdade o torna falível, ela também o torna perfectível,

¹⁸² Na 4ª edição, em lugar de *várias*, consta a palavra *quatro*. (N.T.)

e somente pela perfeição é que ele chega à suprema felicidade. Só o seu orgulho o leva a acusar o destino pelas suas desgraças na Terra, enquanto que na maior parte das vezes ele deve admiti-las à sua negligência. Disso vós sois um exemplo vivo em vossa última existência; tivestes tudo o que era preciso para ser feliz segundo o mundo: inteligência, talento, fortuna, consideração merecida; não tínheis vícios ruinosos, mas, ao contrário, qualidades apreciáveis; como vossa posição achou-se comprometida tão radicalmente? Unicamente por vossa imprevidência. Tendes de convir que se tivésseis agido com mais prudência, se tivésseis sabido vos contentar com a bela parte que tínheis, em lugar de procurar aumentá-la sem necessidade, não vos teríeis arruinado. Portanto, não havia nisso nenhuma fatalidade já que podíeis evitar o que aconteceu.

Vossa prova consistia em um encadeamento de circunstâncias que deviam vos dar, não a necessidade, mas a tentação do suicídio; infelizmente para vós, apesar do vosso espírito e vossa instrução, não soubestes dominar essas circunstâncias, e carregais o ônus da vossa fraqueza. Essa prova, assim como o pressentis com razão, deve-se renovar ainda; em vossa próxima existência, estareis exposto a acontecimentos que novamente provocarão a idéia do suicídio, e assim será até haverdes triunfado.

Antes de acusar a sorte, que é a vossa própria obra, admirai a bondade de Deus que, em vez de vos condenar de forma irremissível sobre uma primeira falta, vos oferece continuamente os meios de repará-la. Portanto, sofrereis, não eternamente, mas pelo tempo em que a reparação não houver acontecido. Depende de vós tomar, no estado espiritual, resoluções de tal forma enérgicas, de exprimir a Deus um arrependimento tão sincero, de pedir com tanta insistência o apoio dos bons espíritos, que chegareis à Terra protegido contra todas as tentações. Uma vez alcançada essa vitória, caminhareis na estrada da felicidade com muito mais rapidez, uma vez que, sob outros pontos de vista, vosso adiantamento já é muito grande. Existe ainda um degrau a transpor; para isso vos ajudaremos com nossas preces, porém, elas serão impotentes se vós não nos auxiliardes com os vossos esforços.

R. Obrigado! Oh! obrigado por vossas palavras de ânimo; delas tenho muita necessidade, porque sou mais infeliz do que vos queria fazer parecer. Vou aproveitá-las, eu vos asseguro, e preparar-me para a minha próxima encarnação em que, dessa vez, agirei de modo a não sucumbir. Estou ansioso para sair do desprezível meio em que aqui estou relegado.

Felicien

— ANTOINE BELL —

Contador em um banco no Canadá; suicidou-se em 28 de fevereiro de 1856. Um dos nossos correspondentes, médico e farmacêutico na mesma cidade, nos deu as seguintes informações a respeito dele.

“Eu conhecia Bell há mais de vinte anos. Era um homem inofensivo e pai de uma numerosa família. Há algum tempo, ele imaginou ter comprado veneno em

minha casa, e se utilizado dele envenenando alguém. Muitas vezes veio me suplicar para lhe dizer em que época eu o havia vendido, e se entregava então a arrebatamentos terríveis. Perdia o sono, acusava-se, batia no peito. Sua família ficava numa ansiedade terrível das quatro horas da tarde às nove horas da manhã, momento em que ele se dirigia ao banco onde mantinha seus livros de uma maneira muito regular, sem jamais cometer um só erro. Tinha o hábito de dizer que um ser, que sentia nele, o fazia ter sua contabilidade com ordem e regularidade. No momento em que parecia estar convencido do absurdo dos seus pensamentos, ele exclamava: “Não, não; quereis me enganar... eu me lembro... isso é verdade.”

Antoine Bell foi evocado em Paris, no dia 17 de abril de 1865, a pedido do seu amigo.

1. *Evocação.*

R. Que desejais? Fazer-me sofrer um interrogatório? É inútil, eu confessarei tudo.

2. Está longe do nosso pensamento querer vos atormentar com perguntas indiscretas; desejamos apenas saber qual é a vossa posição no mundo em que estais, e se podemos vos ser úteis.

R. Ah! sim, vós o podeis, eu vos serei muito reconhecido por isso. Tenho horror do meu crime, e sou muito infeliz!

3. Nossas preces, disse temos a esperança, aliviarão vossas penas. Além do mais, pareceis em boas condições. O arrependimento está em vós e já é um início de reabilitação. Deus, que é infinitamente misericordioso, sempre tem piedade do pecador arrependido. Orai conosco. (Aqui, se disse a prece pelos suicidas, que se acha no *Evangelho segundo o Espiritismo.*)

Agora quereis nos dizer de que crime vos reconheceis culpado. Essa confissão, feita com humildade, será levada em consideração.

R. Deixai-me primeiro agradecer a esperança que acabais de fazer nascer em meu coração. Pobre de mim! Há muito tempo, eu vivia em uma cidade da qual o mar do Sul banhava as suas muralhas. Eu amava uma bela jovem que correspondia ao meu amor; mas eu era pobre e fui recusado por sua família. Ela me disse que ia desposar o filho de um negociante cujo comércio se estendia além dos dois mares, e eu fui desprezado. Louco de dor, resolvi tirar minha vida após haver saciado minha vingança, assassinando meu rival odiado. Os meios violentos, no entanto, me repugnavam; eu tremia ante a idéia desse crime, mas o meu ciúme foi mais forte. Na véspera do dia em que minha bem-amada devia ser dele, ele morreu envenenado por minha responsabilidade, achando eu esse meio mais fácil. Assim se explicam essas reminiscências do passado. Sim, já vivi, e é preciso que viva ainda... Oh! meu Deus, tende piedade da minha fraqueza e de minhas lágrimas!

4. Deploramos essa desgraça que retardou o vosso adiantamento, e vos lamentamos sinceramente; porém, já que vos arrependeis, Deus terá piedade de vós. Dizei-nos, eu vos peço, se executastes o vosso projeto de suicídio.

R. Não; confesso, para minha vergonha, que a esperança voltou ao meu coração; eu queria desfrutar a recompensa do meu crime; mas meus remorsos me traíram e expiei, pelo último suplício, esse momento de desvario: enforquei-me.

5. Tínheis consciência dessa má ação na vossa última existência?

R. Apenas nos últimos anos da minha vida, e eis como: eu era bom por natureza, e após ser submetido, como todos os espíritos homicidas, ao tormento da visão contínua da minha vítima, que me perseguia como um remorso vivo, disse fui libertado muitos anos depois por minhas preces e meu arrependimento. Recomecei uma outra vez a vida, esta última, e a atravessava calmo e tímido. Trazia dentro de mim uma vaga intuição da minha fraqueza inata e da minha falta anterior da qual conservei a lembrança latente. Porém, um espírito obsessivo e vingativo, que era o pai da minha vítima, não teve grande dificuldade em se apossar de mim, e em fazer reviver em meu coração, como em um espelho mágico, as lembranças do passado.

Influenciado alternadamente por ele e pelo guia que me protegia, eu era o envenenador ou o pai de família que ganhava o pão dos seus filhos pelo seu trabalho. Fascinado por esse demônio obsessivo, ele me impeliu ao suicídio. Sou bem culpado, é verdade, no entanto menos do que se eu o tivesse resolvido por mim mesmo. Os suicidas da minha categoria, e que são muito fracos para resistir aos espíritos obsessivos, são menos culpados e menos punidos que aqueles que tiram a própria vida por ação única do seu livre-arbítrio. Orai comigo pelo espírito que me influenciou tão fatalmente, a fim de que ele abandone seus sentimentos de vingança, e orai também por mim, para que eu consiga a força e a energia necessárias para não falhar na prova de suicídio por livre vontade à qual, dizem-me, serei submetido em minha próxima encarnação.

6. *Ao guia do médium:* Um espírito obsessivo pode realmente induzir ao suicídio?

R. Certamente, visto que a obsessão que é, ela mesma, um gênero de prova, pode tomar todas as formas; isso, porém, não é uma desculpa. O homem tem sempre seu livre-arbítrio e, por conseqüência, é livre para ceder ou resistir às sugestões às quais está exposto; quando sucumbe é sempre por ação da sua vontade. O espírito, no entanto, tem razão, quando diz que aquele que faz o mal instigado por um outro é menos repreensível e menos punido que quando o comete por sua própria vontade; mas ele não é inocentado, porquanto, o bem não está muito fortemente enraizado nele, desde o instante em que se deixa afastar do bom caminho.

7. Como pôde acontecer que, apesar da prece e do arrependimento que haviam livrado esse espírito do tormento em que ele vivia pela visão da sua vítima, ele ainda tenha sido perseguido pela vingança do espírito obsessivo em sua última encarnação?

R. Sabeis que o arrependimento é apenas a preliminar indispensável da reabilitação, mas ele não basta para livrar o culpado de toda a pena; Deus não se contenta com promessas; é preciso provar, por atos, a solidez do retorno ao bem; é por isso que o espírito é submetido a novas provas que o fortifiquem, ao mesmo tempo

em que elas o fazem adquirir um mérito a mais quando sai vitorioso delas. Ele está exposto às perseguições dos maus espíritos, até que estes o sintam bastante forte para lhes resistir; então eles o deixam em paz, porque sabem que suas tentativas seriam inúteis.

Estes dois últimos exemplos nos mostram a mesma prova se renovando a cada encarnação, e por tanto tempo quanto se leve sucumbindo a ela. Antoine Bell nos mostrou, além disso, o fato não menos instrutivo de um homem perseguido pela lembrança de um crime cometido em uma existência anterior, como um remorso e uma advertência. Vemos por aí que todas as existências são solidárias umas às outras; a justiça e a bondade de Deus sobressaem na faculdade que ele deixa ao homem de se melhorar gradualmente, sem jamais lhe fechar a porta para o resgate de suas faltas; o culpado é punido por sua própria falta, e a punição, em vez de ser uma vingança de Deus, é o meio empregado para fazê-lo progredir.



Capítulo VI

Criminosos Arrependidos

— VERGER —

Assassino do arcebispo de Paris.

Em 3 de janeiro de 1857, monsenhor Sibour, arcebispo de Paris, saindo da igreja de Saint-Étienne du Mont, foi ferido mortalmente por um jovem padre chamado Verger. O culpado foi condenado à morte e executado no dia 30 de janeiro. Até o último momento ele não demonstrou nem remorso, nem pesar, nem sensibilidade.

Evocado no mesmo dia da sua execução, ele deu as seguintes respostas:

1. *Evocação.*

R. Ainda estou preso em meu corpo.

2. É que vossa alma não está inteiramente desligada do vosso corpo?

R. Não... tenho medo... não sei... Esperai que eu reconheça o meu estado... eu não estou morto, não é?

3. Arrependei-vos do que fizestes?

R. Errei em matar; mas fui impulsionado pelo meu caráter que não podia sofrer as humilhações... Vós me evocareis em uma outra vez.

4. Por que já quereis ir?

R. Teria muito medo se o visse; recearia que ele me fizesse o mesmo.

5. Mas não tendes nada a temer pois que vossa alma está separada do vosso corpo; abandonai toda inquietude, ela não é racional.

R. Que desejais? Sempre sois donos das vossas impressões?... Não sei onde estou... Estou louco...

6. Tratai de vos acalmar.

R. Eu não posso, porque estou louco... Esperai!... Vou restabelecer toda a minha lucidez.

7. Se orasses, isto poderia vos ajudar a reunir vossas idéias.

R. Tenho receio... não me atrevo a orar.

8. Orai, a misericórdia de Deus é grande! Nós vamos orar convosco.

R. Sim, a misericórdia de Deus é infinita; sempre acreditei nela.

9. Agora, compreendeis melhor a vossa situação?

R. É tão extraordinária que ainda não posso perceber a causa.

10. Vedes vossa vítima?

R. Parece-me ouvir uma voz que se assemelha à dele e que me diz: "Eu não te quero mais..." mas é um efeito da minha imaginação!... Estou louco, eu vos digo, porque vejo o meu próprio corpo de um lado e minha cabeça de outro... e, no entanto, parece-me que vivo, porém no espaço entre a Terra e o que chamais de céu... Sinto até o frio do cutelo¹⁸³ caindo sobre o meu pescoço... mas isso é o pavor que tenho de morrer... Parece-me que vejo numerosos espíritos em volta de mim, olhando-me com compaixão... eles me falam, mas eu não os compreendo.

11. Entre esses espíritos há algum cuja presença vos humilhe por causa do vosso crime?

R. Eu vos direi que existe apenas um que receio, é aquele que feriu.

12. Lembrai-vos de vossas existências anteriores?

R. Não, estou confuso... creio sonhar... uma outra vez... É preciso que eu me reconheça.

Três dias mais tarde.

13. Agora vos reconheceis melhor?

R. Sei agora que não sou mais desse mundo, e não o lamento. Deploro o que fiz, mas meu espírito está mais livre; compreendo melhor que há uma série de existências que nos dão os conhecimentos úteis para nos tornar perfeitos tanto quanto a criatura pode ser.

14. Fostes punido pelo crime que cometestes?

R. Sim; lamento o que fiz e sofro por isso.

15. De que maneira fostes punido?

R. Fui punido, porque reconheço minha falta e por ela peço perdão a Deus; sou punido pela consciência da minha falta de fé em Deus, e porque sei agora que não devemos cortar os dias de vida dos nossos irmãos; sou punido pelo remorso de haver retardado meu adiantamento, criando um modo errado de proceder e não ouvindo o grito de minha consciência que me dizia que não era matando que alcançaria o meu objetivo; mas eu me deixei dominar pelo orgulho e pelo ciúme; enganei-me, e arrependo-me por isso, visto que o homem deve sempre fazer esforços para domar suas más paixões, e eu não o fiz.

16. Que sentimento experimentastes quando vos evocamos?

R. Um prazer e um receio, porque eu não sou mau.

17. Em que consistem esse prazer e esse receio?

¹⁸³ Ver rodapé nº 143, na p. 308. (N.T.)

R. Um prazer em conversar com os homens, e em poder, em parte, reparar minha falta ao confessá-la. Um receio que eu não saberia definir, uma espécie de vergonha por haver sido um assassino.

18. Desejais reencarnar na Terra?

R. Sim, eu o peço, e desejo me encontrar constantemente exposto a um assassinato, e disso ter medo.

Monsieur Sibour, sendo evocado, disse que perdoava o seu assassino e orava pelo seu retorno ao bem. Acrescentou que, embora estivesse presente, não se mostrou a Verger para não aumentar seu sofrimento; o medo que ele tinha de vê-lo, que era um sinal de remorso, já era um castigo.

P. O homem que comete um assassinato sabe, ao escolher a sua existência, que se tornará assassino?

R. Não; ele sabe que escolhendo uma vida de luta, para ele existe a probabilidade de matar um de seus semelhantes; mas ignora se o fará, porque quase sempre está em luta consigo mesmo.

A situação de Verger, no momento da sua morte, é a de quase todos aqueles que são vítimas de morte violenta. A separação da alma não acontecendo de uma forma brusca, eles ficam como aturcidos e não sabem se estão vivos ou mortos. A visão do arcebispo não lhe foi mostrada porque ela não era necessária para incitar o remorso em Verger, ao passo que outros, ao contrário, são incessantemente perseguidos pelo olhar de suas vítimas.

À enormidade do seu crime, Verger havia acrescentado o fato de não ter se arrependido antes de morrer; encontrava-se portanto, em todas as condições requeridas para merecer a condenação eterna. No entanto, logo que deixou a terra, o arrependimento penetrou sua alma; ele repudiou seu passado e pediu sinceramente para repará-lo. Não foi o excesso de sofrimentos que o impeliu ao arrependimento, já que não teve tempo para sofrer, foi apenas o grito da sua consciência que ele não ouviu durante sua vida e que escuta agora. Então, por que isso não seria levado em consideração? Por que, com alguns dias de diferença, o que o teria salvo do inferno não poderia mais salvá-lo? Por que Deus, que foi misericordioso antes da morte, seria impiedoso algumas horas mais tarde?

Poderíamos nos admirar da rapidez da mudança que, às vezes, ocorre nas idéias de um criminoso, empedernido até o último momento, e naquele cuja passagem para a outra vida é suficiente para fazê-lo compreender a iniquidade da sua conduta. Esse efeito está longe de ser geral, se assim fosse não haveria maus espíritos; o arrependimento freqüentemente é tardio, em consequência a pena também é prolongada.

A obstinação no mal, durante a vida, muitas vezes é proveniente do orgulho que impede o homem de se curvar e de confessar suas faltas; além disso ele está sob a influência da matéria que coloca um véu sobre suas percepções espirituais e o fascina. Caído esse véu, uma luz súbita o ilumina, e ele se encontra com as ilusões destruídas. O rápido retorno a sentimentos melhores é sempre o indício de um certo progresso moral realizado, que não necessita mais que uma circunstância favorável para se revelar, enquanto que aquele que persiste no mal, mais ou menos tempo após a morte, é, incontestavelmente, um espírito mais atrasado, em que o instinto material sufoca o germe do bem, e a quem ainda é preciso novas provas para se corrigir.

— LEMAIRE —

Condenado à pena de morte pelo Tribunal Criminal de Aisne e executado no dia 31 de dezembro de 1857; evocado em 29 de janeiro de 1858.

1. *Evocação.*

R. Estou aqui.

2. Que sentimento experimentais ao nos ver?

R. O da vergonha.

3. Conservastes o vosso discernimento até o último momento?

R. Sim.

4. Imediatamente após a vossa execução, tivestes conhecimento da vossa nova existência?

R. Estava em uma perturbação imensa da qual ainda não saí. Senti uma grande dor, e me pareceu que meu coração a sofria. Vi rolar não sei o quê ao pé do patíbulo; vi o sangue correr, e com isso minha dor tornou-se muito mais lancinante.

P. Era uma dor puramente física, semelhante a que seria causada por um grave ferimento, pela amputação de um membro, por exemplo?

R. Não; imaginai um remorso, uma grande dor moral.

P. Quando começastes a sentir essa dor?

R. Desde que fiquei livre.

5. A dor física causada pelo suplício era sentida pelo corpo ou pelo espírito?

R. A dor moral estava em meu espírito, o corpo sentiu a dor física, mas o espírito, separado, ainda se ressentia da dor.

6. Vistes o vosso corpo mutilado?

R. Vi não sei o quê de informe, que me parecia não haver deixado; entretanto, ainda me sentia inteiro: era eu mesmo.

P. Que impressão vos causou essa cena?

R. Sentia muito a minha dor, estava completamente mergulhado nela.

7. É verdade que o corpo ainda vive alguns instantes após a decapitação, e que o supliciado tem consciência de suas idéias?

R. O espírito se retira pouco a pouco; quanto mais os laços da matéria o prendem, mais demorada é a separação.

8. Dizem ter sido observado no rosto de certos supliciados a expressão de cólera e de movimentos como se eles quisessem falar; isso é o efeito de uma contração nervosa ou de uma ação da vontade?

R. Da vontade, porque o espírito ainda não se havia retirado.

9. Qual foi o primeiro sentimento que experimentastes ao entrar na vossa nova existência?

R. Um sofrimento insuportável, uma espécie de remorso muito doloroso do qual eu ignorava a causa.

10. Fostes reunido aos vossos cúmplices executados ao mesmo tempo que vós?

R. Para nossa desgraça; a visão que temos é um suplício contínuo; cada um de nós reprova no outro o seu crime.

11. Reencontrastes as vossas vítimas?

R. Eu as vejo... elas são felizes... o seu olhar me persegue... sinto que ele mergulha até o fundo do meu ser... inutilmente quero fugir dele.

P. Que sentimento experimentastes ao vê-las?

R. A vergonha e o remorso. Eu as elevei com minhas próprias mãos, e ainda as odeio.

P. Que sentimento elas experimentam ao vos ver?

R. A piedade.

12. Têm ódio e desejo de vingança?

R. Não; elas fazem votos de expiação para mim. Não podeis imaginar que horrível suplício é dever tudo a quem se odeia.

13. Lamentais vossa vida terrestre?

R. Lamento apenas os meus crimes; se esse acontecimento ainda estivesse em minhas mãos, eu não sucumbiria mais.

14. A tendência para o mal estava em vossa natureza ou para ele fostes arrastado pelo meio em que vivestes?

R. A tendência para o crime estava em minha natureza porque eu era apenas um espírito inferior. Eu quis me elevar rapidamente, porém, pedi mais do que minhas forças para consegui-lo. Eu me acreditava forte, escolhi uma rude prova e cedi às tentações do mal.

15. Se tivésseis recebido bons princípios de educação, poderíeis ser afastado da vida criminosa?

R. Sim, mas escolhi a condição em que nasci.

P. Teríeis podido vos tornar um homem de bem?

R. Um homem fraco, incapaz do bem como do mal. Eu podia corrigir o mal da minha natureza durante minha existência, mas não podia me elevar até fazer o bem.

16. Em vossa vida, acreditáveis em Deus?

R. Não.

P. Dizem, no entanto, que no momento de morrer vós vos arrependestes; isso é verdade?

R. Eu acreditei em um Deus vingativo... Tive medo da sua justiça.

P. Neste momento, vosso arrependimento é mais sincero?

R. Pobre de mim! Eu vejo o que fiz.

P. Que pensais de Deus agora?

R. Eu o sinto e não o compreendo.

17. Achais justo o castigo que vos foi dado na Terra?

R. Sim.

18. Esperais obter o perdão dos vossos crimes?

R. Eu não sei.

P. Como esperais resgatá-los?

R. Por novas provas; mas parece-me que a eternidade está entre elas e eu.

19. Onde estais agora?

R. Estou no meu sofrimento.

P. Eu vos pergunto em que lugar estais.

R. Perto do médium.

20. Já que estais aqui, se pudéssemos vos ver, sob qual forma nos apareceríeis?

R. Sob minha forma corporal, a cabeça separada do tronco.

P. Poderíeis nos aparecer?

R. Não, deixai-me!

21. Quereis nos dizer como fugistes da prisão de Montdidier?

R. Não sei mais... meu sofrimento é tão grande que tenho apenas a lembrança do crime... Deixai-me.

22. Poderíamos levar algum alívio aos vossos sofrimentos?

R. Fazei votos para que a expiação chegue.

— BENOIST —

Bordeaux, março de 1862.

Um espírito se apresenta espontaneamente ao médium, sob o nome de Benoist, diz ter morrido em 1704 e passar por horríveis sofrimentos.

1. O que fostes quando encarnado?

R. Um monge sem fé.

2. A falta de crença foi vosso único erro?

R. O suficiente para trazer os outros.

3. Podeis nos dar alguns detalhes sobre vossa vida? A sinceridade das vossas confissões será considerada.

R. Sem fortuna e preguiçoso, escolhi a ordem monástica, não por vocação, mas para ter uma posição. Inteligente, consegui um lugar; influente, abusei do poder; vicioso, arrastei para as desordens aqueles a quem eu tinha a missão de salvar;

insensível, persegui aqueles que pareciam reprovar meus excessos; as *in pace*¹⁸⁴ ficaram cheias por conta das minhas decisões. A fome torturou muitas vítimas; seus gritos, freqüentemente eram extintos sob a violência. Agora, expio e sofro todas as torturas do inferno; minhas vítimas atizam o fogo que me devora. A luxúria e a fome não saciadas me perseguem; a sede irrita meus lábios ardentes, sem jamais deixar cair sobre eles uma gota refrescante; todos os elementos se obstinam contra mim. Rogai por mim.

4. As preces que se fazem pelos mortos devem ser dirigidas a vós como aos outros?

R. Acreditais que elas possam infundir bons sentimentos? Para mim elas têm o valor daquelas que eu tinha o hábito de fazer. Não realizei minha tarefa, logo, não recebo o salário.

5. Jamais vos arrependestes?

R. Há muito tempo; mas o arrependimento veio somente após o sofrimento. Como fui surdo aos gritos de vítimas inocentes, o Mestre está surdo aos meus gritos. Justiça!

6. Reconheceis a justiça do Senhor; então, confiai em sua bondade, pedi a sua ajuda.

R. Os demônios berram mais forte que eu; os gritos sufocam em minha garganta; eles encham minha boca de piche fervente! Eu o fiz, grande... (O espírito não pode escrever a palavra Deus.)

7. Portanto, não estais ainda bastante afastado das idéias terrestres para compreender que as torturas que sofreis são todas morais?

R. Eu as sofro, eu as sinto; vejo meus carrascos, todos têm um rosto conhecido, todos têm um nome que ressoa em meu cérebro.

8. O que podia ter vos induzido a todas essas infâmias?

R. Os vícios que eu possuía, a brutalidade das paixões.

9. Nunca implorastes o socorro dos bons espíritos para vos auxiliarem a sair dessa situação?

R. Vejo apenas os demônios do inferno.

10. Quando vivo, tínheis medo deles?

¹⁸⁴ **In pace**: nome dado a um tipo de masmorra (prisão, cárcere subterrâneo), existente em conventos e castelos, e que era destinada a encerrar, até a morte, os culpados de certas faltas escandalosas, ou a fazer desaparecer, para sempre, os inimigos incômodos.

In pace: expressão latina, que significa *em paz*, outrora freqüentemente gravada nos túmulos cristãos para indicar que o defunto, depois de ter recebido os últimos sacramentos, repousa na paz do Senhor. Lembremos aqui a frase mais comumente usada, ainda hoje, em pedras lapidárias: *Requiescat in pace* ou seja, Descansa em paz. (N.T., segundo o *Dicionário Lello Universal*, volume II.)

R. Não, nenhum, o nada era a minha fé; “a qualquer preço, os prazeres”, esse era o meu culto. Divindades do inferno não me abandonaram, eu lhes consagrei minha vida, elas não me deixarão mais!

11. Não conseguis entrever um fim para os vossos sofrimentos?

R. O infinito não tem fim.

12. Deus é infinito em sua misericórdia, tudo pode ter um fim quando ele o quer.

R. Se ele pudesse querer!...

13. Por que viestes escrever aqui?

R. Não sei; mas eu quis falar, assim como queria gritar para me aliviar.

14. Vossos demônios não vos impediram de escrever?

R. Não, mas eles estão diante de mim, e me esperam, eis por que eu não desejaria terminar.

15. É a primeira vez que escreveis assim?

R. Sim.

P. Tínheis conhecimento de que os espíritos podiam se aproximar dos homens desta maneira?

R. Não.

P. Então, como pudestes compreendê-lo?

R. Eu não sei.

16. Que sensações experimentastes para vir perto de mim?

R. Um adormecimento nos meus terrores.

17. Como percebestes que estáveis aqui?

R. Como quando se desperta.

18. Como fizestes para entrar em relação comigo?

R. Eu não compreendo, mas tu, não o sentiste?

19. Não se trata de mim, mas de vós; tratai de compreender o que fazeis neste momento, quando eu escrevo.

R. Tu és o meu pensamento, eis tudo.

20. Então não tivestes a vontade de me fazer escrever?

R. Não; sou eu quem escreve, tu pensas por mim.

21. Tratai de compreender; os bons espíritos que nos cercam vos ajudaram nisso.

R. Não, os anjos não vêm ao inferno. Tu não estás só?

P. Vede à vossa volta.

R. Eu sinto que me ajudam a pensar em ti... Tua mão me obedece... Eu não toco em ti, e te seguro... Eu não compreendo.

22. Pedi ajuda aos vossos protetores; nós iremos orar juntos.

R. Tu queres me deixar? Fica comigo; eles vão tornar a me agarrar. Eu te suplico, fica! fica!

23. Eu não posso ficar mais tempo. Retornai todos os dias; oraremos juntos e os bons espíritos vos ajudarão.

R. Sim, eu quero o meu perdão. Pede por mim; eu, eu não posso...

O *guia do médium*: “Coragem, meu filho, o que tu pedes será concedido a ele, mas a expiação ainda está longe de terminar. As atrocidades que esse espírito cometeu são sem nome e sem número; ele tornou-se muito mais culpado porque possuía inteligência, instrução e a luz para se guiar. Portanto, ele falhou com conhecimento de causa; assim, seus sofrimentos são terríveis, porém com o socorro e o exemplo da prece eles se suavizarão, porque Benoist lhes verá o possível fim e a esperança o sustentará. Deus o vê no caminho do arrependimento, e concedeu a ele a graça de poder se comunicar para que seja encorajado e sustentado. Portanto, pensa nesse espírito com freqüência, nós o deixamos contigo para fortalecê-lo nas boas resoluções que poderá tomar, ajudado pelos teus conselhos. Ao arrependimento, nele sucederá o desejo da reparação; aí então, ele mesmo pedirá uma nova existência na Terra para praticar o bem em lugar do mal que fez; quando Deus estiver satisfeito com ele, e o vir bem fortalecido, o fará entrever as divinas claridades que o conduzirão ao porto da salvação, e o receberá em seu seio como o filho pródigo. Tem confiança, nós te ajudaremos a concluir tua obra.

Paulin”

Colocamos esse espírito entre os criminosos, ainda que ele não tenha sido atingido pela justiça humana, porque o crime consiste nos atos, e não no castigo imposto pelos homens. Dá-se o mesmo com o espírito a seguir.

— UM ESPÍRITO CONSIGNADO.¹⁸⁵ —
O ESPÍRITO DE CASTELNAUDARY

Em uma pequena casa perto de Castelnaudary ouviam-se barulhos estranhos e ocorriam diversas manifestações que fizeram com que ela fosse considerada como freqüentada por alguns fantasmas. Em razão desse fato, a casa foi exorcizada em 1848, sem resultados. O proprietário, senhor D., tendo vindo habitá-la, nela morreu subitamente alguns anos depois; seu filho, que quis morar nela em seguida, um dia, ao entrar num dos quartos, recebeu uma violenta bofetada dada por uma mão desconhecida. Como se encontrasse completamente só, não teve dúvidas de que ela veio

¹⁸⁵ Na 1ª edição consta apenas este primeiro título; na 4ª, somente o segundo: “O espírito de Castelnaudary”. O texto referente à comunicação deste espírito aparece na 4ª edição com alguns parágrafos em ordem diferente da apresentada na 1ª edição. (N.T.)

de uma fonte oculta, eis por que resolveu deixar a casa definitivamente. Na região, há uma tradição segundo a qual um grande crime havia sido cometido naquela casa.

O espírito que dera a bofetada foi evocado na Sociedade de Paris, em 1859, e manifestou-se com sinais de violência; todos os esforços para acalmá-lo foram inúteis. São Luís, interrogado a esse respeito, respondeu: É um espírito da pior espécie, um verdadeiro monstro; nós o fizemos vir, mas não pudemos convencê-lo a escrever, apesar de tudo o que lhe foi dito; ele tem o seu livre-arbítrio e dele o infeliz tem feito um triste uso.

P. Esse espírito é passível de se melhorar?

R. Por que não! Todos não o são? Esse como os outros? Entretanto, é preciso contar com dificuldades; porém, por mais perverso que o espírito seja, o bem, oferecido em lugar do mal, acabará por sensibilizá-lo. Que se ore primeiro, que volte a ser evocado daqui a um mês, e podereis julgar a mudança que nele terá ocorrido.

O espírito, novamente evocado algum tempo depois, mostrou-se mais afável, e, pouco a pouco, submisso e arrependido. Das explicações fornecidas por ele e por outros espíritos, chegou-se à conclusão de que em 1608 ele habitava aquela casa, onde havia assassinado seu irmão por suspeita de ciumenta rivalidade, ferindo-o na garganta enquanto ele dormia. Alguns anos depois, matou aquela a quem fizera a sua mulher, após a morte de seu irmão. Ele morreu em 1659, com a idade de 80 anos, sem haver sido perseguido por essas mortes, às quais se dava pouca atenção naqueles tempos de confusão. Desde a sua morte, ele não deixara de procurar fazer o mal e havia provocado vários acidentes ocorridos naquela casa.

Um médium vidente, que assistiu à primeira evocação, o viu no momento em que se quis fazê-lo escrever; ele sacudia fortemente o braço do médium, seu aspecto era horrível: estava vestido com uma camisa cheia de sangue e segurava um punhal.

1. A São Luís: Quereis nos descrever o gênero de suplício desse espírito?

R. Para ele é atroz, pois foi condenado a permanecer na casa onde o crime foi cometido, sem poder dirigir seu pensamento a outra coisa que não seja o seu crime, sempre diante de seus olhos, e ele acredita que está condenado a essa tortura por toda a eternidade. Ele se vê constantemente no momento em que cometeu o crime; qualquer outra lembrança lhe foi retirada e toda comunicação com um outro espírito, proibida; na Terra ele só pode ficar nessa casa, se está no Espaço, fica nas trevas e na solidão.

2. Haveria um meio de fazê-lo sair dessa casa? Qual seria?

R. Se desejamos nos livrar de obsessões de semelhantes espíritos, isto é fácil orando-se por eles, é o que sempre se deixa de fazer. Prefere-se assustá-los com fórmulas de exorcismo que muito os divertem.

3. Dando às pessoas interessadas a idéia de orar por ele, e nós mesmos orando, o faríamos sair da casa?

R. Sim, mas observai que eu disse orar, e não fazer orar.

4. Há dois séculos que ele está nessa situação; esse espírito avalia esse tempo como se fosse vivo? Quer dizer, o tempo lhe parece tão longo ou menos longo do que quando estava vivo?

R. Parece-lhe mais longo: o sono não existe para ele.

5. Foi-nos dito que para os espíritos o tempo não existe, e que, para eles, um século é um ponto na eternidade; então não ocorre o mesmo com todos os espíritos?

R. Não, certamente. É assim apenas para os espíritos que chegaram a um grau muito elevado de adiantamento; mas, para os espíritos inferiores, o tempo é algumas vezes bem longo, principalmente quando eles sofrem.

6. De onde veio esse espírito antes da sua encarnação?

R. Ele teve uma existência entre as populações mais ferozes e mais selvagens, e, precedentemente, veio de um planeta inferior à Terra.

7. Esse espírito é punido muito severamente pelo crime que cometeu; se viveu entre populações bárbaras, deve ter cometido atos não menos atrozos que o último; ele foi punido da mesma forma por causa deles?

R. Foi menos punido porque, mais ignorante, compreendia menos a extensão desses atos.

8. O estado em que se encontra esse espírito é o dos seres vulgarmente chamados condenados?

R. Absolutamente; existem outros bem mais horríveis ainda. Os sofrimentos estão longe de ser os mesmos para todos, mesmo para crimes semelhantes, porque variam conforme o culpado seja mais ou menos acessível ao arrependimento. Para este espírito, a casa onde ele cometeu o crime é o seu inferno; outros espíritos o carregam dentro de si, pelas paixões que os atormentam e que eles não podem satisfazer.

Com efeito, temos visto avaros sofrerem com a visão do ouro, que para eles havia se tornado uma verdadeira quimera; orgulhosos, atormentados pelo ciúme das honras que viam conceder, e que não se endereçavam a eles; homens, que na Terra haviam comandado, humilhados pelo poder invisível que os obriga a obedecer, e pela visão dos seus subordinados que não se curvam mais diante deles; ateus sofrerem as angústias da incerteza, e se acharem em um isolamento absoluto no meio da imensidão, sem encontrar nenhum ser que pudesse esclarecê-los. No mundo dos espíritos, se existem alegrias para todas as virtudes, existem penas para todas as faltas; e aquelas que a lei dos homens não atinge, a lei de Deus sempre incide sobre elas.

Além disso, deve-se observar que as mesmas faltas, ainda que cometidas em condições idênticas, são punidas por castigos algumas vezes muito diferentes, de acordo com o grau de adiantamento intelectual do espírito. Aos espíritos mais atrasados, e de uma natureza bruta como aquele de que estamos falando aqui, são aplicadas penas de alguma forma mais materiais que morais, enquanto que ocorre o contrário com aqueles cuja inteligência e sensibilidade são mais desenvolvidas. Aos primeiros é necessária a aplicação de castigos apropriados à sua rudeza, para fazê-los compreender o desprazer da sua situação e inspirar-lhes o desejo de sair dela; é assim que apenas a vergonha, por exemplo, que a eles causaria pouca ou nenhuma impressão, aos outros seria intolerável.

Nesse código penal divino, a sabedoria, a bondade e a providência de Deus com suas criaturas se revelam até nas mais pequenas coisas; tudo é proporcionado e combinado com uma admirável solicitude para facilitar aos culpados os meios de se reabilitarem, as mais pequenas

boas aspirações de suas almas são levadas em consideração. Segundo o dogma das penas eternas, ao contrário, no inferno estão misturados os grandes e os pequenos culpados, os culpados de um dia e os cem vezes reincidentes; os endurecidos e os arrependidos; tudo é calculado para mantê-los no fundo do abismo, nenhuma tábua de salvação lhes é oferecida; um só erro pode lançá-los no inferno para sempre, sem que seja levado em conta qualquer bem que ele tenha feito. De que lado se encontra a verdadeira justiça e a verdadeira bondade?

9. Esse espírito, apesar da sua inferioridade, é sensível aos bons efeitos da prece; temos visto ocorrer o mesmo com outros espíritos igualmente perversos e da mais bruta natureza; então, como pode ocorrer que espíritos mais esclarecidos, de uma inteligência mais desenvolvida, mostrem uma ausência completa de bons sentimentos, riam de tudo o que há de mais sagrado, enfim, que nada os sensibilize, e que neles não exista nenhuma interrupção no seu cinismo?

R. A prece só tem efeito em favor do espírito que se arrepende; aquele que, levado pelo orgulho, se revolta contra Deus e persiste nos seus desregramentos, ainda os exagerando, como o fazem os espíritos infelizes, sobre esse a prece nada pode, e nada poderá a não ser no dia em que um indício de arrependimento manifestar-se nele. A ineficácia da prece, para eles, é ainda um castigo; ela alivia somente aqueles que não estão completamente endurecidos.

10. Quando se vê um espírito inacessível aos efeitos da prece, isso é uma razão para se deixar de orar por ele?

R. Não, sem dúvida, porque cedo ou tarde ela poderá triunfar sobre o seu endurecimento e fazer com que nele germinem pensamentos salutares.

O mesmo acontece com certas doenças sobre as quais os remédios só agem com o correr do tempo, o efeito não é apreciável no momento; em outras, ao contrário, eles agem prontamente. Se nos compenetrarmos desta verdade: todos os espíritos são suscetíveis de perfeição, e nenhum está eterna e fatalmente votado para o mal, compreenderemos que a prece, cedo ou tarde, terá o seu efeito, e que aquela prece que em princípio parece ser ineficaz não deixou de depositar, no espírito, germes salutares que o predispõem ao bem, se ela não o sensibilizar imediatamente. Portanto, seria um erro perdermos a coragem porque não se triunfa imediatamente.

11. Se esse espírito reencarnasse, em que categoria de indivíduos se encontraria?

R. Isso dependerá dele e do arrependimento que sentir.

Várias conversas que tivemos com esse espírito, nele produziram uma notável mudança em seu estado moral. Eis algumas de suas respostas às nossas perguntas:

12. Por que não pudestes escrever na primeira vez em que vos chamamos?

R. Eu não queria.

P. Por que não o queríeis?

R. Ignorância e embrutecimento.

13. Agora podeis deixar a casa de Castelnaudary quando o desejais?

R. Isso me é permitido, porque aproveito vossos bons conselhos.

P. Sentis algum alívio?

R. Começo a ter esperança.

14. Se pudéssemos vos ver, sob qual aparência vos veríamos?

R. Em camisa, sem punhal.

P. Por que não teríeis mais vosso punhal? Que fizeste dele?

R. Eu o maldigo; Deus me poupa do desgosto de vê-lo.

15. Se o filho do senhor D. (aquele que recebeu a bofetada) retornasse à casa, vós lhe faríeis mal?

R. Não, porque estou arrependido.

P. E se ele ainda quisesse vos desafiar?

R. Oh! não me pergunteis isso! Eu não poderia me dominar, estaria acima das minhas forças... porque sou apenas um miserável.

16. Conseguis entrever o término das vossas penas?

R. Oh! ainda não; já é muito mais do que mereço, saber, graças à vossa intercessão, que elas não durarão sempre.

17. Podeis nos descrever a situação em que estáveis antes que vos chamássemos pela primeira vez? Compreendeis que vos perguntamos isso para ter um meio de vos ser útil, e não por um motivo de curiosidade.

R. Já vos disse, não tinha consciência de nada do mundo, apenas do meu crime, e não podia deixar a casa onde o cometi a não ser para me elevar no espaço onde tudo era solidão e obscuridade à minha volta; eu não saberia vos dar uma idéia do que é isso, nunca compreendi nada. Desde que me elevava no espaço, era escuro, era vazio... não sei o que era. Hoje sinto muito mais remorsos, e não sou mais obrigado a ficar naquela casa fatal, é-me permitido vagar sobre a Terra e procurar esclarecer-me pelas observações que faço, porém, apenas compreendo melhor a enormidade dos meus erros. Se, por um lado, sofro menos, por outro minhas torturas aumentam por causa do remorso; mas, ao menos, tenho a esperança.

18. Se devésseis retomar uma existência corporal, qual a que escolheríeis?

R. Ainda não vi nem refleti o bastante para sabê-lo.

19. Durante o vosso longo isolamento e, pode-se dizer, vosso cativeiro, sentistes remorsos?

R. Nem o menor remorso, e foi por isso que sofri tanto tempo. Somente quando comecei a senti-los é que foram provocadas, sem eu saber, as circunstâncias que ocasionaram minha evocação à qual devo o começo da minha libertação. Obrigado, portanto, a vós que tivestes piedade de mim e me haveis esclarecido.

Essa evocação não foi efeito do acaso; como tal fato devia ser útil a esse infeliz, os espíritos que por ele velavam, vendo que ele começava a compreender a enormidade de seus crimes, julgaram que havia chegado o momento de lhe darem uma ajuda eficaz, e foi então que provocaram as circunstâncias propícias. É um fato que temos visto acontecer muitas vezes.

Pergunta-se, sobre esse assunto, o que aconteceria a esse espírito se ele não pudesse ter sido evocado, e o que será de todos os espíritos sofredores que não podem ser evocados ou daqueles em quem não se pensa. A isso foi respondido que os caminhos de Deus, para a salvação das suas criaturas, são inumeráveis; a evocação é um meio de assisti-los, mas não é, certamente, o único, e Deus não deixa nenhum deles no esquecimento. Aliás, as preces coletivas também devem exercer sua parte de influência sobre os espíritos acessíveis ao arrependimento.

Deus não podia subordinar a sorte dos espíritos sofredores aos conhecimentos e à boa vontade dos homens. Desde que estes puderam estabelecer relações regulares com o mundo invisível, um dos primeiros resultados do Espiritismo foi ensinar aos homens os serviços que, com a ajuda dessas relações, podiam prestar aos seus irmãos desencarnados. Deus quis, por esse meio, provar-lhes a solidariedade que existe entre todos os seres do universo, e dar uma lei da natureza por base ao princípio da fraternidade. Abrindo esse campo novo ao exercício da caridade, Deus mostra o lado verdadeiramente útil e sério das evocações, desviadas do seu objetivo providencial pela ignorância e a superstição. Portanto, os espíritos sofredores em época alguma tiveram falta de ajuda, e se as evocações lhes abrem uma nova estrada de salvação, os encarnados com isso ganham talvez ainda mais, pois que as evocações são para eles novas ocasiões de fazer o bem, instruindo-se sobre o verdadeiro estado da vida futura.

— JACQUES LATOUR —¹⁸⁶

Assassino condenado pelo Tribunal Criminal de Foix, e executado em setembro de 1864.

Em uma reunião espírita íntima de sete a oito pessoas, ocorrida em Bruxelas no dia 13 de setembro de 1864, em que estávamos presente, uma senhora médium foi convidada a escrever. Não tendo sido feita nenhuma evocação especial, ele traçou com uma agitação extraordinária, em caracteres muito grossos, e após ter riscado violentamente o papel, estas palavras:

“Eu me arrependo! Eu me arrependo! Latour.”

Surpresos com essa comunicação inesperada, que nada havia provocado, porque ninguém pensava nesse infeliz do qual a maioria dos assistentes ignorava a morte, dirigimos ao espírito algumas palavras de compaixão e de encorajamento, depois foi-lhe feita esta pergunta:

Que motivo pôde vos animar a vir entre nós, em vez de a outro lugar, já que não vos chamamos?

A médium, que também é médium falante, respondeu de viva voz:

“Vi que sois almas que têm compaixão e que iríeis sentir piedade de mim, enquanto que outros me evocam mais por curiosidade que por verdadeira caridade, ou se afastam de mim com horror.”

Então começou uma cena indescritível que durou mais de meia hora. A médium, juntando à palavra os gestos e a expressão da fisionomia, tornava evidente que o espírito se identificou com a sua pessoa; às vezes seus lamentos de desespero eram tão lancinantes, descrevendo suas angústias e seus sofrimentos com um

¹⁸⁶ Na 4ª edição, alguns parágrafos do texto referente à comunicação deste espírito aparecem em ordem diferente da apresentada na 1ª edição. (N.T.)

tom tão doloroso, e suas súplicas eram tão veementes, que todos os assistentes ficavam profundamente emocionados.

Alguns estavam mesmo espantados com a superexcitação da médium, mas nós sabíamos que um espírito que se arrepende e que implora a piedade não oferecia nenhum perigo. Se ele se serviu de seus órgãos, foi para melhor descrever sua situação e nos interessarmos mais por sua sorte, e não como os espíritos obsessores e possessivos, que têm em vista se apossarem do médium para dominá-lo. Isso lhe foi permitido, sem dúvida, no seu próprio interesse e talvez, também, para instrução das pessoas presentes.

Ele exclamou:

“Oh! sim, piedade! Preciso muito dela, porque não sabeis o que sofro... não, vós não o sabeis; não podeis compreender... é horrível!... A guilhotina!... O que é a guilhotina ao lado do que sofro agora? Isso não é nada; é um instante. Mas este fogo que me devora é pior, é uma morte contínua; é um sofrimento que não deixa tréguas nem repouso... que não tem fim!

E minhas vítimas que estão aqui, em volta de mim... que me mostram suas feridas... que me perseguem com seus olhares!... Elas estão aqui, diante de mim... eu as vejo todas... sim, todas... eu as vejo todas; não posso evitá-las... E esse mar de sangue!... e esse ouro manchado de sangue!... tudo está aqui, sempre diante de mim... Vós sentis o cheiro do sangue? Do sangue, sempre do sangue!... Ei-las, essas pobres vítimas, elas me imploram... e eu, sem piedade, as golpeio... golpeio... golpeio sempre!... O sangue me inebria!

Eu acreditava que após a minha morte tudo estaria terminado; eis por que desafiei o suplício; desafiei Deus, e o reneguei!... E eis que quando me julgava aniquilado para sempre, um despertar terrível se fez... Oh! sim, terrível!... estou cercado de cadáveres, de fisionomias ameaçadoras... eu ando no sangue... Acreditava estar morto, e eu vivo!... Eu vivo para rever tudo isso! Para rever tudo, incessantemente! É terrível!... É horrível!... mais horrível que todos os suplícios da Terra!

Oh! se todos os homens pudessem saber o que existe além da vida!... eles saberiam quanto custa fazer o mal; não haveria mais assassinos, criminosos, malfeitores! Eu queria que todos os assassinos pudessem ver o que vejo, o que sofro... Oh! não existiria mais nenhum... É horrível demais sofrer o que eu sofro!

Sei bem que o tenho merecido, ó meu Deus! Porque não tive piedade das minhas vítimas; repeli suas mãos suplicantes quando me pediam que as poupasse. Sim, eu mesmo fui cruel; eu as matei covardemente para ter o seu ouro!... Fui impiedoso; vos reneguei, meu Deus; blasfemei vosso santo nome... Quis me atordoar; eis por que eu queria me persuadir de que vós não existíeis... Oh! meu Deus! sou um grande criminoso! Agora eu o compreendo. Mas... não tereis piedade de mim?... Vós sois Deus, quer dizer, a bondade, a misericórdia! Sois onipotente!

Piedade, Senhor! Oh! piedade, piedade! Eu vos suplico, não sejais inflexível; livrai-me desta visão odiosa, dessas imagens horríveis... desse sangue... de minhas vítimas cujos olhares me penetram até o coração como golpes de punhal.

Vós que estais aqui, que me escutais, vós sois almas boas, almas caridosas; sim, eu o vejo, vós tendes piedade de mim, não é? Vós rogareis por mim... Oh! eu vos suplico, não me rejeiteis. Vós pedireis a Deus para retirar esse horrível espetáculo da frente dos meus olhos; ele vos escutará, porque sois bons... Eu vos suplico, não me rejeiteis como rejeitei os outros... Rogai por mim!”

Os assistentes, sensibilizados com os seus lamentos, dirigiam-lhe palavras de encorajamento e de consolação: “Deus, eles lhe disseram, não é inflexível; o que ele pede ao culpado é um arrependimento sincero e o desejo de reparar o mal que fez. Já que vosso coração não está insensível, e que lhe pedis perdão dos vossos crimes, ele estenderá sobre vós a sua misericórdia, se tiverdes firmeza nas boas resoluções para reparar o mal que fizestes. Não podeis, sem dúvida, devolver às vossas vítimas a vida que lhes haveis tirado, mas, se pedirdes com fervor, Deus permitirá que torneis a vos encontrar com elas em uma nova existência quando então podereis lhes demonstrar tanto o devotamento quanto a crueldade que tivestes com elas. E quando Deus julgar a reparação suficiente, obtereis vosso perdão junto a ele. A duração do vosso castigo está assim entre vossas mãos; depende de vós abreviá-lo; nós prometemos vos ajudar com nossas preces, e pedir para vós a assistência dos bons espíritos. Vamos dizer em vossa intenção a prece que se encontra no *Evangelho segundo o Espiritismo* para os espíritos sofredores e arrependidos. Não diremos a prece para os maus espíritos porque, desde que vos arrependeis, implorais a Deus e renunciáis a fazer o mal, sois, aos nossos olhos, apenas um espírito infeliz, não um mau espírito.”

Dita essa prece, e após alguns minutos de calma, o espírito voltou a falar:

“Obrigado, meu Deus!... Oh! obrigado, vós tivestes piedade de mim; essas horríveis imagens se afastam... não me abandoneis, enviai-me bons espíritos para me sustentarem... Obrigado.”

Após esta cena, a médium ficou, durante algum tempo fatigada e abatida; seus ombros estavam bambos. Ela teve a lembrança, inicialmente confusa, do que acabara de acontecer; depois, pouco a pouco, lembrou-se de algumas palavras que pronunciou, e que dizia contra a sua vontade; ela sentia que não era ela quem falava.

No dia seguinte, em uma nova reunião, o espírito ainda se manifestou, e recomeçou, durante alguns minutos somente, a cena da véspera, com a mesma pantomima¹⁸⁷ expressiva, porém menos violenta; depois escreveu, pela mesma médium, com uma agitação febril, as seguintes palavras:

“Obrigado por vossas preces; uma melhora sensível já se produziu em mim. Pedi a Deus com tanto fervor que ele permitiu que, por um momento, meus sofrimentos fossem abrandados; mas eu os verei ainda, as minhas vítimas... Ei-los! Ei-los! Vedes este sangue?...”

¹⁸⁷ **Pantomima:** arte ou ato de expressão por meio de gestos; mímica. (N.T.)

(A prece da véspera foi repetida. O espírito continuou, dirigindo-se à médium.)

“Perdão por me apossar de vós. Obrigado pelo alívio que trazeis aos meus sofrimentos; perdão a vós por todo o mal que vos ocasionei; mas tenho necessidade de me manifestar, somente vós o podeis...

Obrigado, obrigado! Um pouco de alívio se produziu, mas não estou no fim das minhas provas. Breve minhas vítimas ainda retornarão: eis a punição, eu a mereci, meu Deus, mas sede indulgente.

Todos vós, rogai por mim, tende piedade de mim!

“Lalour”

Não se pode deixar de reconhecer a profundidade e a grande importância de algumas palavras que esta comunicação encerra, além disso, ela apresenta um dos aspectos do mundo dos espíritos castigados, acima do qual, no entanto, se entrevê a misericórdia de Deus. A alegoria mitológica das Eumênides¹⁸⁸ não é tão ridícula quanto se supõe, e os demônios, carrascos oficiais do mundo invisível que as substituem na crença moderna, são menos racionais, com seus chifres e seus forcados,¹⁸⁹ do que essas vítimas servindo, elas mesmas, para o castigo dos culpados.

Admitindo-se a identidade desse espírito, talvez surpreenda uma mudança tão rápida em seu estado moral. É que muitas vezes, como fizemos observar em uma outra ocasião, existem mais recursos em um espírito brutalmente mau que naquele que é dominado pelo orgulho, ou que esconde seus vícios sob o manto da hipocrisia. Esse rápido retorno a melhores sentimentos indica uma natureza mais selvagem que perversa, à qual faltou apenas uma boa direção. Comparando sua linguagem com a de um outro criminoso, adiante mencionado sob o título “Castigo pela luz”, é fácil verificar qual dos dois é mais avançado moralmente, apesar da diferença de instrução e de posição social. Um obedecia a um instinto natural de ferocidade, uma espécie de superexcitação, enquanto que o outro empregava, na realização dos seus crimes, a calma e o sangue-frio de uma lenta e perseverante combinação, e, após sua morte, ainda desafiava o castigo por orgulho; ele sofre, mas não quer admitir isso; o outro é prontamente domado.

Pode-se assim prever qual dos dois sofrerá por mais tempo.

Um membro da Sociedade Espírita de Paris, que havia orado por esse infeliz espírito e o havia evocado, dele obteve as seguintes comunicações em diferentes intervalos:

I

“Fui evocado quase após minha morte e não pude comunicar-me imediatamente, porém, muitos espíritos levianos tomaram o meu nome e o meu lugar. Aproveitei a presença do presidente da Sociedade de Paris em Bruxelas e, com a permissão dos espíritos superiores, eu me comuniquei.

¹⁸⁸ **Eumênides:** significa as *Benevolentes*, nome dado, em sentido oposto, às *Erínias* ou *Fúrias*, deusas da vingança. Os gregos, que evitavam pronunciar palavras agourentas, acreditavam que chamando-as de “benevolentes” lhes aplacavam a cólera. As *Erínias* ou *Fúrias* eram três, *Alecto*, *Tisífone* e *Megera*, e tinham por missão punir os crimes dos homens. Elas apareciam representadas com os cabelos enleados por serpentes, levando numa das mãos uma tocha e na outra um punhal. (N.T.)

¹⁸⁹ Ver nota de rodapé nº 27, na página 77. (N.T.)

Virei me comunicar na Sociedade, farei revelações que serão um começo de reparação das minhas faltas e que poderão servir de ensino para todos os criminosos que lerão minhas palavras e refletirão com a narração dos meus sofrimentos.

Os discursos sobre as penas do inferno fazem pouco efeito sobre o espírito dos culpados, que não crêem em todas essas imagens, terríveis para as crianças e os homens fracos. Ora, um grande malfeitor não é um espírito temeroso, e o medo dos policiais age mais sobre ele do que a narração dos tormentos do inferno. Eis por que todos aqueles que me lerem serão impressionados por minhas palavras, por meus sofrimentos, que não são suposições. Não há um só padre que possa dizer: 'Eu vi o que dizeis, assisti as torturas dos condenados.' Mas quando eu vier dizer: 'Eis o que se passou após a morte do meu corpo; eis qual foi a minha desilusão ao reconhecer que não estava morto como eu havia esperado, e que o que considerei como o fim dos meus sofrimentos era o começo de torturas impossíveis de descrever.' Então, mais de um deles vai parar junto à beira do precipício onde ia cair; cada infeliz que eu fizer parar na estrada do crime, servirá para resgatar uma de minhas faltas. É assim que o bem sai do mal, e que a bondade de Deus se manifesta por toda parte, na Terra como no Espaço.

Foi-me permitido ser libertado da visão das minhas vítimas, que se transformaram em meus carrascos, a fim de me comunicar convosco; porém, ao vos deixar, voltarei a vê-las, e só esse pensamento me faz sofrer tanto que eu não posso descrever. Sou feliz quando me evocam porque então eu deixo meu inferno por alguns instantes. Pedi sempre por mim; pedi ao Senhor para que ele me livre da visão das minhas vítimas.

Sim, oremos juntos, a prece faz tanto bem... Estou mais aliviado, não sinto mais da mesma forma o peso do fardo que me acabrunha. Vejo um clarão de esperança que luz aos meus olhos e, cheio de arrependimento, eu exclamo: Bendita seja a mão de Deus, que a sua vontade seja feita!"

II

O médium: Em lugar de pedir a Deus para vos livrar da visão das vossas vítimas, eu vos convido a orar comigo para pedir-lhe forças a fim de suportar essa tortura expiatória.

Latour: "Eu teria preferido ser libertado da visão das minhas vítimas. Se soubésseis o que sofro! O homem mais insensível ficaria emocionado se pudesse ver, marcados em meu rosto como com fogo, os sofrimentos da minha alma. Farei o que me aconselhais. Compreendo que é um meio um pouco mais rápido de expiar minhas faltas. É como uma operação dolorosa que deve restituir a saúde ao meu corpo muito doente.

Ah! se os culpados da Terra pudessem me ver! Como ficariam assustados com as conseqüências dos seus crimes que, escondidos aos olhos dos homens, são vistos pelos espíritos! Quanto a ignorância é fatal a uma quantidade tão grande de pobres pessoas!

Quanta responsabilidade assumem aqueles que recusam a instrução às classes mais pobres da sociedade! Eles crêem que com os guardas e a polícia podem prevenir os crimes. Como estão enganados!...”

III

“Os sofrimentos que suporto são horríveis, porém, depois das vossas preces, sinto-me assistido por bons espíritos que me dizem para esperar. Compreendo a eficácia do remédio heróico que me aconselhastes, e peço ao Senhor que me conceda forças para suportar essa cruel expiação. Ela é igual, posso dizê-lo, ao mal que fiz. Não quero procurar desculpar as minhas perversidades; porém, pelo menos, com exclusão de alguns instantes de terror que precederam o momento da morte, para cada uma das minhas vítimas, uma vez cometido o crime, a dor cessou; e aquelas que haviam terminado suas provas terrestres foram receber a recompensa que as aguardava. No entanto, desde o meu regresso ao mundo dos espíritos, não deixei de sofrer as dores do inferno, exceto nos momentos em que me comuniquei.

Os padres, apesar da descrição terrível das penas que os condenados sofrem, têm apenas uma idéia bem fraca dos verdadeiros sofrimentos que a justiça de Deus aplica aos seus filhos que violaram sua lei de amor e de caridade. Como fazer crer, às pessoas que usam da razão, que uma alma, quer dizer, algo que não é material, possa sofrer ao contato do fogo material? É absurdo, e eis por que tantos criminosos se riem desses quadros fantásticos do inferno. Porém, não é da mesma forma com a dor moral que o condenado sofre após a morte física.

Rogai por mim, para que o desespero não se apodere do meu ser.”

IV

“Eu vos agradeço pelo alvo que me fizestes entrever, alvo glorioso ao qual eu sei que chegarei quando houver me purificado. Sofro muito, no entanto parece-me que meus sofrimentos diminuam. Eu não posso crer que, no mundo dos espíritos, a dor diminua porque a ela nos habituamos pouco a pouco. Não. O que percebo é que as vossas bondosas preces aumentaram as minhas forças, e se as minhas dores são as mesmas, minha força sendo maior, eu sofro menos.

Meu pensamento volta-se para a minha última existência, para os erros que poderia ter evitado se eu soubesse orar. Hoje compreendo a eficácia da prece; compreendo a força dessas mulheres honestas e piedosas, frágeis segundo a carne, mas fortes pela sua fé; compreendo esse mistério que os falsos sábios da Terra não compreendem. Prece! Esta palavra só provoca o riso dos espíritos fortes. Eu os espero no mundo dos espíritos, e quando o véu que lhes encobre a verdade se rasgar para eles, por sua vez eles virão se prosternar aos pés do Eterno que desprezaram, e ficarão felizes em se humilhar para se reabilitarem de seus pecados e de seus crimes! Eles compreenderão a virtude da prece.

Orar é amar; amar é orar! Então, eles amarão o Senhor e irão lhe dirigir suas preces de amor e de reconhecimento, e, regenerados pelo sofrimento, porque eles

deverão sofrer, rogarão, como eu, para terem a força de expiar e de sofrer, e quando deixarem de sofrer, irão orar para agradecer ao Senhor o perdão que eles mereceram pela sua submissão e sua resignação. Oremos, irmão, para me fortificar mais...

Oh! obrigado, irmão, pela tua caridade porque estou perdoado. Deus me livrou da visão das minhas vítimas. Oh! meu Deus, sede bendito por toda a eternidade pela graça que me concedeis! Oh! meu Deus! Eu sinto a enormidade dos meus crimes, e encho-me de assombro diante da vossa onipotência. Senhor! Eu vos amo de todo meu coração e vos peço a graça de permitir, quando vossa vontade me mandar sofrer novas provas na Terra, que eu vá, missionário da paz e da caridade, ensinar as crianças a pronunciar vosso nome com respeito. Que eu possa, eu vos peço, ensiná-las a vos amar, a vós, o Pai de todas as criaturas. Oh! obrigado, meu Deus! Sou um espírito arrependido, e meu arrependimento é sincero. Eu vos amo, tanto quanto o meu coração, tão impuro, pode compreender esse sentimento, pura emanção da vossa divindade.

Irmão, oremos, porque meu coração transborda de reconhecimento. Estou livre, quebrei minhas algemas, não sou mais um condenado, sou um espírito sofredor, mas arrependido, e queria que meu exemplo pudesse fazer parar no limiar do crime todas essas mãos criminosas que eu vejo prestes a se levantarem. Oh! paraí, irmãos, paraí, porque as torturas que preparais para vós serão horríveis! Não acrediteis que o Senhor sempre se deixará comover tão rapidamente pela prece de seus filhos. São séculos e séculos de tortura que vos aguardam!"

O guia do médium: "Tu dizes que não compreendes as palavras do espírito. Procura justificar a sua emoção e o seu reconhecimento ao Senhor, ele não acredita que possa exprimi-las e testemunhá-las de uma forma melhor que tentando deter todos esses criminosos que ele vê e que tu não podes ver. Ele queria que suas palavras chegassem até eles, e o que ele não te disse, porque ainda o ignora, é que lhe será permitido começar missões reparadoras. Ele irá para perto de seus cúmplices procurar inspirar-lhes o arrependimento e introduzir em seus corações o germe do remorso. Às vezes vemos, na Terra, pessoas que acreditamos serem honestas, irem aos pés de um padre para se acusarem de um crime. É o remorso que os obriga a confessar seu erro. E se o véu que te separa do mundo invisível se levantasse, freqüentemente verias um espírito, que foi o cúmplice ou o instigador de um crime, vir, como Jacques Latour o fará, procurar reparar a sua falta, inspirando o remorso ao espírito encarnado.

Jeü guia prolelor"

A médium de Bruxelas, que havia recebido a primeira manifestação de Latour, mais tarde obteve dele a seguinte comunicação:

"Não receeis mais nada de mim; estou mais tranqüilo, no entanto ainda soffro. Deus teve piedade de mim, porque viu o meu arrependimento. Agora, soffro por causa deste arrependimento que mostra a enormidade das minhas faltas.

Se eu tivesse sido bem guiado na vida, não teria feito todo o mal que fiz; mas meus instintos não foram reprimidos, e obedeci a eles, não tendo conhecido

nenhum freio. Se todos os homens pensassem mais em Deus ou pelo menos se todos os homens acreditassem nele, semelhantes crimes não se cometeriam mais.

A justiça dos homens, porém, é mal entendida; por uma falta, algumas vezes leve, um homem é encerrado em uma prisão, que sempre é um lugar de perdição e perversão. Dela ele sai completamente perdido pelos maus conselhos e maus exemplos que ali obteve. Porém, se a sua natureza é bastante boa e bastante forte para resistir ao mau exemplo, saindo da prisão todas as portas lhe são fechadas, todas as mãos se retiram diante dele, todos os corações honestos o repelem. O que lhe resta? O desprezo e a miséria; o abandono; o desespero, se ele sente em si boas resoluções para retornar ao bem; a miséria o leva a tudo. Ele, então, também despreza o seu semelhante, ele o odeia e perde toda a consciência do bem e do mal, porquanto se vê repellido, ele que, entretanto, havia decidido tornar-se um homem honesto. Para conseguir o necessário, ele rouba, às vezes ele mata; depois é guilhotinado!

Meu Deus, no momento em que minhas alucinações vão recomeçar, eu sinto vossa mão que se estende sobre mim; sinto vossa bondade que me envolve e me protege. Obrigado, meu Deus! Na minha próxima existência, usarei minha inteligência, meus bens, para socorrer os infelizes que sucumbiram e preservá-los da queda.

Obrigado, a vós que não sentis repugnância ao vos comunicardes comigo; não tendes receio; podeis ver que eu não sou mau. Quando pensardes em mim, não me imagineis pelo retrato que vistes de mim, mas pelo de uma pobre alma desolada que vos agradece a vossa indulgência.

Adeus, evocai-me ainda, e rogai por mim.

Latour”

Estudo sobre o Espírito Jacques Latour:

“Sofro, por causa deste arrependimento que mostra a enormidade das minhas faltas.” Há, nessas palavras de Latour, um pensamento profundo. O espírito só compreende realmente a gravidade das suas más ações quando se arrepende, o arrependimento provoca o desgosto, o remorso, sentimento doloroso que é a transição do mal para o bem, da doença moral para a saúde moral. É para fugir disso que os espíritos perversos tornam-se indiferentes à voz da sua consciência; como esses doentes que recusam o remédio que deve curá-los, eles procuram iludir-se, atordoar-se, persistindo no mal. Latour chegou a essa fase em que a insensibilidade acaba por ceder; o remorso entrou em seu coração, o arrependimento veio a seguir, ele compreende a extensão do mal que fez, vê quanto é desprezível, e sofre; eis por que afirmou: “Sofro por causa deste arrependimento.” Em sua existência precedente, ele deve ter sido pior que nesta porque, se tivesse se arrependido como o fez presentemente, sua vida seria melhor. As resoluções que tomou agora irão influir em sua existência terrestre futura; a que ele acabou de deixar, por mais criminosa que tenha sido, marcou uma etapa de progresso para ele. É mais que provável que antes de iniciar essa existência Latour fosse, na erraticidade, um desses maus espíritos rebeldes, obstinados no mal, como tanto se vê.

Muitas pessoas perguntaram que proveito podiam tirar das existências passadas, já que não se lembravam do que foram nem do que fizeram.

Essa questão está completamente resolvida pelo fato de que, se o mal que cometemos está apagado, e se dele não resta nenhum traço em nosso coração, lembrarmo-nos dele seria

inútil, porquanto não temos mais com que nos preocupar. Quanto àquele do qual não estamos inteiramente corrigidos, nós o conhecemos por nossas tendências atuais, é sobre estas que devemos dirigir toda a nossa atenção. É suficiente saber o que somos, sem que seja preciso saber o que fomos.

Quando se considera a dificuldade, durante a vida, da reabilitação do culpado, por mais arrependido que ele esteja, e a reprovação de que se torna alvo, deve-se agradecer a Deus por haver lançado um véu sobre o passado. Se Latour fosse condenado na ocasião propícia, e mesmo que tivesse sido absolvido, seus antecedentes fariam com que fosse rejeitado pela sociedade. Quem teria desejado, apesar do seu arrependimento, admiti-lo em sua intimidade? Os sentimentos que hoje ele manifesta, como espírito, nos dão a esperança de que, em sua próxima existência terrestre, ele será um homem honesto, estimado e considerado; porém, supondo-se que se saiba que ele foi Latour, a reprovação ainda o perseguiria. O véu lançado sobre o seu passado abre-lhe a porta da reabilitação; ele poderá sentar-se sem receio e sem desonra entre as pessoas mais honestas. Quantas criaturas existem que desejariam, a qualquer preço, poder apagar da memória dos homens certos anos da sua existência!

Que se encontre uma doutrina que se concilie, melhor do que esta, com a justiça e a bondade de Deus! Além disso, esta doutrina não é uma teoria, mas o resultado de observações. Não foram os espíritos que a imaginaram; eles viram e observaram as diferentes situações em que os espíritos se apresentam; procuraram explicá-las, e dessa explicação saiu a doutrina. Se a aceitaram, é porque ela resulta de fatos, e porque ela lhes pareceu mais racional que todas aquelas emitidas até este dia sobre o futuro da alma.

Não se pode recusar a essas comunicações um alto ensinamento moral. O espírito pode ser, e deve mesmo ter sido, ajudado em suas reflexões e principalmente na escolha das suas expressões, por espíritos mais avançados; porém, em semelhante caso, estes últimos só ajudam na forma e não no fundamento, e jamais colocam o espírito inferior em contradição com ele mesmo. Eles puderam, em Latour, poetizar a forma do arrependimento, mas não o teriam feito exprimir o arrependimento contra sua vontade porque o espírito tem o seu livre-arbítrio; eles viram em Latour o germe dos bons sentimentos³, eis por que o ajudaram a se exprimir, e assim contribuíram para desenvolver esses sentimentos ao mesmo tempo em que pediram compaixão para ele.

Existe alguma coisa mais surpreendente, mais moral, de maneira à impressionar mais vivamente, que a cena desse grande criminoso arrependido, desabafando seu desespero e seus remorsos; e que, em meio às suas torturas, perseguido pelo olhar incessante de suas vítimas, eleva seu pensamento a Deus para implorar sua misericórdia? Não é um salutar exemplo para os culpados? Compreende-se a natureza de suas angústias, elas são racionais, terríveis, ainda que simples e sem encenação fantasmagórica.

Podéramos, talvez, nos admirar de uma tão grande mudança em um homem como Latour; mas por que ele não teria arrependimento? Por que não haveria nele um fio sensível, vibrante? O culpado estaria então para sempre consagrado ao mal? Não chega um momento em que a luz se faz em sua alma? Esse momento havia chegado para Latour. Está precisamente aí o lado moral de suas comunicações; é o entendimento que ele tem da sua situação; são seus lamentos, seus projetos de reparação que são eminentemente instrutivos. Que se acharia de extraordinário se ele se arrependesse sinceramente antes de morrer; se dissesse antes o que disse depois? Disso não se tem numerosos exemplos?

Um retorno ao bem, antes da sua morte, passaria por fraqueza aos olhos da maior parte dos seus semelhantes; sua voz do além-túmulo é a revelação do futuro que os espera. Ele está na verdade absoluta quando diz que seu exemplo é mais próprio para fazer os culpados entrarem no bom caminho do que a perspectiva das chamas do inferno e mesmo do patíbulo.

Por que, pois, não se daria seu exemplo nas prisões? Isso faria mais de um culpado refletir, assim como já temos vários exemplos. Porém, como crer na eficácia das palavras de um morto, quando se crê pessoalmente que quando se morre tudo acaba? Dia virá, entretanto, em que se reconhecerá esta verdade: os mortos podem vir instruir os vivos.

Há muitas outras instruções importantes para se tirar dessas comunicações; inicialmente é a confirmação deste princípio de eterna justiça: o arrependimento não basta para colocar o culpado na classe dos eleitos. O arrependimento é o primeiro passo em direção à reabilitação e que chama a misericórdia de Deus; é o prelúdio do perdão e da diminuição dos sofrimentos, mas Deus não absolve sem condições, a expiação é necessária e principalmente a reparação; é o que Latour compreende e é para o que ele se prepara.

Em segundo lugar, se compararmos esse criminoso ao de Castelnaudary, acharemos uma grande diferença no castigo que lhe é aplicado. Neste último, o arrependimento foi mais tardio e por consequência a pena foi mais longa. Além disso, essa pena foi quase material, enquanto que em Latour o sofrimento é moral; é que, como dissemos acima, no criminoso de Castelnaudary a inteligência era bem menos desenvolvida que em Latour, era necessário qualquer coisa que pudesse atingir seus sentidos obtusos. As penas morais, porém, não são menos pungentes para aquele que chegou ao grau exigido para compreendê-las, pode-se julgá-las pelas lamentações que Latour profere; não é a cólera, é a expressão dos remorsos logo seguida do arrependimento e do desejo de reparar, a fim de progredir.



Capítulo VII

Espíritos Endurecidos

— LAPOMMERAY¹⁹⁰ —
O CASTIGO PELA LUZ

Em uma das sessões da Sociedade de Paris, em que se discutira a questão da perturbação que geralmente ocorre após a morte, um espírito, ao qual ninguém havia feito alusão e que não se pensava evocar, manifestou-se espontaneamente pela comunicação a seguir; embora não fosse assinada, sem dificuldade nela se reconheceu um grande criminoso que a justiça dos homens recentemente punira.

“Que falais da perturbação? Por que essas palavras vãs? Sois sonhadores e utopistas.¹⁹¹ Ignorais completamente as coisas das quais pretendeis vos ocupar. Não, senhores, a perturbação não existe, salvo, talvez, nos vossos cérebros. Estou tão terminantemente morto quanto possível; e vejo claro em mim, em torno de mim, por toda a parte!... A vida é uma fúnebre comédia. Inábeis, aqueles que se despedem da cena antes que caia a cortina!... A morte é um terror, um castigo, um desejo, segundo a fraqueza ou a força daqueles que a temem, a desafiam ou suplicam por ela. Para todos ela é uma amarga zombaria!... A luz me ofusca e, como uma flecha pontiaguda, penetra a sutileza do meu ser... Castigaram-me com as trevas da prisão, e acreditaram me castigar com as trevas do túmulo, ou aquelas sonhadas pelas superstições católicas. Pois bem, sois vós, senhores, que experimentais a obscuridade, e eu, o degradado social, estou no alto, acima de vós... Eu quero permanecer o que sou!... Forte pelo pensamento, desdenho os avisos que ressoam à minha volta... Vejo claro... Um crime é uma palavra! O crime existe por toda a parte. Quando é executado por massas de homens, é glorificado; particularmente é uma desonra. Absurdo!

Não quero ser lamentado... não peço nada... não preciso do auxílio de ninguém e saberei lutar contra esta odiosa luz.

Aquele que ontem era um homem.”

Essa comunicação foi analisada na sessão seguinte, e reconheceu-se, no próprio cinismo da linguagem, um importante ensinamento; viu-se na situação desse infeliz uma nova fase do castigo que espera os culpados. Realmente, enquanto uns são lançados nas trevas ou em um isolamento absoluto, outros sofrem durante longos anos as angústias da sua última hora ou se julgam ainda vivendo neste

¹⁹⁰ Na 1ª edição, consta apenas: “O castigo pela luz”. (N.T.)

¹⁹¹ **Utopista:** pessoa que concebe ou defende utopias, ou seja, projetos irrealizáveis, quimeras, fantasias. (N.T.)

mundo. Para esse espírito a luz brilha, ele goza da plenitude das suas faculdades, sabe perfeitamente que está morto e não se lamenta de nada; não pede nenhuma assistência e ainda desafia as leis divinas e humanas. Isto então significa que ele escaparia ao castigo? Não; mas acontece que a justiça de Deus se realiza sob todas as formas, e o que faz a alegria de uns para outros é um tormento; essa luz faz o suplício desse espírito contra o qual ele se mantém inflexível, e, apesar do seu orgulho, ele o confessa quando diz: “Não preciso do auxílio de ninguém e saberei lutar contra essa odiosa luz”; e nesta outra frase: “A luz me ofusca e, como uma flecha pontiaguda, penetra a sutileza do meu ser”. Essas palavras “sutileza do meu ser” são características; ele reconhece que seu corpo é fluido e penetrável pela luz da qual ele não pode escapar, e essa luz o penetra como uma flecha pontiaguda.

Este espírito está colocado aqui entre os endurecidos porque esteve muito tempo sem manifestar o mínimo arrependimento, o que também é um exemplo verdadeiro de que o progresso moral nem sempre segue o progresso intelectual. Entretanto, pouco a pouco, ele se corrigiu e mais tarde deu comunicações ajuizadamente racionais e instrutivas. Hoje, ele pode ser colocado entre os espíritos arrependidos.

Nossos guias espirituais, solicitados a darem sua apreciação sobre este assunto, ditaram as três comunicações a seguir, que merecem uma séria atenção.

I

“Os espíritos na errandade, evidentemente sob o ponto de vista das existências, estão inativos e aguardando; no entanto, eles podem expiar, contanto que seu orgulho e a tenacidade pavorosa e insubmissa de seus erros não os detenham no momento de sua ascensão progressiva. Tendes um exemplo terrível disso na última comunicação desse criminoso insensível, debatendo-se contra a justiça divina que o constringe depois da dos homens. Então, nesse caso, a expiação, ou antes o sofrimento fatal que os atormenta, em lugar de lhes ser proveitoso e de fazê-los sentir a profunda significação de suas penas, os exalta na revolta, e faz crescer neles esses murmúrios que as *Escrituras*, em sua poética eloquência, denomina *ranger de dentes*; uma imagem por excelência! Sinal do sofrimento enfraquecido, porém insubmisso! Perdido na própria dor, mas cuja revolta ainda é bastante grande para não reconhecer a verdade do castigo e a verdade da recompensa!

Os grandes erros muitas vezes, e até quase sempre, persistem no mundo dos espíritos, assim como as grandes consciências criminosas.

Ser o mesmo, apesar de tudo, e ostentar-se diante do infinito, assemelha-se a essa cegueira do homem que contempla as estrelas e as considera arabescos de um teto, tal como os gauleses do tempo de Alexandre acreditavam.

Existe o infinito moral! Miserável, infimo é aquele que, sob o pretexto de continuar as lutas e as fanfarrices abjetas da Terra, não vê mais longe no outro mundo do que via neste. Para esse, a cegueira, o desprezo dos outros, a egoísta e mesquinha personalidade e a demora do progresso! É incontestável, ó homens! que há

um acordo secreto entre a imortalidade de um nome puro deixado sobre a Terra e a imortalidade que os espíritos realmente conservam em suas provas sucessivas.

Lamenais ”

II

“Lançar um homem nas trevas ou em ondas de luz: o resultado não é o mesmo? Tanto em um como em outro caso, ele não vê nada do que o cerca, e se habituará ainda mais rapidamente à sombra que à triste claridade elétrica na qual ele pode estar imerso. Portanto, o espírito que se comunicou na última sessão exprime bem a verdade da sua situação quando exclama: ‘Oh! eu me livrarei desta odiosa luz!’ Efetivamente, essa luz é tanto mais terrível, tanto mais medonha, quanto mais completamente ela o atravessa, e torna visíveis e aparentes seus mais secretos pensamentos. Aí está um dos lados mais penosos do seu castigo espiritual. O espírito se encontra, por assim dizer, internado na casa de vidro que Sócrates pedia, e aí ainda está um ensinamento porquanto o que teria sido a alegria e a consolação do sábio, torna-se a punição infamante e contínua do mau, do criminoso, do parricida, horrorizado em sua própria personalidade.

Compreendeis, meus filhos, a dor e o terror que devem atormentar aquele que, durante uma existência sinistra, sentia grande prazer em combinar, em maquinar os mais deploráveis crimes no fundo do seu ser, onde ele se refugiava como uma fera em sua caverna, e que hoje se acha expulso desse covil íntimo, onde se escondia dos olhares e da investigação dos seus contemporâneos? Agora sua máscara de impassividade lhe foi arrancada, e cada um dos seus pensamentos se reflete sucessivamente em seu rosto!

Sim, daqui em diante, nenhum repouso, nenhum asilo para esse formidável criminoso. Cada mau pensamento, e Deus sabe se sua alma o manifesta, se revela por fora e por dentro dele, como sob a ação de um choque elétrico superior. Ele quer se ocultar da multidão, e a luz odiosa o revela continuamente. Ele quer fugir, e foge numa corrida arrojante e desesperada através dos espaços incomensuráveis... mas, por toda a parte, a luz! Por toda parte, os olhares que se cravam nele! E ele se arremessa novamente em busca da sombra, à procura da noite, mas a sombra e a noite não existem mais para ele. Chama a morte para ajudá-lo, mas a morte é apenas uma palavra sem nenhum sentido. O desgraçado fuge sempre! Ele caminha para a loucura espiritual — castigo terrível, dor medonha — onde se debaterá consigo para se libertar de si mesmo; porque esta é a lei suprema além da Terra: é o culpado que se torna, por si mesmo, seu mais inflexível castigo.

Quanto tempo isso irá durar? Até o momento em que sua vontade, enfim vencida, se curvará sob o aperto pungente do remorso, em que seu rosto altivo se humilhará diante de suas vítimas pacificadas e diante dos espíritos de justiça. E observai a elevada lógica das leis imutáveis, nisso ele ainda realizará o que escrevia nessa orgulhosa comunicação — tão clara, tão lúcida e tão tristemente cheia de si mesmo — que ele deu na última sexta-feira, libertando-se por um ato da sua própria vontade.

Erasto ”

III

“A justiça humana não faz distinção da individualidade dos seres que castiga; avaliando o crime pelo próprio crime, ela atinge indistintamente aqueles que o cometeram, a mesma pena recai sobre o culpado sem distinção de sexo, e qualquer que seja a sua educação.

A justiça divina procede de forma diferente: as punições correspondem ao grau de adiantamento dos seres aos quais elas são aplicadas. A igualdade do crime não constitui a igualdade entre os indivíduos; dois homens culpados, sob o mesmo ponto essencial, podem ser separados pela distância das provas, que lançam um na opacidade intelectual dos primeiros círculos iniciadores, enquanto que o outro, tendo-os ultrapassado, possui a lucidez que liberta o espírito da perturbação. Então, não são mais as trevas que castigam, mas a acuidade da luz espiritual, ela traspassa a inteligência terrestre, e a faz sentir a dor de uma chaga em carne viva.

Os seres desencarnados perseguidos pela representação material do seu crime sofrem o choque da electricidade física: sofrem pelos sentidos; aqueles que já estão desmaterializados pelo espírito sentem uma dor muito superior que aniquila, com suas ondas amargas, a recordação dos fatos, para deixar subsistir apenas o conhecimento de suas causas.

O homem pode, portanto, apesar da criminalidade das suas ações, possuir um adiantamento interior, e, enquanto as paixões o fazem agir como um bruto, suas faculdades aguçadas o elevam acima da espessa atmosfera das camadas inferiores. A ausência de ponderação, de equilíbrio entre o progresso moral e o progresso intelectual, produz as anomalias muito freqüentes em épocas de materialismo e de transição.

A luz que tortura o espírito culpado, portanto, é exatamente o raio espiritual inundando de claridade os refúgios secretos do seu orgulho, e mostrando-lhe a futilidade do seu ser fragmentário. Esses são os primeiros sintomas e as primeiras angústias da agonia espiritual, e que anunciam a separação ou a dissolução dos elementos intelectuais e materiais que compõem a primitiva dualidade humana, e devem desaparecer na grande unidade do ser aperfeiçoado.

Jean Reynaud”

Essas três comunicações, obtidas simultaneamente, completam-se uma pela outra, e apresentam o castigo sob um novo aspecto eminentemente filosófico e racional. É provável que os espíritos, querendo tratar essa questão segundo um exemplo, tenham provocado, com esse propósito, a comunicação espontânea do espírito culpado.

Ao lado dessa descrição baseada sobre um fato, eis aqui, para estabelecer um paralelo, a que foi feita por um pregador durante a quaresma, em Montreuil-sur-Mer, em 1864, sobre o inferno:

“O fogo do inferno é milhões de vezes mais intenso que o da terra, e se um dos corpos que nele queimam, sem se consumirem, viesse a ser lançado sobre o nosso planeta, ele o empestaria de uma a outra extremidade! O inferno é uma vasta e sombria caverna, crivada de pregos pontiagudos, de lâminas de espadas muito aguçadas, de lâminas de navalhas afiadíssimas, nas quais são precipitadas as almas dos condenados.” (Ver a *Revista Espírita* de julho de 1864, p. 199.)

— ANGÈLE, NULIDADE SOBRE A TERRA —

Bordeaux, 1862.

Um espírito apresenta-se espontaneamente ao médium sob o nome de Angèle.

1. Arrependei-vos de vossas faltas?

R. Não.

P. Então, por que viestes até mim?

R. Para experimentar.

P. Portanto, não sois feliz?

R. Não.

P. Sofreis?

R. Não.

P. O que é que vos falta?

R. A paz.

Certos espíritos consideram como sofrimentos apenas aqueles que lhes lembram as dores físicas, admitindo, no entanto, que seu estado moral é intolerável.

2. Como pode vos faltar a paz na vida espiritual?

R. Um lamento do passado.

P. O lamento do passado é um remorso, então vos arrependeis?

R. Não, é por medo do futuro.

P. O que temeis?

R. O desconhecido.

3. Quereis me dizer o que fizestes em vossa última existência? Isso talvez me ajude a vos esclarecer.

R. Nada.

4. Qual era a vossa posição social?

R. Mediana.

P. Fostes casada?

R. Casada e mãe.

P. Cumpristes com zelo os deveres dessa dupla posição?

R. Não, meu marido me entediava, meus filhos também.

5. Como passastes a vossa vida?

R. A divertir-me na juventude, entediando-me como mulher.

P. Quais eram as vossas ocupações?

R. Nenhuma.

P. Quem, então, cuidava da vossa casa?

R. A empregada doméstica.

6. Não é nessa inutilidade que é preciso procurar a causa dos vossos lamentos e dos vossos receios?

R. Talvez tu tenhas razão.

P. Não basta admitir esse fato. Quereis, para reparar essa existência inútil, ajudar os espíritos culpados que sofrem à nossa volta?

R. Como?

P. Ajudando-os a se melhorarem pelos vossos conselhos e vossas preces.

R. Eu não sei orar.

P. Nós o faremos juntos, e aprendereis; quereis isso?

R. Não.

P. Por quê?

R. A fadiga.

Instrução do guia do médium:

“Nós te demos instruções colocando sob teus olhos os diversos graus de sofrimento e de posição dos espíritos condenados à expiação em consequência de suas faltas.

Angèle era uma dessas criaturas sem iniciativa, cuja vida é tão inútil para os outros quanto para elas mesmas. Só amam o prazer, incapazes de procurar no estudo, na realização dos deveres da família e da sociedade, essas satisfações do coração, as únicas que podem dar encanto à vida, porque elas são de todas as idades. Angèle só pôde empregar seus jovens anos com distrações frívolas; depois, quando os deveres sérios chegaram, o mundo havia feito o vazio ao redor dela, porque ela fizera o vazio em seu coração.

Sem defeitos sérios, mas sem qualidades, ela fez a desgraça de seu marido, perdeu o futuro dos seus filhos, arruinando seu bem-estar por seu desleixo e sua indolência. Adulterou-lhes a ação de julgar e também os seus corações, primeiro por seu exemplo, e depois abandonando-os aos cuidados de empregados domésticos dos quais ela não tomava nem mesmo o cuidado de escolher. Sua vida foi inútil ao bem e por isso mesmo culpada, porque o mal nasce do bem negligenciado. Compreendei bem, todos vós, que não basta deixar de cometer erros, é necessário praticar as virtudes que lhe são opostas.

Estudai os mandamentos do Senhor, meditai-os, e ficai certos de que, se eles vos colocam uma barreira que vos detém à beira do mau caminho, eles vos forcem, ao mesmo tempo, a voltar para trás para tomar a rota oposta que conduz ao bem. O mal é contrário ao bem, logo, aquele que quer evitá-lo deve entrar na estrada oposta, sem o que a sua vida é nula, suas obras são mortas, e Deus, nosso pai, não é o Deus dos mortos, mas o Deus dos vivos.”

P. Posso vos perguntar qual foi a existência anterior de Angèle? A última devia ter sido a conseqüência dessa vida.

R. Ela havia vivido na indolência beata e na inutilidade da vida monástica. Preguiçosa e egoísta por gosto, quis experimentar a vida de família, mas o espírito muito pouco progrediu. Ela sempre repeliu a voz íntima que lhe mostrava o perigo; a inclinação era suave, ela preferiu antes entregar-se a ela do que fazer um esforço para se deter no início. Ainda hoje compreende o perigo que existe em se manter nessa neutralidade, mas não sente forças para tentar o menor esforço para sair dessa situação. Rogai por ela, despertai-a; forçai seus olhos a se abrirem para a luz: é um dever, e não desprezeis nenhum dever.

O homem foi criado para a atividade; a atividade do espírito é sua essência, a atividade do corpo é uma necessidade. Satisfazei, pois, as condições da vossa existência, como espírito destinado à paz eterna. Como corpo destinado ao serviço do espírito, vosso corpo é apenas uma máquina submetida à vossa inteligência, portanto, trabalhai, cultivai a inteligência a fim de que ela dê um impulso salutar ao instrumento que deve ajudá-la a cumprir sua tarefa; não lhe deis nem repouso nem trégua, lembrai-vos de que a paz a que aspirais só vos será concedida após o trabalho. Assim, quanto mais tempo houverdes negligenciado o trabalho, mais tempo durará para vós a ansiedade da espera.

Trabalhai, trabalhai continuamente; cumpri todos os vossos deveres sem exceção, realizai-os com zelo, com coragem, com perseverança, e vossa fé vos sustentará. Aquele que conclui com consciência a tarefa mais ingrata, a mais desprezível da vossa sociedade, é cem vezes mais elevado aos olhos do Altíssimo que aquele que impõe esta tarefa aos outros e negligencia a sua. Tudo são degraus para subir ao céu: não os quebreis, portanto, sob vossos pés, e considerai que estais cercados de amigos que vos estendem a mão e sustentam aqueles que depositam sua força no Senhor.

Monod

— UM ESPÍRITO ENTEDIADO —

Bordeaux, 1862.

Este espírito se apresenta espontaneamente ao médium e implora preces.

1. O que vos induziu a pedir preces?

R. Estou cansado de vaguear sem objetivo.

P. Há muito tempo que estais nessa situação?

R. 180 anos mais ou menos.

P. Que fizestes na Terra?

R. Nada de bom.

2. Qual é a vossa posição entre os espíritos?

R. Estou entre os entediados.

P. Isso não forma uma categoria.

R. Tudo forma categoria entre nós. Cada sensação encontra seus semelhantes ou seus simpáticos que se reúnem.

3. Por que, se não estáveis condenado ao sofrimento, ficastes tanto tempo sem progredir?

R. Estava condenado ao tédio, é um sofrimento entre nós; tudo o que não é alegria é dor.

P. Então fostes forçado a permanecer vagueando contra a vossa vontade?

R. São causas muito sutis para a vossa inteligência material.

P. Tentai fazer com que eu as compreenda, isto será um começo de utilidade para vós.

R. Eu não poderia, não tendo termo de comparação. Uma vida extinta na Terra deixa ao espírito que não tirou proveito dela, o mesmo que o fogo deixa ao papel que ele consumiu: fagulhas, que relembram às cinzas ainda unidas entre si o que elas foram e a causa do seu nascimento ou, se o quiseres, da destruição do papel. Essas fagulhas são a lembrança dos laços terrestres que abrem sulcos no espírito até que ele haja dispersado as cinzas do seu corpo. Somente então, essência etérea, ele se reconhece, e deseja progredir.

4. O que pôde vos ocasionar o tédio do qual vos lamentais?

R. Conseqüência da existência. O tédio é o filho da ociosidade; eu não soube utilizar os longos anos que passei na Terra e a conseqüência disso veio refletir-se neste nosso mundo.

5. Os espíritos que, como vós, andam sem destino, atormentados pelo tédio, não podem fazer parar esse estado quando o querem?

R. Não, nem sempre o podem, porque o tédio paralisa a sua vontade. Eles sofrem as conseqüências da sua existência; como foram inúteis e não tiveram nenhuma iniciativa, não encontram cooperação alguma entre eles. São abandonados a si mesmos, até que o cansaço desse estado neutro os faça desejar modificá-lo; à menor vontade que desperte neles, encontram apoio e bons conselhos para ajudar seus esforços e perseverarem.

6. Podeis me dizer alguma coisa sobre a vossa vida terrestre?

R. Ai de mim! bem pouca coisa, tu deves compreender. O tédio, a inutilidade, a ociosidade são provenientes da preguiça; a preguiça é mãe da ignorância.

7. As vossas existências anteriores não fizeram com que vos adiantásseis?

R. Sim, todas, mas muito fracamente, porque todas foram o reflexo umas das outras. Sempre há progresso, mas tão pouco sensível que é inapreciável para nós.

8. Esperando que recomenceis uma outra existência, quereis vir mais vezes perto de mim?

R. Chama por mim para me obrigar a isso; tu me farás um favor.

9. Podeis me dizer por que vossa letra muda tantas vezes?

R. Porque tu perguntas muito; isso me cansa, e eu tenho necessidade de ajuda.

O guia do médium:

"É o trabalho intelectual que fatiga esse espírito e que nos obriga a prestar-lhe nossa ajuda para que ele possa responder às tuas perguntas.

É um desocupado do mundo dos espíritos, como o foi do mundo terrestre. Nós o levamos a ti para tentar tirá-lo da apatia desse tédio que é um verdadeiro sofrimento, muitas vezes mais penoso que os sofrimentos agudos, porque ele pode prolongar-se indefinidamente. Tu imaginas a tortura da perspectiva de um tédio sem fim? A maior parte dos espíritos dessa categoria são os que procuram uma existência terrestre apenas como distração, e para romper a insuportável monotonia da sua existência espiritual; freqüentemente eles chegam sem resoluções tomadas para o bem; eis por que têm que recomeçar até que finalmente o progresso real se faça sentir neles."

— UMA EX-RAINHA DA ÍNDIA —¹⁹²

Morta na França em 1858.

A RAINHA DE OUDE

1. Que sensação experimentastes ao deixar a vida terrestre?

R. Não saberia dizê-lo, ainda sinto perturbação.

P. Sois feliz?

R. Não.

P. Por que não sois feliz?

R. Estou saudosa da vida... eu não sei... sinto uma dor pungente; a vida me teria livrado dela... eu queria que meu corpo se levantasse do sepulcro.

2. Lamentais não terdes sido sepultada em vosso país e sim entre os cristãos?

R. Sim, a terra indiana pesaria menos sobre o meu corpo.

P. Que pensais das honras fúnebres prestadas aos vossos despojos?

R. Foram muito pouca coisa, eu era rainha, e nem todos dobraram os joelhos diante de mim. Deixai-me... forcem-me a falar... Eu não quero que fiqueis sabendo o que sou agora... eu fui rainha, tende a certeza.

3. Respeitamos a vossa condição, e pedimos que concordeis em nos responder para nossa instrução. Acreditais que vosso filho um dia recuperará os Estados de seu pai?

R. Com toda a certeza o meu sangue reinará; ele é digno disso.

¹⁹² Na 1ª edição consta este título e a informação sobre sua morte; na 4ª edição o título é "A rainha de Oude" acompanhado da mesma informação. (N.T.)

P. Atribuí à reintegração do vosso filho a mesma importância que lhe dáveis quando viva?

R. Meu sangue não pode ser misturado com o do povo.

4. Não se pôde inscrever no vosso atestado de óbito o lugar do vosso nascimento; poderíeis dizê-lo agora?

R. Nasci do mais nobre sangue da Índia. Creio que nasci em Delhy.

5. Vós, que vivestes nos esplendores do luxo e que fostes cercada de honras, que pensais disso agora?

R. Tudo me era devido.

P. A posição que ocupastes na Terra vos dá outra mais elevada no mundo em que estais hoje?

R. Eu sempre sou rainha... que me mandem escravos para me servir!... Não sei... parece-me que não se importam comigo aqui... no entanto sou sempre a mesma.

6. Pertencíeis à religião muçulmana ou a uma religião hindu?

R. Muçulmana, mas eu era muito importante para me ocupar de Deus.

P. Que diferença encontráis entre a vossa religião e a religião cristã para a felicidade da humanidade?

R. A religião cristã é absurda, ela diz que todos são irmãos.

P. Qual é a vossa opinião sobre Maomé?

R. Ele não era filho de rei.

P. Acreditais que ele teve uma missão divina?

R. Que me importa isso!

P. Qual é a vossa opinião sobre o Cristo?

R. O filho de um carpinteiro não é digno de ocupar o meu pensamento.

7. Que pensais do uso que oculta as mulheres muçulmanas dos olhares dos homens?

R. Penso que as mulheres são feitas para dominar: eu era mulher.

P. Alguma vez invejastes a liberdade que as mulheres da Europa desfrutam?

R. Não, que me importava sua liberdade! Servem-nas de joelhos?

8. Lembrai-vos de haver tido outras existências na Terra antes daquela que acabais de deixar?

R. Eu sempre devo ter sido rainha.

9. Por que atendestes tão rapidamente ao nosso chamado?

R. Eu não o quis; forçaram-me a isso... Pensas, então, que eu me dignaria responder? Quem sois todos vós em comparação comigo?

P. Quem vos forçou a vir?

R. Eu não sei... entretanto, não deve ser mais importante do que eu.

10. Sob qual forma estais aqui?

R. Sempre sou rainha... pensas, então, que eu tenha deixado de o ser?... Vós todos sois pouco respeitosos... sabeis que se fala de outro modo com as rainhas.

11. Se pudéssemos vos ver, nós vos veríamos com vossos adornos, e vossas jóias?

R. Certamente!

P. Como se explica que, tendo deixado tudo isso, vosso espírito tenha conservado a aparência principalmente de vossos adornos?

R. Eles não me foram tirados... Sou sempre tão bela quanto era... Não sei que idéia fazeis de mim! É verdade que jamais me vistes.

12. Que impressão sentis ao vos encontrar entre nós?

R. Se eu pudesse, não estaria aqui, tratam-me com tão pouco respeito!

São Luís: “Deixai-a, a pobre desvairada. Tende piedade da sua cegueira, que ela vos sirva de exemplo; não sabeis quanto sofre o seu orgulho.”

Evocando essa majestade decaída, agora no túmulo, não esperávamos respostas de grande profundidade, considerando-se a espécie de educação das mulheres desse país, mas pensávamos encontrar nesse espírito, exceto a filosofia, pelo menos um sentimento mais verdadeiro da realidade, e idéias mais judiciosas sobre as vaidades e as grandezas da Terra. Longe disso, nela as idéias terrestres conservaram toda a sua força; é o orgulho que nada perdeu de suas ilusões, que luta contra a sua própria fraqueza, e que deve, realmente, sofrer muito pela sua impotência.

— XUMÈNE —

Bordeaux, 1862.

Sob esse nome, um espírito se apresentou espontaneamente à médium, habituada a esse gênero de manifestações, porquanto sua missão parece ser a de ajudar os espíritos inferiores que seu guia espiritual lhe encaminha, no duplo objetivo da sua própria instrução e do adiamento desses espíritos.

P. Quem sois? Este nome é de um homem ou de uma mulher?

R. Homem, e tão infeliz quanto possível. Sofro todos os tormentos do inferno.

P. Se o inferno não existe, como podeis passar pelos seus tormentos?

R. Pergunta inútil.

P. Se eu compreendo isso, outros podem ter necessidade de explicações.

R. Não me preocupo com isso.

P. O egoísmo não está entre as causas dos vossos sofrimentos?

R. Talvez.

P. Se quereis ser aliviado, começai repudiando vossas más inclinações.

R. Não te inquietes com isso, não é obrigação tua; começa rogando por mim como pelos outros, depois veremos.

P. Se não me ajudardes com o vosso arrependimento, a prece será pouco eficaz.

R. Se tu falas em lugar de orar, pouco me farás avançar.

P. Então desejais avançar?

R. Talvez, não sei. Vejamos se a prece alivia os sofrimentos; é essencial.

P. Então, juntai-vos a mim desejando firmemente obter alívio.

R. Pois seja, sem interrupção.

P. (Após uma prece do médium.) Estais satisfeito?

R. Não como o queria.

P. Um remédio aplicado pela primeira vez não pode curar imediatamente uma doença antiga.

R. É possível.

P. Quereis retornar?

R. Sim, se tu me chamares.

O guia da médium:

“Minha filha, terás dificuldade com este espírito endurecido, mas não haveria nenhum mérito em salvar aqueles que não estão perdidos. Coragem! Persevera e terás êxito. Não há espíritos tão culpados que não se possam recuperar pela persuasão e o exemplo, porque os espíritos mais perversos, com o tempo, acabam se emendando; se não se consegue imediatamente conduzi-los para os bons sentimentos, o que muitas vezes é impossível, o trabalho que se teve não está perdido. As idéias que se lançaram neles os agitam e os fazem refletir, mesmo contra a sua vontade; são sementes que cedo ou tarde darão seus frutos. Não se derruba uma rocha com o primeiro golpe de picareta.

O que te digo, minha filha, aplica-se também aos encarnados, e tu deves compreender porque o Espiritismo, mesmo entre crentes inabaláveis, não faz homens perfeitos. A crença é um primeiro passo, a fé vem a seguir e a transformação virá por sua vez; porém, para muitos será preciso virem se retemperar no mundo dos espíritos.

Entre os endurecidos existem apenas espíritos perversos e maus. É grande o número daqueles que, sem procurar fazer o mal, continuam atrasados por causa do orgulho, indiferença ou apatia. Eles não são menos infelizes por isso, porque sofrem tanto mais pela sua inércia, quando não têm, por compensação, as distrações do mundo; a perspectiva do infinito torna sua situação intolerável, no entanto eles não têm a força nem a vontade de sair dela. Esses espíritos são aqueles que, quando encarnados, levam existências ociosas, inúteis para si mesmos e para os outros, e que, muitas vezes, acabam se suicidando, sem motivos sérios, por desgosto da vida.

De um ponto de vista geral, esses espíritos são mais difíceis de se conduzir para o bem do que aqueles que são claramente maus, porque, nestes últimos, existe energia. Uma vez esclarecidos, eles são tão entusiastas pelo bem quanto o foram pelo mal. Aos outros, certamente, serão necessárias muitas existências para progredirem de uma forma apreciável; porém, pouco a pouco, vencidos pelo tédio, como outros pelo sofrimento, eles buscarão uma distração em uma ocupação qualquer que, para eles, se transformará, mais tarde, em uma necessidade.”



Capítulo VIII

Expições Terrestres

— MARCEL, O MENINO DO Nº 4 —

Em um hospício da província¹⁹³ estava um menino, de oito a dez anos mais ou menos, em um estado difícil de se descrever; ele era designado apenas como o nº 4. Completamente constrangido, fosse pela deformidade natural, fosse em consequência da doença, suas pernas deformadas tocavam o pescoço; sua magreza era tão grande que a pele se rasgava sobre o relevo dos ossos; seu corpo era uma chaga só e seus sofrimentos, atrozes. Ele pertencia a uma pobre família israelita, e essa triste situação durava há quatro anos. Sua inteligência era notável para a sua idade; sua meiguice, sua paciência e sua resignação eram edificantes. O médico do setor em que o menino se encontrava, cheio de compaixão por esse pobre ser, de certa forma abandonado porque não parecia que seus parentes viessem vê-lo muitas vezes, interessou-se por ele, e gostava de conversar com o menino, seduzido por sua inteligência precoce. Não só o tratava com bondade como, quando suas ocupações lhe permitiam, vinha ler para ele, e se admirava da exatidão do seu julgamento sobre coisas que pareciam acima da sua idade.

Um dia, o menino lhe disse: — Doutor, tende a bondade de me dar novamente pílulas, como as últimas que me receitastes. — E por que isso, meu menino? disse o médico, já te dei as suficientes, e receio que uma quantidade maior te faça mal. — É que sofro de tal forma, respondeu o menino, que embora me esforce para não gritar, e peça a Deus que me dê forças para não me lamentar, a fim de não incomodar os outros doentes que estão ao meu lado, muitas vezes tenho muita dificuldade em me controlar; essas pílulas me adormecem e, pelo menos durante esse tempo, não perturbo ninguém.

Essas palavras são suficientes para mostrar quanto era elevada a alma que aquele corpo disforme encerrava. Onde esse menino havia haurido semelhantes sentimentos? Não podia ser no meio onde fora educado e, além disso, na idade em que ele começou a sofrer, ainda não podia compreender nenhum raciocínio, portanto, eles lhe eram inatos; mas então, com tão nobres instintos, por que Deus o condenava a uma vida tão miserável e tão dolorosa, admitindo-se que Deus tivesse criado essa alma ao mesmo tempo que esse corpo, instrumento de tão cruéis sofrimentos? Ou é preciso negar a bondade de Deus, ou é preciso admitir uma causa

¹⁹³ **Província:** o interior de um país, por oposição à capital. (N.T.)

anterior, isto é, a preexistência da alma e a pluralidade das existências. Esse meni-no morreu, e seus últimos pensamentos foram para Deus, e para o médico caridoso que tivera piedade dele.

Algum tempo depois, ele foi evocado na Sociedade de Paris, onde deu, isto em 1863, a seguinte comunicação:

“Vós me chamastes; vim fazer com que minha voz se estenda além deste recinto para atingir a todos os corações; que o eco que ela fará vibrar chegue até a sua solidão; ela lhes lembrará que a agonia na Terra prepara as alegrias no céu e que o sofrimento não é nada mais que a casca amarga de um fruto delicioso que dá a coragem e a resignação. Ela lhes dirá que sobre a cama tosca e pobre onde se alojou a miséria, estão os enviados de Deus, cuja missão é ensinar à humanidade que não existe dor que não se possa suportar com a ajuda do Todo-Poderoso e dos bons espíritos. Ela ainda lhes dirá para ouvir as lamentações misturando-se às preces, e compreender a sua harmonia piedosa, tão diferente dos tons culpados do lamento misturando-se às blasfêmias.

Um dos vossos bons espíritos, grande apóstolo do Espiritismo,¹⁹⁴ concordou em ceder-me este lugar esta noite; também devo vos dizer, por minha vez, algumas palavras sobre o progresso da vossa Doutrina. Ela deve ajudar, na sua missão, aqueles que encarnam entre vós para aprenderem a sofrer. O Espiritismo será o pilar indicador; eles terão o exemplo e a palavra, e então os lamentos serão transformados em gritos de alegria e em lágrimas de contentamento.

P. Parece, de acordo com o que acabais de dizer, que vossos sofrimentos não eram a expiação de faltas anteriores.

R. Eles não eram uma expiação direta, porém, fiquei certos de que toda dor tem sua causa justa. Aquele que conhecestes tão miserável foi belo, importante, rico e lisonjeado; eu tinha adutores e cortesãos, fui fútil e orgulhoso. Outrora fui bem culpado, reneguei Deus e fiz o mal ao meu próximo, mas expiei cruelmente; primeiro no mundo dos espíritos e a seguir na Terra. O que sofri durante alguns anos somente, nesta última e muito curta existência, eu padeci durante uma vida inteira até o fim da velhice. Por meu arrependimento, obtive perdão diante do Senhor, que teve a bondade de me confiar várias missões das quais a última vos é conhecida. Eu a solicitei para terminar minha depuração.

Adeus, meus amigos, tornarei a vir algumas vezes entre vós. Minha missão é a de consolar e não a de instruir; mas existem tantos aqui cujos tormentos estão ocultos que eles ficarão contentes com a minha vinda.

Marcel

Instrução do Guia do Médium:

“Pobre pequeno ser sofredor, fraco, ulceroso e disforme! Quantos gemidos fazia ouvir nesse asilo de miséria e de lágrimas! E, apesar de sua pouca idade, como era resignado, e quanto sua alma já compreendia o objetivo dos sofrimentos! Ele

¹⁹⁴ Santo Agostinho, pelo médium com o qual comunica-se habitualmente na Sociedade. (N.A.)

percebia que além do tûmulo esperava-o uma recompensa por tantos queixumes abafados! Assim sendo, como ele orava por aqueles que, como ele, não tinham a coragem de suportar seus males, por aqueles, principalmente, que lançavam blasfêmias ao céu em vez de preces!

Se a agonia foi longa, a hora da morte não foi terrível; os membros convulsionados sem dúvida se contorciam e mostravam aos assistentes um corpo deformado se revoltando contra a morte, a lei da carne que quer viver apesar de tudo; mas um anjo planava por cima do leito do moribundo e cicatrizava seu coração; depois levou sobre suas asas brancas essa alma tão bela que se evadia desse corpo disforme pronunciando estas palavras: 'Glória vos seja dada, ó meu Deus!' E essa alma subiu feliz para o Todo-Poderoso e exclamou: 'Eis-me aqui, Senhor! Vós me destes por missão ensinar a sofrer; suportei dignamente a prova?'

E agora o espírito do pobre menino retomou as suas proporções; ele plana no espaço, indo do fraco ao pequeno, e dizendo a todos: 'Esperança e coragem'. Liberto de toda a matéria e de toda a mácula, ele está perto de vós, e vos fala não mais com sua voz soffredora e queixosa, mas em tons vigorosos; ele vos diz: 'Aqueles que me viram, contemplaram o menino que não se queixava; nele colheram a calma para os seus males; e seus corações se reforçaram na benigna confiança em Deus; eis o objetivo da minha curta passagem pela Terra.'

Santo Agostinho”

— SZYMEL SLIZGOL —

Era um pobre israelita de Vilna,¹⁹⁵ morto em maio de 1865. Durante trinta anos havia pedido esmolas, com uma tigela na mão. Na cidade, por toda parte conhecia-se seu grito: “Lembra-vos dos pobres, das viúvas e dos órfãos!” Durante esse tempo, Slizgol juntara 90.000 rublos,¹⁹⁶ mas não guardou um só copeque para si. Aliviava os doentes que ele mesmo tratava; pagava o estudo das crianças pobres, distribuía aos necessitados os alimentos que lhe davam. A noite era dedicada ao preparo do tabaco para aspirar¹⁹⁷ que o mendigo vendia para prover suas próprias necessidades. O que lhe sobrava pertencia aos pobres. Szymel era sozinho no mundo. No dia do seu enterro, uma grande parte da população seguiu seu cortejo fúnebre, e os estabelecimentos comerciais foram fechados.

(Sociedade Espírita de Paris, 15 de junho de 1865.)

Evocação.

R. Muito feliz, e tendo finalmente alcançado a plenitude do que ambicionava, e que paguei bem caro, estou aqui, entre vós, desde o início desta noite. Eu vos

¹⁹⁵ **Vilna:** capital da Lituânia, país da Europa oriental que fez parte das União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, Rússia. (N.T.)

¹⁹⁶ **Rublos:** unidade básica monetária, e moeda, da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, divisível em 100 unidades menores denominadas **copeques**. (N.T.)

¹⁹⁷ **Tabaco para aspirar:** tabaco em pó que os usuários cheiravam, denominado rapé. (N. T.)

agradeço por dardes atenção ao espírito de um pobre mendigo que, com alegria, vai tratar de responder às vossas perguntas.

P. Uma carta de Vilna nos fez conhecer as particularidades mais notáveis da vossa existência. É pela simpatia que elas nos inspiram que tivemos vontade de conversar convosco. Agradecemos terdes atendido ao nosso chamado, e já que concordais em nos responder, ficaremos felizes por nos esclarecermos ao conhecer vossa situação como espírito, e as causas que motivaram o gênero da vossa última existência.

R. Primeiro concedei ao meu espírito, que compreende sua verdadeira situação, o favor de vos dizer a sua opinião sobre um pensamento que tivestes a meu respeito; imploro vossos conselhos se essa opinião estiver errada.

Achastes estranho que a manifestação pública tenha tomado tal desenvolvimento para homenagear o homem sem importância que soube, por sua caridade, atrair para si semelhante simpatia. Não digo isto por vós, caro mestre, nem por ti, caro médium, nem por todos vós, espíritas verdadeiros e sinceros, falo, porém, para as pessoas indiferentes à crença. Não existe nesse fato nada de espantoso. A força da pressão moral que a prática do bem exerce sobre a humanidade é tamanha que, por mais material que a humanidade seja, ela sempre se inclina; saúda o bem, apesar da tendência que tem para o mal.

Agora, chego às vossas perguntas que, de vossa parte, não são ditadas pela curiosidade, mas formuladas apenas tendo em vista a instrução geral. Portanto, já que tenho liberdade para isso, vou vos dizer quais são as causas que motivaram e determinaram minha última existência, com a maior concisão possível.

Há muitos séculos, eu vivia com o título de rei, ou, pelo menos, de príncipe soberano. Dentro do círculo do meu poder, relativamente estreito comparado aos vossos países atuais, eu era o senhor absoluto do destino dos meus súditos: agia como tirano, ou melhor, como carrasco.

Com um caráter arrogante, violento, avaro e sensual, podeis imaginar qual deveria ser a sorte dos pobres seres que viviam sob as minhas leis. Eu abusava do meu poder para oprimir o fraco, para obrigar toda espécie de profissões, de trabalhos, de paixões e de dores, a contribuírem, de qualquer maneira, para o serviço das minhas próprias paixões. Assim, eu atingia com um tributo o produto da mendicância; ninguém podia mendigar sem que, antecipadamente, eu tomasse a minha grande parte do que a piedade humana deixava cair na escarcela¹⁹⁸ da miséria. Mais que isso, a fim de não diminuir o número de mendigos entre meus súditos, proibi que os infelizes dessem aos seus amigos, aos seus parentes, aos seus próximos necessitados, a escassa parte que restava para esses pobres seres. Em uma palavra, fiz tudo o que existe de mais impiedoso em relação ao sofrimento e à miséria.

Perdi, enfim, o que chamais a vida entre tormentos e sofrimentos horríveis; minha morte foi modelo de terror para todos aqueles que, como eu, porém em uma

¹⁹⁸ **Escarcela:** grande saco ou bolsa de couro que se usava, outrora, presa à cintura. (N.T.)

menor escala, partilhavam minha maneira de pensar. Permaneci durante três séculos e meio no estado de espírito errante, e quando, ao final desse espaço de tempo, compreendi que o objetivo da encarnação era completamente diferente daquele que meus grosseiros e obtusos sentidos me haviam feito perseguir, obtive, a poder de preces, de resignação e de lamentos, permissão para receber a tarefa material de passar pelos mesmos sofrimentos, e ainda mais, que eu fizera outros suportarem. Obtida essa permissão, Deus concedeu-me o direito de aumentar, por meu livre-arbitrio, meus sofrimentos morais e físicos. Graças à ajuda dos bons espíritos que me socorriam, persisti na minha resolução de praticar o bem, e lhes agradeço porque eles me impediram de sucumbir durante a tarefa que eu me havia proposto.

Enfim, concluí uma existência que resgatou, por sua abnegação e sua caridade, o que a outra tivera de cruel e de injusta. Nasci de pais pobres; órfão muito cedo, aprendi sozinho a encontrar meios de satisfazer minhas necessidades na idade em que ainda se é considerado como incapaz de compreender. Vivi só, sem amor, sem afeições, e mesmo no início da minha vida suportei a brutalidade que exercera sobre os outros. Dizem que as quantias recolhidas por mim foram todas consagradas ao alívio dos meus semelhantes; é um fato exato, e acrescento, tanto sem ênfase como sem orgulho, que muitas vezes, à custa de privações relativamente penosas, muito penosas, aumentei o bem que a caridade pública me permitia fazer.

Morri calmamente, confiante no valor que a reparação feita na minha última existência havia obtido, e fui recompensado além das minhas secretas aspirações. Hoje sou feliz, muito feliz em poder vos dizer que aquele que se eleva será humilhado, e que aquele que se humilha será elevado.

P. Quereis nos dizer, eu vos peço, em que consistiu a vossa expiação no mundo dos espíritos, e quanto tempo ela durou, desde a vossa morte até o momento em que a vossa situação foi suavizada como consequência do arrependimento e das boas resoluções que tomastes? Dizei-nos também o que provocou em vós, no estado de espírito, essa mudança de idéias.

R. Trazeis à minha memória lembranças bem dolorosas! Quanto sofri... Mas eu não me queixo: eu me lembro!... Quereis saber de que natureza foi a minha expiação, ei-la em todo o seu terrível horror.

Carrasco, como vos disse, de todo o gênero de bons sentimentos, permaneci muito tempo, muitíssimo tempo, ligado pelo perispírito ao meu corpo em decomposição. Eu me senti, até que a decomposição se completasse, roído pelos vermes que me faziam sofrer muito! Quando fui liberto dos laços que me prendiam ao instrumento do meu suplício, sofri um ainda mais cruel. Após o sofrimento físico, veio o sofrimento moral, e este durou muito mais tempo que o primeiro. Fui posto em presença de todas as vítimas que eu torturara. Periodicamente, e por uma força maior que a minha, eu era colocado novamente diante das minhas ações culposas e via, física e moralmente, todas as dores que havia feito os outros sofrerem. Oh! meus amigos, como é horrível a visão constante daqueles a quem se fez mal! Disso tivestes um pequeno exemplo entre vós na confrontação do acusado com sua vítima.

Eis aí, em resumo, o que sofri durante dois séculos e meio, até que Deus, apiedado com a minha dor e o meu arrependimento, solicitado pelos guias que me assistiam, permitiu que eu tomasse a estrada da expiação que conheceis.

P. Um motivo particular vos induziu a escolher vossa última existência na religião israelita?

R. Não a escolhi por mim, porém a aceitei de acordo com o conselho dos meus guias. A religião israelita acrescentava uma pequena humilhação a mais em minha vida de expiação; visto que, principalmente em certos países, a maioria dos encarnados despreza os israelitas, e particularmente os judeus mendigos.

P. Em vossa última existência, em que idade começastes a pôr em execução as resoluções que havíeis tomado? Como vos chegou esse pensamento? Enquanto praticáveis a caridade assim, com tanta abnegação, tivestes alguma intuição da causa que vos impelia a isso?

R. Nasci de pais pobres, mas inteligentes e avaros. Jovem ainda, fui privado da afeição e dos carinhos de minha mãe. Com a sua perda, senti uma tristeza muito mais intensa porque meu pai, dominado pela paixão do ganho de dinheiro, abandonou-me completamente. Meus irmãos e minhas irmãs, todos mais velhos que eu, pareciam não se aperceber dos meus sofrimentos. Um outro judeu, movido por um pensamento mais egoísta que caridoso, levou-me para sua casa e ensinou-me a trabalhar. Ele recuperou, de forma considerável — pelo produto dos meus trabalhos que muitas vezes ultrapassavam minhas forças — o que eu pudera ter lhe custado. Mais tarde, libertei-me dessa dependência e trabalhei para mim. Porém, por toda a parte, tanto trabalhando como em repouso, era perseguido pela lembrança dos carinhos de minha mãe, e, na medida em que eu avançava em idade, sua lembrança se gravava mais profundamente em minha memória, e mais saudades eu sentia dos seus cuidados e do seu amor.

Em pouco tempo fiquei sendo o único da minha família; a morte, em alguns meses, levou a todos. Foi então que começou a se revelar a maneira pela qual eu devia passar o resto da minha existência. Dois dos meus irmãos haviam deixado órfãos. Comovido pela lembrança do que havia sofrido, eu quis preservar esses pobres e pequenos seres de uma juventude igual à minha, e, não podendo o meu trabalho ser suficiente para todos sustentar, comecei a estender a mão, não por mim, mas pelos outros. Deus não devia me deixar a consolação de tirar alegria dos meus esforços: as pobres crianças me deixaram para sempre. Eu bem via o que lhes faltara: era sua mãe. Resolvi, então, pedir caridade para as viúvas infelizes que, não podendo sustentar a elas e aos seus filhos, obrigavam-se a privações que as levavam à morte, deixando pobres órfãos que ficavam abandonados e consagrados aos tormentos que eu mesmo suportara.

Tinha trinta anos quando, cheio de força e de saúde, viram-me pedir esmolas para a viúva e o órfão. As primeiras ações foram penosas, tive que suportar mais de uma palavra humilhante. Porém, quando viram que eu realmente distribuía tudo o que recebia em nome dos meus pobres, quando me viram ainda acrescentar, ao

que eu recebia, as sobras do meu trabalho, adquirir uma espécie de consideração que, para mim, não era sem encanto.

Vivi sessenta e alguns anos e jamais faltei à tarefa que eu me havia imposto. Também nunca um aviso da consciência veio me fazer supor que um motivo anterior à minha existência fosse a razão da minha maneira de agir. Somente um dia, antes de começar a esmolar, ouvi estas palavras: “Não façais aos outros o que não quereis que vos façam.” Fiquei atônito com a moralidade geral contida nessas poucas palavras, e, freqüentemente, me surpreendia ao nelas acrescentar estas: “Mas fazei-lhes, ao contrário, o que quereis que vos fosse feito.” A lembrança da minha mãe e a dos meus sofrimentos me ajudando, continuei a caminhar por um caminho que minha consciência dizia ser bom.

Vou terminar esta longa comunicação dizendo-vos obrigado! Não sendo ainda perfeito, mas sabendo que o mal apenas conduz ao mal, eu farei de novo, como já o fiz, o bem para colher a felicidade.

Szymel Stizgol

— JULIENNE-MARIE, A MENDIGA —

Na comuna de Villatte, perto de Nozai (Loire-Inferior), havia uma pobre mulher, velha, enferma, chamada Julienne-Marie, e que vivia da caridade pública. Um dia, ela caiu num pântano de onde foi retirada por um habitante da região, senhor A., que habitualmente dava-lhe ajuda. Levada para sua casa, ela morreu pouco tempo depois com as seqüelas do acidente. A opinião geral foi a de que ela desejou suicidar-se. No dia do seu falecimento, aquele que a salvara, que era espírito e médium, sentiu, em todo o seu corpo, como que o toque leve de alguém que estivesse perto dele sem, entretanto, inteirar-se da causa desse fato. Quando soube da morte de Julienne-Marie, o pensamento que lhe ocorreu foi o de que talvez seu espírito tivesse vindo visitá-lo.

De acordo com o conselho de um dos seus amigos, membro da Sociedade Espírita de Paris, a quem tinha contado o que se passara, ele fez a evocação dessa mulher, com a finalidade de ser-lhe útil; porém, antes de fazê-la, pediu orientação aos seus guias protetores, dos quais recebeu a seguinte resposta:

“Podes evocá-la, e isso lhe será agradável, embora o favor que te propões a lhe fazer seja desnecessário; ela está feliz e inteiramente dedicada àqueles que se compadeceram dela. Tu és um desses bons amigos; ela quase não te deixa e muitas vezes fala contigo sem que o percebas. Cedo ou tarde os favores prestados são recompensados, se não for pelo beneficiado será por aqueles que se interessaram por ele, antes da sua morte como após. Quando o espírito não teve tempo de reconhecer a sua situação, são outros espíritos simpáticos que testemunham, em seu nome, todo o seu reconhecimento. Eis o que explica o que sentiste no dia do seu falecimento. Agora é ela a te ajudar no bem que queres fazer. Lembra-te do que Jesus disse: “Aquele que foi humilhado será elevado”; terás a dimensão dos serviços que ela pode te prestar, desde que lhe peças assistência apenas para seres útil ao teu próximo.”

Evocação.

Boa Julienne-Marie, sois feliz, é tudo o que eu queria saber; porém, isso não me impedirá de pensar muitas vezes em vós e de jamais vos esquecer em minhas preces.

R. Tem confiança em Deus, inspira aos teus doentes uma fé sincera, e quase sempre triunfarás. Não te preocupes nunca com a recompensa que isso trará, ela será além da tua expectativa. Deus sabe sempre recompensar como o merece aquele que se dedica à consolação dos seus semelhantes e que coloca em suas ações um completo desinteresse; sem isso, tudo é apenas ilusão e quimera; antes de tudo é preciso fé, de outra forma nada se conseguirá. Lembra-te desta máxima e ficarás admirado dos resultados que obterás. Os dois doentes que curaste são a prova do que digo; nas circunstâncias em que eles se encontravam, com os simples remédios terias fracassado.

Quando pedires a Deus que permita aos bons espíritos lançarem sobre ti seus fluidos benéficos, se esse pedido não te fizer sentir um estremecimento involuntário, é porque a tua prece não é bastante fervorosa para ser ouvida; ela só o será nas condições que eu te indico. Foi o que experimentaste quando disseste do fundo do coração: "Deus todo-poderoso, Deus misericordioso, Deus de bondade sem limite, acolhei minha prece, e permiti aos bons espíritos me assistirem na cura de ..., tende piedade dele, meu Deus, e restitui-lhe a saúde; sem vós eu nada posso. Que a vossa vontade seja feita."

Fizeste bem em não desdenhar dos humildes; a voz daquele que sofreu e suportou com resignação as misérias desse mundo sempre é escutada; e, como vês, um serviço prestado sempre recebe sua recompensa.

Agora, algumas palavras sobre mim, e elas te confirmarão o que foi dito acima.

O Espiritismo te explica minha linguagem como espírito, não tenho necessidade de entrar em detalhes a esse respeito. Creio também ser inútil dar-te informações sobre minha existência anterior. A situação em que tu me conhecestes sobre essa Terra deve te fazer compreender e julgar minhas outras existências, que não foram sempre sem máculas. Entregue a uma vida de miséria, enferma e não podendo trabalhar, mendiguei durante toda a minha vida. Não acumulei dinheiro; em minha velhice, minhas pequenas economias limitavam-se a uma centena de francos que eu reservava para quando minhas pernas não pudessem mais me transportar. Deus julgou minha prova e minha expiação suficientes, e a elas deu um fim livrando-me sem sofrimento da vida terrestre, porquanto eu não me suicidei, como a princípio acreditaram. Morri subitamente à beira do pântano, no momento em que dirigia minha última prece a Deus; a inclinação do terreno é a causa da presença do meu corpo na água.

Não sofri; estou feliz por ter podido concluir minha missão sem obstáculos e com resignação. Tornei-me útil, na medida das minhas forças e minhas posses, e evitei fazer o mal ao meu próximo. Hoje recebo a recompensa do meu proceder, e dou graças a Deus, nosso divino Senhor, que ameniza a amargura das provas

fazendo-nos esquecer, durante a vida, nossas antigas existências, e coloca almas caridosas em nosso caminho para nos ajudarem a suportar a carga das nossas faltas passadas.

Persevera tu também e, como eu, serás recompensado. Agradeço tuas bondosas preces e o favor que me prestaste, não o esquecerei jamais. Um dia voltaremos a nos ver, e muitas coisas te serão explicadas; neste momento, isso seria supérfluo. Fica sabendo apenas que te sou inteiramente dedicada, e que estarei sempre perto de ti quando tiveres necessidade de mim para aliviáres aquele que sofre.

A pobre velha Julienne - Marie

O espírito de Julienne-Marie, evocado na Sociedade de Paris, em 10 de junho de 1864, ditou a seguinte comunicação:

“Obrigada por terdes a bondade de admitir-me em vosso meio, caro presidente; pudestes perceber que minhas existências anteriores foram mais elevadas em posição social; se voltei à Terra para sofrer a prova da pobreza, foi para me punir de um orgulho fútil que me fizera repelir quem era pobre e miserável. Então, passei pela justa lei de talião,¹⁹⁹ que me tornou a mais horrível mendiga desta região; e, como para me provar a bondade de Deus, eu não era repelida por todos: esse era todo o meu receio; assim, suportei minha prova sem me queixar, pressentindo uma vida melhor da qual não devia mais retornar a esta Terra de exílio e de desgraça.

Que felicidade, o dia em que nossa alma, jovem novamente, pode reentrar na vida espiritual para rever os seres amados! Porque eu também amei, e sou feliz por haver reencontrado aqueles que me precederam. Obrigada a esse bondoso senhor A. que me abriu a porta do reconhecimento; sem a sua mediunidade, não poderia agradecer-lhe, provar-lhe que minha alma não esquece as felizes influências do seu bom coração, e aconselhá-lo a difundir a sua divina crença. Ele está designado para fazer entrar no bom caminho as almas extraviadas; que ele tenha a certeza do meu apoio. Sim, eu posso lhe restituir centuplicado o que ele me fez, instruindo-o na estrada que seguís. Agradecei ao Senhor haver permitido que os espíritos pudessem vos dar instruções para encorajar o pobre nas suas penas e deter o rico no seu orgulho. Sabei compreender a desonra que existe em repelir um infeliz; que eu vos sirva de exemplo, a fim de evitardes expiar vossas faltas, como eu, por essas dolorosas posições sociais que vos colocam tão baixo e fazem de vós o refugio da sociedade.

Julienne - Marie”

Tendo a comunicação acima sido transmitida ao senhor A., este, por sua vez, obteve a que se segue, e que é a sua confirmação:

Boa Julienne-Marie, uma vez que tendes a bondade de me ajudar com os vossos bons conselhos, a fim de me fazer progredir na estrada da nossa divina

¹⁹⁹ **Lei de talião:** remonta à legislação mosaica, trata-se de uma pena pela qual a punição do delicto era fazer o delinqüente passar pelo mesmo mal que havia praticado. (N.T.)

Doutrina, vinde vos comunicar comigo; farei todos os meus esforços para saber aproveitar vossos ensinamentos.

R. Lembra-te da recomendação que vou te fazer, e jamais te afastes dela. Sê sempre caridoso na medida dos teus meios; compreendes bem a caridade tal como se deve praticá-la em todas as situações da vida terrestre. Portanto, não tenho necessidade de vir te dar um conselho a esse respeito; tu mesmo serás o melhor juiz, seguindo, porém, a voz da tua consciência que jamais te enganará quando tu a escutares sinceramente.

Não te iludas sobre as missões que tens para cumprir; pequenos e grandes têm a sua; a minha foi penosa, mas eu merecia uma semelhante punição, por minhas existências precedentes, como vim confessar ao bom presidente da Sociedade-máter de Paris, à qual todos vos juntareis um dia. Esse dia não está tão longe como tu pensas; o Espiritismo marcha a passos de gigante, apesar de tudo o que se faz para impedi-lo. Caminhai, pois, sem receio, fervorosos adeptos da Doutrina, e vossos esforços serão coroados de sucesso. Que vos importa o que possam dizer de vós! Colocai-vos acima de uma crítica zombeteira que irá recair sobre os adversários do Espiritismo.

Ah! os orgulhosos!... eles se acham fortes e pensam em vos abater facilmente; vós, meus bons amigos, ficai tranquilos, e não receeis confrontar-vos com eles, são mais fáceis de vencer do que julgais, muitos dentre eles têm medo, e receiam que a verdade não venha enfim lhes deslumbrar os olhos; esperai, e eles virão, por sua vez, ajudar no coroamento da obra.

Julienne-Marie

Esse caso está cheio de ensinamentos para quem quiser refletir nas palavras desse espírito em suas três comunicações; nelas se encontram reunidos todos os grandes princípios do Espiritismo. Desde a primeira, o espírito demonstra sua superioridade por sua linguagem; semelhante a uma fada caridosa, essa mulher, hoje em dia resplandecente, como que metamorfoseada, vem proteger aquele que não a repeliu quando estava sob os farrapos da miséria.

É uma aplicação destas máximas do *Evangelho*: “Os grandes serão rebaixados, e os pequenos serão elevados; bem-aventurados os humildes; bem-aventurados os aflitos, porque serão consolados; não desprezeis os pequenos, porquanto aquele que é pequeno neste mundo pode ser maior do que acreditais.”

— MAX, O MENDIGO —

Em uma cidade da Baviera, por volta de 1850, morreu um velho quase centenário conhecido pelo nome de pai Max. Ninguém sabia ao certo a sua origem pois ele não tinha família. Há quase meio século cheio de enfermidades que o deixavam sem condições de ganhar sua vida pelo trabalho, não tinha outros recursos além da caridade pública que ele disfarçava indo vender, nas fazendas e castelos, almanques e pequenos objetos. Deram-lhe o apelido de conde Max, e as crianças só o chamavam de senhor conde, do que ele sorria sem se mostrar ofendido. Por que

esse título? Ninguém poderia responder; tornara-se um hábito. Talvez fosse devido à sua fisionomia e aos seus modos cuja distinção contrastava com seus farrapos. Muitos anos após sua morte, ele apareceu, em sonho, à filha do proprietário de um dos castelos onde o deixavam hospedar-se na estrebaria, porquanto ele não possuía uma casa. Nesse sonho, ele lhe disse: “Obrigado a vós por terdes lembrado do pobre Max em vossas preces, porque elas foram ouvidas pelo Senhor. Quereis saber quem sou, alma caridosa que vos interessastes pelo infeliz mendigo, vou atender-vos, e isso será um grande ensinamento para todos.” Então, Max lhe fez a narrativa seguinte, mais ou menos nestes termos:

“Há um século e meio aproximadamente, eu era um rico e poderoso senhor desta região, porém, fútil, orgulhoso e vaidoso da minha nobreza. Minha imensa fortuna sempre serviu somente aos meus prazeres, e apenas a isso ela satisfazia porque eu era jogador, devasso, e passava minha vida nas orgias.

Meus vassalos,²⁰⁰ que eu acreditava criados para meu uso como os animais das fazendas, eram extorquidos e maltratados para prover os meus gastos excessivos. Eu ficava surdo às suas lamentações assim como às de todos os infelizes, e, de acordo com o meu pensamento, eles deviam se sentir muito honrados por servirem aos meus caprichos.

Morri em uma idade pouco avançada, desgastado pelos excessos, porém, sem haver passado por nenhum sofrimento verdadeiro; tudo, ao contrário, parecia-me sorrir, de maneira que eu era, aos olhos de todos, um dos felizes do mundo; minha posição me valeu funerais suntuosos; os boêmios lamentavam a perda do próprio senhor, mas nenhuma lágrima foi derramada sobre o meu túmulo, nem uma prece foi feita a Deus por mim, de coração, e minha memória foi maldita por todos aqueles dos quais eu aumentara a miséria.

Ah! como é terrível a maldição dos que fizemos infelizes! Ela não deixou de repercutir em meus ouvidos durante longos anos que me pareceram uma eternidade! E, ao morrer, cada uma de minhas vítimas era um novo rosto ameaçador ou irônico que surgia diante de mim e me perseguia sem interrupção, sem que eu pudesse encontrar um lugar oculto para me esconder da sua visão! Nem um olhar amigo!

Meus antigos companheiros de libertinagens, infelizes como eu, fugiam de mim e pareciam dizer-me com desdém: ‘Tu não podes mais pagar nossos prazeres.’ Oh! naquele tempo, como eu pagaria regamente por um momento de repouso, por um copo de água para saciar a sede ardente que me devorava! Eu, porém, não possuía mais nada, e todo o ouro que eu distribuía a mãos cheias sobre a terra não produziu uma só benção, nem uma só, entendeis minha filha?

Enfim, cheio de fadiga, com as forças esgotadas como um viajante extenuado que não vê o fim da sua estrada, exclamei: ‘Meu Deus, tende piedade de mim! Quando terminará esta horrível situação?’ Então uma voz, a primeira que eu ouvia depois de haver deixado a Terra, me disse: ‘Quando tu quiseres.’ ‘Que é preciso

²⁰⁰ **Vassalo**: aquele que dependia de um senhor, a quem estava vinculado por juramento de fé e homenagem; súdito. (N.T.)

fazer, grande Deus? respondi, dissei-me e eu me submeterei a tudo.' 'É preciso te arrependeres, te humilhares diante daqueles que humilhaste, pedir a eles que intercedam por ti, porque a prece do ofendido que perdoa sempre é agradável ao Senhor.' E eu me humilhei, roguei aos meus vassallos, meus servidores, que estavam ali, diante de mim, e dos quais os rostos, cada vez mais benevolentes, acabaram por desaparecer. Então, para mim foi como uma nova vida; o desespero foi substituído pela esperança e agradei a Deus com todas as forças da minha alma. A voz disse-me a seguir: 'Príncipe!' e eu respondi: 'Aqui não há outro príncipe exceto o Deus todo-poderoso que humilha os orgulhosos. Perdoai-me Senhor porque eu pequei; fazei de mim o servidor dos meus servidores, se essa for a vossa vontade.'

Alguns anos mais tarde, nasci novamente, porém, desta vez, numa família de pobres camponeses. Meus pais morreram quando eu ainda era criança, fiquei sozinho no mundo e sem amparo. Ganhei minha vida como pude, ora como ajudante de pedreiro, ora como empregado de fazenda, mas sempre honestamente porque dessa vez eu acreditava em Deus. Com a idade de 40 anos uma doença me tornou tolhido de todos os meus membros, e foi preciso que eu mendigasse durante mais de 50 anos por essas mesmas terras das quais eu havia sido o senhor absoluto; que recebesse um pedaço de pão nas fazendas que possuía, e onde, por uma amarga zombaria, deram-me o apelido de senhor conde, muitas vezes bastante feliz por encontrar um abrigo na estrebaria do castelo que fora meu. No meu sono agradava-me percorrer esse mesmo castelo onde dominara como um déspota; em meus sonhos, quantas vezes voltei a ver-me ali, no meio de minha antiga fortuna! Essas visões deixavam-me, quando eu despertava, um indefinível sentimento de amargura e de pesar, mas nunca uma queixa escapou da minha boca; e quando Deus decidiu chamar-me, eu o glorifiquei por me haver dado a coragem de sofrer, sem me queixar, essa longa prova da qual recebo hoje a recompensa; e vós, minha filha, e vos abençoção por terdes rogado por mim."

Recomendamos este caso àqueles que afirmam que os homens não teriam mais um freio se não tivessem diante deles a figura das penas eternas, e nós perguntamos se a perspectiva de um castigo como o do pai Max tem menos valor para impedir o avanço na estrada do mal do que aquele das torturas sem fim nas quais não se acredita mais.

— HISTÓRIA DE UM CRIADO —

Em uma família de alta classe havia um jovem criado cuja figura, inteligente e fina, nos sensibilizou por seu ar de distinção. Em suas maneiras nada revelava inferioridade; sua dedicação ao serviço dos seus senhores não tinha essa obsessividade servil própria das pessoas dessa condição. No ano seguinte, voltando à casa dessa família, não vimos mais o jovem criado e perguntamos se o haviam despedido. "Não, responderam, ele foi passar alguns dias em sua terra natal e morreu lá. Lamentamos muito a sua perda, porque era uma pessoa excelente e tinha sentimentos verdadeiramente acima da sua posição. Era muito ligado a nós e deu-nos provas da maior dedicação."

Mais tarde, tivemos a idéia de evocar esse jovem e eis o que ele nos disse:

“Em minha penúltima encarnação, eu era, como se diz na Terra, de muito boa família, mas arruinada pelos gastos exagerados de meu pai. Fiquei órfão muito jovem e sem recursos. Um amigo de meu pai recebeu-me em sua casa; tratou-me como seu filho e fez com que eu recebesse uma ótima educação da qual fiquei envaidecido. Esse amigo é hoje em dia o senhor de G., ao serviço do qual me vistes. Eu quis, em minha última existência, expiar meu orgulho nascendo em uma condição servil, e nela encontrei a oportunidade de provar meu devotamento ao meu benfeitor. Cheguei mesmo a salvar a sua vida sem que ele jamais o soubesse. Foi, ao mesmo tempo, uma prova da qual saí com proveito, já que tive forças para não me deixar corromper pelo contato com um meio quase sempre vicioso; apesar dos maus exemplos, conservei-me puro, e por isso agradeço a Deus, porquanto fui recompensado pela felicidade de que desfruto.”

P. Em quais circunstâncias salvastes a vida do senhor de G.?

R. Em um passeio a cavalo, no qual eu o seguia sozinho, percebi uma grande árvore que caía em sua direção e que ele não via; chamei-o dando um grito terrível, ele se voltou rapidamente e, durante esse espaço de tempo, a árvore caiu aos seus pés; sem o movimento que provoquei, ele seria esmagado.

(O senhor de G., a quem o fato foi narrado, lembrou-se perfeitamente dele.)

P. Por que morrestes tão jovem?

R. Deus julgou minha prova suficiente.

P. Como pudestes tirar proveito dessa prova, já que não tínheis lembrança da causa que a havia motivado?

R. Em minha humilde posição, restava um instinto do meu orgulho, e fui bem feliz em poder dominá-lo, o que fez com que a prova me fosse proveitosa, sem isso eu teria ainda que recomencê-la. Meu espírito lembrava-se do que fora em seus momentos de liberdade, e, ao despertar, ficava-me um desejo intuitivo de resistir às minhas tendências que eu sentia serem más. Foi maior o meu mérito em lutar dessa forma do que se eu recordasse claramente o passado. A lembrança da minha antiga posição teria estimulado meu orgulho e me perturbado, enquanto que assim tive que combater apenas os envoltórios da minha nova posição.

P. Recebestes uma brilhante educação, para que isso vos serviu em vossa última existência, já que não lembrastes dos conhecimentos adquiridos?

R. Esses conhecimentos teriam sido inúteis, um contra-senso mesmo na minha nova posição; eles ficaram latentes, e hoje eu os reencontro. Entretanto, eles não me têm sido inúteis, porque desenvolveram minha inteligência; eu tinha instintivamente o gosto pelas coisas elevadas, o que me inspirava repulsa pelos exemplos baixos e infames que tinha sob os olhos; sem essa educação, eu teria sido apenas um criado.

P. Os exemplos de servidores devotados aos seus senhores até à abnegação têm como motivo relações anteriores?

R. Não duvideis disso; pelo menos é o caso mais comum. Esses servidores são, algumas vezes, membros da mesma família, ou, como eu, devedores que pagam uma dívida de reconhecimento, e que seu devotamento ajuda a se adiantarem. Não imaginais todos os efeitos de simpatia e de antipatia que essas relações anteriores produzem no mundo. Não, a morte não interrompe essas relações que, muitas vezes, se perpetuam de século em século.

P. Por que esses exemplos de dedicação de servidores são tão raros atualmente?

R. É necessário considerar como causa o espírito de egoísmo e de orgulho do vosso século²⁰¹ desenvolvido pela incredulidade e as idéias materialistas. A verdadeira fé desaparece por causa da cupidez e pelo desejo do ganho, e com ela os atos de dedicação. O Espiritismo, reconduzindo os homens ao sentimento da verdade, fará renascer as virtudes esquecidas.

Nada pode, melhor do que este exemplo, fazer ressaltar o benefício do esquecimento das existências anteriores. Se o senhor de G. tivesse lembrança do que fora o seu jovem criado, ficaria muito constrangido com ele, e não o teria conservado nessa condição; impediria assim a prova que foi proveitosa para os dois.

— A PENA DE TALIÃO —²⁰²

O senhor Antonio B., escritor de mérito estimado por seus concidadãos, tendo exercido com distinção e integridade funções públicas na Lombardia, por volta de 1850, após um ataque de apoplexia, caiu em um estado de morte aparente que, infelizmente, foi considerada, como acontece muitas vezes, como morte verdadeira. O equívoco foi mais fácil ainda porque se acreditou perceber no corpo sinais de decomposição. Quinze dias após o enterro, uma circunstância imprevista determinou que a família pedisse a exumação; tratava-se de um medalhão esquecido por descuido dentro do caixão; mas o assombro dos assistentes foi grande quando, na abertura, verificou-se que o corpo havia mudado de posição, que estava revirado, e, coisa horrível, que uma das mãos fora em parte comida pelo defunto. Tornou-se evidente que o infeliz havia sido enterrado vivo; ele devia ter sucumbido sob os tormentos do desespero e da fome.

O senhor Antonio B., tendo sido evocado na Sociedade de Paris, em agosto de 1861, a pedido de um dos seus parentes, deu as seguintes explicações:

1. *Evocação.*

R. Que desejais de mim?

2. Um de vossos parentes nos pediu que vos evocássemos; nós o fazemos com prazer, e ficaremos felizes se quiserdes nos responder.

R. Sim, eu quero responder.

3. Lembrai-vos das circunstâncias da vossa morte?

²⁰¹ O comunicante se referia ao século XIX. (N.T.)

²⁰² Na 4ª edição, o título dado a esta comunicação é: "Antonio B..." "Enterrado vivo. A pena de talião". (N.T.)

R. Ah! certamente que sim! Eu me lembro; por que despertar essa lembrança do castigo?

4. É verdade que fostes enterrado vivo por engano?

R. Isso devia ser assim porque a morte aparente teve todas as características de uma morte real; eu estava quase exangue.²⁰³ Não se deve atribuir a ninguém um fato previsto desde antes do meu nascimento.

5. Se essas perguntas são de natureza a vos causar desgosto, devemos interrompê-las?

R. Não, continuai.

6. Gostaríamos de saber que sois feliz, porque deixastes a reputação de um homem honesto.

R. Muito vos agradeço; sei que rogareis por mim. Vou esforçar-me para conseguir responder, porém, se não me for possível, um dos vossos guias habituais me substituirá.

7. Poderíeis descrever as sensações que experimentastes nesses terríveis momentos?

R. Oh! que dolorosa prova! Sentir-me fechado entre quatro tábuas, de modo a não poder mover-me, mudar de lugar. Não poder chamar, a voz não ressoando mais em um meio privado de ar. Oh! que tortura a de um infeliz que se esforça inutilmente para respirar em uma atmosfera insuficiente e desprovida da parte respirável! Pobre de mim! Era como um condenado à boca de um forno, exceto o calor. Oh! não desejo a pessoa alguma semelhantes torturas! Não, não desejo a ninguém um fim como o meu! Pobre de mim! Cruel punição de uma cruel e feroz existência! Não me pergunteis em que pensava naqueles momentos, porém, eu mergulhava no passado e entrevia vagamente o futuro.

8. Dissestes: cruel punição de uma feroz existência, mas a vossa reputação, até hoje intacta, não faria supor nada parecido. Podeis nos explicar isso?

R. O que é a duração de uma existência na eternidade! Por certo, procurei agir direito na minha última encarnação; mas este final eu o aceitara antes de retornar à humanidade. Ah! por que me interrogar sobre esse passado doloroso que só eu conhecia, bem como os espíritos, ministros do Todo-poderoso? Sabei pois, já que preciso vos contar, que em uma existência anterior, eu havia emparedado uma mulher, a minha, e viva, em uma pequena adega! Foi a pena de talião que eu devia aplicar em mim. Dente por dente, olho por olho.

9. Nós vos agradecemos por terdes concordado em responder às nossas perguntas, e rogamos a Deus para vos perdoar o passado em atenção ao mérito da vossa última existência.

R. Voltarei mais tarde; no entanto, o Espírito Erasto terá a bondade de terminar.

²⁰³ **Exangue:** privado de sangue. Descoloração da pele pela privação do sangue. (N.A.)

Instrução do Guia do Médium:

“O que deveis retirar deste ensinamento é que todas as vossas existências têm uma dependência recíproca, e que nenhuma é independente das outras; os cuidados, as confusões como as grandes dores que atingem os homens, sempre são as conseqüências de uma vida anterior criminosa ou mal empregada. Entretanto, devo vos dizer que os finais de vida idênticos ao de Antonio B. são raros, e se este homem, de quem a última existência foi isenta de repreensões, morreu dessa forma, foi porque ele mesmo havia solicitado esse tipo de morte, a fim de abreviar o tempo da sua erraticidade e atingir mais rapidamente as esferas elevadas. Efetivamente, após um período de perturbação e de sofrimento moral para ainda expiar seu crime horroroso, este lhe será perdoado e ele se elevará para um mundo melhor onde voltará a encontrar sua vítima, que espera por ele, e que já o perdeu há muito tempo. Sabei, portanto, tirar proveito desse exemplo cruel para suportar com paciência, ó meus queridos espiritas!, os sofrimentos corporais, os morais, e todas as pequenas misérias da vida.”

P. Que proveito a humanidade pode tirar de semelhantes punições?

R. Os castigos não são aplicados para o desenvolvimento da humanidade, mas para castigar o indivíduo culpado. Realmente, a humanidade não tem nenhum interesse em ver sofrer um dos seus. Neste caso a punição foi apropriada à falta cometida. Por que existem loucos? Cretinos? Pessoas paralíticas? Por que existem aqueles que morrem no fogo? E aqueles que vivem anos nas torturas de uma longa agonia, não podendo viver nem morrer? Ah! acreditai no que digo, respeitai a soberana vontade e não procureis investigar a razão das decisões da Providência; aprendei isto: Deus é justo e faz bem o que faz.

Erasto

Não existe neste fato um grande e terrível ensinamento? A justiça de Deus atinge sempre o culpado, e por ser algumas vezes tardia, ela não deixa de seguir o seu curso. Não é elevada moral saber que se grandes culpados acabam sua existência tranquilamente, e muitas vezes na abundância dos bens terrestres, a hora da expiação cedo ou tarde chegará? Compreendem-se penas dessa natureza não só porque estão de alguma forma sob os nossos olhos, mas porque são lógicas; nelas se acredita porque a razão as admite.

Uma existência honrada, portanto, não exclui as provas da vida, porque as escolhemos ou aceitamos como complemento de expiação; é o saldo de uma dívida que se paga antes de receber o preço do progresso realizado.

Se considerarmos quanto eram freqüentes nos séculos passados, mesmo nas classes mais elevadas e mais esclarecidas, os atos de barbárie que hoje tanto nos revoltam; quantas mortes eram cometidas nessas épocas em que se escarnecia da vida do semelhante; em que o poderoso, sem nenhum escrúpulo, esmagava o fraco, compreenderemos quantos deles devem existir, entre os homens dos nossos dias, que têm o seu passado para purificar; não nos espantaremos mais com o número tão considerável de pessoas que morrem vítimas de acidentes isolados ou de catástrofes gerais. O despotismo, o fanatismo, a ignorância e os preconceitos da Idade Média e dos séculos que se seguiram, deixaram para as gerações futuras uma dívida imensa que ainda não está liquidada. Muitas desgraças nos parecem imerecidas porque vemos somente o momento atual.

— SENHOR LETIL —

O senhor Letil, dono de uma fábrica nos arredores de Paris, morreu, em abril de 1864, de uma forma horrível. Uma caldeira de verniz que estava fervendo pegou fogo e tombou sobre ele; num relance, o senhor Letil foi coberto por uma matéria incendiada e compreendeu imediatamente que estava perdido. Sozinho naquele momento, na oficina, com um jovem aprendiz, ele teve a coragem de ir para a sua residência, distante mais de 200 metros.

Quando se pôde dar-lhe os primeiros socorros, as carnes estavam queimadas e dele caíam aos pedaços; os ossos de uma parte do corpo e da face estavam descobertos. Ele viveu assim doze horas nos mais horríveis sofrimentos, conservando, apesar de tudo, sua presença de espírito até o último momento, e pondo ordem nos seus negócios com uma perfeita lucidez. Durante essa cruel agonia, ele não fez ouvir nenhum lamento, nenhuma queixa, e morreu orando a Deus. Era um homem muito honrado, de um caráter brando e benevolente, amado e estimado por todos aqueles que o conheciam. Ele havia abraçado as idéias espíritas com entusiasmo, mas não com bastante reflexão, e por esse motivo foi, sendo ele mesmo um médium, vítima de numerosas mistificações que, no entanto, não abalaram sua fé. A confiança no que os espíritos lhe diziam era levada, em certas circunstâncias, até a ingenuidade.

Evocado na Sociedade de Paris, em 29 de abril de 1864, poucos dias depois da sua morte, e ainda sob a influência do terrível acontecimento de que fora vítima, deu a seguinte comunicação:

“Uma tristeza profunda me abate! Ainda aterrorizado pela minha morte trágica, imagino-me sob a espada de um carrasco. Quanto tenho sofrido! Oh! quanto tenho sofrido! Estou tremendo. Parece que ainda sinto o cheiro fétido que minhas carnes queimadas espalhavam em torno de mim. Agonia de doze horas, que meu espírito culpado experimentou! E ele a suportou sem se queixar, assim Deus vai lhe dar seu perdão.

Ó minha bem-amada! Não chores mais por mim, minhas dores vão se abrandar. Realmente eu não sofro mais, porém a lembrança equivale à realidade. Meu conhecimento sobre o Espiritismo ajuda-me muito; vejo agora que sem esta benigna crença teria continuado no delírio em que fui lançado por esta morte terrível.

No entanto, tenho um consolador que não me deixou desde o meu último suspiro; eu ainda falava quando já o via perto de mim; parecia-me que era um reflexo das minhas dores que me dava vertigens, e mostrava-me fantasmas... não: era meu anjo protetor que, silencioso e mudo, consolava-me pelo coração. Desde que dei adeus à Terra, ele me disse: ‘Vem, meu filho, e revê o dia.’ Respirei mais livremente, acreditando sair de um sonho terrível; falei da minha bem-amada esposa, do corajoso filho que se dedicara a mim. ‘Todos estão na Terra, disse-me ele, e tu, ó meu filho!, tu estás entre nós.’ Busquei minha casa; o anjo ali me deixou entrar, sempre me acompanhando. Vi todas as pessoas chorando; tudo estava triste e em luto naquela casa outrora tranqüila. Não pude suportar por muito tempo a visão desse

doloroso espetáculo; muito emocionado, disse ao meu guia: 'Ó meu bom anjo, saíam daqui!' — 'Sim, saíam, disse o anjo, e procuremos o repouso.'

Desde então, sofro menos; se não visse minha esposa inconsolável, meus amigos tão tristes, eu seria quase feliz.

Meu bom guia, meu querido anjo, concordou em me dizer porque tive uma morte tão dolorosa, e para vosso ensinamento, meus filhos, vou vos fazer uma confissão.

Há dois séculos, mandei colocar sobre uma fogueira uma jovem inocente, como se é inocente na sua idade, tinha de 12 a 14 anos aproximadamente. De que a acusavam? Ai de mim! De haver sido cúmplice de uma intriga contra a política sacerdotal. Eu era italiano, e juiz inquisidor; os carrascos não ousavam tocar o corpo da criança, eu mesmo fui o juiz e o carrasco. Ó justiça, justiça de Deus, tu és grande! A ti me submeti; havia prometido tanto não vacilar no dia do combate que tive a força de manter a palavra; não me queixei, e vós me perdoastes, ó meu Deus. Quando, então, a lembrança da minha pobre e inocente vítima se apagará da minha memória? É isto que me faz sofrer! Também é preciso que ela me perdoe.

Ó vós, filhos da Nova Doutrina, às vezes dizeis: 'Nós não nos lembramos do que fizemos anteriormente, eis por que não podemos evitar os erros aos quais nos expomos pelo esquecimento do passado'. Ó meus irmãos! louvai a Deus; se ele vos deixasse a lembrança do passado, não haveria nenhuma tranquilidade para vós na Terra. Perseguidos incessantemente pela vergonha e pelo remorso, poderíeis ter um só momento de paz?

O esquecimento é um benefício; a lembrança, neste caso, é uma tortura. Ainda durante alguns dias, como recompensa pela paciência com que suportei minhas dores, Deus vai me conceder o esquecimento do meu erro. Eis a promessa que o meu bom anjo acaba de me fazer."

O caráter do senhor Letil, em sua última existência, comprova o quanto seu espírito se aperfeiçoou. Sua maneira de proceder foi o resultado do seu arrependimento e das decisões que tomara; mas isto não era suficiente, faltava encerrar suas resoluções com uma grande expiação; era preciso que ele sofresse como homem o que fizera sofrer aos outros; a resignação, nessa terrível circunstância, era para ele a maior prova e felizmente ele não falhou. O conhecimento do Espiritismo certamente muito contribuiu para sustentar sua coragem pela fé sincera que lhe concedera na vida futura; ele sabia que as dores da vida são provas e expiações, e submeteu-se a elas sem se lamentar, dizendo: "Deus é justo; por certo eu o mereci."

— UM SÁBIO AMBICIOSO —

A senhora B., de Bordeaux, não passou pelas terríveis angústias da miséria, mas foi, toda a sua vida, mártir de dores físicas pelas numerosas doenças graves que a atingiram durante setenta anos, desde a idade de cinco meses, e que, quase a cada ano, a colocava à beira da morte. Três vezes foi envenenada pelas experiências que uma ciência insegura fez com ela, e seu temperamento, arruinado pelos remédios tanto quanto pelas doenças, deixou-a até o fim de seus dias presa a sofrimentos intoleráveis que nada podia atenuar. Sua filha, espírita-cristã e médium, pedia a Deus, em suas preces, que aliviasse suas provas cruéis, mas seu guia

espiritual disse-lhe que simplesmente pedisse forças para sua mãe suportá-las com paciência e resignação, e ditou-lhe as seguintes instruções:

“Na existência humana, tudo tem a sua razão de ser; não há um só sofrimento dos que causastes que não encontre uma repercussão nos sofrimentos por que passais; nenhum dos vossos excessos que não encontre contra-partida em uma de vossas privações; uma lágrima que caía dos vossos olhos sem ser para lavar uma falta, algumas vezes um crime. Sofrei, portanto, com paciência e resignação vossas dores físicas e morais, por mais cruéis que elas vos pareçam, e pensai no lavrador, cujos membros são alquebrados pela fadiga, mas continua sua obra sem se deter porque tem diante dele as espigas douradas que serão o fruto da sua perseverança. Tal é o destino do infeliz que sofre na vossa Terra; o desejo ardente que ele tem pela felicidade, que deve ser o fruto da sua paciência, torna-o forte contra as dores passageiras da humanidade.

Assim acontece com tua mãe; cada dor que ela aceita como uma expiação é uma nódoa do seu passado que se apaga, e quanto mais cedo todas as manchas forem apagadas, mais cedo ela será feliz. A falta de resignação só torna o sofrimento improdutivo, porque então as provas deverão recomeçar. Portanto, o mais útil para ela é a coragem e a submissão, é isso que é preciso pedir que Deus e os bons espíritos lhe concedam.

Tua mãe em tempos passados foi um médico sábio, admitido em uma classe onde nada custava garantir-se o bem-estar e onde foi coberto de dádivas e de honras. Desejando ardentemente glórias e riquezas, querendo atingir o apogeu da ciência, não com a intenção de aliviar seus irmãos, porque ele não era filantropo, mas sim a de aumentar sua reputação, e, por conseqüência, sua clientela, nada lhe importou para levar seus estudos a um bom resultado. A mãe era martirizada em seu leito de sofrimento porque ele previa um estudo nas convulsões que provocava; a criança era submetida às experiências que deviam lhe dar a solução de certos fenômenos; o velho via seu fim se acelerar; o homem vigoroso sentia-se enfraquecer pelas tentativas que deviam constatar a ação desta ou daquela poção medicinal, e todas essas experiências eram praticadas no infeliz sem levantar desconfiança. A satisfação da cupidez e do orgulho, a sede de ouro e de celebridade, estas foram as causas de sua conduta. Foram precisos séculos e terríveis provas para domar esse espírito orgulhoso e ambicioso; depois o arrependimento começou sua obra de regeneração, e a reparação está terminando, porque as provas desta última existência são suaves em comparação com aquelas que ele sofreu. Coragem, portanto, se a pena foi longa e cruel; a recompensa concedida pela paciência, pela resignação e pela humildade será grande.

Coragem, todos vós que sofreis; pensai no pouco tempo que dura a vossa existência material; pensai nas alegrias da eternidade; chamai para junto de vós a esperança, esta amiga dedicada de todo coração sofredor; chamai para junto de vós a fé, irmã da esperança; a fé que vos mostra o céu onde a esperança vos faz entrar antes do tempo. Chamai também, para junto de vós, esses amigos que o

Senhor vos dá, que vos cercam, vos sustentam e vos amam e dos quais a solicitude constante vos encaminha para aquele que ofendestes, transgredindo suas leis.”

Após sua morte, a senhora B. deu, tanto à sua filha como à Sociedade Espírita de Paris, comunicações em que se refletem as mais elevadas qualidades, e onde ela confirma o que fora dito de seus antecedentes.

— UM IDIOTA —²⁰⁴

Sociedade Espírita de Paris, 1860.

Charles de Saint-G., era um jovem, idiota,²⁰⁵ com treze anos de idade, ainda encarnado, cujas faculdades intelectuais eram de uma nulidade tão grande que não reconhecia seus pais, e com dificuldade podia pegar seu alimento. Nele ocorrera a suspensão completa do desenvolvimento em todo o sistema orgânico.

1. *A São Luís*: Poderíeis nos dizer se é possível fazermos a evocação do espírito dessa criança?

R. Sim, podeis evocá-lo como se evocásseis o espírito de um morto.

2. Vossa resposta nos faz supor que a evocação poderia ser feita em um momento qualquer.

R. Sim, sua alma prende-se ao seu corpo por laços materiais, mas não por laços espirituais; ela sempre pode se desligar.

3. *Evocação de Charles de Saint-G.*

R. Sou um pobre espírito preso à Terra, como uma ave presa por uma pata.

4. Em vosso estado atual, como espírito, tendes consciência da vossa nulidade neste mundo?

R. Certamente, sinto bem o meu cativo.

5. Quando vosso corpo dorme, e que o vosso espírito se desliga, tendes as idéias tão lúcidas como se estivésseis em estado normal?

R. Quando o meu infeliz corpo repousa, sou um pouco mais livre para me elevar em direção ao céu onde absorvo o ar.

6. Experimentais, como espírito, uma sensação penosa do vosso estado corporal?

R. Sim, já que é uma punição.

7. Recordais vossa existência anterior?

R. Oh! sim; ela é a causa do meu exílio no presente.

8. Que existência foi essa?

²⁰⁴ Na 4ª edição, o título dado a esta comunicação é: "Charles de Saint-G., idiota." (N.T.)

²⁰⁵ **Idiota**: (psiquiatria) indivíduo atacado de *idiotia*, atraso intelectual profundo, caracterizado por ausência de linguagem e nível mental inferior ao da idade normal de três anos, e muitas vezes acompanhado de malformações físicas. (N.T., segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*.)

R. A de um jovem libertino durante o reinado de Henri III.²⁰⁶

9. Dissestes que vossa condição atual é uma punição, então ela não foi escolhida por vós?

R. Não.

10. Como vossa existência atual pode servir para o vosso adiantamento no estado de nulidade em que vos encontrais?

R. Diante de Deus, que a impôs, ela não é nula para mim.

11. Podeis prever a duração da vossa atual existência?

R. Não, ainda mais alguns anos e voltarei à minha pátria.

12. Desde vossa existência anterior até a encarnação atual, que fizestes como espírito?

R. Como eu era um espírito leviano, Deus impediu a minha ação.

13. Quando estais acordado, tendes consciência do que se passa em torno de vós, apesar da imperfeição dos vossos órgãos?

R. Eu vejo, eu ouço, mas o meu corpo não compreende nem vê nada.

14. Podemos fazer qualquer coisa que vos seja útil?

R. Nada.

15. A *São Luís*: As preces por um espírito que está encarnado podem ter a mesma eficácia que por um espírito errante?

R. As preces sempre são boas e agradáveis a Deus. Nas condições em que se encontra esse pobre espírito, elas não lhe podem servir para nada, mas servirão mais tarde, porque Deus as levará em consideração.

Esta evocação confirma o que sempre foi dito sobre os idiotas. Sua nulidade moral não está ligada à nulidade do seu espírito, que, não se levando em consideração os órgãos, desfruta de todas as suas faculdades. A imperfeição dos órgãos é apenas um obstáculo à livre manifestação dos pensamentos, ela não os aniquila. É o caso de um homem vigoroso cujos membros estivessem contidos por algemas.

*Instrução de um espírito sobre os idiotas
e os cretinos, dada na Sociedade de Paris:*

“Os cretinos são seres punidos na Terra pelo mau uso que fizeram de faculdades poderosas; sua alma está encarcerada em um corpo cujos órgãos incapazes não podem exprimir seus pensamentos; esse mutismo moral e físico é uma das mais cruéis punições terrestres; muitas vezes ela é escolhida pelos espíritos arrependidos que querem expiar suas faltas. Essa provação não é estéril porque o espírito não permanece estacionário na sua prisão de carne; esses olhos aparvalhados vêem, esse cérebro deprimido concebe, porém, nada pode traduzir nem pela

²⁰⁶ **Henri III:** (1551-1589), filho de Henri II e Catherine de Médicis; cheio de vícios e de paixões mesquinhas, foi um dos reis mais incapazes que a França teve; reinou de 1574 a 1589, e morreu assassinado pelo monge Jacques Clément. (N.T., segundo o *Dictionnaire Nouveau Petit Larousse Illustré*.)

palavra nem pelo olhar, e, exceto o movimento, eles se encontram moralmente na situação dos letárgicos e dos catalépticos que vêem e entendem o que se passa à volta deles sem poder exprimi-lo. Quando tendes, em sonhos, esses terríveis pesadelos em que quereis fugir de um perigo, em que soltais gritos para pedir socorro, enquanto vossa língua fica presa ao céu da boca e vossos pés ao chão, experimentais por um instante o que o cretino experimenta sempre: paralisia do corpo ligada à vida do espírito.

Quase todas as enfermidades têm, assim, sua razão de ser; nada ocorre sem causa, e o que chamais injustiça da sorte é a aplicação da mais alta justiça. A loucura também é uma punição pelo abuso de grandes faculdades. O louco tem duas personalidades: aquela que desvairia e a que tem consciência de seus atos, sem poder dirigi-los. Quanto aos cretinos, a vida contemplativa e isolada da sua alma, que não tem as distrações do corpo, pode também ser agitada pelos acontecimentos, como as existências mais complicadas; alguns se revoltam contra seu suplício voluntário; revoltam-se por tê-lo escolhido e sentem um desejo furioso de voltar a uma outra vida, desejo que os faz esquecer a resignação com a vida presente, e o remorso da vida passada do qual têm a consciência, porque os cretinos e os loucos sabem mais que vós, e sob sua incapacidade física se esconde um poder moral do qual não tendes nenhuma idéia. Os atos de furor ou de imbecilidade, aos quais seu corpo se entrega, são julgados pelo ser interior que por eles sofre e deles se envergonha. Assim, escarnecer deles, injuriá-los, maltratá-los mesmo, como algumas vezes se faz, é aumentar seus sofrimentos, porque é fazê-los sentir mais duramente sua fraqueza e sua degradação, e se eles pudessem, acusariam de covardes aqueles que agem dessa forma, já que eles sabem que sua vítima não pode se defender.

O cretinismo não é uma das leis de Deus, e a Ciência pode fazê-lo desaparecer, já que ele é o resultado material da ignorância, da miséria e da indignidade. Os novos processos de higiene que a Ciência, que se tornou mais prática, pôs ao alcance de todos, tendem a destruí-la. Sendo o progresso a condição terminante da humanidade, as provas impostas serão modificadas e seguirão a evolução dos séculos; deverão ser todas morais, e, logo que a vossa Terra, jovem ainda, houver concluído todas as fases da sua existência, ela virá a ser morada de felicidade como outros planetas mais adiantados.

Pierre Jouty, pai do médium."

Houve um tempo em que se pôs em discussão a alma dos cretinos, e se perguntava se eles realmente pertenciam à espécie humana. O modo pelo qual o Espiritismo os faz serem considerados não é de uma alta moralidade e de um grande ensinamento? Não existe matéria para sérias reflexões ao pensarmos que esses corpos desfavorecidos encerram almas que talvez tenham brilhado no mundo? Que suas almas são tão lúcidas e pensam tanto quanto as nossas, sob o grosseiro invólucro que lhes sufoca as manifestações, e que um dia pode acontecer o mesmo conosco, se abusarmos das faculdades que a Providência nos concedeu?

Além disso, como se poderia explicar, como fazer o cretinismo estar de acordo com a justiça e a bondade de Deus, sem admitir a pluralidade das existências? Se a alma não viveu antes, é porque ela é criada ao mesmo tempo que o corpo, e, nesta hipótese, como justificar a criação de almas tão desfavorecidas, como as dos cretinos, da parte de um Deus justo e bom? Porque, neste caso, não se trata de um desses acidentes como, por exemplo, a loucura que se pode prevenir ou curar; esses seres nascem e morrem na mesma situação. Não tendo eles nenhuma noção do bem e do mal, qual é o seu destino na eternidade? Serão felizes do mesmo modo que os homens inteligentes e trabalhadores? Mas por que esse favorecimento, já que não fizeram nenhum bem? Ficarão no que se denomina os limbos, quer dizer, em um estado misto que não é nem a felicidade nem o infortúnio? Mas por que essa inferioridade eterna? É culpa deles se Deus os criou cretinos? Desafiamos todos aqueles que se recusam a aceitar a doutrina da reencarnação a saírem desta situação difícil. Com a reencarnação, ao contrário, o que parece uma injustiça transforma-se em uma admirável justiça; o que é inexplicável explica-se da maneira mais racional.

Além disso, sabemos apenas que aqueles que repelem essa doutrina jamais a combateram com outros argumentos que o da repugnância pessoal de regressar à Terra. A isso lhes respondemos: para vos mandar de volta à Terra, Deus não pede a vossa permissão, assim como o juiz não indaga a opinião do condenado para enviá-lo à prisão. Cada um tem a possibilidade de não retornar à Terra, aperfeiçoando-se bastante para merecer passar para uma esfera mais elevada. Porém, nessas esferas felizes, o egoísmo e o orgulho não são admitidos; portanto, é para nos livrarmos dessas enfermidades morais que é necessário trabalhar, se quisermos progredir.

Sabe-se que em certas regiões, os cretinos, longe de serem alvo de desdém, são cercados de cuidados benevolentes. Esse sentimento não resultará de uma intuição do verdadeiro estado desses infortunados, tanto mais dignos de atenções porque seus espíritos, que compreendem a situação em que se encontram, devem sofrer por se verem a escória da sociedade?

Considera-se mesmo como um favor e uma benção ter um desses seres em uma família. É superstição? É provável, porque entre os ignorantes a superstição mistura-se às idéias mais santas das quais eles não se apercebem. Porém, em todos os casos, para os pais é uma ocasião de exercer uma caridade tanto mais meritória porque sendo geralmente pobres, é para eles um encargo sem compensação material. Há mais mérito em rodear de cuidados afetuosos uma criança desfavorecida, que aquela cujas qualidades oferecem uma restituição. Ora, a caridade do coração, sendo uma das virtudes mais agradáveis a Deus, sempre atrai sua benção sobre aqueles que a praticam. Esse sentimento inato, entre aquelas pessoas, equivale a esta prece: "Obrigado, meu Deus, por nos teres dado como prova um ser fraco para sustentar, e um aflito para consolar."

— ADÉLAIDE-MARGUERITE GOSSE —

Era uma humilde e pobre criada na Normandie, perto de Harfleur. Com onze anos, começou a trabalhar com ricos pecuaristas. Poucos anos depois, um

transbordamento do Rio Sena levou e afogou todo o gado; outras desgraças sobrevieram, seus senhores ficaram na miséria. Adelaide uniu sua sorte à deles. Fez calar a voz do egoísmo, e, escutando apenas o seu bondoso coração, os fez aceitar 500 francos, que ela economizara, e continuou a servi-los, sem salário. Depois, quando seus patrões morreram, ela se dedicou a uma filha deles que ficara viúva e sem recursos. Adelaide trabalhava no campo e levava seu ganho para casa. Casou-se, e, o salário do marido juntando-se ao dela, eis, então, os dois sustentando a pobre mulher, que ela sempre chamou de “sua senhora”. Esse sublime sacrifício durou cerca de meio século.

A Sociedade de Emulação²⁰⁷ de Rouen não deixou no esquecimento essa mulher digna de tanto respeito e de admiração, ela lhe outorgou uma medalha de honra e uma recompensa em dinheiro. As lojas maçônicas do Havre se associaram a essa prova de estima e lhe ofereceram uma pequena importância para aumentar o seu bem-estar. Por fim, a administração local interessou-se por sua sorte com delicadeza, resguardando a sua suscetibilidade.

Um ataque de paralisia levou esse ser benfazejo num instante e sem sofrimento. As últimas homenagens foram-lhe prestadas de uma maneira simples, mas digna; o secretário da administração municipal colocou-se à frente do seu cortejo fúnebre.

(Sociedade de Paris, 27 de dezembro de 1861)

Evocação: Pedimos a Deus onipotente que permita ao espírito de Marguerite Gosse comunicar-se conosco.

R. Sim, Deus concordou em fazer-me esse favor.

P. Estamos felizes em poder demonstrar nossa admiração pela conduta que tivestes durante vossa existência terrestre, e esperamos que a vossa dedicação receba sua recompensa.

R. Sim, Deus foi pleno de amor e de misericórdia com a sua serva. O que fiz, e que achais admirável, era muito natural.

P. Para nos instruir, poderíeis dizer qual o motivo da humilde posição que tivestes na Terra?

R. Eu havia ocupado, em duas existências sucessivas, uma posição bastante elevada; fazer o bem era fácil para mim, eu o realizava sem sacrifício porque era rica. Parecia que eu avançava lentamente, eis por que pedi para voltar à Terra em uma condição mais inferior em que eu mesma teria que lutar contra as privações, e para isso preparei-me durante muito tempo. Deus sustentou minha coragem, e pude chegar ao objetivo que me propusera alcançar, graças à ajuda espiritual que Deus me deu.

P. Voltastes a ver vossos antigos patrões? Dizei-nos, eu vos peço, qual é a vossa posição em comparação com eles, e se ainda vos considerais como sua subordinada.

²⁰⁷ **Emulação:** sentimento que leva a igualar ou a ultrapassar alguém em mérito, em saber, em trabalho. (N.T.)

R. Sim, eu os revei; quando cheguei, eles estavam neste mundo, e eu vos direi, com toda humildade, que me consideram como lhes sendo superior.

P. Tíneis um motivo particular para vos ligar a eles em lugar de a outras pessoas?

R. Nenhum motivo me obrigava, aliás, eu teria alcançado o meu objetivo em qualquer lugar. Eu os escolhi para liquidar com eles uma dívida de reconhecimento. Outrora, foram bons para mim e me ajudaram muito.

P. Que futuro presentis para vós?

R. Espero ser reencarnada em um mundo onde a dor é desconhecida. Talvez me acheis muito presunçosa, mas eu vos respondo com todo o ardor do meu coração. Além disso, eu me entrego à vontade de Deus.

P. Agradecemos terdes vindo ao nosso chamado, e não duvidamos que Deus vos cumule de benevolências.

R. Obrigada. Possa Deus vos abençoar e fazer que todos, ao morrer, possais experimentar as alegrias tão puras que me foram distribuídas.

— CLARA RIVIER —

Clara Rivier era uma menina de dez anos, que pertencia a uma família de lavradores do sul da França; era totalmente enferma desde os quatro anos. Durante sua vida, nunca fez ouvir um só lamento, nem deu um único sinal de impaciência. Apesar de não ter instrução, ela consolava sua família aflita falando-lhe da vida futura e da felicidade que ali devia encontrar. Clara morreu em setembro de 1862, após quatro dias de torturas e de convulsões, durante os quais ela não deixou de orar a Deus. “Eu não tenho medo da morte, dizia, já que depois dela uma vida de felicidade me está reservada.” Falava para seu pai, que chorava: “Consola-te, regressarei para te visitar; minha hora está próxima, eu o sinto; mas quando ela chegar, eu o saberei e antes te avisarei.” Realmente, quando o momento fatal estava prestes a acontecer, ela chamou todos os seus, dizendo: “Não tenho mais que cinco minutos de vida; dai-me vossas mãos.” E morreu como havia anunciado.

Desde então, um espírito batador tem vindo visitar a residência do casal Rivier onde transtorna tudo; bate na mesa, como se o fizesse com uma clava;²⁰⁸ sacode roupas e cortinas, revira a louça. Esse espírito se apresenta, com a aparência de Clara, à sua irmãzinha, que tem apenas cinco anos. De acordo com esta menina, Clara, sua irmã, tem lhe falado muitas vezes, e essas aparições freqüentemente a fazem dar gritos de alegria, e dizer: “Mas vejam como Clara está linda!”

1. *Evocação de Clara Rivier.*

R. Estou perto de vós, disposta a responder.

²⁰⁸ **Clava:** pedaço de pau pesado, mais grosso em uma das extremidades, que se usava como arma; também conhecida como maça. (N.T.)

2. De onde vinham para vós, embora fosseis tão jovem e sem instrução, os pensamentos elevados que manifestastes, antes de morrer, sobre a vida futura?

R. Do pouco tempo que eu tinha para passar no vosso mundo e da minha encarnação anterior. Eu era médium quando deixei a Terra, e médium quando retornei entre vós. Era uma predestinação; eu sentia e via o que vos falava.

3. Como se explica que uma criança com a vossa idade não tenha feito nenhuma queixa durante quatro anos de sofrimentos?

R. Não me queixava porque o sofrimento físico era dominado por um poder maior, o do meu anjo guardião, que eu via constantemente perto de mim; ele sabia aliviar tudo quanto eu sentia, tornava a minha vontade mais forte que a dor.

4. Como ficastes sabendo com antecedência do momento da vossa morte?

R. Meu anjo guardião avisou-me, ele jamais me enganou.

5. Dissestes ao vosso pai: "Consola-te, eu virei te visitar." Como se explica que possuindo tão bons sentimentos por vossos pais, viésseis atormentá-los depois da vossa morte, fazendo alvoroço em sua casa?

R. Sem dúvida eu tinha uma prova, ou antes uma missão a cumprir. Se vim rever meus pais acreditais que isso seja para nada? Esses barulhos, essa perturbação, esses debates provocados por minha presença são uma advertência. Sou ajudada por outros espíritos cuja turbulência tem um valor, como eu tenho o meu ao aparecer para a minha irmã. Graças a nós, muitas convicções vão nascer. Meus pais tinham uma provação para sofrer; em breve ela terminará, mas somente após terem levado a convicção para uma multidão de almas.

6. Portanto, não sois vós, pessoalmente, que causais essa perturbação?

R. Sou ajudada por outros espíritos que têm utilidade para a prova reservada aos meus queridos pais.

7. Como pôde vossa irmã ter vos reconhecido se não fostes vós que produzistes essas manifestações?

R. Minha irmã viu somente a mim. Ela agora possui uma segunda vista, e não foi a última vez que minha presença veio consolá-la e encorajá-la.

8. Por que, tão jovem, fostes atingida por tantas enfermidades?

R. Tinha erros anteriores para expiar; abusei da saúde e da brilhante posição que usufruíra na minha encarnação anterior; então Deus me disse: "Tu desfrutastes muito, desmedidamente, e sofrerás do mesmo modo; eras orgulhosa, serás humilde; eras arrogante por tua beleza e serás alquebrada; em lugar da vaidade, te esforçarás por adquirir a caridade e a bondade." Agi conforme a vontade de Deus, e meu anjo guardião me ajudou.

9. Desejais que se diga alguma coisa aos vossos pais?

R. A pedido de um médium, meus pais têm feito muita caridade; eles tiveram razão em não orarem só com os lábios; é preciso fazê-lo com a mão e com o coração. Dar àqueles que sofrem é orar, é ser espírita.

Deus deu a todas as almas o livre-arbítrio, isto é, a faculdade de progredir; deu a todas a mesma aspiração, e é por isso que o vestido de tecido grosseiro de lã tem mais relação com o vestido bordado a ouro do que geralmente se pensa. Por isso, diminuí as distâncias pela caridade; dai entrada ao pobre em vossa casa, encorajai-o, reerguei-o, não o humilheis. Se soubéssemos praticar por toda parte a grande lei da consciência, não teríamos, em determinadas épocas, essas grandes misérias que desonram os povos civilizados, e que Deus lhes envia para castigá-los e para abrir-lhes os olhos.

Queridos pais, orai a Deus; amai-vos, praticai a lei do Cristo: não fazer aos outros o que não quereis que os outros vos façam; suplicai a Deus que vos submeta a provas, mostrando-vos que sua vontade é santa e grande como ele. Sabei, prevendo o futuro, abastecer-vos de coragem e de perseverança, porquanto ainda sois chamados para o sofrimento. É preciso saber merecer uma boa posição em um mundo melhor, onde a compreensão da justiça divina torna-se a punição dos maus espíritos.

Estarei sempre perto de vós, queridos pais. Adeus, ou antes, até breve. Tende resignação, caridade, amor por vossos semelhantes, e um dia sereis felizes.

Clara

É um belo pensamento este: “o vestido de tecido grosseiro de lã tem mais relação do que se crê com o vestido bordado a ouro.” É uma alusão aos espíritos que, de uma existência para outra, passam de uma posição brilhante para uma posição humilde ou miserável, porque muitas vezes eles expiam em um meio inferior o abuso que fizeram dos dons que Deus lhes concedera. É uma justiça que todo o mundo compreende.

Um outro pensamento, não menos profundo, é o que atribui as calamidades dos povos ao desrespeito à lei de Deus, porque Deus castiga os povos como castiga as pessoas. É certo que, se eles praticassem a lei de caridade, não haveria guerras nem grandes misérias. É à prática dessa lei que o Espiritismo conduz; seria, então, por isso que ele encontra inimigos tão enfurecidos? As palavras dessa filha para os seus pais são as palavras de um demônio?

— FRANÇOISE VERNHES —

Cega de nascença, filha de um camponês das proximidades de Toulouse, morreu em 1855 com a idade de quarenta e cinco anos. Françoise ocupava-se, perseverantemente, em ensinar o catecismo às crianças para prepará-las para a sua primeira comunhão. Tendo o catecismo sido mudado, ela não sentiu nenhuma dificuldade em aprender o novo, porque sabia os dois pelo coração. Em uma tarde de inverno, voltando de uma excursão a lugar bem distante, em companhia de sua tia, seria preciso atravessarem uma floresta por caminhos medonhos e cheios de lama; as duas mulheres deviam andar com precaução junto à beira de valas. Sua tia queria conduzi-la pela mão, porém ela lhe respondeu: “Não fiquéis, de maneira alguma, com pena de mim; eu não corro nenhum perigo de cair; vejo sobre o meu

ombro uma luz que me guia; segui-me, sou eu quem vai vos conduzir.” E assim elas chegaram em casa sem acidente, a cega conduzindo aquela que tinha o uso de seus olhos.

Evocação em Paris, em maio de 1865.

P. Teríeis a bondade de nos dar a explicação dessa luz que vos guiava nessa noite escura e que era visível apenas por vós?

R. Como pessoas como vós, que estão em contínua relação com os espíritos precisam de uma explicação para semelhante fato?! Era meu anjo guardião que me guiava.

P. Essa também era a nossa opinião, mas desejávamos ter a sua confirmação. Tínheis, naquele momento, consciência de que era o vosso anjo guardião que vos servia de guia?

R. Admito que não, no entanto eu acreditava em uma proteção celeste. Durante tanto tempo roguei ao nosso Deus, bom e clemente, que tivesse piedade de mim... é tão cruel ser cego!... Sim, é muito cruel, mas reconheço também que é justo. Aqueles que pecam pelos olhos devem ser punidos pelos olhos, e assim com todas as faculdades de que os homens são dotados e das quais abusam. Portanto, não busqueis, para as numerosas desventuras que afligem a humanidade, outra causa a não ser aquela que lhe é natural: a expiação. A expiação que só é meritória quando é sofrida com submissão, e que pode ser aliviada, se atraímos, pela prece, as influências espirituais que protegem os culpados da penitenciária humana, e colocam a esperança e a consolação nos corações aflitos e sofredores.

P. Vós vos dedicastes ao ensino religioso das crianças pobres; tivestes dificuldade para adquirir os conhecimentos necessários ao ensino do catecismo, que sabeis pelo coração, apesar da vossa cegueira e ainda que o catecismo tivesse mudado?

R. Geralmente os cegos têm, se assim posso me expressar, os outros sentidos dobrados. A observação não é uma das menores faculdades da sua natureza. Sua memória é como um armário onde são colocados com ordem, e para dali jamais desaparecerem, os ensinamentos dos quais eles possuem as tendências e as aptidões. Nada do exterior sendo capaz de atrapalhar essa faculdade, daí resulta que ela pode ser desenvolvida pela educação, de uma forma notável. Esse não era o caso em que me encontrava, porquanto eu não havia recebido educação. Por causa disso, apenas agradeço mais a Deus por haver consentido que essa faculdade fosse suficiente para me permitir cumprir a missão de me dedicar a essas crianças. Era ao mesmo tempo uma reparação pelo mau exemplo que eu lhes dera na minha existência anterior. Tudo é assunto sério para os espíritos; para isso eles têm apenas que olhar ao redor deles, e isto lhes seria mais útil do que se deixarem desencaminhar pelas sutilezas filosóficas de certos espíritos que se riem deles, lisonjeando seu orgulho com frases de grande efeito, mas vazias de sentido.

P. Nós vos julgamos adiantada intelectualmente pela vossa linguagem,²⁰⁹ assim como a conduta que tivestes na Terra é uma prova do vosso adiantamento moral.

R. Ainda tenho muito a alcançar, mas existem inúmeras pessoas na Terra que passam por ignorantes porque sua inteligência está encoberta pela expiação; mas na morte caem os véus que a encobrem, esses pobres ignorantes muitas vezes são mais instruídos do que aqueles a quem inspiravam desprezo. Acreditai, o orgulho é a pedra de toque pela qual se reconhecem os homens. Todos aqueles que tiverem o coração acessível à lisonja, ou que têm, em demasia, confiança na sua sabedoria, estão no mau caminho; geralmente não são sinceros, desconfiai deles. Sede humildes como o Cristo, e, como ele, carregai vossa cruz com amor, para que tenhais entrada no reino dos céus.

Françoise Vernhes

— ANNA BITTER —

Ser atingido pela perda de um filho adorado é um pesar cruel; porém, ver um filho único que dá as mais belas esperanças, sobre o qual se concentrou suas únicas afeições, definhar sob seus olhos, ir morrendo sem sofrimentos, por uma causa desconhecida, uma dessas singularidades da natureza que embaraçam a Ciência; haver esgotado inutilmente todos os recursos e adquirido a certeza de que não existe nenhuma esperança, e sofrer essa angústia de cada dia durante longos anos sem ter idéia do seu fim, é um suplício desumano que a fortuna aumenta, em vez de o amenizar, porque se tem a esperança de vê-la ser desfrutada por um ser querido.

Essa era a situação do pai de Anna Bitter; um tenebroso desespero se aposara da sua alma, e seu temperamento se irritava cada vez mais à vista desse espetáculo aflitivo cujo resultado só podia ser fatal, ainda que indeterminado. Um amigo da família, que se iniciara no Espiritismo, achou que deveria interrogar seu espírito protetor a esse respeito, e recebeu a seguinte resposta:

“Quero muito te dar a explicação do estranho fenômeno que tens diante de ti, porque sei que não me fizeste este pedido levado por uma curiosidade indiscreta, mas pela preocupação que tens por esta pobre criança, e porque desta explicação sairá para ti, que acreditas na justiça de Deus, um ensino proveitoso. Aqueles que o Senhor quer atingir devem curvar sua cabeça e não maldizê-lo e se revoltarem, porque ele jamais castiga sem motivo. A pobre jovem, da qual o Todo-poderoso havia adiado a sentença de morte, deve em breve vir outra vez entre nós, porque Deus teve piedade dela, e seu pai, esse infeliz entre os homens, deve ser atingido na única afeição da sua vida, por ter escarnecido do coração e da confiança daqueles que o rodeiam. Por um momento o seu arrependimento tocou o Onipotente, e a morte deteve sua espada sobre essa cabeça tão querida; mas a revolta retornou,

²⁰⁹ **Linguagem:** exercício da expressão do pensamento e da comunicação entre os homens, por meio da palavra ou da escrita. (N.T.)

e o castigo sempre segue a revolta. Felizes quando é sobre esta Terra que sois castigados! Rogai, meus amigos, por essa pobre criança, cuja juventude tornará difíceis os últimos momentos. A seiva é tão abundante nessa pobre criatura, apesar do seu estado de definhamento, que a alma se desligará dela com dificuldade. Oh! orai; mais tarde ela vos ajudará, e ela mesma vos consolará, porque seu espírito é mais elevado que aqueles que a cercam.

Por uma permissão especial do Senhor é que pude responder ao que tu me perguntaste, porque é preciso que esse espírito seja ajudado para que o desligamento seja mais fácil para ele."

O pai morreu após haver sofrido o vazio do isolamento com a perda da sua filha. Eis as primeiras comunicações que eles deram depois de suas mortes.

A filha: "Obrigada, meu amigo, por terdes vos interessado pela pobre criança e por seguirdes os conselhos do vosso bom guia. Sim, graças às vossas preces, pude deixar mais facilmente o meu invólucro terrestre, porque meu pai, ai de mim! ele não rogava: amaldiçoava! Entretanto, não lhe quero mal por causa disso: consequência da sua grande ternura por mim. Rogo a Deus conceder-lhe a graça de ser esclarecido antes de morrer; eu o incentivo, eu o encorajo; minha missão é amenizar seus últimos instantes. Às vezes, um raio de luz divina parece penetrar até ele, mas é apenas um clarão passageiro, e logo ele retorna às suas primeiras idéias. Nele existe apenas um germe de fé, abafado pelos interesses do mundo, e que somente novas provas mais terríveis poderão desenvolver, pelo menos é o que penso. Quanto a mim, tinha apenas um resto de expiação a sofrer, eis por que ela não foi muito dolorosa nem muito difícil.

Em minha estranha doença, eu não sofria, era, antes de tudo, um instrumento de prova para meu pai, porque ele sofria mais do que eu mesma ao me ver naquele estado; eu estava resignada e ele não. Hoje sou recompensada por isso, Deus fez-me o favor de abreviar minha estada na Terra, o que lhe agradeço. Sou feliz no meio dos bons espíritos que me cercam; todos estamos ocupados em nossas tarefas com alegria, porque a inatividade seria um cruel suplício."

O pai, cerca de um mês após a sua morte.

P. Nosso propósito, ao vos chamar, é o de nos informarmos sobre a vossa situação no mundo dos espíritos, para vos ser úteis, se estiver ao nosso alcance.

R. O mundo dos espíritos!... eu não o vejo. Vejo apenas os homens que conheci, dos quais nenhum pensa em mim nem tem saudades, ao contrário, parecem estar contentes por terem se livrado de mim.

P. Compreendeis bem a vossa situação?

R. Perfeitamente. Durante algum tempo pensei que ainda estava no vosso mundo, porém agora sei muito bem que não estou mais.

P. Como se explica, então, que não vísseis outros espíritos em torno de vós?

R. Eu o ignoro; no entanto, tudo está claro em torno de mim.

P. Não voltastes a ver vossa filha?

R. Não, ela está morta; eu a procuro, chamo por ela inutilmente. Que vazio terrível sua morte me deixou na Terra! Morrendo, eu pensava que certamente iria reencontrá-la, mas nada; sempre o isolamento em volta de mim; ninguém me dirige uma palavra de consolação e de esperança. Adeus, vou procurar minha filha.

O guia do médium:

“Este homem não era ateu, nem materialista; era daqueles que acreditavam vagamente, sem se preocuparem com Deus nem com o futuro, pois estão absorvidos pelos interesses da Terra. Profundamente egoísta, sem dúvida ele teria sacrificado tudo para salvar sua filha, mas teria, também, sacrificado, sem escrúpulos, todos os interesses de outras pessoas em seu proveito pessoal. Exceto sua filha, não tinha afeição por ninguém. Deus o puniu por isso; como o sabeis, tirou-lhe a única consolação sobre a Terra, e, como ele não se arrependeu, sua filha também foi afastada dele no mundo dos espíritos. Ele não se interessava por pessoa alguma na Terra, aqui ninguém se interessa por ele; está só, abandonado: esta é a sua punição. No entanto, sua filha está perto dele, porém ele não a vê; se a visse, não seria punido. O que ele faz? Dirige-se a Deus? Arrepende-se? Não; reclama sempre, até blasfema; em uma palavra: ele age como agia na Terra. Ajudai-o, pela prece e pelos conselhos, a sair da sua cegueira.”

— UM ESPÍRITO CEGO —²¹⁰

Joseph Maitre pertencia à classe média da sociedade; desfrutava de uma modesta fortuna que o deixava livre de necessidades. Seus pais deram-lhe uma boa educação e o destinavam à indústria, mas, aos vinte anos, ficou cego. Morreu em 1845, perto dos cinqüenta anos. Uma segunda enfermidade o atingiu cerca de dez anos antes da sua morte, tornou-se completamente surdo, de maneira que suas relações com os vivos só podiam se realizar através do tato. Não ver mais já era bem penoso, mas não ouvir era um cruel suplício para aquele que tendo desfrutado de todas as suas faculdades devia sentir mais ainda os efeitos dessa dupla privação. O que pudera fazê-lo merecer essa triste sorte? Não foi a sua última existência, porque sua conduta sempre havia sido exemplar; era bom filho, de temperamento meigo, benevolente, e quando se viu, além disso, privado da audição, aceitou essa nova prova com resignação, e jamais se ouviu dele uma queixa, um lamento. Suas palavras demonstravam uma perfeita lucidez de espírito, e uma inteligência pouco comum.

Uma pessoa que o havia conhecido, presumindo que se poderia retirar úteis instruções de uma conversa com o seu espírito, o evocou, recebendo dele a comunicação seguinte, em resposta às perguntas que lhe foram dirigidas.

(Paris, 1863.)

“Meus amigos, eu vos agradeço por terdes lembrado de mim, ainda que, talvez, nisso não tivésseis pensado se não esperásseis obter algum proveito da minha

²¹⁰ Na 4ª edição, o título desta comunicação é: “Joseph Maitre, o cego”. (N.T.)

comunicação. Sei, no entanto, que um motivo mais sério vos anima, eis por que atendo com prazer ao vosso chamado, já que concordam em me tolerar, feliz por poder servir à vossa instrução. Que o meu exemplo possa juntar-se às provas tão numerosas que os espíritos vos dão da justiça de Deus.

Vós me conhecestes cego e surdo, e perguntastes o que eu havia feito para merecer um destino desses, eu vou vos dizer. Sabei inicialmente que é a segunda vez que sou privado da visão. Em minha existência anterior, ocorrida no início do último século, fiquei cego com a idade de trinta anos, em conseqüência de excessos de todos os gêneros que haviam arruinado minha saúde e enfraquecido meus órgãos; já era uma punição por haver abusado dos dons que recebera da Providência, porque eu era muitíssimo dotado, porém, em vez de reconhecer que eu era a primeira causa da minha enfermidade, acusava essa mesma Providência, na qual, além disso, pouco acreditava. Blasfemei contra Deus, reneguei-o, acusei-o, dizendo que se ele existia devia ser injusto e mau, porquanto fazia sofrer assim as suas criaturas. Eu devia considerar-me feliz por não ser, ao contrário de tantos outros miseráveis cegos, obrigado a mendigar meu pão. Mas, não; eu pensava apenas em mim e na privação dos prazeres que me era imposta. Sob o domínio dessas idéias e da minha falta de fé, tornei-me colérico, exigente, em uma palavra: insuportável, para aqueles que me cercavam. Dali em diante, a vida não teve objetivos para mim; não pensava no futuro, que eu considerava como uma quimera. Após ter esgotado, inutilmente, todos os recursos da Ciência, vendo minha cura impossível, resolvi morrer mais cedo, e me suicidei.

No meu despertar, ai de mim! estava mergulhado nas mesmas trevas que durante a vida. Entretanto, não demorei a reconhecer que não pertencia mais ao mundo corpóreo, eu era um espírito, mas cego. Então, a vida de além-túmulo era uma realidade! Em vão tentava sair do lugar onde estava para me lançar no nada: eu ia de encontro ao vazio. Se essa vida fosse eterna, como ouvia dizer, então eu ficaria durante a eternidade nessa situação? Esse pensamento era horrível. Eu não sofria, mas descrever os tormentos e as angústias do meu espírito é algo impossível. Quanto tempo isso durou? Eu o ignoro, porém, como esse tempo me pareceu longo!

Esgotado, extenuado, finalmente fiz uma análise sobre mim mesmo; compreendi que uma força superior agia sobre mim, e pensei que se essa força podia me abater, ela também podia me aliviar, e implorei sua piedade. À medida que eu orava, e que meu fervor aumentava, alguma coisa me dizia que essa cruel situação teria um fim. E a luz, enfim, se fez; meu deslumbramento foi imenso quando entrei as luzes celestes, e distingui os espíritos que me cercavam sorrindo com benevolência, e aqueles que flutuavam, riosos, no Espaço. Quis seguir suas pegadas, mas uma força invisível me deteve. Então, um daqueles espíritos me disse: 'Deus, que tu desconheceste, levou em conta o teu retorno a ele, e nos permitiu te restituir a luz, mas tu somente cedeste com a opressão e a fadiga. Se queres, de agora em diante, participar da felicidade que aqui se desfruta, é preciso provar a sinceridade do teu arrependimento e dos teus bons sentimentos, recomeçando tua prova terrestre, em

condições nas quais estarás exposto a recair nas mesmas faltas, porquanto esta nova prova será mais rude ainda que a primeira. 'Aceitei com solicitude, prometendo a mim mesmo não mais falhar.

Voltei, então, à Terra na existência que conheceis. Não tive dificuldade em ser bom, porque eu não era mau por natureza; eu me revoltara contra Deus, e Deus havia me punido. Voltei para a Terra com a fé inata, eis por que não me queixei contra ele, aceitei minha dupla enfermidade com resignação e como uma expiação que devia ter origem na soberana justiça. O isolamento em que fiquei nos últimos anos nada possuía de desesperador porque eu tinha fé no futuro e na misericórdia de Deus; esse isolamento foi muito proveitoso porque, durante essa longa noite onde tudo era silêncio, minha alma, mais livre, lançava-se em direção ao Eterno, e entrevia o infinito pelo pensamento. Quando o meu exílio chegou ao fim, o mundo dos espíritos teve para mim somente esplendores e prazeres inexprimíveis.

A comparação com o passado faz que eu ache minha situação relativamente muito feliz, e por isso dou graças a Deus; mas quando olho para a frente, vejo quanto ainda estou longe da felicidade completa. Eu expiei, agora preciso reparar. Minha última existência foi proveitosa unicamente para mim. Espero recomeçar em breve uma nova existência na qual poderei ser útil aos outros; será a reparação da minha inutilidade na vida anterior; somente assim avançarei na estrada bendita, aberta para todos os espíritos de boa vontade.

Eis aí a minha história, meus amigos; se meu exemplo puder esclarecer alguns dos meus irmãos encarnados, e afastá-los do lamaçal onde cai, terei começado a pagar a minha dívida.

Joseph"



NOTA EXPLICATIVA

Hoje crêem e sua fé é inabalável, porque assentada na evidência e na demonstração, e porque satisfaz à razão. (...). Tal é a fé dos espíritas, e a prova de sua força é que se esforçam por se tornarem melhores, domarem suas inclinações más e porem em prática as máximas do Cristo, olhando todos os homens como irmãos, sem acepção de raças, de castas, nem de seitas, perdoando aos seus inimigos, retribuindo o mal com o bem, a exemplo do divino modelo.” (KARDEC, Allan. *Revista Espírita* de 1868. 1.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. p. 28, janeiro de 1868.)

A investigação rigorosamente racional e científica de fatos que revelam a comunicação dos homens com os espíritos, realizada por Allan Kardec, resultou na estruturação da Doutrina Espírita, sistematizada sob os aspectos científico, filosófico e religioso.

A partir de 1854 até seu falecimento, em 1869, seu trabalho foi constituído de cinco obras básicas: *O Livro dos Espíritos* (1857), *O Livro dos Médiuns* (1861), *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (1864), *O Céu e o Inferno* (1865), *A Gênese* (1868), além da obra *O Que é o Espiritismo* (1859), de uma série de opúsculos e 136 edições da *Revista Espírita* (de janeiro de 1858 a abril de 1869). Após sua morte, foi editado o livro *Obras Póstumas* (1890).

O estudo metucioso e isento dessas obras permite-nos extrair conclusões básicas: a) todos os seres humanos são espíritos imortais criados por Deus em igualdade de condições, sujeitos às mesmas leis naturais de progresso que levam todos, gradativamente, à perfeição; b) o progresso ocorre através de sucessivas experiências, em inúmeras reencarnações, vivenciando necessariamente todos os segmentos sociais, única forma de o espírito acumular o aprendizado necessário ao seu desenvolvimento; c) no período entre as reencarnações o espírito permanece no mundo espiritual, podendo comunicar-se com os homens; d) o progresso obedece às leis morais ensinadas e vivenciadas por Jesus, nosso guia e modelo, referência para todos os homens que desejam desenvolver-se de forma consciente e voluntária.

Em diversos pontos de sua obra, o Codificador se refere aos espíritos encarnados em tribos incultas e selvagens, então existentes em algumas regiões do Planeta, e que, em contato com outros pólos de civilização, vinham sofrendo inúmeras transformações, muitas com evidente benefício para os seus membros, decorrentes do progresso geral ao qual estão sujeitas todas as etnias, independentemente da coloração da sua pele.

Na época de Allan Kardec, as idéias frenológicas de Gall, e as da fisiognomia de Lavater, eram aceitas por eminentes homens de Ciência, assim como provocou enorme agitação nos meios de comunicação e junto à intelectualidade e à população em geral, a publicação, em 1859 — dois anos depois do lançamento de *O Livro dos Espíritos* — do livro sobre a Evolução das Espécies, de Charles Darwin, com as naturais incorreções e incompreensões que toda ciência nova apresenta. Ademais, a crença de que os traços da fisionomia revelam o caráter da pessoa é muito antiga, pretendendo-se haver aparentes relações entre o físico e o aspecto moral.

O Codificador não concordava com diversos aspectos apresentados por essas assim chamadas ciências. Desse modo, procurou avaliar as conclusões desses eminentes pesquisadores à luz da revelação dos espíritos, trazendo ao debate o elemento espiritual como fator decisivo ao equacionamento das questões da diversidade e desigualdade humanas.

Allan Kardec encontrou, nos princípios da Doutrina Espírita, explicações que apontam para leis sábias e supremas, razão pela qual afirmou que o Espiritismo permite “resolver os milhares de problemas históricos, arqueológicos, antropológicos, teológicos, psicológicos, morais, sociais, etc.” (*Revista Espírita*, 1862, p. 401). De fato, as leis universais do amor, da caridade, da imortalidade da alma, da reencarnação, da evolução constituem novos parâmetros para a compreensão do desenvolvimento dos grupos humanos, nas diversas regiões do Orbe.

Essa compreensão das Leis Divinas permite a Allan Kardec afirmar que:

(...) O corpo procede do corpo, o Espírito, porém, não procede do Espírito. Entre os descendentes das raças, apenas há consangüinidade. (*O Livro dos Espíritos*, item 207).

(...) O Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na Criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, faz com que desapareçam, naturalmente, todas as distinções estabelecidas entre os homens, conforme as vantagens corporais e mundanas, sobre as quais só o orgulho fundou as castas e os estúpidos preconceitos de cor. (*Revista Espírita*, 1861, p. 432.)

Os privilégios de raças têm sua origem na abstração que os homens geralmente fazem do princípio espiritual, para considerar apenas o ser material exterior. Da força ou da fraqueza constitucional de uns, de uma diferença de cor em outros, do nascimento na opulência ou na miséria, da filiação consangüínea nobre ou plebéia, concluíram por uma superioridade ou uma inferioridade natural. Foi sobre esse dado que estabeleceram suas leis sociais e os privilégios de raças. Deste ponto de vista circunscrito, são conseqüentes consigo mesmos, porquanto, não considerando senão a vida material, certas classes parecem pertencer, e realmente pertencem, a raças diferentes. Mas se se tomar seu ponto de vista do ser espiritual, do ser essencial e progressivo, numa palavra, do Espírito, preexistente e sobrevivente a tudo, cujo corpo não passa de um invólucro temporário, variando, como a roupa, de forma e de cor; se, além disso, do estudo dos seres espirituais ressalta a prova de que esses seres

são de natureza e de origem idênticas, que seu destino é o mesmo, que todos partem do mesmo ponto e tendem para o mesmo objetivo; que a vida corporal não passa de um incidente, uma das fases da vida do Espírito, necessária ao seu adiantamento intelectual e moral; que em vista desse avanço o Espírito pode sucessivamente revestir envoltórios diversos, nascer em posições diferentes, chega-se à consequência capital da igualdade de natureza e, a partir daí, à igualdade dos direitos sociais de todas as criaturas humanas e à abolição dos privilégios de raças. Eis o que ensina o Espiritismo. Vós que negais a existência do Espírito para considerar apenas o homem corporal, a perpetuidade do ser inteligente para só encarar a vida presente, repudiais o único princípio sobre o qual é fundada, com razão, a igualdade de direitos que reclamais para vós mesmos e para os vossos semelhantes. (*Revista Espírita*, 1867, p. 231.)

Com a reencarnação desaparecem os preconceitos de raças e de classes, pois que o mesmo espírito pode renascer rico ou pobre, grande senhor ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que supere em lógica o fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação fundamenta sobre uma lei da natureza, o princípio da fraternidade universal, ela fundamenta sobre a mesma lei o princípio da igualdade dos direitos sociais e, por consequência, o da liberdade. (*A Gênese*, cap. I, item 36. Vide também *Revista Espírita*, 1867, p. 373).

Na época, Allan Kardec sabia apenas o que vários autores contavam a respeito dos selvagens africanos, sempre reduzidos ao embrutecimento quase total, quando não escravizados impiedosamente.

É baseado nesses informes “científicos” da época que o Codificador repete, com outras palavras, o que os pesquisadores europeus descreviam quando de volta das viagens que faziam à África negra. Todavia, é peremptório ao abordar a questão do preconceito racial:

Nós trabalhamos para dar a fé aos que em nada crêem; para espalhar uma crença que os torna melhores uns para os outros, que lhes ensina a perdoar aos inimigos, a se olharem como irmãos, sem distinção de raça, casta, seita, cor, opinião política ou religiosa; numa palavra, uma crença que faz nascer o verdadeiro sentimento de caridade, de fraternidade e deveres sociais. (Kardec, Allan. *Revista Espírita* de 1863 – 1.ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. — janeiro de 1863.)

O homem de bem é humano, é bom e benevolente para todo mundo, sem distinção de raças nem de crenças, porque vê irmãos em todos os homens. (*O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Cap. XVII, item 3, p. 348)

É importante compreender, também, que os textos publicados por Allan Kardec na *Revista Espírita* tinham por finalidade submeter à avaliação geral as

comunicações recebidas dos espíritos, bem como aferir a correspondência desses ensinamentos com teorias e sistemas de pensamento vigentes à época. Em nota ao capítulo XI, item 43, do livro *A Gênese*, o Codificador explica essa metodologia:

Quando publicamos um artigo sobre 'a interpretação da doutrina dos anjos decaídos' na Revista Espírita de janeiro de 1862, apresentamos essa teoria como uma hipótese, sem outra autoridade que não a de uma opinião pessoal discutível, porque então nos faltavam elementos bastante completos para uma afirmação absoluta. Expusemo-la a título de ensaio, tendo em vista suscitar o debate da questão, decididos, porém, a abandoná-la ou modificá-la, se fosse preciso. Presentemente, essa teoria já passou pela prova do controle universal; não somente ela foi aceita pela maioria dos espíritos como a mais racional e a mais de acordo com a soberana justiça de Deus, mas também foi confirmada pela generalidade das instruções dadas pelos espíritos sobre esse assunto. O mesmo ocorrendo com a que diz respeito à origem da raça adâmica. (*A Gênese*, Cap. XI, item 43, Nota.)

Por fim, urge reconhecer que o escopo principal da Doutrina Espírita reside no aperfeiçoamento moral do ser humano, motivo pelo qual as indagações e perquirições científicas e/ou filosóficas ocupam posição secundária, conquanto importantes, haja vista o seu caráter provisório decorrente do progresso e do aperfeiçoamento geral. Nesse sentido, é justa a advertência do Codificador:

É verdade que esta e outras questões se afastam do ponto de vista moral, que é a meta essencial do Espiritismo. Eis por que seria um equívoco fazê-las objeto de preocupações constantes. Sabemos, aliás, no que respeita ao princípio das coisas, que os Espíritos, por não saberem tudo, só dizem o que sabem ou o que pensam saber. Mas como há pessoas que poderiam tirar da divergência desses sistemas uma indução contra a unidade do Espiritismo, precisamente porque são formulados pelos Espíritos, é útil poder comparar as razões pró e contra, no interesse da própria doutrina, e apoiar no assentimento da maioria o julgamento que se pode fazer do valor de certas comunicações. (*Revista Espírita*, 1862, p. 38)

Feitas essas considerações, é lícito concluir que na Doutrina Espírita vigora o mais absoluto respeito à diversidade humana, cabendo ao Espírita o dever de cooperar para o progresso da Humanidade, exercendo a caridade no seu sentido mais abrangente ("benevolência para com todos, indulgência para as imperfeições dos outros e perdão das ofensas"), tal como a entendia Jesus, nosso Guia e Modelo, sem preconceitos de nenhuma espécie: de cor, etnia, sexo, crença ou condição econômica, social ou moral.



Léon Denis
GRÁFICA & EDITORA

Rua João Vicente, 1445, Bento Ribeiro
Rio de Janeiro, RJ, CEP 21610-210
Telefax (21) 2452-7700
Site: <http://www.leondenis.com.br>
E-mail: editora@leondenis.com.br